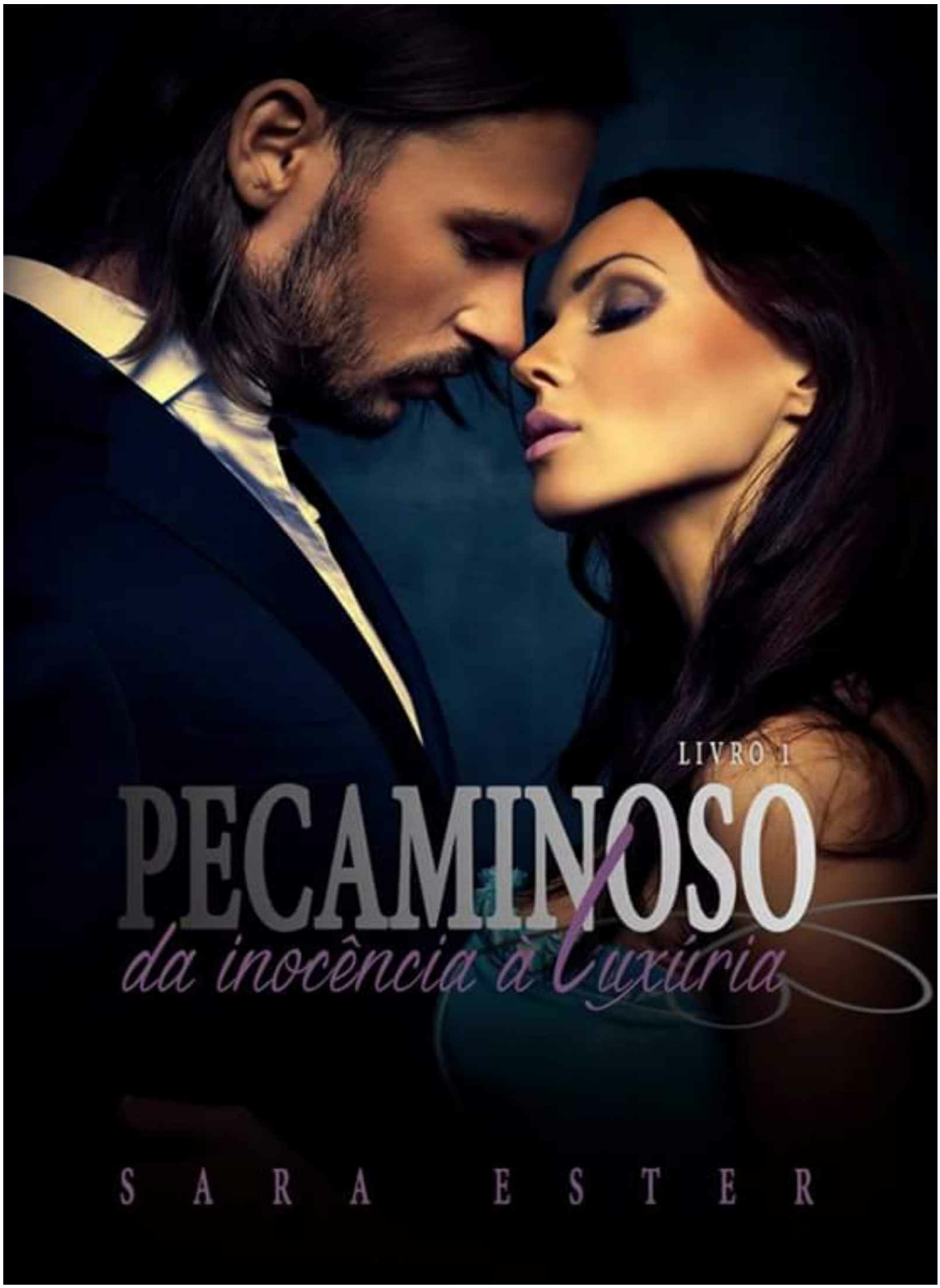

Trilogia
PECAMINOSO
SARA ESTER
LIVRO 1
PECAMINOSO
da inocência à Luxúria
LIVRO 2
PECAMINOSO
da Luxúria à vingança
LIVRO 3
PECAMINOSO
da vingança ao Perdão
SARA ESTER
SARA ESTER
SARA ESTER
SARA ESTER
PECAMINOSO
1
SARA ESTER
PECAMINOSO
2
SARA ESTER
PECAMINOSO
3

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Revisão: Beka Assis .:. MAR Editorial

Diagramação E-Book: Beka Assis .:. MAR Editorial

Capa: Bárbara Dameto

*****

Esta é uma obra ficcional.

Qualquer semelhança entre nomes, locais ou fatos da vida real é mera coincidência.

Copyright © 2016 Sara Ester

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da autora.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

A descoberta do prazer é algo que faz os desejos mais íntimos e obscuros se aflorarem. A busca pelo novo impulsiona a coragem de se submeter e conhecer o que antes parecia ser errado ou inusitado.

Millie Evans era uma garota inexperiente e pura. Foi criada em um internato desde a infância, e quando finalmente se viu livre, conheceu o misterioso Nathan Backer. A intensidade das reações que ele a fez sentir deixou-lhe completamente sem defesas. Vulnerável, ela ficou inteiramente à mercê de Nathan.

Aos olhos de Nathan, a preciosa Millie possuía um corpo maldoso, o que na sua concepção era um convite para o pecado.

Em uma mistura de sensualidade e erotismo, Millie Evans se verá rendida e incapaz de recusar o poder de sedução de Nathan Backer, que a convidará a conhecer lugares antes nunca explorados.

Envolta na teia de Nathan, Millie descobrirá um caminho novo, mas nem sempre o novo é o melhor.

PERIGOSAS

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Epílogo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Prólogo do Livro 2
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25 (Penúltimo)
Capítulo 26 (Último)
Duas semanas depois.
Epílogo
Prólogo do Livro 3
Capítulo 1

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capitulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24 (Final)
Epílogo
Esclarecimentos e Agradecimentos

Prólogo

Millie Evans

Era primavera na Suíça e as paisagens ficavam espetaculares durante aquela época. O verde dos lagos se intensificava, assim como o azul do céu, que por conta disso tornava os dias mais longos. Meus olhos foram varrendo o lugar conforme eu ia caminhando para fora daqueles portões. A sensação era de liberdade, mas eu não poderia me deixar levar pela inocência daquilo; e apesar dos meus dezenove anos, a minha vida era regida pelo meu honrado pai, Joseph Evans.

— Esperamos que nossos ensinamentos sirvam de base na sua vida daqui para frente, senhorita Millie. —— Virei-me para a senhora Amy. — O instituto *Le Rosey* lhe deseja muita sorte e sucesso nesta nova etapa.

— Obrigada. — respondi, abraçando-a.

O motorista rapidamente guardou minhas malas e logo abriu a porta para mim. Entrei e me ajeitei no banco, virei em direção àquela luxuosa construção, e de certa forma senti um pouco de angustia. O *Le Rosey* se tornou o meu lar por longos dez anos, e agora que finalmente estava indo embora eu me via com medo, como se estivesse saindo do castelo protegido. Sentia medo do que me aguardava fora daqueles portões.

No trajeto até o aeroporto eu fui admirando as típicas paisagens de contos de fada, as flores silvestres e os campos verdejantes.

— A sua passagem está dentro de um envelope no porta-luvas, senhorita. — Voltei os olhos ao motorista. Peguei o envelope e conferi antes de guardá-lo em minha bolsa. — Ao chegar ao aeroporto de Londres, alguém estará lhe esperando.

— Não será o meu pai? — indaguei com mágoa.

— Creio que ele não poderá, senhorita. — ele respondeu com pesar. olhando de soslaio para minha expressão triste. Fechei os olhos e apoiei a cabeça no vidro da janela. Aquela insensibilidade do grande Joseph Evans

nunca deixava de me ferir.

Ж

Depois de pouco mais de uma hora de vôo, desembarquei em Londres. A vontade que eu tinha era de saltitar para poder sentir o peso delicioso da liberdade. Parei no meio do aeroporto e fechei os olhos, respirando fundo. Sorri pelo prazer de voltar para casa, o lugar de onde eu nunca deveria ter saído. Caminhei tranquilamente em direção a saída, e avistei um homem segurando uma plaquinha com o meu nome. Não demorou muito para que eu o reconhecesse.

— Senhorita Millie? — ele indagou com alegria a me ver parar em sua frente.

— Meu Deus, senhor Roberts? — indaguei surpresa, sem resistir a vontade de abraçá-lo.

Ele gargalhou quando me joguei em seus braços.

— Senhorita não faça assim. — ele reclamou constrangido. — Seu pai não iria gostar dessa intimidade toda.

— Eu não me importo nem um pouco com isso. — murmurei, voltando meus olhos para ele. — O senhor marcou a minha infância com suas mágicas divertidas. — falei, nostálgica. — Nunca me esqueci das suas tentativas em me alegrar quando eu estava jogada as traças.

— O que isso, minha querida. — o Sr. Roberts falou sem jeito. — Eu só não gostava de vê-la triste.

Lutei pela enxurrada de lembranças daquele tempo, pois junto com elas vinham emoções e tristezas. Sentindo a minha tensão, ele pegou minhas duas malas.

— Você cresceu. — ele comentou enquanto caminhávamos. — Está muito parecida com a sua mãe.

Sorri emocionada ao ouvir aquilo, era uma honra para mim.

— Isso é uma dádiva, Roberts. Ela foi a mulher mais linda que eu já conheci.

Ele apenas sorriu.

Ж

Depois de alguns minutos no caminho em direção à minha casa abri um pouco o vidro, pois ansiava em respirar aquele novo ar. Os anos de confinamento não me permitiram viver livremente. Eu nunca havia tomado um banho de chuva, por exemplo.

— Está com calor? — Roberts perguntou.

— Apenas necessidade de sentir a brisa em meu rosto... até a leveza desses detalhes foi arrancada de mim, Roberts. — respondi em tom amargo.

Esperei que ele fizesse algum comentário, mas não o fez.

— Nesses anos todos em que você trabalha como motorista para o meu pai, Roberts, percebeu alguma mudança no comportamento dele? Pode me dizer com sinceridade o que me aguarda? — perguntei.

Percebi suas sobrancelhas se arquearem em total espanto pela minha pergunta.

— Autoritarismo e frieza. — ele respondeu. e eu engoli em seco.

Ele não me olhou, mas percebi seu maxilar trincado.

Virei o rosto para a janela e soltei o ar aos poucos, buscando controlar a vontade de chorar. Aquilo não era novidade para mim, mas eu tinha a insana esperança de que o tempo tivesse o transformado. Pelo jeito, só o piorou ainda mais.

Paramos em um semáforo ao lado de um belo carro esportivo. Fiquei tão absorta em pensamentos que não percebi que estava sendo observada pelo motorista do carro em questão. Ele estava de óculos escuros, então não pude ver a cor dos seus olhos. Seu braço estava pelo lado de fora, e pude ver um belo anel brilhando em seu dedo, sinal de que possuía um bom status financeiro. Olhei para seu rosto e me arrepiei quando o vi lamber sensualmente os lábios.

Completamente escandalizada com aquela atitude obscena, fechei o vidro rapidamente.

— O que foi? — Roberts estava me olhando com curiosidade. Cocei a garganta.

— Nada. — respondi dando de ombros. — Algo sem importância. Ele balançou a cabeça e prosseguiu em silencio assim que o sinal abriu.

Ajeitei-me no banco e comecei a estalar os dedos em sinal de nervosismo, já que a ansiedade estava sufocando o meu coração. Meu pai podia não ser o mais amoroso, mas era importante para mim.

Assim que Roberts se aproximou da mansão, minha respiração travou na garganta. Sem querer, me lembrei do dia em que saí dali em prantos. Eu nunca quis ir embora, mas fui obrigada a seguir um rumo que não escolhi. Rapidamente meus olhos voaram para o enorme jardim onde estavam as rosas vermelhas que minha mãe tanto amava.

Desci do carro sentindo, e meus olhos marejarem devido às emoções que me abateram. Meu corpo se tornou leve, e a sensação era de que a qualquer momento eu sairia flutuando. Assustei-me quando vi um carro se aproximando, e arregalei os olhos quando o reconheci como sendo o mesmo do sinaleiro.

— Não acredito! — exclamei baixinho.

Roberts já havia seguido na frente carregando minhas malas, então busquei apressar meus passos para não ter que me confrontar com aquele *ser pervertido.*

— Você sabe que é falta de educação virar as costas para alguém que está falando com você? — Parei ao ouvir uma voz de timbre forte.

Virei para trás e me deparei com um homem alto e de postura imponente. Ele tirou o óculos e pendurou na camisa.

— Desculpe, mas nem ao menos percebi que você havia falado comigo. — comentei com a testa franzida, e sentindo o coração acelerar estranhamente.

Seu olhar me queimou por alguns segundos antes dele se aproximar de

mim de um modo quase predador.

— Eu...

— Millie? — a voz do meu pai o interrompeu.

Voltei meus olhos para aquele homem que evitou a minha presença por tanto tempo, mas que apesar da distância, eu ainda amava imensamente. Ele era a minha única família. Corri para seus braços e o apertei contra mim. Pude sentir o seu carinho depois de tanto tempo, mesmo que por poucos minutos.

— Senti saudades. — sussurrei emocionada. Seu semblante amenizou ao me olhar, e suas mãos seguraram as minhas enquanto se curvava para beijar minha testa demoradamente.

— Joseph? — Fomos interrompidos pelo desconhecido. Meu pai se afastou de mim e sorriu fracamente ao direcionar os olhos para além de mim.

— Nathan. — ele murmurou, esfregando meu braço com sua mão. — Essa é a minha filha Millie, a minha preciosidade.

Completamente sem jeito, voltei meus olhos para aquele homem com atitudes um tanto quanto peculiares, e o observei mais de perto. Algo obscuro habitava por trás daqueles olhos claros que me encaravam com atenção enquanto estendia suas mãos para mim.

— É um prazer conhecê-lo. — falei em tom baixo. Seus lábios se ergueram em um sorriso misterioso.

— Acredite Millie... — Nathan levou minha mão aos seus lábios e a beijou de leve. — O prazer é todo meu.

Um arrepio atravessou o meu corpo, não por suas palavras, mas pela intensidade com que ele pronunciou cada uma delas. Parecia uma ameaça silenciosa de alguma coisa que estaria por vir. Sua aura me remetia a algo errado e proibido... minha mente gritou diversas palavras de aviso: *Afaste-se dele! Fuja! Ah se eu tivesse dado ouvidos...*

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 1

Millie Evans

Um feixe de luz invadiu o meu quarto, e a claridade incomodou os meus olhos de imediato.

— Ah Ava, deixe-me dormir. — reclamei ao percebê-la abrindo as janelas.

— Sinto muito querida, mas seu pai exigiu sua presença no café da manhã.

Encolhi-me na cama e ergui o cobertor até o alto da cabeça, sem a mínima vontade de levantar.

— Não seja difícil Millie, vamos. — ela murmurou impaciente. — O senhor Joseph detesta ser contrariado, você sabe disso.

Apertei o travesseiro em minha cabeça em completa frustração. Desde que eu havia voltado daquele maldito internato era somente aquilo que ele sabia fazer: exigir e exigir!

Levantei a contragosto e me encaminhei ao banheiro. Joguei uma água no rosto e escovei os dentes.

— Dezenove anos sendo regida pelas vontades dos outros. — murmurei voltando ao quarto.

Ava estava terminando de arrumar minha cama, mas como sempre não fez nenhum comentário.

Depois de alguns minutos adentrei a sala de jantar encontrando o meu pai e toda a sua imponência. Franzi o cenho ao perceber que ele não estava sozinho, e sim acompanhado do *"pervertido do sinaleiro"*. Disfarcei um suspiro impaciente.

— Bom dia. — cumprimentei-os educadamente enquanto me juntava a eles na mesa.

— Bom dia. — respondeu meu pai em seu habitual tom formal. —

Suponho que no *Le Rousey* os horários eram rígidos, não?

Repousei o guardanapo no colo e engoli em seco.

— Sim. — respondi em tom baixo.

— Então espero que não perca os hábitos. — ele falou em tom frio.

Apenas acenei com a cabeça sem olhá-lo. O poder que ele exalava a sua volta me intimidava, e infelizmente sentia-me fraca demais para lutar contra.

— Bom dia, senhorita Millie. — Ergui os olhos em direção a voz dele e o encontrei me encarando, indiferente ao pequeno embaraço entre eu e meu pai.

— Somente Millie, por favor. — pedi. — Não há necessidade para formalidades.

Ele apenas acenou com a cabeça.

Comecei a me servir, mas podia sentir o calor dos olhos dele sobre mim.

— Essa noite será preparado um jantar em comemoração por sua volta, filha.

— Por quê? — indaguei, sem conseguir entender o motivo de tamanha bobagem. Porque ele não me dava carinho e amor, que era o que eu mais precisava?

— A maioria dos meus sócios não a conhece. — ele respondeu sem se dar ao trabalho de me olhar. — E no fundo será bom para você já ir se habituando a esse meio.

Revirei os olhos e evitei ao máximo para não o contestar naquele momento. Joseph Evans não era um homem a quem se batia de frente, ou teria que estar muito bem preparado.

— Vou pedir para a Veronica levá-la para comprar roupas novas. — ele continuou falando. — Eu a quero deslumbrante.

— Quem é Veronica? — perguntei ignorando o comentário na qual ele anseia me exibir como um troféu aos seus sócios.

— Minha assistente pessoal. — respondeu folheando seu jornal. — Ela é muito competente.

Voltei a revirar os olhos.

— Eu sou capaz de fazer minhas próprias escolhas, pai. Não preciso de ninguém me dando palpites. — falei nervosa. — E ontem à noite eu já havia planejado fazer um tour pela cidade, então posso ir perfeitamente sozinha.

— Se quiser, eu posso acompanhá-la. — o pervertido falou, fazendo-me olhá-lo.

— Não acho...

— Perfeito Nathan. — Meu pai me interrompeu grosseiramente. — Não a quero andando sozinha por ai. — explicou em uma tentativa inútil de se justificar.

Completamente nervosa, eu peguei o café e beberiquei para evitar xingá-lo.

Seu celular tocou, fazendo-o se levantar deixando-nos sozinhos. Continuei em silencio, apenas saboreando alguns biscoitos.

— Estou com uma leve impressão de que você não gostou muito da ideia de ter-me como sua companhia.

Ergui meus olhos e o encontrei me olhando. Um sorriso sarcástico brincava em seus lábios hipnotizadores. Recostei-me na cadeira e firmei o seu olhar desafiadoramente.

— Na verdade eu não gostei nada. — falei e o vi jogar a cabeça para trás em uma gargalhada livre. — Falei alguma coisa engraçada? — perguntei irritada.

Ele amenizou o riso e se curvou sobre a mesa, mantendo seu queixo apoiado nas mãos. Seu olhar era intimidante, porém misterioso.

— A graça está em você, minha criança — respondeu fazendo-me fazer um bico desdenhoso pela sua forma de expressão. — Saiu do internato há poucos dias, mas continua presa.

— Como? — indaguei confusa com suas palavras.

Ele passou manteiga em uma torrada tranquilamente, e a levou em sua boca, mordendo sensualmente.

— Presa nas regras dos bons costumes. — respondeu, me encarando. — Presa no medo de algo que nunca viu ou ouviu... algo que fuja completamente do seu controle. — Sua voz tomou um timbre sinistramente excitante.

Cocei a garganta um tanto quanto embaraçada por suas palavras, pois eu tinha que admitir que ele tinha razão em tudo.

— E o que isso tem a ver com o fato de eu não querer sua companhia?

Ele se levantou alisando a camisa.

— Vejo você mais tarde. — Ignorou minha pergunta e piscou um olho antes de virar as costas e sair.

Fiquei olhando fixamente o caminho em que ele havia acabado de percorrer. Levei a xícara de café a minha boca e engoli o restante do liquido morno.

— Cara mais folgado. — murmurei baixinho antes de enfiar alguns biscoitos na boca.

Ж

A tarde chegou tão rápido quanto um piscar de olhos. Eu tinha planejado todo o meu passeio com visitas a museus e galerias de arte, mas algo havia mudado...

— Está gostando da sua volta à Londres? — Nathan perguntou, lembrando-me da sua presença.

Estávamos andando sem destino pela St. James Street, passando por algumas lojinhas quase históricas.

— Tirando o fato de que meu pai não me deixa viver minha própria vida. — respondi com um pouco de amargura. — Na verdade tem sido assim desde a morte precoce da minha mãe... ele me jogou naquele internato como

se eu fosse um peso para ele.

Paramos diante de um belo parque onde haviam diversas crianças correndo, algumas se divertindo nos balanços. Ao final da rua pude admirar o Palácio de Buckingham.

— O senhor Joseph é um homem de coração duro; mas por incrível que pareça, você é a única capaz de amolecê-lo. — falou, fazendo-me olhá-lo.

Ele estava usando calça jeans e uma camiseta branca. Continuava lindo. A beleza daquele homem tanto me fascinava quanto me assustava.

— Que tipo de serviço você presta para o meu pai? — perguntei, mudando de assunto.

Andamos pelo parque lentamente. Mais adiante podia ver as casas do Parlamento, escuras e góticas, ao lado da majestosa Abadia de Westminster.

— Eu gerencio alguns dos negócios dele. — respondeu vagamente. Seus olhos ganharam uma expressão intrigante.

— Deve ser muito bom no que faz, pois é perceptível a confiança que meu pai deposita em você. — comentei o encarando.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Eu sou bom em tudo o que eu faço, Millie. — Não consegui ler o seu olhar, mas havia algo perigoso na forma como seus olhos brilharam. Senti um frio no estomago.

Cocei a garganta.

— Bem, eu não sei você, mas estou com fome. Vamos comer algo antes de nos aventurarmos nas lojas? — perguntei como forma de disfarçar meu embaraço.

— Isso seria muito bom.

Vinte minutos depois chegamos a um pequeno pub, um lugar bem clean e extremamente adorável. Nathan me levou para dentro, passando rapidamente pelo bar e saímos em uma espécie de pátio ao ar livre. Todas as mesas eram de madeira com guarda-sóis vermelhos. Uma garçonete veio, e Nathan pediu uma jarra de *Pimms*, uma mistura de chá gelado com algumas frutas, que chegou rapidamente.

— Creio que como uma legitima inglesa, você goste de chá, sim? — perguntou, enchendo um copo para mim.

— Gosto sim. — respondi. — Existem coisas que o tempo não consegue arrancar de nós.

— O que quer dizer? — perguntou me observando pensativo.

Dei um gole da minha bebida. Era uma delicia: doce e cheirosa.

— Os sonhos, os gostos e costumes. — respondi. — O tempo nos faz conhecer coisas e culturas novas, mas não tem o poder de apagar a nossa essência e nem a nossa memória. — falei sorrindo ao me lembrar de minha mãe. — Lembro-me vagamente de passar as tardes bebendo chá com minha mãe no jardim em meio às rosas... aquele era o melhor momento do meu dia. — suspirei nostálgica.

— É uma bela lembrança. — ele comentou com um semblante sério contradizendo suas palavras, então verificou o horário em seu relógio de pulso. — Acredito que devemos nos apressar, caso você pretenda comprar ao menos o vestido para o jantar de hoje à noite. — murmurou de repente.

— Tudo bem. — Minha voz saiu baixa. Não entendi o que poderia tê-lo deixado chateado.

Ж

Fazia alguns minutos em que eu estava numa luta interna sobre qual seria a escolha perfeita de vestido, pois na verdade, eu sempre fui muito básica no visual. Enquanto eu experimentava outra opção trazida há poucos minutos pela vendedora, fiquei imaginando se o Nathan já havia feito aquilo alguma vez. Para um homem, fazer compras com uma mulher era algo bem peculiar.

— Escolheu, Millie? — Pulei de susto ao ouvi-lo no lado de fora do provador.

— Estou em dúvidas se... — Calei-me no momento em que o vi invadir o espaço onde eu estava. — Está maluco? — perguntei com a voz alterada,

tentando me afastar do seu corpo enorme.

Seus olhos se fixaram em meu rosto ruborizado.

— Perdoe-me, mas eu estava ficando impaciente. — Nathan explicou como se aquilo não fosse, nada demais.

— E você acha que isso te dá o direito de invadir o provador? E se eu estivesse nua? — perguntei nervosa por ainda estar segurando a parte de cima do vestido, apavorada com a possibilidade de ele ver meus seios. — E além do mais, eu não pedi para ter sua companhia.

Bastou que ele desse um passo para que eu me visse completamente encurralada. Suas mãos se espalmaram na parede ao meu redor, e fiquei com a respiração frenética, sentindo pela primeira vez a sensação de adrenalina correndo em minhas veias. Ele tombou a cabeça e aproximou o rosto do meu pescoço cheirando a minha pele com força por alguns instantes.

— Você cheira a algo tão... puro. — sussurrou, erguendo os olhos aos meus, sua respiração batendo contra meus lábios. Surpreendi-me quando ele repousou os dedos em meus lábios entreabertos. — Eu não devia, não devia mesmo...

— O que? — perguntei em um fiapo de voz.

Ele abaixou a cabeça como se estivesse sofrendo e suspirou se afastando. Enfim consegui respirar mais adequadamente. Sem me responder, ele me fez virar para o espelho. Gelei quando ele repousou as mãos em meus ombros e sussurrou em meu ouvido.

— Solte. — ele disse. Meu coração disparou, e nossos olhos se fixaram através do espelho. — Pode confiar em mim.

Lentamente eu soltei a parte de cima do vestido e ele segurou, erguendo ao meu pescoço. O tecido ganhou forma, deixando meus seios mais evidentes em um decote sensual, porém elegante. Com um clique ele terminou de fechar o engate por trás da minha nuca.

— Perfeito. — ele disse encarando o meu reflexo no espelho.

Mordi os lábios sentindo o efeito do seu olhar sobre mim, era um olhar feroz, quase faminto para falar a verdade.

— Vou levar este. — consegui dizer, apesar do embaraço pela situação. — Pode me esperar ali fora, por favor? Prometo que não demorarei.

Ele se aconchegou a mim um pouco mais e afastou os cabelos do meu pescoço, fazendo com que me arrepiasse involuntariamente.

— Tenho que confessar que valeu cada segundo da espera. — ele falou em tom grave. Seus lábios estavam próximos da minha pele, deixando-a quente com a expectativa do toque deles, mas... não aconteceu.

Fiquei quase decepcionada quando o vi sair do provador. Esfreguei as mãos no pescoço tentando amenizar o arrepio e a sensação de eletricidade que corria em meus poros. O que aconteceu aqui?

Capítulo 2

Millie Evans

Estava a alguns minutos me admirando no espelho da penteadeira em meu quarto. Meus cabelos encontravam-se caídos sobre o meu ombro em uma trança trabalhada, e pela primeira vez eu consegui me admirar e acreditei que estava verdadeiramente bonita.

Passeei os dedos pelo tecido de seda daquele vestido e a lembrança do momento inusitado que tive com o Nathan me veio à mente sem que eu conseguisse evitar. A sensação de eletricidade continuava viva dentro de mim. Apesar da minha experiência inexistente, eu pude perceber o desejo vivo nos olhos dele. Por alguma razão que não soube explicar, meus pelos se eriçaram com a mera possibilidade.

Caminhei até a porta e a abri, seguindo lentamente pelo corredor. Meus saltos ecoavam pelo piso de madeira a medida que eu me aproximava da grande escadaria. Eu ainda continuava achando que aquele jantar era uma bobagem e um desperdício de tempo, mas infelizmente o meu glorioso pai tinha a mania de esbanjar e a de se vangloriar. Para o meu azar, eu seria o troféu da vez.

Respirei fundo e comecei a descer degrau por degrau, profundamente nervosa por sentir-me o centro das atenções. *Qual a necessidade disso, pai?*

Forcei um sorriso ao me deparar com outros sorrisos direcionados a mim, de pessoas que eu não fazia ideia quem era. Meu pai logo me avistou e veio ao meu encontro com os olhos brilhando.

— Você está linda. — sussurrou, deixando um beijo em minha testa. — Meus amigos. — falou em um tom alto. — Essa é a minha filha, Millie Evans.

Senti meu rosto corar devido aos olhares. Naquela pequena reunião contei aproximadamente umas dez pessoas. Meu pai repousou a mão no meio das minhas costas e foi me encaminhando e apresentando a todos os presentes. Em certo momento senti minhas bochechas doerem de tanto forçar

um sorriso que não era meu, para todos aqueles rostos eram estranhos. Alguns olhares masculinos eram maliciosos quando se fixaram em meu corpo, causando-me náuseas e uma vontade de fugir. Aquele mundo de falsidade não era para mim... eu jamais seria feliz vivendo no meio daquelas pessoas egoístas e mesquinhas;um bando de bajuladores do meu pai.

Longos minutos depois, consegui me ver livre das garras do meu pai e pude caminhar livremente. Minha boca estava seca e não resisti em pegar uma taça de champanhe. Sentei-me no sofá e comecei a bebericar aos poucos.

— Seu pai tinha razão quando enchia a boca para soltar elogios a seu respeito, Millie, pois você realmente é muito bonita. — Assustei-me pela voz ter soado tão próxima.

Virei o rosto para o lado e me deparei com uma mulher alta e elegante, com pernas longas e sensuais. Ela estava em pé diante de mim com um sorriso belo nos lábios.

— Obrigada. — agradeci sem jeito. — Mas tenho certeza que meu pai exagerou um pouco.

Ela ampliou o sorriso e sacudiu a cabeça de leve.

— Acredite, pois não é exagero. — ela falou, estendendo a mão. — Sou Veronica, assistente pessoal do seu pai.

Eu sorri e aceitei o seu cumprimento educadamente.

— Ele já havia comentado sobre você. — falei com simpatia. — E é um prazer conhecê-la finalmente.

— Que é isso. — ela murmurou, jogando os cabelos loiros para o lado. — Trabalho para o seu pai há algum tempo, e posso garantir que nunca o vi tão radiante. — comentou, fazendo-me procurá-lo com os olhos.

— Se você está dizendo. — falei com estranheza. — O senhor Joseph ainda é uma incógnita para mim. — disse, fazendo-a sorrir.

— Boa noite, garotas. — falou um rapaz de pele bronzeada com um ar elegante.

— Boa noite, Adam. — Veronica respondeu com um semblante um pouco impaciente.

Eu apenas sorri com simpatia a ele, que estava me encarando.

— É um prazer conhecer a grande Millie Evans. — falou sorrindo.

Reparei que Veronica revirou os olhos disfarçadamente.

— Olha, posso te garantir que de grande eu não tenho nada. — falei brincando fazendo-o sorrir. — Meu pai que me faz parecer uma super princesa.

Ele se aproximou e se sentou ao meu lado. Ajeitei-me para poder olhá-lo.Seus olhos eram escuros e bem atraentes.

— Os filhos são sempre especiais para os pais. — Adam falou, bebericando a sua bebida.

— Pode ser. — murmurei não acreditando muito naquela afirmação... não depois que fui praticamente jogada por ele naquele maldito internato.

— Vocês me dão licença? — Veronica falou nos interrompendo. — Preciso trocar uma palavrinha com o Nathan a respeito de alguns documentos. Ele acabou de chegar.

Imediatamente me peguei procurando-o com os olhos, e meu coração pulsou freneticamente quando nossos olhares se encontraram. Ele estava com uma calça jeans e uma camisa social. Seus cabelos estavam presos, mas haviam alguns fios arrepiados.

— Quando você irá visitar a galeria? — Estremeci ao ouvir a voz do Adam. Voltei meus olhos para ele e o encontrei me olhando atentamente.

— Você trabalha lá? — perguntei, bebendo um gole do champanhe ao sentir minha boca seca. — Meu pai comentou superficialmente comigo sobre as galerias de arte.

— Aceita caminhar um pouco no jardim? — Adam perguntou de repente, afrouxando a gravata com uma expressão sofrida. — É que preciso de um pouco de ar.

Preocupada, repousei a minha taça na mesinha ao lado e me levantei. Encaixei o braço no seu e caminhamos para fora.

Ж

Senti-me desesperada ao vê-lo bombear freneticamente a bombinha em sua boca. A sua agitação estava deixando a cena ainda mais aterrorizante.

— Eu vou pedir ajuda, Adam. — falei passando por ele, mas sua mão me impediu.

— Eu já estou bem. — falou sorrindo fraco. — Consegui controlar minha respiração. — disse, guardando a bombinha no bolso.

Voltei a ficar em sua frente, mas ainda desconfiada.

— Você me assustou. — falei com sinceridade.

— Me desculpe. — Adam disse, pegando minha mão e a levando em sua boca, onde beijou levemente. — As crises de asma não escolhem hora e nem lugar. — explicou, suspirando. — Vamos? — Ergueu o braço, convidando-me para enganchar o meu.

Sorri e aceitei. De um jeito estranho, eu me sentia bem com ele. Era como se eu pudesse ser eu mesma, sem pressão ou cobranças.

Fomos caminhando lentamente e conversando sobre coisas aleatórias.

— Não acredito, é sério? — perguntei segurando o riso. Adam estava compartilhando sobre uma tentativa falha de primeiro beijo — E a garota?

— Seríssimo. — ele respondeu sorrindo. — Ah, ela me auxiliou na hora... mas depois que minha respiração normalizou, o clima já havia esfriado. — ele se queixou.

Chegamos ao chafariz, e me desvencilhei do braço dele para poder me sentar e tocar os dedos na água.

— Trágico, mas engraçado, Adam. — confessei sorrindo.

— Mas e você? — ele perguntou animado. — Conte-me alguma aventura sua. — pediu com os olhos em expectativa.

Olhei para ele, e naquele momento a minha tristeza interna ultrapassou o meu coração, pois percebi que nem isso eu poderia compartilhar. Que aventuras eu teria, se nem ao menos tive o direito de viver? A minha infância

e juventude ficaram enclausuradas naquele internato.

— Perdoe-me se falei algo de errado.

Adam estava me olhando de perto.

Baixei os olhos e suspirei.

— Não foi você. — murmurei olhando para cima. — É só que... percebi que nunca fiz nada de diferente, sabe? As pessoas sempre vão compartilhar suas experiências comigo, mas não poderei compartilhar as minhas, simplesmente pelo fato de não ter o que compartilhar. — Meu tom saiu sofrido.

Suas mãos buscaram as minhas em um gesto de conforto. De repente ele se levantou e me puxou junto dele, fazendo-me sorrir ao ver qual era sua intenção.

— Ah não... eu nem sei dançar. — reclamei quando ele começou a tentar guiar-me em uma dança meio estranha. — Adam, eu vou pisar no seu pé. — falei, rindo alto pelos rodopios que ele me fazia dar.

— Vamos iniciar a sua lista de aventuras, senhorita Millie. — Adam falou em tom alegre.

Gargalhei alto quando ele me fez deslizar sobre o seu braço em um giro.Sua mão segurou-me com força pela cintura, e quando percebi estávamos com o rosto colado um no outro.

— Millie? — Mordi os lábios para abafar o grito de susto ao ouvir a voz inconfundível do Nathan.

Olhei na direção dele e seu semblante estava completamente tenso, e foi piorando na medida em que seus olhos desceram para a forma como Adam e eu estávamos próximos. Desviei o olhar e me desvencilhei lentamente do Adam, que estava um pouco nervoso. Afastei-me dele e voltei a olhar para o Nathan, que havia se aproximado impondo a sua presença dominante.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei com o cenho franzido.

Ele olhou com uma expressão assustadora para o Adam antes de me responder.

— Seu pai pediu para que eu a procurasse. — ele respondeu com voz controlada. — O jantar será servido dentro de alguns minutos.

Apenas acenei com a cabeça e olhei para o Adam, que continuava em silencio.

— Obrigada. — falei, encarando seus olhos frios. — Iremos daqui a pouco.

— Adam, me faça o enorme favor de dar o fora, pois eu quero conversar com a Millie — Nathan disse, e arregalei os olhos pela sua forma grosseira de falar.

Adam enrijeceu o maxilar e tentou revidar, mas Nathan se aproximou um pouco mais.

— Pode ir, Adam. — falei tocando em seu ombro. — Está tudo bem. — expliquei, fazendo com que seu semblante amenizasse um pouco.

Assisti quando ele se afastou dando a volta pelo chafariz, e começou a caminhar pelo mesmo trajeto que havíamos feito antes.

— O que você pensa que está... — Fui calada quando a sua boca se colou na minha com desespero.

Minhas mãos se enrijeceram ao lado do corpo e meus olhos ficaram abertos, enquanto sua língua tentava a todo o custo adentrar em minha boca. Amoleci quando seus dedos se embrenharam em meus cabelos, fazendo-me suspirar audivelmente com aquela sensação. Esparramei as mãos em seu peito musculoso e entreabri os lábios, dando-o livre acesso. Sua mão deslizou sensualmente por minhas costas enquanto a outra puxava quase selvagemente meus cabelos. Fechei os olhos e comecei a acompanhar os movimentos dos seus lábios, sentindo o toque de sua língua macia na minha, que me deixava a ponto de desfalecer em seus braços, tamanha era a sensação de prazer que eu estava tendo. Eu nunca havia beijado antes e jamais imaginei que poderia ser tão bom.

Minutos depois, e quando eu já estava quase sem fôlego, ele afastou os lábios, apenas o suficiente para me olhar. Seus olhos estavam com uma emoção sombria e excitante ao mesmo tempo.

— Me desculpe. — sussurrou.

— Por quê?

Seus dedos acariciaram os meus lábios. Seus olhos seguiam os movimentos, como se estivesse hipnotizado.

— Eu não deveria ter feito isso. — respondeu se afastando, deixando-me com o corpo frio. — Vamos, senão daqui a pouco seu pai virá atrás de você pessoalmente.

Olhei-o completamente chocada pela sua mudança brusca de comportamento. Como ele conseguia mudar de atitude tão rápido? De um homem quente, a um inteiramente frio e distante?

Endureci os punhos e o olhei indignada.

— Como você consegue ser tão idiota? — perguntei com raiva, mas não dei tempo para que ele respondesse e saí pisando duro.

Eu não entendia o que aquele homem tinha que conseguia mexer tanto com minhas emoções.

Capítulo 3

Millie Evans

Algumas semanas haviam se passado desde aquele jantar, e a sensação do toque dos lábios do Nathan nos meus me perseguia a todo o momento. Cada vez que o sentia por perto, eu dava um jeito de sair de fininho. As emoções que ele me causava eram intensas demais, e eu não estava sabendo lidar com aquilo. A verdade era que somente o beijo dele já havia me desestabilizado completamente. Sendo assim, decidi ocupar meus pensamentos e passei os dias estudando para conseguir minha carteira de motorista. Estava exausta de ter sempre alguma sombra para todo o lugar onde eu quisesse ir.

Suspirei baixinho e repousei o livro sobre o sofá. Estava lendo por alguns minutos, mas infelizmente meu estômago reclamou, e decidi dar um tempo na leitura.

Caminhei pela biblioteca em direção à porta; aquele lugar estava sendo como um refúgio para mim.

Segui apressadamente pelo corredor, e assim que cheguei ao alto da escada, avistei o meu pai no hall de entrada falando ao telefone. Nathan estava ao lado dele com as mãos no bolso. Meu coração deu uma leve acelerada quando nossos olhares se cruzaram, e uma enxurrada de emoções me invadiu sem ao menos pedir licença.

— Que bom que desceu, Millie. — meu pai comentou finalizando a ligação e guardando o celular no bolso. — Já que você quer tanto se ocupar, Nathan ira levá-la a uma das galerias; e se for do seu agrado, vai poder trabalhar lá. — ele verificou o horário em seu relógio, como se estivesse atrasado. — Você poderá auxiliar na administração se quiser; mesmo porque tudo o que é meu é seu, minha querida.

Sorri, não por suas palavras, mas pela forma carinhosa que se expressou em relação a mim.

— Obrigada, pai. — agradeci com sinceridade.

Ele apenas acenou com a cabeça e deu um tapa no ombro do Nathan antes de sair, nos deixando sozinhos.

Voltamos a nos encarar em silencio, e seu olhar como sempre era intenso. Admirei por um momento a beleza dos seus cabelos soltos, e então tive o vislumbre do brilho e da maciez. Tive que me segurar para não me aproximar e embrenhar meus dedos naqueles fios sedosos.

— Oi. — ele quebrou o silencio constrangedor entre nós.

— Oi. — falei e sorrimos.

— Há dias que não a vejo. — Nathan comentou e se aproximou devagar. Seu olhar nunca deixou o meu.

— Me ocupei com as aulas de direção. — expliquei um pouco nervosa com a aproximação dele. — Eram muitos vídeos e apostilas, então tive que me concentrar bastante para poder passar nas provas.

— Hum. — ele resmungou, me cercando. — Você tem jeito de ser bem nerd. — comentou, fazendo-me sorrir de leve.

— Que é isso. — murmurei e me afastei disfarçadamente. — Só gosto de fazer as coisas com perfeição.

Ele se apoiou no corrimão da escada, e esse movimento fez com que algumas mechas do seu cabelo deslizassem pelo seu rosto, deixando-o ainda mais maravilhoso.

Cocei a garganta pelo nervosismo que seu olhar intimidante me causava.

— Vou... trocar de roupa. — murmurei. — Você se importa de esperar um pouco?

Ele negou com a cabeça formando um bico com os lábios. Fixei meus olhos nele sem querer, e amaldiçoei-me por aquilo.

— Espero você o tempo que for preciso. — respondeu com uma rouquidão na voz que me arrepiou por inteira.

Sem coragem para falar, apenas concordei e subi rapidamente.

Ж

Nathan estacionou o carro e então descemos diante de um belíssimo prédio, situado próximo do Hyde Park. Surpreendeu-me o fato de encontrar um delicioso bistrô na entrada da galeria, algo modesto, mas bastante interessante para atender aos visitantes.

Pacientemente, Nathan foi me explicando como todo o processo da galeria começou, cresceu e se destacou por uma conexão forte com membros internacionais. A exposição daquele momento era a de um fotógrafo congolês que eu já havia tido o prazer de conhecer as obras, já que o *Le Rousey* constantemente nos levava em galerias aleatórias.

Aos poucos fomos explorando o lugar e a todo o momento eu suspirava por estar diante de obras belíssimas.

— Eu amo esse ambiente. — confessei gesticulando ao redor. — É um mundo que assim como os livros, me fascina de uma maneira grandiosa.

Virei o rosto e o peguei me encarando com um meio sorriso.

— O mundo da arte tem o poder de nos fazer viajar. — comentou mais para si do que para mim.

Analisei suas palavras por um instante.

— Não deixa de ser verdade. — falei e sorri.

Meus olhos se desviaram a uma porta escura no canto.

— O que há por trás daquela porta isolada ali? — Apontei, sem esconder a curiosidade.

— Uma exposição especial. — respondeu apenas.

Meus olhos brilharam e me vi caminhando com ansiedade até lá, mas antes que eu pudesse abrir, ele me parou.

— Acredito que você não irá gostar desse artista, Millie. — falou em tom baixo, segurando o meu braço.

— Por quê? — indaguei, lutando para não demostrar as reações que seu toque me causava.

Rapidamente ele me soltou e enrijeceu o maxilar de forma tensa.

— Digamos que seja um pouco... — ele estalou os lábios. — Peculiar.

Encarei os seus olhos e enxerguei uma mistura de emoções.

Ignorando os seus receios e alimentando a minha curiosidade, abri a porta e me deparei com uma infinidade de quadros pintados à mão. Levei apenas alguns segundos para compreender o motivo dele não me querer ali.

Parei no meio da sala e busquei respirar profundamente. Eu sentia a presença dele atrás de mim e aquilo só servia para me deixar ainda mais nervosa e constrangida. Porque eu não o escutei e deixei aquela sala de lado?

A sala era equipada com uma decoração luxuriosa, quase obscura; o que deixava a exposição ainda mais sensual. Meus olhos passearam pelos diversos quadros onde o foco era o nu artístico, e cada um transmitia-me um desejo diferente, um estremecimento interno e estranho. Parei diante de um que me chamou a atenção. Não consegui entender o motivo de que minhas mãos suaram enquanto eu analisava a imagem daquele casal. A mulher estava deitada sobre almofadas tendo um homem sobre ela, mas o inusitado eram as diversas mãos a tocando por todos os lugares, e a expressão de prazer em seu rosto me inebriou de uma forma sobrenatural.

— O que achou? — Estremeci com o susto.

Afastei-me ainda de costas, e disfarçadamente esfreguei o pescoço, sentindo meus pelos eriçados.

— Interessante. — falei em tom baixo, mas sentindo-me corar. Era estranho estar analisando aqueles quadros com ele.

Caminhei até um que exibia a imagem de uma bela mulher com traços marcantes. Seu lábio inferior estava preso entre seus dentes enquanto repousava uma mão em seu seio, e a outra escondia estrategicamente o meio de suas pernas.

De repente senti o Nathan aconchegar-se ao meu corpo por trás, mas sem me tocar com as mãos.

— Essa é uma arte que visa explorar o sensualismo, e trazer à tona as personalidades escondidas. — Seu timbre rouco me arrepiou, e não fui capaz

sequer de reagir.

Senti suas mãos segurarem as minhas de modo que nossos dedos ficaram entrelaçados.

— Acredita que existem pessoas que não conhecem o próprio corpo? — perguntou, circulando minha cintura sem soltar minhas mãos. — A descoberta do prazer se torna incrível quando lentamente começamos a prová-lo. — sussurrou, acariciando a minha barriga com minhas próprias mãos. — O toque a princípio será inexperiente. — Seu toque chegou aos meus seios, e os apertou por cima do tecido. — Mas aos poucos ele vai ficando firme... quente. — Seus dentes rasparam suavemente o lóbulo da minha orelha, e tive que morder os lábios para abafar o gemido de prazer.

Fechei os olhos buscando normalizar minha respiração. Era impressionante a facilidade que eu me deixava levar por aquele homem. Senti suas mãos guiarem as minhas pelo meu corpo enquanto sua respiração se tornava ruidosa em meu ouvido.

— Pare. — pedi sem ter certeza se queria que ele parasse realmente.

— Mas não são as minhas mãos Millie, são as suas. — sussurrou, deixando-me completamente arrepiada. — Eu não estou tocando em você.

Abri os olhos e virei o rosto para o lado, encontrando o seu bem próximo. Seu hálito quente misturado ao seu perfume almiscarado invadiu as minhas narinas deixando-me intoxicada.

— O que é isso que você me faz sentir? — indaguei em desespero.

O calor do seu corpo em minhas costas estava deixando tudo ainda mais complicado. Sua mão direita abandonou a minha e repousou em meu rosto, embrenhando-se em meus cabelos.

— E o que você está sentindo, Millie? — questionou, acariciando meus lábios com os dedos.

— Um fogo que me consome internamente, e um desejo irrefreável de ser...

— Devorada? — interrompeu-me com os olhos em chamas.

Engoli em seco diante do seu olhar faminto.

— Sim. — Minha voz saiu como um gemido.

Em um movimento ele me virou para ele e me prendeu em seus braços fortes. Soltei um gemido involuntário com o susto e entreabri os lábios, ansiando desesperadamente por sentir o seu beijo novamente.

— Definitivamente isso não será uma boa ideia. — Nathan soprou contra meus lábios. — Você não pode ser minha.

— Por quê? — indaguei confusa e com o coração acelerado.

— Inocente demais para mim. — respondeu, fazendo-me cair na real.

Meu rosto incendiou e me vi ensandecida. Empurrei-o com força sentindo meu corpo reclamar pelo distanciamento brusco.

— Fique tranquilo. — murmurei, sentindo a raiva da rejeição me consumir. — Vou guardar a minha inocência para quem queira e mereça. — rosnei e vi seu maxilar se contrair.

Passei por ele pisando duro, mas ele segurou o meu braço.

— Me largue! — exclamei, lutando contra uma avalanche de lagrimas.

— Será melhor assim Millie, acredite! — Nathan falou, me encarando com uma intensidade dolorosa.

Meu semblante se transformou em uma carranca devido à raiva, e com um puxão escapei do seu aperto e me afastei. Meu coração estava descompassado. A dor de ser rejeitada era minha companheira de anos, mas com o Nathan foi muito pior. Ele acabou ferindo o meu ego feminino.

Ж

Estava na sala, vasculhando as minhas redes sociais através do notebook quando meu pai surgiu ao meu lado no sofá.

— Boa noite pai.

— Boa noite. — respondeu, seguindo até o mini bar. — Como foi à visita na galeria? — perguntou, servindo-se com uma dose de bebida.

— Foi bem interessante. — eu disse, evitando lembrar-se do momento patético com o Nathan. — Tudo o que envolve arte me fascina, pai. — falei com sinceridade.

— Isso é bom. — falou, bebendo seu uísque. — O diretor que gerencia as galerias pretende sair, e nada mais do que correto você tomar o lugar dele. — disse indiferente. — Afinal de contas, o meu patrimônio é seu também.

Meu coração acelerou diante de suas palavras.

— Mas o senhor concordaria com isso? Eu não tenho a mínima experiência, pai. — expliquei. — Eu estava pensando em apenas auxiliar nas vendas, e...

— O Nathan lhe ensinará o que você precisa saber. — ele respondeu impaciente. — A propósito, espero que ele não tenha te mostrado a exposição especial.

Senti minhas bochechas queimarem e baixei os olhos para que ele não percebesse a minha tensão.

— Do que se trata? — indaguei, me fazendo de desentendida.

— Nu artístico — respondeu, caminhando até mim. — Aquela exposição é exclusiva a clientes seletivos. — ele explicou. — E incrivelmente existe uma reserva disputadíssima para serem modelos dele... a maioria são mulheres, é claro. — falou de modo divertido.

— Quem é o artista? — perguntei com curiosidade.

— Nathan. — respondeu. — Ele não falou que faz parte do meu grande acervo de artistas? — perguntou, deixando-me pasma. — Apesar de andar sem tempo para se dedicar a sua arte, a exposição dele em pouco tempo se tornou uma das mais procuradas.

Fiquei em silencio completamente sem palavras.

— Bom, estarei no escritório. — resmungou. — Qualquer coisa me procure lá. — E apenas acenei com a cabeça.

Esfreguei uma mão na outra me sentindo nervosa e estranha com aquela novidade.

— Ele é o artista daqueles quadros. — sussurrei. — Deus! — exclamei

constrangida.

Rapidamente abri uma nova guia no navegador online e digitei o nome dele no campo de pesquisa. Meus olhos brilharam na medida em que foram aparecendo imagens dele, e aquela sensação de calor habitualmente se apossando do meu corpo.

— Nathan Backer...

Capítulo 4

Millie Evans

A minha expectativa em começar o trabalho na galeria era tanta que mal o dia tinha amanhecido e eu já estava tomando um banho. Por um momento me lembrei da sensação que tive quando Nathan me tocou, ou melhor, incitou-me a conhecer minha própria intimidade. Aquilo mexeu com o meu corpo inteiro. Olhei para meus seios cobertos com espuma do sabonete, minha barriga macia e para o monte coberto de pelos logo abaixo. Havia uma necessidade interna, profunda, como a sede que se tem em uma tarde de calor.

Nathan...

Sussurrar seu nome já era o suficiente para me fazer estremecer.

Ж

Às nove horas em ponto cheguei à galeria, e me surpreendi ao ser recebida pelo Adam. Meu pai havia me explicado que o Nathan não iria poder me ajudar e que outra pessoa o faria.

— Que surpresa boa, Adam! — exclamei com alegria. — Nem havia me lembrado de que você trabalhava para o meu pai.

Ele se curvou e me apertou num abraço gentil.

— É bom vê-la outra vez — murmurou de forma simpática. Ele estava bem arrumado, e carregava um sorriso encantador nos lábios.

— Obrigada. — respondi alegre. — E então, há muitas regras aqui? — perguntei enquanto caminhávamos pela galeria.

— Ah, não... É bem tranquilo. Mas o senhor Joseph exige padrões extremamente elevados.

Não me surpreendi em ouvir aquilo, já que meu pai era uma pessoa

com gostos muito peculiares. Tomar café colombiano moído na hora, preto e sem açúcar, em uma xícara de porcelana chinesa era um desses gostos. Sorri sozinha ao me lembrar daquilo.

Quando a manhã avançou, já tinha tido a certeza de que iria gostar dali. Adam se mostrou espirituoso e divertido, apesar de demonstrar calmaria e elegância. Em vários momentos me peguei rindo do seu jeito brincalhão enquanto me mostrava o funcionamento da galeria. Meu trabalho seria pouco exigente; precisava atender ao telefone, ajudar qualquer cliente e resolver pendências administrativas. Claro que eu teria tempo para me adaptar a tudo primeiro, mas aprendia as coisas bem rapidamente.

— O que achou? — perguntou. — Não se preocupe, pois você irá fazer trabalhos mais interessantes com o tempo. — falou quase se desculpando.

— Estou contente. — disse com sinceridade. — O que eu quero é poder me sentir útil.

— Que bom! — sorriu lindamente. — Vamos nos dar muito bem.

E nos demos. Nós nos demos maravilhosamente bem, na verdade. Adam era uma pessoa incrível e era bem fácil lidar com ele. Nunca ri tanto como naquele dia.

A galeria fechou as seis, e Adam caminhou comigo até o meu carro.

— Foi sensacional passar o dia ao seu lado, Millie. — falou.

— Adam galanteador é nova para mim. — murmurei brincalhona, fazendo-o sorrir.

— Então não colou? — perguntou de forma dramática.

Abri a porta de trás do carro e joguei minha bolsa, fechando logo em seguida.

— Até amanhã Adam. — falei sacudindo a cabeça.

Entrei no carro e o vi sorrindo.

Ж

Duas semanas havia se passado, e trabalhar na galeria estava sendo uma experiência incrível para mim. Adam era uma excelente companhia e conseguia fazer os meus dias mais leves e divertidos.

Estava revisando as provas do catálogo quando ele apareceu com duas xícaras de café na mão.

— Obrigada. — agradeci quando ele gentilmente me ofereceu uma.

— Você é ótima nos detalhes, Millie. Devo confessar que eu mesmo sou péssimo nisso. — Balançou a cabeça, rindo. — Agora... quando você terminar a revisão das provas, irá me auxiliar na organização da próxima mostra particular que ocorrerá daqui duas semanas.

Meus olhos brilharam com a idéia de cuidar pessoalmente da desmontagem da exibição atual e a montagem da próxima. Aquilo me ocuparia bastante, mas em compensação eu me sentiria um pouco mais perto de cada artista em questão.

Mordi os lábios ao me lembrar das obras do Nathan. Faltava-me coragem para voltar a vê-las naquela sala escura, mas com toda a certeza não seria interessante tendo o Adam como meu acompanhante.

Era finzinho de tarde quando adentrei ao salão principal e assisti de longe o Adam trabalhando. Fiquei impressionada com o poder de persuasão dele, que em pouco tempo ele conseguiu fazer o cliente desembolsar mais de quinze mil libras em um único quadro.

— Nossa Adam! — exclamei. — Você tem uma lábia excelente. — comentei me aproximando instantes depois dele ter concretizado a venda.

— Ultimamente as pessoas estão vendo a arte como um bom investimento. — explicou. — Com a minha orientação a respeito da valorização dos quadros daquele artista, ele enfim relaxou. Os compradores se preocupam muito com a elevação do valor das obras com o tempo, mas é claro que eles precisam adorar a obra também.

— Resumindo, eles precisam se convencer de que será um investimento rentável e agradável.

— Isso. — Adam confirmou sorrindo.

Olhei para ele um tanto abismada com o nosso entrosamento. Era tão fácil conversar com ele... ele era uma daquelas pessoas que a companhia se tornava incansável. Mal podia acreditar que o conhecia há apenas alguns meses.

— Gostaria de sair comigo para jantar? — ele indagou enquanto me acompanhava para fora da galeria, como sempre fazia quando acabava o expediente.

— Bem... — Tomei fôlego, vendo-o me encarar daquele jeito, por cima dos óculos de grau. — Seria um prazer. — falei por fim. — Será bom para me distrair e sair um pouco do meu casulo.

Seu rosto então, se iluminou e ele buscou minha mão para poder beijá-la.

— Passarei na sua casa mais tarde. — falou euforicamente.

Acenei com a cabeça e sorri para ele. Procurei as chaves na bolsa, e logo depois a ajeitei no meu ombro enquanto seguia até o meu carro; mas quase cai de costas ao encontrar o Nathan recostado elegantemente no mesmo. Fiquei paralisada por alguns segundos, mas logo me recompus.

— Oi — falei quando me aproximei. Seus olhos exalavam frieza.

— Me dê a chave; eu mesmo irei levá-la. — falou grosseiramente.

Cruzei os braços e o encarei perplexa.

— Primeiro, abaixe esse tom. — rosnei irritada. — Segundo, esse carro é meu e você não tem direito nenhum sobre mim e muito menos sobre ele.

Engoli em seco pela sua expressão sombria, ele parecia zangado.

Surpreendendo-me, ele me puxou para ele e me prensou contra o carro. Meus olhos se arregalaram enquanto lutava para normalizar a respiração. Uma de suas mãos puxou o meu cabelo, forçando a minha cabeça para trás, fazendo com que nossos rostos ficassem próximos. — Não me tente, garota. — Nathan murmurou com o timbre grave e então se afastou. Eu quase caí devido à fraqueza nas minhas pernas. — Agora entre no carro. — ele praticamente rosnou, abrindo a porta do carro para mim. Não acreditei que ele havia conseguido pegar a chave da minha mão sem eu ao menos perceber.

Respirei fundo e fiz o que ele pediu, ou melhor, ordenou.

Ajeitei-me no banco do passageiro e o aguardei dar a volta. Dei um pulinho de susto quando ele entrou batendo a porta com força, e fiquei em silencio diante da sua aparente agressividade sem sentido.

— O que há entre vocês? — Eu me assustei com sua pergunta.

Estávamos a alguns minutos em um silencio torturante.

— Como? — indaguei sem entender.

Seu maxilar se enrijeceu e ele bufou alto. Percebi o quanto ele parecia tenso.

— Você e o Adam. — respondeu quase rosnando.

— Ah sim. — murmurei. — Ele vem me ajudando bastante na galeria... inclusive, sairemos para jantar hoje.

Por um momento seus olhos se voltaram para mim, frios como gelo. Ele abriu a boca para falar, e então a fechou novamente.

Droga! Porque ele está bravo comigo? Ele quem me rejeitou!Saco.

Ж

Em casa, mais tarde, estava animada para o jantar com o Adam. Era fácil conversar com ele, e eu não me sentia tensa. Diferente do Nathan, que me intimidava com uma força sobrenatural.

Olhei-me no espelho e fiquei feliz com o resultado. Estava vestindo um vestido preto sensual, e usei todas as técnicas de maquiagem que aprendi em uma das minhas idas ao salão, tudo para parecer a mais sofisticada possível. Sempre fui uma pessoa cuidadosa com o meu visual, mas não chegava a ser vaidosa ao extremo.

Desci as escadas com elegância, e meus saltos altos batiam contra a madeira ecoavam no ambiente. Comecei a ouvir algumas vozes, e de repente enxerguei meu pai saindo do escritório com alguns homens, e entre eles estava o Nathan. Demorou apenas alguns segundos para que ele me

percebesse, e senti aquele friozinho habitual no estomago diante do seu olhar.

— Aonde vai, filha? — meu pai perguntou em tom surpreso.

— Eu... eu... — Pisquei os olhos. Nathan estava muito perto, e sua proximidade me roubava qualquer capacidade racional no momento.

— Acredito que ela pretende jantar com o Adam, senhor Joseph. — Nathan respondeu por mim, com seus olhos flamejando em minha direção.

Desviei os meus olhos e encarei o olhar intrigado do meu pai. Cocei a garganta, sentindo-me constrangida por estar sendo alvo de tantos olhares.

— Adam me convidou para sair e eu aceitei. — falei em tom firme. — Inclusive ele está me esperando ali fora, pai.

Sua expressão era estranhamente séria, e fiquei preocupada em tê-lo irritado. Ele pegou o telefone do bolso, discou um número e me olhou.

— Eu a quero em casa cedo, rapaz. — meu pai falou assim que a pessoa atendeu, e obviamente era o Adam. — E guarde bem as suas mãos.

Senti meu rosto queimar de vergonha. Baixei os olhos ao chão e mordi o cantinho interno da bochecha. Meu pai tinha a mania de me fazer de boba, e agia como se eu fosse uma criancinha.

Assim que encerrou a ligação, ele pediu para que o Nathan me acompanhasse até o lado de fora da casa. Balancei a cabeça dizendo não, mas meu amado pai continuou a conversa com seus companheiros de negócio, ignorando-me por completo.

Sentindo-me inteiramente nervosa, dei alguns passos adiante. Nathan colocou a mão em minhas costas e me guiou em direção à porta. Mal consegui respirar por causa da sensação que correu em mim com o seu toque.

— Você está linda. — ele comentou em tom baixo.

Ele me olhou quase furioso por um momento. Ele parecia tenso e desconfortável.

— Obrigada. — Minha voz saiu como um sussurro. — A noite exigia um visual mais apropriado. — comentei.

Seu olhar se voltou ao carro do Adam estacionado mais adiante de nós.

Senti sua mão abandonar as minhas costas e meu corpo reclamou.

— O que você pretende com isso? — ele perguntou sério.

Parei e o encarei.

— Quero me divertir e conhecer pessoas e coisas diferentes. — respondi. — Quem sabe desse jeito, eu não deixe de ser inocente, não é mesmo?

Se ele estava bravo comigo, consegui irritá-lo ainda mais, e de uma maneira quase selvagem. Apressei os passos e cheguei ao carro do Adam com o coração aos pulos. Meu estômago estava revirado com a mistura de prazer e medo.

Capítulo 5

Millie Evans

Estávamos conversando na beirada do deck da cobertura de uma casa noturna. Adam havia insistido imensamente para que saíssemos depois do restaurante. Eu estava deslumbrada com aquela sensação nova de liberdade. O barulho dos carros lá embaixo misturado as batidas da música eletrônica faziam um redemoinho de emoções em meu interior.

— Vamos dançar? — perguntei eufórica.

Ele deu uma risada e pegou o copo de Martini da minha mão.

— Primeiro: chega de beber. — Adam disse em tom sério. — Segundo: eu penso que já está tarde, e eu prometi ao seu pai que...

Gargalhei. Meu corpo estava leve, e parecia que a qualquer momento eu sairia flutuando.

— Adam, é só um pouquinho. — falei, grudando o meu braço no dele. — Vamos nos divertir.

— Então eu acho que vamos pagar um mico juntos. — ele reclamou em um tom divertido, fazendo-me rir ainda mais.

Eu não ligava. Esperei por tempo demais. Eu queria me perder na música e nas sensações que ela me fazia sentir. Adam entrelaçou nossos dedos e me levou para o andar de baixo.

Assim que entramos na escuridão nebulosa do andar de baixo, Adam me levou até a pista de dança, bem no meio da multidão. Apreciei o barulho e comecei a me perder ao som de um remix. Parei e me mexi para virar de frente para ele. Sua mão agarrou a minha cintura, e o movimento foi extremamente fluido e fácil. Havia muita gente ali, mas eu não me importava, pois tudo o que eu conseguia sentir era uma eletricidade e uma leveza em meu interior.

Fechei os olhos e me deixei levar pela batida sensual da música que terminou, mas logo se mesclou com outra, mudando levemente o ritmo e nos

aproximando ainda mais. O braço de Adam circundou com força a minha cintura, fazendo nossos corpos quase se fundirem. Seu rosto afundou em meu pescoço e o senti beijar minha pele. Um beijo quente, de boca aberta, que fez minha cabeça girar. Talvez fosse o álcool, mas mais provavelmente o que estava me dominando era aquela vontade insana de experimentar, ou de simplesmente viver.

Ele ergueu o meu queixo e me olhou nos olhos. Agarrei-o pelo blazer e o puxei para ainda mais perto. Antes que ele pudesse fazer qualquer movimento, fui praticamente arrancada dos seus braços. Resmunguei baixinho por quase ter torcido o pé.

— Tire suas mãos dela rapaz. — Reconheci aquela voz de imediato.

Um calor lento se espalhou pela minha pele à medida que eu o analisava. A mera visão dele fez meu coração acelerar.

— Estávamos apenas nos divertindo. — Adam explicou. — Eu já ia levá-la para casa.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei em tom alto.

Minha voz era ofegante e instável, confessando as emoções conflitantes que pulsavam em meu interior naquele momento.

Nathan me olhou e o rosto dele se suavizou por um segundo, bem como a força com que ele estava segurando o meu pulso.

— Millie, se você quiser, podemos ir embora. — Adam falou, interrompendo o nosso contato visual.

— Ela irá comigo. — A voz grave de Nathan reverberou ao meu lado.

Adam recuou e enrijeceu o maxilar. Não tive tempo de reagir ou falar qualquer coisa que fosse, pois Nathan começou a me arrastar da pista de dança por um corredor que nos afastava do caos que nos rodeava.

Andamos um bocado até que o corredor bifurcou. Á direita havia uma porta guardando uma saída estratégica. As luzes da cidade decoravam o céu que escurecia. Nathan nos levou até o seu carro, e em silêncio abriu a porta para que eu pudesse entrar. Porque eu não conseguia reagir aquilo?

Pressionei as costas no encosto do banco e o encarei quando ele entrou

batendo a porta.

— Nathan, eu...

— Agora não, Millie. — murmurou tenso.

O timbre dele era severo. Engoli em seco e apertei os olhos, com os pensamentos girando em minha mente.

Longos minutos depois, e um silencio torturante, Nathan estacionou o carro; mas não foi na frente da minha casa.

— Que lugar é este?

Nathan saiu do carro e rapidamente deu a volta abrindo a porta para mim.

— Venha. — pediu em tom baixo e grave.

Ele se virou e seguiu em direção ao prédio, e eu fui atrás.

Ж

Entramos em um elevador vazio, ocasionando a chance de ficarmos sozinhos naquele espaço minúsculo. Não tive coragem de olhar para seu rosto, mas tinha plena certeza de que ele também estava sentindo aquela estranha eletricidade no ar. A proximidade de nossos corpos me levou a imaginar que a qualquer momento seus braços me puxariam para ele, e sua boca se colaria na minha de forma faminta. Dei uma olhada de relance e o vi sorrir levemente, como se estivesse ciente do que eu estava sentindo. Droga!

Pude respirar direito novamente quando o elevador parou, indicando o seu andar. Eu o segui no corredor, buscando entender o que estávamos fazendo ali. Ele parou diante da única porta que havia e abriu.

— Pode entrar. — pediu, abrindo espaço para mim.

A primeira coisa que reparei quando entrei foi no meu reflexo no espelho do hall de entrada. Meu cabelo estava completamente lambido sobre o meu rosto suado e vermelho.

— Adeus sofisticação. — falei em tom alto.

— Como? — ele indagou enquanto tirava o paletó, e uma pequena amostra dos contornos de seus músculos ficou visível aos meus olhos.

— Estou toda suada e horrível. — reclamei.

Ele se aproximou, e para meu espanto, emaranhou os dedos em meu cabelo; e sua outra mão carinhosamente limpou o vestígio de suor da minha testa. Pisquei e respirei devagar quando nossos olhos se encontraram. Sua expressão era intensa.

Por um momento pensei que ele me beijaria, mas na mesma hora ele pareceu voltar a si. Então tirou a mão e seu olhar também se foi, enquanto dizia:

— Vou fazer um café para você. Como gosta?

— Só preto, obrigada. — respondi sem esconder a frustração.

— Ótimo. — falou. — Eficaz para disfarçar o álcool no seu sangue antes de levá-la para casa.

Nathan caminhou até a cozinha, me deixando sozinha.

Agoniada, eu comecei a andar pelo apartamento de decoração bem moderna. Passei pela sofisticada sala em tom amarronzado, com sofás claros e almofadas de cor branca. Uau. Tudo era de extremo bom gosto. Na verdade, eu não podia esperar menos. Nathan exalava sofisticação em seus poros.

Grandes luminárias com a cúpula preta chamaram a minha atenção para um corredor recheado de pinturas abstratas nas paredes. Parei diante de uma porta de madeira escura, e não resisti à curiosidade de dar uma espiadinha rápida.

Assim que dei o primeiro passo a sala se iluminou, pois provavelmente tinha sensor de movimentos. Meus olhos levaram apenas alguns segundos para focalizar o que tinha diante de mim. Caminhei lentamente, ouvindo o barulho dos meus saltos ecoando no recinto. A sala estava repleta de quadros com pinturas de mulheres nuas em poses diversas, mas todas sensuais.

— Millie... — Virei para trás e o vi parado na porta.

Um desejo violento queimou dentro de mim enquanto eu o encarava. Tirei meus saltos e joguei a bolsa no chão. Nathan diminuiu a distância entre

nós.

— Porque não me contou que era você o artista daqueles quadros? — perguntei em tom baixo, quase rouco.

— Não sei. — ele respondeu franzindo o cenho.

— Eu quero que você faça uma pintura minha. — falei de repente.

Ele sorriu.

— Sem problemas. — falou. — Podemos marcar o dia que quiser e...

Cortei-o.

— Nua, Nathan... completamente nua. — expliquei corajosa. Algo dentro de mim parecia ter se libertado.

Ele arregalou os olhos e fez uma careta, como se tivesse comido algo ruim.

A princípio ficou em silencio, então foi até a janela e ficou olhando para fora. Seu perfil ficou bem claro contra o vidro, e eu admirei a linha reta do seu nariz. Pude perceber pela sua boca que a sua mandíbula estava apertada. Ele estava bem tenso.

— Tem alguma coisa errada com o meu pedido? — arrisquei, caminhando até ele; e meus pés descalços deleitaram-se com a penugem do tapete macio. — É só uma pintura, Nathan. — Aproximei-me dele e recostei-me em suas costas fortes. — A não ser que você não resista ao meu corpo inocente. — ironizei.

Em um movimento rápido, ele segurou o meu braço e me virou para ele, e seu corpo me prensou contra a parede ao lado da janela.

— Eu já expliquei. — respondeu entre dentes. — Os meus pensamentos não são bons.

Revirei os olhos para ele. — Eu quero apenas uma pintura. — falei irritada. — Pagarei a quantia que você pedir. — Ele me soltou e virou de costas. — Ótimo. — murmurei passando por ele. — Encontrarei outro que faça.

Sua mão segurou o meu pulso, e quando percebi estava novamente nos

braços dele. Seu olhar estava sombrio, me arrepiando.

— Isso eu não permitirei. — Sua voz soou perigosa.

Engoli em seco pela intensidade do seu tom.

— Não precisa ser outro, Nathan. — soltei em um fiapo de voz.

— Millie, espero que saiba muito bem onde está se metendo. — Avisou, causando-me um ápice de adrenalina.

Seus olhos se intensificaram nos meus, e o assisti descer as mãos até a barra do meu vestido. De uma forma torturantemente lenta, ele o ergueu e o passou pela minha cabeça. Fiquei somente de calcinha.

Seu olhar voraz encontrou os meus seios desnudos e me senti tentada a escondê-los, mas ao mesmo tempo eu sentia a necessidade de me exibir para ele.

Ele me olhou, e a cor dos seus olhos foi intensificando, intensificando... mas não disse nada.

Capítulo 6

Millie Evans

Minhas mãos suavam e meus tremores se intensificaram na medida em que Nathan me encarava em silêncio. Sua expressão tranquila escondia uma selvageria sufocante.

Assisti quase hipnotizada ele erguer a mão e tocar o meu rosto com a ponta dos dedos. Aquele simples toque serviu apenas para piorar a minha situação.

Prendi a respiração quando o vi ajoelhar-se aos meus pés. Seus dedos se enrolaram em ambos os lados da minha calcinha de renda, e lentamente ele a desceu pelas minhas pernas. Nossos olhares mantiveram-se fixos, quentes e luxuriosos.

Ergui os pés e dei um passo para o lado. Nathan se levantou, e notei que sua respiração estava ruidosa quando ele apontou para um sofá no canto da sala.

— Deite-se ali. — Sua voz rouca causou estragos em meu interior.

Soltei uma respiração forte enquanto caminhava até o sofá. Podia sentir seu olhar queimando em minhas costas. Meu coração estava acelerado devido ao nervosismo da situação. Certamente eu não teria coragem de fazer aquilo se não tivesse ingerido algumas doses de álcool.

Sentei no sofá, e meu corpo estremeceu com o contato da minha pele quente sobre o couro. Ajeitei-me confortavelmente e o aguardei preparar os materiais necessários.

Eu podia sentir toda a sua tensão enquanto ele posicionava o cavalete para apoiar a tela nova diante de mim. Sua testa estava franzida, e sua expressão totalmente séria.

— Pronta? — perguntou, instantes depois. Seu tom era nervoso.

Sem forças para falar e com medo de gaguejar, eu apenas confirmei com a cabeça. Minhas mãos cobriam estrategicamente as partes intimas do

meu corpo.

Nathan dividia os olhares entre mim e a tela, a expectativa foi se misturando ao meu nervosismo, e comecei a me sentir inquieta de repente.

O silencio naquele recinto tornou o momento bastante erótico e minha respiração ficou dificultosa. A sensação do olhar concentrado do Nathan sobre o meu corpo aos poucos foi me levando a um nível de prazer sobrenatural. Fiquei nervosa e assustada ao mesmo tempo, e não conseguia entender o que era aquilo; muito menos que vontade insana de me esfregar era aquela.

Busquei respirar profundamente a fim de acalmar os meus sentidos. Eu não queria que ele percebesse o meu desconforto, mas estava complicado me controlar. Aos poucos comecei a sentir uma umidade entre meus dedos, e os meus mamilos se enrijeceram sobre a pele do meu braço.

Sentia-me ofegante. O desejo de algo a mais se apossando do meu corpo com uma força irrefreável. Sem conseguir segurar a tentação, meus dedos passaram a se movimentar suavemente por cima dos meus pelos pubianos, quase que involuntariamente. A princípio eles estavam calmos, experimentando, lambuzando-se com meus líquidos. Mordi o lábio inferior, me inebriando com a sensação saborosa do prazer que eu estava me proporcionando.

Fechei os olhos e entreabri um pouco as pernas para obter uma facilidade maior nos movimentos. A minha pele estava quente e suada. Naquele momento eu havia dado adeus a minha sensatez. Ali já não existia a Millie escandalizada, mas sim uma Millie com os desejos à flor da pele, quase queimando.

Apertei um dos meus mamilos, e não consegui abafar o gemido involuntário que escapou da minha garganta. Abri os olhos na mesma hora, assustada por ter tido aquela reação, e gelei ao encontrar o Nathan ao meu lado, pois seus olhos flamejantes me incendiaram. Ameacei parar os movimentos, mas ele me impediu.

— Não pare... continue, por favor. — Sua voz pareceu sair com dificuldade.

Revirei os olhos quando prendi o clitóris entre os meus dedos, e gemi

alucinada com a sensação. Acelerei os movimentos circulares, sentindo-me avançar contra algo que estava fora dos meus domínios.

Nathan sentou-se ao meu lado sem desviar os olhos dos meus. Seu olhar estava carregado, e a nossa conexão me arrepiou de uma forma devassa e intensa. Sua mão repousou em minha barriga, fazendo uma corrente elétrica reverberar diretamente em minha virilha. Castiguei meus lábios com os dentes quando o senti deslizar os dedos até chegar aos meus seios. Ele apertou um mamilo e depois o outro, ambos com força e precisão. Abri a boca desesperada pela onda de prazer me tomando, querendo me derrubar. Fechei os olhos, me preparando para a queda livre.

— Olhe para mim. — Apesar de trêmula, sua voz soou autoritária.

Semicerrei os olhos enquanto o sentia apertar fortemente meus seios com suas mãos. Coloquei a mão livre sobre a sua e intensifiquei o movimento dos meus dedos em meu clitóris. Espasmos me chacoalharam, fazendo-o forçar meu corpo sobre o sofá. Nossos olhos fixos fizeram o momento se tornar ainda mais íntimo.

Delicadamente retirei meus dedos do meio das minhas pernas sentindo meus batimentos descompassados e minha respiração curta. Nathan pegou minha mão e levou a boca. Sensualmente lambeu os meus dedos, um a um, e depois os esfregou em seu rosto.

Seus olhos se voltaram para mim repletos de desejo e uma malicia selvagem que me amedrontava na mesma proporção com que me excitava.

— Isso foi... extraordinário. — soprou roucamente se curvando sobre mim.

Não tive tempo para respondê-lo e nem mesmo pude raciocinar, pois sua boca partiu diretamente aos meus seios, onde os lambeu com vontade, intercalando-os.

Passei a me contorcer em seus braços, sentindo uma dor aguda e gostosa naquela região sensível logo abaixo. Nathan pegou ambos os seios com as mãos e os abocanhou de forma esfomeada. Eu gemia descontroladamente diante daquelas sensações novas.

— Nathan... — soprei sem fôlego.

Meus sentidos estavam dispersos. Senti os seus dentes rasparem levemente em meus mamilos rígidos, e aquilo me empurrou para o fogo abrasador que me aguardava. Não vi mais nada quando seus lábios tomaram os meus com urgência em um beijo forte e quente. Meus espasmos foram se dissipando, e aos poucos meu controle foi retornando.

Semicerrei os olhos quando sua boca desceu por meu pescoço, e foi deixando o rastro da sua língua quente pelo meu corpo. Assim que chegou ao meu umbigo, ele circulou ao redor e umedeceu o interior, e joguei a cabeça para trás completamente em êxtase. Arqueei as costas quando delicadamente ele tocou o meu clitóris, fazendo-me sentir a maciez da sua língua. Meu corpo estava completamente sensível pelos recentes orgasmos, e aquele contato macio estava me delirando. Nunca pensei que eu pudesse ter tanto prazer daquela forma tão intima.

Joguei a cabeça para trás sentindo-o lamber-me com afinco, sua língua me castigava com movimentos incansáveis.

— Nathan... — murmurei me sentindo fraca. — Eu não aguento mais...

Meus olhos se inundaram devido a intensidade de tudo aquilo. Ignorando os meus receios e queixas, ele prosseguiu, acelerando e arriscando algumas mordidas leves em meus clitóris. Assustei-me ao escutar os meus próprios gemidos altos, pois tudo parecia surreal demais.

Contraí as coxas ao redor da sua cabeça e gozei com ainda mais força, e os espasmos intensos me estremeceram de um modo assustador.

Lutei para normalizar a respiração. Sentia-me exausta e assustada. Senti meus olhos pesarem e me vi perdendo a luta contra o sono. Por um momento eu pensei ter ouvido a voz do Nathan sussurrando...

— Você é minha, Millie... minha.

Capítulo 7

Millie Evans

Lentamente abri meus olhos ao som de acordes musicais lindíssimos. Rapidamente percebi que estava em uma cama sobre lençóis macios, e ao sentar, notei que estava completamente nua. Aos poucos comecei a me recordar do que aconteceu e senti-me ruborizar. Como eu tive coragem?

Joguei os pés para fora e me enrolei no lençol. Busquei acostumar os meus olhos com a escuridão do ambiente e segui para fora do quarto, indo em direção ao som daquela música.

Aproximei-me da sala e encontrei Nathan tocando violino, e fiquei encantada de imediato. Caminhei até ele a fim de fazê-lo perceber a minha presença. Ele estava somente com um jeans, totalmente desnudo da cintura para cima. Seus cabelos estavam soltos e bagunçados. Desci os olhos pela sua cintura e reparei em uma tatuagem que começava em sua costela e se perdia no caminho escondido pela sua calça.

Nossos olhos se encontraram e vi os dele se escurecerem na medida em que os desceu pelo meu corpo coberto apenas pelo lençol.

Ele parou de tocar e silenciosamente virou-se para guardar o violino no suporte. Fiquei nervosa quando ele voltou os olhos para mim. Seu olhar era precavido, porém escondia uma luxuria avassaladora.

— Eu não encontrei as minhas roupas. — consegui dizer, e quase engasguei quando ele parou diante de mim. — Eu... acho que o papai deve estar preocupado. — Meu rosto estava queimando, e eu me sentia cada vez mais constrangida devido ao silencio dele. — Nathan, eu... — Ele me silenciou, tocando os meus lábios com seus dedos.

— Quieta. — ele falou, erguendo as mãos e desfazendo o aperto em meu lençol.

Segundos depois me vi nua em sua frente mais uma vez, e tive que fazer um esforço sobrenatural para conseguir olhá-lo. Ele caminhou ao meu

redor da mesma forma quando um predador encurrala a sua presa.

— Você sequer faz idéia do que quero fazer com você, Millie— Nathan sussurrou por trás de mim, me arrepiando intensamente. — Os meus planos não são nada bonzinhos...

Sua mão circundou a minha cintura e ele aconchegou o seu corpo ao meu, de modo a me fazer sentir o tamanho do seu desejo.

— Eu... — Seus dedos circularam torturantemente o meu umbigo, me fazendo estremecer. — Não sei... — calei-me imediatamente ao sentir suas caricias.

Seu rosto afundou em meu pescoço, e suas mãos amassaram os meus seios fortemente. Sua língua adentrou em meu ouvido e quase desfaleci em seus braços. Minhas pernas amoleceram, e suspirei sentindo o calor de sua pele me incendiar.

— Quero a sua inocência para mim. — Nathan sussurrou roucamente, apertando meus mamilos. — Desfrutar do seu corpo a minha maneira. — Apoiei a cabeça em seu ombro, e ele aproveitou para trilhar diversos beijos molhados na pele sensível do meu pescoço.

Completamente derretida com a sensação do seu toque em mim, quase não acreditei quando ele parou e se abaixou para pegar o lençol, cobrindo-me logo em seguida. Pisquei diversas vezes sem conseguir entender.

— O que foi? — indaguei com o coração pesado ao imaginar que ele não me queria mais.

Seu maxilar estava trincado, e ele não compartilhou do meu olhar.

— Isso não está certo. — Nathan falou em tom baixo. — Não posso acabar com seus sonhos dessa maneira.

— Sonhos? — questionei sem entender

Ele se virou e repousou as próprias mãos na cintura.

— Provavelmente você é romântica, daquelas que sonha com um príncipe encantado levando-a ao altar. — ele respondeu ainda de costas. — Eu não posso oferecer isso a você. — falou, deixando-me sem palavras. — Eu não curto esse lance de romance, Millie. Eu apenas quero foder, e

definitivamente você não merece vivenciar das minhas loucuras.

Engoli em seco quando ele pronunciou aquelas palavras olhando diretamente em meus olhos.

Aquele era o momento ideal para pedir que ele me levasse para casa, e assim eu poderia me enfiar debaixo das cobertas e chorar até o amanhecer, certo? Mas para que?

Eu estava cansada de simplesmente chorar. Desde a morte da minha mãe era só aquilo que eu fazia. Então, em um surto de coragem, eu deixei o lençol deslizar novamente pelo meu corpo.

— Eu aceito o que você poder me oferecer, Nathan. — Lutei para minha voz soar firme.

Seu corpo se virou inteiramente para mim e seus olhos deslizaram pela minha pele, mostrando uma mistura de fascínio e desejo puro.

— Você tem certeza? — perguntou, aproximando-se de mim. Delicadamente sua mão se emaranhou em meus cabelos. Fechei os olhos, aconchegando o meu rosto ao seu toque. — Assim que eu tomá-la, não a deixarei partir. — avisou.

Abri os olhos com o coração pulsando velozmente no peito, o meu corpo inteiro tremia quando ergui as mãos e espalmei em seu peito nu.

— Tenho. Eu quero ser sua. — sussurrei de maneira firme.

Como uma chama descontrolada, ele me queimou com seus lábios em um beijo furioso. Suas mãos firmaram-se em minha cintura, e ele facilmente me impulsionou para cima, fazendo-me enrolar as pernas ao seu redor.

Lentamente Nathan me levou de volta ao quarto e me deitou na cama. O contato do seu peito em meus seios fez com que os mamilos se enrijecem. Meus lábios estavam inchados devido à selvageria dos seus beijos, mas eu não me importava...eu o queria mais e mais.

Senti Nathan separar minhas pernas com as suas, e suavemente começou a esfregá-la ali. A fricção da sua calça em contato com meu clitóris estava me levando à loucura.

— Você é tão sensível. — ele comentou, lambendo sensualmente os

meus lábios. — É tão fácil fazê-la gozar.

Eu podia sentir a sua ereção contra a minha barriga na medida em que ele pressionava a perna em mim. Fui sentindo a força do orgasmo me abater, e todo o meu corpo estremeceu. Grudei em suas costas e cravei as unhas em sua pele quando os tremores me chacoalharam. Revirei os olhos em delírio, sentindo os seus beijos correrem do meu ombro ao pescoço.

— Poderia fazer isso a noite toda. — Nathan soprou com os olhos nos meus. — Mas a vontade de me enfiar em você está acabando comigo. — Seu timbre saiu rouco.

Então ele saiu de cama e retirou a sua calça. Mesmo com a pouca iluminação do quarto eu consegui enxergá-lo completamente nu, e quase engasguei.

Rapidamente ele pegou uma camisinha na gaveta do criado mudo e voltou a se engatinhar na cama segundos depois. Sem eu esperar, ele puxou minhas pernas para ele e elevou o meu quadril até ficar na altura dos seus lábios.

— Oh Deus... — gemi, sentindo-o praticamente dar um beijo de boca aberta ali.

Agarrei com força os lençóis, me deliciando com aquela sensação deliciosa. De repente ele voltou a se curvar sobre mim e apertou minhas bochechas de modo a formar um bico.

— Agora sinta o seu próprio gosto. — Logo em seguida adentrou a sua língua na minha boca.

Enrosquei os braços em seu pescoço e emaranhei os dedos em seus cabelos sedosos. Senti-me devassa ao provar daquele sabor afrodisíaco do meu corpo. Parecia errado demais, mas o prazer se sobressaía, e no fim se tornava natural.

— Viu o quanto você é saborosa? — Nathan perguntou roucamente, mordendo os meus lábios.

Com uma mão ele ergueu minha perna e automaticamente eu ergui a outra, me preparando para o que estava por vir. O próximo passo para a minha descoberta ao mundo da luxuria.

— Me diga o que você quer, Millie. — ele murmurou contra o meu pescoço.

Minha mente vagueou por diversos apelos silenciosos para que eu fugisse dele enquanto ainda era tempo. Curvei-me levemente, sentindo o pau duro comprimindo o meu clitóris. Com nossos corpos extremamente colados deslizei as mãos por suas costas. Deus, ele estava quente. Com os lábios trêmulos beijei seu pescoço.

— Quero você, Nathan. — sussurrei.

Ele me beijou de volta intensamente, e senti seu corpo rígido de tensão, mal se contendo.

Ele agarrou o meu quadril e devagar começou a me invadir. Soltei um gemido chorado na boca dele, perplexa pela mistura de prazer e dor. Cada vez mais o meu corpo ia se expandindo para acomodá-lo.

— Nathan, meu Deus. Espere... — pedi, sentindo um incômodo enorme.

Joguei a cabeça para trás, não resistindo a exibir uma careta devido à dor. Ele se inclinou e forçou meu rosto para ele. Sua boca devorou a minha e nossos gostos se misturaram ao cheiro da minha excitação. O ato serviu para me distrair, e quando me dei conta ele já estava investindo dentro de mim lentamente.

— Perfeito. — disse ele, dando outra investida.

Aos poucos a dor do início foi dando lugar a uma ânsia muito maior. Fechei os olhos e o apertei com força contra mim. Saboreei a delícia daquela sensação enquanto ele me dominava com beijos lentos e intensos. O ritmo estava me deixando louca com a necessidade do orgasmo.

Nathan movia-se com estocadas calculadas, preenchendo-me e segurando-se com pausas meticulosas. Cada movimento deixava-me mais perto do êxtase. A sensação da penetração do corpo dele no meu já era o suficiente para me deixar na beira.

— Nathan...

Uma tempestade destruiu-me por dentro, e meu corpo respondia

avidamente ao dele. Agarrei os seus cabelos e prendi-me ainda mais a ele.

— Isso mesmo, baby. Goze forte para mim. — disse ele roucamente

Meu orgasmo pulsou dentro de mim. Arqueei as costas, sentindo todo o meu corpo chacoalhar violentamente à medida que ele intensificou as investidas, equiparando seu próprio alivio ao meu.

Ele gemeu contra a pele do meu pescoço, fazendo com que me arrepiasse pela rouquidão selvagem. Ainda conseguia senti-lo pulsando dentro de mim.

Fechei os olhos e sorri me sentindo deliciada.

— Gostou? — ouvi sua voz.

Olhei para o lado e o encontrei me encarando com uma expressão serena.

— Sim. — respondi em um sussurro. — Mas ainda não estou satisfeita... — Dei um sorriso malicioso enquanto me curvei sobre ele.

Os olhos dele se arregalaram levemente. Dei uma mordida brincalhona em seu lábio inferior antes de traçar uma trilha de beijos quentes pelo peito dele.

Se dependesse de mim, aquela noite seria longa...

Capítulo 8

Millie Evans

Acordei na manhã seguinte com o barulho do chuveiro no banheiro da suíte. Preguiçosamente deslizei as mãos pelo meu corpo sentindo-me renovada, como se a partir daquele dia eu fosse outra Millie. Joguei os pés para fora da cama e me espreguicei lentamente enquanto levantava caminhando em direção ao banheiro.

Eu não fazia idéia de como estava a minha aparência, mas a vontade de colocar meus olhos no Nathan ultrapassava qualquer possível constrangimento que eu viesse a ter.

Abri a porta, e devagar caminhei até o Box. Antes que eu pudesse abrir, Nathan o fez, pegando-me desprevenida.

— Acordei você? — ele perguntou, olhando-me dos pés à cabeça.

Engoli em seco quando olhei para seu corpo nu. Ele parecia estranhamente maior na claridade. Cocei a garganta.

— Eu... eu tenho o hábito de acordar cedo. — Xinguei-me por ter gaguejado.

Ele estendeu a mão e nervosamente eu aceitei.

— Deixe-me ajuda-la no banho, baby.— Nathan sussurrou, deixando um beijo leve atrás da minha orelha.

— Baby*?*— indaguei divertida. — Isso soa meio estranho vindo de você. — comentei, fazendo-o sorrir.

— É o que você representa para mim. — respondeu, começando a me ensaboar delicadamente. — Como uma criança se descobrindo, louca para voar pelo mundo... tão pura... meiga... — Seu corpo se aconchegou ao meu por trás enquanto massageava os meus seios. — Vou ensiná-la a se descobrir... você quer?

Fechei os olhos completamente, derretida por suas caricias.

— Sim... — praticamente gemi em resposta.

Seus dentes rasparam o lóbulo da minha orelha enquanto sua mão desceu até a área sensível do meio das minhas pernas.

— A primeira coisa que você precisa saber é que de agora em diante a sua bocetinha pertence a mim. — Minha respiração travou diante daquelas palavras obscenas. Incrivelmente aquilo me deixava ainda mais alucinada por ele.

Seus dedos deslizaram pela minha intimidade com precisão e maestria. Tombei a cabeça, encontrando apoio em seu ombro. Sua outra mão segurou a minha e a guiou pelo meu corpo, parando em cima da sua lá embaixo.

— Continue. — Nathan sussurrou.

Meu peito subia e descia constantemente pela respiração frenética. Ele se colocou em minha frente e fiquei ainda mais nervosa. Naquele momento estava complicado agir diante dele, pois eu estava completamente sóbria, diferente da noite anterior.

Timidamente comecei a mover os dedos, sentindo a temperatura da água castigar a minha pele extremamente sensível. Delirei quando percebi que ele também estava se masturbando, e fiquei deslumbrada pela força dos seus movimentos. Suspirei alto diante daquela cena inusitada entre nós. De repente meus dedos se afundaram facilmente em conseqüência da minha lubrificação. O prazer foi tanto que me vi tentada a fechar os olhos, mas não queria perder nenhum detalhe da visão maravilhosa que era o Nathan se tocando.

Como uma fera ele se aproximou de mim e me prensou contra a parede fria, o choque do contato com o meu corpo me fez gemer. Ele segurou minhas mãos e ergueu ambas no alto da minha cabeça e então começou a esfregar o seu pau em mim, ameaçando penetrar-me em qualquer momento. Aquele ato me deixou alucinada.

— Ah Nathan... — gemi, louca para apertá-lo contra mim, mas sua mão estava segurando as minhas.

Nathan abocanhou meu seio enquanto pressionava o seu pau em meu clitóris, e a água entre nossos corpos criando um contraste delicioso. Os

gemidos roucos que ele deixava escapar me deliravam; e ansiando por um contato mais profundo, eu ergui a perna ao redor do seu quadril, mas ele me impediu.

— Não... — ele soprou contra meus lábios, mordendo-os logo em seguida.

Aproveitei que ele soltou minhas mãos e o agarrei, e meus seios foram esmagados pelo seu peito másculo. Sem parar de se esfregar, ele me apertou contra si, fincando suas mãos em minhas costas. Fiquei tensa quando seus dedos adentraram o caminho entre minhas nádegas, e delicadamente o senti acariciar a minha entrada proibida... Ou não era proibida?

Contraí o bumbum quando ele forçou com seu dedo.

— Nathan...

Seus olhos se fixaram nos meus, e então ele intensificou os movimentos do seu pau em meu clitóris enquanto acariciava o meu ânus. O incomodo inicial foi dando lugar a uma nova sensação ainda mais intensa. A sua expressão de prazer me empurrava ao auge do sobrenatural.

— Goze agora! — ordenou, encarando-me com luxuria.

Cravei as unhas em seus ombros e senti-me desmanchar em seus braços. Nathan buscou meus lábios com desespero e bebeu de forma esfomeada todos os meus gemidos. Ainda estava retomando os meus sentidos quando o vi se derramar em suas próprias mãos com um rugido de fera. Fiquei vidrada em seus movimentos que foram se acalmando aos poucos. Seus olhos estavam fechados, e num impulso beijei seus lábios.

— Isso foi incrível. — sussurrei contra sua boca.

Ele sorriu e afastou o rosto do meu, esticando o braço para pegar o sabonete.

— Vamos ver um método anticoncepcional para você. — ele falou, voltando a me ensaboar. — Quero poder senti-la sem barreiras. — Seus olhos encontraram os meus e ruborizei diante da intensidade.

Ele me virou de costas e lavou os meus cabelos com o seu xampu. Delicadamente ele os enxaguou e voltou a me virar para ele.

— Aos poucos farei você perder essa timidez, apesar de eu achar adorável. — murmurou, tocando meu rosto corado com seus dedos.

— Tudo o que fizemos foi sensacional e inédito para mim, Nathan. — expliquei e depois me arrependi. Era obvio que ele sabia daquilo. — Eu nem ao menos sei como eu tive coragem, acho que foi pelo teor do álcool no meu sangue. — Dei risada, mas ele continuou sério, deixando-me constrangida.

Em seguida ele desligou o chuveiro e me enrolou na toalha. Sentia-me nervosa, sem saber o que tinha falado de errado.

— O que foi? — questionei enquanto me enxugava.

— Quero você longe daquele Adam. — respondeu, seguindo para o closet.

A visão do seu bumbum me fez suspirar. Ele era verdadeiramente um exemplar de homem maravilhoso.

— Ele está me auxiliando na galeria. — murmurei em tom baixo. — E, além disso, nos damos bem, e eu gosto dele. — expliquei inocentemente.

Vesti minha calcinha, e me preparava para colocar o vestido quando fui jogada na cama com fúria. Como ele saiu do closet tão rápido?

Meu coração estava descompassado diante do seu olhar flamejante.

— Então quer dizer que você gosta dele? — Nathan indagou de forma zangada e segurei o riso. — Estou divertindo você, senhorita Evans?— ele quis saber instantes depois.

Não aguentei e soltei a gargalhada presa na garganta. De modo a me castigar, ele começou a fazer cócegas em minha barriga, deixando-me desesperada.

— Para, para, por favor. — implorei, tentando me livrar das suas investidas. — Nathan... — gritei sem fôlego.

Ele segurou minhas mãos no alto da cabeça, esticando-se sobre mim. Sua expressão voltou a se tornar séria.

— Adam a quer. — ele murmurou entre dentes. — Ele almeja você na cama dele, Millie, e isso não vai dar certo.

Parei de rir e engoli em seco. Respirei fundo e o empurrei forçando-o a sair de cima de mim.

— Nem ao menos sei o que temos Nathan. — falei evitando transparecer irritação na voz. — Então vamos com calma. — Levantei, pegando o vestido. — O que o Adam quer não me interessa, pois o que ele terá de mim é somente amizade. E isso não depende do que você quer ou deixa de querer, sabe por quê? — indaguei, ignorando a sua expressão de raiva. — Porque eu sou livre para tomar minhas próprias decisões.

Se aquele relacionamento que ainda não sabia rotular se prolongasse, ele teria que aprender a confiar em mim.

Ж

O carro foi estacionado na frente da minha casa. Fiquei momentaneamente nervosa. O que eu diria ao meu pai?

— Ele sabe que estávamos juntos. — Nathan falou como se soubesse dos meus receios. — Ontem depois que você dormiu, eu liguei para ele.

Fiquei o encarando com estranheza.

— Ou meu pai confia muito em você, ou você deve ter uma boa lábia. — comentei, fazendo-o sorrir. — Não é nada fácil de persuadir o grande Joseph Evans.

Ele pegou minha mão e levou aos lábios.

— Mais tarde virei buscá-la para sairmos. — falou mudando drasticamente de assunto. — Esteja pronta para mim. — A promessa explicita em seu tom mexeu imensamente com o meu interior.

Mordi os lábios sem conseguir responder. Sentindo minhas mãos trêmulas, eu abri a porta.

— Millie? — Voltei meus olhos a ele em expectativa. — Não fale sobre nós... para ninguém. — Lutei para não demonstrar a decepção em meu olhar, e apenas sorri fraco antes de sair.

Caminhei até o portão e evitei olhar para trás. Segurar a emoção seria extremamente difícil.

Capítulo 9

Millie Evans

Naquele dia decidi não ir à galeria por dois motivos: primeiro, porque eu estava exausta devido ao peso de todos os acontecimentos; e segundo, porque eu não tinha a menor idéia de como encararia o Adam.

Eu percebia que ele estava tentando se aproximar de mim de uma forma mais intima, e aquilo de certo modo era ruim para a amizade que eu tinha por ele. Naquele momento eu queria me redescobrir, desvendar os meus desejos escondidos, e não tinha dúvidas de que seria com o Nathan, pois a influência que ele obtinha sobre o meu corpo era sobrenatural, quase obscura. Constatar aquela verdade tanto me amedrontava quanto excitava.

Em vários momentos do dia eu me peguei ronronando baixinho enquanto me lembrava da experiência da noite passada. As aulas de anatomia no *Le Rousey* não me prepararam para aquela intensidade catastrófica que eu senti. Mas só foi assim porque era o Nathan.

Ж

Às dezenove horas em ponto, Nathan estacionou em uma das vagas exclusivas do restaurante em que iríamos jantar. Aquele lado da cidade eu não conhecia, mas no trajeto consegui reconhecer a Torre de Londres e a Ponte quando passamos por ela.

A vista do restaurante me fez suspirar e querer sair do carro de uma vez, então abri a porta euforicamente; mas Nathan me impediu fechando-a.

Olhei assustada para ele, buscando entender aquela reação.

— Antes eu quero algo seu. — ele murmurou, percebendo a minha confusão.

— O quê? — sussurrei apertando os punhos contra o couro do banco.

A tensão que exalava do seu corpo estava me sufocando desde o momento em que ele foi me buscar.

Ele se curvou, invadiu o meu espaço pessoal e soltou uma leve respiração em meu ouvido antes de responder.

— Dê-me a sua calcinha. — Respirei pesadamente diante daquela resposta. Como assim ele queria a minha calcinha? Nathan havia enlouquecido?— Eu quero jantar tendo a consciência de que terei livre acesso ao seu corpo quando eu bem entender. — explicou, deixando-me ainda mais chocada.

Sua língua brincou sobre a pele sensível de minha orelha, e me vi apertando as coxas.

— Mas como ficarei tranquila sabendo que estarei nua? — indaguei em desespero, sem acreditar que eu, no fundo, estava cogitando aceitar aquele absurdo.

Seu dedão acariciou os meus lábios. Lentamente ele colocou uma mecha do meu cabelo por trás da minha orelha.

— Eu não quero que fique tranquila. — respondeu de modo firme. — Quero que fique excitada. — Sua mão repousou em minha coxa e a apertou, fazendo meu corpo inteiro se tencionar. — Imaginando a minha fome pela sua boceta apertadinha.

Fechei os olhos e respirei de forma acelerada.

— Deus! — exclamei com a respiração pesada. — Você é tão... indecente. — confessei, fazendo-o jogar a cabeça para trás, gargalhando.

Por um momento apreciei aquele som. Ainda não havia tido a oportunidade de presenciá-lo daquele jeito relaxado.

Seus olhos se voltaram para mim e se tornaram sérios novamente, ele ficou me encarando de um modo desafiador. Entendi o que o seu silencio queria dizer, e delicadamente ergui o bumbum do assento. Com as mãos tremulas, enrolei os dedos no elástico da calcinha e a tirei, deslizando-a por minhas pernas. Completamente constrangida eu entreguei-a a ele, mas não tive coragem de olhá-lo.

— Boa menina. — falou, e pude ver que ele a guardou no bolso interno do paletó.

Instantes depois, nós entramos no restaurante. Nathan informou sobre sua reserva, e logo o *maître* se curvou elegantemente diante de nós.

— Muito bem. Por aqui, por favor. — O *maître* nos levou em meio ao ambiente lotado até um elevador, que subiu alguns andares antes de nos deixar em uma ampla cobertura. Do alto, a vista era ainda mais espetacular.

Seguimos até o terraço privativo, uma área a céu aberto, cercada por paredes de vidro e plantas em vasos de granito. Uma brisa fria atravessou o ambiente, fazendo-me estremecer e lembrar-me da minha nudez intima.

O *maître* puxou a cadeira para mim e aguardou que eu me sentasse, empurrando-a logo em seguida. A todo o momento eu me sentia tensa com a possibilidade de alguém perceber que eu estava sem calcinha. Olhei para Nathan, e seus olhos me disseram que ele sabia perfeitamente da ansiedade que me abatia naquele momento.

Gentilmente o *maître* nos serviu com o vinho branco que estava no balde com gelo ao lado da mesa, provavelmente Nathan já havia orientado quando fez a reserva. Depois de feito os nossos pedidos, o *maître* se curvou e nos deixou silenciosamente.

Assim que ele se foi, Nathan se inclinou para frente com os olhos brilhando, disse:

— Passei o dia inteiro sentindo o seu gosto na minha língua.

Dei risada do seu descaramento. Era até estranho aquele contraste de nossa aparência elegante com aquela conversa pervertida.

Ele levantou a sua taça.

— Um brinde as novas descobertas.

Levantei a minha também.

— As novas descobertas. — falei alegre, e nós dois bebemos.

Olhei para o céu ainda escurecendo, e curti a paisagem e as luzes aparecendo. As coisas estavam acontecendo ao nosso redor, mas para mim, o que interessava estava ali naquele terraço. Nathan tinha tudo o que eu poderia

desejar em um homem. A sensação daquela constatação era arrebatadora, e me fazia suspirar só em pensar.

Ele me encarou, mas seus olhos estavam vagos. Imaginei que ele estivesse lembrando-se da noite anterior e de tudo o que fizemos. Pequenas ondulações de prazer percorreram meu corpo.

— Então. — ele começou. — Me fale de você, Millie... sobre seus sonhos.

A rouquidão da sua voz era de propósito. Ele com certeza estava me provocando.

— Tudo bem. — falei devagar, e cometi o erro de fixar os olhos em seus dedos na taça; ele fazia círculos frenéticos sobre a superfície da mesma. Inconscientemente desejei coisas obscenas com seus dedos em mim — Bom... — Cocei a garganta e sacudi rapidamente a cabeça para espantar aqueles pensamentos. — Não tenho grandes novidades a meu respeito para contar — Revirei os olhos e procurei me ajeitar na cadeira, pois aquela sensação de calor estava me incomodando.

Nathan sorriu.

— Acredito que essa sua realidade mudará de agora em diante. — Nathan falou de uma forma tão maliciosa que me segurei para não me contorcer na cadeira, e se inclinou em minha direção. — Ainda não decidi se conhecer você foi uma dádiva ou um martírio. — Sua mão repousou por cima da minha. — Normalmente as mulheres com quem fico me enjoam rapidamente, mas com você é diferente, Millie. — Um sorriso apareceu no canto de sua boca. — Eu quero fodê-la o tempo todo.

Suas palavras tinham o incrível poder de me constranger e me excitar com a mesma força.

— A sua intensidade me assusta, mas também me atrai de forma insana. — confessei, encarando-o.

O vento balançou o seu cabelo. Ele ficou pensativo.

— Tê-la em meus braços, tão entregue, me transforma em um animal, Millie. — falou com um olhar sério. — Mas eu garanto que você será o foco de toda a minha atenção, e sua recompensa será uma experiência intensa, a

realização de várias fantasias e alguns orgasmos fortes.

Meu corpo se contraiu só de imaginar.

— E... como será o nosso relacionamento? — indaguei em um sussurro.

Ele se recostou na cadeira e me olhou cauteloso.

— Precisamos discutir nossas regras básicas. — respondeu sério.

— Regras básicas?

Ele confirmou com a cabeça.

— A minha relutância em deixá-la se entregar a mim vem de algo mais profundo, Millie. — explicou calmamente. — Eu possuo gostos extremamente diferentes, e não me atraio por relacionamentos considerados "normais".

— Explique-se. — pedi sentindo-me nervosa.

— A primeira coisa que você precisa entender é que eu não serei o seu amor, ou como quer que chame... serei apenas o seu amante na cama. Fora disso, seremos apenas amigos. — falou em tom firme. — Quero que você me dê três noites da semana, começando pela sexta-feira. Tenho consciência de sua falta de experiência e de como é a sua natureza, mas acredito que você é bem aberta a diversas coisas que eu gostaria de mostrar. Boa parte do meu prazer vai vir de apresentá-las a você. Você concorda com isso?

Pensei por um momento, sem esconder a minha frustração. Na minha insana expectativa, eu esperava que estivéssemos indo em direção a nos tornarmos um casal. Parecia que de repente uma onda de agua fria havia me derrubado.

— É para você. — ele falou carinhosamente ao enxergar a minha expressão desapontada. — Para que não venha se decepcionar mais tarde. Apesar de que estou louco para que aceite ficar comigo nos meus termos, entenderei se não quiser prosseguir. O poder é seu, é importante se lembrar disso.

Recolhi minhas mãos e baixei os olhos.

No momento seguinte a porta do terraço se abriu e o garçom entrou

carregando uma grande base de metal com diversas camadas de frutos do mar. Ele colocou a bandeja em nossa mesa e pediu licença antes de começar a nos servir.

Outro garçom apareceu logo em seguida trazendo tigelinhas com agua, talheres e alguns temperos. Quando tudo foi colocado diante de nós, os dois se foram.

Suspirei e ergui meus olhos ao Nathan, encontrando-o com a minha calcinha em sua mão. Seu olhar era malicioso quando ele a levou ao seu nariz inalando com vontade. Ruborizei na mesma hora.

— Estou faminto. — sussurrou, me provocando.

Não teve como não reparar no duplo sentido daquelas palavras. Para onde ele iria me levar? Será que eu podia concordar com aquela loucura? E onde entraria o romance dos meus sonhos?

Capítulo 10

Millie

Fiquei observando-o atentamente enquanto conversávamos no jantar. Nathan tinha o habito de franzir levemente o nariz quando ficava pensativo e eu achava aquilo adorável.

— Ainda não sei a sua resposta...

— É porque ainda não a tenho. — respondi, pegando minha taça, pois de repente senti minha boca seca.

Seu olhar me incendiou e deixou-me ainda mais nervosa. Ele se levantou e deu a volta na mesa; suas mãos forçaram a minha cadeira para que ficasse de frente para ele.

Fiquei desesperada quando ele se ajoelhou diante de mim e abriu minhas pernas.

— O que você vai... — calei-me quando senti seus dedos trilharem o caminho até o meu ponto sensível.

— Eu quero que você me diga quais são os seus receios. — murmurou, beijando a pele interna da minha coxa. — Quero que me fale tudo, enquanto a devoro com minha boca. Você quer, Millie? Quer ser fodida pela minha língua, correndo o risco de alguém aparecer aqui a qualquer momento?

Respirei com dificuldade, e inconscientemente empurrei sua cabeça em direção a minha intimidade. Sua risada me fez estremecer devido à proximidade do seu rosto em meu sexo.

Delicadamente, e quase torturantemente, ele massageou-me com sua língua quente e macia. Mordi os lábios na intenção de silenciar os gemidos altos. Suas mãos apertavam minhas nádegas com força, quase com desespero.

— Eu quero ouvir, Millie... — murmurou sobre o meu clitóris sensível.

Suspirei em delírio. Naquele momento eu estava extremamente confusa com tudo o que ele havia me falado e proposto. Era mais do que certo que por trás de tudo havia algo de estranho e excitante, mas eu não me via confortável em entrar naquele estagio. Estar com Nathan exigia uma preparação física e

mental, pois definitivamente era muita intensidade para suportar.

— Estar com você me amedronta, Nathan. — sussurrei de olhos fechados enquanto continuava sentindo as investidas incansáveis da sua língua. — Não é medo de você em si, mas das reações que me faz sentir. — confessei baixinho.

— E isso é ruim? — ele perguntou, e me segurei em seus ombros devido ao choque da sua voz naquela região sensível.

— De certa forma sim. — respondi sem fôlego. — Pois eu nunca sei o que vai acontecer... você sempre me surpreende.

Suas mãos abriram ainda mais minhas pernas fazendo com que meu vestido amontoasse ao redor da minha cintura, deixando-me totalmente exposta. Ele afastou a cabeça e ficou admirando-a com olhos brilhando em luxuria pura e devassa. Seus lábios estavam úmidos pela minha lubrificação, tornando aquele momento ainda mais excitante.

— A sua boceta é a mais linda que eu já comi. — falou, deixando-me chocada.

— Era para ter sido romântico? — indaguei, irritada de alguma forma.

Seus olhos se ergueram em direção aos meus por um momento.

— Eu pensei que tivesse deixado claro que o negócio comigo é carnal. — falou acariciando-me com seus dedos. — Não curto romance.

Eu o senti afundar um dedo dentro de mim, e lentamente iniciou um vai e vem gostoso, deixando-me fraca diante daquela sensação.

— Comigo a sua vida nunca mais será a mesma, Millie. Vou levá-la a conhecer seus desejos mais ocultos... — murmurou em tom sedutor. — Você irá se surpreender com o prazer que seu corpo pode lhe proporcionar.

Semicerrei os olhos e comecei a viajar naquelas sensações. Os movimentos que seus dedos faziam estavam me levando ao ponto mais alto, e eu estava vendo o momento de me jogar e sentir novamente o meu corpo flutuando diante daquele prazer imenso.

— Você irá dizer sim para mim, Millie? — ouvi sua voz, mas não conseguia raciocinar diante daquela dorzinha aguda em minha virilha.

Meus pensamentos me abandonaram. Eu estava presa em minha própria onda de emoções.

A pressão dos seus dedos se intensificou deixando-me quase na beira.

— Diga que aceita, Millie... — Nathan pediu com um pingo de desespero na voz. — Deixe-me apresentá-la ao meu mundo, baby.

Mordi os lábios e pendi a cabeça para trás.

— Eu... — Sua língua voltou a me castigar selvagemente. Empurrei o bumbum para frente e enrolei as pernas em suas costas.

Aquela imagem dele me desmontou completamente. Meus olhos foram atraídos para a porta, e fiquei com a sensação de medo e tensão pelo fato de que a qualquer momento alguém poderia entrar e nos pegar ali, daquele jeito.

Apertei seus cabelos com força e esfreguei-me desavergonhadamente em seu rosto em busca de alivio.

— Sim... eu aceito. — As palavras escaparam dos meus lábios quase que inconscientemente.

Seus movimentos se tornaram ainda mais urgentes, como se a minha resposta tivesse libertado a fera que habitava dentro dele. A minha respiração se tornou frenética e os meus gemidos saiam chorados. Cada vez que eu olhava para seu rosto no meio das minhas pernas, via sua boca me devorando com volúpia. Instantes depois eu não aguentei a enorme onda de eletricidade que se alastrou sobre minha pele, e que se fixava em minha virilha. Contraí as coxas ao redor da sua cabeça na medida em que me sentia caindo naquele abismo de prazer delirante.

Aos poucos eu fui relaxando conforme ele foi amenizando as lambidas. Senti quando ele esfregou os lábios na pele interna da minha coxa e ergueu o rosto para me olhar. Seus lábios estavam úmidos, e havia um sorriso vitorioso brincando entre eles. Delicadamente ele me ajeitou, descendo minhas pernas tremulas ao chão.

— E agora? — perguntei com a voz entrecortada, ainda sentindo o efeito daquele orgasmo avassalador. — O que vai acontecer?

Ele se curvou sobre mim, e seus dedos passaram a bolinar o meu corpo

com maestria, deixando-me desesperada justamente pela sensibilidade da minha pele.

— Agora você é minha, e não consigo pensar em mais nada senão come-la até o amanhecer. — Seu tom de voz saiu grave, fazendo-me engolir em seco.

Aquele seu poder de sedução tinha um efeito incrível sobre mim. Meus pensamentos ficavam dispersos, e apenas prevalecia aquele desejo quase primitivo que crescia cada vez mais quando estávamos juntos. Fechei os olhos, sentindo seus beijos em meu pescoço.

— Você soltou a fera que habitava em meu interior, Millie; e nada melhor do que a sua bocetinha doce para saciá-la. — sussurrou em meu ouvido. Senti-me ruborizar diante daquelas palavras chulas. — Não se sinta envergonhada comigo. — falou forçando o meu olhar para ele. — Os meus planos para você de agora em diante vão muito além da sua limitada imaginação. — O claro dos seus olhos se intensificou, e arrepiei-me por inteiro. — Então se acostume, e não se escandalize facilmente.

Sua língua passeou pelos meus lábios, exigindo permissão para entrar. Meu corpo pequeno se perdia em seus enormes braços, e seus carinhos, embora selvagens, me preenchiam de forma sobrenatural. Apesar de não ser o relacionamento dos meus sonhos, eu estava disposta a viver aquela aventura louca com ele e descobrir todos os prazeres intensos, alguns enraizados no meu interior. Ele não estava me prometendo amor, mas uma vida repleta de luxuria e paixão.

Capítulo 11

Millie Evans

— Não há problema algum, somente estou indisposta. — respondi pela terceira vez a pergunta do meu pai sobre minha ausência na galeria naquela semana.

— O Adam tem alguma coisa a ver com isso? — ele quis saber, ainda me olhando desconfiado.

Dei uma risada cansada, era inacreditável a sua insistência.

— Não pai. — respondi, encarando-o. Ele estava usando roupas casuais, o que era raro. — O que acontece é que estou no meu período menstrual, e nesses dias eu fico muito suscetível a tensões e dores; por isso eu prefiro me isolar e evitar pequenos confrontos desnecessários. — respondi e quase ri da expressão dele... mas aquela mentira foi necessária para que ele me deixasse em paz.

— Hm. — resmungou sem jeito. — Então descanse. — falou por fim.

— Obrigada pai. — murmurei sorrindo levemente. Encolhi as pernas no sofá e me ajeitei para continuar a minha leitura, mas o senhor Joseph definitivamente tirou aquele momento para me enxergar.

— Tem certeza de que você e o Adam não... — ele parou de falar e o olhei. Não demorou para que eu entendesse o seu ponto.

— Ele é somente um amigo, nada mais.

Ele pareceu visivelmente aliviado e satisfeito com minha resposta.

— Ótimo. — falou. — Eu penso que seria melhor você se concentrar em outras coisas agora, minha filha, e deixar as relações amorosas para depois. — sua voz se tornou cautelosa. — Aproveite, por exemplo, a companhia do Nathan...

— Do Nathan? — indaguei, sentindo um leve formigamento ao pronunciar seu nome. Uma avalanche de sensações tomou o meu corpo.

— Ele é da minha extrema confiança, Millie, e tenho certeza de que poderá te auxiliar em tudo o que você precisar. — respondeu, me deixando perplexa. Aquilo vindo do meu pai era surpreendente. — A minha tranquilidade virá de saber que você estará segura, minha filha; e com o Nathan eu sei que você vai estar.

Fiquei o encarando e imaginando o que ele diria se soubesse de tudo o que eu e o seu "queridinho" fizemos, ou pior, tudo o que ele me propôs.

— Eu vou pensar nisso, pai. — falei e forcei uma tossida. — Ele até me convidou para sair com ele amanhã, mas ainda não confirmei. — fingi indiferença.

— Se quiser ir. — murmurou. — Melhor do que ficar presa dentro dessa casa... você não tem amigas. — ele comentou, e eu quase gritei: "Porque você não me permitiu, droga! Me jogou naquele internato".

— Está certo. — respondi e evitei olhá-lo. De repente me senti mal com a presença dele, pois as mágoas escondidas estavam lutando para transbordar. — Vou subir ao meu quarto.

— Tudo bem. — murmurou. — Estarei no escritório.

Apenas sacudi a cabeça antes de passar por ele e seguir na direção do meu quarto. Fechei a porta e deitei-me na cama, me ajeitando nos travesseiros.

As lembranças da forma como Nathan explodia em excitação equiparava-se a minha. A forma como nossos corpos se encaixavam perfeitamente me fazia suspirar e quase gritar, sentindo os tremores percorrer todos os meus membros.

Desde o restaurante não havíamos mais conversado, e os pequenos encontros aconteceram somente quando ele estava com o meu pai, mas ele praticamente me ignorou em todos eles, o que me deixou furiosa. Aquilo não era novidade, pois ele já havia deixado claro que nosso relacionamento só existiria dentro de quatro paredes... mas era impossível evitar de me encolher com a enorme frustração que aquela situação se tornava, por mais que me esforçasse em me manter indiferente. A verdade era a de que, eu sempre fui sensível e tátil, e no meu íntimo eu ansiava por me sentir amada.

Obrigando-me a ignorar aquele desejo, passei os olhos pelo quarto e os direcionei à penteadeira, onde o meu telefone estava tocando.

Subitamente me levantei e caminhei na intenção de atender quem quer que fosse.

— Millie.— atendi com desconfiança por não ter reconhecido o número.

— Boa noite minha criança.

Aquela voz.

— Boa noite. — Não consegui evitar a elevação dos batimentos cardíacos. Nathan tinha aquele efeito sobre mim. — A que devo a honra da sua ligação? — perguntei inflexível.

— Ao simples fato de que não penso em outra coisa, senão na vontade incessante de devorá-la. — Abafei um gemido, tentando não pensar no prazer que ele me fazia sentir. — O que me acalma é saber que amanhã você estará novamente em minhas mãos... ao meu alcance.— o seu tom de voz saiu quase em um murmúrio sombrio, arrepiando-me.

— Nathan, eu não...

— Você não acha que eu aceitarei sua recusa, não é, Millie? — O timbre grave que ele usou fez com que cada milímetro da minha pele ganhasse vida. — Pensei que já havíamos chegado a um acordo.

Eu estava estressada demais diante daquela pressão. De um lado o meu pai, e do outro o Nathan, que mais parecia um deus do sexo pronto para me devorar viva.

— Sim, nós chegamos. — falei em tom baixo. — Eu só estou...

— Com medo?— cortou-me.

— Sim. — soei derrotada. No fundo eu não tinha coragem de expor os meus verdadeiros receios a ele.

— Quer conversar sobre isso?— Nathan perguntou em um tom perturbadoramente rouco.

Caminhei até a sacada do quarto, com o corpo completamente tenso.

— Eu prefiro...

— Estou indo para aí. — ele falou, me interrompendo, mas não tive tempo de revidar, pois ele havia encerrado a ligação.

Fiquei olhando para o visor por alguns minutos. Aquele homem era assustadoramente confuso. Suspirei e me curvei sobre o parapeito, e uma brisa fresca ajudou-me a aliviar a mente inquieta.

Um tempo depois e de banho tomado resolvi retornar a sacada para tomar um pouco de ar. Observei a noite estrelada e admirei o brilho do luar. O ar frio da noite fez a minha pele se arrepiar e meus mamilos se enrijecerem por sobre o robe.

Estava tão distraída em meus pensamentos que não notei uma presença masculina saindo das sombras. Meu pulso acelerou em reconhecimento excitado, ao mesmo tempo em que pulei de susto. Encolhi-me e me apoiei na balaustrada. O conhecido perfume dele me dominou, pungente e masculino. A obscuridade da noite jogava sombras ameaçadoras nos ângulos do seu rosto e transformava seus cílios curtos em lâminas afiadas sobre olhos turbulentos. Meus olhos famintos percorreram o corpo dele pela primeira vez no que pareciam semanas, e não apenas três dias. Não perdi um detalhe do seu terno cor de grafite, super elegante, e de sua austera gravata preta.

E ali estavam seus olhos, as íris esverdeadas tempestuosas que pareciam repreender-me enquanto se prendiam às minhas sem hesitar.

— O que você está fazendo aqui? — não consegui controlar o tom esganiçado da minha voz. — Como entrou em meu quarto?

— Eu precisava vê-la. — ele falou com sua voz grave e maravilhosa. Minha pele se arrepiou automaticamente em um tremor prazeroso de reconhecimento. — Você me deixou irritado, Millie. Aliás, muito... muito irritado. — Sua entonação não deixou dúvidas sobre o aviso implacável, e senti meu coração tremer com a potente masculinidade dele nublando tudo à nossa volta.

— Oh, por favor! Você não é tão inseguro. Garanto que a minha ausência ao nosso encontro de amanhã não iria interferir em sua vida. As práticas do nosso relacionamento não são tão importantes assim quanto parecem. — murmurei em ironia.

— Não aceito ouvir você falar desse jeito. Nossa relação é pouco convencional, confesso... mas ainda assim eu a quero. Eu quero você.

— Quer dizer que você...

— Não. — interrompeu ele, chegando tão perto que recuei até pressionar o corpo junto ao corrimão às minhas costas.

— Não o quê?

— Não estou acostumado com a mistura de sentimentos, e não quero e não irei prometer nada além de prazer físico a você. É somente isso que eu posso lhe oferecer Millie, mas certamente não deixarei lacunas...

Suas narinas tremeram quando ele baixou o olhar, queimando o que via a sua frente. Sua mão se ergueu para puxar levemente o cinto do meu robe, mas a princípio resisti.

Algo brilhou nos olhos dele.

— Nathan...

Meu protesto soou mais como um sussurro sedutor.

— Não tente me impedir. — rosnou, e com deliberada lentidão abriu meu robe, encontrando-me nua por baixo.

Ele praguejou antes de murmurar

— Deliciosa...

Uma onda de calor se seguiu, provocada pela fome e admiração que havia no longo estudo dos seus olhos ao meu corpo nu.

— Nathan... — suspirei novamente, desta vez como um apelo desamparado.

Ele gemeu e se aproximou. Suas mãos quentes procuraram a minha cintura e massagearam as costas, puxando-me até que meu corpo se colasse ao dele ainda vestido.

Deixei minha cabeça tombar para frente e colei minha boca na dele, gemendo com o quão errado aquilo era, mas... Ah Deus, eu o queria tanto!

Larguei as mãos em seus ombros enquanto as suas mergulharam na curva abaixo de minhas costas, segurando meu bumbum e pressionando

minha pélvis dolorida em um contato firme com o ápice da sua ereção.

Recusei-me a debater mentalmente ou entrar em conflito sobre aquele desejo, se ele seria a minha ruína ou não. Tudo o que eu sentia por aquele homem me enfraquecia de maneira sobrenatural.

Nathan enfiou sua língua em minha boca, em uma afirmação ousada do seu domínio, e virou o meu rosto a fim de me castigar com aquele beijo devastador. Eu o puxei em um desespero silencioso, amando o modo como suas mãos inquietas percorriam meu corpo, apertando meus seios, e ao mesmo tempo massageando-os. Ele lambeu os meus lábios e ergueu a cabeça.

— Eu quero fodê-la. — disse roucamente. — Você quer dar para mim, Millie?

Momentaneamente o encarei. Tudo o que eu mais queria era voltar a senti-lo dentro de mim naquele momento. Mas eu seria capaz de separar o coração das sensações físicas? Conseguiria me sentir livre do domínio daquele homem?

Capítulo 12

Millie Evans

Eu estava perplexa. Queria falar alguma coisa, mas não encontrava palavras. Simplesmente minha voz sumiu. Ele estava querendo transar aqui?

— O segredo é não pensar, Millie.

— Isso é meio difícil para mim, Nathan, praticamente passei a vida toda fazendo somente isso. — falei só para contrariá-lo. — É isso o que eu faço de melhor... pensar.

Ele segurou meu queixo forçando-me a encará-lo. Senti meu cabelo se arrepiar com o toque. A proximidade dos nossos corpos e o jeito como ele olhava para a minha boca estava me deixando sem fôlego.

— Então se deixe desabrochar para algo novo. — soprou em meus lábios. — E melhor, me deixe mostrar a você.

Mordi os lábios e passei por ele, mas seu braço me segurou.

— Não me faça agarrar você, Millie.

— Tenho a impressão de que você acabou de fazer isso. — murmurei e o ouvi gargalhar enquanto rumei em direção à porta do quarto. Meu coração estava aos pulos quando a tranquei na chave.

Virei-me e o encontrei parado perto da cama. Ele desabotoou o paletó e o jogou sobre a poltrona.

— Preocupada?

— Não é como se eu trouxesse um homem para o meu quarto com frequência. — zombei constrangida pelo seu olhar.

— O seu pai estava no escritório quando eu subi ao seu quarto. — falou, prevendo o meu maior receio. — E tenho certeza que ele só sairá de lá pela manhã.

— Porque você faz tanta questão de estar comigo? Há outras mulheres.

— Não penso em me relacionar com outras mulheres, só com você.

Meu coração falhou e senti meus joelhos fraquejarem. Com poucos passos ele se aconchegou a mim e circulou a minha cintura. Quando me beijou, a paixão era enorme. Se eu quisesse ser levada, o maremoto de desejo estava ali, apertando-me contra ele, me levando até a cama.

Acariciei seus cabelos macios, brincando com os fios em meus dedos. Ele cheirava a loção pós barba misturada ao seu próprio cheiro.

Fazendo-me ficar de joelhos na cama, Nathan retirou delicadamente o meu robe, passeando os dedos por minha pele no processo. Empurrando-me pelo ombro, ele me fez deitar novamente, e minha respiração se tornou pesada.

A camisa que ele vestia era um obstáculo para mim, e me vi restringida por botões e gravata, além da sua recusa em se deitar sobre mim.

— Eu quero senti-lo. — reclamei, passando os dedos por sua cintura, para soltar a camisa, amassando o fino tecido da seda.

Seus olhos brilharam arrogantes, e seus movimentos foram urgentes quando tirou a roupa. Assim que me vi livre daquele obstáculo, acariciei os músculos rijos do seu peito, arranhando-o de leve, enquanto acariciava seu abdômen definido.

— Você é tão sexy. — suspirei. Nathan tinha o físico de modelo. Sua sexualidade máscula me enfraquecia. Sentia-me feliz por estar ali com ele, embora em uma parte distante minha soasse um alarme.

— Você é como uma deusa. Não consigo pensar em mais nada além de possuí-la. — murmurou, olhando ávido para meus seios.

— Nathan...

O constrangimento me tentou a cobrir-me com os braços, mas o desejo indisfarçável daquele homem era uma arma de sedução. No fundo eu queria agradá-lo, e se a visão dos meus seios o agradava, certamente eu lhe proporcionaria aquilo.

Ele os apertou com as mãos espalmadas, enchendo-os de beijos, reverenciando-os.

— Tão lindos e fartos. — Seus dedos apertaram com força os mamilos, fazendo-me morder os lábios para abafar o gemido escandaloso.

Ele riu com um prazer primitivo e acariciou com um dedo a parte mais íntima do meu corpo, que estava quente e pulsante. Contorci-me, extremamente excitada ao perceber-me completamente sem roupa diante de um homem seminu.

Abri a boca para falar, mas ele me mandou ficar quieta com um comando silencioso.

Nathan concentrou-se enquanto segurava o meu quadril e com a outra mão acariciava a minha barriga. Ele se inclinou e beijou ali, circulando o meu umbigo com a língua. Um prazer surpreendente me dominou. Em seguida, passou a soprar de leve o centro do meu corpo. Senti minhas coxas se abrirem, e Nathan se acomodou entre elas.

Fechei os olhos, sentindo seus dedos me acariciarem gentilmente.

— Me fale o que você quer. — pediu, mordendo o meu clitóris de leve. — Eu preciso ouvir, sentir...

Aquele era o tipo de coisa que não me deixava relaxada... pelo contrário, eu ficava mortificada.

Cobri o rosto com as mãos e permaneci em silêncio. De repente Nathan me cobriu com seu corpo enorme e delicadamente descobriu meu rosto.

— Não há porquê você ter vergonha de mim. — falou tocando meus lábios. — Dentro de quatro paredes nós somos um do outro, e sendo assim, temos total liberdade para explorar, extravasar, gritar, gemer... e isso não é algo ruim. Você não gosta de ouvir minhas sacanagens?

— Gosto. — respondi, sentindo minhas bochechas queimarem.

Ele riu e sugou meus lábios.

— Diga para mim o que você sente. — pediu, me arrepiando com sua rouquidão. — Mas diga enquanto eu chupo a sua boceta deliciosa. — resfoleguei na mesma hora. Tudo com ele era sensação pura.

Senti seu dedo me penetrar com força e ao mesmo tempo em que o retirou, colocou dois, acariciando-me com sua língua.

— A cada carícia sua, eu me perco. Eu me vejo sendo inundada de desejo... é pura tortura, mas é maravilhoso... insano, devasso. — Parei de falar, completamente dominada pelos murmúrios incoerentes que escapavam de meus lábios. — Eu não vou aguentar mais. — gritei, puxando os seus cabelos.

Ele recuou, ficando de joelhos depois daquele meu grunhido quase primitivo, fazendo-me lamentar a perda, mesmo sabendo que a provoquei.

Então Nathan tirou a calça, libertando-se; colocou a camisinha rapidamente e se deitou sobre mim. E eu como por instinto, circulei seus quadris com minhas pernas e o apertei. Segurando meu rosto, ele me beijou com força.

Acomodando-se, ele guiou seu membro e em um mergulho delicioso, o senti me preencher por completo. Por alguns segundos eu era como uma bolha de sabão, apenas flutuando ao redor dele. Nossas bocas se uniram, e meu coração tremia ao tentar acompanhar as batidas do dele.

Nathan recuou, deixando-me vazia, mas logo voltou a me preencher, proporcionando um prazer incrível a cada nova estocada. O prazer aumentava, e o clímax se aproximava para ambos. Eu lutava para prolongá-lo, e aprofundar-me até que não pudesse ser desfeito. Nathan parecia se sentir assim também, perdido no desejo e na ânsia da própria satisfação.

— Não me canso de você. — admitiu ele em um sussurro quente em meu ouvido. — Penso nisso o tempo todo, em lhe dar prazer, sentindo você se derreter por mim.

Arqueei as costas sentindo o paraíso acenar para mim quando o orgasmo me alcançou, deixando-me prestes a explodir. Instantes depois Nathan se enrijeceu, emitindo um rugido gutural. Nossas respirações pareciam presas. Ele me pegou e me apertou, pulsando dentro de mim, fazendo pequenos arrepios percorrerem meu corpo sensível.

— Você é minha... minha. — murmurou com possessividade. — Esse lugar é só meu.

Naquele momento eu não tinha controle dos meus pensamentos, eu só conseguia sentir. E definitivamente eu estava no céu.

Ж

O sexo com o Nathan já provou que, sem dúvidas, era intenso, mas o ato da noite anterior me deixou à beira de um desfalecimento. Meu coração parecia estar sob estresse. Sobrecarregado.

Sentada na beira da cama, imaginei em que momento da noite ele havia me deixado. Lutei para empurrar a onda de decepção por não o encontrar ao meu lado logo pela manhã. O quão bom seria acordar ao lado dele?

E o que você diria ao seu pai? — indagou o meu subconsciente.

Suspirando, me levantei e segui em direção ao banheiro. Sentia minhas pernas fracas, pois o torpor do orgasmo maravilhoso ainda irradiava em minha pele. Por incrível que pareça, tudo o que minha libido conseguia pensar era em querer mais.

E era nesse tipo de dependência que eu temia e fazia-me querer recuar, e talvez assim como meu pai aconselhou, me focar em trabalho ou em algo que me deixe satisfeita. Com certeza, eu deveria me afastar da presença do Nathan até recuperar o meu equilíbrio.

Alguns minutos depois e de banho tomado, me juntei ao meu pai no café da manhã e tive uma enorme surpresa.

— Bom dia. — saudei, embora meu tom tenha saído fraco.

— Bom dia, querida. — meu pai respondeu sem levantar o olhar do seu jornal. — Nathan veio para levá-la a um passeio que vocês tinham combinado.

— É um enorme prazer em vê-la, Millie. — estremeci internamente quando ele pronunciou a palavra prazer.

Como eu irei conseguir equilíbrio com ele tão perto, me encobrindo com essa aura de luxúria e sedução?

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 13

Millie Evans

— Seja bem-vinda. — Nathan anunciou assim que o carro ultrapassou os portões, seguindo pela longa trilha cercada por jardins.

— Sim. — respondi com certa hesitação. Focalizei os olhos na enorme casa a nossa frente. As paredes de tijolos pareciam brilhar no sol, e o jardim era fascinante. As rosas desabrochavam, e o exuberante tom verde fazia o gramado parecer um tapete. Virei a cabeça com rapidez, concentrando o meu olhar no Nathan.

— Essa casa é sua? — perguntei, não escondendo o espanto.

— Sim. — Nathan respondeu em um tom suave, porém neutro. — Esta propriedade faz parte de uma herança de família, mas quase não venho aqui. A distância dificulta as visitas.

— Você nunca me falou sobre a sua família. — Meu rosto se transformou com uma expressão pensativa.

— Não há o que falar. — seu tom era gélido.

Engoli em seco. Era óbvio que ele não tinha interesse de compartilhar algo comigo além da cama.

— Não vejo nenhum problema em ser amistoso. — murmurei. — Isso tornaria as coisas mais fáceis.

O jardineiro veio nos cumprimentar assim que Nathan estacionou o carro. Já dentro de casa, a governanta veio nos receber. Observei com atenção a decoração eclética do lugar enquanto o Nathan ditava algumas ordens à mulher. Havíamos saído da casa do meu pai logo após o café da manhã, e quase não acreditei quando ele fretou um jatinho para Long Island. Nathan parecia ter o prazer de me surpreender.

— Me perdoe, fui extremamente grosseiro com você. — ele disse suavemente quando ficamos a sós.

Virei para ele e vi sua expressão de arrependimento.

— Você me pegou desprevenida, Nathan, mas compreendo se não se sentir à vontade para compartilhar comigo sobre sua família. — murmurei desejando que ele não percebesse o tom de mágoa em minha voz. — Mesmo porque, o nosso acordo não inclui carga emocional e lembranças. — Não resisti em ser sarcástica.

— Você está certa. — falou, ignorando o meu tom sarcástico e fixando-se aqueles olhos em mim. Brilhantes, verdes e turbulentos. — O objetivo aqui é outro. — Com esforço, enfrentei o seu olhar.

— Claro.

— Venha, vou te mostrar a casa. — Resoluta, o segui em direção às escadas. Havia cinco quartos no andar de cima. — Mais tarde eu lhe apresentarei a alguns amigos meus. — comentou enquanto me levava a um quarto, cuja porta estava aberta.

A mobília era contemporânea, e meus olhos admiraram a sensualidade e o calor que as cores vivas traziam a decoração.

— A reunião será aqui? Eu nem ao menos vim prevenida com roupas, Nathan. — reclamei. — Um pouco de comunicação seria bom de vez em quando.

— Por mim, você nem colocaria roupas. — murmurou com um sorriso zombador nos lábios.

— Você é realmente inacreditável. — falei sem acreditar no quanto ele me provocava agindo daquela forma.

Em um segundo Nathan havia diminuído a distância entre nós, e não consegui me mover quando ele me segurou pelos ombros. O rosto másculo dele estava tão perto do meu que consegui sentir a respiração quente.

— Eu apenas sou sincero. — observou com voz rouca. Seus lábios estavam perigosamente perto dos meus. — Todas as vezes que te vejo na casa do seu pai, sinto um desejo selvagem de beijá-la... e admito que nada de bom passa na minha mente...

— E o que seria? — sussurrei.

— Roubá-la para mim e prendê-la.

— Prender-me?

Uma mão soltou o meu ombro, mas passou a segurar o meu rosto.

— Deixá-la inteiramente ao meu dispor, sem obstáculos ou interrupções. — respondeu, chegando ainda mais perto.

— Você está ciente de que isso é completamente insano e doentio?

Seus olhos se tornaram nublados.

— Então eu devo castigá-la por estar me enlouquecendo. — falou.

O que ele queria dizer com aquilo? Estava prestes a perguntar, mas naquele instante ele começou a me beijar.

Os beijos foram suaves e intensos ao mesmo tempo. Havia a urgência, porém, havia uma qualidade extra. Uma intensidade pouco familiar, como se ele estivesse tentando me castigar por algo.

Ora, aquela idéia era ridícula!

Agoniada por recuperar o fôlego e meu equilíbrio, eu estava pronta para empurrá-lo para longe quando senti sua língua ávida penetrando em minha boca. Instantes depois, me vi correspondendo com a mesma fome e abandono de sempre. Naquele momento tudo o que existia era o Nathan e seu corpo másculo junto ao meu.

— Eu quero devorá-la. — A voz dele era rouca e grave. Seus dedos embrenharam-se em meus cabelos, forçando o meu rosto para o lado. Derreti-me quando sua língua tocou a pele do meu pescoço. — Mas penso que devo alimentá-la primeiro. — Seu olhar zombeteiro encontrou o meu.

Contive a respiração.

— Agradeço a consideração, senhor Nathan.

— O sarcasmo não lhe cai bem, Millie. — revidou com um tom perigoso. — Ambos sabemos que estamos loucos um pelo outro.

— De qualquer forma, não podemos manter um relacionamento baseado somente em sexo, Nathan. — comentei e me afastei um pouco. — Admito o quão atordoada eu fico com um simples toque seu, mas isso não

pode ser tudo, entende? — havia recuperado a compostura, então me forcei a encará-lo.

— Será que percebi uma nota de amargura? —

Soltei um suspiro.

— Podemos descer? — retruquei sem respondê-lo. — Não estou interessada em ouvir suas conhecidas explicações sobre não se relacionar da forma convencional. — Minha voz estava cheia de desilusão.

— As coisas nem sempre são o que parecem, Millie.

— Concordo, mas isso não se aplica ao nosso caso. Você mesmo já deixou claro que não curte romances, certo?

— Exatamente. — confirmou. — Mas garanto a você que jamais irei magoá-la ou humilhá-la.

Encarei-o com suspeita.

— Isso é uma promessa?

— Digamos que é a melhor resposta que posso lhe dar. — O sorriso dele foi enfurecedor.

Não era a resposta que eu queria. Mas percebi que era tudo o conseguiria dele por hora.

Ж

Eu havia acabado de sair do banheiro da suíte quando ouvi um assobio de admiração. Não contive o riso.

— Você ficou maravilhosa neste vestido.

— Que exagero...

— Sério! Vai deixar todos os homens da sala malucos.

Desde que eu conheci o Nathan, muito de mim se transformou. E algo que passou a ser frequente era o cuidado com minha aparência.

Os cabelos, que normalmente ficavam presos em um coque comportado, agora estavam soltos sobre os ombros, e eu usava um pouco mais de maquiagem do que o habitual. E para completar, eu usava um vestido longo de seda vermelho, com uma longa abertura em uma das pernas. Nathan havia o comprado para mim.

No transcorrer daquele dia cheguei à conclusão de que precisaria de toda a autoconfiança que pudesse reunir. Alguns amigos de Nathan estariam na pequena reunião, pessoas que nunca vi na vida. No fundo eu não sabia se causaria apenas curiosidade. O fato era que eu precisava parecer impecável para suportar qualquer infortúnio.

Já ao pé da escada, respirei fundo. Nathan segurou minha mão.

— Você está ótima. — disse com suavidade. — Todos ficaram felizes em lhe conhecer.

— Nathan... — comecei com incerteza, nunca fui boa em fazer novas amizades.

— Relaxe, minha criança. — sussurrou me arrepiando. — Tudo sairá bem. Aposto que vai gostar, apenas se dê uma chance.

Mesmo duvidando daquilo, eu demonstrei uma confiança que estava longe de sentir.

Ж

— Millie... que prazer em conhecê-la. — Uma morena de beleza exótica me cumprimentou, tomando-me pela mão e levando-nos ao suntuoso living da casa. — Nathan fez muitos comentários sobre você.

— Bastante espirituosos, eu imagino. — comentei, fazendo-a sorrir.

— Você o conhece bem. — ela disse e corei levemente. — Nathan nunca reuniu os amigos para apresentar qualquer mulher que fosse. Você deve ser muito especial para ele.

— Ora, será que estão falando de mim? — Uma voz familiar interpôs-se na conversa, o que me distraiu das recentes palavras que agitaram o meu

coração.

Virando-me, encontrei o Nathan. Ele estava acompanhado de um homem com uma exuberância elegante.

— Apenas conhecendo a sua pequena. E tenho que admitir que está de parabéns! Pegou todos de surpresa, até mesmo Paolo.

— Não foi bem assim, Lauren. Eu disse que se fosse um simples caso ninguém saberia. Pelo tempo que conheço Nathan, sei o quanto ele é discreto.

Fiquei ligeiramente constrangida, até sentir o toque possessivo de Nathan em minha cintura.

— A descrição é algo que eu aprecio muito, Paolo. — Acrescentou e me olhou, me desconcertando. — Assim como uma boa companhia. — Seu olhar não me deixou e não resisti a vontade de sorrir diante de suas palavras.

— Isso é verdade. — disse o italiano. — Confesso que compartilho da mesma sorte...

Voltei os olhos para ele e o vi se aconchegar no corpo de Lauren e lhe beijar os lábios com fervor.

— Mas...

— Eles são casados. — Nathan sussurrou em meu ouvido, respondendo a minha confusão. — Nora era namorada do Stan, que agora tem um caso com a Samantha. — continuou, me explicando sobre os outros convidados com os quais eu já havia tido pequenos diálogos.

— Não acredito! Mas a Nora não está com o...

— Ex da Samantha. — emendou, sorrindo divertido. — Foi uma troca que os deixou felizes. — murmurou, direcionando o olhar aos dois casais. — Como eu disse, o que vale é o prazer da companhia, Millie.

Sorrindo, brinquei com o nó da sua gravata.

— Romantismo não condiz com suas atitudes, Nathan. — comentei com ironia. — O que está querendo?

Ele gargalhou alto, e logo em seguida se aconchegou um pouco mais ao meu corpo. Precisei de apenas alguns segundos para obter minha resposta

sem ele ao menos responder. Sua expressão divertida tinha se dispersado, e ele me olhava como se quisesse me comer viva. Um sorriso de nervoso surgiu em meus lábios enquanto sentia a tensão percorrer o meu corpo.

— Nathan, não podemos... espere para mais tarde. — soprei, ruborizada com as caricias obscenas que ele estava disposto a fazer. — Estamos recebendo seus amigos...

— Nossos amigos. — corrigiu-me, e de algum modo tolo, meu coração se aqueceu com aquele pequeno detalhe. Ele estava compartilhando algo comigo, afinal. — E se você reparar, eles estão um pouco ocupados. — murmurou contra o meu ouvido, enquanto seus dedos fazendo pequenos círculos em meus ombros.

Relutantemente desviei os olhos dele, e quase engasguei ao enxergar a névoa de luxúria ao nosso redor. Paolo estava sobre a Lauren no sofá, e as mãos dele encontravam-se a acariciando intimamente. Um pouco mais adiante, Nora estava sentada com as pernas ao redor dos quadris do Max, e o mesmo a bolinava com selvageria causando-me um tremor involuntário quando percebi o quanto Nora parecia estar excitada.

— Deus, isso é...

— Errado? — Nathan interrompeu-me. — Ou excitante? — Sua carícia subiu até a lateral da minha coxa exposta. Quando beijou o meu pescoço, soltei um gemido de prazer. — Lembre-se, o prazer acontece no momento em que você se permite sentir... sem medo ou repreensões.

— Você gostaria de fazer sexo comigo aqui? Agora?

— A pergunta não é essa. — Sua mão movia-se insistentemente indo até o topo da minha perna. — O que você quer?

Avistei Samantha sendo possuída por Stan na parede ao lado da sacada, e os gemidos de ambos ecoaram aos meus ouvidos. De repente senti minha calcinha umedecer com a excitação que aquela situação inusitada estava me causando.

— Acredito que estou prestes a embaralhar a minha cabeça. — falei, inclinando-me para beijá-lo. — Mas céus... eu quero isso.

Seus olhos me examinaram de maneira detalhada, fazendo-me quase

esquecer tudo o que havia dito. E quando finalmente falou, sua voz era suave, rouca e incrivelmente sedutora.

— Você está dizendo que não se opõe à idéia de ser vista cavalgando no meu pau? — Sua mão apertou a minha cintura.

— Nossa! Você tem o dom de me constranger e excitar ao mesmo tempo com esse seu jeito libidinoso de ser. — falei, quase resfolegando quando ele agarrou-me pelas nádegas. — Voltar a senti-lo dentro de mim é o que mais desejo, e não me importo com os outros... o meu interesse é somente você, Nathan.

Algo selvagem o invadiu. Seus olhos verdes faiscaram em minha direção, brilhantes e tempestuosos. Ali eu vi que não tinha mais volta, eu estava imensamente apaixonada por ele, e seria capaz de fazer tudo o que ele quisesse, apenas para agradá-lo.

Capítulo 14

Millie Evans

Nathan se afastou apenas para poder tirar a camisa. Nossos olhos permaneceram conectados. Toquei seu peito, incapaz de resistir a nossa proximidade. Seus músculos se contraíram em resposta.

— Vire-se. — ordenou ele.

Analisei seus olhos por algum instante, mas decidi obedecê-lo.

— Boa menina. — Sua voz soou surpreendentemente grave.

Prendi a respiração quando seus dedos desceram lentamente o zíper do meu vestido. A minha luta em controlar as reações do meu corpo a ele era em vão. Aquela mistura potente de desejo e expectativa crescia a todo o vapor dentro de mim. Os detalhes do dia ficaram difusos ao fundo, assim como a presença de outras pessoas ao nosso redor. Tudo se tornou secundário diante do presente e do homem dominador que estava a instantes de matar sua vontade sexual, e iria usar o meu corpo muito bem para isso.

Saltei para o lado quando o tecido deslizou por meu corpo, deixando-me somente com a calcinha de renda. Seu braço tocou o meu, e ele me virou novamente para ele. Seus olhos tinham tanto magnetismo, que eu sentia-me atraída como uma mariposa é pela luz. Ele estava parado em minha frente como uma estátua, uma peça de arte lindamente esculpida, fria e imóvel. Deslizei os dedos levemente pelo seu abdômen, escorregando-os até o cós da calça jeans, na altura dos quadris.

Audaciosamente desci a mão até o contorno duro da sua ereção e o toquei sobre o tecido desgastado da calça.

— Eu o quero. — Meus batimentos estavam acelerados. Eu conseguia sentir o ardor em minhas bochechas.

Sua mão segurou o meu pulso.

Olhei-o por sobre entre os cílios. Ele me soltou e colocou a mão em meu seio. Contornou a aréola com os dedos, o mero contato me esquentou. Bruscamente ele apertou-o e passou o polegar no mamilo. Eu me curvei na

direção dos movimentos circulares lentos à medida que uma centelha de desejo se instalava em minha barriga.

Gemi e ele beliscou com força. Puxei o ar entre os dentes, mas não o afastei. O lábio dele se curvou para cima, e um lampejo terrível de travessura passou por seus olhos.

— Tire a calcinha e se debruce naquele balcão.

Franzi o cenho e olhei na direção da sala de jantar e para o grande móvel de madeira fixado no canto esquerdo. Antes que eu pudesse discutir, ele bateu na minha bunda e me empurrou delicadamente naquela direção. Eu me movi rapidamente, e tirei a única peça que escondia a minha nudez. Fiquei olhando em dúvida para o balcão, e então apoiei as mãos na madeira texturizada e quente.

— Abaixe. — Seu tom era novamente de ordem.

Ele colocou as mãos em minhas clavículas e me empurrou mais para baixo. Deslizei as mãos à frente, expirando bruscamente quando meu corpo encontrou aquela superfície fria. A parte de cima das minhas coxas ficou pressionada com firmeza na beirada. A expectativa me deixava refém, me roubava toda a capacidade de enxergar sentido em qualquer coisa além de que Nathan assumia completamente o controle sobre mim e sobre meu corpo.

E eu dei isso a ele.

Assim que eu saí da minha rotina e me permiti mergulhar de cabeça naquela nossa relação, eu entrei em guerra com quase todos os meus instintos. Entreguei todo o controle ao homem que em pouco tempo fez-me descobrir o amor. Constatar aquilo, mesmo em pensamentos me atormentava demais.

Ele passou uma mão fria em minha bunda, deixando-me tensa com o simples toque. Mordi o lábio, me preparando para o que viria depois.

— Como se sente em estar completamente nua... exposta aos demais?

Lambi meus lábios secos, mas continuei em silencio. Eu estava gostando? Não tinha certeza. Tudo o que eu realmente sabia era que não queria que ele parasse. Eu não queria dizer nada que o impedisse de me dar o prazer que somente ele conseguia dar. Ele me mantinha em estado de bala,

um estado tão impotente que era quase insuportável. Admitir o quanto eu gostava daquilo ainda exigia certa dose coragem.

Assustei-me quando sua mão acertou minha bunda com tudo. Choraminguei com a dor aguda. Então a ardência se dissolveu, libertando um calor feroz pelo meu corpo.

— Estou esperando uma resposta.

— Estou pensando. – falei rapidamente. – O que vai fazer se por acaso eu não responder? — perguntei baixinho.

— É isso que você quer?— replicou. — Saiba que irei castigá-la.

—Castigar-me? — indaguei apreensiva, mas com uma centelha de excitação no fundo. - O que fará? — Tenho muitas idéias, minha criança. — sussurrou massageando minhas nádegas. — Mas no momento, você vai ganhar cinco palmadas. Você quer? Quer sentir o calor dos meus dedos em contraste com sua pele alva?Minha respiração travou por alguns instantes.

— Sim. — Surpreendi-me com a docilidade da minha resposta, considerando o quão longe estávamos indo naquela brincadeira.

Inclinando-se sobre mim, senti seus lábios trilharem beijos úmidos em minhas costas até chegar à minha orelha onde sussurrou:

— Quero que conte em tom alto, para que nossos amigos escutem o quanto você é uma menina levada e por isso precisa ser castigada. — Estremeci inteiramente e tive que me contrair devido à excitação assustadora que eu estava sentindo naquele momento. — Agora!

Sem demoras, ele bateu em minha bunda de novo, com força suficiente para ecoar pela sala.

— Um. — apressei-me em falar.

— Isso mesmo.

Ele deu mais uma.

— Dois.

Com cada palmada, incrivelmente eu ficava mais apertada e mais molhada, uma circunstância que estava difícil de compreender. Eu nunca

havia apanhado de alguém antes, nem ao menos dos meus pais, mas estar apanhando do Nathan naquele momento estava me deixando louca. Quando ele chegou ao limite que havia estabelecido, eu estava agarrada a mesa com as unhas, mais do que pronta para recebê-lo.

Suspirei e relaxei sobre a mesa. O alivio foi curto, já que Nathan enrolou os dedos em meus cabelos e me forçou a levantar.

— Levante.

Eu me endireitei e ele me virou. Ele abriu a boca para falar, porém a fechou novamente. Em seguida uniu o seu corpo no meu, e sua pele queimava sobre a minha. Ele colou os lábios nos meus em um beijo urgente. O aroma de uísque se misturou ao seu gosto. Abri os lábios, convidando-o, querendo o sabor dele em minha língua.

— Estou tão duro que chega a doer. Vou foder você fundo, tão fundo que fará você não esquecer que pertence a mim. — Aqueles olhos intensos queimaram nos meus mais uma vez.

Ele me ergueu e sentou-me sobre a mesa. As pontas dos seus dedos roçaram em meu clitóris latejante. Inspirei bruscamente e ergui os quadris para ir de encontro ao toque dele, mas ele se afastou tão rápido quanto havia chegado.

— Nathan!

Eu estava furiosa e desesperada.

— Você é gananciosa demais. — murmurou, se divertindo com o meu sofrimento. — Quer gozar?

— Por favor, Nathan... Quero suas mãos em mim.

No instante seguinte senti-me sendo esmagada contra ele e sufocada por um beijo ardente. Então ele me tocou. Cobrindo meu sexo com a mão, ele me segurou com firmeza.

— Isso é meu, você entendeu?

Eu o encarei, desorientada com o meu próprio desejo. Eu estava a segundos de gritar de tão crítica que estava a minha situação.

— Nathan... eu sou sua. Eu quero isso. Quero cada parte de você.

Minha garganta se fechou por razões diferentes agora. Desejo e um amor de esmagar a alma se espalhavam por mim.

Os olhos dele ficaram um pouco mais amenos com minha concessão. Em seguida ele me penetrou com dois dedos. Meu maxilar se abriu, soltando um fôlego de alivio. Ele girou dentro de mim, explorando minhas profundezas molhadas. Tremendo, contraí-me em torno dele, querendo mais. Ele movimentou os dedos delicadamente e massageou meu clitóris com o polegar em círculos rápidos.

Soltei um gritinho com a potência daquele movimento. Céus, aquele homem tinha o dom de me deixar dolorosamente ciente do poder que exalava sobre meu corpo. Eu me apoiei em seus ombros quando meus quadris subiram um pouquinho involuntariamente.

— Quer gozar assim? Você me quer inteiro aí? — Sua voz, soprada ao pé do meu ouvido, reverberou em meu interior.

— Quero os dois. respondi em um gemido desesperado.

Fui de encontro ao seu olhar sombrio. Suas pálpebras estavam semicerradas com o mesmo tipo de desejo que estava me tomando naquele momento.

Ele se curvou e tomou meus lábios rapidamente. Nossas bocas se apressaram uma sobre a outra, e as línguas se chupavam. O tempo todo o movimento dos seus dedos continuava, me fodendo incansavelmente. Um prazer ardente me tomou, como se o único sentido do mundo viesse dos locais em que nossos corpos se encontravam, do prazer que ele estava me concedendo.

— Nathan... — choraminguei, perdendo a noção da realidade. — Por favor, por favor...

— Goze! Quero sentir sua boceta esmagar meus dedos. — disse ele roucamente sobre minha boca, com seu toque íntimo se aprofundando.

Ofeguei por ar. Meus braços apertaram o seu pescoço. Cheguei ao limite com um gemido, cravei as unhas em suas costas enquanto o clímax me rasgava por dentro. Meus olhos estavam fechados, apreciando aquele momento perfeito quando ele saiu de mim.

Ainda me sentia em delírio quando ele me desceu gentilmente. Suas mãos seguraram meu rosto e sua boca se apossou da minha.

— Vamos para sala. — sussurrou.

Mal tive tempo de me recuperar quando ele segurou minha mão e levou-me em direção a sala. Lutei para manter a firmeza nas pernas enquanto era puxada por ele.

Um redemoinho de emoções me abateu imediatamente assim que chegamos naquele cômodo. Lauren e Paolo estavam transando sobre o tapete da sala, e por um segundo ele desviou os olhos e fixou-se em meu corpo nu. Completamente ruborizada, busquei o aconchego do Nathan. Suas mãos apertaram meus seios e uma delas desceu, encontrando o meu centro latejante e úmido. Meus braços permaneceram ao redor do seu pescoço enquanto era colocada suavemente sobre o sofá. Logo depois ele estava sobre mim. Sentia-me tão atordoada que nem ao menos percebi em que momento ele se despiu. Suspirei com o calor do seu corpo quente e nu ansiando pelo meu.

Olhei para o lado, e além da Lauren e do Paolo, avistei o Stan e a Samantha passando com seus olhos estavam sobre nós. Percebi o momento em que ela lambeu levemente os lábios ao olhar para o corpo do Nathan. Fiquei tensa diante daquilo, e um ciúme possessivo invadiu o meu ser.

Nathan engatou minhas pernas em torno da sua cintura, e com a cabeça grossa do seu pau na minha entrada, penetrou-me alguns centímetros.

— Relaxa — Seus olhos verdes estavam dilatados e se fixaram nos meus.

Fechei os olhos, esforçando-me para seguir suas palavras e me deixar levar.

— Você não está facilitando as coisas. — murmurei nervosa.

— Apenas se submeta a mim, Millie... chega de timidez. Permita-se desabrochar.

Eu estava zonza, não estava preparada para aquela intensidade toda. Nathan me esmagava com todas as suas perversões e seus problemas enlouquecedores de controle, mas ainda assim, eu o queria.

Os músculos do se tronco ficaram duros e tensionados quando ele enrolou o braço em minha cintura.

— Nathan. — lambi os lábios, agora secos pela minha respiração acelerada. — Me beije... por favor.

Nossos lábios se encontraram mais uma vez e ele investiu para dentro de mim, mergulhando sua língua ávida em minha boca ao mesmo tempo em que fazia aquilo. Meu sexo se contraiu ao redor dele, dilatando-se em volta do seu pau. Ele retrocedeu e investiu novamente, atingindo-me mais fundo. Ofeguei. O corpo dele era rijo em cima do meu, e tremia pelo esforço que fazia para se conter.

O calor queimava em seus olhos quando ele colocou a mão em minha nuca, apoiando o peso do corpo no cotovelo. Travei a ponta dos meus saltos em torno de sua cintura enquanto seu bíceps se flexionava em minha cintura. Então, ele me penetrou com força. Minha voz estava perdida em delírio.

— É exatamente assim que eu quero você. — A tensão do seu olhar e a determinação dominante deram lugar a algo diferente. — Eu a quero totalmente entregue ao meu comando.

Suas palavras haviam me despido inteiramente. Sentia-me uma propriedade dele. À mercê e ao comando dele.

Meu queixo caiu com um grito silencioso que encontrou sua voz enquanto ele metia em mim.

Forte. Rápido. Impiedoso e bruto.

O ritmo implacável me fez gozar de novo. Meu sexo voltou a se contrair e me agarrei aos seus quadris com minhas coxas. Um clímax se seguia ao outro, até que ele começou a gozar comigo. Ele pressionou os quadris nos meus, prendendo-nos ao sofá em uma corrida frenética pelo êxtase... Meu nome escapava em seus lábios.

O mundo ficou em silencio naquele instante perfeito. Ele precisava daquilo. Ele precisava de mim daquele jeito.

Ainda de olhos fechados, senti seus lábios roçando na pele sensível do meu pescoço. Ele contornou a curva da minha orelha com a língua, em uma tortura lenta e única.

— Deliciosa.

Minha pele se arrepiou toda. Abri os olhos e encontrei os seus me encarando com intensidade.

— Nathan... Samantha, eu e os rapazes vamos continuar lá no quarto. Se desejarem nos acompanhar... — ouvimos a voz da Nora. — Será um prazer tê-los conosco. — Senti a malicia escorrer em suas palavras.

Estremeci com a força animal que tomou os olhos dele. Enrijeci o corpo imediatamente, eminha mente gritou em alerta.

— Nem pensar, Nathan. — Em um instante senti minha pele gelar com aquela possibilidade pairando em minha mente. — Não ouse concordar com isso.

— Eu nem falei nada.

— Não, realmente. Você é esperto... a sedução é sua estratégia favorita não é mesmo? Olhe onde estou.

Percebi seus olhos nublarem.

— Não fale como se eu a tivesse obrigado. — Sua voz saiu severa. — Seja honesta e admita que quis fazer isso tanto quanto eu. Nós dois queríamos. Mas vou entender se não estiver preparada para algo mais intenso agora.

— Me solte! — pedi nervosa com aquela pressão extrema.

— Millie, está tudo bem! Eu entendo...

— Tire suas mãos de mim!

Levantei e peguei meu vestido no chão. Corada, com o cabelo despenteado, evitei olhar para os lados devido ao constrangimento que teria ao olhar Lauren e Paolo. Aquilo estava me causando um incômodo imenso. Rumei o caminho das escadas, mas Nathan me parou.

— Aonde vai?

— Vou subir e tomar um banho. — respondi, lutando contra a bagunça que estava a minha cabeça.

Nos encaramos por um momento e então eu me virei, mas ele voltou a

segurar o meu braço.

— Ainda não acabamos.

Furiosa com sua audácia, eu me livrei de seu aperto.

— Talvez você não tenha terminado, mas eu estou com dor de cabeça e vou para o quarto. — Quando ele estava zangado, seus olhos mais pareciam perolas negras. — Estou exposta demais aqui.

Juntei o vestido sobre meu corpo e virei-me, continuando o meu caminho em direção as escadas.

— Millie...

Hesitei por um momento, sentindo que estava prestes a encará-lo. Respirei fundo e comecei a subir os degraus. Para mim, aquela noite estava encerrada.

Capítulo 15

Millie Evans

Deitada sobre os lençóis, eu estiquei o corpo. Ouvi meu nome ser pronunciado tão suavemente, que por um momento pensei que estava delirando. Demorou alguns instantes antes que eu percebesse que não estava sonhando.

Ouvi passos se aproximarem da cama, e logo depois percebi um movimento ao meu lado. Uma onda de desejo me acometeu. No estágio intermediário entre o sono e o despertar, estava prestes a abraçá-lo. Mas então me lembrei do nosso desentendimento, e cheguei até a controlar a respiração. Com alguma sorte Nathan acreditaria que eu estaria dormindo, então iria embora. Mas eu deveria imaginar que as coisas com Nathan não acontecem tão facilmente. Em um segundo ele entrou rapidamente embaixo das cobertas.

— Eu sei que você ainda está acordada, Millie. — Estremeci com a sua proximidade, pois conseguia até sentir sua respiração.

Continuei em silencio, e de repente ouvi sua risada alta. Atônita e irritada não segurei a língua.

— Algo engraçado, Nathan?

— Você. A forma como está me evitando, como se ainda fosse uma adolescente virgem. Está aterrorizada. Quase nem reconheço a mulher quente e sensual que costuma ser quando estamos juntos.

Aquele era o problema. Na percepção dele, a nossa relação era baseada somente no ato sexual. Não vou negar e dizer que minha vida não havia se tornado mais excitante desde que o conhecera. Por outro lado, sentia-me sendo arrastada por um furação. Para onde ele estava me levando?

— Isso não vai funcionar. — murmurei ainda sem olhá-lo.

— Não vejo o porquê não funcionaria. Até o momento estamos nos dando muito bem. — Senti seu braço másculo enlaçar a minha cintura e ele rapidamente aconchegou o corpo no meu.

— Estou falando de hoje, do que fizemos...

— Você não gostou? Está arrependida? — Ele se aproximou ainda mais, anulando o pequeno espaço que nos separava. Nossos corpos se moldaram perfeitamente.

— Creio que esse não é o ponto, Nathan. — respondi com a voz falhando. — Eu gostei, mas... — Como vou dizer a ele sobre o ciúme doentio que me tomou ao imaginá-lo com outra? Ele seria capaz de transar com Samantha ou Nora?

— Mas?

— Esquece, bobagem minha. — respondi engolindo a seco aquele sentimento bobo. Nathan jamais compreenderia, pois ele sempre fazia questão de me lembrar que corria de relacionamentos afetivos. — Você ficou muito chateado comigo?

Seus lábios começaram a beijar-me com suavidade na nuca, percorrendo uma trilha erótica sobre minha pele.

— Quando você vai entender que jamais farei algo que não queira? Apesar de querer lapidá-la à minha maneira, vou saber respeitar os seus limites.

Virei-me encontrando seus olhos sedutores.

— O que aconteceria se eu tivesse ficado lá embaixo? Se tivesse aceitado o convite deles?

— Teríamos nos dado prazer. — respondeu com uma tranquilidade assustadora. — Mas como eu disse, jamais a obrigarei a fazer nada que não queira, entendeu?

— Tem certeza de que nunca irá me machucar? — Aquela pergunta escapou por meus lábios antes que pudesse controlar.

Ele ficou em silencio por um longo momento. Seu rosto, iluminado apenas pelo luar, parecia realmente atormentado.

— Eu nunca a magoarei. — disse afinal; mas seu tom grave vacilou, e seu olhar me abandonou.

Pegando-me de surpresa, ele subitamente se levantou, livrando-se do

abraço e afastando-se da cama.

Caminhando para a janela, ele admirou a paisagem com olhar perdido.

— Falei alguma coisa que não gostou? — perguntei angustiada com seu afastamento brusco.

Ele abaixou a cabeça e um suspiro escapou de seus lábios. Ele parecia dolorosamente perturbado.

— Não foi nada. — falou sem me encarar. — Agora descanse, pois está tarde e amanhã retornaremos.

— Amanhã? — Não fui capaz de esconder a frustração diante daquelas palavras.

— Sim. — confirmou. — Seu pai não está satisfeito com sua ausência repentina.

— Mas ele nem ao menos me ligou. — reclamei, pois no fundo torcia para que ele reconsiderasse e quisesse ficar um pouco mais.

— Porque ligou para mim. — cortou-me com emoção contida. — Além do mais, tenho compromissos de trabalho.

Uma onda de lágrimas encobriu meus olhos quando o vi caminhar em direção a porta.

— Você não irá dormir aqui? Comigo? — Minha voz soou fraca.

Ele tocou na maçaneta e parou.

— Estou sem sono agora. — respondeu com uma frieza que me cortou ao meio.

Lutei contra a vontade de pedir para que ele ficasse, que me abraçasse e me escondesse em seus braços fortes. Ao invés disso, o assisti sair e fechar a porta deixando-me sozinha com meus questionamentos e com a dor de um amor que nunca seria correspondido.

Ж

Afundei ao máximo na banheira. Mais alguns centímetros, e meu nariz ficaria submerso. Gemi em meio a água quente, deixando que as ondas de relaxamento me inundassem.

A verdade era que faziam poucas horas que Nathan havia me deixado em casa, e desde então eu estava me sentindo vazia, como se eu estivesse incompleta. Durante o nosso retorno Nathan praticamente me ignorou a viagem inteira, e preferiu dar atenção ao seu tablet a mim.

"— Apesar do pouco tempo, quero que saiba que gostei muito de ter estado com você. Ainda não acredito que estamos voltando quando os planos eram outros. O que realmente está acontecendo Nathan?

— Você pode usar a cabine, se quiser dormir mais. — falou sem sequer me olhar. — Infelizmente me ocuparei com alguns documentos."

Aquela lembrança ainda me deixava desconcertada. Lembro-me que a tensão que se instalou entre nós me deixou lívida e constrangida. Apesar da cafeína no meu sistema, eu acabei cochilando; e antes que eu percebesse, já estávamos em Londres.

Um suspiro escapou de meus lábios, e relutante saí da banheira. Liguei o chuveiro e deixei que a água escorresse por meu corpo, limpando o rastro de espuma de minha pele. Fechei os olhos, mas a imagem de Nathan me perseguia. Eu ansiava pela volta da nossa conexão... gostaria de tê-lo novamente como antes e erradicar aquele distanciamento que ele havia nos dado.

Arrasada e perdida pelo rumo que minha vida estava tomando, arrastei-me em direção a cama. No fundo algo dentro de mim gritava contra aquela dependência que eu havia permitido se enraizar em meu interior.

Senti meu coração afundar.

Não estava preparada para enfrentar aquilo. Dormi mal na noite anterior, pois minha mente traiçoeira ficou repassando cada detalhe que se sucedeu ao embate final, aterrorizada com a possibilidade de não ter mais as mãos dele sobre mim. Uma onda de lágrimas quase me sufocou. Um misto

confuso de frustração e medo do desconhecido me tomou. Não era assim que havia almejado o meu futuro; meus sonhos eram outros. Aninhei-me nos lençóis lutando para manter os olhos abertos, apesar de minhas pálpebras estarem pesadas do sono.

— Você é minha Millie... minha.

Adormeci com suas palavras rondando meus pensamentos.

Ж

Em alguns pontos, conviver com o Adam era bem fácil. Trabalhar ao lado dele na galeria estava sendo uma válvula de escape em meus dias tortuosos. Havíamos estabelecido uma espécie de comunicação que não prescindia palavras. Essa foi a base para o nosso novo relacionamento.

— Será que hoje terei a honra da sua companhia para tomar um café? — perguntou Adam ao se aproximar do pequeno escritório onde eu estava.

— Adam, sou obrigada a admitir que sua persistência é admirável. — comentei, fazendo-o sorrir.

Toda vez que ele ligava ou insinuava um pedido para sairmos juntos, eu recusava.

— Admita também que meu convite é inofensivo. — brincou, e foi a minha vez de sorrir.

— Está bem. — Voltei os olhos ao grande relógio na parede. — Quase seis horas...Meus planos eram outros, na verdade. — Comentei mordendo o cantinho interno das bochechas meio frustrada.

Adam colocou as mãos no bolso e se aproximou um pouco mais.

— O que está aprontando?

Gargalhei diante da sua postura desconfiada.

— Não me olhe como se eu fosse uma garota travessa, Adam. — ralhei, fingindo indignação. — Na verdade eu iria visitar alguns apartamentos para alugar. — expliquei. — Eu já venho alguns dias pesquisando por

lugares, mas somente hoje havia me decidido em colocar a mão na massa.

Guardei minhas coisas e deixei a mesa organizada antes de voltar meus olhos para ele. Seu olhar tinha algo diferente.

— O que foi? — perguntei constrangida.

— Nada. — Adam sorriu e ofereceu seu braço quando eu caminhei até ele.

Nós fomos conversando enquanto andávamos pela rua abafada. Adam sabia o caminho, e me coloquei em suas mãos enquanto caminhamos por ruelas silenciosas. Pessoas estavam sentadas nas calçadas em frente aos cafés e bares, com janelas e portas abertas para qualquer brisa.

— Aqui. — falou quando nos aproximamos de um pequeno prédio tradicional. — Chegamos.

O ambiente do lugar era despojado. Adam me levou a uma mesa alta no bar ao ar livre.

— Confesso que se você não tivesse entrado aqui, eu mesmo o convidaria a entrar. — falei sorrindo. — Os aromas são envolventes demais... sou viciada em café.

— Eu sei. — respondeu. — Você simplesmente não abandona a máquina do expresso na galeria.

Gargalhei alto.

— Enfim, você me tem nas mãos agora. — brinquei.

Seus olhos escureceram.

— Tenho? — Sua voz mudou.

Fiquei em silencio por algum momento.

— Somos amigos, Adam. Não esqueça.

— Sou louco por você, Millie! E sabe que quero mais do que amizade.

— Adam... não pode haver mais, já lhe disse isso.

— Não vou pressioná-la. — sua voz foi mudando novamente. — Tenho algo para lhe dizer, mas antes vou fazer nossos pedidos. O que vai

querer?

— Deixo pelo seu bom gosto. — murmurei, fazendo-o sorrir e se levantar.

Fiquei o olhando caminhar. Adam estava sendo essencial na minha vida, já que era um amigo que preenchia o vazio deixado pelo Nathan, pelo menos durante o período do dia. Mas eu teria que ser cuidadosa para não lhe dar nenhuma impressão errada, pois não era justo incentivá-lo naquela idéia absurda de um romance entre nós.

Baixei a cabeça por um instante, mas um barulho na porta me fez ergue-la novamente. Uma morena entrou desfilando em direção ao bar. Seus olhos me avistaram e rapidamente começou a caminhar até mim. Suas curvas chegavam a me dar inveja, e admirei a habilidade dela em parecer uma modelo de revista com aparentemente muito pouco esforço.

— Millie! Que surpresa boa em vê-la.

— Lauren. — Soltei em um suspiro.

Não evitei as bochechas coradas. Imediatamente minha mente me levou àquela noite inusitada.

— Então, o que tem feito? — ela quis saber enquanto se juntava a mim na mesa. — Infelizmente tivemos que partir naquela noite, e nem pude me despedir de você.

— De qualquer forma, Nathan resolveu voltar no outro dia. — comentei ressentida. — No momento estou trabalhando bastante na galeria do meu pai. — respondi.

— Não sabia que seu pai tinha uma galeria.

— Meu pai possui diversos investimentos. — revirei os olhos e ela sorriu.

— Paolo e eu adquirimos uma casa aqui perto. — comentou. — Seria maravilhoso receber você e o Nathan.

O sorriso morreu em meus lábios, enquanto meus batimentos se aceleraram.

— Bom, é que...

— Atrapalho? — A voz do Adam me interrompeu.

— Imagina Adam. — respondi com a voz nervosa, porém estava aliviada por ter sido interrompida no momento certo. Seria embaraçoso ter que explicar a ela sobre Nathan. Como explicar algo que nem eu mesmo entendo? — Essa é Lauren, uma amiga.

Eles se cumprimentaram. Lauren nos olhou com curiosidade quando Adam se sentou e me serviu.

— Preciso deixá-los agora. — ela se desculpou, levantando-se. — Paolo deve estar chegando em casa e vai me encher a paciência se não me encontrar lá. — Ela revirou os olhos e sorriu levemente.

— Sem problemas. Foi ótimo ver você.

— Você também.

Sorri e dei um abraço rápido nela. Ela começou a remexer em sua bolsa.

— Me ligue. — Entregou-me um cartão. — Para colocar o papo em dia.

Meneei a cabeça.

— Me parece perfeito, na verdade.

Os clientes a nossa volta a seguiram com o olhar conforme ela foi se afastando da nossa mesa. Sem dúvidas, a presença de Lauren marcava qualquer lugar por onde ela passava.

— Fico feliz que já tenha feito uma amiga. — Adam comentou, me encarando com ar curioso.

Sorri sem jeito e tomei um gole do meu *latte.*

— Sim. Ela é minha amiga, mas não somos super próximas. — As lembranças daquela noite ainda estavam pipocando em meus pensamentos.

— Há algo errado... posso notar em sua voz. O que é, Millie?

— Nada que eu queira falar a respeito. — falei um tanto ríspida. — Oh me desculpe. — Emendei ao ver sua expressão chateada. — Não tive a intenção de ter sido grosseira.

— Está certo. — Adam murmurou, bebericando sua bebida. — Enquanto fazia os nossos pedidos, algo me veio à mente, e sei como posso ajudá-la na sua busca por um apartamento.

Meus olhos brilharam.

— Sério? — Não escondi a euforia.

Adam gargalhou ao ver minha empolgação.

Meu telefone tocou, e quando o tirei da bolsa, quase engasguei ao ler o nome Nathan no visor. Quase vinte dias de um silencio perturbador, sem ao menos me dar o direito de saber o que tinha acontecido, e agora ele me liga sem mais e nem menos?

Desliguei o celular com uma raiva incontrolável.

— Algum problema?

— Nada que seja importante. — respondi. — Onde estávamos?

Ж

— Quem é o proprietário do prédio, Adam? — perguntei quando chegamos.

Havíamos caminhado mais algumas quadras, e eu estava bastante ansiosa.

— É de um empresário estrangeiro. — respondeu. — Mas o apartamento que vou te mostrar é de um amigo. Ele precisou se mudar às pressas e pediu que eu tomasse conta, mas tenho certeza de que não se importaria em alugar.

— Meu orçamento é curto, Adam. — comentei enquanto subíamos as escadas. — Não quero algo muito caro. — Olhei para ele, percebendo o seu silencio. — Eu mesma pretendo pagar meu aluguel, pois estou cansada de depender do meu pai para tudo. — expliquei assim que notei seu estranhamento.

— Tenho uma leve suspeita de que ele não sabe sobre seus planos.

— Na hora certa ele saberá. — falei com um friozinho na barriga.

Ele puxou a chave do bolso e destrancou a porta. Apesar das apreensões, minha expectativa cresceu.

Dei uma boa olhada em volta, vislumbrando as muitas possibilidades. Apesar do mofo e da necessidade urgente de uma limpeza, o lugar era promissor. Eu tinha estado tão ocupada fazendo coisas que eu era pressionada a fazer, que não tinha tido tempo para ficar animada com algo que eu realmente queria.

— Confesso a você que andei dando uma descuidada. Só precisamos dar uma limpada, e com algumas melhorias ficará um lugar bem descolado.

Caminhei até as largas janelas com vista para a rua. Uma onda de animação atravessou o meu corpo.

Virei para analisar a expressão de Adam.

— Acho que gostei, porém o preço terá que ser justo, considerando que o lugar está descuidado e eu pretendo consertá-lo.

Adam apertou os lábios.

— Você é uma boa negociante. — sorriu. — Consegue se imaginar aqui?

— Consigo.

— Ótimo. Conversarei com meu amigo e verei o melhor negócio para ambos.

Sorri com a fé renovada. No fim das contas, eu precisava ser independente. Nos últimos dias eu passei a analisar de perto a situação da minha vida e não posso mais aceitar aquilo. Eu mais do que precisava, eu necessitava tomar minhas próprias decisões. E começaria pelo meu pai.

Capítulo 16

Millie Evans

Ao chegar em casa segui direto para as escadas, notando o quanto o lugar parecia vazio e sem vida. Meus saltos ecoaram pelo chão de madeira antiga, e aquilo foi o suficiente para que meu pai percebesse minha presença.

— Millie? É você filha?

Apertei os dedos no corrimão e fechei os olhos suspirando levemente.

— Droga! — resmunguei baixinho. Definitivamente a minha mente e meu corpo não estavam preparados para enfrentar meu pai naquele momento.

— Millie? — novamente ele me chamou, mas agora em um tom mais alto.

— Estou aqui. — respondi a contra gosto.

— Venha aqui. — pediu naquele tom autoritário habitual.

Respirei profundamente antes de caminhar na direção da sala. Minhas pernas encontravam-se doloridas pelo tanto que havia caminhado com o Adam, mas tinha valido a pena.

Adentrei ao cômodo e o encontrei sentado elegantemente no sofá. Estava fumando um dos seus caríssimos charutos.

— Boa noite, pai. — saudei, me aproximando.

Os pelos de minha nuca se eriçaram. Meus braços responderam a caricia de olhos invisíveis. Virei-me na direção contrária do meu pai, de onde aquelas sensações pareciam vir.

Por um momento a tensão me sufocou, e meu coração disparou. Respirei fundo lutando para conter as emoções e não demonstrar o quanto estar novamente diante dele me afetara.

— Onde você estava até uma hora dessas? — meu pai perguntou, me fazendo olhá-lo. — O horário da galeria vai até as 18hs, ou mudou e eu não fiquei sabendo?

Ignorando completamente a presença do Nathan no sofá adjacente ao do meu pai, respondi de forma controlada.

— Eu saí para dar uma volta com o Adam.

— Por quê? Sabe que eu não gosto daquele rapaz com você. — falou rispidamente.

Apertei as mãos e pude sentir as palmas sendo marcadas por minhas unhas.

— Eu fui porque eu quis. — respondi em tom baixo. — O senhor me perdoe, pai, mas quem tem que gostar sou eu.

Ele arregalou os olhos e se endireitou no sofá.

— De onde veio esse atrevimento todo? — perguntou ele. — Você nunca disse tais coisas para mim.

— Claro que disse. Na minha cabeça, sim. Agora as coisas mudaram e eu posso falar tudo o que quiser em voz alta.

Vi ele comprimir os lábios em desgosto, mas virei em meus calcanhares, sentindo-me nervosa demais para continuar ali.

— O que mudou?

Parei perto da porta.

— Irei me mudar em breve, pai. — respondi. — Vou alugar um apartamento para mim.

Apressei os passos sem deixá-lo ter tempo para retrucar. Meus nervos estavam à flor da pele, e meu corpo ansiava por um bom banho. Estava prestes a entrar no quarto quando fui interrompida. Braços másculos me enlaçaram, e quando nossos corpos se tocaram, eu pude sentir o calor do corpo viril.

— Não tão depressa. — Nathan sussurrou. Meu coração acelerou. — O que pensa que está fazendo? Por que não atendeu minha ligação? — A expressão dele demonstrava grande irritação.

— Por que deveria atender? — repliquei petulante. — Você deixou alguma explicação sobre o seu afastamento?

— Estive ocupado. — murmurou impaciente.

— Nossa! Como você é previsível. — quase rosnei, tentando não deixar a dor da rejeição me invadir, nem as lágrimas rolarem. — Me solte!

— O que está acontecendo com você e o babaca do Adam? — ele perguntou com a voz severa.

Por um momento, senti-me tentada a dizer que Adam e eu não tínhamos nada e nem nunca teríamos, mas acabei desistindo. A raiva dele me causava enorme satisfação. Ele merecia aquilo e não tinha o direito de exigir nada.

— A minha vida não lhe diz respeito. — respondi com simplicidade. — Quer fazer o favor de me soltar?

Os movimentos seguintes foram tão rápidos que eu mal consegui distingui-los. Minha respiração alterou-se ainda mais quando me vi prensada sobre seu corpo enorme. Lambi os lábios, sentindo-os secos.

— Eu tive os meus motivos, Millie. — sussurrou em tom perigoso. — Não fale o que você não sabe!

— Sei muito bem o que estou falando. E o que eu faço no meu tempo livre, e com quem seja, só diz respeito a mim mesma.

Nos encaramos por um tempo tenso. Esparramei as mãos em seu peito rijo e tentei empurrá-lo sem sucesso.

— Nathan... — perguntei de forma pouco convincente. — O que foi? Esqueceu-se do meu pai? Não se preocupa mais, que ele nos veja juntos?

— Quieta! — exclamou em um tom que me intimidou. — Você faz idéia do quanto é sexy? Todas essas coisas que me disse... Sim, eu estava zangado, mas agora estou extremamente excitado.

Depois de dizer aquilo, ele começou a me beijar com tanta urgência e fervor quanto eu me lembrava. Não demorou mais do que alguns segundos para que na minha fraqueza, começasse a retribuir; desrespeitando completamente a voz da minha consciência para dizer não àquilo.

Quando nossos lábios se separaram, respirei fundo; e só então consegui perguntar:

— O que o faz pensar que o quero de volta?

As mãos quentes moveram-se pela lateral do meu corpo, e então as pontas dos seus dedos tocaram ligeiramente os meus seios, por cima do tecido fino do vestido.

— Estou apenas confiando nos meus instintos, minha criança. — Os dedos travessos tornaram-se mais ousados, acariciando com suavidade os mamilos intumescidos. — Há uns dias eu costumava saber o que lhe agradava, e a menos que tenha mudado muito, sei do que precisa...

Assim que recuperei o meu bom senso, o empurrei. Afastei-me, evitando o seu toque. Nathan hesitou e ergueu a cabeça.

— Não estou interessada, Nathan.

— Mas estava alguns minutos atrás. Bem interessada, eu diria. — zombou ele.

Engoli em seco.

— Digamos que minha consciência me despertou do seu feitiço de sedução.

— Você está mentindo, Millie.

— E você, se superestimando.

Enquanto me afastava, conclui o quanto ele estava certo. Podia enganá-lo, mas era difícil mentir para mim mesma.

Quando fechei a porta do quarto, me lembrei de trancá-la na chave. Todo o cuidado era pouco com relação à audácia e os limites daquele homem.

Joguei a bolsa na cama e fui direto ao banheiro. Precisava tentar apagar do corpo a onda quase incontrolável de desejo com uma ducha fria.

Ж

Três dias se passaram antes que eu me obrigasse a entrar no escritório do meu pai. Assim que a recepcionista me viu, saudou-me educadamente.

— Olá, posso ajudá-la?

— Eu vim ver meu pai. — respondi, fazendo-a me olhar um tanto confusa. — Joseph Evan. — emendei.

— Ah sim, perdoe-me. — Seu rosto se tornou apreensivo. — Quer que eu avise que está aqui?

— Ele está com algum cliente?

— Não.

— Então não é necessário, obrigada.

Caminhei pelo corredor e esbarrei em alguém que surgiu de uma porta em minha frente.

— Céus! Sinto muito. — desculpei-me, ajudando a pegar uma pilha de documentos que havia caído com o impacto.

— Millie? — Ergui os olhos e sorri em reconhecimento.

— Veronica. — murmurei, reparando em quanto seu rosto estava corado... parecia até que tinha acabado de transar. Aquele mero pensamento me fez lembrar-se do Nathan, e imediatamente deixou-me quente.

— O que está fazendo aqui? Veio ver seu pai?

— Parece que sim. — franzi o cenho. — Poderia me informar qual a sala dele?

— Claro querida. — ela respondeu assim que pegou o último papel do chão. — Ele estava a alguns minutos em uma conferência, mas acredito que já encerrou.

Deixei que fosse à frente e parei logo adiante, até que ela parou em frente a uma maciça porta de carvalho. Uma placa brilhante com o nome do meu pai estava gravado estava pendurada na mesma. Depois de bater, Veronica empurrou.

— Falei que não queria ser interrompido, Veronica. — estremeci pela rispidez.

— Desculpe, senhor, mas a sua filha deseja lhe falar. — dito isso, ela se afastou deixando-me visível.

— Millie! — exclamou surpreso quando seus olhos me encontraram. — Deixe-nos, Veronica. — murmurou no mesmo tom grosseiro.

Aproximei-me da sua mesa com passos ligeiros. Ele se recostou em sua cadeira e fixou o olhar imponente sobre mim.

— O senhor tem algo que queira me contar? — Cruzei os braços o encarando.

— O que? Ah.

— Achei que já tivéssemos superado isso, pai.

Tentei manter meu tom de voz estável. Mas quando ele iria aprender a me deixar caminhar sozinha?

— O que você queria que eu fizesse? Você é minha única filha, Millie. Eu só quero ajudar você, querida... sabe como eu sou.

Sim, eu sabia como ele era, e o quanto era impossível dizer “não” para ele; especialmente quando ele cismava com alguma coisa. Observei o seu semblante arrependido, e me lembrei do susto e da surpresa que tomei, ao chegar no meu futuro apartamento e tê-lo encontrado completamente reformado. Tinha que confessar que sequer imaginaria algo melhor do que aquilo.

— Bom, ficou incrível. Perfeito. — admiti, fazendo-o relaxar visivelmente.

— Eu sei, andei dando uma espiada. Além disso, pedi para a Veronica mapear a posição dos moveis, e provavelmente hoje chegarão lá, para montá-los.

Olhei-o chocada.

— Pai... — falei exasperada. — De que adianta eu sair da sua casa, se você continua fazendo tudo para mim?

— Por mim, você nem sairia. — ele resmungou desgostoso. — Não suporto a idéia de tê-la longe dos meus olhos, na mira de perigos.

Aproximei-me dele e busquei suas mãos.

— Eu não vou crescer se sempre tiver você preparando o terreno às

vésperas de um desafio ou um erro. Eu quero isso, quero experimentar as emoções da vida, entende? Deixe-me viver as oportunidades; caso contrário, só irei flutuar nesse mundo de fantasia na qual o senhor criou para mim.

Ele expirou ruidosamente.

— Está bem então. Qual o limite de envolvimento que você vai me dar?

— Combinamos de eu pedir sua ajuda caso precise, que tal?

Ele riu duvidoso.

— Considerando essa característica teimosa que se aflorou em você durante esses dias, eu duvido muito que você me peça ajuda.

Revirei os olhos levemente.

— Lembrei da mamãe. Tenho certeza de que ela também iria gostar do grande passo que estou dando. – murmurei nostálgica.

Na mesma hora ele se tornou tenso e seu rosto sem expressão.

— Ela gostaria sim. — respondeu secamente, voltando os olhos ao seu laptop. — Tem algo a mais para falar comigo? Tenho que continuar a trabalhar, meu bem.

Fiquei imóvel por alguns instantes. Vasculhei os olhos dele em busca de respostas, mas ele parecia mais frio e fechado do que nunca. Fiquei o olhando, sem palavras e perplexa.

Assim que acordei do choque daquele momento estranho, virei em meus calcanhares.

— Bom trabalho. — murmurei antes de abrir a porta e sair.

Segui pelo mesmo corredor e quase engasguei ao encontrar o meu pesadelo em forma de homem. Seu corpo estava emoldurado em uma roupa social, dando a ele um ar de seriedade. Hesitei. Ele era lindo, apesar das recentes desavenças que nos assolavam e ameaçavam os planos que havíamos feito, ou melhor, o acordo.

Mordi o cantinho interno da bochecha sentindo a raiva voltar a me dominar. Ainda não conseguia aceitar a rapidez com que ele desaparecera e

voltara como se nada tivesse acontecido. Quem ele pensava que eu era? Um bichinho de estimação?

Ergui o rosto e o encarei sem deixar transparecer o quanto me sentia fraca com a imponência dele. Voltei a caminhar na intenção de ignorá-lo, mas ele segurou o meu braço.

— Hoje a noite quero que deixe a porta do seu quarto aberta. — sussurrou contra meu ouvido. — Pretendo fazer-lhe uma visita, além de fazê-la me sentir por completo... acredite, eu mal estou me contendo com a vontade de comê-la.

Senti minhas pupilas se dilatarem. A intensidade de suas palavras me fez contorcer, com uma dorzinha incomoda no meio das pernas.

— Não se sinta tão confiante. — rosnei encontrando seu rosto bem próximo.

— Quer isso tanto quanto eu, *minha criança.*— Odiava quando ele usava aquele apelido. — Esforça-se para mentir, mas é incapaz de impedir que seu próprio corpo revele a verdade.

Engoli em seco.

— Você é mau.

Os olhos dele escureceram.

— Você não faz idéia.

Senti um arrepio sinistro. Aquele homem seria a minha perdição!

Capítulo 17

Millie Evans

Havia passado a noite inteira sem dormir. Quando a luz do amanhecer banhou o quarto, levantei-me e abri as cortinas, observando o horizonte. Contudo nada conseguia me acalmar. Voltar a ver Nathan na empresa do meu pai me despertou emoções contidas, como a angustia que senti quando ele se afastou, aliada as recentes descobertas dos meus sentimentos.

Caminhei pelo quarto e verifiquei o meu celular.

— Nenhuma chamada perdida, nem uma simples mensagem. — falei desolada.

Não tinha forças para impedir com que a solidão e a mágoa me invadissem. A verdade nua e crua era que havia o esperado na noite anterior como ele dera a entender que apareceria. Segui até o banheiro e me observei no espelho. Eu me sentia péssima. Estava sentindo na pele a rejeição dele e o homem era um maratonista sexual.

Tudo o que eu pensava em dizer parecia débil e desesperado. Por que você não quer estar comigo, Nathan?

Engoli as lágrimas e a dor dilacerante em meu coração, e decidi tomar um banho. Eu não tinha certeza se queria saber as respostas que eu tanto queria dele. Nathan era uma incógnita para mim.

Ж

— Mudarei hoje para meu apartamento. — anunciei ainda naquela manhã, enquanto tomava o café.

Meu pai encarou-me, segurando a xícara de café parada a meio caminho da boca. Havíamos nos falado brevemente na noite anterior, considerando que ele tinha, sutilmente, me expulsado do escritório dele.

— Pensei que esperaria o final de semana. — ele falou com seriedade.

— E iria, porém, não vejo sentido em adiar.

— Eu não gosto disso, Millie.

— Sinto muito pai, mas isso não mudará minha decisão.

— E quanto aos seus gastos? — A expressão dele era indecifrável.

— Continuarei trabalhando na galeria. Tenho certeza de que conseguirei sobreviver com o meu salário, e além do mais, ainda tenho uma reserva guardada do fundo mensal que o senhor me enviava quando eu estava no orfanato.

— Seja como for, não há necessidade que você passe necessidades. Eu nunca lhe neguei nada.

— Mas eu quero fazer isso. — Insisti com teimosia. — Podemos mudar de assunto, por favor?

Ele meneou com a cabeça, parecendo cansado.

Apesar de querer reconfortá-lo naquele momento em que enxerguei a dor da perda em seus olhos, eu hesitei. Depois que eu me permiti ser controlada, havia me tornado uma pessoa fraca, sem independência. Infelizmente o senhor Joseph Evans precisava se conformar com a minha partida.

Ж

Parei diante da porta. Estava completamente irreconhecível em relação à velha porta de alguns dias atrás, já que a madeira havia sido pintada com um tom de cinza. Girei a chave na fechadura cromada e brilhante, fazendo uma nota mental de trocá-la. Definitivamente não gostava da idéia de ter meu pai ali, ou a Verônica a mando dele, bisbilhotando minhas coisas.

O piso original agora estava brilhando e renovado. Andei em torno da sala, admirando como o espaço estava completamente transformado. Olhei em volta. Então aqui estou... Minha nova casa...

Avistei minha pouca bagagem no chão ao lado da porta e sorri em uma mistura intensa de medo e felicidade.

Dei uma olhada no resto do apartamento e admirei o banheiro preto e branco. Haviam acabamentos ornamentais que contornavam as janelas e as paredes na junção com o teto. O quarto não era enorme como o que eu recebi na casa do meu pai, mas senti imensa satisfação. Aquele era um lugar somente meu.

Voltei à sala sem conseguir tirar o brilho dos olhos conforme ia admirando o bom gosto dos móveis. Estava a caminho da cozinha quando ouvi alguém bater à porta. Meu coração acelerou quando pensei na possibilidade de ser o Nathan.

Não — falei brava comigo mesma, e fui até a porta. Mas ainda mantive a esperança quando peguei na maçaneta para abrir.

— Adam. — falei em um suspiro.

Ele me olhou sorrindo de orelha a orelha.

— Posso entrar? Minhas mãos estão queimando come essas caixas.

— Ah... — Meu cérebro ainda estava voltando do modo frustração. — Perdoe-me, entre, por favor.

Dei um passo para trás e deixei-o entrar.

— Você não gostou de me ver? — ele perguntou seguindo até a cozinha. Assisti quando ele colocou as pequenas caixas sobre a mesa. — Esperava outra pessoa?

— Imagine, Adam. — murmurei constrangida por minha reação negativa ter sido tão transparente. — Você é a minha primeira visita. — falei sorrindo sincera.

Em poucos passos ele veio até mim e buscou minhas mãos.

— Estou orgulhoso de você. — Adam sussurrou e beijou minhas mãos.

Ele passou delicadamente o polegar em minha bochecha e permaneceu me olhando. Ultimamente ele estava causando algo em mim, eu não fazia idéia do porquê.

Desde que havia conhecido Nathan, nenhum outro homem me chamava atenção; mas Adam estava bem na minha frente, o que tornava a missão de ignorá-lo, impossível!

— Obrigada. — falei com alegria. Afastei-me com delicadeza. — O que há naquelas caixas?

Ele deu uma risada leve.

— *Fish and Chips.* — respondeu se juntando a mim. — Imaginei que com sua mudança repentina, não teria sequer ânimo para pensar em comida.

— E se eu estiver de dieta?

Seus olhos desceram para meu corpo descaradamente.

— Não acho que seja necessário. Você tem um corpo incrível, Millie.

Meu rosto ficou quente com o elogio. Ele precisava parar de dizer coisas assim. Eu devia ter dito isso a ele, mas não disse.

— Muita gentileza sua. Vamos comer? Ajude-me a encontrar as louças? — sorri para ele. — Não faço à menor idéia de onde estão.

Sorrindo, ele veio em meu auxilio e juntos, servimos a mesa, e em poucos minutos estávamos saboreando.

— Como se sente? — perguntou depois de alguns instantes.

— Assustada. — confessei de forma quase dramática. — Mas ao mesmo tempo, é libertador.

— Entendo perfeitamente.

— Estou confiante de que aos poucos as coisas vão se encaixar. — murmurei com firmeza.

Ele parou de comer e ficou me olhando. A intensidade de seus olhos tinha algo que mexia comigo.

— Adam, é melhor você ir. — Cocei a garganta e me levantei. Na mesma hora ele fez o mesmo. — Obrigada pela visita e pelo jantar. — tentei sorrir, mas sua proximidade me deixou em alerta.

— Porque você não dá uma chance para nós? — perguntou inesperadamente.

Afastei-me e fui para a sala, tentando manter uma distância considerável.

— Eu já expliquei, Adam. Não insista.

— Ainda não estou preparado para desistir de você. — ele falou intensamente.

Suspirei e segui em direção a porta, abrindo-a.

— Agradeço pelos momentos agradáveis, mas estou realmente cansada.

Ele jogou o paletó no braço e se aproximou. Seu rosto mantinha uma expressão indecifrável.

— Boa noite, Millie. — ele sussurrou e me pegou desprevenida com um leve beijo nos lábios.

Pisquei atônita, e quando dei por mim, ele já estava caminhando pelo corredor. Fechei a porta e me recostei nela. Meu coração parecia estar agitado, mas no fundo não era pela reação ao toque dele, e sim pelo susto. De repente ouvi novas batidas na porta novamente e pulei de susto. Abafei o grito com a mão. Droga Adam! De novo?

Abri a porta, pronta para fazê-lo entender a minha posição em relação as suas idéias, mas me calei, embasbacada, sem conseguir acreditar no que meus olhos estavam vendo. Nathan estava ali.

Fiquei imóvel, esperando pela reação dele.

— Millie. — sua voz era calma e grave.

— O que você está fazendo aqui?

— Quem era aquele? — replicou com uma tranquilidade perigosa.

— Adam.

Ele deu um passo e eu me afastei, arisca. Ao adentrar no apartamento, ele fixou os olhos na pequena cozinha.

— Brincando de casinha com o Adam. Isso não me parece inocente. Não era. Pelo menos não dá parte do Adam, mas eu jamais contaria isso a ele. — Você já está dando para ele? — perguntou sem esconder sua irritação.

Arfei com a suposição. Nossa raiva agora estava no mesmo nível.

— Você não acha que se estivéssemos fodendo, eu estaria fazendo isso neste exato momento?

— Não, a não ser que queira assistir o assassinato dele.

Ele se aproximou. O ar estalou entre nós. O calor do seu corpo emanava em ondas com a tensão sexual que estava prestes a me enlouquecer. Todo o progresso que eu fizera para eliminá-lo do meu sistema se desintegrou. Eu ansiava por segurar os cabelos dele com as mãos, esmagar o seu corpo no meu.

— Porque está fazendo isso, Nathan? — minha voz saiu baixa.

— Isso o que? — A expressão dele era impassível.

— Brincando comigo. — suspirei em desespero. — Fazendo joguinhos...

Não houve resposta verbal. Ele cruzou a distância entre nós e me envolveu em seus braços. O beijo dissipou qualquer reação adversa, e só desejei que aquela sensação não acabasse jamais. Ele colocou a mão no meu pescoço e traçou um longo caminho de fogo pelo meu seio até o quadril.

— Não fale besteiras.

— Porque se afastou de mim? Porque me deixou esperando ontem?

— Então você me esperou. — murmurou quase aliviado. Seus olhos tornaram-se brilhantes.

— Odiei você em cada segundo. — rosnei tentando me afastar.

Minha respiração falhou quando seu joelho começou a friccionar em minha região pulsante.

— Sabe por que a deixei esperando?

— Fez de propósito? — indaguei ainda mais irritada, tentando controlar minhas reações.

Com uma paciência meticulosa, ele contornou o elástico da minha calcinha por debaixo do vestido, então passou para minha bunda e voltou para frente, onde provocou a parte interna da minha coxa.

— Eu queria deixá-la desejosa ao extremo. — Seu toque era elétrico, dando choques quase dolorosos em mim. — Testar os seus limites. — Reuni forças para afastar a mão dele, para que ele me deixasse em paz, mas ele simplesmente veio de novo, pegando em mim com mais agressividade por cima do algodão da calcinha.

— Nathan, não. Isso é loucura. — murmurei, fraca. — Nada do que você diz, nem suas atitudes me fazem compreendê-lo. — Seus dedos me pressionavam deliciosamente por cima da calcinha.

— Eu tenho as minhas razões, mas não pense que não quero você. — A voz dele era rouca, um tanto aflita.

— Eu não posso lidar com você... com isto!

— Pode, sim. E você quer.

Ele empurrou minha calcinha para o lado e massageou meu clitóris com o polegar.

— Isto é meu, Millie. Sou o dono do seu prazer. Nós dois sabemos disso. — Nathan sussurrou no meu ouvido, beijando meu pescoço e escorregando a língua pela minha pele. Oh Céus!

Engoli um suspiro, abafando um gemido. O contato direto das caricias dele me puseram em órbita. Tombei a cabeça para trás querendo gritar por conta dos sentimentos que corriam por mim.

— Você sentiu falta disso? Minhas mãos em você, fodendo você?

Mordi o lábio sem querer responder o óbvio. Segundos depois, eu estava gritando. Agarrei seus ombros para me equilibrar enquanto a força do orgasmo me consumia. O calor pinicou em minha pele, e minha mente foi preenchida com a certeza de que somente Nathan poderia me dar aquele prazer único. Ele soltou beijos suaves em meu pescoço e no meu ombro até que meus abalos cessassem.

— Mais?

A vibração da voz dele quase me levou a outro frenesi. Os dedos dele deslizaram pelos meus lábios até que ele estava bem na entrada do meu sexo, exercendo uma pressão levíssima, como se pretendesse me penetrar.

Lentamente abri meus olhos e encontrei os seus.

— O que vai acontecer depois? — indaguei com meus nervos em frangalhos. — Quanto tempo para sumir de novo?

— Não vou. — ele deslizou as mãos pelas minhas coxas, amarrotando o tecido do vestido à medida que o fazia subir.

Ele silenciou quaisquer pensamentos de recusa com outro beijo, agora nos meus lábios. Sua boca devorava a minha com movimentos famintos e urgentes. Entrelacei as mãos atrás da cabeça dele. — Meu Deus, eu preciso de você. — rosnou, se afastando.

Em um movimento ágil, ele arrancou a camisa e me despiu do meu vestido.

— Ainda penso que seria melhor se conversássemos antes. — murmurei em uma suplica enfraquecida.

— Nada de conversa. Preciso estar dentro de você mais do que preciso respirar neste momento.

— Pensei ter ouvido você dizer que estava testando os meus limites, e não os seus. — zombei enquanto sentia ele caminhando comigo em direção ao quarto.

— Isso é culpa do seu feitiço. Não consigo sequer trabalhar direito.

Meus batimentos cardíacos aceleraram mediante suas palavras. Isso foi uma declaração?

Com um empurrão delicado, senti-me sendo colocada contra os lençóis da cama.

— O que isso significa? — perguntei sem fôlego ao vê-lo terminando a se despir.

Olhando-me com olhos predadores, ele se engatinhou até mim. Sua língua trilhou meu corpo desde os pés à cabeça.

— Que quero fodê-la o tempo todo. — resfoleguei quando o senti pressionando a ereção por cima da minha calcinha.

— Mas você já me disse isso. — reclamei.

— E vou fazer questão de lembrá-la sempre, até que compreenda que seu corpo é somente meu. — Seu olhar estava fervoroso quando encontrou o meu.

O meu coração é seu também, Nathan! Minha mente gritou, mas não tive coragem de falar. As sensações catastróficas que me abatiam naquele momento, me impediam de sequer raciocinar sobre aquela avalanche nova de emoções.

Capítulo 18

Millie Evans

Abri os olhos vagarosamente. A luz do sol iluminava o ambiente do quarto fazendo pequenos filetes fixarem-se nas paredes diante da cama. Virei meu corpo e sorri com a visão do Nathan. Por um breve momento temi não encontrá-lo ali. Arrastei meus olhos pelo seu corpo, ergui os dedos e toquei sua tatuagem. Seus pelos se eriçaram conforme eu explorava seu corpo com minha mão. Voltei os olhos ao seu rosto, e o encontrei me encarando.

— Bom dia! — disse enrubescida por ter sido pega no flagra. — Acordei você?

Sua mão tocou meu rosto e o puxou de uma forma quase agressiva para ele, tomando meus lábios com fervor. Ele rolou na cama, arrastando-me junto. Hábil, posicionou-se de modo a me possuir. Segurando-me pelos quadris, penetrou-me e iniciou uma movimentação febril. Suas enormes mãos seguraram as minhas coxas quando ele se apoiou nos joelhos, fazendo com que suas investidas se tornassem mais brutas e profundas. Minha mente ainda estava preguiçosa, pois mal tive tempo para raciocinar sobre a volta dele na minha rotina.

Gritei quando ele juntou minhas pernas no alto e deu um tapa na minha bunda. Seus olhos eram luxuriosos e dominadores, e gemi quando ele lambeu minhas panturrilhas.

— Olhe para mim. — ordenou com voz rouca.

— Não pare agora. — supliquei.

— Abra os olhos. — repetiu. — Quero observá-la. Quero ter certeza de que sabe que quem está dentro de você, sou eu.

Busquei uma respiração funda e prendi o lençol em meus punhos. O clímax me atingiu com força, conforme sua penetração foi me rasgando pela intensidade. Perdi a noção de tudo, exceto da sensação maravilhosa. Meus olhos não deixaram os dele em nenhum momento enquanto me perdia em

minhas próprias emoções.

Instantes depois ele se derramou dentro de mim, pele com pele. Seu corpo tombou ao meu lado, e soltei um gemido quando o senti se desconectar de mim.

Ficamos em silencio. Meu sexo estava pulsando, e meu corpo ainda se encontrava mole quando me virei para ele. Seus olhos estavam escondidos pelo seu braço.

— O que foi? — perguntei ao notá-lo tenso. — Arrependido? — brinquei.

— Sim. — respondeu. Sua sinceridade me surpreendeu, e me encolhi na mesma hora, como se tivesse sido atingida por um tapa.

Levantei e me desvencilhei da sua tentativa em me segurar pela mão.

— Millie...

— Vá à merda! — rosnei o olhando. Seu rosto endureceu imediatamente.

Dei passos ligeiros para fora do quarto, mas parei no caminho ao notar um rastro úmido na parte interna da minha coxa.

— Era por isso. — Virei para ele e o percebi bem próximo. Sua nudez me deixou momentaneamente desorientada. — Eu não coloquei camisinha. — emendou.

Pisquei algumas vezes. Seus olhos estavam preocupados.

— Precisamos fazê-la tomar algo que nos privará de uma gravidez indesejada. — Seu tom de voz saiu frio, e franzi o cenho sentindo um gosto amargo.

Afastei suas mãos de mim, mas ele me prendeu em seu corpo novamente.

— Ouça. — murmurou forçando meu rosto. — Em meus planos não há espaço para filhos, Millie. Não estou disposto a dividi-la com ninguém. Você ainda não entendeu? Eu estou louco por você.

Arregalei os olhos diante da sua confissão.

— Então quer dizer que...

— Não é amor. — respondeu, me interrompendo. — É uma obsessão, Millie. Eu já falei que...

— Não é chegado em romances. — cortei-o, magoada. — Pode me soltar? — pedi, sentindo que estava perdendo a luta contra as lagrimas que queriam cair.

Seus dedos tocaram meu rosto e o senti limpar o rastro das lagrimas teimosas.

— Por que está chorando?

— Nada. — respondi, empurrando seu peito com força, mas em vão. — Nathan, me deixe. — pedi derrotada.

— O que significam essas lágrimas, Millie? — ele insistiu, me irritando. — Eu quero entender o que está te afligindo.

— Por quê? Você se preocupou quando se afastou de mim? Pensou no sofrimento que eu sentiria?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Eu não tinha a intenção de magoá-la, mas precisei me afastar.

— Nathan, me solte. Essa conversa não vai nos levar a nada. — murmurei, suspirando. — Justamente, porque você não me diz nada.

Ele me analisou por algum tempo e me soltou.

— Vou tomar um banho. — murmurei antes de me virar e sair do quarto.

Liguei o chuveiro e deixei que a água lavasse não só os vestígios do seu prazer em mim, mas também o desânimo de ter no coração, a certeza de um amor não correspondido.

Fechei os olhos, e de repente senti mãos me enlaçarem. Continuei com os olhos fechados enquanto Nathan me acariciava delicadamente. Tentando ignorá-lo, peguei a bucha e comecei a me ensaboar.

— Você vai para a galeria hoje? — ele perguntou, tirando a ducha da minha mão e continuando por mim.

— Sim. — respondi evitando encarar seus olhos.

— Vou levá-la. — falou substituindo a ducha por suas mãos. — Mas primeiro vamos passar na farmácia. — suspirei baixo. — Hoje mesmo, pretendo marcar um ginecologista para você... não aguento mais usar camisinha. — Seus dedos desceram ao meu clitóris. — É uma delícia estar aqui embaixo sem nenhuma barreira que me impeça de senti-la plenamente.

Resfoleguei, porém afastei sua mão.

— Estou atrasada, Nathan. — murmurei, desviando os olhos do seu rosto.

Em um movimento ágil, ele me virou contra a parede e gritei quando senti o gelado da superfície em minha pele.

— Nathan...

— Quieta! — ele rosnou, batendo na minha bunda.

Com ambas as mãos ele abriu minhas nádegas e me penetrou de uma vez só. Seu rosto afundou em meu pescoço, e sua língua castigou-me.

— De quem é o seu corpo, Millie? — Sua voz me estremeceu.

Gemi desesperada, e meus batimentos aceleraram diante da abundância das sensações.

— Seu... é seu. — murmurei sem fôlego.

Suas estocadas se tornaram agressivas. Meus seios estavam esmagados contra a parede.

— Então não o negue para mim, porra! — Sua voz soou sinistra. Uma de suas mãos enrolou meus cabelos e forçou minha cabeça para o lado. — Você é somente minha, minha... — Seus gemidos roucos me deixaram ainda mais excitada. — Minha!

No momento seguinte, ele retirou-se de mim e grunhiu. Olhei para trás e o vi manipulando seu membro com a mão. Virei meu corpo e o encarei. Seus olhos eram como brasas sobre mim.

— Por acaso não se esqueceu de nada? — indaguei frustrada.

Ele sorriu perversamente enquanto se enfiou embaixo d’água.

— Você não merece gozar. — respondeu deixando-me irritada. — Vou deixá-la de castigo por ter tentado me negar sua boceta.

Respirei profundamente, o encarando. Eu não acreditava que aquilo estava mesmo acontecendo comigo. O que eu fiz para merecer um homem louco daquele?

Mordi os lábios para evitar xingá-lo. O dia já havia começado com muita tensão, e eu não estava a fim de acrescentar ainda mais na lista. Antes de sair do Box, ele se curvou e chupou meu lábio inferior, me fazendo suspirar involuntariamente.

— Mais tarde eu compenso você, *minha criança*. — soprou.

Sem controlar, me contorci diante daquela promessa. Desgraçado!

Ж

— Venho buscá-la mais tarde. — murmurou ao estacionar em frente à galeria.

— Não tenho muita escolha, tenho?

Um brilho sombrio atravessou seus olhos.

— Já falei que o sarcasmo não lhe cai bem.

Revirei os olhos, cansada, e me preparei para sair. De repente seu braço atravessou-se, barrando a minha saída. Não ofereci resistência quando ele me tomou nos braços. Nathan podia não sentir amor por mim, mas sempre quando eu estava em seus braços, nada me importava. Levei os braços aos seus ombros largos e passeei os dedos por sua nuca, enterrando-os em seus cabelos. Sua boca era uma mistura de prazer infinito, e ele movia os lábios de forma sedutora, introduzindo a língua me fazendo sentir uma corrente elétrica por todo o meu corpo.

— Pronto! — exclamou de repente sob meus lábios.

Pisquei confusa e desviei os olhos por um momento, e foi o suficiente para ver a silhueta do Adam se afastando.

— Eu não acredito! — exclamei irritada. — Você está consciente de que isso foi uma atitude imatura?

Ele riu.

— De qualquer forma, serviu de aviso. — respondeu, ficando sério. — Não o quero ciscando no que é meu. — O tom de ameaça não me passou despercebido.

Fiquei o encarando com um misto de incredulidade e diversão.

— Você é realmente inacreditável. — murmurei e abri a porta. — Eu o quero de verdade, Nathan. — falei em tom baixo. — Não duvide disso.

Saí do carro e segui apressadamente em direção a entrada da galeria. No caminho cogitei vagamente tirar o dia de folga, mas minha responsabilidade era maior do que o cansaço psicológico.

Acenei para todos quando cheguei e desapareci dentro do escritório. Adam gentilmente me saudou e me atualizou da agenda do dia. Apesar da certeza de que ele havia visto o meu beijo com o Nathan, ele não fez comentários.

Minha cabeça viajava para outros lugares com muita freqüência... pensava em Nathan, estava preocupada com meu pai, mas naquele momento decidi mergulhar de cabeça no trabalho com um fervor que fez tudo o que me afligia, ficar desfocado. Naquela semana iríamos trocar a exibição atual, então Adam me fez cuidar pessoalmente da remoção de todos os quadros, o que agradeci plenamente. As horas avançaram-se consideravelmente.

— Você está bem? — perguntou quando eu estava analisando algumas amostras no escritório.

Tentei evitar os olhos dele. Eles me fitavam com uma intensidade na qual eu estava começando a acostumar.

— Estou bem, Adam. — respondi esboçando um sorriso.

— Você parece cansada. — observou.

— E estou. — admiti. — A mudança mexeu um pouco com minhas emoções.

— Tem certeza de que o motivo é este?

Fechei os olhos por um instante.

— Acho que quando o artista vier inspecionar, ele ficará satisfeito com o quanto os seus quadros estão sendo tratados com o cuidado apropriado. — Ignorei sua pergunta e me foquei no trabalho que havíamos feito hoje.

Qualquer coisa além daquilo não era da conta dele. Eu não queria conversar sobre Nathan, e muito menos continuar com o assunto de que deveríamos dar chance a algo sem total fundamento entre nós.

— Isso não é exatamente uma resposta.

Suspirei e me recostei na cadeira. Eu ficava grata por ele se preocupar com meu bem-estar, mas me preocupava que não fosse só aquilo que ele sentisse.

— Pois é somente isso que terá de mim.

— Pensei que fôssemos amigos. Espero que saiba que pode conversar comigo. Estou bem aqui.

— Obrigada, Adam.

— Com licença.

Meus olhos se voltaram imediatamente para onde Nathan estava parado. Ele me deu uma olhada rápida antes de fixar os olhos em Adam. Adam o encarou de volta com os olhos férreos que eu nunca tinha visto antes. Droga! Aquilo não era bom.

Ninguém se mexeu.

Nathan voltou a olhar para mim, mal disfarçando a irritação na voz.

— Acabou o horário?

Abri a boca para falar, mas Adam falou primeiro.

— Estávamos tendo uma reunião.

— Eu não falei com você.

Nathan não estava mais se importando em disfarçar a irritação. Ele deu um passo ameaçador, fazendo Adam se levantar de imediato também. Nathan era mais alto, porém Adam era mais corpulento por natureza.

Eu me levantei rapidamente com minha bolsa e peguei no braço do Nathan, forçando-o a se afastar do impasse com Adam.

— Vamos embora.

Ele ficou parado, e pude sentir seus músculos tensos e rijos sobre meus dedos. Instantes eternos, finalmente ele relaxou o suficiente para se virar e sair comigo. Eu o guiei até a calçada, grata o suficiente por estarmos longe de toda aquela tensão.

— Precisamos conversar. — murmurei, tensa.

Ele colocou o cinto e se virou para mim, no banco do passageiro.

— Por que não começamos por ele? O que aconteceu quando eu fiquei longe? Você deu para ele?

Revirei os olhos. A insistência dele naquele absurdo já estava ficando cansativa.

— Não! Eu já disse que ele é um amigo. — murmurei cansada.

— Mas ele quer mais do que isso.

— E o que eu posso fazer? Eu não posso simplesmente dizer a ele que não podemos mais ser amigos sem causar uma tensão enorme. — reclamei, vendo-o travar o maxilar.

— Parece que você já tem tensão suficiente.

Resmunguei e deixei a cabeça cair no vidro assim que ele acelerou para longe.

— Para onde estamos indo? — perguntei minutos depois.

— Meu apartamento. — respondeu sem desviar os olhos da estrada. — Paolo e Lauren nos encontrarão mais tarde. Combinei com eles.

— E comigo, se preocupou em combinar? — reclamei em tom ácido. — Estou cansada dessas suas atitudes controladoras, Nathan. Eu tenho voz própria, e nem você, nem ninguém irá silenciá-la.

Ele deslizou o dedo bem devagar ao longo da minha coxa, afastando o vestido no caminho e provocando-me. Fiquei rígida na hora.

— Isso tudo é porque não a deixei gozar mais cedo? — questionou

inesperadamente.

Minhas bochechas pegaram fogo ao sentir a inconfundível excitação através dele. Senti-me extremamente desconcertada.

Meus seios estavam turgidos, um langor percorria meus membros. Porém lutei vigorosamente contra minhas emoções.

— Como foi o seu dia? — repliquei propositalmente de modo a ignorar sua pergunta insolente.

Ele gargalhou alto, mas aquilo não me causou irritação. Nathan era um homem com uma beleza excepcional, e eram poucas as vezes que o via sorrindo ou gargalhando sonoramente.

— Promissor, eu diria. — respondeu me olhando de soslaio, comum brilho ávido em seus olhos.

Ergui as sobrancelhas e sorri.

— Maravilha. — falei e me ajeitei no banco. — Quer compartilhar?

No momento seguinte, seu aparelho de telefone tocou e Nathan apertou um botão no equipamento de som do carro para atender, fazendo com que uma voz feminina ecoasse no ambiente.

— *Nathan*, *está podendo falar?* — fiquei com a sensação de já ter ouvido aquela voz, mas não consegui raciocinar naquele momento.

Rapidamente ele tirou do viva voz e trocou palavras rápidas com quem quer que fosse. Um ciúme perverso acendeu dentro de mim. Estreitei os olhos.

— *Certo*. *Amanhã conversamos pessoalmente*. — ele falou e tive que me virar, ou seria capaz de fuzilá-lo com a raiva exalando em meus olhos.

— Uma amiga de negócios, eu suponho. — sussurrei entre dentes momentos depois de ele ter encerrado a ligação.

— Não é da sua conta. — Nathan respondeu grosseiramente, e seus punhos apertaram com força o volante.

Fiquei sem condições de falar durante alguns segundos.

— Ótimo! — exclamei ressentida. — Lembrarei disso de agora em

diante.

Seus olhos me analisaram por um tempo, e expeliam faíscas sobre os meus.

— Não ouse me ameaçar Millie. — preveniu-me com voz cavernosa.

Engoli em seco e voltei o rosto para fora da janela. O silencio que se seguiu era como uma navalha riscando carne tenra. Ignorei sua presença, apesar de sentir seu olhar queimando sobre mim.

Capítulo 19

Millie Evans

— Esse estoque de roupa feminina é exclusivo para mim, ou faz parte do seu portfólio mesmo? — perguntei com sarcasmo observando-o pelo reflexo do espelho.

Ele estava recostado no beiral da porta e sorriu com a minha pergunta.

— Você não acha que está muito atrevida? — replicou se aproximando. — Para sua informação, mandei comprar esse vestido mais cedo.

Fitei-o aturdida. Meus olhos brilhavam de surpresa e desencanto.

— Devo me sentir lisonjeada?

Recostando-se atrás de mim, suas mãos repousaram-se em meus ombros e deslizaram delicadamente aos meus seios, onde os amassou por cima do tecido fino.

— O que você prefere? — soprou a pergunta mordendo minha orelha.

— Sentir-me saciada. — respondi lambendo os lábios secos. — Você me deve isso. — reclamei, fazendo-o sorrir.

— É uma fome tão grande que precisa ser saciada? — indagou me erguendo da poltrona.

Nossos rostos próximos. Com mãos hábeis, ele segurou um dos meus seios e gemi com o prazer do seu toque ardente.

— Bem mais, Nathan. — confessei, esparramando as mãos em seu peito másculo.

Seu maxilar trincou e algo obscuro cobriu seus olhos ao me fitarem.

— Você tem de se contentar com o que posso lhe dar. Esqueça o resto.

— Mas eu quero...

— Isto... isto é o que você quer. — ele beijou-me com voracidade.

Abri os lábios, e com a língua ele explorou o interior quente da minha boca. Nathan segurou-me firme e passeou os dedos por minhas nádegas, deslizando-os pelo meio delas. O beijo me queimava como tocha ardente, e o calor das suas mãos me consumia. Quando ele se moveu, fazendo-me sentir o quanto estava pronto para mim, enlouqueci, absolutamente sem controle. Aparentemente, Nathan era o único ser estável naquele momento.

— Isso é o que teremos sempre. — informou, forçando-me a fita-lo. — Não me diga que não é o suficiente.

— Nathan... — balbuciei, mal conseguindo raciocinar devido a excitação em meu corpo.

Afastando-se de mim, ele se aproximou do espelho e ajeitou o seu paletó. Seus lábios encontravam-se inchados e um pouco sujos com meu batom. Fiquei o encarando perplexa quando ele seguiu para a porta.

— Esqueci de lhe avisar que nossos amigos estão esperando na sala. — falou tranquilamente, como se o fato de me ver quase tendo um frenesi em sua frente não o afetasse em nada.

Apertei os punhos e busquei uma respiração funda. Meus olhos encontraram os seus, brilhantes, porém zombadores. Firmei as pernas e caminhei até ele.

— Você está bem? — Nathan perguntou, me analisando descaradamente.

— Ótima. — quase rosnei e passei por ele, odiando-o por gargalhar.

Instantes depois, eu cheguei à sala e encontrei Lauren e Paolo em uma conversa animada.

Lauren virou-se. Sua beleza sempre me espantava. Os cabelos eram negros e espessos, e os olhos azuis e brilhantes.

— Millie. — sua voz soou alegre. — Que bom vê-la.

— O prazer é meu, querida. — respondi ligeiramente, apertando-a em um abraço carinhoso. — Pretendia te ligar na próxima semana... esses dias estão sendo um pouco atarefados para mim. — reclamei, revirando os olhos e fazendo-a sorrir.

— Nathan está deixando você cansada, aposto. — murmurou divertida.

Olhei para trás e o vi oferecendo uma bebida à Paolo.

— Venha. — pedi segurando sua mão. — Vamos nos sentar... minhas pernas estão um pouco fracas. — queixei-me, mas logo me arrependi sentindo minhas bochechas rubras.

Assim que nos sentamos, Lauren sorriu para mim e buscou minhas mãos.

— Não precisa se envergonhar, Millie. — falou com simpatia. — Você pode confiar em mim, sua amizade.

Sorri, mas de repente senti minha garganta seca.

— Nathan? — chamei-o em voz alta. — Pode me servir com alguma bebida, por favor? — pedi tendo seus olhos em mim.

Meneando a cabeça, ele virou-se em direção ao mini-bar.

Paolo aproximou-se de nós com um sorriso brincando em seus lábios. Sua beleza era rústica, e seu rosto coberto com uma camada suave de barba, tornava-o assustadoramente excitante.

— Por mais que eu aprecie a sua inspeção preciosa, Millie, creio que não é adequado.

Arregalei os olhos e olhei para Lauren.

— Deus! — exclamei constrangida. — Perdoe-me, eu não quis... eu... — gaguejei, extremamente nervosa.

Lauren e Paolo gargalharam do meu embaraço.

— Vocês estão constrangendo-a. — Nathan comentou ao se aproximar, porém ele também estava sorrindo quando me entregou a bebida.

Lauren tocou meu braço de leve.

— Não se preocupe com os comentários espirituosos do meu marido, Millie. — murmurou sorridente. — Mas então, conte-me sobre seu apartamento.

Percebi que os rapazes voltaram a se distanciar e pude respirar aliviada.

— Mudei ontem. — falei levando minha taça a boca. — É um apartamento modesto, apesar de que meu pai intrometeu-se e deu os seus toques “mágicos”. — comentei, fazendo aspas com os dedos. — Infelizmente, ele não aceita que me tornei uma mulher.

— Uma mulher linda, por sinal. — ela falou me encarando.

— Obrigada Lauren. — sorri com o elogio.

— O que Nathan falou para você sobre a sociedade? — ela indagou, se aconchegando um pouco mais perto de mim, e eu olhei-a em confusão. — Pela sua expressão, creio que ainda nada. — comentou, mordendo os lábios.

— Do que se trata?

Rapidamente ela se levantou e serviu-se com mais bebidas, trazendo uma nova taça para mim.

— Olha. — continuou. — Não cabe a mim, falar sobre isso com você. — Seu tom soou constrangido. — Desculpe-me ter tocado no assunto, mas pensei que Nathan já havia te falado.

Fiquei encarando-a com olhos questionadores, mas certamente que aquelas perguntas somente Nathan poderia me responder. Infelizmente eu teria que aguardar quando estivéssemos sozinhos.

Algum tempo depois, Lauren e eu estávamos completamente entrosadas. Pela primeira vez em anos senti que havia encontrado uma amiga.

— Eu não acredito que você saiu correndo. — falou entre risos.

— Sim. Fiquei morrendo de medo... ele não havia me dito que teria que tocar nossas línguas. — murmurei segurando o riso. — Essa foi minha primeira tentativa de beijo no internato, depois eu desisti.

Ela sorriu e descruzou as pernas sensualmente, e meus olhos fixaram-se no movimento.

— Millie?

— Hum? — Voltei a olhar para seu rosto e a encontrei um pouco mais próxima.

— Posso te fazer uma pergunta?

Tomei mais um gole da bebida e a senti queimando a minha garganta. Subitamente comecei a sentir-me inquieta. Nathan e Paolo saíram da sala já tinham alguns minutos, então estávamos sozinhas.

— Huhum. — resmunguei.

— Certo. Diga-me o que sentiu quando transou com o Nathan ao nosso lado naquela noite.

Engasguei com a bebida e comecei a tossir descontroladamente. Sem querer derrubei a taça e o líquido molhou o meu vestido, sobre as coxas.

— Oh, Millie! — exclamou, curvando-se sobre mim. — Perdoe-me, peguei você desprevenida. — comentou enquanto passava a mão nas minhas pernas, tentando em vão, amenizar o estrago no tecido.

Sentia-me paralisada demais para falar qualquer coisa que fosse. De repente seus dedos aquietaram-se sobre minha pele e nossos olhares fixaram-se.

— Lauren... o que está fazendo? — perguntei sentindo-a se aproximar.

— Estou louca para prová-la, Millie. — respondeu, fazendo-me levantar bruscamente.

Minhas mãos estavam tremulas e meus batimentos descompassados. De súbito percebi que Lauren estava tão perto que pude sentir o calor do seu corpo.

— Eu sei que você está excitada, apesar de estar se culpando pelo tesão que está sentindo agora.

— Você não sabe nada sobre mim.

— Você me excita. Neste momento é o que importa saber.

Meus mamilos enrijeceram imediatamente e voltei os olhos ao redor em busca do Nathan. Comecei a tremer, como se estivesse sujeita a uma força magnética e afastei suas mãos.

— Não me toque!

— Tem medo disto? — Com a ponta do dedo, ela percorreu a linha do decote do meu vestido, deixando um rastro de fogo por onde passava. O

sangue em minhas veias parecia entrar em ebulição. Porque meu corpo estava reagindo daquele jeito a ela?

— Não é uma descoberta interessante? — murmurou. — Afinal o seu cérebro não pode controlar o que eu a faço sentir, e que, naturalmente, a assusta.

— Não...

— Não o que? — Com um movimento indolente, Lauren agarrou-me pelos quadris. — Não quer que eu a toque porque tem medo que eu descubra o quanto está desesperada por minhas caricias?

Resfoleguei audivelmente. Sentia-me perplexa e fraca devido à intensidade daquelas sensações. Seus lábios buscaram os meus, porém eu neguei. Sem se abater, ela trilhou um caminho de beijos por meu pescoço. Meu coração acelerou e não evitei um gemido de prazer.

Dedos longos desceram as alças do meu vestido. Horrorizada, segurei-lhe a mão, na tentativa de impedi-la.

— Não!

— Solte-se, livre-se das regras... — Ela sussurrou, afagando os meus seios com suavidade.

Nathan me castigou tanto com a promessa do orgasmo, que naquele momento senti meus dentes rangerem pela prazerosa dor da excitação. Lauren quase me desnudou por completo.

Com um gemido rouco e sensual, ela acariciou meus mamilos com firmeza, observando com satisfação o resultado dos seus afagos. Lentamente ela me virou e como uma boneca, deixei-me levar por seus movimentos. Segundos depois, estávamos no chão.

De olhos fechados eu gemia, lutando para controlar as reações diante de suas caricias.

— Não... não.

— Shii... — murmurou, brincando com meus seios túrgidos. Ela executava movimentos eróticos com os polegares.

A um dado momento, senti um ar frio percorrer minha pele. Estava

nua. Lauren havia me despido. Como se estivesse em transe hipnótico, mergulhei no azul dos olhos dela, e entreguei-me sem restrições.

— Você é tão linda. — ela balbuciou.

Quis retribuir o elogio, mas minha voz não saiu. Limitei-me a erguer a mão e rocei seu seio por cima do tecido. Como que sentindo meu desejo silencioso, ela afastou o tecido e liberou ambos os seios para mim. Hesitei. Sua mão pegou a minha e a levou de volta ao seu seio e o apertou por cima da minha mão. Mordi os lábios, adorando aquela sensação nova e devassa.

Estremeci quando ela separou minhas pernas, e sem aviso prévio, explorou com os lábios o calor e a umidade do meu ventre. Ela emitiu um gemido rouco de excitação que fez eco ao meu próprio gemido. Arqueei as costas quando suas lambidas se tornaram frenéticas, e ela penetrou-me com dois dedos.

— Olha Nathan, as safadinhas começaram a festa sem nós. — Abri os olhos imediatamente com a voz do Paolo.

Tentei me levantar, mas Lauren firmou meu quadril no chão. Com os olhos semicerrados, procurei o Nathan e o encontrei logo atrás. Eu queria falar, mas as palavras estavam presas, e a excitação que eu sentia diante daquela situação era absurdamente erótica e forte. Relutantemente fechei os olhos e apertei meus mamilos. As caricias de Lauren eram delicadas e precisas ao mesmo tempo. De repente comecei a sentir o toque de mãos um pouco mais firmes, voltei a abrir os olhos e me deparei com Paolo. Seus dedos trilharam um caminho do meu umbigo e repousaram em meus seios, onde ele os apertou com força. Procurei Nathan e ele continuava no mesmo lugar, observando-me por cima da taça de uísque.

Contorci-me quando Paolo curvou-se sobre mim e abocanhou um seio, depois o outro. Ele beijava-me com loucura enquanto Lauren me chupava incansavelmente. Os lábios de Paolo trilharam o meu pescoço, e não resisti quando ele se aproximou da minha boca. O contato áspero da sua barba em minha pele sensível deixava-me à beira do êxtase. Arranhei suas costas quando ele afundou sua língua em minha boca, pois a sensação foi tão violenta que me faltou o ar. Voltei a arquear as costas quando senti as primeiras ondas de eletricidade me envolverem, até que o clímax me

chacoalhou, e senti-me sendo quebrada em vários pedacinhos.

Lauren aconchegou o corpo no meu e me beijou. O cheiro da minha própria excitação se fez presente, e ela fazia questão de marcar-me com sua intensidade. Seus lábios eram macios e doces. Soltando-me, ela voltou-se para o Paolo e o beijou ainda em cima de mim.

Paolo mordeu os lábios dela e se virou para mim com olhos luxuriosos. Lauren arrastou-se vagarosamente para o lado, aproveitando a oportunidade, Paolo se curvou sobre meu corpo.

Ergui as mãos e toquei seu peito desnudo. Ao contrário do Nathan, Paolo possuía alguns pelos charmosos. Sua boca procurou a minha, e ele lambeu meu lábio inferior, antes de mordê-lo.

— Você não faz idéia da vontade que estou de devorá-la. — sussurrou com um leve sotaque italiano.

Minha respiração tornou-se frenética e voltei a buscar Nathan com os olhos, e travei quando o vi pressionando Lauren sobre a parede. Lauren estava gemendo enquanto Nathan sugava seus seios. Paolo tocou meu rosto e forçou-me a encará-lo.

— Não pense, Millie, apenas sinta. — murmurou com um olhar recheado de malicia.

Olhei para baixo e me vi completamente nua. Ele estava com a calça, e sua ereção estava pressionando-me com força e precisão. Esvaziei a mente e me deixei levar pelas sensações deliciosas que eu estava me permitindo, sem peso ou culpa.

Abracei-o num ato de aceitação. Bem devagar ele trilhou os dedos com caricias lentas e torturantes, até que chegou ao meu ponto pulsante. Não segurei o grito alto. Freneticamente ele massageou o meu clitóris inchado e necessitado. Meu corpo estava em êxtase, porém eu queria mais, ansiava por um contato maior. Sua língua castigou meus mamilos e emaranhei os dedos em seus cabelos.

Desesperada pelo orgasmo com a penetração, eu implorei com gemidos incoerentes. Eu estava inteiramente entregue e alheia ao que acontecia ao meu redor. Senti-me sendo envolvida por braços firmes, e logo em seguida

fui preenchida. Abri os olhos e me deparei com Nathan sobre mim.

— Esse lugar aqui é meu, Millie. — sussurrou afastando-se e voltando a investir com força. — Somente eu posso possuí-la dessa forma, entendeu?

— Sim. — gemi em resposta. Sua boca invadiu na minha com fervor, e sua língua ávida me consumia fervorosamente como se com isso confirmasse sua posse total.

Voltei a atingir o clímax em uma explosão de prazer, sussurrando o nome dele com olhos lacrimejantes. Com mais algumas investidas o senti se enrijecer, então logo se derramou com um grunhido quase animalesco. Seus olhos fixaram-se nos meus, calorosos e intensos. Em algum lugar eu podia ouvir o barulho da fricção dos corpos de Lauren e Paolo, mas a minha atenção estava em Nathan.

— Nathan, eu...

Sua boca colou na minha de modo a me silenciar. Entreabri os lábios dando-lhe o aceso que precisava para adentrar com sua língua faminta. Houve um momento em que minha lucidez ou minha consciência me chamou, mas eu estava perdida em sensações, e definitivamente não daria ouvidos a nada e nem ninguém.

Eu estava com Nathan e ele me tinha inteiramente.

Capítulo 20

Millie Evans

Acordei de repente quando a porta do quarto foi aberta. Cobri-me com o lençol quando uma senhora apareceu, carregando uma bandeja.

— Bom dia.

— Bom dia. — respondi, lançando um olhar para o quarto.

Em poucos instantes, as cortinas foram abertas e o sol penetrou em cheio.

— Quer que eu lhe prepare um banho? Posso deixar a banheira enchendo.

— Não, obrigada. — respondi sem jeito por ter sido surpreendida daquela maneira. Nathan não havia me informado sobre a governanta.

A recordação da noite anterior me fez engasgar com o suco de frutas. Busquei o celular e me espantei com o tardar das horas, pois naquela altura havia perdido o turno na galeria.

Suspirei e me ajeitei nos travesseiros. Desci os olhos pelo meu corpo e corei ao enxergar uma pequena mancha roxa em um dos meus seios, e conclui ser resultado de uma noite de orgia amorosa.

— Não se iluda. — minha voz dizia em meu interior. — Você amou, ele fez sexo...

As desavenças foram totalmente esquecidas, sucumbidas nos braços dele, e ali me esqueci de todos os meus princípios. Certamente não havia arrependimento em meu interior, mas o álcool em meu sangue colaborou para aquela loucura.

Depois de poucas semanas que nos conhecíamos, eu já o amava com uma força sobrenatural. Não me lembro de alguma vez ter conhecido alguém tão intenso quanto Nathan. Por outro lado, eu poderia estar confusa com meus sentimentos, e talvez me sinta deslumbrada pelas coisas que ele me faz

sentir.

Soltei uma risada amarga. Era inútil tentar encontrar explicação, quando a verdade cruel era a de que eu estava completamente apaixonada por ele.

A porta se abriu de novo. Fiquei com a mão tão trêmula que tive que pôr a xícara de café na bandeja. Nathan chegou perto da cama e sorriu.

— Tirei a manhã de folga. — ele disse preguiçosamente. — Você está linda.

Linda? Pensei. Com os cabelos emaranhados, restos de pintura no rosto, provavelmente com a pintura dos olhos borrada, marcas de dentes em lugares íntimos, como poderia estar linda? Encolhi-me, refletindo sobre minha fraqueza na noite anterior. Foi uma noite diferente, sem dúvida, mas transar com Nathan era uma coisa; atirar-se de corpo e alma numa orgia era outra bem diferente.

Olhei para Nathan e o vi sorrindo. Naturalmente que ele não estava atormentado; ao contrário, parecia muito contente até.

— Por que está sorrindo? — perguntei, cheia de suspeitas.

— Quer uma resposta honesta?

— Ficarei grata. — respondi bebendo o resto de café.

— Ainda sinto-me em êxtase com sua atitude ontem. — fitou-me com tremenda satisfação. — Vê-la sendo chupada pela Lauren... foi... — Ele fechou os olhos por um momento e lambeu os lábios. — Sem palavras.

Mortificada com aquela lembrança, repousei a bandeja no criado mudo. Ter cedido às investidas de Lauren foi deliciosamente perturbador.

— O fato de você ter me deixado desejosa foi o que culminou na minha fraqueza em não ter desistido daquela loucura. Eu não ficaria surpresa se você me dissesse que tudo fazia parte de um plano seu.

— Por que eu faria isso? — perguntou com ar divertido.

— Eu vi em seus olhos Nathan. — respondi encarando-o com determinação. — Você estava adorando me ver como o banquete deles.

Seu olhar se tornou perigoso.

— Nunca ocultei minhas perversões de você, Millie. Eu ansiava por isso desde que estivemos em *Long Island.* — encarei-o sem palavras. — O meu prazer vem único e exclusivamente do seu prazer. E é uma fome incontrolável.

Um profundo langor percorreu meus membros. O silencio que se seguiu foi absoluto. Meus seios cresceram, e os mamilos ficaram duros como pedra.

Dedos ágeis removeram a barreira do lençol, desnudando-me. Com as mãos em meus braços, ele me ergueu e sentou-me em seu colo. Quase simultaneamente beijou o mamilo quente.

Gemi. Sem refletir no que fazia, apertei seus ombros com os dedos, e subindo, afaguei seus cabelos claros. De súbito lembrei-me de algo.

— Lauren comentou algo sobre uma sociedade.

Erguendo a cabeça, ele tocou meus lábios com o polegar.

— Conversaremos sobre isso, mas não hoje. — respondeu e levantou comigo em seu colo. — Agora preciso saborear sua boceta.

Abri a boca para falar, mas sua língua me silenciou. A conversa poderia esperar.

Ж

— E então? — Nathan quis saber, assim que entramos no carro. — Qual método contraceptivo que você optou?

Ajeitei-me no banco e o encarei com um ar dramático.

— Fui submetida a uma ultrassom vaginal, e infelizmente não poderei manter relações sexuais por um tempo.

Ele me encarou em choque, desistindo de ligar o carro.

— Por quê? — perguntou, franzindo a testa.

— Bom... existe um risco considerável de eu estar grávida e diante da selvageria do nosso sexo, a médica acha apropriado darmos uma pausa nas atividades. — respondi, me surpreendendo com minha tranquilidade diante do semblante assustador que o rosto dele formou.

Ele abriu a boca, mas a fechou. Afastou-se de mim e abriu a porta do carro. Fiz o mesmo, e o encontrei esfregando o rosto e bagunçando os cabelos.

— De quem?

Fiquei parada, apenas analisando-o.

— Eu lhe perguntei com quem. — insistiu com timbre sinistro.

— Do que está falando?

— Não se faça de cínica, Millie. — ele retrucou, e ligeiramente prensou-me contra a porta do carro. — Certamente que se existe um filho no seu ventre, não é meu. Descuidei-me com você uma única vez, e foi ontem.

Céus! Aquele diálogo estava passando dos limites.

— Nathan...

— Afastei-me de você por alguns dias, e você já foi abrir as pernas para outro? — cortou-me com fúria. — Foi com o babaca do Adam?

Fitei-o pálida. A conversa tornou-se violenta, e me vi apavorada.

— Eu...

— Nem mais uma palavra. — Nathan interrompeu-me. — E eu pensando que você... Qual é a sua, hein? Eu não consigo satisfazer você? — Ele estava se portando de maneira absolutamente cruel.

Mordi o lábio e balbuciei.

— Me solta! Você está completamente fora de si.

— Vai correr para ele?

— Vou para casa. — rosnei e o empurrei.

Eu queimava de ódio. Era descontrole demais para eu suportar. Sequer ficaria ali para discutir o assunto com ele.

Nathan tentou me segurar quando eu comecei a me afastar do carro dele.

— Deixe-me em paz ou eu faço um escândalo. — murmurei. — Meu pai vai adorar saber sobre a maneira como você vem cuidando de mim. — Seu rosto impossivelmente tornou-se ainda mais sombrio e ele me soltou.

Apressei os passos, ansiosa por me ver livre daquele peso e daquela intensidade toda. Aquele homem me quebrava em todos os sentidos. E pensar que tudo não passou de uma brincadeira, e falei aquilo somente para ver a reação dele.

Enquanto caminhava, enxuguei algumas lágrimas insistentes. Busquei o celular e disquei o primeiro número que me veio à mente.

— *Millie*?— ouvi do outro lado da linha.

— Estou precisando conversar, você está ocupada agora?— perguntei com a voz abafada.

— Onde você está?— Olhei ao redor e informei a ela alguns pontos de referência. — Certo. Vou levar o Paolo no aeroporto e logo passarei ai para pegá-la.

— Está bem Lauren.

Desligamos.

Guardei o telefone na bolsa e voltei a olhar para trás. O medo de que ele viesse atrás de mim estava me assombrando. Apesar de odiá-lo naquele momento, vibrava quando ele me tocava. E definitivamente eu necessitava de um espaço, um refúgio longe daquele homem terrivelmente sensual.

Capítulo 21

Millie Evans

Sentei-me em um banco de praça, checando meus e-mails à toa para distrair-me da tensão que havia pairado sobre mim. Em um deles, Amber, uma colega do instituto *Le Rosey,* relatava o quanto seu verão estava sendo maravilhoso com seus pais em Barcelona.

Abri o anexo que veio junto e a tela do celular iluminou-se com uma foto de uma garota com cabelos loiros repicados. Amber poderia ser considerada facilmente uma *top model.* Bronzeada, alta e vestindo-se impecavelmente com um top e uma saia de linho, seu sorriso era largo. Nossa amizade não era forte, mas eu guardava com muito carinho alguns momentos que vivemos juntas.

Meus pensamentos vaguearam novamente para Nathan e o quanto eu tinha me sentido completamente sozinha nos últimos minutos. Meus olhos queimaram de emoção, e eu enxuguei uma lagrima que caiu.

Uma buzina interrompeu aquele momento. Lauren estava sentada no banco do motorista de um carro preto lustroso, esperando junto ao meio-fio. Aproximei-me e entrei ajeitando-me no banco.

— Oi. — minha voz quase não saiu.

Fiquei olhando para a rua à frente, esperando o carro arrancar.

— Ei. — disse ela suavemente, passando o polegar pela minha bochecha.

Ela parecia renovada, mas o sorriso logo desapareceu. Minha garganta se fechou e tive que lutar com todas as forças para reprimir a sensação de choro que tentou me abater novamente.

— Me leve para longe, por favor, Lauren. — pedi.

Ela me olhou um pouco mais e suspirou antes de ligar o carro.

Virei meu rosto e limpei qualquer resquício de rímel que pudesse estar

borrado em meus olhos. Eu não sabia se conseguiria suportar ficar ainda mais vulnerável com aquele homem do que eu já era e ainda manter um pouco da minha integridade.

— O que aconteceu?

— Nathan aconteceu, Lauren. — respondi enquanto os prédios da cidade passavam por nós.

— Entendi. Está com fome?

— Não.

— Certo, então vamos para minha casa.

Olhei para ela e concordei com a cabeça levemente. Eu não poderia considerar nossa amizade sólida, mas em tão pouco tempo compartilhamos momentos íntimos e intensos, e nada me deixava mais aliviada e relaxada do que estar com ela naquele instante.

Lauren atravessou a cidade em tempo recorde com pouco respeito pelos pedestres e pelas leis de transito, mas de alguma forma eu estava me sentindo segura. Continuamos o restante do trajeto em silencio até que ela adentrou em uma residência estacionando o carro no jardim.

— É uma bela casa. — comentei saindo do carro.

— Paolo é extremamente rigoroso com seus investimentos. — Revirou os olhos e sorriu divertida. — Venha. — Pegou-me pela mão e nos encaminhou para dentro da casa.

— Espero não estar incomodando, Lauren. — comentei suspirando.

— Somos amigas, Millie. Você sempre será bem-vinda em minha casa. — falou tocando meu ombro com carinho. — Vou preparar um café para nós.

Sorri pela sua delicadeza e fiquei a olhando, até que desapareceu no corredor que provavelmente levava à cozinha. Ajeitei-me no sofá e resolvi tirar as sandálias, pois meus pés estavam latejando. Pulei de susto quando meu telefone começou a vibrar em minha bolsa. Vasculhei na mesma e encontrei-o, mas endureci o olhar quando vi que se tratava de uma chamada do Nathan. Recusei a chamada e desliguei o celular.

— Você parece muito séria. — Lauren observou ao voltar minutos

depois, carregando duas canecas fumegantes.

— Estou sentindo como se um trem tivesse passado em cima de mim. — reclamei.

Depois de estender-me uma caneca, ela se sentou ao meu lado.

— Um trem chamado Nathan. — observou.

— Sim. Desde que o conheci, sinto-me como em uma montanha russa. — disparei em desespero. — São tantas subidas e descidas, sabe? Ele tem a capacidade de me quebrar como nenhum outro.

— Oh Céus! — exclamou cobrindo a boca com a mão. — Você está apaixonada por ele, Millie.

— Estou. — confessei tensa. — E o que mais dói é saber que o que ele sente por mim é somente atração sexual. Um mero deslumbramento pela garota pura e inocente.

Beberiquei um gole do café e respirei fundo.

— A minha amizade com o Nathan é antiga. Eu o conheci em um evento de *networking*. Lembro-me que no primeiro momento eu o odiei, ele era soberbo demais e muito arrogante. O típico homem cafajeste que não mede esforços e nem consequências para conquistar aquilo que almeja. — Engoli em seco. — Nossos encontros foram ficando cada vez mais frequentes, e quando menos percebi, estávamos marcando festas e jantares.

Franzi o cenho sem entender onde ela queria chegar com aquilo. E pelo tom da conversa, tinha quase certeza de que não ia gostar de ouvir.

— Lauren...

— Uma vez ele marcou comigo em um restaurante, mas não apareceu. — continuou ignorando meu apelo. — Sabe quem apareceu no lugar dele? — neguei com a cabeça. — Paolo.

Olhei-a em choque.

— Eu... eu nunca imaginei... que generosidade da parte dele. — murmurei surpresa. — Então ele foi o cupido de vocês?

— Sim. — confirmou com um sorriso no canto dos lábios. — A

desculpa que usou, foi que não aguentava mais me levar por todos os lugares. — falou entre risos. — Então teve a brilhante idéia de me apresentar o grande amor da minha vida, meu italiano quente.

Examinei-a atentamente e sorri pelo calor em seus olhos ao falar do marido.

— O fato é que esses detalhes estou sabendo somente por você, Lauren. — reclamei cansada. — Nessas poucas semanas que estamos nos envolvendo, ele nunca me contou nada... eu não sei nada sobre ele.

— Nathan sempre foi misterioso, Millie. — falou repousando a caneca sobre a mesa de centro. — Os nossos assuntos eram banais e superficiais. Ele nunca permitiu que o conhecêssemos verdadeiramente. — Seu olhar se tornou distante. — Sem sombra de dúvidas, você foi a única que conseguiu fazê-lo abrir uma brecha.

— Eu? Não entendi. — Olhei-a profundamente. — A única coisa que está visível para mim é o vício que ele tem por sexo. E no momento, eu sou o brinquedinho dele. — murmurei ressentida.

Senti um aperto no coração ao constatar aquilo. No fundo ele não havia me enganado, sempre fora sincero desde o início.

Lauren estava me encarando, na certa notou minha emoção contida.

— Nathan jamais demonstrou suas emoções. — ela falou depois de uma pausa, que mais pareceu uma eternidade. — Essa possessividade que ele demonstra visivelmente ter por você... nunca houve. Um exemplo claro para mim foi o que aconteceu ontem à noite.

— O que tem a noite anterior? — disparei sentindo-me constrangida. As lembranças pipocando em minha mente.

— Já havíamos feito aquilo antes, Millie. Nathan nunca se importou com o fato de a parceira dele ser penetrada pelo Paolo ou por outro qualquer. — explicou, deixando-me pasma. — Fiquei admirada por ele ter permitido que Paolo tivesse ido tão longe com você, tendo em vista aquela possessividade toda a seu respeito.

A franqueza dela me assustava. A facilidade com que ela explicava algo tão... tão íntimo, era perturbador.

— Pode parecer estranho, eu sei. — Ela buscou minhas mãos trêmulas. — Independente da merda que ele fez, acredito que possa estar relacionado exclusivamente ao descontrole de suas emoções. Você deve estar mexendo com o juízo dele. — brincou, mas eu não fui capaz de sorrir. — Outra coisa, o que aconteceu conosco ontem à noite foi intenso e delicioso. — Seus olhos brilharam ao observar o meu rosto corado. — Mas independente disso, somos amigas, e não quero que se sinta constrangida em minha presença. Se tiver que acontecer de novo, será com naturalidade, e não mudará o respeito que temos uma pela outra e por nossos parceiros.

Apertei suas mãos e não segurei a onda de emoção que me tomou naquele momento. Joguei-me em seu colo e me debulhei em lagrimas. As coisas estavam acontecendo tão depressa, que no fundo sentia-me perdida em meio ao turbilhão que minha vida se transformou.

— Você está consciente de que ele irá procurá-la, não é? Sinta-se convidada para ficar aqui; Paolo viajou para a Grécia e Nathan pensa que fui junto. Então minha casa será o último lugar que ele irá procurar você.

— Lauren! Atrapalhei sua viagem com o Paolo. — exclamei chateada e voltei a me sentar.

— Amigas em primeiro lugar, meu bem. — Ela sorriu e me deu um cutucão.

— Obrigada. — suspirei agraciada. — Vou aceitar a sua oferta de ficar aqui. Eu preciso de um tempo, e francamente, ele também. Finalmente tenho minha própria casa e a mudança foi estranhamente libertadora. Todos os dias eu sentia como se tivessem controlando meus passos e pensamentos. Agora, estou começando a voar sozinha, e não vou permitir que todos os meus momentos girem em torno dele e de nós.

— Isso faz sentido. A independência é muito importante em um relacionamento.

Manter Nathan levemente distante iria ser uma batalha constante quando tudo o que eu queria era estar envolta nos braços dele.

Ж

Acordei abruptamente, desorientada, até reconhecer o papel de parede do quarto de hospedes da Lauren. Meu corpo estava tranquilo e relaxado, mas por dentro eu era agonia pura. Afastei os lençóis e coloquei os pés para fora da cama. Peguei meu telefone e liguei-o. Em questão de segundos ele começou a alertar-me das diversas ligações e mensagens de texto, todas do Nathan.

"Onde você está? Estou enlouquecendo atrás de você Millie. Atende a porra do telefone..."

Um suspiro frustrado escapou de meus lábios quando eu li uma de suas mensagens. Coloquei o celular na escrivaninha e levantei sentindo meus músculos tensionados. Tudo relacionado ao Nathan tinha se tornado um ataque violento aos meus sentidos, um trem congestionando minha sensatez.

Uma luz ambiente preenchia o quarto, mas o céu estava completamente escuro, com exceção das luzes frenéticas da cidade. Admirei a vista por alguns minutos, e então saí silenciosamente do quarto.

Passei pela sala e encontrei Lauren aninhada no sofá sobre alguns travesseiros, assistindo tevê.

— Ei, o que está fazendo acordada? São quase duas da manhã.

— O que você está fazendo acordada? — ela apertou os lábios.

— Hm, nada. Somente sinto-me inquieta. — respondi revirando os olhos.

Ela concordou com a cabeça, mas eu percebi um sorriso tímido.

— Venha assistir tevê comigo. — pediu, batendo sobre o assento ao seu lado. – Esqueça o safado do Nathan.

Eu dei um sorriso fraco.

— Estou tentando. Acho que não sou muito esperta quando estou apaixonada.

— Esse tempo será bom para ambos, Millie. Obviamente ele precisa resolver as próprias questões, mas vocês dois também podem ter um tempo para pensar no relacionamento de vocês sem estarem intensamente

envolvidos.

— Você tem razão. — respirei fundo. — Enfim, chega de falar de mim e dos meus problemas. E você e o Paolo? Quanto tempo vocês estão juntos?

— Ah, fazem alguns anos. Paolo me enlouquece.

— De um jeito bom ou ruim?

— Os dois, mas sempre nos entendemos. — ela sorriu.

— Acho que vocês dois se encontraram um no outro, Lauren.

— Ele me mantém ocupada, e provavelmente pode dizer o mesmo de mim. Não há momentos entediantes, isso é certo.

Por um instante me permiti pensar no Nathan. Ele era cheio de desafios e eu nunca sabia o que esperar dele.

— Certo, sua cara está me dando náusea. — murmurei.

Ela deu uma risada.

— Desculpe.

— Não se desculpe. Só estou amarga e solitária.

Ela ficou séria por um minuto, então um sorriso brotou em seus lábios e caímos na risada.

Definitivamente, Lauren havia sido o meu melhor refúgio em meio àquele rio de emoções mal resolvidas.

Capítulo 22

Millie Evans

Dois dias tinham se passado desde que eu resolvi me refugiar na casa da Lauren. Eu queria acreditar que tudo se resolveria e que eu conseguiria seguir minha vida como eu sempre almejei, mas nada era normal... Não com o Nathan habitando em meus pensamentos incessantemente.

— Tenho convites para um evento hoje à noite. — Lauren comentou enquanto entrava no quarto no momento em que eu saía do banheiro depois de um longo banho refrescante.

— Do que se trata?

— É uma campanha de arrecadação de fundos para doação. — explicou. — O dinheiro vai para uma fundação que investe em alguns esportes para crianças e adolescentes com deficiência. — emendou. — Você quer ir?

Considerei a oferta por um instante. Eu não estive em nenhum outro lugar que não fosse a casa do Nathan ou a galeria por um bom tempo. A idéia de me socializar quando a minha mente ainda estava fodida era um pouco assustadora, mas a distração me faria bem. Pelo menos conversar com outras pessoas era melhor do que ficar sozinha com meus pensamentos.

— Acho que sim. Talvez seja uma boa mudança na rotina.

— Isso mesmo, garota. — sorriu animada.

Meu telefone tocou no momento seguinte e senti meu coração baquear. Olhei para o visor e me aliviei.

— *Adam*. — atendi recostando-me na penteadeira.

— Millie— A voz dele era grave. —Está tudo bem? Fiquei preocupado com suas faltas na galeria, fui ao seu apartamento, mas você também não estava...

Soltei um suspiro baixo.

— Estou na casa de uma amiga, Adam. — falei. —Não se preocupe, estou bem.

— O que está acontecendo Millie?

— Eu já expliquei, nada com que precise se preocupar.

— Tem a ver com ele, não é? Aquele cara está destruindo o seu coração, Millie.— O ar saiu de mim como uma lufada, fechei os olhos com força.— E eu não entendo o motivo de você permitir isso, sendo que eu estou bem aqui. Eu quero você.

Mantive meu olhar abaixado, incapaz de raciocinar direito. Eu não podia dar a ele o que ele precisava. Eu mal estava sobrevivendo ao meu afastamento brusco com Nathan. Eu não tinha coração sobrando para dar a outra pessoa.

— Eu não posso ser o que você quer que eu seja, Adam. Isso... Isso não é justo com você.

— Por que você não me deixa julgar por conta própria?

Suspirei.

— Não há nada que você possa fazer, Adam. Você precisa entender que eu não posso amá-lo.

A verdade daquelas palavras me atingiu enquanto eu as proferia. Eu não era capaz de amar mais ninguém. De alguma forma, Nathan havia criado raízes na minha alma.

— Não estou pedindo para que você me ame. Estou pedindo que você nos dê uma chance.

— Adam...

— *Vou respeitar o seu tempo.* — cortou-me, mudando o tom. — *Quando você retorna ao trabalho?*— respirei fundo, aliviada pela mudança de assunto.

— *Segunda-feira.* — respondi.

— *Está certo. Aguardarei o seu retorno.*

Eu me arrepiei levemente com o seu tom e não gostei nada de como

aquilo soava.

— Até mais.

Desliguei e relutantemente ergui os olhos para Lauren.

— Uau! — exclamou. — Parece que Nathan tem um concorrente aqui.

Meneei a cabeça.

— Não sei se é exatamente assim que eu chamaria.

— Esse é aquele que estava com você naquele pub no outro dia? — confirmei com a cabeça. — Ah minha amiga, então se não for paixão, é tesão puro.

Gargalhei alto sendo seguida por ela.

— Você não presta. — murmurei saindo do quarto.

Ж

Lauren me emprestou um vestido tomara que caia preto que abraçava minhas curvas e ia até um pouco abaixo dos meus joelhos.

Ao chegarmos no evento, ela me apresentou diversas pessoas. A facilidade que ela tinha em se enturmar era invejável. Encontramos Nora e Max, e me alegrei muito em revê-los.

O casal com quem eles estavam conversando acenou em despedida e saiu, nos deixando sozinhos.

— Você está linda, Millie. — Nora comentou.

— Obrigada. — murmurei constrangida com o sorriso premiado do Max, direcionado a mim. — Fiquei feliz por ter vindo. Pelo que Lauren me contou, ela e Paolo são muito envolvidos na caridade.

— Paolo patrocina esse evento há muitos anos. Ele sempre busca dar visibilidade à causa, para assim atrair novos doadores. — Lauren comentou ao meu lado.

— Isso é maravilhoso. — falei.

— Podemos marcar um novo encontro, Millie. — Nora murmurou. — Algo casual entre amigas.

— Adoraria. — falei com sinceridade.

— Venha Millie, precisamos encontrar nossa mesa. Eles servirão o jantar logo. — Lauren pegou-me pela mão.

Seguimos até a mesa e rapidamente reconheci os rostos que estavam sentados conosco. Stan se levantou quando me viu, mas meu olhar se voltou imediatamente para Nathan e a mulher que estava ao lado dele.

Fiquei imóvel, congelada. O homem que eu amava ao lado de outra mulher. A dor do nosso distanciamento bateu com força total. Eu não estava preparada para vê-lo, e ainda por cima ao lado de outra mulher. Ela era linda, e estava impecável em um vestido de seda vermelho, contrastando lindamente com seus cabelos pretos cheios de brilho que caiam sobre seus ombros. Nathan estava com terno, aos olhos de todos, eles formavam um casal perfeito.

— Que prazer em revê-la, Millie. — Stan quebrou o silencio e me deu um abraço, seguido por Samantha.

Nathan me encarou com aqueles olhos penetrantes, na certa esperando que eu reagisse, mas eu simplesmente não conseguia dar um passo sequer. Olhei para Lauren, que parecia convenientemente distraída com algo no outro lado do salão.

— Junte-se a nós, querida. — disse a parceira de Nathan com um sorriso perspicaz que me fez ranger os dentes.

As palavras dela me fizeram quebrar o transe e eu obriguei-me a mexer, mas na direção oposta.

— Lauren, eu vou pegar algo para beber. Você quer alguma coisa?

Ela balançou a cabeça.

— Estou bem, obrigada. — respondeu. — Quer companhia? — Enxerguei apreensão em seus olhos.

Sacudi a cabeça e virei em meus calcanhares. De soslaio percebi Nathan se levantar quando comecei a andar. Eu o ignorei e segui em direção

ao bar, lutando contra o desejo de sair correndo dali.

— Uísque com gelo. — pedi ao barmen.

— O mesmo. — pediu Nathan parando ao meu lado.

Não estávamos nos tocando, mas a nossa proximidade já era suficiente para que a energia palpável pulsasse entre nós.

— Eu não sabia que você estaria aqui. — A voz dele era baixa. — Estou tentando falar com você há dias.

Respirei fundo, tentando controlar minhas emoções. Eu estava desolada. Havia passado os dias chorando por ele, e para que?

Dei uma olhada de volta para mesa. Lauren parecia ser a pessoa mais animada, totalmente avulsa ao meu tormento pessoal. Tomei a minha dose de uísque sentindo o liquido deslizar por minha garganta seca. Soltei o copo no balcão e me virei para sair.

— Aonde vai? — Nathan segurou meu cotovelo. Seu toque foi como chama em minha pele.

— Me larga. — rosnei. — Volte para sua acompanhante e me esquece.

Com um safanão, eu me soltei do seu aperto. Apressadamente me vi seguindo em direção a saída. Meus olhos estavam marejados, e eu temi tropeçar em meus próprios pés.

Assim que senti o ar gelado da noite soprar sobre mim, pude finalmente respirar aliviada. Comecei a vasculhar em minha bolsa para pegar meu telefone e avisar a Lauren da minha partida repentina. Não queria preocupá-la.

— Millie? — Dei um grito de susto quando Nathan me segurou, virando meu corpo para ele. — Nunca mais me vire às costas. — Seu olhar ficou escurecido de emoção.

— Vá se foder. — rosnei o empurrando.

Lágrimas não derramadas queimavam meus olhos.

— Por que você se escondeu de mim? Fugir não era suficiente, você precisava me deixar desesperado?

Meneei a cabeça, confusa.

— Percebi o seu desespero lá na mesa. — ironizei. — Parabéns, ela é linda.

— Ela é minha prima, e está aqui a trabalho.

— Você não me deve satisfações, Nathan. — Apertei o maxilar. — Pode comer quem quiser.

— Você mente muito mal.

Minha boca se abriu, mas as palavras ficaram presas. Eu queria poder dizer a ele que o amava e que sentia uma falta desesperadora dele, ou explicar a ele aquele mal-entendido e acabar de vez com aquela separação dolorosa e desgastante.

Novamente ele se aproximou e me tomou facilmente em seus braços fortes.

— Você é única, Millie... não houve mais ninguém. — falou, apertando com força a minha cintura. — Eu mal consegui trabalhar nesses dias, e tive que me segurar para não alarmar o seu pai sobre o seu sumiço quando ele me perguntou de você.

Fechei os olhos com força, embora continuasse sentindo o olhar dele me queimando. Ele colocou a mão em minha nuca, aproximando nossos rostos. Abri os olhos ao sentir sua respiração em meus lábios. Meu coração palpitava velozmente.

— O nosso relacionamento está acabando comigo, Nathan. Você não entende? — As lágrimas queimaram e deslizaram livres por meu rosto. — As suas atitudes impulsivas me dilaceram. Estou com você, mas eu nunca sei por quanto tempo. Você é muito explosivo e eu sempre saio ferida.

— Eu não consigo agir diferente, Millie. — confessou, passando as mãos nos cabelos já bagunçados. — Você está me desestabilizando, e sinto-me perdido porra! O que você queria que eu pensasse ou falasse quando falou sobre gravidez?

— Foi uma brincadeira, Nathan. — murmurei cansada. — Você nem ao menos me deixou explicar, simplesmente começou a me atacar com suas

acusações infundadas.

Engoli em seco para amenizar o aperto na minha garganta.

— Mas que droga, Millie! — exclamou irritado. — Eu não sabia disso.

— Eu quero ir embora, Nathan. — Tentei empurrá-lo, mas ele não se moveu. — Estou cansada e...

— Eu te levo. — cortou-me, entrelaçando sua mão na minha. — Nem morto que deixarei você escapar de mim de novo.

— As coisas não se resolvem assim, Nathan. — murmurei, sendo praticamente arrastada por ele. — Você não pode achar que pode consertar tudo.

Ele parou de andar e me encarou com uma determinação cortante.

— Claro que posso. Farei qualquer coisa para ter você de volta.

— Por quê?

Ele ergueu as sobrancelhas e seus lábios formaram uma linha fina.

— Não comece com suas idéias de romance, Millie, por favor. — Seu tom saiu em fadiga. — A verdade é que eu não conseguia dormir de tanto que desejava você. Queria me afundar todo em você, ouvi-la gritar. Por que isso não é suficiente? O que mais quer de mim garota?

Apertei o maxilar. Suas palavras me cortaram como mil facas. Como ele podia ser tão cego?

— Quero que me deixe em paz. — falei entre soluços. — Eu... eu te odeio.

Ele respondeu, me puxando para ele. Nossos corpos se colidiram, e sua boca silenciou-me imediatamente com seus beijos fervorosos. Seus dedos emaranharam-se em meus cabelos.

— O seu corpo me diz outra coisa. — sussurrou, me beijando docemente. — *Minha criança*... minha.

Ele fez uma pausa, me penetrando com seu olhar.

— Não é o que você pensa. — menti.

— Ah, não? — tentei pesar minhas opções, as possibilidades e todas as coisas que podiam dar errado. — Convença-me do contrário, e eu nunca mais me aproximarei de você.

Meus batimentos cardíacos tornaram-se frenéticos e o desespero quis me abater. A súplica silenciosa posta em suas palavras me despedaçou. Mordi o lábio, e não tive forças para ir contra os meus verdadeiros sentimentos.

— O teu silencio já disse tudo, Millie. — Seu polegar libertou meu lábio e o lambeu sedutoramente. — Não desista de mim, de nós. Acabe com essa barreira, porra.

Contemplei uma resposta. Ele tinha me estraçalhado emocionalmente e desmentido meu blefe com relação a nós. O que mais eu podia fazer para mantê-lo longe, sem me machucar ainda mais? Ele era a personificação da perseverança.

Concordei com a cabeça sem raciocinar direito, embriagada quando ele me beijou mais uma vez, dando-me o prazer de sentir seu sabor delicioso.

Suspirei. Estávamos longe de voltar ao normal. Eu não estava nem perto de me sentir relaxada com relação a nós dois, mas não poderia enganar o meu desejo e o meu coração que gritavam por ele.

Ninguém nunca me fez sentir-me daquele jeito, e ninguém jamais faria.

Capítulo 23

Millie Evans

Entramos no apartamento dele, que me colocou no sofá e me trouxe um copo de água. Meu corpo estava um pouco anestesiado, e sentia-me repleta de um desespero silencioso.

Enquanto eu bebia, Nathan fez uma ligação da cozinha. A voz dele era grave e a ligação foi curta. Ele voltou e se sentou à minha frente sobre a mesinha de centro.

— Você não deveria beber. — Seu tom de voz soou contrariado. — Não está acostumada com os efeitos do álcool.

— Estou cansada das pessoas apontarem o que eu devo ou não devo fazer. — Afundei-me no sofá e fechei os olhos. — Você não tem o direito de mandar em mim, Nathan.

Ele não se intimidou, e eu podia ter poupado o fôlego.

— Você me deu direitos sobre seu corpo e isso basta para mim. — esclareceu ele. — Você não gosta de mim comandando sua vida, e eu não gosto de você tomando decisões radicais. Talvez possamos concordar em resolver essas coisas juntos no futuro. O que você acha?

Arqueei as sobrancelhas.

— O que você está propondo?

— Se para ter você eu preciso controlar meus instintos, então eu vou me esforçar. Simples assim.

Meus olhos se arregalaram. Eu não estava esperando por aquilo.

— Beba.

Tomei mais alguns goles da água, tentando raciocinar.

— Então o que vamos fazer?

Ele deu um sorriso torto.

— No momento eu vou comê-la. — O calor percorreu seus traços. — Estou faminto.

Ele me levantou e rapidamente desnudou-me do vestido, deitando-me no sofá. Lentamente tirou minha calcinha, me deixando aberta para ele.

— Eu quero você assim todas as noites. Nua e esperando por mim.

Ele despiu-se do paletó e logo depois da camisa, jogando-os em qualquer canto. Assisti a cena fascinada, olhando fixamente quando ele abaixou a calça até o chão e cobriu sua ereção com camisinha. Seu corpo perfeitamente escultural foi sendo revelado por debaixo das roupas.

Abaixando-se, ele se acomodou entre minhas coxas. Ele deslizou pelo meu corpo, com sua ereção dura em minha barriga enquanto beijava do ombro ao meu pescoço. Suas mãos idolatravam minhas curvas deixando um rastro de fogo em minha pele.

— Eu quero senti-lo dentro de mim. — falei, sem ar.

— Não tão rápido *minha criança.*— sussurrou, mordendo minha orelha. — Vou castigá-la um pouquinho.

— Nathan... — Eu me mexi com a ânsia aguda entre minhas pernas.

— Você me deve isso depois de ter desaparecido e destruído a minha vida nesses últimos dias.

Eu queria protestar, mas não conseguia pensar em ficar longe dele naquele momento.

Seu corpo prensou-me de forma cautelosa, e eu o senti circundar a minha abertura. Frenética por ele, eu segurei a carne quente do seu pau na mão, e o posicionei em minha entrada. Nossos olhos estavam conectados quando ele me penetrou lentamente. Ele girou os quadris e me reclamou como dele, reivindicando-me. Eu o sentia por completo. Sua respiração ofegante se igualando com a minha.

Com movimentos aveludados de sua língua, ele tomou minha boca, até que eu mal conseguisse respirar.

— Diga para mim. — o comando saiu de seus lábios em um grunhido estrangulado. — Fale o quanto me quer, sentiu falta disso? Hun?

— Eu te quero, Nathan. — solucei com o prazer. — Oh, céus, você é tão gostoso. Isso é tão gostoso.

Como se algo invisível disparasse, a lâmina fina de controle desapareceu do seu rosto. Sua expressão se transformou, e não consegui mais identificar a moderação em seus traços, somente aquele animal intenso que precisava me possuir. Sua penetração se tornou frenética, e a fricção de seus movimentos estava me enlouquecendo. Enquanto eu me via deslizando perigosamente em direção ao êxtase, eu agarrava tudo...seu cabelo, os ombros, sua bunda.

Ele pegou minhas mãos e ergueu-as acima da minha cabeça fazendo meus seios se projetarem para cima, atormentados pelo contato com os pelos macios do seu peito. Perdi o controle do meu raciocínio. Gemi e gritei coisas desconexas.

Com uma de suas mãos ele enrolou minhas pernas ao redor de seus quadris, batendo em mim sem misericórdia. Seus dedos esgueiraram-se no vão de minhas nádegas, e os senti acariciar suavemente aquele local escondido.

— Nathan... — soprei um pouco tensa com aquilo. Seu aperto em minhas mãos privou-me do controle de meus movimentos.

— Eu a quero por completo. — Sua voz saiu carregada. — Inteira ao meu dispor. — A ponta do seu dedo adentrou e enrijeci automaticamente. — E isso inclui seu cuzinho apertadinho.

Arquejei com seu jeito sujo de falar, mas que incrivelmente me deixou ainda mais desejosa.

— Ah, Nathan.

Ele se moveu bruscamente, se enraizando com ainda mais firmeza dentro de mim. Gemi, me curvando com a plenitude. Abaixando-se, ele contornou a minha orelha com a língua enquanto me castigava com investidas constantes. Contraí impotentemente em torno do pau dele. O calor se espalhou em meu corpo e girei suavemente os quadris, sentindo seu dedo entrar mais fundo em minha outra entrada.

— Oh céus! — exclamei, engolindo um ofego forte.

Ele soltou minhas mãos e agarrou minha nuca puxando-me para um beijo; em movimentos intensos fodia minha boca sedutoramente com a língua.

— Nunca mais me prive disto, Millie.

O ar saiu de mim, mas ele o engoliu com outro beijo devorador.

— Não vou. Eu prometo. Eu juro. — deslizei os dedos por seus cabelos, pressionando os seios em seu peito.

As bochechas dele coraram com o calor e o vi apertar o maxilar enquanto acelerou as investidas. Meu corpo zuniu.

— Nathan. — Minha voz saiu como uma suplica.

— Agora. Goze. Não posso parar.

Suas palavras foram como um gatilho, assim como vê-lo se perdendo, enterrado em mim em ambos os lados. Meu corpo inteiro tremeu com o orgasmo que se espalhou sobre mim. Seus olhos jamais deixaram os meus enquanto ele se perdia em seu próprio êxtase. Os gomos de seu abdômen se tencionaram ainda mais, antes de um espasmo chacoalhar seu corpo vigoroso.

Meu peito se expandiu com calor e eu inalei seu cheiro, deliciando-me com nossa proximidade feroz. Uma onda pulsante e possessiva de amor me agarrou com suas garras. Nada do que eu fizesse mudaria aquele fato.

— Você está bem?

Tremi levemente quando o senti retirar o dedo de dentro de mim.

— Estou. — respondi em um sopro.

Seus lábios tomaram os meus com uma delicadeza comovente que me fez flutuar. Fechei meus olhos, sentindo-os pesados diante de todas aquelas emoções.

— Está cansada. — observou. — Vamos para cama.

Agarrei-me ao seu pescoço quando ele me ergueu do sofá. Estar de novo em seus braços era uma sensação plena. A queimação lenta do meu desejo estava se acalmando, e o amor tomava conta à medida que me agarrava desamparadamente a ele.

— Eu quero ouvi-lo tocando violino. — murmurei em tom baixo, conforme ele repousava meu corpo na cama macia. Minha pele se arrepiou com sua risada.

— Amanhã eu tocarei para você. Agora, durma. — respondeu com voz mansa.

Meus lábios se ergueram suavemente em um sorriso, mas não tive forças para abrir os olhos. Aninhei-me entre os travesseiros e deixei o sono me tomar inteiramente.

Ж

Suspirei audivelmente quando senti os dedos do Nathan massagearem a sola dos meus pés com uma habilidade delirante. Eu tentava entender o que tinha acontecido para ele estar agindo tão carinhosamente comigo, mas no fundo eu estava amando aquele momento perfeito entre nós.

Quando senti que havia sido massageada por completo, me libertei de suas mãos. Ergui-me em meus joelhos e acomodei as pernas sobre suas coxas musculosas. Nos encaramos enquanto eu contornava cada traço marcante do seu rosto com meus dedos.

— Esse mimo todo, faz parte do seu plano de se redimir?

— Nada a ver. — ele riu. — Eu a mimo porque você é preciosa para mim.

Eu me derreti com aquelas palavras, porém senti-me arisca e desconfiada.

— Hoje você está muito estranho. — comentei e saí da banheira.

O piso foi umedecendo conforme eu fui caminhando em direção ao quarto.

— Por que está dizendo isso? — Nathan perguntou minutos depois, pegando a toalha da minha mão e enxugando minhas costas. — Pensei que gostasse da minha versão romântica.

Fiquei pensativa. Seu braço virou-me para ele e mordi os lábios. Rapidamente ele os pegou com sua boca, chupando-os e sugando com força.

— Eu gosto de romantismo, Nathan. — respondi enquanto ele soltava beijos suaves em meu rosto. — Mas não estou acostumada com ele vindo de você. — sorri.

Ele afundou o rosto na dobra do meu pescoço e mordeu minha pele.

— Vou deixá-la à vontade para se arrumar. Preciso fazer algumas ligações. — falou massageando minhas bochechas com o polegar.

— Algum problema?

Seu rosto contorceu-se levemente com uma expressão séria.

— Apenas algumas burocracias que seu pai incumbiu a mim para resolver. — respondeu afastando-se.

Resmunguei qualquer coisa, e logo o vi sair deixando-me sozinha.

Caminhei pelo quarto passando as mãos por meu corpo. Minha pele ainda sentia os efeitos do toque avassalador dele, e eu me sentia boba; mas não conseguia parar de sorrir.

Coloquei a mesma roupa da noite anterior e decidi encontrá-lo onde quer que ele estivesse no apartamento para tomarmos nosso café da manhã juntos.

— Eu já falei para não se meter, pois eu sei o que estou fazendo. — A voz do Nathan ecoou aos meus ouvidos quando passei pelo corredor. — Apenas faça o que combinamos e não se meta nos meus planos.

Um arrepio me inundou. Seu tom estava furioso e repleto de uma emoção sinistra.

— Nathan? — chamei, fazendo-o se virar. Seu corpo estava completamente tenso.

Rapidamente ele desligou o telefone fazendo-me franzir o cenho em estranhamento.

— Aconteceu alguma coisa? Você parece preocupado.

Como um touro ele veio até mim e me ergueu em seus quadris, minhas

pernas enrolaram-se em sua cintura. Sua língua invadiu minha boca com urgência enquanto ele caminhava comigo. Gritei quando me senti sendo pressionada contra uma parede fria. Eu estava assustada com aquela reação inesperada, pois ele estava tremulo e nervoso. E apesar de estar adorando sentir novamente suas mãos esfomeadas em mim, não podia deixar que ele me usasse como fuga.

— Nathan, pare! — exclamei sem fôlego.

Seus olhos encontraram os meus, e percebi a confusão nítida entre eles.

— O que foi? Não quer?

Soltei um suspiro frustrado.

— Temos que conversar, Nathan. — respondi com cautela. — Nossa relação não pode ser baseada somente em sexo e sexo, eu quero mais do que isso.

Ele me soltou no chão e tive que me equilibrar quando ele se afastou, ficando de costas para mim. Seus ombros tencionados.

— Lá vem você com esse papo de romances. — comentou com desdém cortante.

— Não é sobre isso. — tentei soar calma. — Tem a ver com a nossa falta de diálogo, você só sabe me ver como seu lanche, Nathan. — reclamei, e ele me encarou atormentado. — Eu não o conheço. — Passei as mãos no rosto e respirei fundo. — Não sei os detalhes da sua vida, o seu passado e o que quer no futuro...

— Você não iria gostar de me conhecer. — cortou-me. se aproximando com passos de predador. — Acredite em mim.

— Nathan... — murmurei exausta. — Essa situação me cansa, e me frustra. — soei desesperada. — Sinto-me perdida no escuro ao seu lado.

Ele esparramou ambas as mãos ao meu redor na parede e me encarou intensamente.

— Está bem. — murmurou. — Você tem direito a uma pergunta. — pisquei algumas vezes, sem acreditar. — Seja rápida antes que eu me arrependa.

Meus pensamentos se agitaram com infinitos questionamentos, mas algo pipocou com uma curiosidade maior naquele momento.

— Fale-me sobre essa tal *sociedade*. — pedi.

Ele ficou parado, imóvel por alguns instantes. Assustei-me com sua risada repentina.

— De todas as perguntas que você poderia ter feito sobre mim, você preferiu essa? Inacreditável! Não há dúvidas de que você me surpreende, Millie. — ele comentou com um sorriso divertido nos lábios.

— Tenho chance de trocar? Na verdade, fui pega desprevenida, e...

— Não tente me ludibriar, espertinha. — Seu braço enlaçou minha cintura. — Eu dei a chance, você quem não soube aproveitar. — Seu nariz fungou na pele desnuda do meu ombro.

Antes que ele me enredasse em sua teia de sedução, eu o empurrei de leve, me afastando e mantendo uma distância segura.

— Você está tentando me enrolar, e eu quero minha resposta. — falei e me sentei sobre o sofá. — Não! Sente-se no outro, por favor. — pedi quando o vi se aproximar de mim.

Ele bufou baixinho, porém mesmo contrariado, fez o que eu pedi.

— Depois eu vou fazer questão de esparramá-la na mesa e fazer de você, o meu café da manhã. — falou em tom sério, apesar de, o canto de seus lábios estarem erguidos.

Tentei disfarçar a pulsação no meio das pernas, mas as reações do meu corpo eram transparentes para ele. Seu sorriso contido até então, se abriu dando-me a certeza de que ele era extremamente consciente do poder que tinha sobre mim.

Estremeci naquele momento, não pela excitação, mas pela constatação da minha triste realidade. Nathan Backer me tinha nas mãos.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 24

Millie Evans

— Então quer dizer que essa sociedade nada mais é do que, um grupo de pessoas que se reúnem para orgias? — perguntei enquanto ele dirigia ao meu apartamento.

Meus pensamentos ainda estavam em desordem depois que conversamos em seu apartamento, e ele sequer me deu fôlego em seguida. Olhei-o quando ouvi sua risada alta.

— Essa parece ser uma boa interpretação. — murmurou sorrindo. — A sociedade *Veiled,* como eu falei, começou com quatro amigos e aos poucos o grupo foi crescendo e adquirindo membros em vários países.

— Virou um clube?

— Não. São reuniões exclusivas. — explicou tranquilamente. — Não há pagamentos de taxas ou mensalidades. Os encontros acontecem apenas uma vez por mês na casa de um dos membros.

— Como você entrou nesse grupo?

— Eu já expliquei. — respondeu com impaciência.

— Mas eu não entendi. — retruquei. — Você disse que conheceu uma das idealizadoras... mas como ela te apresentou esse grupo, sendo ele assim tão exclusivo?

Uma de suas mãos apertou o volante com força.

— Simplesmente ela se tornou obcecada por mim, e não pensou duas vezes em me exibir para os outros.

Ele parou em uma placa de “Pare”.

Meu coração acelerou à medida que a realidade fria da situação se tornava clara.

— Você ainda faz parte do grupo?

— Sim.

Fiquei o encarando com perplexidade.

— Então quer dizer que...

— Estou em falta com algumas reuniões, Millie. — interrompeu-me.

Ele ficou olhando para a estrada com uma expressão ilegível, aumentando a velocidade quando chegamos à via rápida. Meu coração encontrava-se descompassado, e tudo em meu interior gritava. Ele estacionou quando chegamos ao meu endereço.

— Está entregue. — murmurou, me olhando. — Mas tarde nós...

— Qual o nome dessa mulher? Ela não te procura? — cortei-o.

Seu olhar era penetrante, trespassando minha alma.

— Porque quer saber? — sua voz soou perigosamente grave e potente.

Engoli em seco e suspirei.

— Não se faça de bobo, Nathan. — falei e o vi se encolher de maneira quase imperceptível. — Você me exige exclusividade, então eu gostaria de ter o mesmo. Acredite, não me sinto nenhum pouco confortável em saber que você possui uma admiradora — falei chateada.

— Millie, desde que a conheci, você é a única capaz de me enlouquecer. — Nathan murmurou com voz pesada. — Nossos momentos são deliciosos, e tê-la em meus braços tão entregue e somente minha é algo que... me inebria...

— Mas ainda não é o suficiente. — novamente o interrompi. — Eu vejo em seus olhos a excitação em saber que sou desejada por outros, mas que no final só você me tem.

Ele lambeu levemente os lábios e ajeitou o corpo de modo a ficar de lado para mim.

— Tem razão. — murmurou sorrindo. — Sou um filho da puta pervertido e adoro ultrapassar os seus limites, Millie. Vê-la desabrochar. Você não tem noção em como foi maravilhoso quando a vi sendo possuída pela Lauren e o Paolo, e os sons que você deixava escapar. — Ergueu a mão

e tocou o polegar em meus lábios. — Eu fico imaginando essa sua boquinha atrevida em volta do meu pau, enquanto você está sendo chupada por outro. — Arquejei. Minha pele esquentou até as bochechas, porém esforcei-me para manter o olhar. — Estou tentando entender suas necessidades, Millie. Quero estar com você, mas confesso que possuo um animal enjaulado em meu interior. — Seu olhar escureceu.

— Você sente falta desse tipo de sexo. — murmurei em tom afirmativo. Naquele momento eu estava confusa. A experiência que tive com nossos amigos foi boa, mas pensar em expandir aquilo era meio assustador. — Depois nos falaremos. — Abri a porta, mas ela segurou meu braço.

— Eu posso levá-la para conhecer. — seu tom de voz saiu cauteloso. — Hoje à noite terá uma reunião e será em Londres. Não faremos nada que não queira. — Segundos que pareceram minutos se passaram. Meus seios se moviam no ritmo da minha respiração, que havia acelerado enquanto eu pensava. — Pense como uma experiência, algo que a levará muito além das expectativas. Eu adoraria que você fosse.

Mordi os lábios nervosamente. Eu o amo, certo? Então nada mais justo do que fazer o que ele gosta. Vou agradá-lo, preciso ser o suficiente para ele e suprir as necessidades primitivas que ele possui. No fundo não parece ser uma idéia tão ruim, uma vez que já experimentei.

— Está certo. — murmurei. — Vou com você.

— Tem certeza? É isso o que quer?

— Sim. — tentei soar firme.

— Ótimo.

— E você? — A pergunta escapou sem que eu pudesse conte-la.

A resposta dele foi um riso suave. Frustrada, eu persisti.

— Bem, e você?

— Eu preciso responder?

As palavras estavam na ponta da língua, mas eu já estava molhada e desejosa por ele, por qualquer coisa que ele estivesse tramando naquela mente pervertida.

Curvando-se ele deixou um beijo leve em meus lábios.

— Até depois, *minha criança.* — sussurrou e eu sorri.

Estava começando a me acostumar com a forma na qual ele se referia a mim. Saí do carro e acenei para ele, antes de seguir em direção ao apartamento.

Assim que cheguei fui até o quarto e tirei as roupas. Fiquei remexendo as gavetas, procurando um substituto adequado. Olhar para minha cama ainda me tirava o fôlego ao me lembrar dos momentos quentes que Nathan me proporcionou ali. Eu sentia-me sem orbita desde que o conhecera. Era como se eu tivesse caminhando em uma trilha perigosa, mas mesmo que nossas vidas pendessem na balança, ele ainda era meu terreno mais sólido.

Dei um pulo quando meu celular apitou. Adam estava ligando. Abaixei o volume e deixei cair na caixa postal. Não podia falar com ele agora.

Larguei o celular na penteadeira quando ouvi alguém batendo em minha porta. Rapidamente segui pelo corredor e espiei pelo olho mágico.

— O que você quer? — resmunguei ao abrir a porta e me deparar com a Lauren.

— Bom dia, flor do dia. Achei que seria bom tomar café da manhã com você.

Relutantemente deixei-a entrar.

— Millie, eu...

— Você sabia que ele estaria lá. — cortei-a vendo ela se encolher.

— Desculpe. Não me toquei que isso poderia acontecer. Nathan, nunca teve o hábito de frequentar aquele tipo de eventos.

Relaxei um pouco.

— Tudo bem. — sorri e fixei os olhos no café e em uma caixa na qual ela estava segurando. — Te perdôo se isso for donuts. — apontei

Ela gargalhou.

— Sua interesseira. — murmurou. — Mas confesso que eu estava torcendo para que isso pudesse ser uma oferta de paz.

Peguei os donuts e caminhei até a cozinha. Lauren me seguiu, fitando-me hesitantemente.

— E então? — quis saber.

— Estamos bem, eu acho. — respondi meio incerta. — As coisas com Nathan, são imprevisíveis.

— Entendo. — ela tomou um longo gole do café. — Você ainda não aprendeu a lidar com ele.

Ri comigo mesma.

— Temo nunca conseguir. Nathan tem a facilidade de me deslumbrar e irritar em uma fração de segundos. — suspirei. — Eu tento conversar com ele, mas ele continua agindo da mesma forma possessiva e me querendo em torno da orbita dele.

— O que vocês combinaram?

— Ele disse que vai tentar se controlar. — revirei os olhos. — Eu só quero ficar bem com ele, Lauren.

Ela buscou minha mão por cima da mesa.

— Eu penso que você deveria se abrir, contar a ele sobre seus sentimentos. — falou sorrindo. — Acredito que com isso ele tome coragem e revele os dele também.

— Os dele?

— Eu tenho quase certeza de que ele está apaixonado por você, Millie. — respondeu com uma firmeza que fez meu coração acelerar. — Ou ele não agiria dessa forma possessiva com você. Não pode ser somente desejo carnal, existe algo mais profundo ali.

— Será?

— Experimente. — falou com brilho nos olhos.

Minhas mãos pinicaram de calor e ficaram úmidas. Eu não estava nem perto de entender as emoções que se agitavam dentro de mim, mas Lauren poderia ter razão. Talvez se eu confessasse o meu amor a ele, nosso relacionamento mudaria o rumo. Esfreguei as mãos nervosamente na calça

jeans.

— Eu preciso ficar fora da bolha de sexo enlouquecedor e emoções intensas dele, Lauren. — murmurei fazendo-a gargalhar.

— Ai nem fale. — resmungou entre risos. — Meu italiano gostoso chegou ontem e me deu uma surra na cama... estou acabada.

Foi a minha vez de gargalhar.

Ж

Estava brincando com a renda do meu vestido Valentino cinza-arroxeado enquanto Nathan estacionava em frente a uma casa luxuosa. Eu estava nervosa, mas também me sentia confinada na lingerie que usava por baixo do vestido. Havia feito uma depilação completa, uma surpresa para o Nathan.

— Pare de ficar inquieta. Você está linda.

Respirei fundo quando o carro parou. Nathan começou a sair, mas eu o detive.

— O que foi? Mudou de idéia? — Nathan ergueu uma sobrancelha de forma cautelosa.

— Não. Nada disso. — Ele sorriu. Sem fazer o mínimo esforço para disfarçar o prazer e alivio com minha declaração. — Eu só queria dizer que... — Olhei para ele por sobre os cílios pesados de rímel. — Você está muito atraente. — Ele estava de terno, porém havia decidido ir sem a gravata e optou por deixar os dois primeiros botões abertos, expondo a pele o suficiente para me deixar louca. — Bem gostoso na verdade.

Ele me olhou por algum momento, depois sacudiu a cabeça. Deu a volta no carro e abriu a porta para mim. Nossos rostos ficaram próximos quando eu encostei meu corpo ao dele. Ele estava com uma expressão curiosa.

— O que foi?

— Millie. — suspirou. — Há tantas idéias fervilhando em minha cabeça agora do que eu quero fazer com você. Mas os planos são outros, portanto vou ter que me contentar com isso.

Ele segurou minha nuca e tocou nossos lábios em um beijo, que embora não fosse casto, senti que foi contido, sem aquela paixão de sempre. Quando Nathan afastou do nosso abraço, ele me pegou pela mão e entrelaçou nossos dedos.

— Preparada? — perguntou enquanto me levava para passar pela porta de entrada.

Eu queria gritar que não! Que estava assustada e atormentada, mas preferi ignorar aquilo.

— Sim. — respondi com voz instável. — Você conhece todos os...

Minhas palavras sumiram quando reconheci, mas do que algumas celebridades conversando no lobby. Aquilo realmente me surpreendeu. Nathan sorriu da minha expressão atordoada enquanto foi me guiando por entre os convidados.

Analisei o ambiente. O lugar era extravagante, um teto alto e grandes aberturas. Observei com encantamento a lareira no meio da sala de estar.

— Nathan! — Eu me virei ao som daquela voz desconhecida para mim, e vi uma mulher movendo-se rapidamente em nossa direção. Ela usava um vestido vermelho de um ombro só, o que acentuava suas curvas de modelo. — Uau, você está incrível. — disse, olhando para o Nathan. — Confesso que vê-lo aqui, alegrou minha noite.

O braço de Nathan apertou-se em minha cintura, como única indicação que ele deu de que aquela mulher o aborrecia.

— Creio que não conheça a minha acompanhante, Celia. Essa aqui é, Millie.

— Que fofa. — Sua voz soou fria e um tanto espantada enquanto seus olhos me examinavam de alto a baixo. — Pegou em algum berçário? – Os olhares dos dois se cruzaram. Eu estava terrivelmente irritada, mas estava ciente de que a melhor tática era não demonstrar as emoções. Por isso respirei fundo e esforcei-me para manter a compostura.

— Acho bom ficar na sua, Celia. — Nathan murmurou em tom grave.

Ela o encarou com os olhos brilhando de malicia. Era uma linda mulher, tão sensual e exótica quanto eu gostaria de admitir. Possuía uma figura esguia e voluptuosa, sem dúvida era um conjunto, ao qual poucos homens resistiriam.

— Desculpe-me, eu sei que isso é totalmente rude, mas... — então, se curvou e puxou a orelha de Nathan para sussurrar algo que não consegui ouvir.

Tentei parecer não afetada com aquilo, mas eu sabia que minha perplexidade cobria todo o meu rosto. Aquela mulher claramente estava se insinuando para o meu homem, com o maior descaramento.

A mandíbula de Nathan endureceu. Ele se endireitou, afastando-se da vagabunda.

— Não ouse se meter no meu caminho. — a voz do Nathan me arrepiou pela tonalidade sinistra, mas incrivelmente pareceu não fazer efeito na mulher a nossa frente.

— E ela, sabe sobre...? — e parou de falar.

— Não interessa. — ele rosnou ao meu lado.

— O que foi? — minha curiosidade venceu.

Um riso falso escapou dos lábios dela.

— Coisas de gente grande, querida. — Os olhos azuis faiscavam de malicia.

Apertei as mãos em punho, sentindo minhas unhas marcarem a pele. Olhei para Nathan e o vi completamente tenso. Em um gesto impulsivo, eu o beijei; não só porque parecia um bom momento para enxotar aquela infeliz, mas porque eu queria. Eu queria lembrar-me que não importava o que Nathan e eu tínhamos, juntos ou não, eu era a única a poder beijá-lo. Ele me beijou de volta, com a mesma intensidade que eu demonstrava. Sua língua deslizando sobre a minha em uma dança erótica que me fez suspirar involuntariamente.

— Obrigado. — murmurou sobre meus lábios. Olhei ao redor e não vi

mais a tal da Celia.

— Ela é aquela obcecada, não é? — eu tinha quase certeza.

Ele não respondeu. Sua mão buscou a minha e me encaminhou para um corredor. Adentramos em uma espécie de sala de jogos. Havia uma mesa de sinuca em um canto e alguns sofás e almofadas espalhados. Observei alguns casais conversando, outros simplesmente analisando assim como eu.

— Quer beber algo? — Nathan chamou minha atenção.

— Sim. — tentei soar casual.

Ele hesitou por algum tempo. Sua boca encontrou a minha antes de se afastar para buscar nossos drinks.

"E agora?" perguntei a mim mesma. Deveria me enturmar? Poderia fazer isso aparentando indiferença a tudo?

— Boa noite. — Uma voz grossa reverberou atrás de mim. Virei o corpo e me segurei para não suspirar diante de tamanha beleza. Era um homem negro de olhos extremamente verdes. — Está sozinha, gata? — ele me esquadrinhou de cima a baixo com um olhar cobiçoso.

— Estou acompanhada do Nathan. — respondi um pouco encabulada diante do seu ar predador.

Ele tomou um gole de sua bebida. Seus olhos presos nos meus.

— Eu quero sentir sua boca em mim. — ele murmurou, engolindo o liquido com dificuldade enquanto se aproximava do meu corpo. — Eu quero ver você de joelhos, a sua boca perfeita ao redor do meu pau...

Engoli em seco e sem controlar, meus olhos deslizaram pelo seu corpo e se detiveram no contorno enorme sobre sua calça social. De repente minha boca ficou seca, minhas mãos formigaram, e não soube o que fazer ou pensar naquele momento.

— O seu acompanhante parece estar se divertindo. — sua voz me despertou. — Penso que deveria fazer o mesmo... ou veio aqui somente para observar?

Por um instante o encarei confusa, até seguir seu olhar e encontrar algo que não me agradou. Nathan estava recostado em uma parede, com a mão

daquela mulher no braço dele, e seus dedos perfeitos envolvendo a manga do paletó. Ela falava de forma vivaz fazendo-o rir.

Meu primeiro impulso foi o de ir lá. Que diabos ele estava fazendo? Senti um toque forte em meu braço.

— Fique comigo. — falou próximo do meu ouvido. — Eu garanto que posso entretê-la, nada de estresse nessa noite.

Fiquei o encarando por alguns instantes, e tomada pela frustração, aceitei sua oferta. Sua enorme mão espalmou em minhas costas enquanto me guiava para outra parte da casa. Naquele momento eu já nem sabia dizer se o que me movia era a raiva pelo Nathan, ou a excitação daquela loucura.

Passamos por um corredor e vi duas mulheres se amassando num canto neutro. Apertei a mão dele quando ele entrelaçou os dedos nos meus. Adentramos em um cômodo da casa que era simplesmente fantástico. Havia um casal transando em uma das duas camas de casal que tinham ali, mas meus olhos se fixaram no teto de vidro que dava um visual exuberante e exótico ao mesmo tempo.

Caminhei até a sacada e busquei uma respiração profunda daquele ar puro. A vista para o jardim era de tirar o fôlego.

— Que lindo! — exclamei me curvando no beiral.

Ele se aconchegou por trás de mim, o que me deixou um pouco tensa. Endireitei-me e me virei para ficar de frente para ele.

— Você é a mulher mais linda dessa noite. — seus olhos estavam fumegantes sobre os meus, e sua mão tocou meu rosto suavemente. — Sua pele é tão alva e macia. — seu olhar seguia seus movimentos com fascínio. — E essa boca...

Espalmei as mãos em seu peito quando ele quis me beijar. Meus dedos encontraram alguns contornos e não resisti a vontade de deslizar as mãos por seus músculos.

Sem compreender minhas atitudes, ergui as mãos e toquei seu pescoço. Emaranhei os dedos em seus cabelos escuros.

— Você possui uma beleza excepcional. — confessei, deslumbrada

com o contraste lindo de nossas peles. — O meu senso de realidade está me alertando para me afastar e ir embora, mas... — Desci os olhos para seus enormes lábios. — Eu quero sentir suas grandes mãos em mim.

Um de seus braços prendeu minha cintura enquanto a outra segurou minha nuca com firmeza. Sem dizer uma palavra, ele invadiu minha boca com sua língua. Era um beijo diferente, único. O sabor era doce, com um toque de uísque. Eu não saberia descrever quais eram minhas emoções naquele momento, mas certamente que não estava achando ruim sentir-me sendo prensada por um completo estranho.

— Qual seu nome? — perguntei entre o beijo avassalador.

— Benson. — respondeu e ousadamente ergueu minha coxa sobre seu quadril. — Eu a quero tanto, que mal estou me contendo.

Minhas mãos agiam por conta própria quando comecei a desabotoar os botões da camisa dele. A expectativa de tocá-lo estava insuportável. Suas mãos moveram-se sob meu vestido para apertar meus seios. Eu engasguei com o formigamento maravilhoso que atravessou meu corpo com aquele toque.

Logo que abri a camisa dele completamente, ele se afastou ofegante.

— Deixei-me levá-la para a cama. Se continuarmos assim, vou comer você aqui mesmo. — Arregalei os olhos e hesitei. Benson estreitou os olhos, observando a minha reação. — Você ainda está interessada?

Eu realmente queria aquilo? Definitivamente não era o que eu esperava antes de aceitar a proposta do Nathan para aquela noite. Nathan! Eu ainda estava pensando naquele cafajeste com esse cara alto, gostoso e devastadoramente lindo parado à minha frente? Sim. Porque Nathan tinha o meu coração. Mas, francamente, naquele instante, pouco me importava os sentimentos. Ele sequer pensou em mim quando decidiu trocar minha companhia por aquela vagabunda.

— Sim. — O canto do lábio dele se ergueu em um sorriso de alivio. — Eu a quis desde o momento em que a vi...

Ele deixou as palavras sumirem enquanto roçava os dedos em meus lábios, os olhos fixos intensamente nos meus. O que quer que ele pretendesse

dizer foi esquecido, e só restou o desejo claro em seu olhar. A pequena voz gritando em minha cabeça foi abafada pelo som alto e sibilante do desejo carnal que senti pulsando em minhas veias.

Eu queria aquilo... queria sentir aquela realidade intensa e excitante. O Nathan? O expulsei da cabeça, ele não merecia estar ali naquele momento.

Capítulo 25

Millie Evans

— Benson. — sussurrei, em uma mistura de suplica e protesto. Sua boca trilhou beijos molhados pelo meu pescoço enquanto ele me afastou da balaustrada para ir me guiando para dentro do quarto.

Deslizei a camisa de seus ombros, deixando-a cair no chão. Em seguida coloquei a língua no seu peito e lambi desde o pescoço até o mamilo.

Ele gemeu.

— Agora vou poder saboreá-la corretamente... sem pressa. — ele sussurrou antes de me colocar delicadamente na cama.

Depois puxou ambas as alças do meu vestido, deixando-me nua na parte de cima. Quando meus seios ficaram expostos, tive que me segurar para não pressioná-los contra seu peito nu. Benson apenas admirou, quase como se estivesse hipnotizado.

— Você tem belos seios, e eles são fartos. — Ele parou de falar, engasgado.

Benson empurrou meu corpo delicadamente para trás, até que eu senti os lençóis em minhas costas. Sentando-se em meus quadris, a visão que tive daquele homem foi perturbadora. O reflexo da lua através do teto de vidro fez com que o corpo dele se iluminasse e seus olhos se tornassem pequenas esmeraldas em minha direção. Não tive tempo para reagir quando ele se curvou e lambeu um dos meus seios, fechando-o em sua mão e puxando-o em direção a sua boca.

Com um grunhido, sua boca se fechou em meu mamilo, chupando e puxando com uma pressão agradável. Eu gritei com o tremor que acompanhou o ardor, e senti o meu sexo se apertar automaticamente.

Agarrei o cabelo dele enquanto Benson me chupava com fervor, deixando-me ofegante e perto do orgasmo, antes mesmo de dar a mesma

atenção ao outro seio.

Quando terminou, posicionou-se em seus joelhos e ergueu meu vestido, expondo minha calcinha. Rapidamente ele prendeu os dedos no cós da mesma e a puxou para baixo. Arqueei meus quadris para ajudá-lo.

— Poderia passar horas chupando seus belos seios. Você é tão receptiva — falou, se ajeitando no meio das minhas pernas. — Mas tenho muito para provar de você ainda. — Tremi com a expectativa. — Incline-se sobre os cotovelos. — Fiz o que ele pediu e o vi ancorar minhas pernas sobre seus ombros, suspirando ao deslizar os dedos em meu clitóris. — Você é tão sexy desse jeito. — Meu sexo apertou ainda mais e ele sorriu, deslizando os dedos por minha abertura. — Olha como já está toda molhadinha. Veja como sua boceta palpita.

Aquele jeito rude e cru de falar me fez recordar imediatamente do Nathan. Aquilo era incrivelmente quente e selvagem, e combinado com a provocação repetida de seus dedos roçando em meu clitóris, não demoraria muito para me levar a ter espasmos. Assim que sua língua substituiu o toque de seus dedos, lambendo-me como se eu fosse um doce, eu desabei, jogando a cabeça para trás em um grito rasgado.

— Mais uma vez. — falou sem fôlego enquanto afundava três dedos dentro de mim. Minhas mãos enrolaram-se nos lençóis, e eu não tinha certeza se poderia suportar mais; e ao mesmo tempo queria mais do que aquele simples toque. Ele me acariciou, esfregando intensamente seus dedos nas minhas paredes internas enquanto retornava sua boca para chupar meu clitóris.

Semicerrei os olhos para além de nós e me deleitei com a visão do outro casal, que agora estavam acompanhados de uma nova mulher. O homem estava penetrando uma ferozmente enquanto ela estava de quatro e chupava a parceira. Fechei os olhos e levei as mãos para baixo. Embrenhei os dedos nos cabelos dele, e subitamente senti meu coração acelerar. Voltei a abrir os olhos e encontrei com o Nathan na porta do quarto.

Não consegui desviar o olhar, sua expressão estava ilegível enquanto ele caminhava tranquilamente até onde estávamos.

— Millie. — A forma como ele olhou para mim, com uma posse

faminta presente em seu olhar, fez minha pele arrepiar-se. — Está gostando? — Seu polegar massageou minha bochecha, e o mero toque me fez tremer. Suas sobrancelhas se arquearam muito ligeiramente pela minha reação, como se estivesse satisfeito com aquilo.

Olhei para baixo no momento em que Benson deslizava seus dedos dentro de mim. Sua expressão diante da presença do Nathan era tranquila, praticamente ambos estavam se ignorando.

Quando eu tinha chegado à beira do clímax novamente, estremecendo sob a tensão acumulada, Nathan esticou a mão até meu seio beliscando o mamilo com seus dedos. Eu gozei violentamente, batendo contra a cama. Meu sexo pulsava ao redor dos dedos do Benson.

Enquanto estava deitada tremendo, fiquei vagamente consciente de ver Benson tirando o restante das roupas. Ouvi o barulho de algo sendo rasgado e deduzi ter sido o plástico do preservativo. Então ele me espalhou sobre a cama, dando o espaço necessário para engatinhar até mim. Em seguida colocou-se sobre minhas pernas, e seu membro quente passou a pressionar minha entrada.

Olhei para o lado e encontrei Nathan me encarando com fascínio. Seu zíper estava aberto e ele havia colocado seu pênis para fora. Eu não estava conseguindo raciocinar direito.

— Você não irá penetrá-la, Benson. — Sua voz entonou grave. — Você tem permissão apenas para bolinã-la.

Minha respiração estava frenética.

— Você concorda com isso, Millie? — Benson perguntou, apoiando seu peso em seus antebraços.

Nathan se aproximou de mim e meus olhos fixaram-se nos movimentos que sua mão fazia sobre sua ereção.

— Sim. — resmunguei.

— Está certo. — falou entre dentes.

Logo em seguida, ele começou a roçar em meu clitóris com força e precisão. Resfoleguei com o prazer daquilo e ao olhar para o lado, Nathan

silenciosamente me convidou a saboreá-lo.

Eu senti uma nova onda de calor quando movi a cabeça para frente e suguei a ponta com minha língua. Ele se ajeitou com o corpo bem próximo da minha cabeça. Seu gosto era bom, e sua respiração profunda me mostrou que ele estava gostando do que eu estava fazendo. Sentia-me uma devassa estando naquela situação, mas ao mesmo tempo nunca estive tão completa na minha vida.

— Deus! — Nathan exclamou quando o suguei mais profundamente.

De repente, mais ousada, eu passei a mão em torno da base grossa e puxei mais para dentro da boca. Minha língua rolou ao longo da base e sugou a ponta, então eu passei a movimentar a cabeça sobre a espessura do membro.

Seus quadris se movimentaram, empurrando no tempo da minha boca. Uma mão veio descansar em minha nuca de modo a querer ditar a velocidade dos movimentos, mas eu controlei o ritmo. Benson curvou-se, abocanhando um mamilo depois o outro, enquanto continuava esfregando-se incansavelmente em meu clitóris.

Nathan embrenhou os dedos em meus cabelos, me puxando para ainda mais perto e silenciosamente exigindo mais, mais fundo.

— Você está gostando do meu pau fodendo sua boca? Do pau do Benson esfregando sua bocetinha? — Nathan indagou quase rangendo os dentes. Ele estava se controlando.

O impulso em minha boca ficou mais frenético enquanto Benson acelerava suas próprias ministrações em meu corpo, o comprimento duro em minha boca abafando meus gritos.

Parte do meu cérebro, uma parte muito pequena, estava me perguntando o que diabos eu estava fazendo, mas eu me desliguei. A satisfação refletida através daqueles olhos que me encaravam era o suficiente para que a sensação fosse inebriante.

— Eu vou gozar, delicia. — Benson murmurou, lambendo minha pele, mordendo meus mamilos antes de sugá-los com força.

Meu clitóris estava inchado e a repetição daqueles movimentos fez minha mente rodopiar, completamente extasiada. Instantes depois, eu fui

abandonada por Benson e tive minha cabeça empurrada para trás.

Virei meus olhos assustados para o belo rosto, agora a apenas alguns centímetros do meu; então eu senti seu membro sondar minha entrada. Ele empurrou para dentro e soltei um grito intenso de prazer. Enquanto eu me desemaranhava em minha própria sensação plena, seus lábios esmagaram os meus, para engolir meus gritos enquanto ele batia impiedosamente sobre mim.

Beijei-o violentamente, mordendo seus lábios e arranhando suas costas por debaixo da camisa semiaberta. Minha atitude trouxe selvageria semelhante nele, e Nathan aumentou a pressão, soltando meus lábios e cravando os dentes em meus ombros. Meus gemidos intensificaram-se com meu orgasmo se construindo; meu corpo apertava, contraindo-se em torno dos impulsos esmagadores do Nathan.

Ele ofegou contra minha pele, revirando os olhos com um grunhido animalesco. Era aquilo que ele era naquele momento, um animal me possuindo.

— Enrole suas pernas em volta de mim. — ordenou, continuando seu ataque.

Obedeci. Meus saltos atingiram suas coxas, cravando-se nelas enquanto ele se movia para dentro e para fora de mim, dando mais erotismo ao nosso ato. Ao levantar minhas pernas ele abriu-me ainda mais, e seu pênis entrou mais profundamente, atingindo um ponto interno que se inflamava a cada nova estocada.

— Nathan, eu vou gozar... — gemi tremendo.

— Sim. — grunhiu ele. — Goze, no meu pau.

Meu clímax me atravessou em ondulações. Segundos depois, o corpo dele se esticou e estremeceu, derramando-se dentro de mim, com força e demoradamente. Meu nome escapou de seus lábios.

Nathan caiu sobre meu corpo, enterrando a cabeça na dobra do meu pescoço. Levei os dedos em seu cabelo e acariciei sentindo os fios molhados de suor. Nossos peitos subindo e descendo em conjunto.

— Você é surpreendente, Millie. — disse ele, a voz quase um sussurro.

— Nem precisei de esforço para induzi-la a qualquer situação... foi uma iniciativa sua.

Engoli em seco, forçando para baixo qualquer emoção que ameaçasse se mostrar.

— Isso foi ruim?

Ele ergueu a cabeça e analisou meus olhos. Logo depois jogou o corpo para o lado apoiando-se sobre o cotovelo.

— Foi poderoso, intenso e fodidamente incrível. — respondeu com os olhos fixos nos meus. — Embora eu não aprove a idéia de que você procure por isso sozinha. — seus lábios se contorceram. — Você teria dado para aquele cara se eu não tivesse chegado a tempo?

Seu timbre me arrepiou inteira. A enormidade do que eu tinha acabado de fazer — de novo — deixou minha mente atordoada.

— Desconfio que seja isso o que você gosta, não? Uma putinha. — rosnei e ergui meu corpo na intenção de sair da cama, porém seu braço atravessou-se sobre mim, forçando meu corpo novamente para baixo. Um dedo tocou meu queixo.

— Não seja dura consigo mesma. — Seu rosto estava impassível, mas eu podia ver a preocupação em seus belos olhos verdes. — O que fizemos aqui foi extraordinário e houve uma concessão de ambos. Nunca a forçarei em nada, quero somente o seu prazer... e o seu prazer é o meu. — Sua boca buscou a minha e senti um beijo casto.

Lagrimas brotaram em meus olhos para o sentimento que estava rasgando meu peito. O peso daquele amor estava me sufocando demais.

— O que está acontecendo dentro da sua cabeça, *minha criança?*

Eu virei o rosto. Minhas emoções estavam à flor da pele.

— Nada. — menti.

Ele agarrou meu braço e me puxou para ele.

— Millie. — ele procurou por respostas em meus olhos. — Se você não quiser fazer sexo dessa maneira, precisa me dizer.

— Eu quero! — As mãos dele sobre mim e seus olhos penetrantes extraíram aquela verdade dos meus lábios. — Eu quero.

Falei aquilo de novo, suavemente agora. Lancei meus braços em torno dele e pressionei o rosto em seu peito, acariciando seu peitoral forte. Ele retribuiu o abraço. Tão quente.

Ele era tão quente, tão seguro e forte. Como se pudesse me defender de tudo o que me assustava. Como se a realidade dele, a realidade daquilo que ele era para mim, pudesse ser suficiente para me impedir de precisar de mais. Mas no fundo eu sabia o que queria e não tinha certeza se ele poderia me dar.

Capítulo 26

Millie Evans

Alguns dias se passaram depois daquela experiência excitante na reunião *Veiled* e eu ainda conseguia sentir os efeitos em meus poros. Estar com Nathan, independente do lugar ou da situação, era e sempre seria uma enxurrada de emoções.

Era fim da tarde de domingo e eu estava subindo ao apartamento dele quando meu telefone tocou. Franzi o cenho, mas ao mesmo tempo fiquei feliz ao constatar ser uma ligação do meu pai.

— *Pai*.

— *Querida*. — Sua voz soava cansada. — *Como você está?*

— Estou me adaptando. — respondi, me referindo a todos os aspectos da minha vida. —Está tudo bem? O senhor parece preocupado, um pouco agitado.

Ele suspirou brevemente.

— Alguns problemas financeiros, mas estou buscando resolver. — respondeu, e pela primeira vez, não senti aquele tom firme na voz dele. — Precisei viajar às pressas hoje. — falou. —O que você precisar filha, procure o Nathan ou a Veronica.

Eu sentia que tinha alguma coisa estranha acontecendo, meu peito doeu levemente.

— Não se preocupe, pai. — murmurei. — Se cuide, eu torço para que tudo se ajeite.

— Obrigado, filha.

Depois de nos despedirmos, desligamos.

Parei no corredor que dava acesso ao apartamento do Nathan e fiquei momentaneamente olhando para o visor do celular. Uma sensação ruim me abateu de repente e quase me faltou o ar.

Busquei uma respiração profunda e sacudi a cabeça enquanto caminhei em direção a porta do apartamento.

Assim como ele havia me informado antes de eu vir, apenas abri a porta.

Entrei no apartamento e larguei minha bolsa e minhas chaves no balcão da cozinha. As luzes estavam desligadas, mas a luz do sol da tarde ainda deslizava por entre as janelas. Quando entrei na sala de estar, ouvi os acordes ressoarem aos meus ouvidos.

Virei e o vi no canto da sala ao lado de uma enorme janela. Ele estava descalço e segurava o violino com elegância enquanto tocava com uma emoção comovente. O rosto dele estava repleto de intensidade, algo que me deixou louca imediatamente. Seus olhos não deixavam os meus, sem perder nenhum movimento que eu fizesse.

Assisti deslumbrada suas expressões e seus gestos precisos. Cada toque, cada nota parecia inundar em meu interior... Enchendo-me com ainda mais do amor que somente ele era capaz de me fazer sentir.

Caminhei lentamente na direção dele até que estivéssemos a centímetros de distância e o calor irradiasse entre nós. Nathan conseguia a proeza de se tornar ainda mais magnífico e sexy com o simples fato de estar tocando um instrumento.

Depois de alguns minutos ele parou de tocar. Em silencio apoiou o violino no suporte e veio até mim.

— Gostou? — ele perguntou com voz rouca.

— Adorei! Quando você falou que tinha uma surpresa, eu sequer imaginei que seria isso. — murmurei com encantamento nítido.

Enrolando as mãos em minhas costas ele me puxou de encontro ao seu corpo.

— Eu estou feliz, e nada melhor do que me presentear com uma noite maravilhosa, tendo você como meu prêmio — Seus lábios trilharam o canto da minha boca e foram de encontro ao meu pescoço.

Enrosquei meus braços em seu pescoço enrolando os dedos em seus

cabelos macios.

— Quer compartilhar sua alegria comigo? — indaguei. — Acabei de falar com meu pai antes de vir para cá, e confesso que estou com meu coração pesado. Adoraria ouvir algo que me deixasse um pouco mais leve e relaxada.

Ele afastou o rosto e me encarou profundamente. Seus olhos estavam sombrios sobre os meus, quase raivosos.

— Digamos que conquistei uma vitória muito almejada. — comentou em tom misterioso e virou meu corpo até que eu ficasse com as costas pressionadas em seu peito. — E nada mais do que justo, comemorar com você, *minha criança*. — seus dentes rasparam a pele sensível da minha orelha.

Com um tapa brusco em minha bunda ele me empurrou levemente para frente.

— Tire a roupa. — ordenou fazendo-me olhá-lo.

Seu olhar sobre mim era faminto enquanto suas mãos escondiam-se em seus bolsos. Hesitei por alguns instantes. Havia algo errado na maneira como ele me olhava.

Sem forças para sequer raciocinar, tirei minha blusa e depois minha saia. Meus membros estavam trêmulos, e minha pele ardia com a expectativa do prazer que ele estava prestes a me dar. Ele se aproximou velozmente e segurou meu pulso.

— Você é a única que me deixa assim, apenas com seu cheiro. — Sua voz grave e minha mão sendo pressionada em sua ereção me fez prender a respiração. — Não era para ser assim. — falou e senti uma pitada de raiva em sua voz.

— Você está bem? — murmurei nervosa.

— Vou ficar em um minuto.

Bruscamente ele abaixou o bojo do meu sutiã, segurou meu seio com a mão, e passou o polegar no mamilo. Deixei um gemido escapar por meus lábios quando ele beliscou-o com força. Sua outra mão vagueou por minhas

curvas, deslizando-a por minha barriga e passou por cima da minha calcinha e do meu sexo.

Rapidamente ele engatou os dedos nas laterais da calcinha e abaixou sem cerimônia alguma. Empurrando-me para o tapete do chão ele se ajoelhou e terminou de arrancar minha calcinha.

— Porra, você é tão linda e cheirosa.

Estremeci quando ele jogou minha perna por cima de seu ombro e caiu de boca em mim, me lambendo e abrindo-me com os dedos para poder atormentar aquele meu ponto sensível. Aquele homem tinha uma boca formidável, capaz de me enlouquecer com um simples toque da sua língua. Arrepiei com a respiração quente dele sobre mim.

Dei uma olhada para baixo e um calor me inundou, se espalhando por mim como um fogo abrasador, até que eu me queimasse de amor e tesão puro. Assisti-lo me chupar com tanta voracidade, aquele homem perfeitamente lindo me dando prazer como se sua vida dependesse disso, era a coisa mais erótica que eu já presenciei.

Meus olhos se fecharam quando ele sugou meu clitóris com força, e sua barba por fazer dava um toque áspero e arrepiante.

— Não posso esperar mais. — choraminguei.

Ele se levantou e se despiu das roupas rapidamente. Deitando-se ao meu lado e com as mãos sob meus braços, ele me ergueu e me fez deitar sobre ele.

Gemi quando ele passou a língua em meu mamilo empinado. Apertei seus ombros, e subindo, toquei seus cabelos claros. Toquei-o livremente, expressando sem palavras a necessidade do desejo e do amor que não ousaria confessar.

Nathan me fez levantar a cabeça e declarou:

— Nenhuma outra mulher fez com que eu me sentisse assim.

— Mas você não... — calei-me, sem coragem de dizer.

Sua mão segurou minha nuca e forçou minha cabeça para ele. Ele beijou-me com voracidade, e abri os lábios ansiando por sua língua na minha.

Nathan segurou-me firme e forçou-me a abrir as coxas, fazendo-me montar sobre ele. A posição me deixou um pouco assustada e eu quis me afastar, mas Nathan me impediu, segurando meus quadris e beijando-me com uma intensidade que destruiu o que restava do meu controle.

Delirei quando ele se moveu, me fazendo consciente do quanto estava pronto para mim.

— Você deveria ser castigada por me enlouquecer tanto. — ele falou, forçando-me a fitá-lo. — Deus! Não me imagino sem tocar em você. Eu nunca consigo ter o suficiente e isso me mata. Está contente?

— Não...

Ele inclinou-se e roçou a língua em meu lábio inferior. Em seguida penetrou-me lentamente. Gritei. A sensação violenta foi quase um misto de prazer e tormento.

— Olhe para mim! — Nathan ordenou segurando-me pelos quadris enquanto investia freneticamente. — Diga-me quem obtém o poder sobre seu prazer.

Eu tinha dificuldade de raciocinar. Fitei-o com dificuldade e balbuciei quase em um gemido.

— Você.

— Sim... eu! Mais ninguém... nunca. — Nathan insistiu, rangendo os dentes, e penetrou-me mais uma vez com fúria.

Certamente eu me lembraria daquilo mais tarde como o choque mais erótico que tivera na vida. Sentia-me verdadeiramente possuída, inflamada, conduzida; e percebi que Nathan também havia perdido por completo o controle emocional.

Cada fibra do meu corpo vibrava e me entreguei ao amor sem restrições. Ele abraçou-me, e aquilo fez com que sua penetração se tornasse mais profunda conduzindo-me ao paraíso. Enxerguei o mundo multicolorido. Com os dentes cerrados eu sussurrei, num estremecimento, no auge de uma onda de prazer estonteante.

— Eu te amo... Eu te amo!

Ele segurou meu quadril e investiu de novo, tão fundo.

— Diga de novo.

— Eu te amo. — solucei com o prazer de finalmente colocar aquilo para fora. — Eu te amo tanto, Nathan.

Ele respondeu rolando meu corpo ficando por cima de mim. Minhas costas arrepiaram-se com o contato do tapete. Seu olhar me queimava como tocha, e com mais algumas investidas ele se tencionou, pulsando freneticamente dentro de mim.

Com as testas unidas, recuperamos o fôlego em meio a beijos lentos e quentes enquanto ele saia de dentro de mim. Mordi o lábio, suprimindo a dor daquela perda. Depois de se levantar, ele estendeu a mão e me ajudou também.

O ar parecia vibrar, refrescando meu corpo quente. Eu mal conseguia olhá-lo. Estava constrangida por ter aberto meu coração e não ter obtido a resposta que eu ansiava, e me afastei.

— Ei. — Nathan segurou minha mão. — O que foi?

— Nada. — menti, evitando seus olhos penetrantes.

— Não minta. — murmurou, erguendo meu queixo. — Ouvi-la dizendo que me ama foi a melhor sensação que eu poderia ter. — declarou sorrindo. — Minha vida ganhou um novo sentido desde que a conheci, então saber que fui capaz de despertar o amor em você, Millie é... surreal.

Sorri por suas palavras e o abracei apertado, e com nossos corpos desnudos senti meus seios serem esmagados. Meu coração estava aquecido com sua declaração. Ele não falou com todas as letras, mas nas entrelinhas ficou claro que havia algum sentimento além da atração sexual, ele sentia por mim. E eu não poderia estar mais feliz com aquilo.

Capítulo 27

Millie Evans

Abri os olhos preguiçosamente e me estiquei sobre os lençóis. Eu estava completamente nua e podia sentir minha pele adormecida pela intensidade da noite anterior. Fiquei olhando para o teto, relembrando os detalhes dos momentos intensos. Nathan não estava no quarto, pois provavelmente já tinha ido trabalhar.

Fui até o banheiro e tentei domar meu cabelo totalmente desgrenhado. Eu precisava tomar um banho e me arrumar para ir à galeria. Não podia mais me dar ao luxo de faltar tanto, pois minhas responsabilidades deveriam e seriam postas em primeiro lugar.

Entrei na sala de estar hesitante, com meus nervos à flor da pele. Um ruído na cozinha desviou minha atenção do tapete na qual Nathan, me fez gritar. Relaxei ligeiramente ao me deparar com a empregada. Eu não tinha energia na noite passada para antecipar como eu lidaria ao acordar ao lado dele. Não tinha me programado para nada daquilo. Nada mesmo.

— Posso servir seu café da manhã?

— Não se incomode, já estou de saída. — respondi e rumei para a porta de saída.

Minutos depois me vi caminhando para fora do prédio em direção ao meu carro. Joguei a bolsa no banco de trás e dei uma última verificada no celular.

— Nenhuma mensagem, Nathan. — soltei um suspiro frustrado.

Liguei o carro e arranquei seguindo para a galeria. No fundo sentia-me ansiosa para voltar a trabalhar e ocupar os pensamentos.

Liguei o som do carro e a música veio bem-vinda aos meus ouvidos. Uma lembrança antiga inundou minha mente e preencheu meu coração. Quando eu era menina, sempre acompanhava minha falecida mãe a concertos e óperas... foi a época mais feliz e completa da minha vida. Eram raras as

vezes que meu pai nos acompanhou, mas ter a presença da minha mãe já bastava para me alegrar.

Enxuguei uma lágrima que deslizou em minha bochecha. Lembrar-me dela era como escavar novamente o buraco em meu coração. Eu era tão criança quando a perdi, mas nunca estamos preparados para a perda e aquela dor eu tinha certeza de que me acompanharia para sempre.

Estacionei o carro no estacionamento da galeria e respirei fundo antes de sair.

Meus saltos foram ecoando conforme eu fui caminhando. Avistei Adam ao longe vindo ao meu encontro com seu sorriso encantador.

— Pensei que não viria. — ele disse quando me aproximei. Coloquei algumas mechas do cabelo atrás de minhas orelhas de maneira nervosa e sorri sem jeito.

— Tive um pequeno contratempo agora na parte da manhã. — cocei a garganta. — Mas estou feliz de estar aqui. Estava sentindo falta.

— Eu também estava. — murmurou, me encarando daquele jeito desconcertante.

Desviei dos seus olhos, e sutilmente indiquei o caminho para que pudéssemos começar o nosso trabalho de uma vez.

Adam era um bom amigo, mas estava começando a ficar difícil nossa convivência com aquela pressão que ele me submetia a cada encontro. Ao caminhar pelo salão principal, pude notar a mudança dos quadros e suspirei baixinho.

— Ah que pena! Perdi toda a preparação da nova exposição. — Queixei-me, parando diante de um dos quadros do artista americano.

Adam parou atrás de mim, fazendo-me sentir o calor do seu corpo.

— Em compensação, agora você poderá treinar sua lábia nas vendas. — murmurou. — Lembro-me de que você é uma boa negociante.

Gargalhei alto.

— Tem razão. — falei ainda rindo. — Vou conversar com meu pai e pedir um aumento.

— Mas que espertinha! — Adam exclamou divertido enquanto caminhávamos em direção ao escritório. — Nem começou a vender ainda e já quer aumento?

Olhei-o de soslaio e pisquei divertida fazendo-o sorrir, mas abertamente.

— Quer fazer uma disputa?

— Disputa? — indaguei, depositando minha bolsa na mesa.

Ele guardou ambas as mãos nos bolsos da calça e sorriu travesso para mim.

— Essa exposição se encerra daqui cinco dias. — explicou. — Se eu conseguir vender mais quadros do que você, eu terei o direito de levá-la para sair.

Dei uma risada nervosa.

— Deixa de bobagem, Adam. — resmunguei.

— Não se garante? Ou sair comigo é algo tão ruim assim?

Algo no seu tom de voz me fez olhá-lo e sua expressão me despedaçou. Mordi o lábio e esfreguei as mãos.

— Combinado! — exclamei de repente. Aproximei-me dele e estendi a mão. — Se eu ganhar, você deverá esquecer essa maluquice de se relacionar comigo de forma diferente da amizade.

Segurando minha mão ele a beijou sem deixar de me encarar.

— Mal posso esperar. — meus pelos se eriçaram levemente.

— Vamos trabalhar, então. — falei, por fim.

Ж

— Millie?

Virei o rosto e sorri para o Adam que estava se aproximando.

— Sim?

— Me dá uma carona? — ele indagou cauteloso.

Analisei sua expressão em busca de alguma gracinha e apontei o dedo.

— Eu dou a carona, mas não interprete esse meu gesto como um empurrão para seus avanços, Adam.

Ele ergueu as mãos dramaticamente, fazendo-me revirar os olhos antes de entrar no carro. Instantes depois, eu acelerei admirando o tom amarelado do céu com o pôr do sol iminente.

Meu celular tocou, distraindo-me da conversa com o Adam. Encostei o carro e decidi atender quando vi que era meu pai.

— Pai?

— Acabou, filha. — Sua voz estava embargada.— Eu não fui capaz de impedir, não fui...

— O que está acontecendo, pai? Do que o senhor está falando?

— *Acabou! Você é surda?*— gritou e tive que afastar o celular do ouvido.

— O senhor está em casa?

— Sim.

— *Estou indo para aí.* — falei e desliguei.

Minhas mãos estavam trêmulas quando joguei o telefone no porta-luvas.

— O que foi, Millie? Você está pálida. — Adam tocou meu ombro.

Olhei para ele um pouco aérea.

— Eu não sei. — respondi lutando contra as emoções conflitantes. — Acho que aconteceu alguma coisa ruim com meu pai, eu... eu preciso vê-lo... — meus olhos encheram-se d'água.

Adam rapidamente abriu a porta e deu a volta, abrindo a minha em seguida.

— Eu a levo até lá. — murmurou, puxando-me para fora do carro. —

Você está sem condições para dirigir, querida.

Minhas pernas encontravam-se enfraquecidas, e quase não consegui sustentar meu próprio peso quando dei a volta no carro. Meus pensamentos giravam, tentando imaginar algo que pudesse ter acontecido com meu pai. Ele sempre fora tão centrado, um homem tão imponente, que escutá-lo descontrolado daquela maneira era difícil de acreditar.

Ainda com as mãos trêmulas, voltei a pegar o celular e digitei o telefone do Nathan. Meu coração estava pesado e eu ansiava saber se teria o suporte dele para me segurar diante de qualquer adversidade próxima.

Depois de duas tentativas em vão, desisti e abri o vidro da janela. Meus olhos já estavam inchados e meu corpo entrando em expectativa quando Adam adentrou na mansão do meu pai.

Abri a porta apressadamente e corri em direção a porta de entrada.

— Pai? — chamei em tom alto.

Um barulho de algo sendo jogado contra a parede ecoou no ambiente fazendo-me pular de susto. Cobri o rosto com as mãos e assustada segui o caminho que dava a sala. Meu pai estava lá, jogado no chão.

Corri até ele, desesperada.

— Pai. — gemi em soluços. — O que está acontecendo? — perguntei, olhando ao redor e vendo a sala completamente bagunçada e várias coisas quebradas.

Ele resmungou tentando se levantar. Com esforço consegui ajudá-lo a se sentar com as costas apoiada no sofá.

— Estou falido, Millie. — respondeu depois de alguns instantes.

— Millie, eu... — Adam calou-se quando me viu com meu pai.

Voltei a atenção ao meu pai, com a boca escancarada.

— Mas... como?

Ele deu uma risada amarga.

— Descuido, arrogância. — respondeu. — Eu sempre me achei esperto.

Enxuguei meus olhos sentindo minha cabeça latejar. Era muita coisa para processar.

— O senhor foi roubado? — perguntei, tentando entender.

Seus joelhos se ergueram e o vi abraçar as próprias pernas em uma posição completamente vulnerável.

— Fui enganado. — respondeu entre dentes. — Durante anos. — Sua voz se embolou um pouco. — Eu fui perdendo minha fortuna aos poucos, até não restar mais nada. Não temos mais nada.

Fiquei em choque. Pisquei um pouco os olhos e me preocupei quando vi um corte em sua mão direita.

— O senhor precisa se levantar, pai. Sua mão está cortada e sua roupa está molhada com uísque e...

— Que se dane! — gritou me assustando.

— Senhor Joseph, se acalme. — Adam se manifestou aproximando-se de modo protetor a mim.

Meu pai começou a gargalhar, sua cabeça tombou para trás. Afastei-me amedrontada com aquela reação, ele estava parecendo um lunático.

— Me leve para casa, Adam. — pedi juntando nossas mãos. Meu corpo estava muito mole para conseguir me apoiar sozinha.

— Vai me deixar também? Você também vai me trair, Millie?

Parei e voltei a encará-lo. Seus olhos estavam férreos sobre mim.

— Trair?

— Sim. — respondeu torcendo os lábios.

Adam e eu assistimos quando, com muita dificuldade, ele se levantou e seguiu cambaleando até o bar para se servir com uma nova bebida.

— Aquele filho da puta me traiu. — resmungou para si próprio. — Eu o aceitei, entreguei a minha confiança e admiração... e para que? — voltou a gargalhar.

— Quem pai? — insisti com angustia. Vê-lo naquela situação estava acabando com meu psicológico.

— Como quem? — ele fez uma voz sarcástica. — O Nathan. — Meus olhos se arregalaram e me segurei no Adam para não cair. — Ele me roubou tudo, tudo! — continuou falando, piorando ainda mais meu desespero. — Eu mesmo colaborei para que ele tivesse acesso aos meus bens. Eu o coloquei dentro da minha casa, na minha empresa... para me roubar. TRAIDOR! — Pulei de susto com o seu grito seguido do impacto do copo de bebida.

Desvencilhei-me dos braços do Adam e saí seguindo para fora. Meus movimentos estavam sendo automáticos, pois minha mente havia parado no momento em que meu pai pronunciou o nome do Nathan.

— Millie? Millie? — Pisquei algumas vezes ao ver o Adam cobrindo a porta do motorista.

— Sai da minha frente. — pedi.

— Não. Você está nervosa. — Adam respondeu sem se mover. — Eu não vou deixar...

— SAI! — berrei com fúria o empurrando.

Abri a porta e acelerei, ignorando os apelos dele.

Meu corpo chacoalhava com o tremor dos meus membros. Minha mente trabalhava freneticamente, e eu não conseguia aceitar aquilo.

"— Digamos que conquistei uma vitória muito almejada. E nada mais do que justo, comemorar com você minha criança."

Uma onda de náuseas me tomou enquanto minha visão se tornou turva devido à intensidade com que as lagrimas me agredia.

— Ele me usou... Deus! Ele teve a crueldade de me fazer comemorar com ele, o roubo ao meu pai. — murmurei, chocada demais diante daquilo.

Minha respiração estava pesada e podia sentir meus seios subindo e descendo freneticamente.

Estacionei o carro na frente do prédio em que ele morava e subi rapidamente. Espalmei as mãos na parede espelhada do elevador e chorei ainda mais ao olhar para o meu reflexo. O quão burra eu fui?

Ao chegar no andar dele, saí pisando duro e não me dei ao trabalho de bater na porta. Com alguns passos adentrei na sala e parei em choque com a

cena.

Ele estava lá, mas tinha companhia.

— Eu não esperava vê-la tão cedo, Millie. — Seu sarcasmo era nítido.

Eu não tinha palavras. Meu grande plano de ir ali e lhe dizer poucas e boas tinha ido pelos ares pela percepção repentina de que havia sido atingida com muita força para conseguir reagir. Ele estava no meio da sala, com um copo de uísque em uma das mãos enquanto era chupado por uma mulher.

Momentaneamente perdi o equilíbrio, e tive que me recostar na parede ao lado. Encontrei seus olhos, e de repente vi o momento em que ele gozou com um grunhido. Agressivamente puxou a mulher pelos cabelos e a beijou duramente.

Fiquei ainda mais perplexa quando a reconheci.

— Veronica! — sussurrei sem fôlego.

— Olá querida. — cumprimentou-me, passando os dedos no canto da boca. — Depois que você acabar com essa putinha, estarei lhe esperando no meu apartamento. — Os olhos dela estavam direcionados ao Nathan.

Meu estomago embrulhou quando ela o beijou. Tombei a cabeça para o lado e vomitei, ouvindo risadas histéricas ao meu redor.

Não sei quanto tempo levou até que eu estivesse recomposta novamente. Ergui-me e voltei os olhos para a sala, mas não o encontrei.

— Estou aqui. — pulei ao ouvir sua voz tão próxima. Respirei fundo e me virei lentamente para encará-lo.

Sob circunstâncias normais, Nathan era uma visão a se admirar.

— Eu o roubei sim. — respondeu antes que eu pudesse perguntar. — Veronica me ajudou bastante, confesso. — sorriu levando o copo com o uísque a boca. — Éramos cúmplices desde o começo, e ela foi imprescindível para que a vitória estivesse em minhas mãos agora. — A voz dele era seca; seu rosto sem expressão, como seu eu fosse uma estranha.

Minha garganta travava minhas palavras. Eu simplesmente não conseguia expressar toda a minha magoa e indignação. Enquanto o xingava mentalmente, externamente eu apenas chorava.

Ele deu um passo em minha direção e eu dei um passo para trás, como se o volume da voz dele pudesse me derrubar. A raiva por trás das suas atitudes parecia um soco.

— Você veio aqui para ficar calada? Ou veio para conseguir um pouco de prazer?

Sem eu controlar o impulso, minha mão o acertou em cheio no rosto. Suas palavras me machucaram, e eu o odiei ainda mais naquele momento. Como ele conseguia fazer com que eu me sentisse tão pequena e insignificante com sua indiferença enquanto eu estava ali?

— Você é um porco. — murmurei com raiva. — Como você teve coragem de me usar dessa maneira, Nathan? Eu me entreguei de corpo e alma a você, eu... eu... — calei-me e me virei com as mãos no rosto. — Ontem eu me confessei, e você estava apenas comemorando a sua bandidagem contra meu pai. — minha voz tremeu. Eu estava perdendo o controle e cenários selvagens passavam por minha cabeça.

— Não tem bandidagem nenhuma.

— Ah não? — Olhei de volta para ele e vi seus lábios apertados em uma linha fina. — E o que você chama isso que fez? O que chama a sujeira que fez comigo? Você e sua amante Veronica riram muito da minha cara? Céus! Você me expôs àquelas pessoas, e me ludibriou de maneira suja e cruel.

Ele fez uma careta e fechou as mãos em punho.

— Eu não enganei você. — ele me encarou, me desafiando a contrariá-lo. — Nunca prometi nada.

— Você só se aproximou de mim para ferir meu pai, Nathan. — murmurei enxugando meu rosto com as costas da mão. — Está claro como água. Você sabia que, embora ele não demonstre, sou importante para ele.

— Infelizmente, boa parte disso é verdade, e provavelmente o único motivo era esse, mas... eu me importo com você, Mi...

— Você se importa comigo? — Minhas sobrancelhas se uniram, arqueadas.

Meneei a cabeça e desviei o olhar, fisicamente incapaz de olhar diretamente nos olhos dele.

— Você roubou a fortuna do meu pai, Nathan. Agora se tornou um homem milionário. — Minha voz era um sussurro. — Espero que tenha valido a pena e que isso, seja suficiente para você. — Seus olhos se estreitaram ligeiramente. — Eu o amava de verdade. — Encolhi-me como um animal ferido. Ele tentou se aproximar, porém me afastei na direção da porta. — Nunca mais você irá me tocar, jamais. — Apontei o indicador para ele.

Um lampejo de emoção cobriu seu rosto, mas com a mesma rapidez que veio, se foi.

— Boceta não vai faltar para mim, Millie. — falou com indiferença. — Não superestime seus encantos.

Meus dentes se apertaram para bloquear o tremor que ameaçava tomar conta. Fechei as mãos em punho, determinada a não perder a cabeça. Minha respiração tornou-se ruidosa e eu me virei em meus calcanhares. Precisava sair de perto daquele homem, não restava mais forças em meu interior para aguentar aquilo.

Antes que eu pudesse alcançar a porta, ele apressou o passo e a bateu em minha frente. Nathan segurou meu cotovelo e me virou para ficar de frente para ele. Meu coração disparou de raiva misturada com desejo que crescia gradativamente.

— Tire suas mãos nojentas de mim. — gritei com revolta.

O carismático sorriso dele me fez passar do ódio para a completa perplexidade. Se ele não estivesse me segurando, teria caído, tamanho era meu atordoamento naquele momento. Enquanto lutava contra aquela alarmante realidade, Nathan me puxou contra si, acomodando o corpo dele ao meu e segurando-me pelas nádegas.

— Sinto um desejo violento de beijar você. — ele sussurrou com voz rouca, provocando arrepios ao longo do meu corpo.

— Es...esqueça isso.

Ignorando meus apelos, ele me beijou. Estremeci, lutando contra o poder que ele tinha em fazer com que cada fibra do meu corpo vibrasse, e

horrorizada por corresponder àquela paixão.

Desapontada, ardendo de desejo, lagrimas de repente escorreram por meu rosto. Desprezei minha fraqueza, desprezei-me por não ter tentado evitá-lo. Afinal, eu o permiti chegar até o ponto que chegou!

Abruptamente, ele me soltou.

— Millie? — parecia abalado.

Enxuguei as lágrimas com a mão nervosa e lancei um olhar de ódio à ele.

— Detesto você. — menti. — Tenha certeza de que você poderá ter todas as bocetas que você quiser ou que o dinheiro que era do meu pai poder comprar. — falei com a voz escorrendo rancor. — Menos a minha. Não mais!

Empurrei-o com força e saí. Eu precisava ir embora antes que minha determinação murchasse. Ignorei seus chamados e segui pelas escadas. Tentei me mover rápido, mas o turbilhão de emoções retardava meus movimentos, deixando-me dormente.

Abri a porta do carro e me arrastei para o banco do motorista. Apertei o volante e curvei-me sobre ele. Um suor frio arrepiava minha pele. O peso da idéia de que eu tinha causado aquilo a mim mesma, de algum modo, se instalou em mim.

— Porque Nathan? Por quê? Eu te amava tanto. — soprei entre soluços, sem forças para reagir.

Eu sentia como se estivesse sendo tragada por um tsunami, sem a mínima chance de me defender ou submergir. Eu estava a caminho de um futuro tão desconhecido para mim que não conseguia nem começar a decifrá-lo.

Eu havia me agarrado a visão da vida que eu desejava ter com ele. Uma vida que eu não conseguia ver com clareza antes, talvez por medo do seu significado. Uma vida na qual pertencíamos um ao outro, e onde me atrevia em pensar em um relacionamento sério. Aí vieram as lágrimas, esgotando o que ainda restava de mim. Liguei o carro e saí dali com a promessa de dar a volta por cima. Apesar de estar desolada e com coração despedaçado, eu não

o deixaria saber. Jamais! Iria dar a volta por cima.

Epílogo

Alguns anos antes...

O homem de cabelo escuro atrás da mesa levantou os olhos frios para me avaliar.

— Srta. Anderson. — disse, apontando para uma cadeira em sua frente. — Por favor, sente-se. — meus olhos caíram para a placa de identificação na mesa. Joseph Evans.

Incapaz de falar, eu me movi em direção à cadeira que ele apontou. Com movimentos hesitantes, me sentei.

Momentaneamente ele me ignorou, mantendo os olhos fixos em algo no seu laptop. Enquanto estávamos em silencio aproveitei para correr os olhos ao redor do escritório grande. Janelas cobriam a parede atrás da mesa, do teto ao chão, dando uma visão panorâmica das ruas abaixo.

— Você foi indicada pela agencia de empregos Soluções de Gestão Executiva, correto? — Com meu aceno espasmódico, ele continuou. — Cresceu no interior de Nova York e se formou pela Universidade de NYU. Atualmente trabalha em um dos departamentos das minhas empresas subsidiarias em um cargo abaixo de suas funções. O que a fez vir para Londres, Srta. Anderson?

Suas palavras passaram por cima de mim, era a pausa que me fez olhar para seu rosto expectante.

— O que? — perguntei, perdendo completamente a questão.

Recostando-se na sua poltrona, ele me encarou mais intensamente.

— Por que você veio para Londres? — repetiu. – Por acaso buscava uma mudança profissional, um melhor status financeiro, suponho?

Seu tom exigiu uma resposta, mas era complicado e pessoal, trazendo à tona lembranças que eu ainda lidava há algum tempo. A pergunta era uma invasão da minha privacidade, e sabia que legalmente não era obrigada a responder; porém encontrei meus lábios se movendo.

— Tive uma grande perda familiar. – respirei fundo. – Certamente que almejava uma vida financeira melhor também.

— Eu sinto muito pela sua perda. — ele disse depois de um longo momento de silencio. — Você sabe por que eu pedi para você vir aqui?

Engolindo, eu levantei minha cabeça para encontrar seus olhos.

— Não.— respondi, mas meu tom de voz soou mais como uma pergunta do que uma resposta.

Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, fez uma pausa, depois tentou de novo.

— Deixe-me lhe explicar. Acredito que milhares de pensamentos conflitantes estejam pipocando em sua cabecinha linda. – ele cruzou as mãos sobre a mesa antes de continuar. — Hoje você saiu de casa no seu horário habitual, trabalhou revisando uma pilha de documentos se perguntando assim como todos os dias, o porquê de você ter estudado tanto para se manter reclusa em uma sala minúscula como um ser insignificante. Acertei?

Permaneci o encarando em completa confusão, mas consciente da verdade de suas palavras.

- Você por acaso está pensando em me demitir? – repliquei com voz fraca. Pela segunda vez naquela manhã, vi o fundo se abrir debaixo dos meus pés com a mera possibilidade de ficar desempregada. Na minha bolsa eu carregava o aviso de despejo caso eu não quitasse os meses de aluguel atrasados, isso já tinha sido o suficiente para me desestabilizar. E agora? - Ninguém está contratando nessa época do ano. – sussurrei para mim mesmo.

Seus olhos se estreitaram.

— Se acalme querida, não se equivoque com meus argumentos. Você realiza um bom trabalho de acordo com a responsável por seu setor.

Ainda embasbacada o encarei, sem esconder a confusão misturada ao medo do futuro incerto que me aguardava assim que saísse daquela sala.

— Sendo assim, sinto-me ainda mais confusa. Porque me trazer aqui?

Ele se levantou ajeitando seu paletó enquanto caminhou até o mini bar. Servindo-se com uma dose de bebida, ele retornou sentando-se na beirada da sua mesa.

— Por que tenho outra oferta para você, um trabalho melhor se você tiver interessada. Eu estou precisando de uma assistente. Para minhas viagens principalmente.

Pisquei várias vezes, surpresa com aquela oferta. Olhei para o rosto dele, mas era como estar olhando para um granito... eu não poderia dizer nada do que ele estava pensando.

— O que você está oferecendo? — a suspeita enrolando na minha barriga. — Que tipo de serviço eu farei?

— Quero você inteiramente a minha disposição.

Tomei uma respiração profunda com suas palavras, e minha mente me levou para todos os lugares dentro daquela frase. Havia algo em seus olhos, apesar do comportamento relaxado, que subtendia que era exatamente aquilo que eu estava imaginando.

Tentei me indignar com aquela proposta, tentei encontrar alguma coisa para protestar, mas eu era pratica. Precisava desesperadamente saldar minhas dividas e ali eu estava tendo uma oferta.

— O que você está oferecendo?

Um leve sorriso brincou em seus lábios.

— Certamente seu salário será maior querida.

Fiquei em silencio por um momento, ponderando minhas opções. Era uma oportunidade, eu sabia. Parte de mim insistiu enquanto a outra gritava desesperadamente para que eu corresse.

— Eu aceito. — suspirei. — Mas há algo que preciso saber.

Ele inclinou a cabeça para o lado e seus olhos se enrugaram.

— Diga. — disse de forma seca.

— Por que eu? O que tenho de especial?

— Me encantei por você.

— Por quê?

— Não sei. — suas palavras saíram intensas. — Desde o momento em que a vi correndo na recepção há duas semanas.

— Uau! — exclamei debilmente. – Eu estava atrasada aquele dia.

— Eu sei. — ele disse, me fazendo voltar a olhá-lo. — Me informei de tudo, aliás, tudo que me interessava apenas.

Engoli em seco e o encarei.

- Está certo. – esfreguei as mãos uma na outra em nervosismo.

- Temos um acordo, então? – perguntou e eu relutantemente concordei com a cabeça. – Antes de tudo, preciso saber o quão apta você está para ocupar essa posição. — Ele retornou ao seu lugar, e se inclinou acomodando o queixo nos dedos juntos. — Levante-se, erga a saia na altura da cintura e se ajoelhe no estofado da cadeira. Quero que vire na direção da porta deixando o traseiro virado para mim.

Congelei, e as palavras dele ecoaram na minha cabeça. Depois de segundos tensos onde guerreei comigo mesma, me levantei e fiz o que ele pediu. Nervosa, tentei me convencer de que aquilo iria ser algo promissor para a minha vida financeira.

Suas perguntas vieram, uma atrás da outra.

Eu comecei a responder, surpreendida com a facilidade com que minha voz soava, indiferente à situação constrangedora na qual estava sendo submetida. De soslaio, percebi quando ele se levantou colocando-se ao meu lado. A firmeza de seu tom de voz e suas atitudes me deixavam enfraquecida e intimidada. Pausei uma resposta quando uma mão deslizou para cima da minha bunda, esgueirando-se por entre minhas nádegas antes de se afastar. Engoli em seco, respirei fundo e então consegui finalizar minha resposta.

Aquela tarde foi marcada como o início de uma intensa jornada de jogos de prazer, onde me disponibilizei de corpo e alma. Durante meses, praticamente vivi somente para satisfazê-lo em todos os aspectos, esquecendo-se de mim e de meu próprio bem-estar.

— Posso acrescentar a minha passagem para sua próxima viagem a Paris? — perguntei certa vez. Eu o sentia um pouco distante de mim e aquilo de certa forma, estava me incomodando.

— Você não irá. — respondeu secamente, sem ao menos me olhar. — Já tenho outra acompanhante.

Fiquei o encarando perplexa. Como assim já tinha outra acompanhante?

— Mas... — cocei a garganta. — Joseph, sempre sou eu a acompanhá-lo.

Erguendo os olhos para mim, ele me analisou por completo.

— Cansei de você. — falou friamente. — Não consigo mais me satisfazer; é isso. Respondido? Pode retornar ao trabalho agora?

Ainda respirando com dificuldade, engoli as lagrimas.

— Sim, senhor. — Forcei minha voz a sair.

Virei em meus calcanhares e segui em direção a porta. De repente esbarrei em alguém.

— Desculpe. — murmurei com a voz embargada. As mãos do homem seguraram-me pelo ombro, firmando meu corpo estremecido.

— Sem problemas. — falou roucamente. — Está tudo bem com você?

Ergui os olhos, o rosto dele estava a centímetros do meu.

— Não. — respondi com sinceridade. — Estou precisando urgentemente de uma bebida.

Ele sorriu e ofereceu seu braço, embora parecesse um gesto cavalheiresco, havia algo em seus olhos que indicava o contrário.

— Vamos a um pub aqui perto.

Mordi os lábios, em outras circunstâncias eu negaria veemente uma proposta daquela, ainda mais no meio do expediente. Mas para que? Que recompensa eu ganhei depois de tanta dedicação àquele homem?

Instantes depois, eu me vi bebericando uma bebida refrescante. Minha garganta estava seca e eu necessitava silenciar meus pensamentos.

— Você sabe que isso é loucura, não? O que está me propondo está simplesmente fora dos meus princípios. — ele gargalhou alto, fazendo meus olhos descerem para o movimento do seu peitoral.

— Que princípios, Veronica? — Nathan perguntou sarcasticamente. — Não venha se fazer de santa para mim.Eu sei muito bem que você ocupava o

cargo de putinha particular do Joseph. — ele falou de modo quase cruel. — Só que para seu azar, ele enjoou de você e conseguiu outra para substituí-la.

Eu tomei outro gole da bebida, sentindo-me irritada com o rumo dos acontecimentos e consecutivamente da conversa.

— O que eu ganharei se te ajudar nisso? — Curvei-me sobre a mesa. — O que você esconde hein, Nathan? — O canto dos meus lábios se curvou. — Confesso que nunca engoli esse seu ar de bonzinho e admiração pelo Joseph.

Ele coçou o queixo e se inclinou para mim. Sua mão tocou a minha por cima da mesa, seu polegar fazendo movimentos circulares sobre minha pele.

— Tudo o que você precisa saber é que ganhará muito com isso. — falou com voz sedutora. — Os meus planos incluem você inteiramente.

A mensagem que ele deixou subentendida em sua última frase me incendiou. Desde que havia o visto pela primeira vez, sua beleza e ar misterioso me excitaram de imediato. Mas Joseph me sobrecarregava de tal maneira que eu mal conseguia respirar, quem me dera flertar com outro senão com ele próprio.

— Combinado. — murmurei, e senti um arrepio típico da adrenalina corroendo-me internamente. — Mas antes, precisamos acertar os detalhes. Quero tudo por escrito.

Um brilho sinistro alcançou seus olhos verdes. Recostando-se na cadeira ele me encarou de modo penetrante.

— Vou encontrá-la hoje à noite no seu apartamento. — falou em tom firme. — Esteja pronta.

— Pronta?

Um riso perverso atravessou seus lábios.

— Para saciar a minha fome... estou faminto!

Arquejei audivelmente. Seu olhar prometia todo o tipo de coisas más — ou talvez fosse minha mente tentando fazer minhas fantasias em realidade.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Copyright © 2017 Sara Ester

Capa: Barbara Dameto – *ArtLivre Designer*

Revisão: Barbara Dameto

Diagramação Digital: Sara Ester

*****

Esta é uma obra ficcional.

Qualquer semelhança entre nomes, locais ou fatos da vida real é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Prólogo

Millie Evans

No meio da manhã de quarta-feira, estacionei o carro alguns metros do Hyde Park. Aquilo não fazia parte dos planos, mas eu necessitava respirar ar puro e tentar refletir, isolar-me da pressão na qual a rotina diária estava me submetendo.

Aquela sensação de entorpecimento persistia em sufocar-me. Dia após dia, aquilo não mudava, pelo contrário, só piorava e a dor em meu peito que aumentava gradativamente.

Fazia quase duas semanas desde que Nathan arrancou meu coração com sua atitude egoísta e detestável, entretanto parecia que os dias não estavam passando e tudo o que eu sentia era que a ferida continuava aberta, como se eu tivesse parada no tempo e só existisse aquele momento em que eu o peguei com a Verônica e descobri todas as barbaridades que eles fizeram comigo e com meu pai.

As memórias afloravam. Eu tentava camuflá-las, mas elas insistiam em reaparecer.

Enquanto caminhava, me sentei em um dos bancos. Os raios do sol refletiam por entre as nuvens. Uma brisa suave acariciava-me o rosto. Embora não conseguia sentir prazer nenhum naquilo. Era como se meu corpo estivesse coberto por escuridão. O frio parecia atravessar minha alma.

Meus olhos estavam presos à minha frente, com as mãos repousadas em meu colo. As crianças corriam alegremente. Agitadas, algumas pessoas caminhavam ao redor, extremamente alheias ao meu sofrimento interno. Meu corpo não obedecia aos meus comandos. Não tinha forças para estancar as infinitas lágrimas.

— Bom dia, menina bonita!

Dei um sobressalto assim que uma mulher se sentou ao meu lado naquele banco de praça. Eu estava perdida em pensamentos por minutos incontáveis, completamente à mercê das malditas lembranças que, não notei sua figura simplória.

— Bom dia. — Forcei um sorriso fraco e limpei o rastro de lágrimas.

Estava prestes a me levantar quando sua voz me chamou a atenção.

— A decepção é um sentimento extremamente doloroso, acredito que seja isso que está sentindo, não?

Olhei diretamente para seus olhos e por mais revoltada e amarga que eu estivesse, algo não deixou que eu fosse grosseira. Ao invés disso, voltei a me ajeitar ao seu lado.

— O amor nos cega a tal ponto que não nos deixa ver as armadilhas que o destino lança aos nossos pés. A senhora já sofreu por amor?

Ela aparentava ter uns quarenta anos, seus traços pareciam desgastados e havia bolsas escuras abaixo de seus olhos. Não entendi, mas alguma coisa em sua aura me puxava para ela. Talvez fosse a falta que minha mãe fazia ou a necessidade de ter uma presença feminina em minha vida.

O quão fácil seria passar por todo esse tormento se minha mãe estivesse ao meu lado?

— É o que está acontecendo com você? — replicou e ergueu a mão para tocar meu rosto. — Quem ousaria machucar uma menina tão bonita assim?

Segurei sua mão e beijei suavemente, agradecida por sua empatia.

— Uma pessoa egoísta — respondi franzindo o cenho e odiando a enxurrada de lembranças. — A senhora mora por aqui?

Vi quando ela suspirou e desviou os olhos, olhando ao nosso redor como se estivesse perdida.

— Estou bem, querida.

Fiquei confusa com aquela resposta e quando eu estava prestes a perguntar, meu telefone começou a tocar em minha bolsa.

Pedi licença por alguns instantes.

— *Oi Adam* — atendi.

— *Nathan está na galeria*.

Meu coração deu um sobressalto e pensei que fosse desmaiar ali mesmo. Eu sabia que seria uma questão de tempo para que ele aparecesse por

lá, mesmo porque, ele havia tomado posse de tudo o que era da minha família.

— *Millie*?

— *Estou ouvindo*, *Adam*.

— *Ele me demitiu! Não venha para cá agora, onde você estiver, fique ai!*

Por um breve momento, fechei os olhos e quando voltei a abri-los, eles estavam completamente úmidos. Não adiantava fugir, hora ou outra teríamos que nos esbarrar.

Levantei-me.

— *Você ainda está na galeria?*

Ele suspirou.

— *Estou arrumando as minhas coisas, infelizmente* — completou. — *Minha vontade é de socar a cara daquele desgraçado.*

Mordi os lábios nervosamente.

— *Só irá piorar as coisas para você, Adam.*

— *Não me importo! Olhar seus olhos inchados todos os dias já é combustível suficiente para que eu acabe com a raça daquele infeliz.*

Suspirei e com as mãos trêmulas limpei o rastro de lágrimas teimosas.

— *Não faça nada, por favor. Estou indo para aí.*

Encerrei a chamada e antes de virar em meus calcanhares, olhei para aquela amável senhora.

— A senhora ficará bem?

Ela sorriu lindamente.

— Você vai ficar?

Sorri com sua facilidade em fugir das minhas perguntas.

— Espero que sim...

Ela se levantou e me abraçou bem forte. Senti-me tão acolhida e quase

chorei, ainda mais, diante daquele carinho. Estava tão sensível e ferida.

— Se um dia eu voltar a vê-la, quero que esteja forte e com os ânimos restaurados. Você é linda e merece ser amada imensamente — pausou para beijar minha testa. — Menina bonita.

Ampliei meu sorriso, completamente emocionada. Fiquei em silêncio enquanto ela se afastava de mim com sua pequena mala nas mãos.

Tomei o caminho de volta até o carro. A sensação agonizante havia melhorado, porém estava tensa demais com a proximidade que teria com Nathan dentro de poucos minutos.

O som de uma buzina chamou minha atenção, despertando-me do meu tormento pessoal.

Na direção contrária do meu carro encontrei com Benson. Ele me observava fixamente através da janela de seu carro.

Momentaneamente me vi confusa e franzi o cenho. Rapidamente ele saiu do carro e se aproximou de mim com elegância.

— Que encanto revê-la — soprou com voz aveludada.

— O que faz aqui? — indaguei com desconfiança olhando ao nosso redor. — Como me encontrou?

Seus olhos encontraram os meus com certa dominância.

— Gostaria de conversar com você.

— Sobre o que? — perguntei um pouco rude admito, abrindo a porta do meu carro.

— Quero lhe propor algo — respondeu. — Do seu interesse — acrescentou logo em seguida. Colocando a mão na porta do meu carro, impedindo-me de entrar.

O olhei com fúria. Analisando-o por um momento. Estava entre a curiosidade e a precaução.

Embora eu não tivesse mais nada a perder.

Suspirei ao balançar a cabeça.

— Tudo bem — concordei. — Pode ir na frente, eu o sigo com meu

carro — disse e ele finalmente me deixou entrar.

O encontro com Nathan estava adiado.

Rapidamente, Benson retornou ao seu carro e instantes depois acelerou. Como o combinado, eu o segui.

¥

— Você só pode estar de brincadeira comigo! Por acaso pensa que sou alguma puta? — Possessa de raiva e indignação, me levantei pronta para sair daquele pub.

— Acalme-se, por favor. Deixe-me explicar melhor — Benson pediu, seu tom de voz estava ameno.

Respirei fundo e voltei a me sentar diante dele na mesa.

— Sei o que Nathan fez, aliás, está em todas as mídias noticiarias. Seu pai era um empresário de renome. — Desviei do seu olhar por um momento, aquele assunto estava desgastando-me a cada dia mais. — Gostaria de te ajudar a se vingar de uma maneira que o atingirá em níveis inimagináveis.

— Tornando-me a puta daquele maldito grupo? Foi para isso que me fez perder meu tempo?

— Você será a musa, é diferente. Uma espécie de prêmio. Ninguém é obrigado a nada naquele lugar. Esse título apenas trará maior visibilidade a você, porém você fica com quem quiser e se quiser.

— Por que está fazendo isso?

Ele soltou um riso sádico. Senti-me gelada de repente.

— Uma espécie de vingança, também — acrescentou.

— De onde vem tanta certeza de que quero me vingar?

— Está escrito em seus olhos — respondeu. — O prazer de vê-lo enlouquecido está visível em cada poro seu, querida. Não a culpo por isso, Nathan merece pagar por cada lágrima que a fez derramar e ainda faz.

Fechei os olhos com força e sem que pudesse controlar, a imagem dele e de Verônica invadiram minha mente.

— Não consigo entender o motivo que o levou a fazer aquilo. Por mais

que me esforce... Nada faz sentido para mim.

As mãos dele buscaram as minhas com firmeza. Encarei nossos dedos entrelaçados e observei, por um momento, os movimentos circulares na qual seus polegares faziam em minha pele branca.

— Aceite minha proposta. Imagine o quão ensandecido ele ficará por vê-la e não poder tocá-la... Observar seu crescimento e sua desenvoltura ao redor dele, porém sem ao menos poder se aproximar de você. Isso não será incrível? Pense em suas asas surgindo e você voando para novos horizontes, novas escolhas...

Fiquei pensativa, apenas digerindo suas palavras. Pensei no meu pai, pensei em Adam e pensei principalmente em me ego e orgulho feminino.

Eu conseguiria me reerguer emocionalmente?

Como buscaria sentido em minha vida dali em diante?

— Como isso irá funcionar?

Ele recostou em sua cadeira e suspirou, com um sorriso presunçoso nos lábios.

— Como um dos idealizadores do grupo, tenho o direito de eleger uma mulher para se tornar a musa do ambiente em cada uma das reuniões.

— Você é um dos idealizadores?

— Sim. — Bebericou sua bebida. — E então?

Peguei a taça do meu vinho e ingeri o líquido em um só gole.

— Eu aceito. Nada me fará mais feliz do que ver aquele filho da puta queimando de ciúmes — afirmei. Afinal, mentalmente eu já poderia imaginar a sua ira com olhares sobre mim, com a possibilidade de ele não ser mais interessante.

É isso ai, eu vou fazer isso.

Ele baixou o olhar para minha boca e meus seios por um átimo de segundo antes de dizer:

— Perfeito!

Ruborizei.

Que pervertido! — pensei.

— Bem, eu preciso ir. Meu pai está sumido e pretendo pedir demissão da galeria em breve, portanto, já me considero uma desempregada — murmurei tomando consciência da minha crítica situação.

— Pegue meu número e me ligue amanhã para resolvermos os detalhes. Posso te ajudar na questão do emprego também.

Aceitei o cartão que me oferecia e sorri fracamente antes de me afastar.

Encontrar-me com ele depois dos momentos quentes que tivemos há tempos, era algo surreal. Certamente que não havia motivos cabíveis para que eu me relacionasse com quem quer que fosse naquele momento, embora eu estivesse aberta para novas oportunidades que a vida pudesse me dar e eis que ela acabara de me oferecer uma.

Rumo à *minha vingança!*

Capítulo 1

Nathan Backer

Cinco da manhã e me vi recostado na balaustrada da sacada do meu quarto. A brisa refrescante era bem vinda em meu rosto e peitoral desnudo, apesar de que, o prazer parecia ser superficial. Meu corpo não relaxava há dias.

Soltei uma tragada do meu cigarro e fechei os olhos numa tentativa frustrada de concentração. Meus planos estavam se deteriorando e era como se eu estivesse nadando contra a força de uma maré constante.

Suaves dedos tocaram a pele das minhas costas e logo em seguida senti-me sendo abraçado pela cintura.

— Está sem sono?

Seus lábios trilhavam beijos molhados em minha pele.

— Você me conhece, sabe que eu não consigo ficar na cama por muito tempo.

Ela soltou uma risadinha rouca enquanto persistia em me acariciar. Terminei de fumar e me virei para ela. Seus olhos claros me examinavam com calma e precisão. Desci minha mão por seu corpo coberto apenas pelo robe e a vi suspirar.

— O pouco que você fica já é o suficiente para despertar os mais profundos desejos em uma mulher, Nathan.

Um ensaio de sorriso brotou no canto dos meus lábios. Enganchei uma mão em sua cintura e a outra repousei em sua nuca, enrolando seus cabelos loiros em meus dedos.

— Vagabunda...

Avancei contra os lábios dela com agressividade. Era daquele jeito que ela gostava. Verônica não se contentava com gentileza na hora do sexo.

Com um impulso, ela ajeitou-se em meu colo com as pernas ao redor da minha cintura enquanto eu caminhava com ela até o quarto novamente.

— Isso! Me xinga... — gemeu ensandecida.

Joguei seu corpo na cama e me curvei. Seu cheiro estava impregnado nos lençóis e em minha pele. Constatar aquilo me fez travar automaticamente.

— O que foi? — indagou confusa. Endireitei o corpo sentindo-me estranho com aquilo. — Nathan?

— Quero que você vá embora, hoje! — murmurei rispidamente.

— O que? — Apoiou-se sobre os cotovelos. Sua nudez estava visível para mim.

— Você já ficou tempo demais aqui e não estou gostando disso.

Virei de costas na intenção de ir para o banheiro tomar um banho. Sua risada alta me parou.

— É sério que você vai me deixar com a boceta piscando por uma bobagem dessas?

Encarei-a.

— Apenas gosto de deixar claro que nós não temos nada um com o outro. Gosto da minha privacidade.

Rapidamente ela se levantou. Seus olhos faiscando em minha direção.

— Aposto que ainda pensa naquela putinha da Millie, acertei?

Meu sangue ferveu na mesma hora e não controlei o impulso de apertar seu belo pescoço com uma de minhas mãos. Seus olhos antes ferozes, naquele momento, encontravam-se arregalados e assustados enquanto suas pequenas mãos lutavam para se livrar do meu aperto.

— Não ouse tocar no nome dela. — Meu timbre soou cavernoso. — Nunca mais! Estamos entendidos?

Acenando com dificuldades ela confirmou, então a soltei.

Meu corpo todo tremia e meu coração tornou-se agitado com a simples menção do nome dela.

— Não pense que ela ainda vai querer você — murmurou tossindo, eu voltei a encará-la. Ela estava massageando o pescoço. — Você é mal, Nathan. Assim como eu...

— Não a quero aqui quando eu retornar do banho.

Entrei no banheiro e bati a porta com força.

— Seu grosso! — ela gritou.

Arranquei a cueca boxer e olhei para meu pau semi ereto.

— É grosso mesmo... — sussurrei divertido.

¥

Millie Evans

Estava deitada entre as almofadas na sala da casa da Lauren enquanto assistíamos a um filme.

— Paolo está viajando, Millie. Pode confiar em mim.

— Não falei nada.

Ela revirou os olhos e sorriu.

— Qual o problema com a minha porta então? Você não para de olhar para ela.

Suspirei baixinho por ter sido pega no flagra. No fundo, eu estava apavorada com a possibilidade de que o Nathan aparecesse ali a qualquer momento.

— Impressão sua — falei por fim.

— Sei... — resmungou e ficou me encarando desconfiada por alguns segundos. — Tem medo de que o Nathan apareça por aqui, não é? — Mordi os lábios e baixei os olhos. — Ele sabe que Paolo está viajando, sendo assim, não virá. Não se preocupe. — Apenas sorri, demonstrando o extremo alívio. — Quer dormir aqui?

— Quero — respondi mais do que depressa.

Ela soltou um suspiro agoniado.

— Millie, o que foi? Nathan ainda está te importunando, não é? Não minta para mim.

Ajeitei-me no chão e me sentei abraçando meus joelhos.

— Já esteve algumas vezes em meu apartamento, porém não o atendi — murmurei em irritação. — Provavelmente descobriu que um dos membros do *Veiled* me procurou.

— Quem? — indagou visivelmente curiosa.

— Benson.

Percebi que ela enrijeceu o corpo de leve.

— Parece ser um homem perigoso.

Franzi o cenho e a encarei com interesse.

— Por que diz isso?

— O que ele queria com você? — replicou fugindo do meu questionamento.

Respirei profundamente.

— Quer me ajudar a me vingar do Nathan. Fiquei de ligar para ele, porém não liguei ainda.

— Por quê?

Mordi os lábios e me levantei sentando-me ao seu lado no sofá.

— Não tenho plena certeza se é isso o que eu quero, sabe? As coisas estão acontecendo muito rápido, papai está desaparecido, estou desempregada agora...

— Desempregada? — cortou-me agitada.

— Sim. Pedi demissão na semana passada. Não daria a ele o prazer de me comandar na galeria, Lauren. Isso iria me ferir ainda mais.

— Compreendo...

— Estou me sentindo perdida, sem saber quais decisões tomar. Há tempos sonhava com minha autonomia e agora que me vejo sozinha estou...

— Com medo — ela emendou me interrompendo. Suspirei jogando a cabeça sobre o encosto do sofá. — Millie... eu não acho que a vingança lhe trará conforto algum.

Olhei-a atormentada.

— É injusto eu desejar que aquele canalha pague por todo o mal que me fez?

Ela arregalou os olhos e observei seu rosto ruborizar.

— Não foi isso o que eu quis dizer, Millie. Acalme-se!

— Nathan apenas me usou o tempo todo, brincou com meus sentimentos...

— Eu sei! E eu o odeio por isso — murmurou ajeitando-se melhor ao

meu lado. Buscou minhas mãos. — Não quero que duvide o quanto estou do seu lado, apenas tenho medo de que se machuque ainda mais, entendeu? Eu posso te ajudar se quiser.

Suspirei baixo.

— Ainda tenho algumas economias...

— Até quando? Hã? Se quiser posso conversar com Paolo.

— Não, Lauren. Paolo ainda é muito ligado ao Nathan.

— Droga! — ela exclamou revoltada. — Não consigo me conformar com o que ele fez a você.

— Já passei dessa fase. — Revirei os olhos.

— Uma vez, Paolo comentou que nem tudo é o que parece ser.

— O que será que ele quis dizer com isso?

— Algo que Nathan disse para ele, talvez...

Fiquei pensativa.

— O roubo, a traição e a devastação ao meu coração estão bem visíveis para mim.

Ela concordou em um suspiro frustrado.

— Vou te entregar a chave do meu apartamento de solteira. Nathan sequer faz idéia daquele imóvel, então não irá importuná-la por um tempo.

Luz iluminou minha visão.

— Obrigada.

— Não por isso.

— Não, é sério! — insisti. — Você está sendo incrível comigo e sou muito grata por estar tendo sua amizade como apoio.

Emocionada, ela me abraçou forte e não segurei as lágrimas.

— Juro que quando eu tiver a oportunidade, irei capá-lo com as próprias mãos — murmurou chorosa.

Gargalhei em meio às lágrimas.

— Eu sei que sim.

Seus dedos acariciaram delicadamente minhas bochechas.

— Ainda o ama, não é?

Aquele assunto não estava tomando um rumo agradável.

Fugi da pergunta.

— Quando Paolo retorna? — perguntei, enxugando o rosto e respirando fundo.

Ela sorriu compreensiva.

— Daqui uns quatro dias, mas isso pode se prolongar. Nunca é um prazo exato.

— Ficarei com você então. Posso? Assim me livro do obcecado e do louco.

— Obcecado e louco?

— Adam e Nathan. Exatamente nessa ordem.

Sua risada alta ecoou pela sala.

— Fique! Aqui estará segura dessa raça ruim.

— Adam não é ruim, Lauren — falei em tom alto, pois havia me afastado da sala. — Apenas está confuso.

— Eu o acho um aproveitador.

Retornei à sala com um copo de água na mão.

— Em que ele se aproveitaria de mim?

O olhar dela desceu por meu corpo.

— Tenho algumas idéias.

Revirei os olhos e dei risada.

— Palhaça.

¥

No dia seguinte acordei cedo, Lauren ainda dormia quando saí da sua

casa. Eu precisava agir, não podia simplesmente me conformar com a minha situação. Tinha que me reerguer e superar aquele horror da melhor maneira possível.

Antes de tudo, segui para a mansão do meu pai, ou sua antiga mansão. Naquela altura do campeonato eu já nem sabia o que ainda tínhamos e, ou, se tínhamos alguma coisa.

Minutos depois estacionei o carro e desci. Lutei contra as lágrimas que insistiam em nublar meus olhos conforme focalizava aquela construção. Tinha lembranças ruins, porém algumas boas também. Com minha falecida mãe principalmente.

Parei em frente ao enorme portão e os seguranças me avistaram.

Não os reconheci.

— Bom dia, senhorita. Posso ajudá-la? — perguntou o mais alto deles.

Aprumei o corpo e forcei minha visão para além dele, na intenção de avistar alguém conhecido.

— Poderia me informar se o senhor Joseph está aí?

— Essa casa pertence ao meu patrão, o senhor Nathan.

Engoli em seco.

— Uma última informação, por favor. O senhor *Roberts* e a senhora *Ava* ainda trabalham aí?

A testa dele se franziu, porém antes de abrir a boca para falar foi interrompido por uma voz imponente:

— Deixe-nos rapazes. — Aquela voz ecoou grave, penetrando em meus ouvidos e percorrendo meu corpo.

Meu choque e minha angústia perplexa devem ter sido óbvios, embora ele mal tivesse movido um músculo do rosto em reação. Fazia tanto tempo que não nos víamos que quase soltei um suspiro involuntário devido às reações indesejáveis que sua presença me causava.

— Se você me atendesse em seu apartamento ou em minhas ligações, eu poderia lhe passar as informações sem nenhum problema, *minha criança.*

A propósito, do que está vivendo agora que pediu demissão?

As palavras ficaram travadas e meu corpo ficou gélido quando o vi ameaçar abrir o portão.

— A minha vida não lhe diz respeito em absolutamente nada, seu cretino!

Os lábios dele se ergueram em um sorriso de escárnio.

— Isso, você já deixou claro. Apenas queria entender o que leva uma pessoa com uma crítica situação financeira, a simplesmente assinar a carta de demissão e mandar me entregar sem mais e nem menos. Poderia ter me procurado, adoraria ouvir seus incômodos. — O olhar de deboche continuava lá, me irritando.

— Não consegue perceber que sua presença me enoja? — Naquele momento, o seu olhar tornou-se gelado. — Quero distância de você, não o quero em meu apartamento. A única coisa pela qual eu almejo, é que você se foda! — gritei histérica, enquanto apontava o indicador em sua direção.

Com o maxilar trincado, ele persistiu em me encarar com arrogância.

— O que veio fazer aqui?

Pisquei algumas vezes sendo pega desprevenida, eu esperava que ele revidasse aos meus argumentos, porém isso não aconteceu.

— Meu pai está desaparecido — falei através das grades do portão de segurança.

— Eu sei — ele respondeu sem um fiapo de preocupação. — Ele dispensou os empregados e sumiu antes que eu pudesse encontrá-lo aqui.

— Mas... — Tudo o que eu queria dizer entalou em minha garganta. — O que mais você fez a ele, seu monstro? — acusei.

— Eu? — pausou. — Não tenho culpa da incompetência do seu querido papai — zombou em seguida.

Por longos segundos o encarei com horror misturado a perplexidade. Eles haviam construído uma amizade, confiança e respeito. Meu pai confiava nele, eu confiava nele. Ele fora provocante, mas terno em alguns momentos...

Deus, eu achava que ele me *amava*.

Pisquei diversas vezes assim que despertei dos pensamentos atormentadores e percebi que Nathan estava diante de mim. Seus enormes dedos trilhavam a pele do meu braço. Aquele mero contato me fez estremecer involuntariamente.

— Não me toque! — exclamei, completamente exaltada.

— Tem certeza? Por acaso esqueceu-se do prazer que posso lhe proporcionar?

— Não o processei por assédio sexual, mas tinha todo o direito.

Minhas palavras o atingiriam. Com força.

Soltando-me, ele recuou profundamente ofendido.

— Você me queria tanto quanto eu a você. — Fumegou ele.

— Não, eu era ingênua — rebati com fúria ardente, que traía um toque de mágoa. — Lamento ter conhecido você, Nathan. — Eu soava derrotada. Arrasada.

— Sinto muito em ouvir isso — murmurou em tom baixo.

— Sente? — indaguei sarcástica. — Isso está muito claro em seus olhos, ou melhor, em suas atitudes. Diga-me, por que fez isso?

Ele permaneceu me encarando com intensidade.

— Com você ou com seu pai? — replicou com expressão impassível.

— Meu pai — respondi, não queria saber das razões que o levaram a apunhalar-me pelas costas daquela maneira tão cruel.

Os olhos dele obscureceram e me assustei com sua expressão extremamente sombria e nebulosa.

— Uma vingança deliciosamente doce, porém fria — ditou confiante.

Arquejei diante de suas palavras, podia sentir o prazer nítido em seu tom ao pronunciar cada uma delas.

— O que ele te fez, afinal, seu doente? — minhas pernas estavam fracas e me vi dando passos para trás. Queria evitar nosso contato físico a

qualquer custo. — Meu pai pode ser frio e calculista, mas não o vejo como uma pessoa capaz de fazer mal a alguém.

A risada alta que ele soltou, me fez pular. A vibração em meu corpo estremeceu-me enquanto que, com respirações curtas tentei controlar os arrepios involuntários de minha pele.

— A sua inocência é algo encantador doce Millie, por acaso acredita em contos de fada também?

Uma fúria sobrenatural se apossou de mim inteiramente.

— Eu acredito na bondade e no caráter das pessoas, talvez esse seja um dos meus maiores defeitos.

Sem deixá-lo argumentar me virei nos calcanhares. Ansiava por me ver livre daquela tensão que emanava dele, aquele ar perigoso que fez com que soasse um alarme em minha mente.

Então, ele segurou-me pelo braço e no ápice da minha fúria ergui a mão e dei um tapa forte em seu rosto, pegando-o desprevenido.

— Exijo que nunca mais me toque!

Rapidamente me desvencilhei de seu aperto e praticamente corri até meu carro. As sensações involuntárias que seu toque me causava estavam me deixando sem ar e ainda mais irritada por permitir que ele mexesse tanto comigo. Não soube dizer se ele tentou me impedir, pois quando percebi, já estava em meio ao caos do trânsito. Meu coração aos poucos se acalmando e os pensamentos voltando a se tornarem coerentes.

Estava completamente decidida agora.

Tomei respirações rápidas e acessei meus contatos através do sistema de *bluetooth* do carro. O fluxo de carros estava pesado, porém uma pequena brisa me refrescava enquanto eu aguardava.

— *Millie?* — Benson atendeu minha ligação, sua voz aveludada.

— *Ainda quer me ajudar?* — intimei.

— *Com todo o prazer.*

Soltei a respiração.

— Onde nos encontramos?

Ouvi atentamente suas instruções e comecei a sentir uma emoção sinistra dentro de mim. Era uma agitação diferente, algo que ardia em meu peito com força. Adrenalina misturada à euforia. Eu precisava daquilo e o mais importante... eu queria!

Capítulo 2

Millie Evans

Benson me encarava através dos olhos semicerrados.

— É fácil me acostumar com isso — murmurou de repente.

— Com o que, exatamente?

— Essa mulher cheia de força. Cheia de rancor e completamente decidida sobre o que quer.

— Você está me atribuindo mais mistérios do que possuo. Sim, estou sendo mais franca com você agora, pois percebi que estou cansada de chorar.

— Você merece mais do que isso — apressou-se ele em dizer.

Sem conseguir tolerar o olhar cheio de intenções que ele me lançou, escorreguei do banquinho do bar e, com a taça de vinho na mão, afastei-me na direção de uma das janelas para observar a paisagem de fora.

— Ele ainda me julga ingênua. Acredita que pode me ter em um estalar de dedos.

— Falou com ele?

— Hoje, pouco antes de ligar para você — respondi. — Resolvi procurar meu pai na mansão, porém não sabia que o canalha do Nathan já havia se apossado da casa também.

— Esse prato ele está comendo frio. Agiu na sombra do seu pai durante anos.

— E pensar que tudo não passou de ganância — lamentei.

— Não creio que seja por isso. — O encarei. — Deve haver algo a mais escondido.

— Não entendo.

Benson se aproximou.

— Nathan é inteligente o bastante para não deixar pistas, porém é possível perceber que os planos não saíram como ele planejou. — Sua mão tocou meu rosto delicadamente. — Quando você surgiu na vida dele, as

coisas saíram do controle.

— Mas ainda assim ele roubou minha família — insisti. — Magoou-me.

— E ele sabe disso, por isso está perturbado.

— Como sabe? — indaguei.

Sua mão enrolou-se em meus cabelos por trás da nuca.

— Ele ganhou uma fortuna, porém perdeu seu maior tesouro... você!

Fiquei sem reação diante de suas palavras, e ainda mais quando ele se inclinou e tocou nossos lábios em um beijo sensual. Seu perfume era suave e intenso ao mesmo tempo. Um formigamento tomou conta do meu corpo e ele afastou-se por um momento para poder me olhar.

Pareceu admirar meu rosto.

— A sua pele alva sobre a minha é fascinante.

Devagar, — lembrei a mim mesmo, conforme me tornei séria e lançava um olhar em sua direção. A tensão sexual cresceu, mas só porque ele queria ir para a cama comigo não significava que deveria.

— Então é assim que começa todas as suas investidas? Ou elas acabam aqui?

— Investidas?

— As mulheres ficam impressionadas quando você as traz aqui para tomar um drinque?

— Eu não faço nada demais para impressionar, se é isso que você está insinuando. — Sorri e levei a taça de vinho à boca. — O que há de diferente em seus encontros, Millie?

Entortei os lábios.

— Não tive muitos.

— Falou com um certo ressentimento, até me ocorreu que alguém destruiu sua vida social.

— Não. Eu nunca tive uma vida social, de modo que não havia nada

para destruir.

— Você não era virgem. Houve pelo menos um homem em sua vida.

— Um — afirmei sem encará-lo.

Ele pareceu ponderar minhas palavras por alguns instantes.

— Caralho! Foi aquele filho da puta?

— Bem, não era exatamente um romance. Era... conveniente. Uma busca desesperada da minha parte em querer conhecer os prazeres da vida. Um erro.

— Ele usou você.

Eu não queria continuar falando sobre aquilo. Cruzei os braços e admiti:

— Eu sei. Não há necessidade de me lembrar disso.

— Sinto muito. — Ele parecia aturdido. — Venha almoçar comigo — pediu estendendo sua mão.

Ao aceitar ele entrelaçou nossos dedos. Caminhei com ele, porém tudo o que conseguia pensar era: *Nathan me usou. Será que ele se sentia mal por isso?*

¥

Sempre atenta aos detalhes, percebi o quanto aquele lugar era magnífico e de extremo requinte. Ao meu lado havia uma rosa branca envolta em uma fita de seda.

Tão sedutora quanto você — dizia o cartão.

Abafei uma pontada de melancolia ao pegar o botão ao lado do seu prato, procurando por seu perfume entre as pétalas ainda fechadas.

A mesa que Benson havia reservado era um pouco afastada das demais. *Audacioso*, pensei, pegando a taça que o garçom colocou na frente do meu prato.

— Como pretende me ajudar na questão do emprego? — questionei de repente, para quebrar o silêncio.

— Eu poderia lhe oferecer o cargo de minha assistente pessoal. — Sorriu de forma aberta. — Mas soaria um pouco estranho e forçado. Sendo assim, tenho algo muito melhor.

— E o que seria? — Eu quis saber enquanto baixava os olhos para meu prato. Era uma massa típica do restaurante: cremoso, com pimentas brilhantes e manjericão perfumado.

— Tenho um velho amigo que é dono de uma pequena galeria de antiguidades. Ele está precisando de ajuda.

Meus olhos brilharam em encantamento.

— Seria perfeito, obrigada.

— Não me agradeça, querida. Faço com prazer.

Seu olhar intenso me deixava nervosa.

— A propósito, como você acabou se tornando um dos idealizadores do grupo?

Ele estalou os lábios, ajeitando-se na cadeira.

— Não foi escolha minha.

Abaixei o meu garfo conforme absorvia a resposta lógica e sensata, mas sem sentido algum. Franzi o cenho.

— Como assim?

— Éramos em quatro casais de amigos, no auge da juventude e com os desejos aflorados — disse ele. — Eu namorava com uma amiga por muito tempo e na época, sentia-me perdidamente apaixonado por ela. Meu pai me dava dinheiro para pagar as mensalidades da faculdade e eu gastava tudo com ela e nas festas na qual frequentávamos. Por ser mais velha do que eu, sempre foi voz ativa na relação.

— Pelo que posso notar, ela não era uma boa influência para você.

— Nem um pouco. — Percebi um tom de ressentimento que endureceu sua voz. — Célia era uma mulher mesquinha que vivia buscando se promover à custa de quem permanecesse ao seu redor.

Célia! Minha mente gritou em reconhecimento.

— Tive um pequeno momento com ela e não foi muito agradável — comentei em recordação.

— A idéia de criar o *Veiled* veio dela, mas eu não queria. Amava-a demais para querer dividi-la com outros. Com o tempo eu percebi o quanto ela se divertia com meu sofrimento, todos os meus acessos de ciúmes serviam apenas para entretê-la.

Ele ergueu os olhos para mim e vi seu rosto transformado em uma máscara de gelo.

— Que horror!

— Percebi que a beleza exterior que ela exalava com tanto orgulho não passava de uma couraça para esconder seu lado vulgar e cruel.

— Sinto muito por você. Nunca estamos preparados para nos decepcionar. — Fui sincera.

— Mas estamos preparados para superar.

A surpresa ecoava em meu silêncio.

— Eu realmente não sei nada sobre você, Benson, mas tenho certeza de que nos daremos bem nessa jornada louca.

Sua mão buscou a minha enquanto em seus lábios pairava um sorriso misterioso.

— Geralmente as coisas loucas são as mais sábias.

Sorri contagiada pelo seu sorriso.

— Concordo.

Voltei a me concentrar em meu almoço. Depois de longos dias, eu finalmente estava conseguindo me distrair da minha dor e enxergar algo diferente do que eu estava vivendo ultimamente.

— O que pretende fazer depois que saímos daqui?

Beberiquei meu vinho e o encarei.

— Voltar ao meu apartamento, preciso arrumar as minhas coisas para a mudança que farei daqui uns dias. Quero ficar o mais neutra possível do Nathan.

Um músculo tremeu no maxilar dele.

— Está certo. Estou com a tarde livre hoje, podemos continuar juntos para agilizarmos ainda mais os planos. Hoje à noite tenho um evento para ir, gostaria de levá-la.

Me levar?

— Por quê?

— Poderia facilmente responder que você é extremamente linda e por isso adoraria ter sua companhia, mas a verdade é que quero lhe apresentar alguns membros do grupo e sei que estarão lá. Também terá muitos repórteres e será bom que eles nos vejam juntos. Nathan ficará possesso quando nos ver em todos os cantos.

Oh, meu Deus!

Meu estômago se agitou na mesma hora. Era uma mistura de medo e euforia.

— Tudo bem. Acho que tenho um horário vago para você.

Sua risada alta ecoou pelo recinto e me peguei o admirando. Benson conseguia ser ainda mais estonteante quando estava relaxado.

— Agradeço por isso, minha *pequena fênix*. — Deu uma piscada marota fazendo-me sorrir.

— *Pequena fênix?* — indaguei, testando as palavras na língua.

— Eu a farei renascer para uma nova vida — respondeu erguendo sua taça de vinho. — Quero ter essa oportunidade e sei que farei valer à pena.

— Eu o ajudarei a fazer valer. — Toquei nossas taças, um sorriso encorajador pairando em meus lábios.

¥

Nathan Backer

... Fiquei encarando-o com extremo rancor, porém minha máscara de persuasão obscurecia o que eu estava sentindo realmente naquele momento. Era um misto de dor, raiva e fúria. Aquele homem em minha frente, não somente destruiu minha vida, mas todo o rumo que eu havia sonhado em traçar quando criança.

— Qual sua formação mesmo? — Quis saber me analisando com olhos brilhantes.

— Sou graduado em gestão de finanças.

Houve-se um silêncio mais do que perturbador naquela sala. Eu sabia que ele estava ponderando todas as opções que tinha e absorvendo todas as informações que joguei em suas costas minutos antes. Claro que tudo o que havia dito a ele era a mais pura mentira e, o que eu realmente queria era apertar aquele pescoço até que seus olhos saltassem.

— Bom, posso ver um cargo para você em minha empresa — falou instantes depois. — Gostava muito do Jimmy, apesar de tudo — comentou com uma expressão ressentida, porém digna de um Oscar.

Escondi as mãos nos bolsos para evitar em cometer uma loucura, fechei brevemente os olhos buscando um apoio psicológico. Não conseguia acreditar que ele estava falando aquilo com aquela tranquilidade toda.

— Posso imaginar — consegui dizer, meus olhos abertos na direção pareciam fendas.

Levantando-se, ele deu a volta na mesa, ficamos frente a frente. Seu semblante parecia curioso, mas tinha algo mais profundo exalando em seus olhos. Lembranças, talvez?

— Podemos trabalhar a nossa intimidade aos poucos. — Esticou a mão e rapidamente a aceitei, apertando com certa força. — Posso não demonstrar, mas estou muito feliz de conhecê-lo rapaz.

Forcei um sorriso eufórico, na verdade, não tão forçado assim, pois eu realmente havia ficado feliz. Ali daria início à minha trajetória vingativa contra Joseph Evans...

Eu não queria que aquelas malditas recordações viessem à tona com

tanta frequência, aliás, sentia-me daquela forma agora. Era um prazer para mim regozijar em cima da desgraça dele, adorava relembrar do quão fácil foi enganá-lo para depois dar uma rasteira certeira. Mas por que raios não conseguia mais me sentir bem com aquilo? Pelo menos, não necessariamente em relação ao roubo e sim a...

Suspirei com indignação

Minha mente não conseguia formular uma ideia razoável. Eu continuava ouvindo o que Millie me dissera naquela manhã. Aquilo havia me feito contorcer em um turbilhão de arrependimentos e inconformismo.

Mellanie soltou um suspiro alto ao meu lado. Olhei para ela, certo de que a mesma deveria estar captando minha tensão. Era por isso que estava tão irritada.

— O que está acontecendo?

— Nada — respondi levando minha taça de bebida a boca.

— Estou conversando com você por longos minutos e sinto que estou falando sozinha, Nathan — queixou-se. – Por que me trouxe aqui? Ou melhor, por que veio nesse evento, afinal?

— Não ouse exigir coisas pela qual não lhe diz respeito, Mellanie. — Meu tom saiu áspero. — Eu lhe trouxe, pois eu sei que precisa se relacionar com alguns contatos novos para seu projeto, estou errado?

— Obrigada por admitir que a minha presença o desagrada.

Segurei seu braço no momento em que passou por mim a passos duros. Em seus lábios havia uma linha fina de extrema irritação.

— Mellanie, você sabe que tudo o que está acontecendo está mexendo com meu psicológico. Estou extremamente estressado com o peso de tudo isso — fiz uma pausa. — Mas não pense que faço de propósito em descontar minha grosseria em você.

Ela continuou me encarando, os olhos verdes fixos e fervorosos em meu rosto.

— Você me ama?

Espremi os lábios em uma falha tentativa para não sorrir.

— E como não amaria? — repliquei levando os lábios em sua testa.

Completamente derretida, ela se jogou em meus braços apertando-me contra si. Ergui os olhos na direção da entrada do evento e uma pequena movimentação chamou a minha atenção de imediato. Ainda abraçado à Mellanie, pude ver a figura imponente do Benson e ao seu lado estava Millie, em um vestido quase indecente.

Meu corpo enrijeceu imediatamente, porém meus olhos acompanharam os passos deles por todo o salão principal.

Millie estava magnífica e esbanjava diversos sorrisos encantadores enquanto Benson a apresentava aos abutres.

O que ela pensa que está fazendo?

Olhe para mim — pensei tentando influenciá-la com a força do meu pensamento.

Mellanie afastou-se, porém continuei a abraçando pela cintura. Ela sentiu a minha tensão e tentei sorrir.

— Está tudo bem?

Levei a mão livre aos meus cabelos e os baguncei de modo inquieto. Deveria estar olhando para ela, mas não conseguia tirar os olhos de Millie.

— Estou. Acabei de ver uma das sócias do maior site de moda e entretenimento desfilando bem na nossa frente.

— Onde?

— Aquela com um vestido vermelho. — Apontei para um grupo de pessoas amontoadas um pouco mais adiante de nós.

Aliviei-me quando, euforicamente, ela saiu saltitando na direção em que havia apontado antes e finalmente pude me ver sozinho.

Por entre a superfície da taça de uísque, continuei analisando os passos da Millie. Reparei com um gosto amargo a desenvoltura dos dois como se fossem um casal em completa sintonia. A mão dele não saía da cintura dela e aquilo estava me incomodando de uma forma muito dolorosa. Sentia uma pontada de possessividade ao vê-lo orbitando em cima dela, porém, disse a mim mesmo que era raiva e nada mais.

Por que ela não olhava para mim?

Contudo, murmurou algo no ouvido do Benson e instantes depois deixou-o no meio do círculo de pessoas em que estavam e se dirigiu para um corredor.

Suas curvas sensuais estavam gritando conforme ela desfilava lentamente. Aquela garota conseguia ser sedutora como o diabo.

Terminei meu drink e sem ao menos perceber, estava rumando na mesma direção em que ela estava seguindo. Meu corpo sequer me obedecia, eu precisava ao menos ouvir a voz dela, nem que fosse seus xingamentos...

Capítulo 3

Nathan Backer

Atravessei o salão em segundos enquanto me desvencilhava das pessoas. Haviam aqueles que ansiavam por fechar negócios comigo, porém nada me interessava mais naquele momento do que estar diante da Millie.

Ao longe, observei quando ela entrou no banheiro. Prestes a me aproximar fui parado por alguém.

— Grande Nathan Backer! — exclamou um empresário que eu conhecia de vista. Eufórico demais. Aceitei seu comprimento e relutantemente desviei os olhos do meu foco principal. — É um enorme prazer finalmente conhecê-lo.

— Acredito que a mídia anda dando mais credito a mim do que realmente mereço — murmurei em sarcasmo fazendo-o sorrir.

— Discordo. As melhores jogadas devem ser mostradas ao mundo.

O encarei sem esconder o divertimento.

— Isso foi um elogio? — indaguei sarcástico.

— O aceite como um.

Fiquei o encarando imaginando se o daria algum crédito ou não. Minha cota para analisar novos contratos já estava lotada e sequer estava conseguindo conciliar toda aquela enxurrada. Uma coisa era gerir os negócios em segundo plano, outra bem diferente era assumir completamente tudo de um dia para o outro.

— Qual o seu ramo? — perguntei, ganhando tempo.

— Exportação de materiais recicláveis — respondeu. — Minha empresa possui um mercado muito forte em toda a Europa Ocidental.

Meus olhos se voltaram, disfarçadamente, para a porta do banheiro por alguns instantes, não tinha a intenção de perder a chance de deixar Millie escapar da minha vista.

— Muito interessante — murmurei sincero, retornando a atenção ao homem expectante à minha frente.

— Terei o enorme prazer em me sentar com você e discutir um possível acordo ou sociedade...

O barulho de saltos, ecoaram em meus ouvidos atentos e rapidamente tirei um cartão pessoal do bolso do paletó e entreguei ao homem.

— Ligue para minha secretária e marque um horário.

Não deixei que argumentasse, pois atrapalharia meus planos.

Millie caminhava elegantemente no corredor e eu ia ao seu encontro. Meus passos eram calculados, porém tive que me segurar quando ela ergueu aqueles grandes olhos azuis para mim.

Parei em sua frente e pude sentir aquela sensação rotineira de entorpecimento na qual ela me transmitia. Enquanto nos encarávamos, percebi que havia algo de diferente em seu semblante. Uma aura forte, um olhar poderoso que incrivelmente me deixou duro de imediato.

— Parece que Benson está divertindo você — comentei de modo grosseiro. O ciúme não me deixou formular frases coerentes.

Um sorriso maldoso abrilhantou os lábios carnudos dela. Sua mão bagunçou sensualmente seus cabelos sedosos e os jogou sobre o ombro. O movimento não passou despercebido por meus olhos e me deliciei com a visão do seu decote sensual.

— Ele sabe como divertir uma mulher.

Uma fúria sobrenatural me abateu e a encurralei com meu corpo. Sequer me preocupava com quem pudesse nos ver ou ouvir naquele momento, meu maior interesse estava em fazê-la engolir aquele sorriso sarcástico e lembrá-la de um passado, não muito distante, entre nós.

— Está insinuando que eu não sei ou que não soube diverti-la? — indaguei zangado. — Depois de tudo o que fizemos juntos?

— Por qual motivo você acha que me recordo desses momentos? Você sabe de verdade como fazer uma mulher se sentir mal, Nathan. Eu mal digeri o tormento que me causou e você se diverte fazendo jogos mentais ridículos. "*Dei muito prazer a você, mas você não foi à única"*. Talvez você merecesse um lugar na minha vida, caso mostrasse caráter.

O silêncio surgiu entre nós.

Abri a boca para falar, porém fui impedido por Mellanie.

— Nathan? Estava procurando por você.

Millie se empertigou e relutantemente me afastei dando a ela espaço suficiente para passar.

Enquanto Mellanie falava comigo, meus olhos buscavam algum vestígio de emoção no rosto da Millie, porém ele parecia impassível. Ela sutilmente pediu licença e se foi.

— E eu estou bem certa de que conseguirei assinar um acordo com ela, *Nath*. Nos identificamos bastante profissionalmente. — Por alguns segundos, eu nem ao menos consegui piscar. — *Nath*?

Focalizei Mellanie em minha frente e franzi o cenho:

— Já falei para não me chamar por esse apelido ridículo.

Cruzei o corredor a passos duros deixando-a falando sozinha. Em dias normais, Mellanie já me irritava com essa necessidade de estar comigo vinte e quatro horas, porém naquele momento a companhia constante dela era tudo o que eu menos precisava.

Apesar de me sentir como o centro dos olhares e comentários, nada se destacava mais do que a Millie naquele evento. Em vários momentos da noite eu tentei me aproximar dela outra vez, mas Benson praticamente criou uma barreira protetora impedindo que eu, ou, qualquer outro se aproximasse.

Em um determinado momento eu os peguei cochichando segredos e soltando olhares maliciosos um com o outro. A tensão sexual se tornou palpável aos meus olhos e quase não consegui respirar devido ao ataque de fúria ao imaginá-la nos braços dele.

Aquilo foi demais para mim e dei a noite por encerrada. Não agüentava mais observar a tortura de vê-la e não poder tocá-la. Assisti-la se derreter para outro que não fosse eu...

Porra! Ela havia sido minha um dia!

Meu motorista estava preparado quando me aproximei do carro, minha irritação era nítida e não controlei a vontade de bater a porta com força. *Silver*

se posicionou no banco do motorista e aguardei que agilizasse a nossa volta para casa.

— Está tudo bem, senhor? — perguntou educadamente, porém em um tom neutro.

Olhando para fora da janela, murmurei uma resposta automática. A verdade era que nem eu mesmo sabia responder aquela pergunta. Soltando um suspiro frustrado recostei a cabeça no encosto do banco. Cobri os olhos com o braço, tentando me concentrar em respirar e em me recompor. Millie tinha o direito de estar brava com aquela situação e com o roubo. Sua vida estava um caos, porém ela parecia saber muito bem como arrumar aquela bagunça e seguir em frente.

"Ele sabe como divertir uma mulher"!

Não queria que a lembrança da nossa conversa voltasse. Esfreguei o rosto freneticamente ansiando por silenciar aquela voz aveludada da minha mente. Ela não conseguiria me manipular com seus muitos encantos. Meus planos haviam sido concluídos com êxito e dali em diante eu seguiria minha vida como sempre segui: Sozinho, sem compromissos com ninguém.

O som do meu telefone ecoou no carro de repente. Baixei os olhos e verifiquei o visor antes de atender.

— *Onde você está?* — perguntei à pessoa do outro lado da linha.

— *Em meu apartamento. Por quê? Quer me ver?*

— *Acabei de sair do evento, estou indo para casa. Daqui a pouco passo aí para te pegar.*

— *Não estou certa de que quero isso*. — Revirei os olhos mediante suas palavras. — *Da última vez você foi muito grosseiro comigo, Nathan.*

Bufei impaciente.

— *Então o que a fez ligar para mim agora?* — Ela não respondeu e eu dei risada. — *A verdade é que você gosta da minha masculinidade do jeitinho que ela é.*

— *Não é preciso ser um completo estúpido para provar que é macho, Nathan.*

Uma onda de raiva me acometeu.

— *O que você quer afinal, Verônica? Me enlouquecer, ou apenas dar a boceta para mim?*

Ela gemeu e pude perceber que sorria quando respondeu:

— *Estarei lhe esperando.*

Um sorriso de canto pairou em meus lábios e encerrei a ligação segundos depois com a promessa de que teríamos uma noite fenomenal.

¥

Millie Evans

Recém tinha acordado quando Adam decidiu aparecer em meu apartamento.

— Devo dizer bom dia ou boa tarde? — Brincou quando passou por mim. Fechei a porta e o olhei. — Você não me disse que estava se mudando — comentou com o cenho franzido ao reparar, nas muitas, caixas espalhadas nos cantos.

Suspirei e segui até a cozinha onde preparava um café antes de ele chegar.

— Por que não me comunicou sobre isso, Millie? Pensei que fossemos amigos, poxa — reclamou.

— Adam, me desculpe. Aconteceu muito de repente, Lauren me ofereceu o apartamento dela provisoriamente e eu aceitei.

— Por quê?

Instantes depois, me servi com uma xícara de café e ofereci outra a ele, enquanto nos sentávamos a mesa.

— Sinto a necessidade de me reinventar, quero poder acordar e não me lembrar a todo o momento que aquele homem existiu na minha vida. Quero poder andar pelos cômodos da minha casa e não ter que fechar os olhos cada vez que olhar para um móvel e lembrar-me dos momentos vividos ali. Será que consegue me entender?

Adam soltou um suspiro e buscou minhas mãos por sobre a mesa.

— Eu gostaria de arrancar a sua dor, sabia?

Cobri sua mão com a minha livre e sorri.

— Eu sei, Adam. Você é um bom amigo.

Carinhosamente, ele levou minha mão aos seus lábios e a beijou demoradamente.

— Quero ser mais do que isso... Deixe-me cuidar de você, Millie?

Fechei os olhos por um momento e soltei a respiração aos poucos. Minha cabeça estava confusa com tudo, era muita coisa para assimilar.

— Aceito sua ajuda com essa bagunça, que tal? — Apontei ao redor.

Ele soltou uma respiração ofega, porém sorriu de leve.

— Interesseira. — Brincou. — Quando será a mudança?

— Contratei uma transportadora, uma equipe virá ao final da tarde.

Fomos até a sala e vi que ele ficou analisando as coisas encaixotadas.

— Praticamente está tudo arrumado, Millie. Por acaso teve ajuda de mais alguém?

Sentei no tapete e evitei encará-lo enquanto embrulhava algumas peças de vidro.

— De um amigo.

Demorou alguns segundos para ele perguntar:

— De repente você se tornou tão misteriosa... O que está escondendo de mim? — acusou.

Fiz um movimento de cabeça ao mesmo tempo arrogante e condescendente.

— Olha Adam, eu gosto de você — comecei buscando paciência. — A sua amizade está sendo importante para mim desde o início, mas...

— Mas? — cortou-me.

— Não quero que tente impor a sua presença e suas vontades na minha vida. Já passei da fase de ter que sempre ouvir comentários sobre o que faço ou deixo de fazer — falei em tom sério, olhando diretamente nos olhos dele. — Estou buscando me reerguer e não abrirei mão das novas amizades e oportunidades que estou tendo para isso. Entendeu?

Os olhos dele estavam arregalados e quase tive pena da sua expressão atônita.

— Conseguiu deixar claro, sim. Mas um pouco de comunicação seria bom, é o que estou dizendo. Guardar as coisas para si sempre atrai problemas.

O tom de voz dele, embora tranqüilo, soou como um alerta de perigo.

— Obrigada pela preocupação, mas estou bem — respondi calmamente. — Se as coisas se apertarem eu corro para você — murmurei na intenção de descontrair o clima tenso.

— Não vejo a hora...

Engoli o riso.

Meu celular fez um barulho distraindo-me da situação constrangedora. Adam sempre dava um jeito de me deixar encabulada com suas frases recheadas de malicia.

Rapidamente busquei o telefone e constatei se tratar de uma mensagem de texto da Lauren.

Vou preparar o almoço para nós duas, onde você está? O que houve ontem? Saiu cedo e depois não retornou... Aconteceu alguma coisa? Responda ou vou te infernizar a vida!!!

Revirei os olhos e sorri com seu modo sutil de se expressar. Lauren era uma boa amiga, porém muito dramática às vezes.

Sentei-me com rapidez e agilizei uma resposta a ela. Tinha consciência dos olhos questionadores do Adam sobre mim, no entanto não me importava com aquilo.

Daqui a pouco estarei com você, no momento estou com Adam.

— Consegui um emprego — comentei assim que enviei a mensagem. — Parece que é uma loja de antiguidades.

— Isso é ótimo! Gostei da novidade. — Sorriu de modo orgulhoso, enquanto buscava minha mão livre. — A sua empolgação é sinal de que as coisas estão seguindo em frente...

Um lampejo da noite anterior invadiu meus pensamentos e me obriguei a fechar os olhos momentaneamente. Armar-me contra Nathan sugava todas as minhas forças, no entanto, outro lado meu precisava da presença dele como se fosse um oásis no deserto.

Como seguir em frente com isso?

Apenas balancei a cabeça e forcei um sorriso, voltando ao que estava fazendo antes da mensagem da Lauren.

¥

Apesar de sentir-me acolhida na casa da Lauren, eu estava gelada quando passei pelos portões. Preparei-me para o questionário que se seguiria assim que desci do meu carro. Os músculos do meu corpo queimavam com o esforço do dia anterior e, conseqüentemente, das horas naquele evento sobre os saltos altíssimos.

Lauren veio me receber enquanto eu subia as escadas. Seus braços rodearam minha cintura fortemente.

— Isso tudo é saudade? — Provoquei e ela me beliscou. — Ai! Ficou louca?

— Parece que foi você, oras. Quase morri de preocupação — ralhou. — Onde foi que se meteu ontem?

— Estava arrumando minhas coisas. Você não cedeu seu apartamento para mim? — perguntei afastando-me quando cruzamos a porta da frente.

— Você podia ter me acordado, poxa. Eu teria prazer em ajudá-la Millie.

Afundei no sofá aveludado e segurei a cabeça entre as mãos.

— Não quis te incomodar, desculpa. E não se preocupe, pois tive a ajuda do... Benson.

Ela me encarou exalando surpresa.

— Benson?

— Uhum — resmunguei sem esconder um sorriso misterioso.

— Millie, Millie. O que está aprontando?

Um sorriso diabólico se instalou em meus lábios.

— Pretendo enlouquecê-lo...

O olhar dela tornou-se ainda mais confuso.

— O Benson?

Neguei com a cabeça.

— Nathan!

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 4

Nathan Backer

Algo se remoía em meu interior conforme eu observava Verônica adormecida em minha cama. Os lençóis de seda cobriam pouca coisa de seu corpo nu. Ela parecia exausta, sem dúvidas eu a cansei com minha fome animal.

Levantei da poltrona, na qual estava sentado por longos minutos. Minha inquietação deixava-me atormentado, pois eu conhecia o verdadeiro motivo, porém não queria admitir.

Saí do quarto e segui para o cômodo ao lado. Nenhuma das minhas atitudes fazia mais sentido para mim, a todo o momento eu me contradizia. Os planos eram outros... Eu queria a Millie sim! Mas... droga!

Inspirei profundamente ao deslizar por sobre os lençóis da cama que havia sido dela. Aquele quarto nos proporcionou momentos tão intensos e deliciosos... Eu ainda podia sentir seu cheiro, gosto nenhum substituiria o dela na minha boca e aquilo me enfurecia. Odiava sentir-me dominado daquela forma.

Estiquei as pernas e ajeitei os travesseiros sobre minha cabeça e me tornei pensativo.

A sensação de tê-la em meus braços fora única, nada e nem ninguém conseguiria apagar as emoções que vivemos, os momentos em que passamos juntos... nos amando, ou melhor, ela me amando.

Porra! Ela chegou realmente a me amar?

Contudo eu estava confuso, pois ela não parecia estar entristecida com o nosso brusco afastamento. Eu não conseguia sentir aquela mesma faísca que tínhamos, aquele mesmo poder que tinha sobre ela e sobre seu corpo.

Ela havia mudado! Estava trilhando novos caminhos e eu estava de fora. — pensei com extremo rancor, apesar de não estar compreendendo aquele sentimento.

Mas não era aquilo que eu queria, afinal?

Movido pelo impulso, rapidamente peguei meu celular e disquei o

número do meu atual advogado jurídico e particular.

— *Cinco horas da manhã, Nathan...* — Atendeu zangado. — *Espero que seja algo sério, pois meu expediente ainda nem começou.*

— *Preciso de um investigador.*

— *Para quê?*

Trinquei o maxilar em uma luta interna e soltei o ar pesadamente.

— *Benson está rodeando a Millie, tenho certeza de que ele está tramando alguma coisa.*

Ouvi quando ele bocejou audivelmente antes de responder.

— *E o que você tem a ver com isso Nathan? Já não conseguiu o que queria, cara?*

— *Argh, Mark! Poupe-me dos seus questionamentos*. — Não consegui segurar a irritação. — *Millie é muito ingênua, quero apenas cuidar para que não se magoe mais.* — *S*enti um gosto amargo.

— *Tem certeza de que é apenas por isso?* — Havia algo subliminar em seu tom.

Franzi o cenho.

— *Quero também que se informe sobre o paradeiro do Joseph* — murmurei ignorando sua pergunta propositalmente. — *Apesar de não dar a mínima para aquele desgraçado, ele ainda é importante para ela e não quero que continue pensando que fiz algum mal a ele no sentido cruel da palavra.* — Revirei os olhos.

— *Está certo, Nathan. Assim que o dia amanhecer vou me encarregar disso, ok?*

Um ensaio de sorriso brotou no canto dos meus lábios.

— *Desculpe interromper seu soninho de beleza princesa* — provoquei, tentando controlar a risada.

— *Vai se foder!*

Gargalhei ainda mais quando vi que ele havia desligado o telefone, não antes de me insultar com uma série de palavrões.

Mark era um excelente funcionário e amigo, posso assim dizer. Seus hábitos peculiares eram motivo de comentários maldosos. Ele era um homem extremamente vaidoso e regrado, sem falar na compulsão por limpeza. Por esses e outros motivos, havia boatos de que também podia ser homossexual, coisa que nunca acreditei.

Joguei o celular na cama e afundei a cabeça no travesseiro. Certamente que eram roupas de cama limpas, mas ainda assim, conseguia sentir o perfume dos cabelos dela. Seu cheiro parecia estar impregnado naquele lugar, naquela casa. Millie me perturbava como nenhuma outra mulher conseguiu e aparentemente sem um mínimo esforço.

Millie Evans

Lauren resolveu me ajudar na organização das coisas em meu novo apartamento, um imóvel, magnífico por sinal. O dia estava sendo cansativo, porém me sentia recomeçando.

— Millie? — Lauren, gritou em desespero me assustando.

Saí do quarto correndo e quase caí ao tropeçar em algumas caixas espalhadas pelo corredor.

— O que houve? — indaguei, meus olhos arregalados. Encontrei-a sentada no sofá com seu laptop no colo.

— Não acredito nisso! — murmurou como se estivesse hipnotizada.

— Fala logo!

Ela ergueu os olhos para mim e virou a tela do laptop em minha direção.

"Pouco tempo depois do escândalo que aconteceu com o grande empresário Joseph Evans, sua única filha, Millie Evans, foi flagrada na companhia do renomado investidor, Benson Watson no evento da noite anterior. Testemunhas afirmam que um romance pode estar surgindo entre eles, pois os viram praticamente grudados na maior parte da noite. Será que a preciosa filha do Joseph está buscando uma solução para os problemas financeiros que estão enfrentando depois do golpe que levaram?"

Respirei pesadamente quando terminei de ler. Sentindo uma fraqueza nas pernas segui até o sofá e me deixei cair ao lado da Lauren. Estava atônita com tudo que estava escrito naquele site sensacionalista.

— Estão me julgando como interesseira? — indaguei mais para mim mesmo.

Sua mão tocou meu rosto, virando-o para ela.

— Por que não me contou que esteve num evento com Benson? — Quis saber e revirei os olhos.

— Não sei, Lauren. Ele me convidou e eu aceitei. Benson não é de todo ruim.

— Como você sabe?

Soltei um suspiro frustrado.

— Apenas gosto da companhia dele. Droga! E agora estou na porra da mídia como a falida atrás de um pretendente rico — murmurei irritada demais diante daquele absurdo.

Fechando a tela do laptop Lauren o deixou de lado e ficou pensativa.

— Não dê importância para o que os outros pensam ou deixam de pensar — comentou de repente. — Apenas peço para que se atente ao que você está fazendo e pense bem sobre o rumo que quer tomar em sua vida.

— Lauren...

Interrompeu-me.

— Eu sei que já conversamos sobre isso e que você disse que não quer vingança contra o Nathan. Mas Millie? Sua aura me diz o contrário. Está claro para mim que é isso o que você almeja.

Mordi os lábios e ergui as pernas sobre o sofá dobrando—as entre si.

— E se for? Qual o problema? — Não escondi o tom grosseiro.

— Temo que Benson possa estar usando você, e isso me preocupa — ela respondeu, sem se abater com minha rispidez repentina.

Soltei uma risada divertida e a encarei.

— E se for o contrário?

Seu olhar tornou-se perplexo por alguns segundos até se transformar em sarcástico.

— Olha, você está crescendo...

Gargalhei sendo seguida por ela. Acabei deitando a cabeça em seu colo e assim permanecemos até a nossa risada acalmar.

— Paolo ligou, chega amanhã — ela comentou enquanto acariciava meus cabelos. Suspirei desanimada. — Mas isso não muda nada, Millie.

— Eu sei, Lauren. Vamos comer alguma coisa? Descobri uma confeitaria maravilhosa a apenas um quarteirão daqui. — Mudei de assunto e

ergui a cabeça para olhar pra ela.

— Promete que não vai me deixar por fora da sua vida? — perguntou deixando-me angustiada.

Busquei suas mãos e as apertei.

— Você se tornou importante demais para ficar de fora, Lauren. — Inclinei-me a abracei apertado. — Prometo que vou buscar seus conselhos sempre que possível.

— Ai, meu Deus! Você é como minha irmã caçula, tenho vontade de te esconder em uma caixinha para que ninguém possa te ferir — murmurou chorosa. Seus lábios se firmaram em minha bochecha onde beijou carinhosamente.

— Eu sei — sussurrei sorrindo. — Obrigada por isso.

Sorrindo ela apertou meu nariz de modo sapeca.

— Agora vamos comer, estou faminta. — Levantou-se e eu fiz o mesmo. Sua mão foi parar no meu bumbum onde bateu com força. — Gostosa!

— Se prepare para o Paolo, aquele italiano deve estar rangendo os dentes. — Brinquei, piscando para ela que sorriu deliciada.

— Estou mais do que preparada — falou em tom malicioso. — Hoje, ninguém dorme...

Gargalhei alto diante de suas palavras. No fundo sentia—me feliz por ela verdadeiramente ter em quem confiar para amar.

¥

Alguns dias se passaram e as coisas pareciam estar se ajeitando. O apartamento em que Lauren havia me emprestado era maravilhoso, espaçoso e o melhor: Isolado do Nathan.

Dei uma última verificada no meu visual através do retrovisor do carro e desci. Estava nervosa, porém animada para conhecer meu futuro empregador.

Ao caminhar pelo subúrbio de *Islington,* pude constatar a variedade de

lojas antigas e belíssimas, locais realmente impressionantes. Lembrava-me dos boatos de que ali era um bairro de origem humilde, mas pelo que pude perceber, o que antes parecia ser um bairro superlotado do subúrbio, hoje era destino de celebridades, socialites e profissionais bem sucedidos. Não havia albergues para pessoas sem teto. O lugar era repleto de gastropubs, bares e boutiques.

Enquanto caminhava encantada, admirando a diversidade da agitação do norte londrino, me deparei com o estabelecimento do senhor Rowland.

Benson havia me ligado ainda na noite anterior, explicando sobre os possíveis imprevistos que eu poderia ter, bem como a presença espirituosa do irmão do dono do lugar.

Respirei profundamente assim que cheguei na porta daquele prédio pequeno e encantador. A fachada em madeira pintada enriquecia o ar pitoresco.

Suavemente, empurrei a porta e entrei. Meus olhos foram varrendo o recinto conforme ia caminhando. Percebi que eram especialistas em prataria, art nouveau, art déco e arte oriental. Também havia algumas porcelanas inglesas em um canto especial.

— Olá, bom dia!

Virei o corpo na direção da voz e encontrei com um homem de meia idade. Sua estatura era mediana, havia alguns fios brancos em seus cabelos, assim como um início de calvície. Pisquei diversas vezes e caminhei até ele com um sorriso contido.

— Bom dia, senhor Rowland. Benson lhe avisou que eu viria hoje? – aproximei-me dele e aceitei seu comprimento. — Eu me chamo, Millie e vim pela vaga de emprego.

— Ah, sim, querida. Fico feliz que tenha vindo. — Sorriu com encantamento. — Pode me chamar por John.

Uma tonelada saiu de minhas costas naquele momento. O sorriso de alivio não cabia em meu rosto.

— Sua loja é incrível, John. Suponho que tenha um pouco de tudo aqui, sim?

— Pelo menos uma vez por mês eu viajo em busca dos itens mais curiosos. Com isso minha loja sempre possui novidades — comentou enquanto caminhava pelo ambiente.

O segui sem perder um detalhe sequer.

— Isso não deixa de ser um diferencial.

Gentilmente, ele me indicou uma poltrona e sentou-se em outra. Um leve ressoar de acordes pairava no ar, deixando um clima extremamente agradável.

— Benson falou que você possui experiência...

— Trabalhei em uma galeria — respondi sem dar muitas explicações. — Eram somente quadros artísticos.

— Certo — murmurou esfregando os olhos de modo cansado. — Como você pode ver, aqui são muitas antiguidades. Preciso de alguém que faça um pouco de tudo.

— Sem problemas. Estou disposta a trabalhar. — Sorri animada.

— Meu irmão é sócio, portanto eventualmente ele fará algumas visitas.

Arqueei um pouco as sobrancelhas recordando-me das palavras do Benson ao telefone: *O irmão dele não age de acordo com a idade que tem, por isso não se assuste e, por favor, não o trate por "senhor".*

— Tudo bem. Benson já havia me deixado por dentro dos detalhes.

Ele sorriu, sua pele repuxando abaixo dos olhos.

— Então, agora nos resta falarmos dos horários e do seu salário.

Juntei as mãos em meu colo e me dediquei a ouvir atentamente tudo o que ele dizia, hora ou outra, eu argumentava quando algo não era do meu interesse. Ele resplandecia sofisticação e o tino para os negócios exalava em seus poros. Víamos claramente pelo requinte das peças sofisticadas espalhadas no ambiente.

— Tudo esclarecido? — perguntou minutos depois.

Levantei e respirei fundo.

— Acredito que sim. Estou contratada? — perguntei em expectativa.

Estendi a mão, torcendo para que ele apertasse e confirmasse.

Instantes dramáticos depois ele apertou minha mão e cobriu ambas com a outra.

— Pode começar quando desejar. — Sorriu abertamente. — Mas espero que seja o mais rápido possível — emendou e dei uma risada divertida.

— Por mim, começo amanhã.

— Ótimo! — Comemorou.

Depois de mais alguns diálogos, nos despedimos. Saí da loja com a promessa de que começaria meu expediente no dia seguinte.

No caminho do carro resolvi ligar para o Benson. Ele merecia saber que tudo tinha dado certo.

— *Millie?*

— *Está podendo falar?*

Um barulho ensurdecedor tomou conta da linha e tive que afastar o telefone do ouvido.

— *Agora sim, querida* — ele falou instantes depois. — *Estava em uma reunião.*

— *Ah, me desculpe. Estou atrapalhando...*

— *Você jamais atrapalha pequena fênix, jamais!*

Um sorriso besta pairou em meus lábios e me peguei suspirando. A paisagem e a brisa fazendo um contraste com meu suposto humor melhorado.

— *Você ainda não me disse em que trabalha.*

— *Tenho uma empresa de telecomunicações* — respondeu prontamente. — *Entretanto, gosto de me aventurar em outros ramos de vez em quando.*

— *Isso é bom, demonstra sua capacidade em se adaptar às possíveis adversidades.*

— *Gostei de sua observação.* — Percebi que sorria. — *Mas me diga,*

alguma novidade para contar?

— *Eu consegui a vaga.* — Sequer escondi meu entusiasmo. — *Aparentemente não faço mais parte da fila dos desempregados.* — Brinquei fazendo-o sorrir animado.

— *E ainda tinha dúvida?*

Um riso bobo escapou por minha garganta. Avistei meu carro e me recostei nele.

— *Gosto de coisas sólidas, Benson. Cansei de viver ilusões* — murmurei, um toque de ressentimento na voz.

— *Somente coisas sólidas a partir de hoje* — ele sussurrou e senti minha pele se arrepiar. — *Vou cuidar para que isso aconteça de agora em diante...*

Uma leve acelerada em meus batimentos cardíacos deixou-me agitada. Cocei a garganta:

— *Vou desligar agora... Você precisa trabalhar e eu preciso agilizar aqui para iniciar meu novo emprego amanhã.*

Ele sorriu audivelmente.

— *Vamos jantar hoje. Esteja pronta às 20hs.*

— *Oh! Obrigada pela gentileza em me convidar*. — Ironizei fazendo-o rir abertamente. — *Mas eu aceito* — emendei sorridente.

— *Até mais tarde* — sussurrou.

— *Até.*

Ao encerrar a chamada me peguei encarando o visor do aparelho com um sorriso de satisfação. Benson estava sendo capaz de preencher um espaço que até uns dias atrás estava completamente devastado. Felizmente havia a luz para iluminar a escuridão.

Capítulo 5

Nathan Backer

Em total silêncio, observei aquelas fotos espalhadas em minha mesa no escritório. Eu não sabia o que pensar naquele momento. A agitação em meu interior não me permitia formular nada que fosse coerente.

— Foram tiradas em momentos e horários diferentes. Consegui levantar todas as informações que você me pediu. — Entregou-me outra pasta, porém com uma espécie de dossiê. — A propósito, descobri que eles vão jantar hoje. — Ergui os olhos e o encontrei apontando para as fotos em minhas mãos. — Ela e Benson vão jantar em um restaurante italiano. Se quiser, descubro mais detalhes...

Segurei a vontade de amassar tudo, estraçalhar com meus dedos.

— Os dois estão juntos... — murmurei, mais para mim do que para ele.

— A intimidade entre eles parece ser bem forte. — As palavras do investigador causaram-me ainda mais raiva.

Respirei fundo e me levantei ajeitando o paletó enquanto seguia para a porta.

— Descubra o endereço do restaurante e o horário, depois informe a minha secretária, por favor.

Agitadamente ele também se levantou e veio até mim. Nos despedimos com um aperto de mão antes que ele saísse da minha sala. Frustrado, retornei à minha mesa e novamente meus olhos nublaram com a raiva acumulada assim que me deparei com aquelas fotos. Haviam vários momentos fotografados ali, porém na maioria ela estava com Benson. Sorrindo abertamente, parecendo realmente feliz.

— O que você pensa que está fazendo, *minha criança?* E por que suas atitudes estão me deixando tão desconcertado?

A porta foi aberta abruptamente, pegando-me desprevenido. Verônica surgiu com seu olhar feroz e com aquele ar vulgar que estava começando a me enojar.

— Quando você vai aprender a bater na porta antes de entrar? —

indaguei enquanto guardava as fotos e documentos rapidamente. — Por acaso eu te dei essa liberdade e não lembro?

Ela me encarou entediada.

— Você não cansa de ser tão estúpido, Nathan?

— E você? Não cansa de se meter na minha vida? — revidei com irritação exagerada.

Depois de esconder tudo dentro da gaveta, recostei o corpo na poltrona e fiquei a encarando. Apesar da linha fina cravada em seus lábios, ela caminhou até mim e se ajeitou em minha frente na mesa. O tecido de sua saia subiu alguns centímetros quando ela sentou deixando as pernas levemente abertas.

— Qual o motivo do mal humor? Descobriu que a princesinha está dando para outro? — zombou me fazendo trincar o maxilar.

Abri a gaveta e peguei um cigarro do maço. Meu nervosismo estava se agravando e eu necessitava relaxar. Acendi e dei a primeira tragada:

— Ela não me interessa — menti. — Por que está dizendo isso?

Suas mãos repousaram em meu peito por sobre o paletó.

— Boatos em sites de fofocas. Muitas fotos dela com o empresário Benson Watson estão repercutindo — respondeu maliciosamente. — Ela é rápida, não acha? — provocou.

Engoli a vontade de esganá-la e apenas fiquei a observando por entre a neblina de fumaça que eu fazia questão de soltar em seu rosto, porém ela parecia não se importar.

— O que eu acho é que você é uma vagabunda — respondi apertando sua coxa desnuda com uma de minhas mãos. Um gemido rouco escapou de sua garganta. — Quantas vezes eu vou ter que repetir que não a quero falando da Millie?

— Por quê?

Minha mão trilhou o caminho até sua calcinha umedecida e lentamente afastei para o lado iniciando em seguida, movimentos circulares com os dedos em seu clitóris.

— Não gosto da maldade que escorre em seu tom. — Ela riu debochada, ao mesmo tempo em que gemia alucinada. — Millie é muito melhor do que você...

— Ah, é? Então por que a magoou? Por que escolheu a mim?

Meus dedos se aprofundaram facilmente em sua boceta acolhedora e seus gemidos se intensificaram.

— Não escolhi você.

— Claro! Você preferiu escolher sua vingança — revidou sarcástica.

Irritado, acelerei os movimentos fazendo-a se contorcer. Suas mãos foram parar em meus ombros tentando obter equilíbrio enquanto eu a fodia sem piedade com meus dedos. O cheiro de sua excitação era divino, mas nada que me enlouquecesse.

— Seu sarcasmo não muda em nada minhas decisões...

— Mas o irrita — argumentou. — E eu adoro — gemeu levando o bumbum cada vez mais de encontro as investidas dos meus dedos.

— Por quê?

— Porque recebo de você os melhores orgasmos — respondeu no momento exato em que seus músculos pélvicos apertaram meus dedos com força. Sua cabeça foi tombada para trás conforme seu corpo chacoalhava com os espasmos que o orgasmo causou.

Continuei girando os dedos dentro dela até não restar mais nenhum resquício de prazer. Com a outra mão, levei o cigarro à boca e dei a última tragada antes de abandoná-lo no cinzeiro ao lado.

Esperei ela voltar a si e quando voltou a me encarar, retirei os dedos de dentro dela e os chupei ouvindo-a resfolegar.

— Você é tão pecaminoso Nathan — soprou e não segurei o sorriso arrogante.

Rapidamente ela saiu da mesa e sentou-se em meu colo com as pernas ao redor da minha cintura. Sua boca procurou a minha com volúpia, porém a impedi:

— Agora não. Estou atrasado para uma reunião — murmurei batendo em sua coxa para que ela levantasse.

— Desde quando se preocupa com isso? Você nunca recusou uma foda no expediente. — Relutantemente, saiu do meu colo.

— Agora eu tenho um patrimônio a zelar. Meus olhos me dão a garantia de um bom resultado.

— Tem medo de que façam com você o que fez com Joseph? — indagou provocativa.

Dei risada e segui até o mini bar.

— Tome cuidado, Verônica. Ainda estou levando em conta o fato de que você colaborou grandemente para o sucesso dos meus planos. Assim que a poeira baixar, não serei tão caridoso.

— Você sabe que suas ameaças não me assustam, não é? — continuou provocando.

Fitei-a com extrema irritação, lembrando-a do lugar que estava e sempre estaria.

— Bem, estou cumprindo nosso combinado — murmurou, encarando a expressão implacável do meu rosto. — Não tenho culpa se você está remoendo os seus atos agora, querido.

Soltei uma risada amarga enquanto permitia que o líquido do uísque deslizasse cortante por minha garganta.

— Saia da minha sala.

Em seguida, ela saiu pisando duro e bufando enraivecida. Permaneci bebendo. Havia uma luta interna em meu interior enquanto pensava em tudo o que aconteceu nos últimos tempos e no rumo que se seguiu.

Eu tinha certeza apenas de uma coisa: Eu me faria presente naquele jantar.

Millie Evans

No transcorrer daquele dia, cheguei à conclusão de que nada dentro de mim seria como antes. Todos os dias eu lutava contra o desanimo e a tristeza assoladora. A vergonha da rejeição, assim como a decepção causada pelo único homem pelo qual amei, ainda estava marcado a ferro em meu coração.

O fato era que precisava parecer impecável, apesar da dor dilacerante em meu peito. Benson estava para chegar a qualquer momento para me buscar, então lutei para reunir toda a autoconfiança que pudesse acumular.

Já à porta do restaurante, respirei fundo, e como se percebesse meu nervosismo, Benson segurou minha mão.

— Você parece nervosa. — Observou.

— Benson... — Comecei com incerteza.

— Relaxe, Millie. É apenas um jantar entre amigos. Você deve começar a se dar outra chance.

Encarei seus olhos e sua tranquilidade me aqueceu inteira. Sorri docemente e senti seu polegar acariciar minha bochecha.

— Vamos.

Com os dedos entrelaçados fomos guiados pelo *maître* até a mesa que Benson havia reservado para nós. Assim que voltamos a ficar sozinhos, Benson me encarou com intensidade.

— O que foi? — indaguei constrangida pelo seu olhar.

— Gosto de admirar o que é belo perante os meus olhos.

Senti um rubor em minhas bochechas e sorri agradecida.

— Você é um homem muito galanteador.

— Somente com quem merece. — Seu tom saiu recheado de segundas intenções. Senti minha garganta seca de repente e ansiei por uma bebida que me refrescasse. — Não serei hipócrita em dizer que não me sinto atraído por você — emendou deixando-me ainda mais nervosa. — Me sinto atraído de várias formas na verdade.

Um calor irradiou por minha pele e me obriguei a puxar o ar

profundamente.

— Você sabe que não tenho psicológico para enfrentar outra relação agora, não é? — Minha voz saiu em tom baixo, quase não conseguia enfrentar seu olhar intenso.

— Sei. Mas seu corpo implora por cuidados, assim como você.

Engoli em seco. Fiquei sem palavras e um tanto atordoada por alguns instantes e prestes a abrir a boca para falar, fui interrompida pelo garçom.

— Perdoem-me por interrompê-los. — Começou educadamente. — O senhor da mesa ao lado, pediu que eu oferecesse o melhor vinho que temos na casa como forma de cortesia para vocês.

Benson arqueou as sobrancelhas e rapidamente virou o rosto para o lado e eu segui seus movimentos. Senti minha respiração falhar e algo em meu interior se remexer agitadamente.

Mas que diabos, ele estava fazendo ali? — perguntei-me internamente ao me deparar com Nathan, elegantemente sentado à mesa vizinha a nossa.

Não tínhamos sequer contato por telefone, e Benson havia me garantido que não corríamos o risco de encontrá-lo. Pelo menos, não enquanto não quiséssemos.

Relutantemente, desviei os olhos da sua imagem perturbadora e encarei Benson com o semblante interrogativo, porém ele mesmo parecia estar sem respostas diante daquilo.

Benson aceitou a oferta com um aceno de cabeça, porém senti seu semblante completamente pesado naquele momento. Tensa com a situação, assisti ao garçom nos servir gentilmente e de forma ágil.

— Isso é algum tipo de afronta? — questionei em tom baixo depois que o garçom se retirou deixando-nos no calor de nossa privacidade. — Não compreendo o que ele pretende com essa atitude.

Benson ergueu os olhos para mim e sorriu de um modo divertido.

— Ele quer chamar a atenção. — Ergueu sua taça e sarcasticamente a ofereceu ao Nathan, que nos observava com uma expressão impassível. — A melhor arma será ignorá-lo.

Minha pele arrepiou-se e meus olhos tomaram vida própria ao varrer seus traços e sua postura firme.

O smoking que usava contrastava com a selvageria de seus cabelos soltos. Seus olhos não deixavam os meus em nenhum momento enquanto ele próprio sorvia de sua bebida.

Agitada, peguei minha taça e levei aos lábios, que haviam ficado secos de repente.

— Seja como for, impor a presença não mudará em nada o fato de que o odeio e quero que pague por tudo o que fez.

O olhar de Benson tornou-se intrigado.

— E fará isso brilhantemente — falou com intensidade. — Nathan se arrependerá de cada lágrima que a fez derramar por conta de seus atos.

Sorri tomando consciência da maravilhosa sensação de fazê-lo sentir exatamente aquilo. Queria vê-lo aos meus pés para poder pisar e chutar o seu ego masculino.

— Anseio por isso cada segundo dos meus dias.

Capítulo 6

Millie Evans

Sentia-me incomodada com a sensação do olhar do Nathan sobre mim. O jantar inteiro ele nos observou sem nada falar ou fazer. Apenas insistia em encarar- nos com uma curiosidade ocultando uma raiva embutida, pois o desconforto era visível em seus olhos.

Ruborizada com a situação, voltei a olhar para o Benson, o mesmo parecia tão incomodado quanto eu.

— Tire-me daqui — falei em tom baixo. — Não estou mais aguentando essa situação constrangedora.

Praticamente já havíamos jantado e Benson estava apenas degustando a sobremesa.

Olhando-me compreensivamente, ele limpou os lábios com o guardanapo e se levantou. Deixou o dinheiro sobre a mesa.

Apesar da fraqueza nas pernas me coloquei de pé pronta para segui-lo, porém fomos barrados:

— Estão de saída? Tão cedo? — Nathan quis saber, colocando-se de pé à nossa frente.

Benson o encarou com despeito, porém não o deixou sem respostas.

— Nossa noite será curta para a programação que pretendemos fazer...

Vi quando Nathan trincou o maxilar e disfarçadamente fechou e abriu os punhos. Seus olhos se fixaram em mim e senti toda a sua intensidade abrasiva.

— Quero falar com você.

Desviei de seus olhos e olhei para Benson. Deixei claro em meu semblante o meu desejo de ir embora e, para isso, decidi ignorar Nathan propositalmente. Gelei quando ele segurou meu braço quando tentei passar sem lhe dirigir o olhar.

— Me solta! — rosnei em tom baixo. Minha vontade era de estapeá-lo, mas me segurei para não fazer um escândalo.

— Estou aqui por você — ele disse, seu olhar intenso me perfurando.

Com um puxão, soltei-me do seu aperto e olhei para Benson.

— Millie... — insistiu.

Irritado com a insistência, Benson o interrompeu:

— Você parece desesperado, meu caro... — Soltou uma risada debochada e se aconchegou ao meu lado. Um de seus braços envolveu-me pela cintura. — Consegue ver o quanto sua presença é nociva aqui?

Os olhos do Nathan expeliam fogo, era palpável a ira pairando ao nosso redor.

Pisquei os olhos e me assustei com a rapidez com que Nathan agarrou Benson com ambas as mãos. Desesperada, toquei seu ombro tenso.

— Nathan, pare, por favor...

Logo os seguranças se aproximaram a fim de acabar com aquela desavença.

Furioso, Nathan se afastou xingando diversos palavrões. Eu sequer olhava para os lados devido ao constrangimento.

Meus olhos tornaram-se reféns daquele homem que pensei ter conhecido, entretanto, nada do que vivemos havia sido verdadeiro. Ao menos para ele...

Estava em choque, mas consegui sentir-me sendo levada pelo Benson na direção da saída do restaurante. Nossos dedos estavam entrelaçados e recostei-me em seu braço, sentindo-me, ao mesmo tempo, fortalecida e trêmula junto ao corpo musculoso.

— Millie? — ouvi quando estávamos perto do estacionamento. A voz alterada do Nathan passou a ecoar aos meus ouvidos, porém não me dei ao trabalho de olhá-lo.

Tropeçando e seguindo em frente como se não tivesse escutado, continuei em direção ao carro sem olhar para trás.

O choque dos dedos quentes de Nathan em meu cotovelo fez-me tremer.

— Millie? — repetiu ele, mais agudamente dessa vez. — Me escute — insistiu com veemência.

Afastei-me bruscamente do seu toque e continuei o ignorando enquanto abria a porta do carro.

— Eu sei do paradeiro do seu pai.

Enrijeci o corpo na mesa hora. Respirei pesadamente enquanto fixava o olhar em minha frente. Benson já havia se ajeitado no banco do motorista e apenas me aguardava para sairmos dali.

— O que? — soprei a pergunta.

— Descobri onde ele está — respondeu apenas.

Relutantemente, virei meu rosto para ele. Seu corpo encontrava-se tenso e em seu semblante era visível a mistura de emoções, deixando-me momentaneamente intrigada com aquilo tudo.

— Onde? — Esforcei-me para conseguir projetar minha voz. O efeito dos últimos acontecimentos ainda me consumia tremendamente e não conseguia ter forças para lutar contra aquele turbilhão.

— Venha ao meu encontro amanhã para conversarmos — comunicou antes de me virar as costas.

As palavras permaneceram presas em minha garganta e me vi atônita. O que aconteceu ali? Que espécie de brincadeira era aquela, afinal?

Entrei no carro lentamente e me ajeitei com movimentos automáticos. De soslaio sentia o olhar quente de Benson sobre mim, mas eu estava com os pensamentos em frangalhos. Nada daquilo fazia sentido.

— Como ele soube que estaríamos naquele restaurante? E qual o motivo de ter feito aquilo tudo? — questionei de repente para quebrar o silêncio.

Virei o rosto e percebi o maxilar de Benson completamente trincado.

— Estou tentando entender, *pequena fênix*. A única coisa que consigo pensar é que, apesar de tudo provavelmente ele ainda não a esqueceu. — Sua voz soou baixa. — Mas isso não é novidade nenhuma para mim — emendou, mirando meus olhos brevemente.

— Não consigo ver sentido algum em tudo isso — comentei perdida. — O único sentimento que percorre naquelas veias é o da ganância. Nathan não conhece limites, mas farei questão de ditar os meus para ele — murmurei rancorosa.

Não encarei Benson, mas de relance, pude notar um sorriso de canto pairando em seus lábios. Suspirei deitando a cabeça no vidro da janela. A preocupação com meu pai apertando meu peito fortemente.

Longos minutos depois, Benson estacionou em frente ao prédio em que eu estava morando e desligou o carro me encarando.

— Nossa noite não saiu como eu desejava infelizmente — comentou com sua voz rouca. — Mas no fundo, aquilo foi bom para nossos planos.

Franzi o cenho.

— Não entendi o que pode ter sido bom.

Sua mão buscou a minha e lentamente passou a massageá-la.

— Seu desejo está se realizando, não vê? Bastou ele nos ver naquele evento para supor que estamos juntos. — Seus lábios carnudos abriram-se em um sorriso sedutor. — Provavelmente, ele pagou um investigador para descobrir nossos passos — emendou tranquilamente.

— Acha que ele pode estar nos vigiando? — indaguei desesperada. Minha pequena utopia de paz se dissipando aos poucos.

— A atitude que ele teve hoje, mostrou o quanto a falta de controle sobre você está desesperando-o — respondeu entrelaçando nossos dedos. — Ele a conhece inteiramente e não quer abrir mão disso...

Pisquei algumas vezes tentando raciocinar a respeito de suas palavras, porém tive meus lábios esmagados em um beijo luxurioso, quente e intenso. Sua mão deixou a minha e subiu aos meus cabelos soltos, perdendo-se no meio dos fios.

— Ele sabe da delícia dos seus lábios... — sussurrou acariciando meu rosto. — Sabe da perfeição das suas curvas... — Seus dedos passearam ousadamente por meu corpo. — O perfume afrodisíaco do seu cheiro, os sons deliciosos e sexy que faz quando está excitada... — minha respiração tornou-

se ruidosa e senti meu rosto ruborizar. — A verdade clara, *pequena fênix*, é que Nathan está começando a perceber da preciosidade que perdeu.

Abri a boca para falar, mas fui silenciada por outro beijo sufocante. Diferente do outro, esse veio com mais intensidade e com capacidade de me deixar desnorteada. No meu íntimo havia uma luta de contradições e sentia-me perdida em todos os sentidos.

Relutantemente me afastei e recostei a cabeça no encosto do banco. Busquei respirar devagar e profundamente.

— Sinto que estou vivendo sob mentiras. Nada soa lógico para mim — confessei desesperada. — A sensação que tenho é a de que a qualquer momento vou acordar e nada disso será real, na verdade torço por isso... — Uma lágrima teimosa deslizou por meu rosto e enxuguei rapidamente. — Desculpa, a presença dele me desestabilizou.

— Eu compreendo, querida. — Ergueu a mão e roçou os dedos em minha bochecha delicadamente. — Vai encontrá-lo amanhã? — Quis saber de repente.

— Para que? — repliquei na defensiva.

Ele sorriu.

— Ele não ficou de te dar informações a respeito do seu pai?

Arqueei as sobrancelhas em compreensão e soltei um longo suspiro frustrado enquanto me preparava para sair do carro.

— Ainda não sei. Amanhã é um novo dia.

— Certamente. — Ele segurou meu braço, impedindo-me de sair. — Desejo toda a sorte em seu novo emprego. Podemos nos encontrar na quinta-feira?

— O que tem na quinta?

Um sorriso recheado de malícia e luxúria abrilhantou seus lábios causando-me um tremor no corpo inteiro.

— O encontro do grupo *Veiled* — respondeu me encarando com olhos fervorosos. — Ainda está certa do que pretende fazer?

Senti-me apreensiva e aquele tremor intensificou-se, percorrendo meus membros, seguido de uma adrenalina chocante.

— Não se preocupe. É o que eu mais quero.

Mordendo seus lábios vermelhos ele continuou sorrindo maliciosamente, o que deixou seus olhos claros e intensos. Novamente sua boca tocou a minha, eu sorri entre seus lábios.

— Estou me familiarizando com isso...

— Perfeito! Não abrirei mão de estar com você um minuto sequer — falou com fervor, deixando-me desnorteada.

Abri a porta e saí. Estava anestesiada com tudo o que havia acontecido e dito naquela noite. Apesar da bagunça em minha mente, uma coisa estava bem clara: Nathan me usou, portanto, pagaria por isso.

¥

Antes que o dia amanhecesse eu já me encontrava bebericando meu café em completa agonia, sequer havia dormido bem na noite anterior. Estava indecisa sobre quais atitudes tomar a respeito daquele dia. Meus pensamentos deixando-me a beira do desespero pela bagunça de emoções em meu ser.

Ao longe pude ouvir meu telefone tocando, porém decidi não atender e me concentrei em agir conforme mandava meu coração.

Apressei-me em terminar de me arrumar e logo rumei para fora do apartamento. Fiquei nauseada em consequência do nervosismo, entretanto estava convicta das minhas vontades e decisões.

Ajeitei-me no banco do carro e busquei uma respiração profunda. O sol nascia tímido, as cores amareladas deixavam o céu ainda mais deslumbrante. Acelerei na direção contraria ao meu novo emprego, apesar das acusações do meu subconsciente.

Longos minutos depois, desliguei o som e estacionei o carro em frente ao lugar que para mim era fruto de muitas lembranças. Meu coração apertou-se com uma sensação ruim e dolorosa assim que desci e parei em frente ao enorme portão.

Imediatamente, minha entrada foi liberada e tive que fazer um esforço

sobrenatural para me manter de pé conforme ia caminhando. Minhas pernas estavam extremamente enfraquecidas devido ao nervosismo e raiva que se misturavam.

A porta de entrada foi aberta no momento em que me aproximei. Senti meu estômago se contrair com a ira.

— Eu tinha certeza de que viria.

Alto e vestido com um terno de seda azul escuro imaculado, Nathan exalava autoridade e sensualidade por todos os poros.

— Estou aqui, apenas pelo meu pai. Acredite, nada mais que isso. — Meu tom saiu rude, até mesmo para meu próprio espanto. Porém, a sua frase de certeza me irritou, tão confiante de que eu viria correndo para ele.

Os olhos dele se estreitaram-se em divertimento ou raiva eu não podia dizer. Mas senti-me feliz por aquilo, embora meu coração ainda me traísse com suas batidas desesperadas cada vez que colocava meus olhos sobre aquele homem.

— Entre, por favor — pediu com sua voz rouca enquanto afastou-se sorrateiramente.

Por alguma razão eu estava a um passo do desespero, mas forcei uma cortesia educada.

— Agradeço a gentileza — murmurei entre dentes, forçando minhas pernas a se moverem. — Contudo, tenho um compromisso. Sendo assim, meu tempo é precioso e agradeceria se fossemos direto ao ponto que me fez vir aqui.

— Há algum problema? — perguntou, e a entonação de suas palavras não podia ter sido mais clara.

Dentro de segundos as portas duplas foram fechadas, e me vi submersa em um silêncio abafado. A pulsação latejando em minhas orelhas era o único som, minha respiração opressa, meu único contraponto.

— Corte o papo furado, Nathan. Pensei ter sido bem clara quanto ao fato de o assunto principal ser somente sobre o meu pai, é apenas por isso que estou aqui. — Engoli em seco ao controlar as minhas emoções. Evitei seus

olhos, ou fraquejaria a qualquer momento, embora me mantivesse firme. Nathan não me usaria novamente.

De soslaio, o vi me olhar curioso, seus olhos revelavam um pequeno brilho de espanto.

Isso ai, Nathan. Engula-me, bastardo.

No fundo, estava adorando jogar contra ele. Mesmo que me fizesse tão mal, meu ego e orgulho gritavam me aplaudindo e incentivando.

Endireitando-me e mais centrada, o encarei novamente. Nathan bufou e sorriu presunçoso.

— Também não tenho essa intenção — murmurou esquadrinhando meu corpo até estar diante de mim. — Agora, o que disse sobre seu compromisso? — Sua expressão mostrava a mesma persuasão sedutora de sempre.

— Minha vida não lhe diz respeito! — exclamei revoltada. — Quer fazer o favor de me dizer onde está o meu pai? Não me surpreenderia se descobrisse que você tem culpa no sumiço dele também, quem sabe eu deva procurá-lo em algum necrotério? — despejei sarcástica.

Meu corpo estava em uma erupção de raiva, minha pele clara ruborizada e meus olhos azuis crepitavam fogo. Arremessei-me furiosa contra ele, que instintivamente retesou-se em defesa.

— Não pense tão baixo, Millie — retrucou em sua defesa. O sorriso de seus lábios havia sumido.

— Na verdade, nada disso estaria acontecendo se você não fosse um homem tão desleal — gritei, flamejando de raiva. — Confiamos em você e fomos enganados. Então não aja como se tivéssemos algo quando minha vontade é estrangulá-lo com minhas próprias mãos, Nathan!

Ele me encarou fixamente, porém não consegui ler seu olhar. Escondeu sua reação dando de ombros.

— Não me lembro de tê-la enganado, sendo assim, não me redimirei por algo que ambos quisemos.

— Ter me usado enquanto se divertia com suas putas, não se trata de

deslealdade para você? — indaguei em uma voz afiada. — Mas isso pouco me importa agora, apenas quero encontrar meu pai que sumiu por sua culpa!

— Não fiz nada com ele, precisa acreditar em mim.

Soltei uma risada rancorosa e me agitei, estalando os dedos.

— Acreditar em você? — indaguei com cinismo. O maxilar dele se enrijeceu.

Em um movimento ágil, não consegui me esquivar de seu ataque e quando percebi, sua mão estava segurando-me pelo braço enquanto seu corpo colava-se ao meu. Nossas respirações estavam ruidosas enquanto os olhos faiscavam.

— É assim mesmo que pretende agir? — sussurrou. Apertei meu maxilar de tal modo que fui capaz de ouvir meus dentes rangerem. — Eu a conheço. E você é inteligente demais para pensar que estou interessado nesse tipo de jogo.

Bem próximo, ele estava ainda mais bonito. Parecia inacessível de uma maneira que sempre foi, porém o meu amor por ele não fez-me perceber isso antes. Forte, distante.

— Não é um jogo. Eu não o conheço, muito menos você me conhece. Quero que você se foda e me deixe em paz — disse com raiva. — Agora. Onde. Está. O. Meu. Pai? — sibilei cada palavra pausadamente.

— Em Nova York — respondeu em tom calmo, minha ira não afetava. — Seu papai parece ter algumas cartas na manga... — A maldade escorria de sua voz.

— Você consegue ser pior do que eu poderia imaginar — proferi, ainda aturdida com a informação sobre meu pai. Afastei-me do calor da aproximação dele, ou sucumbiria a esse homem, pecaminoso e perigoso. — Espero que se afogue com a própria arrogância e ganância, seu desgraçado.

Virei em meus calcanhares sentindo-me ainda mais nervosa de quando eu entrei. Minha preocupação por chegar atrasada em meu primeiro dia no emprego novo estava martelando em minha cabeça. Reforcei minha apreensão olhando para meu relógio de pulso.

Antes que eu tivesse chance de abrir a porta, Nathan me surpreendeu ao me virar agilmente para ele. Segurei seus braços mesmo quando o peito sólido colidiu contra meus seios, pressionando-me contra a porta fechada enquanto ele cobria minha boca com a sua.

O assalto feroz, voraz, delicioso dos lábios sensuais me espantou e consumiu.

Merda! — pensei.

Mas uma sensação incendiaria me dominou e minhas mãos apertaram os pulsos dele. Eu me debatia entre a vontade de afastá-lo e puxá-lo para mais perto. Meu coração traíra me fez ceder. Difícil controlar a razão, deixei-me absorver seu sabor por alguns segundos.

— Ora ora... — ouvi uma voz ao fundo.

Longos e torturantes momentos depois, lutei para controlar a respiração e a excitação que me pegara de surpresa.

Que diabos eu estava fazendo?

O empurrei com toda minha força fazendo-o cambalear. Meus olhos repousaram-se na figura da Verônica logo ao pé da escada. O sorriso irônico nos lábios dela causou-me ira e um fogo abrasador ao descer o olhar por seu corpo coberto apenas pela camisa do Nathan.

— Sentiu meu gosto nos lábios dele, querida? — indagou com um sorriso diabólico.

Passei as costas da mão na boca e recusei-me a respondê-la, vaca! Assim como não ousei derrubar uma lágrima, apesar de que por dentro, eu estava despedaçada.

Exatamente como na primeira vez que o vira, reagi sem pensar nas consequências, atirando-me ao furacão que ele era.

Cedi.

— Millie...

— Vá para o inferno! — cortei-o.

Saí dali quase correndo, meus passos eram automáticos na direção da

saída. Meu corpo parecia amortecido e meus pensamentos uma bagunça só.

Dentro do meu carro, busquei uma respiração profunda e decidi isolar da minha mente tudo o que acabou de acontecer e me foquei apenas no meu futuro emprego. Mais tarde pensaria sobre os detalhes que me forem mais dignos.

Capítulo 7

Nathan Backer

Senti-me paralisado por longos minutos com a sensação amarga da rejeição. Mas não bastou muito para aquele sentimento transformar-se em raiva. Quem ela pensava que era?!

Eu não precisava dela. Não precisava de *sentimentos* que me fizessem perder o foco.

Praguejei contra a impulsiva reação à aparição dela.

— Está hipnotizado?

A voz de Verônica chamou minha atenção de volta para a sala e direcionei meu olhar para o início da escada. Encarei seus olhos e consecutivamente desci o olhar por seu corpo permeado de curvas sob minha camisa. Ela agia como se tivesse algum direito sobre mim e tive vontade de bombardear-lhe com argumentos, apenas para lembrá-la que suas armas de sedução não funcionavam contra mim.

— O que a faz pensar que me seduz? — indaguei em tom baixo.

Ela mordeu os lábios, um tanto nervosa e apoiou o braço no corrimão da escada.

— Nossa química é palpável — respondeu no mesmo tom. — Nos desejamos, não pode dizer o contrário.

Com um meio sorriso me aproximei dela, que se encolheu imperceptivelmente. Ergui a mão e toquei sua bochecha com meus dedos em um carinho que contradizia com meu semblante fechado, assim como minhas palavras a seguir:

— Eu a fodo porque quero, querida. Não se sinta privilegiada por isso — murmurei tentando segurar a irritação. — Sequer considero isso o que temos, uma parceria. Não sou parceiro de ninguém, não sou de ninguém! — Num impulso, apertei seus lábios formando um bico. — Nunca mais aja com a Millie ou com qualquer outra, dando a entender que temos uma relação. Para mim você é apenas uma boceta que por enquanto não consegui enjoar. — Soltei seu rosto bruscamente fazendo-a quase cair. — E tire minha camisa,

porra!

Irritado, passei por ela ouvindo seus xingamentos, o que me azedou ainda mais.

— Você vai se arrepender por me tratar assim! — resmungou enraivecida. — Sou a única que te compreende e você prefere dar prioridade para uma garota que o quer ver pelas costas.

Revirei os olhos e continuei subindo os degraus da escada. Os tremores do meu corpo se intensificaram devido ao nervosismo por tudo o que acabara de acontecer. Por que não podia simplesmente continuar sozinho, sem envolvimentos? Instigado, levei a mão aos lábios que ainda formigavam pelo doce toque dos dela. Fazia tanto tempo desde a última vez...

Millie Evans

Apesar do pequeno momento tenso da manhã, as horas passaram ligeiramente e quando percebi, o horário do almoço já havia chegado.

Peguei minha bolsa e rumei para a porta encontrando com o senhor Rowland no caminho.

— Pensei que iria se encontrar com o fornecedor hoje — comentei com um sorriso simpático. — Considerando que o senhor saiu no meio da manhã alegando que só voltaria mais tarde.

— Tive um contratempo e pedi que meu irmão fosse em meu lugar — informou ele com um ar cansado. — Está indo almoçar?

Verifiquei novamente o horário em meu relógio de pulso e confirmei:

— Sim. Volto daqui a pouco.

— Pode ir querida.

Nós nos despedimos e me encaminhei para o lado de fora. Assim que me vi na rua encontrei com Adam vindo ao meu encontro. De terno escuro como seus cabelos e gravata solta, tinha um ar sexy e parecia muito másculo perante meus olhos.

Diminui o passo, mas decidi seguir em frente.

— Adam?

Ele abriu um sorriso ao se aproximar e me tomou em um abraço apertado.

— Vim convidá-la para almoçar comigo, que tal? — replicou, repousando os lábios no canto da minha boca.

— Não lembro-me de ter lhe informado o local do meu novo emprego — eu disse, soando mais nervosa do que desejava.

— Pois comentou, Millie. O que foi? Não gostou da surpresa de me ver?

Engoli em seco e senti-me estúpida sem querer. Avistei meu carro e parei.

— Não é isso, me desculpe — pedi tocando no braço dele. — Estou

nervosa, pois meu dia não começou muito bem. Hoje é meu primeiro dia de trabalho e praticamente meu chefe está me testando ao máximo. — Revirei os olhos sorrindo.

Adam buscou minhas mãos e as beijou delicadamente.

— Sem problemas. — Sorriu. — Vamos almoçar? Conheço um restaurante bem aconchegante, lá poderemos conversar sobre as novidades.

— Hmm — resmunguei. — Você tem novidades?

Ele gargalhou.

— Conto depois. Vamos com meu carro?

Meneei a cabeça sorrindo e guardei a chave do meu carro na bolsa novamente.

— Meu horário é curto.

— Eu sei — disse com a voz sedosa, pressionando minhas costas gentilmente para frente. – Teremos tempo suficiente para colocar o papo em dia.

Segui em frente, livrando-me do toque dele. Adam me intrigava com as reações que hora ou outra me fazia sentir.

¥

Viajamos em silêncio até chegar em um restaurante pequeno e modesto. Depois de estacionar o carro, Adam me acompanhou até o interior do local, escolheu uma mesa para dois no canto, que oferecia uma vista completa da rua.

— Então, Millie? — Adam sorriu, depois de fazer seu pedido e pedir o vinho para acompanhar. — Você ainda não me contou como está lidando com toda essa mudança.

Respirei fundo. Evitei os olhos dele e examinei o líquido da minha taça e a vasta clientela.

— As mesas são um pouco apertadas, não acha? Parece que estamos compartilhando a nossa com vinte pessoas.

Ele permaneceu em silêncio, provavelmente esperando para ver que

outra tática para fugir do assunto eu usaria.

Coloquei o guardanapo sobre os joelhos e examinei o cardápio.

— Mas o cardápio é excelente. Oferece uma grande variedade e tem um maravilhoso layout.

— Impressionante. — Sorriu. — Nunca pensei que você pudesse evitar assuntos melhor do que alguns meses atrás.

— Pensei que tinha novidades suas para me contar. — Disfarcei.

— E tenho, mas gosto de ouvir sua voz. — Acrescentou ele, fazendo-me corar.

— Isso devia ser uma saída entre amigos, lembra?

— Sim, mas acredito em tarefas múltiplas. Uma particularidade minha.

— E você não sabe por que relutei em acompanhá-lo? — indaguei o encarando.

Ele parecia divertido, intrigado e bem interessado na explicação. Inclinou-se e espalmou a mão no meio da pequena mesa. Seu olhar azul me intimidava e instigava de uma forma diferente.

— Suas razões não ficaram muito claras para mim. Gostaria de saber se é algo pessoal comigo, considerando que várias fotos suas em saídas com o empresário Benson, estão circulando pela mídia.

— Por que você insiste nisso, Adam?

— Estou apaixonado por você, pensei que soubesse.

Frustrada, ergui o olhar, desafiante.

— Só está interessado porque tivemos um breve momento naquela boate quando Nathan nos interrompeu há meses. Se tivéssemos tido alguma coisa, de repente duraria semanas ou dias. Poderíamos estar juntos até hoje ou nem estaríamos tendo essa conversa.

— Acontece que não tive a chance de descobrir — corrigiu-me. — Você sequer me olhou, Millie.

— Você está certo. — Forcei um sorriso quando o prato chegou, com iguarias que eu não mais tinha interesse de consumir. Levantei minha taça e a

exibi a ele numa saudação silenciosa. — Preferi olhar para um homem com uma longa história pregressa.

Sua mão repousou sobre a minha e a acariciou com carinho.

— Nunca a trataria como uma amante.

— Mesmo assim, eu não tinha interesse em nada além do que tínhamos, aliás, continuo não tendo.

— Bem, obrigado pela sinceridade.

Examinei a expressão lívida dele.

— Pensei que ficaria grato por eu não querer usá-lo como estepe, choramingando meu coração partido e implorando-lhe uma atenção ilusória — disse tentando aliviar o orgulho ferido dele.

— Será que está me fazendo um favor?

Empalideci.

— Adam...

— Tudo bem. — Sorriu inclinando a cabeça de leve. — Está gostando do serviço novo? — Disfarçou, mudando de assunto.

Suspirei estranhamente aliviada.

— Muito.

¥

"*Estou aqui em baixo, te esperando".* Dizia a mensagem de Benson em meu celular na quinta-feira à noite. Ainda estava indecisa sobre aquela noite, porém em meu peito pairava certa determinação e curiosidade com relação àquela loucura.

Os dois dias anteriores foram extremamente sufocantes e cansativos, desde a conversa tensa que tive com Nathan, assim como a descoberta sobre meu pai e meu expediente na loja.

Soltei diversos suspiros enquanto observava meu reflexo no espelho. Havia optado por um short preto brilhante e uma camisa branca, a sandália era alta dando-me mais elegância e sensualidade.

Respirei profundamente antes de pegar minha bolsa de mão e seguir em direção a saída, apagando as luzes conforme caminhava.

Benson me esperava junto ao seu carro esportivo. Parecia autoritário, controlado e másculo, para meu conforto.

Observei como suas pupilas dilataram-se enquanto percorria meu corpo.

— Você está atrasada. — Brincou.

— Só peguei sua mensagem há dois minutos, não seja intolerante — argumentei.

Ele me conduziu ao carro, gesticulando em direção ao banco confortável. Parou diante de mim, não querendo dar a volta para entrar.

— Encontrei com Nathan essa manhã — disse ele, sua expressão inescrutável. — Nos esbarramos em uma *feira de tecnologia* que decidi comparecer hoje — explicou.

— Não é novidade para mim, considerando que ele sempre foi um bom negociador, por isso meu pai depositava tanta confiança nele. — Revirei os olhos entediada. — Provavelmente está buscando aumentar a fortuna que roubou, a ganância o domina completamente.

— Desconheço os planos dele sobre isso, mas a respeito de você ele decidiu deixar bem claro para mim hoje. — Ergui os olhos para ele com interesse. — Exigiu que eu a deixasse em paz. — Sorriu de leve, como se aquilo fosse uma piada.

— O que? — perguntei atônita. — Quem ele pensa que é?

— Alguém que a subestima — respondeu me encarando. — Você precisa mostrar o quanto ele está errado — emendou.

— Imaginei que isso aconteceria — murmurei zangada. — Na mente insana dele, ele ainda acha que me tem nas mãos.

— Me pareceu que ele estava um pouco impaciente com a falta de progresso com você.

— Se depender de mim, não terá progresso algum. Quero distância daquele infeliz. — Fiquei irritada, mas mantive a voz calma.

Com um sorriso de canto, Benson se afastou e fechou a porta com uma batida gentil. Observei ele dar a volta no carro e elegantemente sentar-se ao meu lado, seu perfume amadeirado inundando minhas narinas.

— Na verdade, podemos deixá-lo achar que está se aproximando e que está conseguindo te dobrar — comentou virando a cabeça em minha direção.

— Essa é sua solução? — perguntei com sorriso divertido. — Atirar-me nele?

— Por que não? Se ele pensar que a tem, o tombo será bem maior.

— Não duvido disso. — Um leve sorriso intensificou o azul dos meus olhos e fez meu estômago se contorcer em expectativa. — Mas não acho que seja necessário tomar medidas tão extremas.

Apoiando as mãos no volante ele intensificou o olhar no meu.

— Estarei com você o tempo todo, *pequena fênix*.

— Não seja paternalista comigo.

— Não sou. Quero ajudá-la, mas acima de tudo, me preocupo e quero estar com você. — Sem palavras. Apenas o olhei pasma. — Acredito que deva estar muito assustada e machucada ainda, porém sua vontade de viver novas descobertas e realizações ainda estão ai. — Ele esfregou meu braço num gesto de apoio. — Desconfio de que Nathan saiba disso e queira se aproveitar.

Meu braço tiniu debaixo do toque dele.

— Isto é ridículo — afirmei não muito certa, lembrando-me do beijo que ele me deu dois dias atrás.

— Você acha? Estou certo de que ele levou apenas alguns segundos para supor que existe algo entre nós dois e agora deve estar se remoendo por dentro. Quantas loucuras não devem estar passando por aquela mente dele?

— Não há nada entre nós.

Ele me ignorou e suavemente afastou a mão, ligando o carro logo em seguida.

— Está pronta para sua grande estréia? — perguntou enquanto se

ajeitava no banco do motorista e acelerava.

Engoli em seco, deliciosamente sentindo a doce adrenalina percorrendo minhas veias.

— Estou.

Instantes depois, voltou a me encarar, entretanto com um resquício de preocupação pairando em seus olhos.

— Ele estará lá.

Meus pensamentos ricochetearam de uma lembrança em perspectiva para outra, mesmo enquanto colocava no rosto um sorriso meigo e uma compostura falsa.

— Então ele assistirá ao meu show, de camarote.

Ele arqueou as sobrancelhas em um misto de surpresa e diversão.

— Estou louco para ver isso. — Piscou maliciosamente.

Capítulo 8

Millie Evans

O encontro daquela noite seria diferente de um convencional ou de um encontro de velhos amigos, como vinha acontecendo nos últimos dias.

Ninguém ali sabia dos meus planos, a não ser Benson. Este com certeza estava se tornando indispensável na minha vida.

Assim que descemos do carro a tensão do nervosismo se intensificou em meu interior. Benson entrelaçou nossos dedos e com uma tranquilidade invejável nos encaminhou em direção ao fluxo de pessoas.

— Prepare-se — comentou de repente. Sua mão apertou a minha de leve.

— Me preparar? Para quê?

Olhei para ele, porém não obtive seu olhar de volta e muito menos resposta. Frustrada, fixei o olhar a nossa frente e quase perdi a compostura quando me deparei com Nathan mais adiante, mas me contive.

Simulei um semblante frio e extremamente calmo quando nos aproximamos. Nathan exalava tensão por todos os seus poros.

Alegrei-me quando fomos cumprimentados por ele, e sua acompanhante, que sequer fiz questão de prestar atenção. Meus olhos estavam presos em Nathan e em seu olhar tempestuoso.

— Devo dizer que é uma surpresa encontrá-la aqui? — questionou de modo sarcástico. Benson puxou-me para ele.

— Não há necessidade de se fazer de sonso querido, quando ambos sabemos o quanto você anda desesperado por informações minhas — revidei com ainda mais ironia deixando-o puto. — Aproveite a noite, meu bem — murmurei para sua acompanhante, uma loira extremamente vulgar. — Pois a única vantagem do pacote. — Referi-me ao Nathan. — É o sexo espetacular, o restante é dispensável.

Deixei-me ser levada por Benson através do saguão da luxuosa cobertura. Benson comentou que era propriedade de um banqueiro internacional, membro do grupo *Veiled* há anos.

— Parabéns por ter conseguido manter o controle! Você o pegou de surpresa! — Benson disse com os lábios próximos ao meu ouvido.

— Apenas fiz o necessário. Nathan continua achando que me terá a qualquer momento, mas está redondamente enganado.

Corei, ansiosa pelas grandes descobertas daquela noite, assim como meus primeiros passos sozinha, tomando minhas próprias decisões em relação ao meu corpo.

— Cada dia você me fascina mais — comentou Benson, puxando-me para mais perto dele, encarando-me e tornando mais fácil aquele momento desconcertante. — E sinto-me tentado a despi-la de várias maneiras, se é que me entende... — acrescentou com malicia na voz.

— Gosto disso — soprei perto de seus lábios carnudos que encontravam-se entreabertos. — Você faz com que eu me sinta livre, desprendida das amarras invisíveis de antes.

Seus dedos longos ergueram-se e repousaram em meu rosto suavemente e pude sentir sua outra mão me puxar com força contra si de modo a fazer-me sentir seu desejo evidente. Seu olhar de luxúria sobre o meu deixou-me enfraquecida e quando ele abriu a boca para falar fomos interrompidos:

— Ora ora... — a voz feminina soou fria e espantada. — Que enorme prazer em revê-lo, Benson.

Afastei-me levemente do corpo dele e a encarei sem fazer nenhum esforço para parecer simpática.

— Céus! — Dramatizou colocando as mãos na boca fingindo espanto ao me ver com ele. — Troca a troca? Nathan não deu conta do seu fogo, garotinha?

Meu rosto ruborizou de raiva e me peguei fechando as mãos, ansiando por cravar minhas unhas naquele pescoço ridículo.

— Agradeço a recepção, Célia, porém se nos der licença... — puxou-me pela mão e deixou-a para trás. Mordi os lábios segurando a risada devido ao total espanto que enxerguei no rosto dela. Provavelmente não estava acostumada a ser desprezada.

— Benson? — Ela o segurou pelo braço. Seus olhos felinos fumegando na direção dele. — Precisamos conversar.

Revoltada, me coloquei na frente e a encarei.

— Não seja ridícula! Não percebeu que o está aborrecendo? Agora, que tal largar o braço do meu acompanhante e ir procurar quem a queira?

Estava tremendo de raiva, mas procurei sustentar aquele olhar arrogante.

— Quem você pensa que é? Sua...

— Eu sou quem ele deseja agora, assim como a maioria dos homens que aqui estão. — A enfrentei com uma firmeza que me impressionou. — Sabe por que? Porque sou jovem, sou gostosa e não preciso usar de vulgaridade para chamar a atenção de alguém. Está conseguindo acompanhar meu raciocínio, querida? — O sarcasmo escorria por minha voz enquanto meus olhos flamejavam na direção dela.

Estava com aquela mulher entalada em minha garganta desde a primeira vez que estive na reunião com o Nathan. Alguém tinha que colocá-la em seu devido lugar, nem que esse lugar fosse a lata de lixo.

Vi quando ela ergueu a mão na intenção de me ferir, porém a voz do Benson interrompeu o movimento dela e chamou nossa atenção.

— Senhoras e senhores! — exclamou ele em voz alta, interrompendo aquele momento tenso. Afastei-me da vagabunda e me aproximei dele, pois o mesmo esticou uma de suas mãos em minha direção. — É comum cada vez que nos reunimos elegermos uma mulher para se tornar a musa da noite e com isso entreter os membros com sua beleza e desenvoltura — continuou tendo a atenção de todos os presentes. — E eu como um dos idealizadores do *Veiled,* tenho o orgulho de apresentar a princesa dessa noite. — Seu olhar encontrou o meu e senti meu rosto queimar de constrangimento. — Millie será a atração e com toda a sua beleza tenho certeza que fará loucuras com a mente de todos. — Soltou uma risada maliciosa. De relance, percebi os olhares de todos, inclusive o da Célia que parecia enraivecido em nossa direção. — Lembrem-se que ninguém é obrigado a nada aqui. O respeito em primeiro lugar, uma vez quebrado você será expulso do grupo — alertou encarando a todos.

Mordi os lábios em nervosismo e virei a cabeça. Meus olhos se detiveram em Nathan que me encarava com um brilho de ódio e revolta. Havia agressividade em seu olhar, ele parecia rancoroso.

Isso daria muito certo! — pensei.

— Não ouviu? — Benson chamou minha atenção para si.

Pisquei algumas vezes enquanto afundava os dedos em meus cabelos tentando amenizar o desconforto momentâneo.

— Pode repetir, por favor? — repliquei em um fiapo de voz.

Benson me encarou por alguns instantes e logo sorriu. Tocou minha mão e entrelaçou nossos dedos.

— Você está nervosa! Suas mãos estão frias. — Observou massageando-as. — Vamos dar uma volta pela mansão.

Ainda tentando raciocinar sobre tudo o que estava se passando ao nosso redor, Benson foi me levando pelo ambiente luxuoso. Havia muitos homens belos e sofisticados, assim como muitas mulheres lindíssimas.

Entramos em um corredor iluminado apenas por uma luminária no centro, a luz era baixa e avermelhada, proporcionando um ambiente sensual. Fixei meus olhos para além de nós e percebi uma mulher ajoelhada diante de um homem. Outra mulher beijava a boca dele com fervor, consegui ouvir o som de seus gemidos e senti-me esquentar instantaneamente. Tentei focalizar enquanto caminhávamos, porém fui surpreendida com o ataque do Benson, prensando-me contra a parede.

— Mas o quê...

Fui interrompida por sua voz roucamente sensual.

— Estou completamente enlouquecido por você — sussurrou colocando uma mão em minha nuca e aconchegando a outra em minha cintura. — E sei que vou pirar se não tê-la sobre mim esta noite...

Minha respiração tornou-se ruidosa e não pude controlar meus batimentos cardíacos que aceleravam-se gradativamente. Benson tinha algo de selvagem em sua aura que me enlouquecia. Não resisti em fechar os olhos na fraqueza da excitação crescente em meu corpo. Deitei a cabeça para o lado

e não demorou para que eu o sentisse beijar meu pescoço, sua língua sensual trilhando minha pele, marcando-me.

Instintivamente levei minha mão aos seus cabelos suspirando e arquejando freneticamente. Fazia tanto tempo que não sentia essas sensações prazerosas, tanto tempo que não me sentia desejada de tal forma, assim... tão crua. Delicadamente o senti abrir os primeiros botões da minha camisa e lentamente passeou seus dedos em meus seios por sobre o sutiã de renda. Sua boca continuava me castigando, excitando-me. Eu conseguia sentir a força protuberante do seu desejo cada vez que me prensava contra a parede com seu corpo enorme.

— Benson...

— Eu sei, *pequena fênix*... eu sei...

Adorava aquela forma única de ele se referir a mim, me sentia tão viva, tão forte. Era imensamente bom como ele conseguia me fazer renascer de dentro para fora. Aquilo não se tratava apenas de corpo a corpo, para mim era algo mais profundo. Vinha de realmente estar me dando uma chance de me descobrir, de descobrir que eu posso me amar, posso viver, sem culpa ou ressentimentos. Eu era livre, sempre fui.

Abri os olhos por um momento perdida em sensações, minha mente parecia um quadro branco. Um arrepio diferente me abateu e automaticamente olhei para o início do corredor. Nathan estava lá... nos olhando feito uma paisagem sombria permeada de mistérios.

A princípio, me vi sem reação enquanto o encarava. Benson continuava me tocando completamente alheio, seu foco era somente o meu corpo.

Nathan caminhou lentamente e se posicionou em uma área quase escura, porém eu ainda podia ver seu rosto. Seu olhar era feroz por sobre a taça de bebida. Fiquei me perguntando onde estaria sua acompanhante. Sorri divertida.

Na mesma hora, Benson me encarou.

— Sentiu cócegas? — perguntou tocando meus lábios quando ouviu meu sorriso.

— Estou perdida em sensações diversas — confessei com sinceridade.

— Quero sua boca em mim, Benson. Quero ser tocada por essas mãos enormes. — Toquei a mão que acariciava meu rosto e num movimento ousado, suguei seu dedo indicador fazendo—o arfar audivelmente.

Com selvageria, ele me tomou em seus lábios em um beijo faminto e fervoroso. Sentindo-me dolorida pela excitação ergui minha perna e rapidamente ele a segurou firmando minha coxa desnuda contra seu quadril onde me estimulava com movimentos de vai e vem.

— Estou sem camisinhas — ele soprou quase com decepção. — Espere-me aqui, minha *pequena fênix*, vou ver se encontro em algum dos cômodos.

Inclinou-se e lambeu sensualmente meus lábios antes de sair com pressa, nem ao menos percebeu Nathan recostado, escondido nas sombras.

Mordi os lábios e me ajeitei, voltando a encostar-me na parede devido ao meu estado de fraqueza misturada a excitação. Ainda estava lutando para recuperar o fôlego quando ouvi a voz do Nathan em um tom quase enraivecido.

— Você vai *dar* para ele?

Ergui meus olhos e sorri agraciada com o ciúme nítido em seu olhar atormentado.

— Não que seja da sua conta... — pausei, me divertindo com o claro sofrimento dele. — Mas como sabe, a boceta é minha e nesse momento ela está louca por ele — respondi rude o encarando com malicia. Adorei enxergar frustração nos olhos dele.

Aproximando-se, ele ficou em minha frente com sua presença exuberante, era difícil simular indiferença diante dele. As lembranças de nossos momentos insistiam em me tripudiar.

— O que pretende com toda essa palhaçada, hein? — indagou quase rosnando, percebi como seus dedos estavam pressionados com força contra sua taça. — Não consegue perceber que está sendo usada pelo Benson?

Soltei uma risada sarcástica.

— Olha, falou o *rei da honestidade*. — Minha voz escorria rancor e

fúria. — Aliás, qual o motivo de tanta preocupação com quem eu saio ou deixo de sair? Você deixou claro o quanto eu significava para você quando me recebeu em seu apartamento com o pau na garganta daquela vagabunda da Verônica.

Houve um momento de silêncio, entretanto meus batimentos cardíacos estavam batendo tão velozmente que eu podia ouvi-los. Apesar de tudo, olhar para ele ainda doía. Conseguia fingir indiferença, mas não era capaz de fazer isso ao meu coração.

— Ela não significou e não significa nada para mim — argumentou. — Você...

— Cala a boca, droga! — exclamei em fúria. — Chega de tentar arrumar desculpas e mentiras, eu sequer sou capaz de olhar para você sem me lembrar do que me fez, Nathan.

O maxilar dele se enrijeceu.

— Nada do que eu fiz tem a ver com você.

— Pouco me importa!

Firmei as pernas e me preparei para sair de perto dele. A realidade que eu sentia quando estávamos juntos me enfraquecia de maneira sobrenatural.

— É verdade aquele papo de *musa*? — Sua boca torceu quando pronunciou a última palavra. Arquejei sentindo seu aperto em meu braço, impedindo-me de me movimentar. — Pretende *dar* para qualquer um agora?

Senti meu corpo tremer descontroladamente e não fui capaz de ter um pensamento coerente naquele momento. Puxei meu braço do seu aperto e rosnei:

— Ora... Mas não era exatamente isso o que fazia comigo? Ou melhor, queria de mim? Oferecer-me como um banquete aos demais?

— Eu nunca a quis como uma puta, porra! — exclamou furioso jogando a taça com força no chão. O barulho dos estilhaços ecoou estridente aos meus ouvidos.

Não controlei o impulso e quando percebi, minha mão se chocou contra o rosto dele com força. Os olhos verdes me encararam de volta com

ainda mais tensão e no momento seguinte pressenti seu próximo passo:

— Não ouse se aproximar de mim, nunca mais — falei apontando o indicador para ele, minha mão ardia um pouco. — Não quero o seu toque, não quero sua presença... Apenas me olhe de longe.

— Millie...

— Uma vez você me falou que se sentia extremamente excitado em me ver intimamente com outras pessoas, pois bem... Saber que você estará me observando em ação, mas não poderá tocar-me... — pausei e fechei os olhos sorrindo em êxtase. — Me deixa à beira de um orgasmo. — O maxilar dele se enrijeceu e o vi cerrar os punhos. – Um dia eu te entreguei minha inocência, o amei com tudo de mim. Hoje sou uma mulher livre em todos os sentidos, entendeu? Transo com quem quiser e se quiser, me permito chorar, rir e sonhar. Estou no controle da minha vida e você ficou de fora.

Virei em meus calcanhares e o deixei completamente perplexo no lugar. Meu coração estava aos pulos, mas no fundo o orgulho encontrava-se intacto. Um sorriso bobo pairava no canto dos meus lábios. Nathan iria aprender a não me contestar, pretendia deixar minhas intenções bem claras para ele.

Capítulo 9

Nathan Backer

Desde a hora que decidi comparecer à reunião da *Veiled*, não imaginava que teria tantas surpresas desagradáveis. Por mais que eu me esforçasse para parecer indiferente, não conseguia. Millie me deixava louco e perdido em meio a sentimentos incompreensíveis. Eu sentia uma fúria enorme nascendo e crescendo em meu peito, ameaçando sair a qualquer momento. O controle que obtinha sobre ela desvaneceu—se e aquilo de certa forma me desesperava.

Afinal, o que estava acontecendo comigo?

Depois do nosso pequeno impasse fiquei observando-a se afastar e tive que segurar meu lado ogro para não arrastá-la para longe. Lembro que fiquei atônito no lugar por alguns minutos enquanto a ouvia despejar aquilo tudo em mim, para depois se retirar. Senti como se tivesse sido atacado por uma leoa ferida e escapado por pouco, muito pouco. A adrenalina em minha corrente sanguínea acelerou meus batimentos cardíacos e me fez retesar os músculos. Tive de me concentrar para relaxar.

Emoções desconhecidas me perturbavam naquele momento, eu sequer conseguia raciocinar diante daquela cena.

Por que eu estava assistindo aquilo, porra?

— Por que ao invés de ficar apenas olhando, não tentamos nos juntar a eles ou simplesmente nos enroscar em algum canto?

Relutantemente desviei meus olhos e encarei a mulher ao meu lado. O vermelho dos seus lábios era para ser atraente, porém causou-me uma sensação desagradável. Na verdade, a presença dela estava me desagradando há minutos e sempre que podia escapava de suas garras.

— Então por que não vai procurando um lugar gostoso para nós? — repliquei sorrindo maliciosamente, entretanto minha intenção era me livrar dela o mais rápido possível.

O rosto dela se iluminou, assim como seus olhos. Tive o vislumbre da sua expressão quase em êxtase antes de ela sair desfilando. Era uma mulher atraente, mas a vulgaridade exalava por seus poros desanimando-me. Havia a

conhecido na feira tecnológica que tinha comparecido naquela manhã, minha verdadeira vontade era de fodê-la em qualquer canto, provar a mim mesmo que eu conseguia me livrar do fantasma da Millie do meu subconsciente, mas... Droga! Aquela situação só estava piorando. Eu não queria outras mulheres, queria apenas ela... A *minha criança*...

Soltei um suspiro ofego e voltei a prestar atenção no que acontecia a minha frente. No fundo eu não entendia o motivo de estar ali. O desejo por ela se acendia a cada encontro, ou melhor, confronto. Apesar das tentativas de enganar a mim mesmo, a triste verdade não era outra senão que Millie me tentava. Mesmo antes de tudo, perdi o interesse por outras mulheres, apenas satisfação momentânea. Nada mais.

Não queria que Millie fosse a única mulher que realmente desejasse. Deveria ter mais controle sobre mim mesmo.

Entretanto, observá—la sendo tocada por outro homem sem a minha permissão, destruía-me. Benson estava acariciando aquele corpo perfeito que um dia foi somente meu, ele estava beijando cada pedaço de pele que outrora eu beijava, cheirava e mordia.

Qual era o meu problema, afinal? — perguntei-me em pensamentos. A irritação tomando conta do meu ser.

Terminei minha bebida em um só gole e novamente joguei o copo no chão. O barulho sequer os distraiu, pareciam estar em completa sintonia. Millie estava inteiramente à mercê das caricias de Benson enquanto lentamente era levada para a cama atrás deles. No fundo eu sabia que não deveria estar ali, pois era o que ela queria... Queria que eu os assistisse, ansiava por me irritar, me ferir, atingir.

Arrepiei-me com os gemidos sussurrados que ela deu quando Benson abocanhou um dos seus seios e revivi nossos momentos enlouquecedores, quando aqueles gemidos eram para mim e por mim. Meu corpo se acendeu de desejo mais uma vez.

Senti todos os meus membros tremerem no momento em que Benson a fez ficar a meros centímetros de seus joelhos abertos. A imagem de seus belos seios à mostra me delirou. Benson os segurou e beijou-os com avidez, o que a deixou alucinada.

A entrada de outras pessoas no quarto fez com que a Millie relanceasse o olhar para a porta, o suficiente para se deparar comigo. Seus olhos faiscaram em minha direção, apesar de que seu rosto ficou da cor de sua lingerie, vermelha.

No momento seguinte, ela arqueou o pescoço dando acesso ao Benson que aproveitou para terminar de desnudá-la da cintura para cima. Sem deixar de me olhar ela desabotoou e retirou a camisa dele e suavemente acariciou a pele negra com devoção.

— Você não está no comando — ela sussurrou ao Benson, porém me encarando. — Pode controlar meu corpo, mas não a mim.

Engoli em seco e continuei a encarando, buscando controlar meus instintos mais assassinos. Imaginava como fora possível entrar naquela situação. Sim, eu fiquei zangado e quis feri-la por consequência dos erros de Joseph, por me desestabilizar a todo o momento e com extrema facilidade. Quis fazê-la pagar pelas emoções estranhas que me fazia sentir sem que eu as quisesse senti-las. Mas de algum modo entre nossas brigas e nosso beijo naquela manhã, o desejo carnal diluíra o desejo de vingança. Que na verdade nada tinha a ver com ela.

— Não quero controlar você. — Benson apalpou o bumbum dela. — Quero apenas ter a honra de tocá-la e desfrutar dos sabores de seu corpo.

Cerrei os punhos e me aproximei instintivamente. Ela sabia o quanto eu ainda a desejava, e fazia aqueles sons com a boca para me atormentar, tocava em Benson da mesma forma que um dia tocou em mim.

Era eu quem deveria estar explorando seu corpo, a curva do magnífico lábio superior e mordendo-o até que ela gemesse.

Benson a repousou delicadamente na cama e agilmente retirou o short juntamente com a calcinha que ela usava, deixando-a inteiramente nua e desejosa.

Minhas narinas inflaram e meus olhos escureceram-se pela visão. Senti minha boca salivar ao olhar Benson devorando sua bocetinha doce e lisa. Meus pêlos eriçaram-se em uma mistura de raiva, ciúmes e excitação. Tornei-me refém daquela visão e dos gemidos suaves na qual ela emitia deixando-me duro e não consegui controlar a vontade de me tocar por cima da calça.

Lutei contra o desejo de me satisfazer, eu queria tomá-la. Mapear os segredos de sua intimidade até que ela sucumbisse. O corpo dela também queria. Millie respondia aos movimentos da língua incansável de Benson, porém seus olhos não se afastavam dos meus e consecutivamente, dos movimentos que eu estava fazendo em meu pau. Seus dedos agarraram os ombros de Benson, as pernas se abrindo ainda mais para ele.... Ele, porra!

O brilho de sua excitação incendiou-me e me vi respirando com extrema dificuldade, aquele cheiro afrodisíaco me tomava com fervor. Eu a queria inteiramente para mim, queria possuí-la, voltar a controlar o seu prazer.

Desesperei-me quando a vi se contorcendo em baixo dele, o prazer que parecia sentir era imenso, pois sequer estava me encarando, olhava apenas para ele... atentamente para as carícias que ele a estava proporcionando.

— Benson, eu vou... Ah...

Estranhamente, meu peito apertou-se e tive dificuldades de absorver as sensações que senti no momento em que ela se desmanchou em um mar de prazer que a inundou. Foi difícil aceitar que meus ouvidos realmente ouviam ela clamando o nome de outro homem enquanto o mesmo a dava prazer e foi pior ainda quando ela o chamou em seu orgasmo.

Millie Evans

Exposta, aberta e inundada de calor úmido. Engoli em seco diante daquele olhar marcante sobre meu corpo. Um doce tremor misturado de constrangimento, e desejo me inundou, dificultando minha respiração. Apertei as mãos nos ombros de Benson enquanto o sentia me devorar com sua boca de maneira quase esfomeada.

Lembrei-me de como Nathan me olhava cada vez que transávamos, como se não houvesse ninguém em seu mundo a não ser eu.

E naquele momento eu podia sentir a excitação dele enquanto me encarava ali, naquele quarto enquanto eu estava com Benson. Eu via a imensa protuberância entre suas pernas. A luxúria brilhando em seu rosto e em seus olhos. Mesmo sem querer confessar, havia uma conexão entre nós. Eu sabia que minha excitação se devia ao fato de ter os olhos dele em mim, apesar das maravilhosas carícias de Benson.

— Você é tão macia — disse Benson, em voz baixa. A ponta de seu dedo traçando uma linha quente até minha coxa retraída. Ele já estava completamente nu e confesso que não percebi em qual momento ele havia colocado a camisinha.

— É meu hidratante. — Brinquei na intenção de quebrar a tensão crescente em meu interior.

Eu não tinha ideia se ele havia percebido a presença do Nathan, pois sequer parecia querer prestar atenção em algo além de mim.

— Você também cheira bem — falou juntando os dedos em meu clitóris sensível e fazendo uma leve pressão.

Fechei os olhos brevemente me contorcendo, ainda não estava recuperada do recente orgasmo. Mordi os lábios quando o senti gentilmente se aconchegar entre minhas coxas, minha respiração travou por completo. Fechei os olhos, por alguma razão tive dúvidas e não soube ao certo se continuaria com aquilo adiante.

— Millie? — Ofeguei e voltei a encarar os olhos intensos de Benson acima dos meus, meu coração batia descompassado. — Quer me sentir por completo?

A intensa excitação nos olhos dele me desestabilizou, acendendo uma nova onda de desejo tão desesperada que quase não consegui encontrar a voz para responder:

— Quero.

Envolveu-me em seguida com seus braços fortes e, resolutamente, me penetrou. Houve um momento de dor que me fez morder o lábio e sentir gosto de sangue. Benson balbuciou qualquer coisa e a sensação que me dominou foi tão violenta que me fez gemer, pelo choque e prazer.

Mas Benson penetrou-me de novo, no lugar que eu um dia considerei ser somente de Nathan. Abracei-o, num ato de aceitação, e permiti que ele ditasse o ritmo.

Em determinado momento agarrei-me a ele e fixei os olhos para além de nós. Por incrível que pareça, Nathan continuava lá, nos encarando. Seu olhar estava enraivecido e percebi que seus punhos estavam cerrados e rapidamente os guardou nos bolsos.

Não consegui distinguir minhas emoções naquele momento, mas me divertia com a raiva dele. Sim, ele me desejava, achava-me atraente e eu sabia disso.

Com um movimento indolente, Benson colocou as mãos em meus quadris e ergueu-me, tornando a penetração mais profunda. De repente, emitiu um gemido rouco de excitação que fez eco ao meu próprio gemido. Atingi o clímax numa explosão de prazer com o nome dele em meus lábios, sim, pois era ele quem estava comigo. Havia uma confusão de emoções em meu interior.

Benson vagarosamente escorregou o corpo para o lado, no espaço que sobrava da enorme cama; com um dos braços apertou meu corpo contra o seu, quente e úmido.

Bem devagar ele foi baixando a mão por meu corpo.

— Essa foi indiscutivelmente a melhor foda da minha vida — confessou fazendo—me sorrir relaxada.

— Agradeço pela sinceridade e extremo romantismo em suas palavras.

Foi a vez de ele sorrir.

— Ora, pensei que não estava interessada em novos romances — provocou lembrando-me do que eu havia comentado certo dia em uma de nossas conversas.

— Você está certo. Prefiro esquecer o passado e me concentrar no presente — admiti, virei meu corpo para ele e o encarei. — Gostei do que tivemos, foi bom. Extremamente bom. — Brilho intenso dos olhos dele me aqueceu. — Você por acaso, chegou a notar a presença do Nathan aqui no quarto?

O rosto dele iluminou-se com ardor enquanto eu tentava engolir o nó da garganta.

— O tempo todo — respondeu, deixando-me chocada. — A tensão refletida do corpo dele era palpável, porém eu tinha algo mais importante para me ocupar — murmurou me deixando ruborizada. — Como você está se sentindo? Qual foi a sensação?

Com o cenho franzido tornei-me pensativa enquanto parei para analisar meu estado psicológico. Na verdade, ainda estava sensível com a sensação pós orgasmo e estava completamente entorpecida com todos os recentes acontecimentos.

Tinha feito aquilo apenas para enlouquecer o Nathan? Será que podia dizer que houve um desprendimento do meu corpo e da minha mente?

— Estou um pouco confusa — respondi com sinceridade.

— Isso é normal. Na verdade, eu me diverti por estar devorando seu corpo na presença daquele otário. — Sorriu de modo zombeteiro. — Mas, no fundo senti-me em êxtase por estar com você, *pequena fênix*. Você realmente é capaz de deixar qualquer homem louco. — Sorri com certo constrangimento e logo os dedos dele repousaram-se em minhas bochechas. — E esse rubor facilita as diversas fantasias que ainda tenho com você. — Inclinou-se mordendo seu lábio carnudo enquanto encarava os meus.

— Comigo? — perguntei debilmente.

Confirmando com a cabeça ele apenas me encarou e não mais encontrei o olhar divertido, apenas o luxurioso. Ofeguei ruidosamente e me

preparei para a próxima rodada de intensidade extrema.

Capítulo 10

Millie Evans

Acordei com um suave sopro contra meus cabelos.

— Oi, querida, está na hora.

Desorientada, pisquei, sentando-me para esfregar os olhos. Benson parecia recém barbeado e pronto para o dia.

— Hora? Para que?

Os olhos escuros brilharam com feroz ardor. Ele habilmente estendeu a mão e prendi a respiração ao sentir os dedos fortes sobre minha pele sensível, meus mamilos enrijeceram.

— Para irmos, é claro. O dia já amanheceu e já passam das nove da manhã.

— *Nove?* — gritei em desespero. — Céus! Por que não me acordou antes? O que vou dizer ao senhor Rowland?

Tranquilamente, ele se sentou ao meu lado e sorriu segurando-me pelo braço quando ameacei me levantar da cama.

— Se acalme, já liguei para ele e expliquei que houve um contratempo. Inclusive ele a liberou para ir somente no período da tarde.

O encarei séria por alguns instantes.

— Por que fez isso?

— Você parecia tão exausta...

Minhas bochechas aqueceram-se de imediato e foi inevitável não me recordar das loucuras da noite anterior. Automaticamente voltei a me dar conta de que estava nua como um recém-nascido e tentei me cobrir.

— Ei... Não há pelo que se envergonhar — interrompeu-me o movimento. — As longas horas de prazer que nos proporcionamos foram mais do que incríveis. Você não gostou?

Engoli em seco e desviei de seus olhos antes de falar:

— É maravilhoso estar com você, Benson. Em todos os sentidos você é

extraordinário.

Senti seu indicador tocar abaixo do meu queixo e o erguer, forçando meus olhos aos seus.

— Então o que foi? — Quis saber com desconfiança. — Qual o problema?

Cocei a garganta e puxei o lençol para cobrir minha nudez. Agradeci quando ele não me impediu.

— Não é nada. Você poderia me dar licença para que eu pudesse colocar minhas roupas? Na verdade, ainda não acredito que passamos a noite aqui...

— Millie?

— Provavelmente o senhor Rowland deve estar chateado pela minha falta de comprometimento e logo nos meus primeiros dias...

— Millie! — Alterou a voz e segurou-me pelo rosto com ambas as mãos. — Fique tranquila! Está tudo bem, querida. — Aterrorizada e muda, simplesmente o olhei retraída. — Se acalme, por favor — insistiu.

Mordi os lábios, porém perdi a luta contra a enxurrada de lágrimas e quando percebi, senti-me sendo envolvida por braços fortes.

Ao longe podia ouvir murmúrios suaves e um leve balançar em meu corpo. Benson estava me ninando como seu eu fosse um bebê.

— Eu não estou bem... não estou — sussurrei em prantos.

Os lábios dele repousaram-se em minhas têmporas carinhosamente.

— Está tudo bem — murmurou baixinho. — Você só está sobrecarregada com todos os recentes acontecimentos.

Escondi o rosto na dobra do pescoço dele e busquei controlar os soluços altos. Minha respiração, assim como meus batimentos cardíacos, estavam descontrolados.

— Não tenho certeza se o que fizemos ontem era o correto, sabe? Estou em dúvidas sobre a forma como quero atingir o Nathan, eu...

— Você ainda o ama — cortou-me e enrijeci o corpo.

— Eu não deveria, eu sei.

— Não se autocondene pelo o que ainda sente — pediu enquanto acariciava meus cabelos. Eu tinha consciência de que minha aparência deveria estar horrenda, assim como meu hálito. — A vida vai ensiná-la a guiar-se pelos melhores caminhos, mas saiba que você é uma mulher livre e não deve nada a ninguém, muito menos ao Nathan.

Trêmula, ergui o lençol um pouco mais sobre meus seios e me levantei de seu colo. Meus pensamentos ainda estavam distorcidos e quase não conseguia raciocinar. Enxuguei agitadamente as lágrimas do meu rosto.

— Reconheço meu descontrole — confessei, incapaz de encará-lo. — Eu me deixei levar pelo momento, ando muito nervosa.

Foi bem mais do que um lapso momentâneo, pensei, mas preferi não falar nada.

— E agora? Pretende negar a chance de dar a volta por cima, ou recomeçamos do rascunho?

— Acho melhor sairmos daqui logo — sugeri com a voz rouca. — Necessito de um café bem forte para começar a ter pensamentos coerentes. — Sorri de modo fraco.

Ele se levantou e sorriu quando notou o rubor em minhas bochechas.

— Posso perguntar uma coisa? — indagou, parado em minha frente. Alto e elegante em seu terno azul escuro.

— Sim...

— Afinal, do que tem medo?

— Não estou com medo, só não estou preparada para todas as mudanças em minha vida — respondi e segui até a porta do quarto e a abri suavemente. — Agora, gostaria de me trocar, por favor.

Benson me avaliou, estreitando o olhar.

— Não acredito que está envergonhada depois de toda a intimidade que compartilhamos ontem.

— Não é isso, é que... — pausei e mordi o lábio, nervosa. — Ontem eu

estava completamente no clima, entende? — torci para que ele não insistisse e que saísse do quarto o mais depressa possível. Aquele momento estava muito constrangedor.

Pareceu se convencer e então lentamente caminhou até mim. Inclinou-se e repousou os lábios nos meus com suavidade antes de sorrir e me deixar sozinha.

Recostei-me na porta fechada e deixei o lençol deslizar por meu corpo. Sentia-me entorpecida e sufocada por todas aquelas emoções e sensações que me abatiam descontroladamente.

Passeei os olhos pelo quarto, revivendo cada instante vivido ali há poucas horas atrás.

Estava arrependida?

Avistei minhas roupas ao lado da cama. Estavam dobradas com minha bolsa por cima. Peguei tudo e atravessei o gigantesco quarto na direção do banheiro da suíte.

Encurralada entre as diversas dúvidas que me assolavam, joguei uma água no rosto e me recostei na porta. Peguei meu celular e disquei o número da Lauren.

— *Millie?* — Sua voz soou alegre, quase aliviada.

— *Sou eu.*

— *Céus! Estava preocupada com você. Por que demorou tanto para me ligar?*

Fechei os olhos e soltei um leve suspiro.

— *Aconteceram algumas coisas* — murmurei passando os dedos por meus cabelos, a fim de desembaraçá-los. — *Você pode ir no apartamento mais tarde? Gostaria muito de conversar um pouco com você.* — Horrorizada por temer que as lágrimas começassem a correr novamente, pisquei mandando embora os sonhos de um futuro inexistente.

— *Está tudo bem?* — Seu tom de voz soou alarmado.

— *Só estou precisando de colo* — respondi melancólica, o que a fez suspirar sensível.

— *É claro que eu irei.*

— *Vou aguardar você* — Sorri aliviada. — *Agora preciso desligar, vou trabalhar na parte da tarde.*

— *Não está trabalhando agora?*

Engoli em seco e mordi os lábios em nervosismo.

— *Não. Explico mais tarde.*

Ela resmungou alguma coisa, porém não consegui entender.

— *Tudo bem. Garanto que agora vou passar a tarde me remoendo de curiosidade e preocupação.*

Gargalhei alto e voltei a me inclinar sobre a bancada da pia.

— *Deixa de dramatização, Lauren.*

— *Eu sei, eu sei.* — Percebi que sorria também. — *Até depois, Paolo está me chamando no quarto.*

— *Safada!*

— *Adoro!*

¥

A adorável confeitaria estava lotada quando Benson e eu entramos. Meus instintos, assim como meu corpo se acenderam com a infinidade de aromas espalhados pelo ambiente. Em outra ocasião, aquele abafamento e euforia das muitas conversas me irritariam, entretanto naquele momento me aliviaram. Considerando que ansiava por silenciar meus próprios pensamentos contraditórios.

— Se importa que eu faça nossos pedidos? — Benson perguntou ainda de pé.

— De modo algum, desde que me traga um copo grande de café, por favor.

Ele sorriu e logo em seguida se dirigiu ao caixa.

Permaneci na mesa. Esfreguei o rosto suavemente e deslizei os dedos por meus cabelos. Inquieta, olhei para a porta e me surpreendi com a entrada

de uma bela mulher. Fiquei com a sensação de já tê-la visto em outra ocasião, porém não consegui recordar de onde. Prestes a desviar meu olhar, congelei. Meu ar faltou e tive que piscar diversas vezes para ter certeza de que realmente estava enxergando o Nathan ao lado daquela mulher.

Fiquei observando de forma quase masoquista a inteiração deles. Apenas conversavam ainda na porta do estabelecimento, como se estivessem se decidindo sobre o que pedir para comer ou beber. Um ciúme furioso se apossou de meu corpo e me assustei ao encontrar meus punhos cerrados ao ponto de minhas unhas ferirem as palmas.

Ela parecia ter uma intimidade invejável com ele e aquilo ridiculamente me magoou. Odiei-me por permitir aquele tipo de sentimento àquela altura do campeonato.

Instantes depois, ele se afastou e ela finalmente entrou no recinto com graciosidade e extrema elegância. Reparando mais de perto, pude me lembrar de onde a conhecia. Ela estava com Nathan naquele primeiro evento que acompanhei Lauren meses atrás e logo depois no evento que fui com Benson.

Respirei fundo e decidi mudar o foco. Sacudi a cabeça de leve e agradeci quando Benson retornou e se acomodou à mesa me encarando com um sorriso encantador naqueles lábios carnudos.

Franzi o cenho ao encarar a bandeja.

— Pedi um pouco de cada coisa, já que não sabia o que você gostava — justificou a fartura de doces e salgados. Havia delicias e guloseimas para um batalhão.

— Você é incrível, Benson.

Sorrimos cúmplices.

Nathan Backer

Fazia pouco mais de uma hora desde que havia chegado a empresa. Minha concentração não estava das melhores e aquilo estava me deixando nervoso, juntando que tive de aturar as bardas e firulas da Mellanie logo ao acordar, eu estava péssimo.

Tirei o olhar do laptop e rapidamente liguei para minha secretária.

— *Ligue-me com o Jared* — ordenei assim que atendeu. — *E quando os investidores chegarem, eu quero que os leve direto para a sala de reuniões.*

Jared era meu assessor.

— *Sim, senhor.*

— *Outra coisa, não me repasse ligações da Mellanie hoje.*

— *Compreendido.*

Desliguei soltando um suspiro de frustração. Eu tinha certeza de que ela não se contentaria com o momento que tivemos em nosso café da manhã. Aquela garota era possessiva demais e estava começando a me sobrecarregar, eu tinha prometido ao meu tio que cuidaria dela enquanto ela estivesse em Londres, porém estava extremamente difícil de aturá-la considerando os tortuosos dias que eu vinha tendo com frequência.

Apoiei a cabeça entre minhas mãos e tentei esvaziar minha mente ao máximo. A verdade era que eu não estava conseguindo apagar da memória a imagem do Benson entre as coxas da Millie. Meu estômago estava retorcido e sentia-me traído, o que era ridículo. Egoísmo da minha parte. O telefone da minha mesa tocou e atendi rapidamente.

— *Diga...*

— *O senhor Jared está vistoriando algumas das unidades subsidiarias, senhor Nathan* — minha secretária falou. — *Porém deixei recado para que procurasse o senhor assim que possível.*

Cocei a cabeça, frustrado.

— *Ótimo*.

Desliguei e levei as mãos ao rosto, esfregando-o.

Uma batida na porta chamou minha atenção.

— Entre.

Mark colocou a cabeça por entre a porta semiaberta.

— Está ocupado? — Quis saber.

Verifiquei meu relógio enquanto me recostava na poltrona.

— Tenho uma infinidade de documentos para analisar, porém não estou conseguindo me concentrar em nada — queixei-me. – Sem falar na reunião que terei daqui a pouco para falar sobre as mudanças que farei na sede da empresa e também nas filiais. — Revirei os olhos.

Mark caminhou até minha mesa e me encarou com curiosidade.

— Isso é algo inédito. — Brincou. — Nem ouso perguntar o motivo da sua distração.

Travei o maxilar e me irritei ainda mais.

— Apenas cansaço — resmunguei.

Mark soltou uma risada sarcástica. Observei a perfeição dos seus traços e lutei contra o desejo de socar seu nariz e deixar algumas marcas. Queria apagar aquele sorrisinho arrogante.

— Está certo. — Revirou os olhos como se não acreditasse realmente. — Trouxe alguns contratos e necessito de suas assinaturas — comentou repousando as pastas sobre a mesa. — A propósito, fiquei sabendo que Joseph parece estar lutando para reaver alguns de seus bens.

Um sorriso arrogante abrilhantou meus lábios.

— Ele ainda continua em Nova York?

— Não tenho certeza, apenas descobri movimentações suspeitas. Ele acumulou muitos contatos e está buscando obter apoio deles ao que me parece.

Soltei um suspiro de desdém.

— Eu que consegui os melhores contatos para aquele infeliz — murmurei, a irritação sendo transmitida através do meu tom de voz. — Enquanto ele gozava de jubilo, eu ficava nas sombras sendo o burro de carga.

Mark me encarou de uma forma desconcertada.

— Nunca entendi o que o levou a roubar Joseph, considerando que ele lhe entregou toda a sua confiança e o cargo de maior valor e em tão pouco tempo. De gestor de finanças você se tornou praticamente o vice-presidente da *Evan's Enterprise,* Nathan. — Notei um resquício de indignação em seu tom. — Era o braço direito dele

Juntei as mãos e agitadamente tracei círculos com os polegares. Franzi o cenho com o peso das recordações que me abateram enquanto deixava o silencio tomar conta da sala.

— Ele mereceu. — Ergui os olhos para ele. — Mereceu tudo o que eu fiz e merece muito mais. — Deixei todo o meu rancor escorrer através da minha voz. — Ele fez do meu passado, um tormento. Acabou com minha família e sequer teve ressentimentos.

Mark coçou a garganta e pareceu engolir em seco enquanto tentava assimilar minhas palavras.

— Perdão, mas eu não fazia ideia... eu

— Sem problemas — interrompi seus balbucios. — Eu não deixei nada claro realmente. — Baixei os olhos para a mesa e não resisti em sorrir com a lembrança que clareou em meus pensamentos. — Na verdade, nem ele sabe o que verdadeiramente me levou a fazer tudo isso.

— Nem sei o que dizer, Nathan. — Soltou um suspiro. — Para ser sincero, não devo me meter em sua vida e decisões.

— Agradeço por isso.

— Bom, vou ficar de olho nas tentativas de transações suspeitas e qualquer movimentação estranha, eu comunico a você.

Concordei com a cabeça e joguei o corpo para trás, recostando-me na poltrona macia.

— Deixe os contratos que logo os lerei. Assim que estiverem assinados, pedirei para a secretaria levá-los à você.

Constrangido, ele se levantou e apressadamente pediu licença antes de sair da sala, deixando-me sozinho com minha raiva, frustração e

ressentimentos.

Levantei e segui para o bar. Minha boca estava seca, necessitava anestesiar—me por dentro. Ansiava que a bebida me ajudasse a clarear aquela bagunça de sentimentos e emoções contraditórias.

Um clique na porta denunciou que alguém entraria a qualquer momento em minha sala. Prestes a mandar a pessoa dar meia volta, pois queria ficar sozinho, me virei e travei no lugar.

Apoiei-me na bancada com medo de cair com o choque.

— Millie? — minha voz saiu quase esganiçada, o que me fez coçar a garganta constrangido. — O que faz aqui?

Ela fechou a porta com uma tranquilidade torturante e sequer deixou de me encarar com aqueles olhos azuis, tão intensos quanto eu me lembrava.

Completamente sedutora seguiu até mim com uma determinação desconcertante e pela primeira vez não soube como deveria agir.

O que estava acontecendo comigo?

— Vim reaver o que você roubou do meu pai. — Sua voz soou aos meus ouvidos como um balsamo. Fechei os olhos na intenção de deixar que me invadisse aos poucos. — Na realidade, você roubou de mim, não é mesmo Nathan?

Abri os olhos e a encontrei diante de mim. Estava linda. Cabelos soltos em camadas e aqueles belos olhos me encarando com intensidade.

— De você?

— Eu sou a herdeira, não sou? — replicou sarcasticamente. Uma de suas mãos ergueu-se para deliberadamente repousar em meu peito, deslizando lentamente fazendo-me sentir seu calor. — Você em algum momento pensou em mim, Nathan? No que eu sentiria ou em como eu enxergaria tudo isso? — Ela passou a desabotoar minha camisa e sensualmente tocou a pele do meu peito. Soltei um gemido estrangulado quando senti o raspar de suas unhas.

— Penso em você todos os dias e a todo o momento, mesmo negando a mim mesmo — confessei, observando todos os movimentos dela.

— Verdade? — indagou com uma expressão zombadora. — E quanto a Verônica? Você a come pensando em mim também? Hã?

Apertei os punhos contra a beirada do balcão e busquei uma respiração profunda. Ela havia se inclinado e sua língua passeou suavemente em meu peito se atentando em meu mamilo. Primeiro em um, depois no outro.

O perfume de seus cabelos, assim como seu próprio cheiro natural, inundaram minhas narinas. A reação do meu corpo a ela foi instantânea e me vi duro e dolorido entre as pernas.

— O que você quer de mim, Millie? — Engasguei com a própria voz. Não aguentaria muito tempo sem tocá-la.

Ela ergueu o rosto e espremeu nossos corpos me fazendo sentir seus mamilos enrijecidos. Sua boca pairou sobre a minha e senti entorpecido o toque macio de sua língua.

— O seu sofrimento — sussurrou pegando meu lábio inferior e o sugando, prendendo-o com seus dentes. — Quero ver o seu arrependimento. Você está arrependido, Nathan? — Sua pequena mão se fechou em minha nuca, nossas testas quase unidas. Eu conseguia sentir o doce aroma de sua respiração.

Meu coração estava galopando em meu peito e a presença de seu corpo delicioso tão próximo do meu estava dificultando minha linha de raciocínio. Eu sequer conseguia pensar com clareza e somente piorou quando ela encaixou nossos lábios.

Imagens dela com Benson ameaçaram invadir minha mente, porém não permiti que me importunassem. Não naquele momento, não quando eu a tinha novamente em meus braços.

— *Minha criança*... Minha... — sussurrava feito um alucinado.

Enlacei sua cintura e a apertei com possessividade. Desci a boca por seu queixo e fui seguindo por seu pescoço esbelto. Ela era tão linda. Tão perfeita e deliciosa.

E o que eram aqueles gemidos?

— Isso... — sussurrei mordendo o lóbulo de sua orelha. — Geme para

mim... — Esfreguei meu rosto em sua pele como um desesperado. — Seus gemidos devem ser meus...

A risada debochada que ela soltou me despertou. Tropecei em meus próprios pés quando senti-me sendo empurrado para longe dela. Fui afastado do aconchego de seu corpo quente.

Fechei e abri os olhos diversas vezes. Na quinta vez comecei a rir, logo em seguida a risada tornou-se uma gargalhada alta, porém amarga.

Percebi que nada daquilo aconteceu, havia sido tudo fruto da minha imaginação. Eu continuava parado e sozinho naquela sala.

Coloquei a mão na boca e a mordi, escondendo a vontade de gritar e de xingar. O desequilíbrio em relação à Millie estava começando a me preocupar e tornando meu controle enfraquecido. Estava enlouquecendo.

Entornei o copo de bebida que estava intacto em minha mão e dei boas-vindas para aquela sensação de queimação em minha garganta. Era o que eu precisava para tentar restabelecer meu domínio.

Disposto a retornar à minha mesa e lutar para conseguir concentração no trabalho, eis que a porta novamente foi aberta de maneira abrupta. Entretanto, daquela vez não se tratava de um fruto da minha imaginação, miragem ou algo do tipo. Era a intrometida da Verônica.

— Não a quero aqui — rosnei sem dar tempo de ela abrir a boca para falar qualquer coisa que fosse.

— Nathan, eu...

— Saia! — Não evitei o tom exaltado. Eu não estava com condições e paciência para qualquer coisa que fosse, meu desejo era de ficar sozinho. Era melhor para mim e seria melhor para todo mundo.

Seus olhos se arregalaram, mas mesmo assustada com minha reação não se moveu do lugar.

Completamente movido pela raiva fui até ela e a segurei pelo braço. Grosseiramente abri a porta e a arrastei para fora. Minha fúria estava em um nível assustador.

— Nathan! — gritou do lado de fora. — Deixe-me entrar, por favor.

Recostei-me na porta buscando respirações curtas. A voz dela me irritava, tudo nela estava me irritando, aliás, a minha vida estava me dando nos nervos.

— Nathan? — chamou e deu duas batidinhas.

Por impulso, me afastei da porta e a puxei para a sala novamente. Prensei seu corpo contra a porta e a encarei com raiva. Ela estava assustada e nervosa, porém sua excitação era evidente para mim.

— Nath...

— Quieta! — cortei-a.

Segurei seus cabelos e forcei sua cabeça para o lado. Ao roçar meus lábios em sua pele percebi que a mesma se arrepiou. Tentei encontrar o mesmo aroma cítrico da Millie, mas não obtive sucesso, frustrando-me ainda mais.

Com firmeza a empurrei até o sofá de canto e a fiz virar contra o encosto. Por alguma razão, eu não queria vê-la e muito menos beijá-la.

Verônica empinou o bumbum e sem eu pedir ergueu a barra do vestido exibindo sua nudez.

Com os dedos enrolados em seus cabelos eu a puxei para cima, fazendo-a gemer com o provável desconforto.

— Era isso o que você queria, não era? — indaguei lambendo e mordendo seu pescoço e orelha. — Veio para que eu a pegasse de jeito... nem calcinha está usando... Safada!

Ela gemeu alucinada e rebolou desavergonhadamente contra mim. Rasguei um envelope de camisinha e rapidamente me preparei. A adrenalina ainda estava correndo em minhas veias e sequer tinha noção do que realmente estava fazendo. No fundo eu só queria me livrar daquela sensação ruim que me abatia desde a noite anterior. Ansiava esquecer Millie e tudo o que ela podia significar para mim.

Empurrei o quadril para frente e sem nenhuma cerimônia, a penetrei. Espalmei uma mão no meio de suas costas e forcei seu corpo para baixo fazendo-a ficar totalmente empinada.

— Ai, Nathan — reclamou irritada.

No momento seguinte ergui uma de suas pernas deixando-a arreganhada para mim. Minha penetração a fez suspirar, calando quaisquer xingamentos que pudesse ter.

— É somente isso o que terá de mim, entendeu? — indaguei em um rosnado. Sacudi a cabeça para espantar a imagem da Millie da minha mente. — Eu não possuo laços com ninguém, porra!

Verônica encarou-me por cima dos ombros com os olhos semicerrados. Sua boca estava levemente aberta evidenciando sua excitação.

— É somente do seu pau que eu gosto — gemeu ensandecida, empurrando o bumbum de encontro às minhas investidas. — Seu estúpido, grosso!

Gargalhei alto e inclinei meu corpo, o que a fez gritar com a pressão que eu fiz em sua pélvis com o movimento.

— Então, tome o grosso, sua vagabunda. — Investi com força contra ela.

Isolei a parte onde minha consciência gritava comigo, acusando—me sobre aquela situação. Eu era um homem livre e portanto, tinha o direito de comer quem eu quisesse.

Capítulo 11

Millie Evans

O cair da noite estava extremamente agradável, apesar de eu estar com uma leve dor de cabeça. Eu tinha consciência de que havia muitos motivos para me sentir péssima, mas respirei fundo e não me deixei levar pelos problemas ou ressentimentos.

Levei a tigela com a pipoca que eu recém havia preparado para a sala e ansiosamente aguardei a Lauren chegar. Eu me sentia aflita e agoniada. Precisava desabafar com alguém.

Com os pés encolhidos sobre o sofá, liguei a televisão e peguei meu celular. Não havia mensagens ou ligações, apenas a imagem da minha falecida mãe abrilhantando o visor do meu celular.

O que eu esperava, afinal?

Irritada joguei o aparelho em um canto e me curvei, enfiando a mão na tigela da pipoca.

Enquanto assistia um canal de notícias locais, lembrei-me do meu pai. Não conseguia entender aquele sumiço repentino dele, minha preocupação aumentava a cada dia e doía não obter uma misera ligação da parte dele. No fundo era como se ele sequer se preocupasse comigo enquanto eu me debulhava em lagrimas quase todos os dias.

Enquanto refletia sobre meus questionamentos ouvi o barulho da campainha. Corri para a porta e a abri me deparando com Lauren em toda a sua elegância.

— Oi — cumprimentei-a com alegria, apertando-a em um abraço. — Estava com muitas saudades.

— Oh, eu também — murmurou deixando um beijo em minha bochecha.

Abri espaço e a puxei para dentro do apartamento fechando a porta logo atrás de nós.

— Avisei Paolo que dormirei aqui. Posso?

Um sorriso enorme se instalou em meus lábios e vibrei de alegria.

— Mas é claro que pode, sua boba — murmurei animada. -- Vem, vamos para a sala. Fiz pipoca para nós.

Encaminhei-nos para a sala e entre brincadeiras e risadas, nos acomodamos confortavelmente no sofá.

— Como você está? — Quis saber me olhando com expectativa. — Os últimos dias foram corridos lá em casa, Paolo e eu nos ausentamos bastante.

Inclinei-me e peguei a tigela da pipoca deixando-a em nosso meio.

— Estou me ocupando bastante com meu novo emprego — respondi. — Meu patrão é um senhor de meia idade, um pouco ranzinza às vezes, mas nos entendemos bem. — Sorri ao me lembrar. — Bom, consigo me ausentar da triste realidade onde fui enganada pelo homem que amei e praticamente abandonada pelo meu pai.

— Você ainda não soube do seu pai?

Comi algumas pipocas antes de responder.

— Inusitadamente, descobri através do Nathan, que ele está em Nova York.

— Nova York?

— Também achei estranho. — Suspirei. — Na verdade, eu jurava que Nathan havia sumido com ele, inclusive o acusei disso.

— Nathan não seria capaz de uma barbaridade dessas, Millie.

— Como pode ter certeza? — indaguei prontamente. — Eu não o conheço, e você? — Ela tornou-se silenciosa. — Infelizmente não sabemos do que ele pode ser capaz.

— Droga! Não gosto da sensação de ter de concordar com isso. — Soltou um suspiro sofrido.

— Eu sei — murmurei em tom baixo.

— O que realmente está te incomodando? — perguntou, como se percebesse uma tensão diferente emanando do meu corpo.

— Sei lá, estou me sentindo estranha. — Suspirei baixinho. — Ontem compareci a uma reunião da *Veiled*...

— O que? — cortou-me com o tom de voz elevado.

— Estive na reunião com o Benson e nós transamos.

— Não! — exclamou pasma.

Arquejei enquanto baixava o olhar para meu colo.

— E tem mais... — continuei sem jeito.

Inclinando-se ela se ajeitou um pouco mais próxima.

— Como assim, mais?

— Nathan estava lá e como todos os nossos encontros são tensos, esse não foi diferente. Brigamos, gritamos um com o outro e eu acabei o esbofeteando. – ergui meus olhos e a encarei firme. Ela estava com a mão na boca, completamente atônita. – Ele Observou Benson me fodendo, Lauren. Você tem noção disso? E de como estou me sentindo?

Lauren esfregou o rosto e voltou a me encarar, seu olhar estava surpreso e desnorteado.

— Céus! — exclamou com voz estrangulada.

— Benson não me obrigou a nada. Eu estava consciente de tudo o que fazia ou deixava de fazer. Sabia perfeitamente que estávamos sendo assistidos por outras pessoas e dentre elas, Nathan.

— Isso parece ser surreal, Millie. Não consigo sequer imaginar a reação que ele teve — falou de modo pensativo. — Deve ter ficado louco.

— Ele ficou apenas observando — murmurei lembrando-me da sensação do olhar dele sobre nós. — Naquele momento eu agi movida por uma sensação que me aquecia e fortalecia. Queria feri-lo, sabe? Ansiava que ele sentisse um pouco do que eu senti quando o peguei com a Verônica.

— Eu entendo perfeitamente. Você se deixou levar pelas emoções e deixe-me adivinhar... Agora está arrependida, acertei?

Respirei profundamente e soltei o ar aos poucos. Desliguei a televisão e me foquei na parede a nossa frente.

— A questão não é essa, Lauren. Gosto de ficar com Benson e ele é um excelente amante, sabe certamente como seduzir e acariciar uma mulher.

— Certo. Então qual é o problema?

— A forma como estou me sentindo — murmurei com angustia. — Sei lá, sinto como se eu me tornasse uma mulher sem valor, sem conteúdo. O que Nathan enxergou em mim, Lauren? O que Benson enxerga em mim?

Surpreendi-me quando senti meus olhos embaçarem por algumas lágrimas. Aliviei-me quando fui envolvida em um abraço forte e me vi aconchegada ao colo de Lauren.

— Sou apenas um corpo? Não sou capaz de despertar algo além do desejo em um homem, Lauren?

— Pare com isso! Chega de se autodepreciar, por favor — pediu enquanto acariciava meus cabelos.

— Você tem noção do que foi descobrir pela boca do cretino do Nathan que meu pai está em Nova York? Meu pai nem se deu ao trabalho de me ligar para me tranquilizar — choraminguei. — Nem mesmo ele, me ama a esse ponto.

— Cale-se, Millie. — Alterou-se e fechei os olhos. — Chega desse autoflagelo pelo amor de Deus. Você é uma das mulheres mais fortes que tive o prazer de conhecer, apesar de toda a barra que está enfrentando. É bela, sim, mas não somente por fora. A maior beleza encontra-se aqui. — Tocou em meu coração por cima da blusa. — Não se deixe enganar, nem por você mesma. Entendeu?

Mais lágrimas rolaram por meu rosto e me aconcheguei melhor em seu colo.

— Entendeu, Millie?

— Entendi. — Minha voz soou como um murmúrio.

— Isso é bom.

¥

Os dias foram passando e gradativamente minhas forças e meu ânimo retornando. Meu coração ainda estava quebrantado, porém estava mais fácil de esconder, isolando minha dor.

Meu relacionamento com Benson continuava no mesmo patamar,

entretanto ele conseguia perfeitamente preencher o enorme vazio que eu carregava no peito, pelo menos momentaneamente.

Distrai-me com a vibração do celular em meu bolso e ao olhar para o visor percebi que se tratava de uma ligação restrita.

— Nathan! — sussurrei, consciente de que era ele a me importunar.

— Quem é Nathan?

Arquejei com o susto e não segurei o grito agudo, rapidamente cobri a boca com ambas as mãos tomando o cuidado de não derrubar nenhuma peça de porcelana na qual eu estava organizando nas prateleiras.

Meu coração encontrava-se aos pulos e quase não conseguia focalizar o gigantesco homem parado à minha frente.

— Perdoe-me se a assustei — murmurou, com um leve sorriso. Observei hipnotizada quando ele entrou na loja fechando a porta atrás de si. — Às vezes não resisto a tentação de agir feito um menino levado. — Brincou, seu tom de voz ameno.

Segurei a vontade de franzir o cenho, confusa com suas palavras, considerando que seu visual não condizia com sua aparente idade. Seus cabelos eram extremamente negros e repousavam em seus ombros contrastando com alargadores em suas orelhas. Uma exuberante tatuagem ornamentava seu bíceps, começando do pescoço e se perdendo pelo restante do braço. Havia piercings em suas sobrancelhas, lábios e nariz. Suas roupas eram despojadas, deixando-o estiloso e com um ar de mistério muito sedutor.

— Apesar de estar apreciando sua inspeção, *pequena sedutora*, me sentiria mais confortável se tivesse sua atenção em meus olhos.

Meu rosto queimou de constrangimento e tive que me concentrar para encontrar minha voz.

— Oh, meu Deus! — Minhas bochechas ruborizaram. — Me desculpe, é que eu... eu...

— Tudo bem, *pequena* — ele interrompeu meu diálogo patético. — Me chamo Franklin e ao que tudo indica, sou seu segundo chefe.

Esfreguei a mão suada e fria em meu jeans e apertei sua mão estendida.

— É um prazer finalmente conhecê-lo. — Tentei sorrir, apesar do constrangimento. — Realmente sinto muito pela minha deselegância agora a pouco.

Ele repousou a outra mão sobre a minha gentilmente.

— Não ligue para isso. Estou acostumado com olhares curiosos sobre mim.

Sorri sem jeito.

— Eu gosto do seu estilo.

Os olhos dele brilharam com orgulho abundante.

— Obrigado.

Deixei minha mão cair ao lado do corpo e o observei se afastar enquanto olhava ao redor da loja com admiração.

— Onde está John? — questionou ainda de costas.

— Ah... Ele precisou sair para resolver algumas pendências.

Ele se virou com um olhar crítico e me analisou por alguns instantes, até que sorriu mostrando seus dentes perfeitamente brancos.

— Você deve ser uma boa funcionaria. — Observou com olhos críticos. — Meu irmão não deixaria a loja sob supervisão de qualquer pessoa.

— Sendo assim, fico feliz por estar sendo digna de tamanha confiança. — Expressei minha gratidão em um sorriso contido. — O mundo da arte me fascina de todas as formas e independe de ser em quadros ou pequenas peças exclusivas.

Mais uma vez ele abriu um sorriso aberto para mim.

— Vou te confessar um segredo — murmurou em tom baixo. — Eu sequer entendo dessas coisas. — Apontou ao redor com certo tédio fazendo-me sorrir. — Prefiro ficar com a parte burocrática.

Fiquei o encarando com divertimento.

— Você não me parece ser do tipo sensível mesmo. — Brinquei, movida pela forma despojada com a qual ele deixava a situação.

— E não sou — comentou seguindo para os fundos da loja. — Como pode ver, sou praticamente a ovelha negra da família.

Gargalhei alto enquanto o seguia.

— Admiro as pessoas que não se deixam levar pelos pensamentos dos outros. Estou começando a aprender a administrar isso na minha vida.

Ele parou e me concedeu um olhar significativo.

— Tomar as próprias decisões é libertador.

Analisei suas palavras por um momento e abri um sorriso. Não deixava de ser verdade.

Mais tarde naquele mesmo dia, tinha acabado de sair do banho e estava prestes a preparar algo para comer quando meu telefone tocou. O dia tinha sido recheado por ligações restritas e eu sabia que eram do Nathan.

Ignorei, assim como fiz com as outras e me cobri com o robe. A noite estava agradável e o frescor em meu corpo muito bem-vindo.

Diferente dos outros dias, esse havia sido diferente na presença do Franklin. As horas passaram rapidamente e me peguei gargalhando em várias ocasiões, o que era um avanço considerando meu histórico recente. Enfim estava conseguindo separar meus ressentimentos, isolando-os em um compartimento e me permitindo sorrir livre, sem peso algum em meu coração.

Soltei um sorriso em lembrança das pequenas brincadeiras do Franklin, ele estava beirando aos sessenta anos, porém insistia em parar no tempo, não aceitando a carga que os anos nos deixam.

No fundo, eu o invejava por sua força, era lindo enxergar aquela aura de pura liberdade emanando dele. Sem culpa ou medo. Apenas vontade de viver os próprios sonhos, sem depender da vontade ou opinião de ninguém.

Por que era tão difícil eu agir assim também?

Caminhei até a alta janela do quarto e a abri, deixando que a leve brisa inundasse o ambiente e me banhasse com seu frescor. Fechei os olhos brevemente e toquei meus lábios ao me recordar do beijo que Nathan me roubou na mansão. A sensação havia sido tão incrível e poderosa. Havia

tantas palavras não ditas expressas ali, tanto sentimento reprimido. Droga! Eu ainda o amava com a mesma intensidade que o odiava e era aquilo que estava me matando dia após dia.

Novamente meu celular voltou a tocar e com extrema irritação o peguei. Amenizei a expressão quando verifiquei o visor e enxerguei o nome da Lauren na tela.

— *Oi Lauren.* — Atendi, enquanto me ajeitava entre os travesseiros da cama.

— *Estava ocupada? Liguei um pouco antes, mas caiu na caixa postal.*

— *Ah, era você?* — indaguei, pensativa. — *Pensei que era outra pessoa...*

— *Quem?*

Não segurei a risada.

— *Curiosa!*

Foi a vez de ela sorrir.

— *Certo. Não irei me prolongar muito* — murmurou. — *Estou ligando para te convidar para uma festa.*

— *Que festa?* — perguntei franzindo a testa.

— *Do meu aniversário.*

Joguei o corpo para a frente em completa surpresa.

— *Não acredito, Lauren!* — exclamei atônita. — *Como você não me avisou sobre seu aniversário?*

Ouvi sua risada alta do outro lado da linha.

— *Acabei de fazer isso, Millie* — respondeu entre risos. — *Faço amanhã, mas Paolo quer realizar a festa no domingo. Na verdade será apenas um jantar aqui em casa para os amigos.*

— *Não me conformo de você não ter me falado antes.*

— *Deixa de ser boba.*

— *Amanhã eu irei na sua casa depois do trabalho.* — Sorri feliz.

— *Vem sim* — gritou eufórica. — *Você pode me ajudar com os preparativos do jantar, que tal?* — mordi os lábios e fiquei pensativa por alguns instantes. — *Millie?*

— *Estou ouvindo.*

— *Você pretende comparecer ao jantar não é?* — Soltei um suspiro frustrado. — *Infelizmente ele virá, não poderei excluí-lo da lista. Paolo o adora.*

— *Tudo bem, Lauren*. — Minha voz saiu em um gemido. — *Nathan é amigo de vocês, é natural ele ir.*

— *Mas não permitirei que ele traga nenhuma vagabunda para dentro da minha casa* — falou com tom raivoso fazendo-me sorrir. — *Gosto de você como uma irmã, mas não quero lhe causar desconforto, viu? Sinta-se à vontade para não vir, vou entender perfeitamente.*

Fechei os olhos e me recordei das palavras do Franklin mais cedo:

"— Tomar as próprias decisões é libertador."

— *Jamais deixaria de te prestigiar por causa da presença daquele cretino, Lauren. Nossa amizade em primeiro lugar.*

O grito eufórico e emocionado que ela deu foi ensurdecedor. Afastei o telefone do ouvido e sorri pelo seu escândalo, sequer conseguia entender um por cento do que ela falava.

— *Vou esperá-la amanhã, então*. — Escutei instantes depois. — *Toma café comigo?*

— *Combinado* — falei sorrindo.

Encerrei a ligação com um suspiro. Peguei-me com os olhos fixos no visor, ansiando por algo que tinha pavor de descobrir o que era.

Joguei o celular na cama e me forcei a voltar para minha realidade. Fora dos sonhos e contos de fada que ainda insistiam em tentar me atrair.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 12

Millie Evans

Havia acabado de estacionar no jardim da casa da Lauren quando meu telefone vibrou em minha bolsa.

— *Oi Adam.* — Atendi.

— *Millie...* — Sua voz soou extasiada. — *Estou em seu apartamento, onde você está?*

Abri a porta do carro e desci olhando ao meu redor.

— *Acabei de chegar na casa da Lauren.* — Ouvi um suspiro frustrado do outro lado da linha. — *Você não me avisou que viria me ver.* – expliquei.

— *Estou há dias querendo vê-la, Millie, aliás, anseio vê-la todos os dias e a todo o momento.* — Revirei os olhos em exaustão. — *Mas, consegui uma vaga de emprego e estou trabalhando direto.*

— *Isso é maravilhoso, Adam* — murmurei sincera. — *Se quiser, marcamos uma saída no próximo final de semana. Que tal?*

— *Você quer?*

Sorri do seu entusiasmo.

— *Somos amigos, Adam. Gosto de você, esqueceu?*

— *Não esqueço.*

Meus olhos se fixaram na entrada de um carro na área do jardim da casa. Recostei o corpo no meu carro.

— *Nos falamos no meio da semana, Adam* — murmurei, meu olhar expectante para o dono daquele carro que havia acabado de estacionar ao lado do meu. — *Chegarei um pouco tarde hoje.*

— *Tudo bem* — falou em tom baixo. — *Divirta—se.*

— *Obrigada, Adam.*

No momento seguinte me deparei com Nathan saindo do carro. Arregalei os olhos enquanto desligava o celular. Meu corpo estava enrijecido, porém com um resquício ridículo de expectativa com a leve proximidade.

Escorreguei para o lado oposto, disposta a me livrar de um possível impasse, entretanto ele segurou-me pelo braço. Debati-me imediatamente para afastá-lo, mas suas enormes mãos me mantiveram no lugar facilmente. Desesperei-me quando ele colou o corpo no meu, prensando-me contra o carro.

Ele ainda não tinha falado nada, sequer abria a boca. Seus olhos encontravam-se férreos sobre os meus. Nublados de raiva, rancor e um desejo ardente que estava começando a me queimar.

— Solte-me — exigi com a voz falha.

Seus olhos desceram automaticamente para o movimento dos meus lábios e senti minha respiração frenética.

— Era para eu estar te odiando. — A voz dele saiu carregada de rouquidão. — Mas existe algo em você que me fascina, me inebria — pausou erguendo aqueles olhos para mim. — Por que você faz isso?

— Não me culpe por suas loucuras. — Forcei o corpo para empurrá-lo, mas foi em vão. — Agora faça o favor de se afastar de mim. Pensei ter sido suficientemente clara quando exigi que nunca mais se aproximasse ou sequer me tocasse.

— Por que?

— Porque não suporto ter suas mãos novamente em mim — respondi fazendo-o me encarar com semblante quase negro.

Lentamente ele se afastou e sorrateiramente me segurei no capô do carro para me equilibrar. Felizmente, consegui não transparecer meu nervosismo.

— Você está com medo — acusou. — Consigo farejar aquele mesmo receio de quando a conheci. — Sorriu arrogante.

Respirei fundo e de modo firme me ajeitei em meus calcanhares. Escondi todo o meu desconforto e o encarei nos olhos.

— O meu único medo é de não conseguir fazê-lo pagar por todo o sofrimento que causou ao meu pai e principalmente a mim. — Usei um tom raivoso. — Torço para que se não for eu a fazer isso, que venha ser a vida.

O maxilar dele trincou e ele ameaçou se aproximar de mim, porém me afastei bruscamente de seu alcance.

— Aceito a sua revolta, *minha criança* — sussurrou, enquanto me encarava com intensidade. — Só peço que não se engane quanto ao seu precioso pai, ele não é tão bonzinho quanto pensa.

Dizendo isso, ele se virou e começou a caminhar na direção da porta de entrada. Pisquei algumas vezes tentando entender o que tinha acabado de acontecer ali. Minhas mãos estavam trêmulas, assim como meu corpo inteiro. Quem ele pensava que era, afinal?

Reunindo toda a minha raiva acelerei o passo e avancei contra ele. Puxei seu braço com estupidez, o que o fez me encarar com os olhos arregalados.

— O que o faz tão certo sobre a negatividade da índole do meu pai? Quem é você para julgá-lo, afinal? O que o torna tão diferente dele, uma vez que você usou de má índole? Responda-me, cretino!

Um brilho sinistro pairou sobre seus olhos e prestes a responder, foi interrompido.

— Millie?

Virei o rosto para a porta de entrada e me deparei com Lauren nos encarando com curiosidade, mas havia certa preocupação também.

Engoli em seco e me afastei do Nathan evitando olhá-lo de novo. Rapidamente, Lauren se aproximou e olhou de mim para ele simultaneamente.

— Está tudo bem por aqui? — indagou cautelosamente.

— Considerando que quase fui atacado minutos atrás, estou bem. — Não acreditei quando ouvi aquelas palavras da boca dele. — Espero que tenha apreciado meu presente à você, minha querida. — Amenizou o tom de voz ao se aproximar de Lauren.

Cruzei os braços sobre os seios e fiquei analisando a mudança drástica de humor, parecia que eu estava presenciando outra pessoa em minha frente.

— Apreciaria se suas atitudes fossem outras Nathan, mas agradeço o

presente mesmo assim. — Lauren decretou com olhar quase zangado. — Entre, por favor. Paolo o está esperando.

Desviei o olhar enquanto ele se afastava. Meu autocontrole estava totalmente destruído e aquilo não era bom, bastava eu vê-lo para que desmoronasse todas as barreiras que eu conseguia erguer com tanto custo.

— Millie? — Lauren tocou em meu ombro. — Você está bem?

Respirei fundo e busquei suas mãos, apertando-as com força.

Eu não estava nada bem, somente o fato de ter que ficar no mesmo local que Nathan, já abalava por completo toda a minha estrutura. Deveria ter preparado-me psicologicamente para aquela festa, todavia que eu estava ciente sobre aquilo.

— Vou ficar. — Fechei os olhos. — Nathan, ele... Me sinto sem forças quando ele está por perto, entende? Ele consegue expor o pior de mim. Desarma-me.

Ela me olhou compreensiva e suspirou de leve.

— Vamos entrar. — Puxou-me enquanto seguíamos para o interior da casa. — Tenho certeza de que precisa de uma bebida forte para relaxar.

— Você sabe que não sou boa com bebidas. — Brinquei.

Ela me olhou sorrindo.

— A propósito, você está um arraso. — Seu olhar exalava luxuria ao me analisar de cima abaixo. — Certamente que Nathan terá uma noite difícil pela frente.

Gargalhei alto, porque a minha não seria diferente.

¥

— Ora, vejam só se não é a Millie Evans. — Uma voz familiar interpôs-se a conversa que eu estava tendo com Nora e Samantha.

Virando-me , encontrei o rosto austero de Max. Ele parecia feliz, embora não muito surpreso, em me ver.

Levantei do sofá e o cumprimentei com um abraço gentil. Senti suas mãos espalmarem em minhas costas, um longo arrepio me atravessou.

— É bom revê-lo também — murmurei enquanto voltava a me sentar.

Por alguns minutos permaneci conversando com eles. Para meu alívio, eles estavam tornando as coisas fáceis. Sem se referir diretamente ao meu fadado relacionamento com Nathan, Max confidenciou que estava feliz pelo fato de que eu parecia estar seguindo em frente.

Quando eu estava começando a contar sobre meu novo emprego, o telefone de Samantha tocou. Desculpando-se, com um sorriso desajeitado, ela apressou-se para atender a chamada em um lugar mais reservado. Nora observando que sua taça de bebida estava vazia se levantou.

— Gostaria de outra bebida também, Millie? — perguntou.

Observei minha taça e sorri em agradecimento enquanto confirmava:

— Por favor.

Pisquei algumas vezes, podia sentir minha visão um pouco embaçada. Eu gostava daquela sensação de entorpecimento que o álcool deixava no corpo. Assustei-me quando Max sentou-se ao meu lado, perto demais para falar a verdade. O jantar ainda não tinha sido servido, mas eu sequer tinha fome.

— Fiquei sabendo que você está frequentando o grupo *Veiled* — comentou ele, em tom baixo. Não gostei da obscuridade escondida em sua voz e em seu olhar.

— Apenas curiosidade, nada mais — respondi evasiva. Fiquei nervosa de repente. Procurei Lauren com os olhos, porém ela parecia ocupada entretendo os outros convidados.

Pulei de susto quando Max repousou a mão em minha coxa desnuda.

— Estou mais do que pronto para senti-la abaixo do meu corpo, querida Millie — falou deixando-me enojada. — Adoraria ouvi-la gemer ensandecida enquanto a fodo feito um alucinado.

Impulsivamente, o estapeei e me levantei de modo agitado. Sequer me atentei ao redor e pouco me importava se tinha alguém nos observando. Naquele momento a raiva brotava de meus poros, misturada a decepção.

Atravessei a sala como uma bala de canhão e interceptei a Lauren no

caminho.

— Preciso ir agora — falei com o coração aos pulos. — Não estou me sentindo bem.

Vi quando ela arregalou os olhos e apoiou o braço abaixo do meu enquanto me levava para o corredor.

— O que aconteceu? Você está pálida.

Balbuciei algumas palavras, entretanto não conseguia raciocinar depressa. Minha cabeça estava latejando devido à bebida na qual havia exagerado e as malditas palavras do Max ficavam ecoando freneticamente em meus pensamentos.

— Está decidido, vou levá-la para casa — decretou impaciente.

— Não, Lauren. — Encontrei minha voz. — Não se incomode comigo.

Tropecei em meus próprios pés e tive que me apoiar na parede próxima para não cair.

— Olhe para você, Millie? Pelo amor de Deus! Parece embriagada e ainda por cima está me escondendo alguma coisa. Não minta!

Colei as costas na parede e levei as mãos ao rosto.

— Hoje a noite é sua, Lauren. Daqui a pouco o jantar será servido e não preciso levar a culpa por ter estragado algo tão especial para você.

Ouvi o som dos seus passos e logo ela estava diante de mim, segurando minhas mãos.

— O que aconteceu? Foi o cretino do Nathan?

Abri a boca para falar, mas fui interrompida.

— A palavra cretino combina comigo, mas nesse caso estou inocente, querida.

Nathan e Paolo tinham acabado de sair por uma porta no corredor, provavelmente era o escritório.

— Não confio em você nenhum pouco, Nathan — Lauren praticamente rosnou.

Eu estava zonza demais para sequer pensar em retrucar.

— O que está acontecendo amor? — Pela primeira vez, há muito tempo, escutei a voz de Paolo. Seu leve sotaque italiano bastante acentuado.

Lauren se colocou diante de mim e delicadamente passou os dedos em meu rosto.

— Millie não está se sentindo bem, parece um pouco tonta — respondeu me analisando. — Não pude ficar com ela o tempo todo, então não tenho certeza do que realmente aconteceu.

— Por que acha que aconteceu alguma coisa? — Nathan indagou, seu tom de voz me pareceu alarmado.

— Ela estava pálida demais quando veio até mim dizendo que iria para casa, mas como irei deixá-la ir sozinha e ainda dirigindo sendo que parece levemente embriagada?

— Eu a levo — disse ele.

Irritada me desvencilhei da Lauren e tentei seguir na direção da saída.

— Millie?

— Vou para casa sozinha, Lauren.

— Eu vou levá-la — Nathan insistiu.

— Cala a sua boca seu cretino! — gritei enraivecida, minha vista embaçando levemente conforme tentava focalizá-lo. — Não entendeu ainda, que de você eu quero distância?

Ele engoliu em seco e se afastou.

— Millie, querida. Eu acho que você não está em condições de ir dirigindo — Paolo comentou, irritando-me.

— Não me diga o que fazer! — Apontei o indicador para ele.

Virei em meus calcanhares e comecei a caminhar o mais rápido que pude. Já ao lado de fora inspirei fortemente o ar noturno e aquilo me inundou internamente, aliviando meus pequenos tremores.

Com dificuldade, consegui avistar meu carro e com mãos trêmulas passei a tatear o fundo da minha bolsa em busca das chaves. De repente

alguém me enlaçou pela cintura e me vi sendo prensada contra braços fortes.

— Encontrei você em um bom momento, não? Prontinha para ir para casa, ou melhor, para minha casa — murmurou, Max. Seu hálito exalava bebida, mas ele não parecia estar fora de si, estava muito consciente por sinal.

— Eu não... Por favor, me solte — balbuciei quase em choque. A ereção dele estava endurecida contra minha barriga.

— Por que? Não se interessa por mim?

Meu coração estava acelerado e estava começando a entrar em pânico.

— Não estou com vontade, Max. Peço que me solte, por favor. — Minha voz soou embargada.

As mãos dele desceram até meu bumbum e audaciosamente o senti apertá-lo com força, puxando-me contra sua ereção rígida.

— Prefere o pau daquele *preto* do Benson, não é? — Seu tom maldoso me enojou e comecei a tremer nos braços dele. — Desde a primeira vez que a vi na casa do Nathan em *Long Island*, eu a desejei. Enxerguei o quanto você é uma putinha, escondida nessa casca de boa moça.

Meu choro se intensificou enquanto tentava empurrá-lo balbuciando para que me deixasse em paz. Eu não sabia mais o que fazer, minhas forças estavam se esgotando, considerando que a reação do álcool em meu sangue ainda estava bastante forte.

Lutava para afastar a boca de suas tentativas de me beijar quando, de repente, Max foi arrancado de mim bruscamente e com o desequilíbrio fui derrubada no chão. A adrenalina não me fez sentir a dor em meus joelhos ralados, pois minha preocupação em me ver livre daquela situação desesperadora, era imensa.

Fiquei completamente absorta em me levantar e sair dali, que nem conseguia discernir o que acontecia ao meu redor. Levantei-me com muito esforço e cambaleei até meu carro, porém tive dificuldades para encontrar minhas chaves.

Um toque em meu ombro me fez estremecer o corpo inteiro e chorei com ainda mais desespero.

— Por favor, me deixe ir... — gemi ainda de costas.

Fui abraçada com gentileza e suavemente fui virada de modo a ver quem estava diante de mim.

— Está tudo bem agora, sou eu — Nathan sussurrou, acariciando meu rosto. Delicadamente enxugou minhas lágrimas.

Olhei ao redor e diante dele, Max estava cambaleando na direção do próprio carro.

Estremeci.

— Ele... ele queria... — Meu rosto contorceu-se com novas lágrimas. Nathan me puxou contra si, embrenhando os dedos em meus cabelos. O coração dele estava tão acelerado quanto o meu.

— Eu dei uma lição nele — murmurou, massageando minhas costas e braços simultaneamente. — Agora vamos, vou levá-la para casa.

Respirei profundamente e me afastei de seu corpo quente. Seu perfume me inebriando ainda mais do que eu já estava. Em um surto de realidade o empurrei.

— Não se aproxime de mim — soprei rispidamente. — Cretino! Traidor!

— Já chega! — gritou alterado, assustando-me. — Pouco me interessa o que você pensa ou deixa de pensar de mim, garota. Porém não irei deixá-la dirigir sozinha nesse estado de embriaguez e extremo temor.

Abracei a mim mesmo e encarei aqueles olhos férreos. Havia tanta intensidade neles que tive falta de ar.

— Não farei nada, Millie — continuou com um tom mais ameno. — Droga! Eu só preciso me certificar de que estará em segurança.

O quão irônica eram aquelas palavras? Tive vontade de rir.

— Nem vou comentar o quanto isso soa ridículo vindo de você, Nathan — sibilei irritada. — Chega a ser irônico. — Revirei os olhos.

Afastei-me, porém, ao tentar caminhar senti uma ardência enorme em meus joelhos e fui amparada por seus braços novamente antes que eu voltasse

a cair. Minhas pernas estavam enfraquecidas.

Sequer protestei quando ele me ajeitou em seu próprio carro. Meu corpo estava gritando por alívio e um bom repouso.

Nathan Backer

Antes de entrar no carro, me certifiquei de respirar profundamente. Sentei-me a direção. O interior tinha um leve cheiro dela, de baunilha e alguma bebida forte. Dei a partida com a mão próxima às suas pernas dobradas e suspirei enquanto avançava no trafego intenso de Londres.

Ficamos em silêncio por um tempo, eu estava inquieto e extremamente irritado pela atitude animalesca do Max. Sequer tinha coragem de imaginar o que poderia ter acontecido se eu não tivesse chegado a tempo. O que aquele desgraçado estava pensando?

Apertei o volante com força tentando controlar a minha fúria. Toda a minha falta de controle em relação a ela estava deixando-me nervoso, exausto e muito, mas muito irritado.

Com o corpo completamente tenso com tudo o que houve e ainda mais com aquele silencio perturbador, decidi encará-la de relance. Sua cabeça estava tombada sobre a janela enquanto ela dormia profundamente.

Estacionei o carro no acostamento e o desliguei. Curvando-me sobre o volante me vi entre um conflito interno, havia tanta bagunça em minha mente. Emoções conflitantes me angustiando intensamente a ponto de me deixar sem fôlego.

O que estava acontecendo comigo? Essa era uma pergunta frequente que eu vivia me fazendo.

Voltei a encarar sua figura praticamente desmaiada sobre o assento ao meu lado e senti uma sensação de entorpecimento. Há quanto tempo eu ansiava por aquela oportunidade outra vez, de tê-la em meu alcance?

Curvei-me um pouco sobre ela e puxei seu frágil corpo para mim enquanto a ajeitava delicadamente um pouco melhor, de modo a não se machucar. Por um momento parei para admirar seu belo rosto. Estava marcado pelas lágrimas, extremamente vermelho.

— Você se tornou uma mulher tão forte — sussurrei tirando algumas mechas do seu cabelo e os guardando por trás da orelha. Ela se remexeu inquietamente, balbuciando palavras desconexas. Suas pernas se encolheram e tive um vislumbre de suas coxas desnudas. Dei um suspiro profundo,

contendo meu desejo. Deus, como eu a queria, apesar de tudo.

Voltei para o meu lugar e deixei o olhar vagar para fora da janela, buscando clarear os pensamentos, expulsando todas as fantasias luxuriosas que minha mente insana estava me proporcionando naquele momento.

Ao voltar a encará-la, deixei meu olhar vagar novamente. Ansiava deixar gravado cada traço e cada detalhe de seu corpo delicioso em minha memória. Descendo um pouco mais os olhos, percebi algumas escoriações sobre seus belos joelhos. Trinquei o maxilar completamente tenso com aquela constatação.

— Maldito, Max! — exclamei em tom baixo.

Fiz uma nota mental de que se eu voltasse a vê-lo algum dia, não seria tão misericordioso. O que ele fez com a Millie e o que estava pensando em fazer caso eu não chegasse a tempo, era imperdoável. Típica atitude de um covarde sem escrúpulos.

Liguei o carro e o coloquei na pista novamente.

— Onde é o seu apartamento, Millie? — perguntei, consciente de que ela não responderia. — Certo, então a levarei para minha casa e não poderá me culpar por isso.

Impossivelmente, meus lábios exalaram um sorriso arrogante. Na verdade eu conhecia seu novo endereço, como também todos os seus passos, mas ela não precisava saber disso — pensei divertido.

Relanceei outro olhar na direção dela e mordi os lábios. Queria sentir sua pele lisa outra vez, sua boca na minha, ouvir seus gemidos suaves. Ansiava por vê-la suspirar enquanto a satisfazia... Ah, como sentia falta de satisfazê-la de todas as formas.

Porra! Soquei o volante em completa frustração. Respirei fundo e busquei me acalmar. Pelo menos naquela noite, ela estaria debaixo dos meus olhos e à mercê de meus cuidados.

Aquilo de certa forma deixou-me momentaneamente aliviado.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 13

Millie Evans

Um raio seguido por um trovão assustaram-me. Estremeci. Meu apartamento estava longe. Nunca chegaria. Lauren! Se conseguisse chegar, esperaria por lá até a chuva passar.

Determinada, troquei a marcha e acelerei o mais rápido que pude, dadas as condições. Quando, finalmente, avistei a casa que seria meu possível abrigo, estacionei o carro no pátio. Se conseguisse me acalmar ali, voltaria para meu apartamento quando a chuva amenizasse.

Tentei correr pelo jardim, mas meus saltos dificultavam minhas passadas longas, ocasionando em minhas roupas e cabelos encharcados pela forte chuva.

Abri a porta principal, mas um vulto bloqueou minha passagem. Parei, petrificada, ao me deparar com Nathan. Ele estava com os cabelos molhados e nu, da cintura para cima.

— Você —eu disse, rouca.

Senti vontade de sair correndo, mas ele me segurou pelo braço. Com a força do puxão, tropecei em meus próprios pés e cai no chão. No mesmo instante Nathan fechou a porta, e tudo escureceu.

Ouvi a respiração ofegante dele e estremeci. O que ele estava fazendo na casa da Lauren? Será que estava me seguindo? Lentamente, Nathan se aproximou e puxou—me para cima pelos braços. Então abraçou-me com força e me beijou. Senti o calor que emanava dele e o cheiro de vinho em seu hálito.

Sem dizer nada, ele ergueu meu vestido, tocou-me intimamente rasgando minha calcinha no processo e, em meio a beijos e caricias, segurou —me pelas nádegas e penetrou—me. Senti todo o meu corpo se abrir para recebê-lo.

Fazia tanto tempo desde a última vez. Desejava-o ardentemente... Queria tocá-lo, senti-lo, inalar o cheiro másculo do corpo dele, tocar seus músculos.

Trêmula, projetei os quadris para frente e entreguei-me às ondas cada vez mais intensas de prazer que me invadiam. Todo o meu desejo estava finalmente sendo satisfeito. Finalmente, o êxtase.

A parede tremeu, a casa tremeu, o mundo tremeu. Nathan arremeteu mais uma vez. De repente, todo o seu corpo estremeceu, e ele soltou um grito visceral. Em seguida ficou imóvel.

Acordei abruptamente e esforcei-me para encontrar o ar diante da agitação em meu corpo. Rolei na cama entre os lençóis e me sentei sentindo-me atordoada. Aquilo havia sido um sonho ou um pesadelo? Passei as mãos no pescoço e senti minha pele quente e úmida pinicar.

— Onde estou? — sussurrei, ao notar que não estava em meu apartamento.

Nervosa, joguei os pés para fora da cama. O quarto era extremamente luxuoso e muito aconchegante. Fechei os olhos e procurei me acalmar a fim de me recordar do que poderia ter acontecido para que eu chegasse a estar naquele lugar. Imagens distorcidas invadiram minha mente. Eu na casa da Lauren. Max me assediando. Minha cabeça latejou de leve com o esforço.

Estremeci sentindo uma onda de náuseas me atingir. Com o corpo trêmulo me levantei e só então percebi que estava somente com as roupas intimas. Um arrepio sinistro atravessou-me por completo. Meus joelhos estavam ardidos, porém havia alguma substancia sobre eles. Alguém tinha passado remédio — pensei.

Apesar de indecisa e assustada, caminhei até a porta daquele quarto e lentamente a abri. Uma intensa adrenalina invadiu minhas terminações nervosas conforme fui caminhando pela escuridão do corredor. Assim que cheguei ao final dele, o som de acordes musicais se fez presente e estagnei no caminho. Recostei-me na parede e cobri a boca com as mãos sentindo meus olhos inundarem-se automaticamente.

— Nathan — sussurrei com os olhos fechados. Não precisava vê-lo para saber que era ele quem estava tocando.

Minha pele ao mesmo tempo em que se arrepiou, aqueceu-se. Eu não conseguia acreditar que estava novamente naquela situação com ele por perto. Lentamente me movi e inclinei a cabeça na direção daquele som e o vi.

Estava vestido com uma bermuda e coberto por um roupão aberto. Seu peito estava à mostra e reluzia com a luz do luar refletida pela enorme janela à sua frente. Seus olhos estavam fechados enquanto ele tocava o violino tão lindamente, era como se estivesse conectado a algo maior, profundo.

Mordi os lábios e voltei a me recostar na parede. Os poucos segundos que o observei fez com que eu me sentisse exausta, excitada e irritada.

Como eu vim parar ali, afinal?

Um ardor estava inundando-me de dentro para fora. Arquejei por ar. Todo o meu ser passou a arder de desejo.

Sorrateiramente retornei ao quarto em que havia acordado há minutos atrás e fechei a porta, tomando cuidado de trancá-la na chave. Corri até a cômoda e verifiquei meu telefone. Havia algumas chamadas de Lauren. Suspirei ao verificar que o horário marcava 02hs32min, ou seja, por mais que quisesse ir embora, não teria como. Não seria louca em sair de madrugada.

Bem distante ainda podia ouvi-lo tocar, as ondas sonoras invadindo meus poros. Por mais que quisesse negar, não poderia. Eu amava aquela peculiaridade dele. Excitava-me, emocionava-me.

Ajeitei-me entre os travesseiros e lençóis. A luxúria do sonho recente, misturada a minha real situação deixou-me extasiada. A paixão deu lugar ao medo e depois à raiva. Ele havia feito aquilo de propósito. Trouxe-me para tentar me seduzir e ludibriar novamente. Como se eu fosse tola a acreditar em seu arrependimento e que ele não me manipularia outra vez.

Cobri-me, indignada.

Como conseguiria fugir daquele homem? Como escapar daquela chama de sedução que insistia em continuar acesa mesmo eu não querendo?

Mas não deixaria a cautela nem por um minuto, não quando tinha consciência do poder que ele exalava sobre mim.

Nathan Backer

“Não entendeu ainda, que de você eu quero distância?”

Aquelas palavras me deixavam horrorizado cada vez que elas invadiam minha mente. Apoiei o violino no suporte e soltei um suspiro frustrado. Mas que tudo na vida, tinha consciência do canalha aprisionado em meu interior, entretanto Millie tinha algo que mexia comigo de forma sobrenatural.

Movido por uma forte emoção, trilhei o caminho que me levaria ao quarto na qual deixei-a descansando. Recordava-me do momento em que retirei o vestido dela para deixá-la mais confortável. Vê-la seminua foi pura tortura, tive que me obrigar a segurar a respiração diversas vezes.

Parei em frente à porta do quarto e ao tentar abri-la me surpreendi por encontrá-la trancada. Com a testa franzida tentei novamente, mas nada.

Um sorriso se instalou em meus lábios. Ela havia acordado! — deduzi, imaginando ela me espionando.

Espalmei ambas as mãos sobre a porta colando a testa na mesma. Eu deveria estar dormindo, ou melhor, era para eu estar em outro patamar da minha vida, porém tudo o que conseguia fazer era pensar e, ou, me ocupar com o que ela estava fazendo, principalmente com quem estava fazendo.

Virei-me, lutando contra as emoções conflitantes que nos separavam e me atormentavam. Tudo o que minha mente queria, era jogá-la na cama e possuí-la até deixa-la sem sentidos, mas se fizesse isso, ela me acharia brutal e me odiaria ainda mais. Um lado meu ansiava por pedir que ela me perdoasse, dizer que a compensaria de tudo e que a amaria com todo o zelo e delicadeza. Mas aí, Millie me acharia um articulador, sequer acreditaria em qualquer palavra que eu lhe dissesse e, sabendo o quanto ela havia se transformado em uma garota fria e traiçoeira, eu não podia me dar ao luxo de denunciar o que sentia.

Hesitei por um momento e então saí sem dizer nada.

Fui mais uma vez para a sala, lembrando-me da pele desnuda sobre meus dedos. Tão quente e macia. Vê-la novamente de forma intima me excitou terrivelmente e impressionou, fazendo-me enxergá-la sob uma nova luz. Em todo o tempo em que estávamos afastados, havia imaginado que logo

aquele ardor em meu corpo, ao estar diante dela, amenizaria. Mas aquilo não estava acontecendo. As últimas horas tinham deixado o fato claro. Millie era real, complexa e... ardente como o inferno.

O dia havia amanhecido há poucos minutos e eu estava bebericando um gole de café preto e sem açúcar. Necessitava repor minhas forças devido à noite péssima de sono que tive.

Sequer ousei ir até a porta do quarto em que ela estava, queria poupar energias para o embate que teríamos quando estivéssemos frente a frente.

Repousei a xícara ao meu lado e tentei me concentrar no jornal. As notícias embaralhavam-se sobre meus olhos, a porra da minha atenção se encontrava no outro cômodo e em cada possível barulho no apartamento.

Em determinado momento curvei-me um pouco mais sobre a mesa, apoiando a cabeça entre as mãos. Aquele dia seria cheio e eu não poderia me dar ao luxo de faltar ou perder qualquer reunião marcada, pois ambas eram importantíssimas. Havia muitos investidores que eu precisava conquistar a confiança ainda. De alguma maneira, Joseph possuía uma espécie de influência sobre eles por anos.

Um leve perfume inundou o ambiente seguido por som de passos. Os saltos dela ecoavam pelo piso conforme ia se aproximando. Não me dei ao trabalho de me levantar, apenas me recostei na poltrona em que estava e esperei sua silhueta aparecer no meu campo de visão.

Millie Evans

Quando os tímidos raios de sol invadiram o quarto eu já estava sentada na cama, recostada sobre a cabeceira. Minha noite se tornou agitada depois que descobri que estava sob o mesmo teto que Nathan. Aquilo não era justo!

Tentando ignorar o quanto aquela situação era perigosa, joguei os pés para fora da cama. Ainda tinha um bom tempo até meu horário de expediente, entretanto o mínimo de tempo que eu pudesse ficar perto daquele cretino, melhor seria.

Apressadamente, fui ao banheiro que havia no quarto e me ajeitei. Meu vestido encontrava-se amassado e meus cabelos embaraçados, mas consegui a proeza de me manter apresentável.

Antes de seguir na direção da porta, peguei meu celular e o desliguei. Lauren já tinha me ligado três vezes em um intervalo de quarenta minutos.

Destravei a porta e com toda a coragem e firmeza adquirida com extremo custo, caminhei pelo corredor. Meus saltos foram alardeando meus movimentos.

Conforme fui caminhando, percebi que se tratava de um apartamento novo. O luxo e o bom gosto continuavam presentes em cada detalhe, dando o requinte que é característico do Nathan.

Ao entrar no espaço da sala de estar, o encontrei sentado confortavelmente à mesa.

Muito apropriado — pensei.

Examinei-o discretamente, aproveitando que estava concentrado em seu jornal. Reparei nos cabelos dourados e brilhantes pelo banho recente, nos contornos retos do rosto recém barbeado, e no corpo forte coberto pelo terno azul escuro impecável.

— Bom dia, *minha criança* — saldou-me de repente. — Sente-se e tome café comigo.

Aqueles olhos de verde intenso direcionados a mim, como os de uma ave de rapina. Ele era belo como um animal selvagem. Gracioso e mortal.

— Não confraternizo com traidores — murmurei de modo ríspido e

firme.

Ele continuou me encarando, seu olhar impassível.

— Se preferir eu a deixo sozinha.

Irritei-me ainda mais diante de sua tentativa ridícula de se fazer passar por bom moço.

— Não adianta tentar agir com gentileza, Nathan. Isso não combina com você.

— Prefere a grosseria então? — indagou com extremo sarcasmo.

— O que eu prefiro não lhe interessa — rosnei. — Alias, preferia não estar aqui com você, por exemplo! O que o fez pensar que tinha esse direito, hein? De onde surgiu esse apartamento? É seu abatedouro?

Ele sorriu, entretanto não fui capaz de identificar a emoção por trás dele.

— Você foi a única mulher a entrar aqui, Millie. — Seu tom de voz soou intenso. — E só a trouxe, pois não sei onde está morando. Não podia deixá-la dormindo no banco do meu carro, onde praticamente desmaiou.

— Pois seria muito melhor acordar em um carro toda dolorida do que em um mesmo ambiente que você — gritei.

— Está certo! Então deveria tê-la deixado nas mãos do Max? Estava gostando das carícias gentis dele? — Odiei a crueldade de seu tom.

Engoli em seco diante de suas palavras e um arrepio sinistro me abateu ao me lembrar do terror daqueles momentos.

— Não espere que eu o agradeça. — Soltei em um gemido. — Para começo da história, eu o conheci através de você. Esqueceu-se?

— Mas não me recordo de ele ter agido feito um selvagem com você — replicou com uma leve irritação. — Isso se dá por suas recentes atitudes e decisões.

— Não sei do que está falando, por acaso está querendo dizer que eu como a vítima da história, sou a culpada?

Com um empurrão sutil em sua poltrona, ele se levantou, dando-me

uma visão melhor do seu corpo viril.

Procurei me acalmar. Não devia mostrar minha apreensão. Antigamente aquilo havia sido quase fatal. Apertei a bolsa contra o corpo, tentando evitar que minhas mãos tremessem.

Uma mistura de medo e desejo me sacudiu. Meu corpo me lembrava daquele homem, meu amante. Recordava-me daqueles lábios, do toque de seus dedos, da sensação dele dentro de mim. O pensamento me provocou um espasmo de prazer, mas por mais que desejasse, não deixaria que as lembranças daqueles momentos nublassem minhas ações. Eu precisava manter a guarda.

— Sei que não irá me ouvir, mas penso que seria melhor se desistisse de frequentar o *Veiled*.

Ergui o queixo, desafiadora, não me deixaria ser intimidada.

— Você tem razão, não irei dar-lhe ouvidos. — Uma escuridão perturbadora pairou sobre seus olhos. — Sou perfeitamente capaz de tomar minhas próprias decisões e pelo que me recordo, eu o deixei de fora.

— Deixou? — murmurou ele, os olhos presos nos meus. Fiquei irritada, mas mantive a calma.

— Sim, mas não tenho culpa de sua aparente insistência. Sequer faço ideia do que pretende com esses joguinhos.

— Está enganada — falou em tom baixo. — A culpa é inteiramente sua, *minha criança*.

Com passos ligeiros me vi entre seus braços em questão de segundos. Desviei o rosto quando o vi se inclinar para capturar meus lábios com os seus. Debati—me até que consegui empurrá-lo.

Minha pele arrepiou-se enquanto o encarava. Ah, as lembranças deliciosas de nossos corpos entrelaçados, da intimidade que havíamos partilhado, daqueles lábios em meus seios...

— Você ainda consegue sentir. — Ele seguiu-me enquanto eu continuava a dar passos para trás. — Vejo pelos sinais que seu corpo está me dando nesse exato momento. Consigo até farejar o cheiro da sua excitação.

— Suas narinas inflaram.

Engoli com dificuldade.

— Isso não importa. Nossa relação terminou.

Vi quando ele parou com o maxilar trincado.

— Acha mesmo? — perguntou.

Antes que ele voltasse a me tocar, espalmei as mãos em seu peito e o empurrei para longe.

— Tenho plena certeza de que não o quero mais, apesar de meu corpo ainda persistir em se excitar por você, pois afinal, sou humana. Isso não tem nada haver com sentimentos. — Um sorriso arrogante abrilhantou os lábios dele. — Mas isso na verdade é facilmente explicado: Você apenas me mostrou o caminho da descoberta, agora descobri outras formas de aplacar meus desejos. Simples assim. Reações humanas. Instinto — persisti.

Logo o sorriso arrogante morreu e ele me encarou com raiva.

— Mas isso não significa nada. — Observou.

— Ah, sim — murmurei com arrogância explicita. — Na verdade, tenho encontrado muita diversão em meu caminho e isso muitas vezes me desperta a libido quase que instantaneamente. — continuei expondo meu sarcasmo. — Sendo assim, não se sinta privilegiado querido.

Assustei-me quando ele se virou e soltou um grito feroz. Pulei estremecida quando retornou o olhar à mim. Seus olhos estavam atormentados e perturbadores.

— Irei levá-la até a casa da Lauren para que possa pegar seu carro. — Arrepiei-me pelo seu tom de voz.

Detestava aquele tom autoritário que ele usava, como se eu fosse dele!

— Não há necessidade.

Dizendo isso, me encaminhei na direção da porta. Estremeci quando o senti me segurar pelo braço.

— Você não conhece esse lugar da cidade, sendo assim irei levá-la — insistiu e vi que se esforçava para controlar as emoções.

Puxei meu braço do seu aperto com força e o encarei revoltada.

— Não ouse me superestimar. — Apontei o indicador contra seu rosto. — Ao contrário do que você pensa e, ou deseja, a minha vida prosseguiu. Estou conseguindo me reerguer, juntar os pedaços que você teve o excelente trabalho de quebrar. — Respirei fundo e me afastei. — E para a minha sorte, estou tendo ajuda para isso. — Reuni forças para soltar um sorriso malicioso.

Eu queria atentá-lo, queria que minha imagem transando com Benson o enlouquecesse ao máximo. Assim como a cena dele com a Verônica me perseguia insistentemente.

Elegantemente, caminhei até a porta e agradeci imensamente quando avistei o elevador. Ansiava por uma folga nos meus músculos enrijecidos, necessitava encher meus pulmões de ar e certamente meu coração queria se sentir mais leve, longe daquele tormento de emoções e sensações conflitantes.

Capítulo 14

Millie Evans

Assim que paguei a corrida ao taxista me preparei para entrar na casa da Lauren, assustei-me por encontrá-la me esperando na porta com um semblante para poucos amigos.

— Agradeço por ter retornado minhas ligações para me deixar tranquila — murmurou sarcástica. Revirei os olhos e soltei um longo suspiro ao me aproximar. Com uma expressão séria, ela abriu espaço para que eu pudesse entrar. — Já tomou café? perguntou.

— Adoraria — respondi com a boca seca.

Em silêncio, nos encaminhamos para a sala de jantar e encontrei a mesa posta com uma diversidade de delicias. Lauren pacientemente me observou enquanto eu me servia com uma tranquilidade ilusória. No fundo eu ainda estava anestesiada com tudo o que havia acontecido.

— Desculpa por ter preocupado você — falei para quebrar aquele silencio perturbador. — Mas tudo aconteceu de pressa e quase não consegui respirar, até... agora.

Concentrei-me em saborear um pedaço de torta e evitei erguer os olhos.

— O que está me escondendo? Tenho certeza de que aconteceu alguma coisa ontem e além do mais, Paolo viu quando você foi embora no carro do Nathan.

Soltei um suspiro profundo e deixei minhas mãos livres.

— Max estava me importunando, com isso Nathan deduziu que eu estava correndo perigo, sendo assim, me levou para o apartamento dele.

— Como assim correndo perigo? — Alarmou-se. — O que o Max fez?

Empertiguei-me e me ajeitei na cadeira.

— Estávamos conversando normalmente quando as meninas nos deixaram sozinhos. Do nada ele começou a falar sobre o quanto me achava gostosa e atraente, não se contentou até passar a mão em minha perna. Na verdade Max parecia embriagado, Lauren. Não o culpo.

— Isso não é desculpa, Millie. Não acredito que ele tentou molestá-la.

Um arrepio atravessou meu corpo ao me recordar.

— Ele sabe que estou frequentando o *Veiled* e...

— Deduziu que você é uma vagabunda? É isso? — cortou-me. Arregalei os olhos e arquejei, assentindo com a cabeça. — Ah, Millie... — Juntou as mãos e apoiou-as no queixo. — E o Nathan?

Bebi um longo gole de café e deixei minha mente viajar.

— Pouco antes de vir para cá, eu o confrontei. Ele disse que por eu ter dormido no carro, achou melhor levar-me ao seu apartamento. — Franzi o cenho atordoada. — Como sempre nós discutimos e saí de lá extremamente irritada, deixando-o puto. — Sorri divertida.

— O que foi sua safada? O que aprontou, hein?

Deixei minha risada soar livre.

— Desdenhei do poder de sedução dele — respondi fazendo-a sorrir junto comigo. — Está claro como água o quanto ele ainda mexe comigo, você sabe disso — confessei. – Mas o cretino não precisa saber.

Entre brincadeiras e risadas ela se aquietou, apenas me observando comer.

— Eu acho que ele está confuso — falou de repente.

Pausei o pedaço de torta a caminho da boca e a encarei.

— Confuso?

— É provável que ele esteja tendo consciência do que fez e do que realmente quer agora — respondeu pensativa. — Penso que quando ele a viu com o Benson, o desespero da impotência de não poder ter você como antes o esteja atormentando, fazendo-o pensar a respeito de tudo.

— Não consigo enxergar nada, senão a dissimulação — falei com amargura. — Nathan é manipulador, Lauren, e eu não pretendo cair no papo dele de novo.

— Não estou falando para acreditar nele, mesmo porque o que eu falei foi apenas uma suposição — murmurou na defensiva. — Nunca consegui lê-

lo durante os anos de amizade, sequer tinha noção de que ele seria capaz de fazer uma barbaridade daquelas com você. Mas acredito no arrependimento das pessoas.

— Eu também, mas isso não se encaixa em cretinos feito o Nathan.

A intensidade do rancor em minhas palavras a calou e tranquilamente, voltei a saborear meu café enquanto mordiscava a torta e uns biscoitos logo em seguida.

— Vai trabalhar hoje? — perguntou instantes depois.

— Uhum — resmunguei. — Aliás, daqui a pouco.

Eu a encarei e sorri de leve. Pareceu-me que minha frieza a deixou desconcertada.

Mais tarde naquele mesmo dia, o senhor Rowland me interceptou no caminho enquanto eu me ensaiava para ir para casa depois de mais um dia cheio de expediente:

— Millie, querida. Você poderia me fazer um favor? — confirmei sorrindo. — Certo. — Suspirou e apontou para os homens entrando com várias caixas de encomendas. — Como pode ver, tenho que ficar por aqui mais um pouco, porém fiquei de entregar alguns documentos para o Franklin.

— Uhum.

— Eu preciso que você entregue-os a ele por mim, pode ser? É algo urgente e que não pode ser deixado para amanhã, querida. – explicou ao ver meu desânimo.

Peguei meu casaco e o vesti, ajeitando a bolsa no ombro.

— Tudo bem, senhor John. — Me peguei sorrindo, apesar da vontade imensa de estrangulá-lo. Droga! Estava exausta e louca por um bom banho de banheira. — Onde devo levar?

Com um sorriso que não cabia nos lábios ele se afastou pedindo para que eu o seguisse. Com uma breve explicação, saí de lá com um endereço em mente. No caminho até meu carro fiquei tentando me localizar e a partir dali seguir para meu destino.

Meu telefone tocou e atendi sem ao menos olhar no visor:

— *Millie falando*.

— *É sério que você teve coragem de ir para cama com o canalha que roubou seu querido pai?*

Arregalei os olhos e me deixei cair no assento do motorista, batendo a porta com força.

— *Quem está falando?* — Busquei deixar minha voz estável, apesar do leve tremor em meu corpo.

— *Ah... não está reconhecendo a minha voz?* — respondeu com extremo cinismo. — *Aposto que da minha boquinha linda em volta do pau delicioso do Nathan você lembra. Acertei?*

Gelei por dentro, presa entre a sensação de náusea, raiva e uma intensa ira.

— *Como você ousa me ligar sua vagabunda?* — Meu corpo inteiro tremia. — *Aliás, como conseguiu meu número?*

Uma risada quase diabólica ecoou do outro lado da linha.

— *Consegui de maneira fácil, com o próprio Nathan* — respondeu com voz tranquila e satisfeita. — *Inclusive ele está aqui do meu lado se divertindo com nosso pequeno diálogo.*

Senti uma fúria sobrenatural se apossar de mim.

— *Pois eu desejo que vocês dois se explodam*! — gritei. — *Mas, sinto-me na obrigação de lhe dar um aviso: Nathan deve estar precisando de uma melhor assistência, pois não consegue me ver sem tentar me seduzir. Está complicado para dar prazer a ele, querida?*

— *Olha aqui sua...*

Desliguei a chamada sem deixá-la terminar de falar. Rapidamente, selecionei o número e o bloqueei, jogando o celular na bolsa.

Olhei para minhas mãos e vi que tremiam intensamente, assim como os batimentos do meu coração. Estava com a sensação de que iria explodir a qualquer momento. Soquei o volante com força segurando a vontade de

gritar, espernear.

Eu necessitava extravasar minha raiva acumulada. Precisava me libertar do peso da dor e da decepção que me perseguiam vinte e quatro horas por dia. Quem sabe praticar algum esporte?

Com um suspiro estrangulado acelerei o carro na direção da casa do Franklin. Aquele telefonema absurdo havia me deixado extremamente descontrolada e em determinado momento me obriguei a jogar o carro no acostamento para me acalmar. De relance notei que um carro escuro fez o mesmo que eu, só que deixou o carro um pouco mais afastado. Instantes depois, desencanei e resolvi ligar o carro na intenção de silenciar meus pensamentos raivosos e, ou autodepreciativos.

Voltei a colocar o carro na pista e comecei a prestar atenção nas indicações para encontrar o endereço do senhor Franklin. Tudo o que eu menos queria era ficar perdida.

Longos minutos depois agradeci imensamente quando estacionei em frente a uma bela casa, um tanto quanto pitoresca. Apesar de estar acostumada com o luxo, sempre me fascinava a beleza da modernidade e o requinte que ela é capaz de proporcionar.

Com a pasta de documentos em mãos, saí do carro, travando-o logo em seguida. Ao olhar para trás me assustei quando me deparei com aquele mesmo carro escuro. Ele estava estacionado um pouco afastado, mas o suficiente para me deixar alarmada. Está me seguindo!

Não perdi tempo em entrar na casa do senhor Franklin, apesar de estar com as pernas enfraquecidas, consegui chegar na porta de entrada em tempo recorde.

Estava batendo os pés com impaciência quando a porta foi aberta revelando um Franklin extremamente surpreso.

— Confesso que não acreditei quando vi você através das câmeras, *pequena sedutora*. — Sorriu, abrindo espaço para que eu pudesse entrar. — Mas, não nego o quanto a surpresa foi boa. — Percebi seu sorriso, mas estava nervosa demais até para olhá-lo.

— Foi um pouco difícil para encontrar seu esconderijo. — Brinquei,

porém meu corpo encontrava-se todo mole e temia desmaiar a qualquer momento. — Você se importa se eu me sentar um pouquinho?

Rapidamente ele me encarou e percebendo minha palidez ajudou—me a sentar na cadeira mais próxima.

— O que houve com você menina? Porra! Está branca feito papel.

Respirei diversas vezes seguidas lutando para me acalmar e raciocinar. Eu não queria me desesperar, havia tanta coisa para me preocupar e agora aquilo: um possível maníaco atrás de mim. Será que era o Nathan?

— Millie? Está me ouvindo?

Pisquei quando percebi o Franklin balançar a palma de sua mão diante do meu rosto freneticamente.

— Desculpe. — Suspirei. — Não é nada grave. É que o dia de hoje foi bastante cansativo — não menti.

Ele estava curvado diante de mim e me encarou desconfiado.

— Tem certeza que foi por isso? Tive a impressão de que você estava apavorada, como se tivesse visto um fantasma.

Soltei uma risada nervosa.

— Que isso, Franklin. Impressão equivocada. — Brinquei. Por um instante desviei dos seus olhos desconfiados e olhei ao redor me deparando com um ambiente extremamente despojado. — Uau! Que casa linda!

Depois de aprumar o corpo ele olhou orgulhoso.

— Meu estilo deve estar presente em tudo o que eu faço e onde vivo também — murmurou.

Sentindo-me um pouco mais estável, me levantei também e resolvi fazer um tour pela casa. Queria conhecer cada cantinho.

— Você sempre gostou dessa... — pausei, tentando encontrar uma palavra que se encaixasse melhor para o caso. — Agressividade?

Ele gargalhou.

— Sim — confirmou entre risos. — Como eu disse antes: Sou considerado a ovelha negra da família.

Sorri pela forma leve com que ele tratava aquilo, como se fosse algo a se orgulhar.

Entramos em uma sala aberta, repleta de equipamentos e uma decoração forte e chamativa. Eu não me cansava de admirar cada detalhe das coisas que me chamava atenção, não por achar estranho, mas por ser diferente do meu cotidiano. Franklin parecia viver em um mundo tão incrível, tão livre.

— Franklin! — gritei assustando-o. — Não acredito que você sabe lutar. Você sabe lutar, não é? — Apontei para o enorme saco de areia pendurado em um canto da sala, meus olhos brilhavam.

— Sou um boxeador aposentado — respondeu, mas pude ver o brilho em seus olhos. Fiquei o encarando com encantamento. — O que foi? Não gosto quando me olha assim *pequena sedutora*... — Suas bochechas ruborizaram de leve.

Soltei uma risada animada.

— Você é tão diferente do que estou acostumada que, tudo o que faz eu fico completamente deslumbrada — confessei com sinceridade. — Eu chego a invejá-lo por toda a sua coragem em viver exatamente como quer, por se arriscar sem medo.

— Mas você tem todo o direito de viver sua liberdade também. O que a impede? — perguntou enquanto pegava a pasta com os documentos da minha mão.

— O medo, talvez — respondi. — O senhor John falou que você estava esperando por esses documentos — comentei apontando.

— Sim, obrigado.

Caminhei até o saco de areia e o toquei com deslumbramento. Em meu interior ansiava por arrancar aquele estereótipo de garota frágil e inocente. Queria me tornar mais forte, mais decidida. Esquecer de vez as atitudes imbecis que tive e começar a agir mais friamente.

— Eu me sinto uma pessoa tão fraca, Franklin. As pessoas me magoam com facilidade, sabe? Eu tenho muita vontade de me fechar em uma couraça, para impedir que isso aconteça de novo.

Senti o toque de sua mão sobre meu ombro. O olhei e encontrei com seu olhar carinhoso, quase paternal. Engoli algumas lágrimas ao me lembrar do meu pai.

— As pessoas que são boas, generosas e amorosas são julgadas como fracas, mas sabe qual a maior ironia disso tudo? — Neguei com a cabeça. — Elas é que são as mais fortes, pois continuam ajudando, mesmo quando não são recompensadas. — Sorriu. — Continuam amando, mesmo não recebendo o amor de volta ou com a mesma intensidade. A força não vem da neutralidade de suas emoções, Millie. Isso aqui... — -apontou para si. — É apenas uma fachada. Também sofro com meus fantasmas.

As palavras dele invadiram meu coração como um bálsamo e me peguei sorrindo abertamente. Agradecia por ter tido a sorte de conhecer uma pessoa tão sábia como ele.

— Ultimamente minhas alegrias têm sido momentâneas, Franklin. Quando penso que estou me estabilizando, outra onda vem e me arrasta contra as pedras.

— O mundo continua girando, *pequena sedutora*. O sofrimento nunca será eterno — falou de modo carinhoso.

Estendeu a mão e talvez por carência, aceitei. Seu abraço foi tão paternal que me vi de olhos fechados. Desfrutei do seu carinho por longos minutos. Senti-me como sendo acarinhada por meu pai, na verdade era aquilo que meu coração queria.

— Você pode me ensinar a lutar boxe? — perguntei de repente para quebrar o silêncio.

Afastando o rosto de seu peito o encarei e o encontrei sorrindo divertido. Ao analisar meu corpo sorriu ainda mais me irritando.

— Não venha me dizer que não sou capaz por me achar muito frágil, por favor — quase rosnei.

Ele ergueu as mãos para o alto ainda com aquele sorriso zombador.

— Não falei nada — defendeu-se. — Estava apenas fazendo uma análise básica. Vendo sua estatura, postura e porte físico.

— Uhum — resmunguei desconfiada. Sorrindo me encaminhei para fora do recinto. — Preciso ir agora, mas vamos nos falando. Pretende comparecer na loja por essa semana?

— Não tenho certeza — respondeu.

Chegando ao hall de entrada, voltei a encará-lo.

— Então me passe o teu telefone para que eu te ligue — pedi pegando meu celular. O encarei quando notei seu silencio. Fiquei constrangida pela forma estranha que ele estava me olhando. — O que foi? Qual o problema?

Ele sorriu enquanto balançava a cabeça.

— Você — disse ainda rindo. — É mandona feito o diabo e ainda tem coragem de dizer que é fraca.

Meu rosto esquentou de constrangimento.

— Bobo.

Trocamos mais algumas palavras e só então me despedi. Os longos minutos que passei ali fez com que o meu pavor se dispersasse, porém assim que me ajeitei no banco do carro, meu coração voltou a acelerar. Meus olhos focalizaram aquele carro escuro no mesmo lugar, continuava me esperando, espionando.

Rapidamente disquei o número do Benson:

— *Millie?* — Atendeu.

— *Eu acho que tem alguém me seguindo, Benson* — falei em um fôlego só. — *Estou com medo.*

— *Onde você está?* — indagou, sua voz preocupada.

— *Estou em Clerkenwell* — respondi em tom baixo. — *Tive que vim na casa do Franklin* — fiz uma pausa. — *No caminho reparei em um carro escuro atrás de mim, mas não tinha me atentado que poderia estar me seguindo... até agora.*

— *Você já saiu daí?*

— *Agora estou dentro do carro, porém não tenho coragem de ligá-lo.* — Respirei ofegante. — *Tenho medo de sair, pois tenho certeza de que vou*

ser seguida. — Ele ficou em silêncio por alguns segundos. — *Benson?*

— *Calma, estou pensando.*

Soltei um suspiro.

— *Você acha que pode ter alguma coisa a ver com o Nathan?*

— *É possível* — respondeu com voz carregada. — *Faça assim, querida: Venha para casa normalmente. Procure sempre ficar perto de outros carros. Estarei lhe esperando na frente de seu prédio, está bem?*

Mordi os lábios completamente desesperada.

— *Uhum.*

— *Fica tranquila, vai ficar tudo bem.*

Encerrei a chamada respirando fundo. Estava bem difícil controlar o pânico que insistia em se instalar em meu interior. Lancei um olhar para a casa do Franklin, mas não consegui vê-lo em qualquer lugar. Eu poderia alardeá-lo, mas não achava justo colocá-lo em algo que poderia ser perigoso. Não queria meter ele em roubada.

Sendo assim, respirei profundamente. Apertei com força os dedos no volante antes de ligar o carro, mas algo dentro de mim explodiu e me vi desligando-o novamente. Sentindo-me tremer ainda mais, abri a porta e praticamente marchei na direção daquele carro que, já estava prestes a me seguir, pois os faróis estavam acesos.

O medo estava brigando com a coragem quando me aproximei.

— Abra essa porta! — gritei batendo no vidro do motorista. — Saia desse carro!

Eu sequer conseguia ficar parada devido a adrenalina correndo em minhas veias. Eu não estava raciocinando direito, era muita raiva misturada a frustração bagunçando minha mente.

Com as mãos na cintura observei o momento em que a porta foi aberta e um belo homem saiu vestindo um terno impecável. O semblante dele era impassível, parecia que eu estava diante de um granito. Pisquei assustada quando ele parou diante de mim e tive que erguer a cabeça para encontrar os olhos dele. O homem parecia um gigante tirado de alguma fábula. Que merda

eu fui fazer?

Arquejei e quase desmaiei enquanto nos encarávamos. Em determinado momento olhei para a casa do Franklin mais adiante e pulei de susto quando ouvi uma voz grave:

— Se acalme senhorita, pois não pretendo machucá-la.

Dobrei os braços sobre os seios e voltei a olhar para ele sem piscar.

— Por que você está me seguindo? — Me surpreendi pela calma em meu tom, considerando que por dentro estava aterrorizada.

— Estou sendo pago para isso — respondeu apenas.

— Pago? – questionei sem entender. — Que porra de palhaçada é essa, afinal?

— Sim, senhorita.

Soltei um suspiro frustrado e esfreguei meu rosto.

— Quem é o seu patrão? — perguntei, porém ele continuou me encarando sem nada dizer. — Não ouviu minha pergunta?

— Ouvi sim.

Com um gesto de cabeça o encorajei a responder, porém continuou me olhando feito um retardado.

— Quero que me fale quem paga você para me seguir, droga! — murmurei irritada.

— Perdão, mas não tenho ordem para isso.

— *Argh*! — resmunguei saindo de perto dele. O medo dera lugar a raiva intensa e minha vontade era de esmurrá-lo. Um clique em meu cérebro fez com que eu me virasse novamente para ele — É o Nathan não é? — perguntei o encarando, percebi uma leve emoção passar pelos olhos escuros dele. — É obvio que isso é ideia daquele infeliz! — Acrescentei nervosamente.

Apoiei o punho no rosto e fechei os olhos buscando paciência.

— Ligue para ele — ordenei.

— Eu não...

— Faça a ligação, porra! Ou eu mesmo o procuro e falo que você não foi bonzinho comigo. — Ameacei com um coragem que me impressionou. — Vou dizer que tentou me molestar.

Com extrema relutância e com os olhos chispando fogo em minha direção, ele fez a ligação. Ficou claro para mim que aquele homem não era acostumado a ser contestado por nenhuma mulher. Que se dane!

— *Senhor?* — falou para a pessoa do outro lado da linha. — *Uhum... eu estou com ela* — gaguejou. — *Não senhor, ela...*

Puxei o celular da mão dele grosseiramente.

— *Quem foi que te deu a porra do direito de mandar alguém me seguir seu cretino?* — berrei, a princípio ele ficou mudo do outro lado da linha. — *Eu sei que é você, Nathan. Não minta.*

Ele suspirou.

— *É apenas preocupação, Millie.*

— *Pois eu quero que vá para o inferno, você e sua preocupação* — rosnei. — *Quando você vai entender que eu o detesto? Quando vai perceber que tudo o que fez comigo acabou com todo o amor e consideração que eu sentia por você?*

Ele ficou em silêncio por alguns segundos.

— *Eu exijo que me deixe em paz e pare de se meter na minha vida, caso contrário, vou dar queixa contra você* — falei cansada de esperar que ele respondesse. — *Está me ouvindo, Nathan?* — insisti agitada.

— *Perfeitamente*. — Sua voz soou perigosamente baixa. — *Mas não é como se eu fosse obedecer a qualquer ordem sua.* — Sorriu, notei em sua voz.

Tive vontade de atravessar o aparelho de telefone e encher a cara dele de tapas e socos. Marcar seu rostinho bonito com minhas unhas.

— *Não me irrite, Nathan.*

— *Adoro vê-la irritada, minha criança. Ultimamente isso têm sido o*

meu hobby favorito. — Continuou provocando.

Um tremor involuntário atravessou-me por inteira.

— *É apenas isso que terá de mim*. — Afastei o telefone da orelha, pronta para devolver o telefone, porém lembrei-me de algo. — *Ah, e tem mais!* — Senti minha raiva retornar com força total. — *Faça o favor de dar assistência à sua puta mor.*

— *O que?*

— *Não temos mais qualquer relação um com o outro Nathan e acredito que não tenho mais nada que você queira tirar. Seria pedir muito um pouco de consideração da sua parte?*

— *Do que você está falando?* — Senti tensão em sua voz.

— *Mande aquela vagabunda da Verônica parar de importunar.*

— *Mas...*

Desliguei a chamada e devolvi o telefone ao homem.

— Qual seu nome? — perguntei.

— Bruce.

— Não o quero me seguindo mais Bruce, não sou a droga de uma criminosa — murmurei o encarando com firmeza. — O seu patrão é um homem perturbado e sem escrúpulos e eu sequer dei essa liberdade a ele. Será que consigo apelar para o seu bom senso?

— Sinto muito, senhorita — desculpou-se enquanto guardava o celular no bolso. — Porém recebo ordens apenas do senhor Nathan que é o meu patrão.

Não lembro como encontrei forças para reagir e sair de perto daquele homem. A caminho do meu carro fiquei buscando uma forma para controlar minha fúria e com isso conseguir estabilidade necessária para poder dirigir até meu apartamento.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Nathan Backer

Por longos minutos, permaneci encarando o visor do celular completamente embasbacado. A ideia de ter contratado o Bruce surgiu após o episódio com o babaca do Max, eu temia que ele voltasse a importuná-la ou outro qualquer. A sensação de não tê—la mais ao meu lado para proteger me deixava zonzo, algo que eu estava começando a afirmar a mim mesmo. Millie fazia falta, mas infelizmente eu destruí o que havia entre nós.

Ultimamente a imagem dos olhos decepcionados dela não me abandonava, perseguia-me. E fazendo uma análise de mim mesmo ficava ainda pior, era uma visão repugnante. Levantei-me abruptamente. Precisava resolver uma questão, aquilo não podia ficar daquele jeito.

— Algo errado, senhor? — minha secretaria indagou de modo agitado, assim que passei por ela.

— Está, mas será por pouco tempo — falei rapidamente, contornando sua mesa e passando pelo labirinto barulhento de salas.

Peguei o elevador que me levaria ao andar de baixo. Esfreguei o rosto odiando-me por me sentir culpado. Odiava sentir que havia feito tudo errado.

O elevador chegou e segui a passos duros até a sala da Verônica. As pessoas que passavam por mim ficavam em dúvida se deveriam olhar para mim ou para seus próprios pés. Provavelmente meu semblante deveria estar aterrorizante.

Invadi a sala dela pegando-a desprevenida.

— Nathan! — Praticamente gemeu ao me ver. Abaixou a tela do laptop e se levantou vindo em minha direção. — Que honra tê-lo em minha sala. Está com intenções pecaminosas? — Suas mãos se ergueram na intenção de segurar meu paletó, porém a impedi.

— Não me toque! — Ordenei tentando controlar o meu tom de voz. Segurei suas mãos, mas logo soltei por medo de machucá-la.

— *Argh*! Já vi que está de TPM. — Provocou virando-se de costas. — Se não veio para me foder, veio para que então?

Irritado ao extremo, peguei-a pelo braço e grosseiramente a arrastei até o sofá. Entre resmungos e reclamações a soltei. Meus olhos chispavam fogo.

— O que você fez contra a Millie?

O olhar irritado que ela me direcionava mudou completamente. Naquele momento tornou-se sarcástico.

— Certo, entendi a irritação agora. — Sorriu zombadora. — A putinha me dedurou é isso? Foi correndo se queixar para você? Eu não sabia que vocês já estão tão amigos.

— Como consegui me interessar por uma mulher tão vulgar como você, hein? — indaguei a encarando com repulsa. — Você sempre foi assim ou Joseph a transformou nessa cobra?

— Olha quem fala... — pausou cruzando as pernas. Em seus lábios exalava um sorriso diabólico. — Um homem extremamente honesto e honrado.

— Não me interessa o que você pensa sobre mim sua vagabunda!

— É claro que não, somente o que a *princesinha* do Joseph pensa. Engraçado como a consciência pesou cedo não é mesmo?

Inclinei-me e fechei a mão em seu belo pescoço, porém não apertei.

— Cale a porra da sua boca e me escute, pois não pretendo repetir o recado. — Minha voz soou cavernosa. — Deixe a Millie em paz ou não responderei por mim. — Meus dedos apertaram sua pele de leve fazendo-a arregalar os olhos. — Eu não costumo falar duas vezes Verônica e, você sabe disso.

Relutantemente a soltei e me afastei. Minhas mãos estavam trêmulas.

— Por que isso? — Quis saber, seu tom era baixo. — Ela se tornou importante agora?

Travei o maxilar e ajeitei meu paletó enquanto seguia na direção da porta.

— Quando foi mesmo que te dei satisfações da minha vida? — repliquei com sarcasmo.

— Cretino!

Olhei para ela e dei uma piscada marota antes de sair de lá.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 15

Millie Evans

Assim que cheguei no prédio avistei Benson recostado em seu carro. Pelo retrovisor percebi que Bruce ainda me seguia e tendo consciência de que ele relataria todos os meus passos ao Nathan, tive um lapso de travessura. Estacionei meu carro ao lado do Benson e desci jogando-me nos braços dele como uma desesperada.

— Estou aqui agora, se acalme — sussurrou em meu ouvido. Suas mãos acariciando meus cabelos e minhas costas simultaneamente.

Não aguentando a tentação e movida por um impulso ainda maior, o beijei. Enfiei minha língua completamente na boca dele, não dando a chance de recusar-me. Estava agitada e quente pela adrenalina e foi só sentir o calor de seus lábios que esqueci o verdadeiro propósito daquele beijo. Eu queria que Bruce narrasse cada detalhe ao Nathan, mas ter as mãos do Benson sobre mim me desmanchou completamente.

— Que recepção calorosa — soprou entre o beijo.

Sorri para ele, apesar do constrangimento.

— Estou um pouco nervosa, desculpe.

— Shh... Não se desculpe por algo tão maravilhoso — murmurou aconchegando-se um pouco mais ao meu corpo pequeno e trêmulo. — Adorei sentir toda a intensidade do seu nervosismo. — Dirigiu-me um olhar malicioso. De repente, olhou ao redor e franziu o cenho. — Consegue ver o carro que a seguiu?

Soltei um suspiro frustrado e ajeitei a gola da sua camisa. O perfume que emanava dele, era maravilhosamente bom.

— Vamos subir e eu te explico.

Não dando tempo para que falasse qualquer coisa, entrei novamente em meu carro e entrei na garagem do prédio esperando que me seguisse.

— Entre — pedi ao abrir a porta do apartamento. — Fique à vontade, vou apenas jogar uma água no rosto e já volto.

Deixei-o e saí pelo apartamento acendendo as luzes no caminho. Meu

corpo estava ansiando por um bom banho, mas esperaria para quando estivesse a sós.

Instantes depois, encontrei Benson no meio da sala. Parecia deslocado de alguma forma, não resisti em sorrir.

— Por que está sorrindo? — Quis saber, se aproximando.

— Você — respondi o analisando. — Consegue deixar os móveis desfocados com esse seu tamanho todo selvagem.

A gargalhada dele foi tão gostosa que me peguei sorrindo junto, contagiada com o clima relaxado.

— Quer dizer que sou selvagem?

— Inteiramente. — Sorri atrevida e aceitei sua mordida em meu queixo. Seus braços rodearam minha cintura. Seu rosto escondeu-se em meu pescoço e senti o toque macio de sua língua estremecendo-me. — Benson, estou suada...

— Gosto do seu cheiro de qualquer maneira.

Não consegui conter um gemido quando o senti sugar minha pele com um beijo de boca aberta. Delirando em sensações diversas me vi sendo colocada sobre um dos sofás.

— Ah, Benson...

Meus pensamentos estavam gritando com meu coração. Estava terrivelmente complicado ir contra as sensações deliciosas que meu corpo estava sentindo naquele momento. A parte que me confrontava estava perdendo cada vez mais para os delírios que minha boca deixava escapar. Benson era muito bom com a língua.

Fechei os olhos e comecei a desfrutar daqueles dedos beliscando meus mamilos intumescidos. Não havíamos transado depois da noite no *Veiled*, mas estava começando a dar adeus ao controle. A vida era minha e Benson estava ali, me desejando, completamente descompromissado, assim como eu. Então qual era o meu problema?

Abri os olhos e olhei para baixo. Meu camisete estava totalmente aberto e meu sutiã erguido, evidenciando meus seios pesados pela excitação.

A boca dele fechou-se em um deles e meu queixo caiu em uma súplica silenciosa. Aquele homem era tão lindo. Não me cansava de admirar a beleza que o contraste de nossas peles denunciava. Era perfeito.

— Onde fica o quarto? — ele perguntou ofegante.

Apenas apontei para o corredor, absorta nas sensações, incapaz de pronunciar qualquer palavra. Parecia anestesiada.

Facilmente, ele me pegou em seus braços e me carregou corredor a fora. Não cansou de me beijar e acariciar um instante sequer. Minha cama encontrava-se desfeita, mas não foi empecilho para ele que, me repousou delicadamente e logo se deitou sobre mim. Seu desejo me despertou ainda mais, a dureza de sua ereção me esquentou.

— Porra! Você é tão gostosa... tão cheirosa — pausou inalando minha pele com força. Estremeci, minhas mãos voaram para seus ombros, subindo de encontro aos seus cabelos curtos.

Arqueei as costas convidando-o a trilhar o caminho mais abaixo, ao lugar pulsante e necessitado de atenção. Abandonei meus receios e culpas. Eu queria aquilo, queria senti-lo novamente em meu corpo e em minha pele.

— Benson... um pouco mais para baixo, por favor.

Ele riu contra minha pele, arrepiando-me. Seus beijos desceram e rodearam meu umbigo enquanto suas mãos trabalhavam no zíper de meu jeans. O calor de suas mãos aqueceu-me conforme ele foi descendo minha calça, ajudei-o quando chegou em meus calcanhares. Estava ansiosa e expectante.

— Temos tempo... — sussurrou com o rosto entre as minhas pernas. Suavemente, abriu-as e inclinou-se mordendo meu clitóris por sobre a calcinha. Arquejei diante do prazer. Com os dedos, ele friccionou-o, esfregando freneticamente fazendo-me pular. — Já está tão meladinha para mim.

Fechei as mãos nos lençóis e me preparei quando o senti deslizar a calcinha por minhas pernas. Sentia-me dolorida, ansiando por libertação.

— Que lindo a forma como sua boceta pisca para mim — murmurou e logo em seguida lambeu-a de cima a baixo.

Gritei alto, não estava preparada para aquela intensidade toda. Os próximos ataques de sua língua mágica foram me deixando completamente enfraquecida. Os gemidos ecoavam pelo quarto de forma escandalosa e eu sequer fiquei constrangida quando comecei a esfregar-me contra o rosto dele.

— Isso, gostosa... se esfregue em mim... — gemeu, lambendo-me feito um faminto por água. — Quero beber de você, solte-se... liberte-se.

Revirei os olhos e arquejei o corpo inteiro fazendo com que meu quadril, juntamente com minhas pernas, abraçasse a cabeça do Benson. Eu conseguia sentir as gigantes ondas de prazer, o clímax estava se aproximando.

De repente, o som da campainha começou a ecoar pelo apartamento de forma descontrolada, me pareceu que a pessoa havia esquecido o dedo sobre o botão.

Benson continuava, sem se preocupar. Eu tentei seguir o ritmo dele, mas não estava dando certo. Aquele barulho frustrou meu desejo e consequentemente meu orgasmo iminente.

— A campainha Benson — murmurei, firmando-me sobre os cotovelos para poder vê-lo. A visão do rosto dele entre minhas coxas me deixou arrepiada.

— Está esperando alguém? — Quis saber, soltando beijos por minha coxa.

Retesei os músculos, completamente sensível a qualquer toque mínimo.

— Não que eu me lembre — respondi sincera.

Aproveitei que ele saiu de cima de mim e me joguei para fora da cama, considerando que quem quer que fosse tinha pressa em ser atendido.

— Fique aqui, já volto — falei colocando o robe apenas.

— Seja quem for, dispense logo e volte para mim. — O encarei e arquejei com seu olhar faminto sobre meu corpo. Parecia um animal selvagem apreciando sua caça.

Apenas pisquei marota e saí do quarto.

— Já vai, droga! — gritei ainda no corredor. — Caramba, que pessoa agoniada.

Assim que destravei e abri a porta, travei no lugar. Imediatamente procurei me cobrir um pouco melhor, ruborizando sobre os olhos dele.

— Como ousa vir aqui? — indaguei, embora meu tom tenha soado baixo. — Para falar a verdade, isso não deveria ser uma surpresa para mim, considerando o seu histórico. Você age nas sombras não é mesmo? Na dissimulação.

Tentei fechar a porta, mas ele impediu e praticamente invadiu o apartamento, obrigando-me a dar alguns passos para trás, batendo contra a parede.

Ofegou enraivecido.

— Como ousa? Saia já! — ordenei, porém ele fingiu não me ouvir e ficou analisando-me.

— Você está com as bochechas coradas. — Observou com olhos de águia sobre mim. Paralisei quando ele tocou a pele do meu rosto. Meu coração acelerou quando ele inalou meu cheiro profundamente. — Está cheirando a sexo também.

— Que inteligente da sua parte, meu caro amigo.

Ouvimos a voz imponente do Benson. Virei a cabeça em sua direção e o vi aproximar-se de nós com uma tranquilidade invejável e irritante por sinal.

— Vocês estão juntos? — O tom de voz sinistro do Nathan chamou minha atenção para ele. Seus olhos estavam férreos sobre os meus.

— É da sua conta? — repliquei. O maxilar dele enrijeceu automaticamente. — Afaste-se de mim — rosnei.

Com extrema raiva exalando de seu olhar, ele se afastou. Obriguei meu corpo a respirar mais devagar.

— O que está fazendo aqui? Minha garota não parece satisfeita com sua presença. — Benson parou diante dele e cruzou os braços. Ele havia tirado a camisa, então seus músculos estavam todos expostos.

Nathan começou a rir descontroladamente.

— Sua garota? — perguntou de modo irônico, entre risos. — Desde quando?

— Nathan...

Fui interrompida por Benson.

— Desde quando ela permitiu a mim esse privilégio. Você lembra-se de quando teve a sua chance? — indagou sarcasticamente. — É claro que não — murmurou sem dar chance de ele responder. — Você não julgou a oportunidade de estar com ela como um privilégio e, sim como uma oportunidade de se entreter enquanto não finalizava o plano de roubar o pai dela.

Em um movimento rápido, Nathan o acertou no rosto. Dei um grito com o susto e me vi desesperada diante da briga entre os dois.

— Não fale o que não sabe seu filho da puta! — Nathan gritou enquanto o socava feito um alucinado. Benson deu um jeito de se esquivar e rapidamente acertou um golpe no Nathan fazendo-o gemer.

— O que eu não sei, hein? O quanto você foi um canalha?

— PAREM! — gritei outra vez. Meus olhos estavam marejados e meu coração batia descompassadamente. Fechei os olhos por um instante e quando voltei a abri-los, Nathan estava sentado sobre o corpo do Benson.

— Você está sendo melhor do que eu, então? — A fúria era nítida em sua voz. Benson parecia estar imobilizado debaixo dele. — Tornando-a musa daquele grupo de merda? Fazendo dela um alvo para pervertidos?

Cobri o rosto com as mãos e deixei as lágrimas escorrerem livremente. Estava trêmula e enfraquecida diante daquela violência toda.

Benson se libertou e o empurrou com os pés, no movimento eu fui atingida pelo corpo do Nathan por estar atrás dele. Arrastei-me para o outro lado em prantos, minha boca ardia e parecia sangrar.

— Millie! — Benson chamou.

— Sai, porra! — Nathan o afastou com agressividade. Aproximou-se de mim, cautelosamente. Seu belo rosto estava inchado e seu nariz estava

sangrando também. — Millie, eu sinto muito... eu não...

— Você só sabe me ferir - cortei-o entre lágrimas enquanto me encolhia, evitando seu toque.

— Eu não tive a intenção de machucar você.

Ergui os olhos para ele. Seu semblante era atormentado.

— De que parte você se refere? A de agora ou a anterior? — Ele engoliu em seco e ameaçou tocar meu lábio ferido. — Saia do meu apartamento — ordenei.

Ficamos nos encarando por longos instantes, havia emoções conflitantes presentes em nossos olhares. Enxuguei as lágrimas grosseiramente e voltei a encará-lo, porém de modo desafiante.

— Além de filho da puta ainda tem problema de audição, cara? — Benson quebrou o silêncio torturante.

— Cala a porra da boca! Não ouse falar da minha mãe, caralho!

— Nathan! — gritei um pouco rouca. — Sai daqui, por favor.

Levantando-se, ele me deixou um último olhar e depois saiu batendo a porta com força. Pulei com o barulho alto. Na mesma hora Benson se aproximou de mim pegando-me em seus braços.

Completamente amolecida, me ajeitei entre as cobertas que carinhosamente Benson me aconchegou. Eu estava emocionalmente acabada e sequer conseguia parar de chorar.

Após ter cuidado do corte em meu lábio inferior, Benson se acomodou gentilmente ao meu lado na cama e me ofereceu o ombro.

— Ele está me enlouquecendo — sussurrei, depois de longos minutos de silêncio. — Não consigo acompanhar tanta mudança de personalidade e atitudes — pausei. — Sabe o carro que me seguia?

— O que tem ele?

— Estava a mando dele — respondi, lembrando-me do Bruce. — O segurança está sendo pago para me proteger e, ou vigiar.

— Desconfiei disso.

— Mas eu o confrontei sobre essa loucura, talvez tenha sido por isso que ele veio até aqui — murmurei frustrada. — Não o quero me perseguindo dessa maneira, caramba! Ele acabou de invadir meu apartamento! — Segurei o grito de agonia preso em minha garganta. — Está machucado, Benson? Ele machucou você? — indaguei tentando me levantar para vê-lo, porém ele impediu:

— Não se preocupe comigo, *pequena fênix*. — Acariciou meus cabelos. — Estou preocupado com uma coisa que está martelando em minha cabeça.

— O que foi?

Ele soltou um longo suspiro.

— O que ele quis dizer quando falou sobre você estar na mira de pervertidos? Aconteceu alguma coisa que você não me contou?

Repousei a mão em seu peito e passei a acariciar, enrolando os dedos nos pêlos.

— Enquanto ele e eu estávamos juntos, conheci algumas pessoas e entre elas, um cara chamado Max — pausei. — Uma amiga nossa fez aniversário e realizou um jantar na noite de ontem e esse Max também foi convidado, justamente por ser um amigo em comum. Eu havia bebido alguns drinks e ele também, só que eu não sei como aconteceu, mas ele começou a comentar sobre o *veiled* e do quanto queria me foder, eu...

Senti quando Benson apertou-me um pouco mais contra si.

— Eu avisei minha amiga que iria embora, mas ele me seguiu até meu carro e tentou me agarrar à força.

— Que babaca! — A voz de Benson soou estrangulada, como se estivesse se controlando. — Não acredito que não me contou isso — acusou inconformado.

Sequer ousei olhá-lo nos olhos.

— Não chegou a acontecer nada, pois Nathan chegou na hora e o impediu — falei, tomando o cuidado de ocultar a parte onde dormi no apartamento dele.

Nervoso com tudo o que contei, Benson delicadamente me afastou de seu ombro e se levantou. Permaneceu sentado de costas para mim.

— Por que não me disse antes?

— Não pensei que fosse necessário.

— Como não Millie? — Virou-se com olhos revoltados.

— Estamos apenas em uma amizade colorida Benson, por favor, não se sinta com direitos sobre mim. — Estreitei os olhos na direção dele. — De controlador já me bastou o Nathan.

Ele se encolheu imperceptivelmente, porém não recuou o olhar.

— Não interprete mal minhas palavras, apenas fico preocupado com você.

Soltei um suspiro e puxei a coberta um pouco mais, sentia—me exausta.

— Eu sei, Benson. Me desculpe.

— Tudo bem — murmurou enquanto eu fechava os olhos, exausta. — Ficarei com você até que durma. Irei chavear a porta por fora depois passo a chave pela fresta, ok?

— Uhum.

Meu corpo estava tão destruído emocionalmente que não demorou para que eu mergulhasse em um profundo sono. Um pouco distante sentia-me atormentada por intensos olhos verdes que pareciam despir a minha alma.

Capítulo 16

Nathan Backer

— Quanto tempo eu vou ficar falando sozinha, Nathan? — indagou, Mellanie com um olhar zangado.

Soltei o ar aos poucos e levei a taça de vinho à boca.

— Me desculpe.

Vi quando ela repousou as mãos à mesa e me encarou.

— O que foi, hein? Estou entediando você? Era só ter recusado o meu convite para tomar café, Nathan. Não precisava ter...

— Mellanie, quieta! — cortei-a com impaciência. Odiava quando ela começava a dramatizar. Revirei os olhos quando percebi seu semblante magoado, parecia que iria chorar a qualquer momento. — Não é nada pessoal, entenda. Estou estressado com algumas coisas minhas.

— Tem a ver com aquela garota?

Fiquei a encarando com o maxilar trincado, um turbilhão de emoções se apossando de mim naquele momento. Eu sequer havia conseguido dormir direito, estava horas a fio analisando cada detalhe do que aconteceu no apartamento da Millie.

— Que garota? — Fingi desinteresse enquanto voltava a dar atenção à torta salgada, sem ao menos sentir o sabor e a textura da mesma.

— Não precisa fingir, pois eu te conheço Nathan. — Sorriu com divertimento me irritando. — Certamente que se sua concentração está devastada, isso possivelmente tem a ver com alguma mulher e é obvio que não se trata daquela vagabunda da Verônica. E sem falar no fato de estar com alguns ferimentos no rosto. Andou se assanhando com alguma mulher casada ou brigou tentando defender o território que ainda julga ser seu?

Eu tinha certeza de que ela se referia a Millie, Mellanie odiou-me pela forma cretina como a havia tratado. Com o cenho franzido, desdenhei.

— Eu já falei que odeio essa sua forma de me ler tão bem, sua *branquela?*

O rosto dela tornou-se rubro, mas de raiva.

— *Argh!* Não me chama de *branquela*.

Gargalhei divertido.

— Não estou mentindo — continuei provocando.

— Retardado — resmungou irritada, porém sorriu de leve logo depois. — Está escrito nos seus olhos que tem a ver com ela, aposto que agora ela está te dando uma canseira, acertei?

Franzi a testa levemente e abaixei os olhos, eu queria me calar, porém escutei minha voz ressoando sem minha permissão:

— Ela está tendo um caso com Benson Watson.

— O empresário negro?

— Ele mesmo. — Entortei os lábios ao confirmar.

— Uau! Que dureza. — Sorriu de modo debochado fazendo-me olhá-la. — O cara é de uma beleza extraordinária e ainda por cima exala luxo por onde passa, bem do que nossa mocinha está necessitando agora. Você ficou sabendo que o pai dela teve a fortuna saqueada? — ironizou.

Colocando as mãos contra a superfície polida da mesa, deixei a cabeça cair entre os ombros e concentrei-me em arrecadar o que restava do meu autocontrole.

— Às vezes me esqueço do quanto você pode ser irritante Mellanie — falei entre dentes cerrados. — Será que seria pedir muito para que não se metesse mais na minha vida?

O rubor nas bochechas dela indicou-me o quanto ela havia ficado irritada.

— Pergunto o mesmo sobre essa sua grosseria — revidou com olhos faiscantes. — Por acaso eu tenho culpa das merdas que você faz? Quem mandou agir feito um lunático!

Esfreguei o rosto e entrelacei os dedos em meus cabelos, aproveitei e o amarrei.

— Quando pretende ir conversar com seu pai? — Obriguei-me a mudar

de assunto ou não seria responsável pelo que viesse a acontecer.

— *Argh!* Começou. — Seu tom de voz soou fadigado. — Estava demorando para voltar com esse assunto insuportável. Estou incomodando muito você? É isso?

— Caralho, Mellanie! Não se trata de mim e sim de você e desse desentendimento idiota com seu pai.

— Acontece que o seu tio não age como se eu fosse a filha dele e sim, como se eu fosse uma propriedade ou uma peça de luxo daquela casa de merda. — Alterou-se.

Trinquei o maxilar e busquei respirar profundamente.

— Esse é o jeito dele, mas não quer dizer que ele não a ame — insisti, amenizando o tom de voz. — Pense bem, será que ele merece toda essa sua frieza? Afinal de contas, ele é seu pai.

— Então pegue para você, já que não tem um!

Atônito, permaneci em silêncio. Sentia como se tivesse sido ferido a golpes pontiagudos. Nada poderia preencher o imenso vazio que se abrira em meu peito.

Joguei o guardanapo na mesa e comecei a me afastar.

— Me perdoe, por favor — ela implorou, segurando-me pela mão. — Eu me descontrolei e...

Extremamente magoado e irritado, me desvencilhei do seu toque e a impedi de se levantar:

— Não tente me seguir — enfatizei, em tom implacável fazendo-a engolir em seco. — Eu a amo como uma irmã Mellanie, entretanto com a raiva que estou sentindo de você neste exato momento, ela pode ultrapassar o amor com extrema facilidade. — Apertei as mãos em punho, buscando aplacar um pouco daquela adrenalina que a fúria emanava em meu corpo. — Então, se poupe e nos poupe.

Eu não estava blefando e ela sabia. Jamais quis machucá-la, mas com tanta coisa acontecendo e o fato de ter tocado em minha ferida de forma tão cruel, me revoltou imensamente.

— Só me... desculpe — soluçou, entre lágrimas.

Peguei meu paletó e minha maleta. A emoção diminuía à medida que ouvia seus soluços e eu sabia que era inútil continuar ali, não com toda aquela bagunça em minha mente. A enxurrada de recordações me deixando sufocado.

— Fico me perguntando de onde você tira coragem para me confrontar dessa maneira... Conhece um dos meus pontos fracos não é mesmo?

Com isso, disparei para fora do restaurante e para longe dela. Meu corpo encontrava-se estremecido e meus batimentos acelerados em decorrência da extrema adrenalina.

Assim que me ajeitei em meu carro, fixei os olhos no retrovisor encarando meu próprio reflexo.

— Acalme-se, inspire e respire... — repeti controlado, passando a mão pelo rosto e depois pelo cabelo desarrumado.

Liguei o carro na chave e o guiei para fora do estacionamento, acelerando na direção da empresa. A ideia era me afundar em trabalho pelo restante daquele dia de merda.

Millie Evans

Acordei sobressaltada com o barulho estridente do celular. Estiquei o braço e com os olhos fechados passei a tatear a superfície da mesinha até encontrá-lo.

Pisquei algumas vezes até me dar conta de que passava das nove horas da manhã e meu digníssimo chefe estava me ligando.

— Droga! — exclamei me sentando bruscamente na cama, o movimento feriu meus músculos que já se encontravam doloridos. Sem coragem de atender recusei a chamada e desliguei o celular. — Dormi demais.

Frustrada, joguei o celular sobre a cama e deixei-me cair. Os acontecimentos recentes foram tão intensos que praticamente apaguei, as emoções afloraram-se demais.

Encolhi o corpo enquanto abraçava o travesseiro, a lembrança da noite anterior tomando conta de mim. Não tinha certeza do horário em que Benson havia ido embora, mas lembrava-me de seus cuidados doces e gentis.

Pensativa, comecei a enrolar meus cabelos. Havia tanta confusão pairando em minha cabeça, era difícil imaginar uma mudança brusca. Minha vida havia dado uma guinada imensa, mas eu ainda me sentia presa aos sentimentos de antes. Era como se eu nadasse contra uma maré contrária e nada que eu fizesse fosse mudar aquele fato. Nem com esforço extremo eu conseguia entender, assim como não entendia os reais motivos das estranhas atitudes de Nathan.

Inconscientemente, comecei a repassar cada detalhe, cada instante do que acontecera, tentando entender como tudo começara. Para mim era simples; ainda me sentia atraída por Nathan, apesar de tudo. E para ele... Bem, possivelmente me queria como a cereja do bolo. Afinal, ele me desejava!

Sentindo-me enrubescer de raiva e lembrando-me da excitação que sentira, me levantei da cama seguindo direto para o banheiro. Necessitava de um bom banho, precisava sentir-me renovada e arrancar a imagem do olhar atormentado do Nathan da minha cabeça.

A manhã estava extremamente agradável em compensação ao meu humor oscilante. Apesar de estar me sentindo leve depois do longo banho de banheira, meus pensamentos ainda me perturbavam. A sensação da brisa fresca juntamente com os raios da luz solar sobre meu rosto, pareciam querer amenizar meu desconforto conforme eu caminhava, direcionando-me à confeitaria na esquina do prédio em que eu morava.

O ambiente era extremamente aconchegante e me remetia a algo familiar. Sentia-me como em minha infância na época feliz, quando minha mãe fazia questão de preparar bolos e tortas com as próprias mãos. Logicamente que os flashes desses momentos eram escassos e um pouco confusos pela pouca idade que eu tinha na época, mas ainda sim, eu conseguia me lembrar do imenso amor entre nós, do grande elo que tínhamos como mãe e filha.

Voltando a atenção ao estabelecimento, fui até o balcão e fiz o meu pedido antes de escolher uma mesa de canto, porém próximo à janela para poder observar a paisagem de fora.

Ainda não tive coragem de ligar para a loja e conversar com o senhor Rowland, na verdade, sequer havia pensado em uma desculpa cabível. O que eu diria?

Soltando um leve suspiro apoiei os cotovelos na mesa e com as mãos esfreguei meu rosto suavemente. Em seguida, retirei meu laptop da bolsa e resolvi me aproveitar do sinal livre do *wifi* para verificar minhas redes sociais e minha caixa de e-mails.

Enquanto estava com os olhos fixos na tela, meu pedido chegou e sorri em agradecimento à garota gentil que o havia trazido. Eu havia me tornado uma freguesa praticamente assídua, já que frequentava o lugar quase todos os dias. Adorava o café que eles forneciam, era de um sabor fantástico.

Depois de sorver o liquido quente e deixar-me quase anestesiada de satisfação voltei a vasculhar em meus e-mails e um deles me chamou a atenção.

Millie,

Não sei se você tem lido meus e-mails, pois já mandei alguns e nunca obtive respostas... Na verdade, eu gostaria apenas de saber como estão as

coisas com você e em sua nova vida desde que saiu do internato. Outra coisa, estou indo para Londres na próxima semana. Lembra que falava sobre meu sonho de ser estilista de moda? Então, estava há alguns meses me especializando e tive a sorte de conseguir uma sócia para investirmos em uma marca própria. Não é incrível?

Gostaria muito de rever você qualquer dia. Peço que anote meu telefone e me ligue para marcarmos algo.

Um beijo,

Amber&Fashion Stylist

Levei alguns minutos para processar o que tinha acabado de ler. Pisquei freneticamente para raciocinar diante daquelas palavras. Amber havia sido uma boa amiga no *Le Rosey* e certamente não fiquei contente quando tivemos de nos separar, tendo que cada uma seguir seu caminho. Ela era tão espirituosa, sempre com alguma palavra de incentivo pronta, jamais se deixava abater por qualquer dificuldade e, ou obstáculo.

Verifiquei a data do e-mail e gelei, considerando suas coordenadas ela já estava em Londres há quase duas semanas.

— Céus! — exclamei sentindo-me uma péssima amiga.

Rapidamente peguei meu aparelho celular e o liguei ignorando as milhares de notificações. Disquei o número da Amber e aguardei ansiosa.

— *Amber falando.* — Atendeu.

Um sorriso enorme se abriu em meus lábios e fechei os olhos com as milhares de recordações e emoções que me abateram ao ouvir sua voz.

— *Amber sou eu, Millie.*

— *Oh meu Deus! Millie! Eu já havia perdido as esperanças de que pudesse voltar a vê-la.*

— *Me desculpe. É que meus dias atuais estão bastante corridos e somente agora tive acesso aos seus e-mails* — expliquei. — *Mas e então, está em Londres?*

— *Sim! Cheguei semana passada e estou bastante atarefada também, mas gostaria de vê-la.*

Verifiquei meu relógio.

— Irei trabalhar somente no período da tarde, poderíamos nos ver agora e almoçarmos juntas se não for incômodo para você.

— Na verdade, acabei de combinar de almoçar com minha sócia.

— Ah...

— Mas não falaremos o tempo todo de trabalho, você pode almoçar conosco sem nenhum problema. Que tal?

— Não se incomode, Amber. Temos tempo para nos ver...

— Sem essa, Millie. — cortou-me impaciente. *— Estou morrendo de saudades e louca para conversar com você.*

Beberiquei um longo gole do meu café e suspirei.

— Está certo, então! Onde será o almoço?

Conversamos por mais alguns minutos com a promessa de nos vermos mais tarde. Eu estava entusiasmada com a mudança que seria na minha rotina. Seria bom abandonar um pouco os meus fantasmas e mergulhar em uma atmosfera nova, com novos assuntos e outros sorrisos. Pelo menos por algumas horas.

Ao entrar no luxuoso restaurante, logo me identifiquei na recepção para em seguida ser acompanhada gentilmente à mesa reservada.

Apesar de sentir-me um pouco deslocada pela minha roupa, informal, estar longe de acompanhar a formalidade do lugar, me peguei sorrindo feito boba ao me deparar com Amber. Primeiro ouvi sua voz, depois sua risada animada. Ela parecia distraída enquanto conversava com sua acompanhante.

— Obrigada por me acompanhar — murmurei ao *maître*.

Respirando fundo, eu me aproximei e não demorou para Amber me avistar.

— Millie!

Logo levantou-se e veio até mim com extrema alegria e emoção, murmurando o quanto sentiu saudades e o quanto sentia falta de nossas

conversas e pequenas travessuras.

Afastei nossos rostos e a olhei com olhos lacrimejantes. Ela continuava linda e magra. Seus cabelos loiros e outrora repicados, agora caíam por seus ombros feito cascata.

— Você não diminuiu nada, continua um *poste ambulante*.— Brinquei, referindo-me à altura dela. Ela sorriu abertamente revelando dentes perfeitos.

— E você? Esqueceu de acompanhar o tempo, *tampinha?* — Retribuiu minha provocação.

Puxei-a para mais um abraço apertado. Estava feliz por voltar a tê-la na minha vida. Amber sempre conseguia me fazer enxergar as coisas por outra perspectiva, que podia melhorar mesmo quando tudo conspirava contra.

— Venha, sente-se conosco — falou, voltando ao seu lugar. Com isso e um pouco mais relaxada me movi na direção da cadeira mais próxima. — Quero que conheça minha mais nova amiga e sócia. — O orgulho escorria por suas palavras e me peguei sorrindo enquanto ajeitava o guardanapo em meu colo. — Mellanie, essa é Millie, uma antiga amiga e muito especial. Millie, essa é Mellanie.

Ergui os olhos e permaneci imóvel e gelada enquanto encarava aquela mulher. Por um momento, o mundo parou em seu eixo, e eu fui levada ao passado imediatamente.

— Millie? — sussurrou Amber, agarrando meu braço. Os olhos castanhos escureceram de preocupação. — O que foi? Você está pálida como um fantasma.

— Estou bem — consegui dizer. Cocei a garganta e voltei a encarar aquela mulher diante de mim. Ela parecia uma onça de tão selvagem, com aqueles olhos incrivelmente verdes me remetendo ao homem que provavelmente ela estava transando, considerando que estavam quase sempre juntos. — Creio que já nos conhecemos — falei, forçando um sorriso simpático.

Ela me encarava como se estivesse fazendo uma análise minuciosa. Aquilo só alarmava a minha irritação.

— Se conhecem? Sério? — Amber continuou, sequer notando as leves

faíscas soltas no ar.

— De alguns eventos, acredito — Mellanie respondeu, direcionando o olhar à Amber. — Mas nada que seja concreto, não é mesmo?

Dei um sorriso fraco e escondi as mãos em meu colo por estarem tremendo.

— Nada de concreto — concordei forçadamente.

Amber ficou nos encarando com desconfiança por alguns instantes.

— Bom, vamos fazer o pedido então? — Quis saber.

Confirmei lutando para esconder a vontade de sair correndo dali.

Qual a probabilidade daquilo acontecer? Por que aquela garota, justo ela tinha que ser a sócia da Amber? O mundo girava loucamente.

— Por mim, tudo bem — Mellanie respondeu.

De relance, comecei a observá-la enquanto conversava com Amber. Não era de estranhar o motivo de Nathan ter se interessado por ela. Entretanto ela parecia ser autoritária e feroz, do tipo que exige respeito a suas regras. Grossos cabelos negros e queixo angular intensificavam sua aura de poder. Somente os cílios curvos e longos emprestavam uma ponta de suavidade à expressão dominadora.

— Vocês me dão licença? Preciso retocar a maquiagem — Amber levantou-se. Parecia que eu estava em uma armadilha, fechei os olhos e respirei fundo. Entrar em pânico não ajudaria em nada. Tinha de ficar calma e pensar.

Talvez estivesse exagerando. Aquela garota não era do tipo de se interessar pelos casinhos do Nathan. Talvez não tivesse me reconhecido e, ou de repente nem chegou a saber sobre mim.

Levei a taça de vinho à boca, torcendo para que Amber não demorasse a retornar à mesa.

— Não há necessidade de toda essa tensão, Millie. — Quase me afoguei ao ouvir a voz dela quebrando o nosso silêncio constrangedor. — Não tenho nada contra você e para falar a verdade, sequer te conheço.

Arregalei os olhos e busquei me acalmar antes de encará-la.

— Você está certa, mas não sou capaz de agir diferente. O ressentimento de saber o quanto vocês riem nas minhas costas me destrói por dentro.

— Por que acha que Nathan e eu rimos de você?

Meus olhos foram nublados por uma fúria sobrenatural e tive que respirar profundamente antes de responder:

— Pensa que sou ingênua, não é? Sei que fiz papel de fantoche nas mãos do Nathan, deixei-me ludibriar por palavras tortas e mentirosas da parte dele. Mas em hipótese alguma isso acontecerá de novo, independentemente de qualquer ocasião.

Ela recostou as costas em sua poltrona e pegou sua taça de vinho elegantemente levando-a em seus lábios rosados.

— Você é forte e intensa. — Observou com incríveis olhos brilhantes. — Por acaso pensa em se vingar? — Quis saber.

— Não é da sua conta — rosnei, estava quase impossível esconder minha irritação. — Acha mesmo que irei compartilhar algo com você? Amante dele?

Ela franziu o cenho e repousou a taça na mesa.

— Amante?

Abri a boca para falar, mas decidi me calar assim que avistei Amber se aproximando de nós.

— Agora sim, sinto-me bem — comentou, com extremo alivio. Sua aparência encontrava-se impecável. — Não sou a mesma sem maquiagem ou com ela borrada. — Revirou os olhos exageradamente.

Sorri de sua expressão dramática.

— Senti tanta falta disso, sabia? — Deixei meus pensamentos em voz alta.

— O que? — Quis saber, sorrindo.

— Das suas dramatizações, oras. — Ela gargalhou. — A verdade é que

estou feliz de ter você novamente em minha vida.

Emocionada, ela pegou minha mão e a apertou carinhosamente.

— Eu também estou feliz.

Em seguida, ela deu um jeito de incluir a Mellanie na conversa, apesar do meu esforço em mantê-la de fora. Quando nossos pedidos chegaram, eu decidi me manter neutra, porém atenta à tudo e à todos os detalhes. Mentalmente anotei diversas dúvidas e pretendia cobrar da Amber mais tarde ou em outra oportunidade, quando estivéssemos sozinhas.

Capítulo 17

Nathan Backer

Que o restante do meu dia havia sido uma merda isso estava visível. Depois que deixei Mellanie naquele restaurante, lutei para me afundar em trabalho e assim poder esquecer o que me afligia e perturbava. Eu me via preso entre um amontoado de lembranças. Mellanie e eu praticamente crescemos juntos. A nossa infância havia sido tão tumultuada, apesar dos meus sorrisos infantis. Havia um enorme vazio dentro de mim, uma falta que jamais poderia ser preenchida novamente. Meu falecido pai não retornaria.

Com um suspiro longo, repousei os pinceis sobre o apoio do suporte da tela de pintura. Fiquei encarando por alguns instantes, analisando os traços, prestando atenção se não haviam ficado detalhes fora do lugar e, ou esquecidos. Ergui os olhos para além de mim e os fixei na bela mulata que estava sensualmente sentada em uma cadeira. Suas pernas abertas deixavam a imaginação masculina viajar, considerando que ela estava nua, coberta apenas por um lençol branco que se amontoava sobre seu colo e mal cobria os seios.

Quando recebi a ligação dela, pouco antes do final de tarde, eu quase havia recusado, pois meu humor estava péssimo e poderia passar para a pintura. Entretanto, de alguma forma mágica me acalmava. Tocar e pintar elevava meu espirito a algo sublime.

— Está pronto — falei, retirando meu avental.

Virei de costas quando a vi se levantar. Esperava que ela se dirigisse ao banheiro para se trocar, porém me deparei com sua voz logo ao meu lado.

— Deus! Que magnífico! — Encarei-a por sobre meu ombro e travei no lugar. O lençol havia ficado jogado no chão e a mulher revelava toda a sua nudez estonteante para mim. — Não é à toa que você é considerado um dos melhores artistas desse ramo. — Ela mordia os lábios ao pronunciar as palavras. Os olhos dela eram tão chamativos.

Cocei a garganta.

— Fico satisfeito de tê-la agradado — falei um pouco incomodado. — Agora vou deixá-la à vontade para poder se vestir. — Apressei os passos,

porém fui segurado por ela que sem perder tempo avançou os lábios nos meus. A princípio, eu correspondi e espalmei as mãos em suas costas, descendo até aquele bumbum empinado e carnudo. Entretanto algo em meu interior estalou e minha mente passou a ser invadida com diversas lembranças de um momento não muito distante.

"É só uma pintura, Nathan... A não ser que você não resista ao meu corpo inocente."

Aquela voz...

Abruptamente afastei a mulher do meu corpo. Pisquei os olhos algumas vezes lutando para tentar focalizá-la e afastar a imagem da Millie da minha cabeça. A voz dela parecia ecoar como um coro em meus ouvidos.

— O que foi? Não me acha atraente?

Constrangido lutei para encarar seus belos olhos e segurei suas mãos levando—as a minha boca onde beijei demoradamente. Em seguida fui até onde se encontrava o lençol e o peguei, cobrindo—a logo depois.

— Você é maravilhosa e muito desejável. — Ela me olhava com desconfiança. Peguei uma de suas mãos e a fiz apalpar minha enorme ereção.

— Oh, Céus! — exclamou enquanto lambia os lábios gulosamente. — Mas então deixe-me...

— Não! — segurei o pulso dela. — Infelizmente não estou em um bom momento. — A expressão dela se tornou amuada. — Eu sinto muito. — Me preparei para sair do cômodo. — Estarei a aguardando na sala.

Saí de lá extremamente atordoado, minha respiração ruidosa e meus sentidos balançados. O que aquela garota estava fazendo comigo? — referi-me a Millie.

Ao invés de rumar para a sala como havia afirmado à mulher, me vi seguindo direto para meu quarto. Ao entrar, avistei meu closet e quando percebi, meus pés estavam agindo por conta própria adentrando àquele espaço. Meus olhos se fixaram em algo que há muito tempo eu não via, simplesmente estava esquecido ali. Porém naquele momento, parecia ter um imã que me puxava, chamando-me. Com mãos trêmulas peguei e voltei ao quarto, repousando o objeto do meu desejo cuidadosamente sobre a cama.

Delicadamente retirei o tecido que o cobria e resfoleguei audivelmente quando meus olhos avistaram o conteúdo. Meu pau latejou dolorosamente e fechei os olhos brevemente, abrindo-os logo em seguida apenas para me encontrar na triste realidade de não estar diante dela pessoalmente. Eu a tinha apenas como uma maldita pintura.

Inclinei meu corpo e toquei com meus dedos. Sem dúvidas de que a pintura da Millie havia sido a melhor de todas. Ela era simplesmente perfeita, aquelas curvas eram divinas — pensei enquanto continuava a trilhar sua figura com meus dedos. Conforme a admirava ali, deixei com que meus pensamentos me levassem de volta àquele momento, ao momento das descobertas dela.

Não resisti em abrir meu zíper e assim liberar meu pau, completamente pesado de excitação. Levei o quadro até a cabeceira da cama e o repousei de frente para mim, como uma visão deliciosamente dolorosa. Os olhos dela estavam fechados na pintura e, não foi difícil lembrar-me dos movimentos que ela fazia enquanto eu pintava seu retrato. O suave roçar dos seus dedos contra sua pele que a fazia tremer e a gemer descontroladamente enquanto pressionava os próprios seios e sua fenda molhada e perfumada. Céus! Naquele dia ela havia se excitado com o meu olhar ardoroso sobre seu corpo, havia se tocado e eu acreditava que pela primeira vez. Millie se descobriu comigo, ela teve seu primeiro orgasmo e primeiro beijo comigo.

Deixei escapar um gemido gutural e tombei a cabeça para trás. Segurei com ainda mais força o meu pau e acelerei os movimentos conforme as imagens e os gemidos deliciosos dela invadiam meus pensamentos. Eu poderia ter qualquer mulher, mas não poderia mais negar a mim mesmo o enorme desejo de voltar a tê-la. Eu queria a ela.

Chamas de desejo cobriram minha pele por debaixo das roupas e senti-me endurecer ainda mais, eu podia sentir a ânsia de provar da pele dela novamente e a terrível consciência do quanto sentia sua falta, o quanto a queria.

Equilibrando-me sobre meus pés, as pernas levemente curvadas, eu olhei para a pintura e imaginei que ela realmente estava ali para mim, me olhando enquanto se tocava. Aberta, exposta e inundada de calor úmido.

Deixei escapar um outro gemido estrangulado e acelerei os movimentos do meu punho, delirando com os contrastes daquela pintura, com as imagens presentes de nossos momentos vividos a tão pouco tempo atrás.

Instantes depois eu arquejei entre os espasmos do meu corpo enquanto me desmanchava em um orgasmo arrebatador. Estremecido deixei-me cair completamente enfraquecido, fiquei praticamente de joelhos e o corpo esticado sobre a cama. Minhas mãos estavam lambuzadas. Levei alguns minutos para me acalmar e me recuperar do que acabara de acontecer. Havia muito tempo que eu não sentia prazer em me masturbar, mesmo porque eu sempre tinha alguma mulher para fazer aquilo por mim.

— Droga, Millie! — exclamei, perdido entre a derrota e a raiva.

Ergui os olhos e fixei-os no quadro onde ela estava deslumbrante e sensual. As ondas de excitação que ela me fazia sentir era capaz de ultrapassar a pintura. Ofeguei enraivecido e fechei os olhos, a visão da pele alva, o doce cheiro de excitação dela, os pequenos sons de lamuria que ela fazia quando eu a tocava...

Tudo aquilo acendia uma onda de desejo tão grande que eu não sabia controlar a besta dentro de mim.

Vagarosa e dolorosamente, fiquei de pé e virei-me, meu foco tão difuso que tive que tatear a ponta da cama com as mãos à procura de equilíbrio. Rapidamente guardei meu membro semi ereto e fechei o zíper. Cobri o quadro com o tecido e o guardei novamente no closet.

Em seguida entrei no banheiro e lavei as mãos. Molhei meu rosto e, consequentemente minha nuca em busca de um alivio momentâneo. Meus nervos estavam à flor da pele. Na verdade aquele orgasmo só me deixou com ainda mais fome...

Sem ter muita escolha, saí do quarto e me dirigi à sala. Provavelmente a cliente já deveria estar cansada de tanto esperar — pensei.

¥

— Tive uma noite péssima, Mark, portanto não me venha com notícias ruins. – murmurei ranzinza, enquanto ele se ajeitava a minha frente no

escritório. Fazia poucas horas que eu havia chegado, na intenção de me afundar em funções.

Ele soltou uma risadinha.

— Estranho — resmungou, fazendo-me encará-lo.

— O que é estranho?

— Pelo óbvio, era para você estar exalando felicidade, pois se tornou um dos executivos mais ricos de Londres. E ao contrário disso, o vejo sempre com o semblante fechado. — Respirei profundamente e baixei meus olhos, assimilando suas palavras. — Você tem certeza de que realmente fez a coisa certa?

Voltei a encarar os olhos dele e não encontrei aquele mesmo ar debochado, mas um extremamente preocupado.

— Cada lembrança que tenho de um passado não muito distante, me faz ter essa certeza, Mark. Cada lágrima que eu derramei quando criança, reforça ainda mais essa certeza. — A testa dele enrugou-se. Joguei o corpo para trás na poltrona. — Isso vem lá de trás meu amigo, eu ainda era um menino — acrescentei.

Mark ficou me encarando preso em uma mistura de seriedade e perplexidade.

— A vingança não combina com felicidade, Nathan — comentou em tom baixo. — Existe apenas o furor momentâneo e a glória passageira. Mas e quanto as pessoas na qual você enganou para chegar até onde está? Tenho certeza de que amavam você verdadeiramente.

— Atualmente não me sinto digno de amor, Mark — falei abrupto.

— Talvez seja hora de mudar as atitudes, então — insistiu.

Ergui meus olhos e fiquei o encarando com a mão no queixo. Havia uma guerra em meu interior, mas por enquanto o meu lado negro estava vencendo.

— O que veio fazer aqui? — indaguei dando o outro assunto por encerrado.

— Certo... — coçou a garganta e se concentrou em me mostrar alguns

papeis. — Ontem à noite tivemos uma queda nas ações e a retirada de alguns milhões.

— O que? — Alterei-me.

— Dois investidores pularam fora — explicou.

Levei as mãos no rosto e o esfreguei preocupado.

— Por quê?

— Joseph está mantendo contato com todos eles e com isso almeja fazer com que abandonem a empresa. Na verdade ele quer apenas te prejudicar, Nathan.

— Desgraçado! — gritei, chocando o punho contra a mesa com força. — Onde ele está?

— Não sei.

Rapidamente me curvei sobre a mesa e peguei o telefone discando um número:

— *Venha até minha sala Verônica* — ordenei assim que ela atendeu. — *Não me interessa se está ocupada ou não, eu a quero aqui e agora!* — enfatizei irritado ao extremo.

Bati o telefone com agressividade exagerada. Max preferiu ficar em silêncio enquanto eu me corroía internamente.

Instantes depois, uma batida leve ressoou na porta.

— Entre logo! — Quase rosnei.

Assim que ela avistou a figura do Mark disfarçadamente ajeitou a saia que já estava erguida.

Vagabunda — pensei. Provavelmente veio imaginando que transaríamos.

— A que devo a honra do seu chamado? — indagou sarcasticamente enquanto caminhava até nós. — Olá, Mark — saldou-o com ar inocente.

— Que merda de trabalho você faz como uma das diretoras da empresa se fiquei sabendo pelo Mark o desfalque de dois investidores no nosso *cashing?*

O semblante dela se apavorou imperceptivelmente.

— *Sorry,* querido — debochou. — Mas com a sua preocupação tão focada na *princesinha do papai*, não tive certeza se gostaria de saber desses assuntos.

Trinquei meu maxilar com tanta força que tive medo de quebrar os dentes. Desviei os olhos para o Mark:

— Encontre com o Jared agora! — ordenei. — Se esforcem para descobrir a localização daquele infeliz do Joseph, quero encontrá-lo pessoalmente. Estou farto desse joguinho de gato e rato.

Com um meneio de cabeça ele se levantou. Passando pela Verônica voltou a cumprimentá-la. Esperei que saísse.

— Estou seriamente me perguntando o motivo de ainda estar aqui, em Londres. O porquê de já não ter sumido das minhas vistas.

Ela me encarou séria.

— Você me quis aqui. — Lembrou—me.

Caminhei até o mini bar e me servi de uma dose forte de bebida. Ao me virar encontrei-a sentada sobre a mesa. As pernas cruzadas sensualmente. Seus olhos estavam fixos em suas unhas de maneira desdenhosa.

— Não tenho mais certeza se você é digna da minha confiança — falei por cima da taça. Esperei para ver a reação ofendida dela. — As coisas estão bem diferentes.

— Estão diferentes por sua própria culpa seu idiota! — rosnou colocando-se de pé. — O combinado que tínhamos era de roubarmos o Joseph e vender toda essa merda. — Apontou ao redor. — Eu pensei que estaríamos curtindo longe daqui... Juntos!

A expressão entristecida e aqueles olhos lacrimosos me alarmaram imediatamente.

— Não prometi que ficaria com você e além do mais, mudanças acontecem em todo o momento.

Caminhando até mim ela pausou o passo em minha frente. O sorriso que pairava em seus lábios era extremamente perigoso.

— Como não percebi antes? — indagou de repente. Terminei a bebida e continuei a encarando. — Céus! Você está completamente apaixonado por ela.

Ela quem?

O choque ficou evidente em meu rosto e quase engasguei com o restante da bebida que passou queimando por minha garganta.

— Não seja ridícula — resmunguei sentindo-me estranho. — Além de vagabunda, agora está ficando louca também?

Ela gargalhou.

— Estou acostumada com suas grosserias, Nathan. Mas me diga: O que o faz continuar aqui ainda, quando a ideia anterior seria ir embora? Por que você se dói tanto quando eu menciono o nome dela vulgarmente?

Senti-me nervoso e pressionado. As batidas aceleradas do meu coração chegaram a me deixar sem ar.

— Nada do que eu faço ou o que penso, é da sua conta — falei em tom baixo, tentando controlar as emoções. — Desde o início da nossa parceria em prejudicar Joseph, eu deixei claro que tinha as minhas razões pessoais para fazer aquilo e que quando terminasse cada um seguiria o seu rumo.

Os olhos dela faiscaram em minha direção.

— Está me demitindo, seu cretino?

Soltei um longo suspiro.

— Estou apenas dando um aviso — sibilei. — A sua parte no acordo já foi depositada e...

— Pare de me tratar como se eu fosse uma pessoa intragável — cortou-me irritada. — Você me prometeu o cargo de diretora e estou fazendo um bom trabalho.

— Tem certeza? Será que não terei uma surpresa daqui um tempo?

— Não ouse desconfiar de mim! — Aproximou-se rapidamente como uma leoa feroz, seu dedo indicador apontado para mim. Seus olhos chispando fogo. — Eu sempre estive do seu lado, mesmo sem saber seus reais motivos,

o apoiei para conseguir chegar onde está hoje.

— Nossa, como você é uma boa pessoa, não é? Quase um verdadeiro anjo — ironizei maldosamente.

— Eu posso ser o que você quiser — murmurou tocando meu peito. A vulgaridade enfeitando seus poros. — Inclusive posso agir igual a Millie. Que tal?

Afastei-a da minha frente e passei por ela indo até minha mesa.

— A próxima vez que você ocultar qualquer informação que seja da empresa, eu a demito — falei ignorando o seu comentário anterior. — Certamente que não haverá motivos para mantê-la em um cargo que não o está executando direito.

— Às vezes fico me perguntando o porquê de eu aturar esses seus desmandos e essas grosserias — murmurou. — Você consegue ser pior do que o Joseph.

Arregalei os olhos e me vi atônito. Sequer tive tempo de responder, pois ela já havia saído e batido a porta com certa força.

Não me senti confortável de ter sido comparado com aquele traste. Eu cresci com a imagem dele em minha cabeça, mas apenas com o objetivo de me vingar e fazê-lo pagar por todo o mal que havia feito. Como eu posso me parecer ou ser pior que meu inimigo?

Fui arrancado de meus devaneios, quando meu telefone pessoal começou a tocar.

— *Fala Bruce.* — Atendi, ainda agitado com os últimos momentos.

— *Ela está almoçando com ele, senhor* — falou e automaticamente me atentei ao horário. Sequer havia reparado no avançar das horas.

— *Certo. E o que há de especial nisso, Bruce?* — indaguei enraivecido pelo ciúme de imaginá-la com ele. Essa relação dela com Benson me irritava ao ponto de doer o peito.

— *Eu consegui escutar parte de uma conversa...* — pausou me dando nos nervos.

— *Fala logo, infeliz!* — Explodi.

— Me pareceu que ele pretende levá-la para um passeio de lancha nessa noite. — Curvei-me sobre a mesa e apoiei os cotovelos. Fiquei pensativo. *— Senhor?*

— Estou aqui ainda.

Ele coçou a garganta.

— Quer que eu tente descobrir mais algum detalhe... quer dizer, o endereço...

— Não é preciso, Bruce. Eu me viro aqui — interrompi-o. *— Obrigado e continue de olho nela para mim.*

— Pode deixar senhor.

Encerrei a chamada e agitadamente já encaminhei outra a seguir:

— Elsie? — ela atendeu no segundo toque.

— Sim, senhor?

— Eu preciso que você descubra uma informação importante para mim.

— E o que seria e para quando? — indagou eficiente.

— Um possível endereço, te mandarei os detalhes por e-mail — respondi passando as mãos no cabelo nervosamente. *— E quero para ontem!* — enfatizei.

Ao desligar, percebi o quanto minha mão estava gelada e trêmula. Tudo o que tinha a ver com ela me afetava de uma maneira sobrenatural. Eu precisava tê-la novamente ou não conseguiria me reerguer emocionalmente.

Capítulo 18

Millie Evans

Imaginar o quanto a vida podia ser surpreendente e de uma forma que me deixou extasiada, era algo que ultimamente não fazia parte dos meus pensamentos. Em meio aos dias tão tumultuados, enfim algo que me tiraria da rotina maçante e daquele enclausuramento torturante.

Meu telefone tocou:

— *Oi Lauren.* — Atendi.

— *Está em casa?* — Quis saber.

— *Não* — respondi, descendo do carro. — *Combinei de fazer um passeio de Iate com o Benson, inclusive acabei de chegar na marina St Katharine Docks. Fiquei de encontrá-lo aqui* — emendei.

— *Que delícia!* — exclamou ela. — *É algo bem romântico, hein?* — Observou com malicia.

Eu sorri.

— *Benson me faz bem, Lauren* — murmurei com um pequeno sorriso no canto dos lábios. – *Ele está preenchendo os meus dias* — argumentei.

— *Eu fico muito feliz em ouvir isso* — murmurou ela, pude sentir que sorria emocionada. — *Agora vou desligar e deixá-la desfrutar do seu passeio.*

— *Obrigada.*

— *Amanhã vamos almoçar juntas? Pego você na loja.*

— *Combinado* — confirmei animada.

— *Ok. Um beijo.*

— *Outro.*

Encerramos a ligação e me peguei sorrindo. Incrivelmente aquele convite do Benson me deixou tão leve e com uma expectativa imensa. Eu sentia que meu coração estava completamente fechado para novos sentimentos, mas nada o impedia de se apegar em pessoas que estavam me

fazendo bem e Benson era uma delas.

Soltei um suspiro e me voltei para o taxista que me encarava com uma expressão ranzinza no rosto. Lutei para não revirar os olhos diante da impaciência daquele homem. Céus!

Retirei o dinheiro da corrida de dentro da carteira e o paguei, tomando o cuidado de sorrir de forma gentil, apesar do semblante franzido dele.

— Mais amor no coração, por favor — gritei, quando ele arrancou com o carro grosseiramente. — Nossa!

Espantei aquela energia negativa e resolvi me envolver com o que realmente estava me fazendo bem, sendo assim, me concentrei em encontrar o *Iate* do Benson dentre os tantos luxuosos que jaziam ali.

Ele havia me mandado uma mensagem com todas as informações, a princípio eu achei estranho, pois já havíamos combinado no almoço e não entendi as pequenas mudanças no transcorrer da tarde.

Não demorou muito para que eu avistasse a gloriosa embarcação que levava o nome de *Gold Star*. Me vi inteiramente deslumbrada com o arranjo impressionante daquele lugar, o contraste da marina, residências requintadas, lojas, cafés, restaurantes. Verdadeiramente um tesouro escondido atrás da *Tower Bridge*.

— Senhorita, Millie?

Um jovem simpático chamou minha atenção.

— Sim, sou eu.

— Seja bem vinda. — Apontou para o interior do *Iate*. — Seu acompanhante a espera lá dentro.

Meneei a cabeça e comecei a subir com a ajuda dele. Meus olhos registravam cada detalhe de maneira fascinada. Observei a rapidez com que o rapaz erguia a âncora e preparava o *Iate* para zarparmos.

Obriguei-me a voltar minha atenção para o que realmente importava e fui atrás do Benson. Ansiosa, passei a explorar o ambiente extremamente requintado, um teto retrátil. Surpreendi-me com o amplo espaço, considerando que olhando de fora parecia menor. Deveria ter facilmente

umas dez suítes ali.

— Benson? — chamei.

No caminho, me livrei das sandálias. Eu havia optado por um top e uma saia longa. A noite estava com uma temperatura agradável, propiciando para um visual leve.

— Benson? — voltei a chamar, em um tom mais elevado.

Cheguei na escada que levava ao timão e resolvi subir, certamente que ele estaria ali – pensei confiante.

Com um sorriso amplo eu subi, me equilibrando desajeitadamente nos degraus e no alto da escada. Assim que fiquei de pé, senti uma leve brisa revirar meus cabelos soltos. Ergui os olhos e comecei a procurar por todos os lados. Arquejei quando me deparei com uma piscina e um *heliponto*. O timão estava abandonado. Franzi a testa.

— Benson?

— Ele não está aqui — respondeu uma voz logo atrás de mim.

Rapidamente me virei e por reflexo, tentei me proteger, completamente gelada. Meu corpo retesou-se imediatamente e senti meu coração acelerar-se de forma agitada e desesperada. Aquilo era algo que eu não podia controlar e temia jamais conseguir.

— Nathan — praticamente gemi o nome dele.

Nathan Backer

Eu poderia ficar olhando-a em toda a noite, admirando o quanto ela era perfeita com todas aquelas curvas sensuais e hipnóticas. Mesmo com aquela expressão zangada que esbanjava naquele momento, ainda assim, era linda.

— O que está acontecendo aqui? Onde está o Benson?

— Parece que aconteceu um pequeno imprevisto — respondi, enquanto me aproximava dando-lhe aquele sorriso característico que sempre amaciava mulheres e as fazia ceder. — Mas dizem que sou um ótimo par, que trata muito bem sua companhia e que beija como o diabo em pessoa.

Uma nuvem negra atravessou o semblante dela.

— Não me lembro de ter sido bem tratada por você — enfatizou, extremamente magoada e irritada. — E tenha a certeza de que não apreciarei esse passeio com você, pois não foi você quem eu escolhi.

Não me surpreendi com seu acesso de raiva, simplesmente esperei que ela acabasse comigo com sua língua afiada. Sequer fui capaz de me lembrar da última mulher que tinha me repreendido naquele tom. Especialmente uma tão furiosa como minha *pequena criança*. A franqueza e a coragem com que ela me tratava a cada novo encontro me deixavam encantado. Inebriado, na verdade. Pisquei os olhos assim que percebi que ela havia descido as escadas velozmente.

Pacientemente a segui, encontrando-a perto da proa. Parecia agitada enquanto falava ao telefone com alguém. O *Iate* estava em movimento, de modo que ela não teria como escapar de mim.

— *Eu pensei que a mensagem havia sido enviada por você com as novas coordenadas* — ela dizia exasperada, de costas para mim. — *Como farei isso, droga? O Iate está em movimento, Benson.*

— Suponho que seja melhor você se concentrar em nós dois pelas próximas horas, *minha criança* — murmurei, fazendo-a pular de susto. Ouvi-la conversar com aquele cara estava me enojando.

Vi quando ela se despediu dele e fixou aqueles olhos tempestuosos em mim. Ela se portou feito uma leoa, despertando novamente aquele desejo que somente ela era capaz de fazer aquela proeza.

— Leve-me de volta — ordenou entre dentes.

— E por que eu faria isso? — indaguei, aproximando-me cautelosamente. — Eu preparei tudo com tanto cuidado. — Apontei ao redor. — Foi tão difícil driblar o otário e conseguir tê-la somente para mim agora.

— Pela última vez, leve-me de volta — repetiu, ela e pude ver que estava se controlando.

— Não será possível.

Se antes eu não havia me surpreendido com seu acesso de raiva, naquele momento me deparei com os olhos arregalados diante de sua fúria avassaladora enquanto ela avançava contra mim com seus punhos. Apenas me defendi dos seus ataques que mais pareciam cócegas em meu peito e bíceps. Minutos depois, ela deixou cair os braços e virou-se de costas para mim. Parou de esbravejar.

— Seu cretino! Eu te odeio, você não percebe isso? — questionou, olhando-me por cima dos ombros.

Trinquei o maxilar e estiquei o braço para tocá-la, porém ela se afastou esquivando-se.

— Não me toque! — gritou, enraivecida. — Eu não o quero mais.

— Está mentindo.

— Não estou — sussurrou. — Eu não quero isso.

— Prove.

Incapaz de falar, ela se virou e diante dos meus olhos perplexos, subiu na balaustrada de ferro e se jogou na água deixando-me desesperado.

— Millie! Porra! — gritei, correndo para socorrê-la.

Arranquei o paletó e retirei os sapatos antes de me jogar na água também. Ela parecia estar se debatendo, apesar de saber nadar.

— Me deixa em paz — gritou, assim que me aproximei e a circulei com meus braços. Uma de suas mãos estapeou o meu rosto, enquanto a outra puxava meus cabelos.

— Droga, Millie! — resmunguei, tendo dificuldade para controlá-la.

— Suba! — ordenei, quando chegamos na escada de acesso.

— Eu não...

— Estamos longe da marina, não seja ridícula. — Irritei-me. — O máximo que conseguirá com essa atitude infantil, é um baita resfriado, morrer afogada ou congelando. — Forcei um tom sério.

Dando-se por vencida, ela pareceu se atentar ao senso e a lógica. Soltei um suspiro aliviado quando a vi subir os degraus. Mordi os lábios ao me deparar com seu bumbum empinado, considerando que eu estava subindo logo atrás.

Assim que ela subiu ao último degrau, houve um desequilíbrio e ambos caímos no chão.

— Saia de cima de mim! — rosnou.

Estávamos ensopados e com os nervos à flor da pele. Antes que ela tivesse a chance de me agredir com as mãos, eu as segurei no alto de sua cabeça. Com o movimento eu acabei me inclinando ainda mais sobre seu corpo delicioso.

— E se isso fosse apenas um modo de o destino lidar com o passado que nunca resolvemos? E se estivéssemos fadados a nos encontrar de novo, para continuar de onde paramos?

— Eu não acredito em destino — disse ela, ofegante. — A culpa do nosso afastamento foi inteiramente sua, foi você quem estragou tudo, você quem me traiu, eu apenas fui sua vítima.

Segurei suas mãos com uma mão e a outra levei ao seu rosto, acariciando sua pele conforme ela permitia, considerando que não parava de balançar a cabeça lutando para se esquivar.

— Eu me arrependo de tê-la feito sofrer — confessei, com sinceridade. — Eu não estava sabendo lidar com todas aquelas emoções que você me fazia sentir Millie e, então quis atingi-la.

— Transando com aquela vadia enquanto eu me entregava de corpo e alma para você? — indagou em tom acusatório. — Você não somente usou ao meu corpo, mas me usou emocionalmente também.

— Você me deixava perdido — murmurei, em um desespero que quase me cortou. Os olhos dela se arregalaram. — Eu não sabia como fugir daquele ataque de mudanças constantes em meu interior. Nada daquilo estava nos planos, não era para ter acontecido.

— Claro que não! Você só queria roubar meu pai. — Explodiu. — Me solta!

Fiquei a encarando com intensidade, lutando para não avançar com meus lábios nos dela, ainda mais quando eu sentia que ela estava ansiando por aquilo, eu conseguia ler os sinais de seu corpo, podia perceber como seus lábios estavam entreabertos.

Fechando os olhos, soltei-a enquanto continuava sentado ao lado do seu corpo. A respiração dela estava ofegante, seu peito subia e descia com uma velocidade incontrolável.

— A minha vingança nada tinha a ver com você e me condeno por tê-la magoado tanto — falei, surpreso com a facilidade com que aquelas palavras escaparam de minha boca.

Olhei para o lado e encontrei-a sentada. Sua pele estava arrepiada em contato com a brisa. Os cabelos úmidos, alguns fios colados em seu rosto completamente borrado pela maquiagem.

— Você não somente me magoou, Nathan — sussurrou. — Você arrancou o meu coração, o destruiu. — Uma dor quase dilacerante me preencheu por dentro, deixando-me sem ar. Minha garganta fechou e não consegui falar absolutamente nada. — De todas as desgraças que aconteceram em minha vida, conhecer você está no topo da lista — continuou ela, seu rosto atormentado. — Eu odeio você... — Sua voz falhou e uma lágrima deslizou por sua pele. — Odeio... — Levei a mão ao seu rosto ignorando seus protestos e enxuguei as lágrimas que começaram a cair insistentemente. — Seu cretino... — Aproximei meu rosto e não resisti em tocar nossos lábios. — Não quero... — Virou o rosto e minha boca chocou-se contra seu pescoço, onde aproveitei para lamber. Detectei um sutil tremor no corpo dela, apesar de continuar protestando. — Não faça isso!

Relutantemente, voltei a me afastar e ficamos nos encarando por segundos intermináveis. Quando ameacei de me levantar, ela segurou meu

ombro e no momento seguinte sua boca macia estava na minha. Uma onda de desejo tomou conta do meu corpo inteiro enquanto ela se curvava sobre mim.

— Isso não muda o fato de você ser um cretino — murmurou, lutando contra os botões da minha camisa. — E nem o quanto eu o odeio com todas as minhas forças. — Suas mãos tremiam descontroladamente. — Desgraçado — soprou com um silvo ao acariciar a pele do meu peito.

— Consegue ouvir minha forte respiração? Percebe a forma como meu peito se expande e levanta sobre suas mãos macias e delicadas? — Meu tom soou com uma rouquidão assustadora.

O tempo alongava-se, crescia tenso, enquanto o silencio batia entre nós dois.

A cabeça dela se inclinou para frente, até que senti o calor de sua respiração contra meu peito.

— Millie...

Hipnotizado pela intensidade feroz daqueles olhos azuis, apertei os punhos e engoli em seco. Ela não se moveu, simplesmente esperando em silêncio. E antes que tivesse chance de preparar-se, minhas palmas quentes acariciaram o rosto dela e inclinei a boca em sua direção. Seu ar atônito, não me deteve, e minha cabeça inclinou-se sobre a dela com imperturbável precisão. Ela segurou meus braços quando meu peito sólido colidiu contra seus seios, pressionando-a de encontro ao chão novamente. Agitado, levei as mãos ao seu top e o baixei, expondo sua pele. Seus mamilos intumescidos apontaram—se para mim em uma súplica silenciosa. Deus! Como eu a queria!

Eu a beijei forte e repetidamente, o nariz tocando sua pele inalando aquele cheiro que somente ela era capaz de emanar. Selvagemente me peguei mordendo seus seios e sugando-os em seguida. Os gemidos roucos e desesperados que ela deixava escapar por seus lábios entreabertos me enlouqueciam ainda mais. O rubor de suas bochechas, a excitação expressa em seus olhos semicerrados me fazia querer dar-lhe prazer por longas horas seguidas. Millie merecia o melhor, ela merecia ser cortejada e... *amada*.

Uma de minhas mãos desceu por seu corpo e suavemente comecei a erguer sua saia molhada até que alcancei sua calcinha. Pausei os dedos e a

encarei. Sua respiração encontrava-se ofegante equiparando-se com a minha. Arqueando as costas do chão e levando o centro do seu prazer de encontro aos meus dedos, foi a resposta que eu precisava para continuar com minhas carícias.

Era mais do que certo que haveria arrependimentos logo mais, entretanto eu não era mais capaz de controlar meus instintos. Que Deus me ajudasse, mas nada me pararia naquele momento.

Capítulo 19

Millie Evans

A boca de Nathan roçou minha têmpora enquanto amontoava a saia em minha cintura, expondo minha calcinha. Eu me sentia fora de órbita, era como estar assistindo aquilo tudo de um outro plano.

Meus pensamentos se calaram quando ele voltou a me beijar com aquele domínio único. Nathan sempre me beijava daquele modo, puxando-me para perto o suficiente para experimentar minha carne com seus próprios lábios e sua língua, saboreando-me como se eu fosse um banquete, e ele, um homem faminto, o que tornava difícil para lembrar-me que estar com ele era um risco que não tinha condições de correr. Ele aprofundou o beijo à medida que sentia a minha resposta. Ao mesmo tempo, acariciava-me o corpo, reverenciando as curvas, apertando-me para que eu sentisse a ereção.

O frio me abateu de repente quando o vi se afastar, levantando-se. Rapidamente ele me estendeu a mão e eu aceitei. Assim que fiquei diante dele, fui erguida por seus braços e automaticamente cruzei as pernas em torno do seu quadril enquanto ele me levava para algum outro cômodo.

Prensando-me contra a parede, fui praticamente atacada por sua boca faminta. Senti uma de suas mãos trilhando o caminho até minha calcinha e rapidamente ele a rasgou, sem nenhuma cerimônia. Reconheci aquela tensão familiar no estômago e tão pouco foi novidade quando ele tocou o centro de minha intimidade e pôde sentir a umidade abundante.

— Ah, que delícia... — suspirou ele, esbaldando-se com minha excitação e lambuzando os dedos. — Era para ser somente minha, porra! — reclamou, porém eu estava concentrada demais em suas carícias para retrucar.

Seus dedos me penetraram e com uma fome incontrolável, ele começou a me bombear freneticamente. Com a outra mão, tomou meus dois seios, com os lábios.

— Linda!

Ele respirou fundo quando o abracei e fechei os olhos para saborear a sensação ímpar.

— Linda! — repetiu.

O ataque em meu clitóris levou-me a um frenesi gigantesco e mal consegui conter meus gritos quando o orgasmo me abateu. Ainda enfraquecida e sentindo leves espasmos, Nathan me levou sem esforço à cama. Com a mão livre, ele afastou a colcha e me ajeitou entre lençóis limpos perfumados. Parado, avaliou-me, antes de deitar-se e me beijar nos lábios, nos olhos, no pescoço... Sempre ajustando nossos corpos para obter um contato maior.

Sua boca foi explorando cada pedaço de pele exposto, delicadamente ele arrancou minha saia úmida, aproveitando para se livrar das próprias roupas molhadas também.

A pressão forte entre minhas coxas trouxe-me fortes lembranças. Oferecendo-me, prendi a respiração quando ele se instalou entre minhas coxas. Aliviei-me quando senti o contato da camisinha. Minha cabeça estava tão confusa naquele momento, eu sequer conseguia raciocinar e nem sabia por onde começar a pensar primeiro.

— Millie? Olhe para mim — ofegou.

Atento ao meu rosto ele começou a se mover, gentilmente a princípio; depois, com ritmo e intensidade. Perdi a noção de tudo, exceto da sensação maravilhosa.

— Ah... como eu amo estar aqui... — gemeu ele, em seguida avançou sobre meus seios expostos. — Tão gostosa, tão intensa... Você me ama? Hum? — gemi e arqueei o corpo. — Diga para mim...

— Não... — revirei os olhos quando o senti girar os quadris, alcançando lugares nunca antes explorados. — Eu não o amo...

— Me-mentirosa — gaguejou quase alucinado de prazer.

Meu clímax não foi nada igual a nada que sentira antes. Gemi ruidosamente enquanto tentava controlar os espasmos involuntários do meu corpo. Nathan grunhiu ao sentir o prazer também, bombeando mais algumas vezes.

Passou-se algum tempo até juntarmos forças para se mexer. Tive a impressão de que ele havia adormecido por um minuto ou dois, embora ele não parecesse sonolento quando ergueu a cabeça da curva do meu pescoço.

— Isso... valeu cada minuto de frustração que sofri nessas últimas semanas. Você é uma preciosidade, *minha criança*.

— Não sou sua criança, Nathan — retruquei com a voz fraca. Incapaz de raciocinar sobre o que tinha acabado de acontecer entre nós. — Deixei de fazer parte da sua vida lá atrás.

— A culpa é minha, eu sei — revelou, sua mão incansavelmente acariciando meu braço e ombro. — Deixei que escapasse dos meus dedos.

— Eu não era um objeto ou um bichinho de estimação. — Revoltei-me com sua forma absurda de falar. — O que me afastou de você, foram suas atitudes egoístas e frias. Você roubou o meu pai, Nathan! Traiu-me com a assistente pessoal dele, que na verdade era sua cúmplice. Caramba! Vocês ainda continuam juntos. — Alarmei-me e movida pela raiva do ciúme tentei me levantar, porém ele sequer se moveu para me dar a chance de me livrar do seu agarre.

— Você é a mulher que eu quero — enfatizou.

Revirei os olhos.

— As coisas não se resolvem assim. Nada se apaga da noite para o dia, existem feridas que jamais cicatrizam.

Ele pareceu compreender, ou pelo menos tornou-se pensativo. Em seguida me virou de costas e abraçou—me com força. Seu nariz inalava meu cheiro com vontade, parecia que estava guardando o aroma para si.

— Por que fez aquilo com meu pai? — murmurei a pergunta.

Longos instantes torturantes depois, ele respondeu:

— Uma dívida antiga. — Seu tom soou perigosamente baixo. — O passado nem sempre fica em silêncio, às vezes ele retorna para se entrelaçar ao presente de modo a se intrometer na rotina.

— O que quer dizer com isso?

— O mal que o seu pai fez, apenas devolvi agora, com juros e correções.

Imediatamente virei meu rosto para ele e fixei nossos olhos. Sua intensidade tornou-se dolorosa.

— O que ele fez? Eu preciso saber, ao menos o direito de poder entender — indaguei, porém tive medo da resposta. Eu sabia que meu pai possuía uns hábitos meio diferentes de convivência e uma frieza extraordinária quando o assunto era sentimentos, porém, fazer mal a alguém?

Os dedos dele repousaram em meu rosto e delicadamente o acariciou, acompanhando o toque com os olhos.

— Você e Benson, estão realmente firmes?

Atônita, permaneci em silêncio por alguns instantes.

— Você não pode estar falando sério! — Me levantei, apesar de suas tentativas de me segurar ali. – Ainda quer que eu acredite nesse papo de que o vilão é o meu pai.

Senti-me extremamente mal com minha nudez e aos poucos a minha consciência veio para me acusar do que eu tinha permitido acontecer.

— Infelizmente é isso o que ele é...

— Cala essa maldita boca! — exclamei exaltada, enquanto baixava minha saia. — Por que acha que irei acreditar em você depois de tudo? Acha mesmo que irá me ter novamente em suas mãos como uma marionete?

A expressão dele endureceu, e eu vi o homem de negócios implacável, o negociador impiedoso que sempre vencia, não importando os meios para isso.

— Nunca almejei controlá-la. Muito pelo contrário, eu quis libertá-la.

— Libertar-me? — repeti, como que testando a palavra na língua.

— A primeira vez que te vi, eu li em seus olhos a necessidade de se aventurar, de se descobrir — murmurou em um tom cauteloso. — A princípio, eu lutei para me afastar de você, tentei por diversas vezes...

— Não ouse se fazer de vítima e, ou tentar justificar seus atos grotescos — cortei suas palavras absurdas.

— Sei que está zangada. Sei que quer me punir e não a culpo. Mas deve haver uma maneira de consertar tudo e encontrar algo que não a faça sentir que perdeu o seu mundo. – ele se sentou, sua nudez visível para mim. — Por favor... Juro que poderemos encontrar um meio termo que não a

entristeça mais. Juntos.

— Não estou interessada em acordos. — Fiz uma careta. — Nem em meio termos.

— Ficou provado a minutos atrás que ainda nos desejamos — revidou. Os olhos verdes brilhando em uma expressão de triunfo.

Ofeguei forte, meu coração batendo velozmente no peito.

— Você me ensinou bem, inclusive a fingir.

Apesar do passado horrendo, Nathan parecia tão bonito e seu cheiro tão familiar, tão bom. Por um segundo, me vi de volta ao apartamento dele, aos nossos momentos, compartilhando as refeições e algumas novidades rotineiras.

Nathan me olhou feio, embora isso pudesse ter sido uma reação a careta que fiz para ele.

— Impossível que tenha fingido os dois orgasmos que eu a proporcionei.

Meu rosto ruborizou enquanto lutava para erguer meu top encharcado para cobrir meus seios. Com o canto dos olhos, notei que ele saiu da cama. Arquejei com sua nudez.

Tranquilamente, ele caminhou até mim, retirou a camisinha e a descartou no canto da cama.

— Eu não...

Enrijeci, rejeitando-o, mas Nathan me envolveu em seus braços mesmo assim, ajudando-me a cobrir meus seios.

— Não se iluda com o que aconteceu entre nós.

Ele se afastou e ficou me encarando com expressão impassível.

— Você pode tentar me enganar, Millie. Pode tentar fazer com que eu acredite que não significo mais nada para você. E eu sou um canalha provavelmente, pois continuarei a assediando e tentando convencê-la do contrário. Nunca deveria ter encostado um dedo em você, *minha criança*. Eu deveria ter me afastado...

— Não me fale de arrependimentos. — Alterei-me. — Isso soa irritantemente falso vindo de você.

— Mas, eu...

Interrompi-o com irritação.

— Faça um favor a nós dois e saia desse quarto e retorne a *marina*.

— Já fez isso antes, Millie. E bem desejosa, se bem me recordo.

— Não é a mesma situação. Eu ainda não sabia que estava me deitando com o demônio — retorqui, indignada.

— Você age como se tivesse sido obrigada a estar comigo e não foi bem assim, inclusive a minutos atrás.

— Não exatamente. — Não revelaria o quanto temia a intimidade da cama dele. Não deixaria visível a falta de instabilidade que ele me fazia sentir, apenas em estar nu em minha frente. – Eu era ingênua demais para discernir o que estava sentindo. – deixei um sorriso de escárnio abrilhantar meu rosto. — E é possível que eu ainda não saiba diferenciar as emoções e sensações, sou tão nova ainda... — Envenenei-o cruelmente.

Os olhos dele se arregalaram.

— Você estava pensando em Benson? — questionou com o rosto atormentado.

Benson nunca estivera tão longe da minha mente.

— E se eu dissesse que sim? — revidei atrevida, divertindo-me com o visível tormento dele.

— Eu não acreditaria.

— Essa não é a primeira vez que você se superestima.

Ele sorriu arrogante e tentou se aproximar, porém me esquivei.

— Sigo meus instintos, conheço-a bem.

Segui tranquilamente para a porta do quarto e a escancarei.

— Saia desse quarto e me chame apenas quando chegarmos a marina, ligarei para Benson me esperar lá.

O rosto dele tornou-se lívido.

— Contará para ele que você deu para mim?

A raiva e constrangimento invadiram o meu ser e tive que me segurar para não voar no pescoço dele com minhas unhas. Respirei profundamente e o encarei nos olhos.

— Contarei com detalhes, assim não corro o risco de ele fazer igual e eu ter que mais uma vez fingir que estou gozando.

Ele ficou mudo, sua boca em uma linha fina. Então sacudiu a cabeça e caminhou em direção as suas roupas espalhadas pelo chão.

Sentia minhas pernas tremulas, porém ele saiu do quarto em um silêncio cortante e que me deixou inteiramente gelada. Fechei a porta e recostei meu corpo na mesma. Eu teria vencido aquela batalha?

Olhei para meus braços arrepiados e fui descendo meus olhos por toda a extensão do meu corpo, lembrando-me de toda a ação que tivemos a momentos atrás. O quão fácil ele me desestabilizava? Céus! Gemi ao sentir-me dolorida entre as pernas. Ele havia estado ali outra vez... E o odiava por isso, odiava mais a mim por ter gostado...

Capítulo 20

Nathan Backer

Os longos minutos que se passaram torturantemente, após nosso impasse em um dos quartos, deixou—me perturbado. Obviamente que eu sabia que ela não cederia a mim tão facilmente, havia sido movida pelos próprios desejos e depois se arrependera como eu já imaginava que aconteceria. Mas, e se ela estivesse pensando em Benson como havia insinuado?

— Droga! — resmunguei, indignado. — Estou enlouquecendo, porra!

Esfreguei o rosto em completa frustração, preso entre diversas emoções conflitantes. O que eu poderia fazer? Ela mexia comigo de um jeito único.

Assim que avistei a *marina*, me preparei para ir chamá-la. Em meus mais insanos instintos, almejava agir selvagemente e sequestrá-la levando-a para longe, onde somente meus olhos a admirariam, somente minhas mãos a tocariam...

Sacudi a cabeça sentindo-me ridículo por ter aqueles pensamentos. Aquilo já estava passando dos limites aceitáveis — pensei. Eu necessitava retornar ao controle de minhas emoções.

De frente a porta do quarto onde havíamos passado um dos momentos mais prazerosos dos últimos tempos, dei duas batidas de leve.

Ela ficou em silêncio.

— Chegamos — obriguei-me a falar, apesar de sentir a dor iminente da perda ao imaginar que me separaria dela.

Escutei um farfalhar atrás da porta; ela procurava suas coisas provavelmente. Ainda podia sentir o cheiro dela, o aroma almiscarado de sua carne. Quis voltar a enterrar o rosto entre seus seios rosados, inalar seu calor até que ela gemesse e se arqueasse sob mim.

— Podemos ir? — indagou ela, me encarando de maneira altiva. Fiquei tão absorto em sensações que não havia percebido que ela tinha aberto a porta.

— Desculpe-me — murmurei com voz fraca. Sentia-me tonto. – Eu

não...

— Não diga nada — interrompeu-me. — Quero apenas sair daqui e esquecer que essa noite existiu.

Trinquei o maxilar diante de tanta frieza que exalava dela. Onde havia se escondido aquela garota quente de minutos atrás?

Observei seus cabelos amassados e a pele corada naquele encantador tom rosado que me fazia querer beijá-la. Apertei as mãos contra a vontade de puxá-la para mais perto novamente, para repetir o que tínhamos feito momentos antes.

Não. Embora soubesse que podia dominar os desejos dela e seduzir seu corpo, achei que queria mais do que estar no controle. Eu a queria. De repente, a pressão que forçara sobre ela adquiriu um gosto de cinza em minha boca e não mais tive apetite sobre aquilo.

Com a própria excitação posta de lado, eu tinha que levá-la de volta a *marina*, para fora do alcance de seus braços. Longe do meu desejo.

— Não pense que isto terminou.

— Não pensarei, sei da sua obstinação — respondeu, atrevida.

Engolindo a paixão que ainda golpeava meu peito, ajustei o paletó e dei um passo para o lado, abrindo o espaço para que ela passasse por mim.

— Benson a está esperando? — indaguei, percorrendo o desconfortável caminho para a saída.

— Por quê?

— Apenas para saber se o adestramento estava sendo eficaz. — Provoquei, de modo a esconder minha frustração. — O cachorrinho deve seguir as ordens do dono, concorda?

Ela parou e me encarou com o mesmo insuportável ar altivo.

— Então por que não consigo me livrar de você? — revidou deixando-me puto. — Provavelmente você deve ser daquela raça de rua, como é mesmo o nome? — pausou, com um ar pensativo. — Ah sim... — Sorriu debochada. – Vira-lata.

Atônito, não fui capaz de segui-la. Pisquei freneticamente tentando raciocinar diante daquela audácia. Eu não podia admitir ser insultado daquela forma, mas qual era o problema com as minhas pernas que não me obedeciam? Qual o problema com meus olhos que não deixavam de admirar o corpo dela conforme desfilava, afastando—se de mim?

Millie Evans

Eu podia sentir o calor de seus olhos sobre mim, porém não o daria a satisfação de me ver desestabilizada. Eu já havia fraquejado demais e me envergonhava por isso tremendamente.

Fui ajudada a sair do *Iate* pelo mesmo rapaz de antes e quase o fuzilei com meus olhos, porém, lembrei-me que ele nada tinha a ver com meus problemas. Como ele podia adivinhar que estava me mandando para o entretenimento do próprio diabo?

Soltei um suspiro ao me lembrar do quanto fui manipulável e xinguei-me internamente pela facilidade com que meu corpo sempre respondia a ele.

Era mais do que certo que, a atração ainda fervilhava entre nossos corpos, entretanto a necessidade de castigá-lo deveria ser maior, não?

A brisa noturna tornou minha pele arrepiada e arquejei. Ao longe consegui enxergar Benson em toda a sua elegância recostado em seu próprio carro. Quando nossos olhos se cruzaram ele veio ao meu encontro. Havia preocupação em seu olhar, mas havia desconfiança também e aquilo não me agradou.

Fui puxada por seus braços e quase perdi o ar quando ele me apertou desesperadamente. Ele sussurrava palavras de consolo, porém estava difícil de escutar devido aos batimentos de meu coração.

— Você está bem? — Quis saber ao me encarar. — Está com as roupas molhadas... — Observou.

— Tivemos um pequeno contratempo. — A voz inconfundível do Nathan ressoou atrás de nós. Benson me puxou para ele e nos viramos. Nathan nos encarava com um rancor explicito no olhar. — Mas, acredite... — continuou. — O úmido não ficou apenas nas roupas...

Irritei-me diante da tentativa tosca de envenenar minha relação com Benson.

— Não há necessidade de se rebaixar tanto, querido — murmurei, forçando uma firmeza que estava longe de sentir. — Acredite na sua capacidade e siga seus instintos com quem realmente vai querer usá-lo com você. — O ardor de seus olhos queimou-me. Entrelacei meus dedos nos de

Benson e puxei-o na intenção de sair dali o mais rápido possível.

— Engraçado como as coisas nunca mudam não é mesmo, Benson? — Gelei, quando Benson virou-se bruscamente. Nathan exalava um sorriso de escárnio. — Está se deixando levar pela Millie da mesma forma que se deixou levar por Célia. — A mão de Benson apertou a minha automaticamente e preocupei-me. — Fico pensando quanto tempo irá levar para você descobrir que mais uma vez eu vencerei... eu sempre venço! — Sorriu diabolicamente.

Benson soltou-me e avançou velozmente sobre ele feito um tigre enjaulado. A fúria que emanava do corpo dele assustou-me e cobri os lábios trêmulos com a mão.

Nathan se desviou e o empurrou, derrubando-o.

— Seu filho da puta! — gritou Benson, possesso.

Nathan gargalhou.

— Se isso me faz um bom jogador então, obrigado — revidou com ainda mais sarcasmo.

Atravessei na frente de Benson e o impedi de avançar outra vez. Meu corpo encontrava-se todo trêmulo, mas forcei uma força que não tinha.

— Já chega — falei calmamente. — Vamos embora, por favor. Desse jeito você só está dando mais munição a ele.

Com o rosto completamente atormentado ele me encarou, parecia estar voltando a si.

— Está certo — murmurou, em tom baixo. Delicadamente tocou meu rosto e preocupou-se. — Não é minha intenção assustá-la.

Deixei um sorriso fraco se abrir em meus lábios.

Ignorando a presença e os resmungos do Nathan, nos apressamos em entrar em seu carro. Percebi o nervosismo do Benson quando notei no quanto suas mãos estavam trêmulas. Um fio de suor abrilhantava sua testa e conseguia sentir a instabilidade de seu corpo.

— Ela ainda mexe com você, não é? — indaguei de repente.

Ligando o carro na ignição, ele me encarou com olhos tempestuosos.

— Ela quem?

— Célia.

Ele arqueou a sobrancelha enquanto deixava seu rosto formar uma carranca.

— Essa mulher sequer merecia um espaço em meu passado, Millie — comentou, parecia insultado.

— Sinto muito, eu não quis...

— Tudo bem — cortou-me agitadamente.

O carro se movimentou para fora da *marina*. Pelo retrovisor fiquei observando a figura do Nathan diminuir das minhas vistas conforme o carro se distanciava. Secretamente desejei que aquilo fosse possível também em meu coração. Ansiava que ele desaparecesse para sempre...

Capítulo 21

Millie Evans

Estávamos a poucos minutos no trânsito e o silêncio estava extremamente cortante entre nós.

— Como foi que ele conseguiu nos enganar assim? — indaguei, na intenção de quebrar aquela tensão pesada que havia se instalado. — Eu não entendo...

— De alguma forma ele conseguiu descobrir os nossos planos, aquilo que já sabíamos: Ele está seguindo nossos passos.

Revirei os olhos e soltei um longo suspiro completamente frustrado diante daquela situação estúpida.

— Ele está completamente fora de si — comentei exausta. — As atitudes que está tomando são a prova disso.

Notei que Benson apertou o volante com força, seu dedos branquearam-se.

— Com o dinheiro do seu pai nas mãos, ele não medirá esforços para ter aquilo que quer, Millie. E infelizmente você está na lista das prioridades dele.

Senti um intenso tremor me abater.

— Nós transamos — confessei, porém não tive coragem de olhá-lo. — Quero dizer, Nathan e eu.

— Imaginei que isso possivelmente aconteceria.

O silêncio voltou a reinar no carro e senti meu rosto rubro de constrangimento.

— Olha, Benson, eu...

— Está tudo bem, Millie — cortou-me com voz branda. — Nossa relação não impõe limites e muito menos amarras.

O encarei e encontrei-o sorrindo de leve, mas o sorriso não alcançava seus olhos. Ele não estava bem, pensei.

— Agradeço que concorde com isso, considerando a bagunça de sentimentos que se encontra em meu interior — murmurei, baixando os olhos para meu colo. Eu estava começando a sentir frio. — Mas, quero que saiba que, estou muito infeliz com o rumo que essa noite tomou — falei com sinceridade. — Eu preferia ter estado com você.

Ele me olhou intensamente e segurou minha mão, levando-a aos seus lábios carnudos.

A viagem levou mais alguns poucos minutos e logo ele estacionou em frente ao meu prédio. O silêncio da noite em contraste com o de dentro daquele carro estava me deixando louca.

— Você quer...

— Não — cortou-me outra vez. — Amanhã eu ligo para você.

Engoli em seco e abri a porta do carro.

— Eu realmente sinto muito — murmurei, ressentida.

Estava de costas quando ele acelerou para longe. Esfreguei o rosto e respirei profundamente enquanto em passos rápidos seguia para a entrada do prédio. Um bom banho de banheira seria uma intensa terapia para diminuir as sensações estranhas que estavam me atormentando.

¥

— Estou te achando muito calada, Millie. — Lauren observou, encarando-me com um olhar analisador. — Aconteceu alguma coisa ontem no passeio com o Benson? Ou é no trabalho?

Deixei escapar um longo suspiro e levei o guardanapo aos meus lábios. Estávamos almoçando em um restaurante aconchegante, daqueles com cheirinho de comida caseira e simples. Fiquei presa entre o desejo de me abrir com ela e o de esconder aquilo para mim. Estava me sentindo tão envergonhada.

Abri a boca para falar, porém meu celular tocou, interrompendo-me. Ao verificar o visor, um enorme sorriso abrilhantou meus lábios e prontamente atendi:

— *Pai!*

— *Oi, querida* — falou, sua voz denunciando cansaço. — *Como você está?*

Lauren me encarava com expectativa, porém pedi licença e dirigi-me para o *toalete*. Assim teria mais privacidade.

— *Eu estou me virando pai* — respondi, minha voz teimando em embargar. Meu coração estava acelerado devido a emoção de estar ouvindo a voz dele.

— *Você sempre foi uma garota forte* — murmurou do outro lado da linha.

Tomei respirações curtas, evitando de chorar.

— *Onde o senhor está? Eu quero vê-lo pai.*

— *Eu sei, querida. Estou em Nova Jersey agora* — respondeu. — *Tenho lutado para reaver nossos bens.*

Engoli com dificuldades e me recostei no balcão da pia.

— *Está obtendo progresso?* — indaguei, sentindo-me nervosa.

Ele soltou palavrões inaudíveis.

— *Quase nada* — respondeu, com indignação. — *Aquele desgraçado soube trabalhar bem* — referiu-se ao Nathan, provavelmente. — *Ele, juntamente com aquela vagabunda da Verônica, souberam me enganar direitinho.*

Uma enxurrada de lembranças invadiram minha mente e senti-me nauseada.

— *Eu sinto muito, pai* — falei em um murmúrio, a consciência pesando conforme eu lembrava que havia transado com Nathan no dia anterior, depois de todo o mal que ele fez.

— *Não se preocupe querida* — falou ele. — *Errado fui eu em ter acreditado cegamente nele. Eu deveria saber que a confiança pode ser facilmente quebrada* — acrescentou.

Franzi a testa enquanto analisava suas últimas palavras. O que ele quis dizer com aquilo?

— *Pai...*

— *Preciso desligar, meu bem* — cortou-me agitadamente. — *Mas antes, gostaria de saber se você ainda possui aquele fundo de reserva?*

— *Sim* — confirmei, com a testa franzida. — *Eu estou trabalhando em uma loja de antiguidades, então não precisei mexer naquele dinheiro.*

— *Você pode mandar para mim querida? Estou tendo algumas dificuldades aqui e...*

— *Tudo bem, pai* — interrompi-o. — *Eu mando.*

— *Obrigado, querida. Sabia que podia contar com você* — falou com extremo alivio. — *Vou te enviar o número da conta por mensagem, ok?*

— *Uhum* — resmunguei. — *Quando poderei vê—lo?*

— *Em breve, eu prometo*. — Abri a boca para falar, porém decidi ficar em silêncio. — *Se cuida.*

— *Me cuidarei* — falei em um murmúrio.

Em uma despedida rápida ele encerrou a chamada e por longos minutos eu permaneci paralisada, apenas olhando para o visor do celular.

— Eu te amo, pai... — sussurrei, e uma lagrima teimosa deslizou por minha bochecha.

Com uma sensação de decepção no coração, virei-me e joguei uma água no rosto. Respirei profundamente antes de retornar à mesa. Lauren me aguardava com uma expressão curiosa no rosto, porém nada disse.

Voltei a me sentar ajeitando o guardanapo no colo. Na verdade eu sequer tinha apetite mais.

— Quer conversar? — indagou, cautelosamente enquanto saboreava sua sobremesa.

Suspirei alto.

— Estou na dúvida, sabe? Não entendi se meu pai me ligou por estar preocupado e com saudades minhas, ou apenas por interesse.

— Não entendi.

— *Argh!* — resmunguei, deixando os talheres de lado. — Ele sabe que tenho umas economias e ligou pedindo.

— Nossa! — exclamou ela. — Não acredito!

— Na verdade, meu pai sempre foi assim, frio. — Lauren não comentou nada, esperou que eu acrescentasse algo mais. — Mas eu esperava que ele demonstrasse um pouco de amor e preocupação. — Me vi exasperada. — Poxa, eu estou com tantas saudades dele.

— Ele também está, Millie — falou Lauren, sua mão buscando a minha por cima da mesa. — Não fique buscando mais coisa para corroer.

Ergui meus olhos para ela e rapidamente assimilei suas palavras.

— Você tem razão.

Sorrimos uma para outra.

— Eu sempre tenho — falou, fazendo-me sorrir ainda mais.

— Palhaça.

Continuamos conversando e de repente meu celular tocou novamente.

— É seu pai de novo?

Neguei com a cabeça.

— É o Adam — respondi enquanto recusava a chamada.

— Não vai atender? — perguntou ela, havia diversão em seu tom de voz.

Revirei os olhos.

— Outra hora.

Ela gargalhou.

— Você e seus admiradores — murmurou divertida.

— *Argh!* Dispenso — resmunguei ranzinza fazendo—a sorrir mais. – Homem só serve para nos enlouquecer.

— Desde que enlouqueça na cama também, está valendo não é?

Cobri a boca com a mão evitando rir alto para não chamar a atenção.

Beberiquei um gole do meu suco e sorrindo verifiquei o horário.

— Preciso voltar.

Fazendo um bico desgostoso ela suspirou.

— Temos que marcar algum programa nesse final de semana.

— Ótimo — comentei. — Posso convidar uma antiga amiga que está morando por aqui e apresentá-las.

Lauren parou o que estava fazendo e me encarou com uma careta.

— Que papo é esse de antiga amiga?

Revirei os olhos e me levantei, sentindo-me divertida.

— Ciúmes, Lauren? — provoquei.

Balancei a cabeça conforme ela me metralhava com suas cobranças absurdas. A Lauren sedutora eu conhecia, mas a Lauren ciumenta? Era novidade.

¥

— O Franklin perguntou por você, Millie.

— Sério? — indaguei ao senhor Rowland, enquanto me preparava para ir embora. — Eu estou devendo uma ligação para ele.

— Ele disse que pretende te ensinar a lutar boxe — comentou ele, parecia estar se segurando para não rir.

— E eu irei aprender, senhor Rowland — revidei, brava. — Não ouse duvidar — provoquei.

Peguei minha bolsa e o encarei. Ele estava com as mãos erguidas para cima em um sinal claro de rendição. Em seguida levou uma mão a boca e a fechou, imitando um zíper. Soltei uma risada gostosa.

— Até amanhã, senhor Rowland.

Com um sorriso abrilhantando meus lábios, saí e passei a seguir até meu carro. Apesar das intensas emoções da noite anterior e contrastando com a reaparição do meu pai em minha vida, eu estava conseguindo administrar muito bem e me orgulhava disso.

Instantes depois, me ajeitei no banco do carro e soltei um longo suspiro ao encarar meu reflexo. A Millie que me olhava de volta confundia-se com aquela de meses atrás. Ainda havia o medo ali...

Preparei-me para ir ao banco enviar o dinheiro ao meu pai e decidi me focar em outras coisas. Enquanto dirigia, comecei a planejar meu futuro. Eu podia experimentar tanto ainda. Por que não tomar um porre? Por que não, fazer uma tatuagem?

Um arrepio percorreu minha espinha com essas possibilidades e um suave sorriso travesso instalou—se no canto dos meus lábios.

— Eu ainda estou viva. Eu ainda estou viva — murmurei.

Quase nove horas da noite, minha campainha tocou. Assustei—me na mesma hora e pensei na possibilidade de ser o Nathan, apesar de que ele estava praticamente em silêncio desde o acontecido entre nós.

Desconfiada, levantei do sofá e fui até a porta.

— Quem está aí? — perguntei, cautelosa.

— Sou eu, Millie. O Adam.

Apoiei a mão na porta e deixei minha cabeça tombar por cima.

A essa hora? — pensei desanimada.

Relutantemente abri a porta, me deparando com ele em seu habitual traje formal e um enorme sorriso nos lábios. Em instantes seus olhos desceram do meu rosto, ao restante do meu corpo coberto apenas por um pijama curto. Senti—me constrangida. Cocei a garganta:

— Oi.

Eu não fui capaz de sair da porta.

— Oi — revidou. — Eu tentei ligar para você algumas vezes nessa semana.

— Eu sei, me desculpa. Meus dias estão sendo tão tumultuados — expliquei, sem jeito.

— Tudo bem. — Sorriu. — Será que posso entrar? Eu trouxe uns filmes para assistir com você.

Eu quase fiz uma careta, porém me segurei.

— Adam não me leve a mal, mas eu...

— Por favor, Millie — cortou-me. — Eu quero apenas conversar com você, saber do seu dia. Contar algumas novidades minhas...

Ponderei suas palavras e no fim acabei aceitando. Adam sempre esteve ao meu lado e até o momento havia provado ser de confiança.

— Está certo. — Abri um pouco mais a porta. — Mas não tente nenhuma gracinha, hein? — Apontei o indicador para ele.

Sorrindo, ele beijou os dedos em uma jura.

— Prometo.

Acompanhei-o até a sala e notei que seu corpo estava um pouco maior. Podia ser impressão minha, mas provavelmente ele parecia estar malhando.

— Está aprovando os resultados? — Meu rosto ruborizou ao ser pega no flagra por ele. A risada alta que ele soltou ecoou pelo apartamento. — Não precisa se envergonhar, Millie.

— Não estou envergonhada — menti, completamente sem jeito.

A campainha voltou a tocar, livrando—me daquele momento constrangedor. Pedi licença e apressadamente segui até a porta.

— Vou dar um pulo no banheiro rapidinho. — Ouvi Adam dizer. Apenas fiz um sinal positivo para ele antes de abrir a porta no impulso.

Nada me preparou para a pessoa que eu encontraria ali, parada e me encarando como se eu tivesse cometido o pior crime do mundo. Evitando chamar a atenção desnecessariamente, empurrei-o e fechei a porta, ficando com ele do lado de fora.

— O que pensa que está fazendo aqui? Devo acrescentar "*perseguidor"* a sua imensa lista também? — Frisei a palavra perseguidor.

— Com quem você está agora? — revidou ele, sua raiva era claríssima.

Olhei para a minha mão e a esfreguei na frente do rosto dele.

— Está vendo alguma aliança sua aqui, Nathan? — O maxilar dele se enrijeceu, assim como seu peito inflou. — Eu estou na minha casa, tenho

minha vida e prezo demais por minha liberdade.

— Eu não acredito nesse tipo de liberdade — desdenhou. — Você apenas está se iludindo.

Revirei os olhos e o encarei seriamente.

— Pouco me importa o que você pensa ou deixa de pensar. Não percebeu ainda que eu o desprezo? — Os olhos dele se escureceram com uma emoção sombria. — Torço a cada dia pela sua queda.

— Eu não desejo o seu mal.

— Pois eu desejo o seu — murmurei possessa. — Saia da minha vida, deixe-me em paz.

— Eu não consigo — falou ele, quando eu me preparava para abrir a porta.

— Não consegue o quê?

Ele se aproximou um pouco mais.

— Parar de desejá-la — respondeu com agonia. — Depois de ontem, a minha fome só aumentou e não consigo imaginar você com outro senão eu.

Fiquei o encarando em uma mistura de perplexidade e diversão. Aquilo parecia ser música para meus ouvidos.

— Pois a imaginação é toda sua — falei, levando a mão na maçaneta, porém a sua mão pausou minha ação, repousando sobre ela.

— Quem está aí dentro? — Quis saber, havia desespero e ira em seu tom.

Eu não queria responder, entretanto com aquele olhar intenso me peguei confessando:

— É o Adam.

O rosto dele tornou-se impossivelmente ainda mais assustador.

— Ele é o cara da vez agora?

Uma fúria avassaladora me abateu naquele momento e vi meu sangue ferver pelo corpo todo. Levantei a mão para esmurrá-lo, porém, ele me

bloqueou ligeiramente. Ainda mais irritada, tentei acertá-lo outra vez, mas ele continuou sendo rápido o suficiente para me impedir de golpeá-lo.

Em um ato impensado e eficaz, ergui meu joelho direito e com isso o acertei no meio das pernas, deixando—o impossibilitado por alguns segundos.

Minha adrenalina estava em um nível assustador, porém eu só enxergava vermelho. Minha vontade era a de socá-lo, unhá-lo até ver sua pele sangrar.

Puxei seu rabo de cavalo para trás, aproveitando que ele estava inclinado urrando de dor enquanto massageava seus testículos.

— Aprenda uma coisa, querido — sussurrei, forçando seu olhar em mim. — Não se chama uma mulher de vagabunda, ao mesmo tempo em que se está tentando reconquistá-la.

— Ma-mas...

Interrompi sua gagueira.

— Cala essa maldita boca! Você me quer de volta? Me quer inteiramente para você? — Os olhos dele brilharam. — Então devolva o dinheiro do meu pai e vá na mídia se retificar e pedir perdão.

Não mais conseguindo ficar perto dele, o soltei. Vi quando ele se desequilibrou, mas não dei atenção e abri a porta, fechando-a logo em seguida na chave. Por mim, poderia ficar ali a noite toda gemendo que sequer ligaria.

Nathan Backer

Garota dos infernos, pensei revoltado. Meu pau chegava a estar latejando de dor. Eu não me lembrava dessa personalidade tão forte, desse lado tão ruim dela. Céus! Ela era um ser do mal quando queria.

Olhei para a porta fechada e tive vontade de esmurrá-la ao ponto de colocar a baixo, depois sair carregando—a pelos ombros como um selvagem. Mas para que? Cada vez ela deixava mais claro que não me suportava.

Irritado, virei as costas e comecei a trilhar o corredor. Minha mente traidora e insana, formando imagens perturbadoras dela e de Adam juntos naquele apartamento. Imaginá-la com Benson já me feria imensamente, agora com Adam...

Soquei a parede em minha frente enquanto caminhava. O ciúme, a indignação e a raiva se igualando em meu interior.

"Vá na mídia se retificar e pedir perdão..."

Rangi os dentes e apertei os punhos com tanta força que quase ouvi os ossos dos dedos estralarem.

— Isso, nunca!

Nunca! — repeti em pensamentos. Não com as lembranças do monstro que é o Joseph Evans.

Cheguei no carro e mal cumprimentei Bruce. A instabilidade estava me enfraquecendo. Esfreguei o rosto na intenção de apagar aquelas malditas imagens criadas exclusivamente da minha imaginação. Millie sabia que me deixaria desorientado, a desgraçada conhecia o poder que obtinha sobre mim. *Caralho!*

Apressadamente e quase desesperado, peguei meu celular.

— *Verônica?* — indaguei quando ela atendeu no segundo toque.

— *A que devo a honra de sua tão estimada ligação?*

Argh! Não piora as coisas...

— *Quer ir para a mansão?*

— *Para quê?* — revidou, fazendo-me querer xingá-la.

— *Quero companhia* — respondi, forçando uma calma longe de estar sentindo.

— *Tem certeza?*

— *Verônica? Quer fazer o favor de parar com esse cinismo barato?*

— *Não tem cinismo algum.*

— *O negócio é o seguinte: Ou quer foder ou não quer.* — Fui direto ao ponto.

Ouvi um leve ronronar do outro lado da linha.

— *Lógico que eu quero, ainda mais com você...*

— *Chego aí em alguns minutos, esteja pronta.*

— *Já estou.*

Encerrei a ligação com uma sensação de adrenalina correndo nas veias. Eu não admitiria ficar preso em apenas uma mulher e ainda mais uma completamente raivosa como a Millie. Apalpei meu pau por sobre a calça.

Você é de todas, amigão... De todas...

Capítulo 22

Nathan Backer

Ouvi Verônica fechar a porta do quarto com um clique suave. A viagem havia sido rápida e em minutos estávamos na mansão.

— Faz quantos dias que você não vem para cá? — Ela quis saber.

Sentado na cama comecei a desabotoar os botões da camisa. Voltei meus olhos para ela e a encontrei mais perto do que eu esperava. Alguns fios de cabelo caíam sobre seu rosto.

— Não muito.

Sorrindo ela se sentou ao meu lado e suavemente interrompeu meus movimentos, passando a desabotoar ela mesmo minha camisa. Seus dedos de unhas longas arrepiando minha pele conforme tocava.

— Aposto que foi depois daquele beijo que você deu nela aqui e que eu presenciei — acusou em tom venenoso. — As famosas lembranças com ela são extremamente especiais e certamente não devem ser manchadas com nossos momentos luxuriosos, não é?

A imagem do rosto corado de Millie abaixo do meu enquanto a devorava tomou conta de mim como a força de um furacão.

Saber que não poderia mais tocá-la me deixou irritado.

— Por que ao invés de me irritar com essas tentativas toscas, não ocupa essa boquinha com algo melhor?

— Não fiz de propósito — protestou.

— Não? Então qual foi a sua intenção exatamente? — perguntei, zangado.

— Não precisa ficar nervoso. — As mãos dela, desceram por meu tórax indo parar em minha braguilha.

Levantando-se, ela se colocou em minha frente e delicadamente me empurrou até que eu repousasse as costas na cama. Seu olhar estava carregado de excitação

— Consegue me fazer relaxar? — Encarei-a com olhos expectantes.

Quase que torturantemente, ela baixou minha calça e cueca expondo meu pau semi ereto. Percebi a expressão atônita em seu rosto, provavelmente pensava que o encontraria pronto para ela.

Sem nenhuma cerimônia ela o abocanhou e sibilei com os lábios entreabertos devido a sensação boa de sua língua macia. Fechei as mãos em punho e lutei para me concentrar naquele prazer delicioso. Verônica sempre fora boa nesse quesito e nunca nos decepcionávamos um com o outro.

Ao longe comecei a escutar suas sacanagens conforme ela me sugava com extrema fome. Entreabri os olhos e olhei para baixo observando meu pau entrando e saindo de sua boca de lábios vermelhos. De repente o rosto dela se transformou no de Millie e travei a respiração. Voltei a fechar os olhos e joguei a cabeça para trás perdido na confusão dos meus pensamentos.

Millie... Millie... Millie...

Retornei a encarar Verônica e segurei seus cabelos com agressividade e forcei sua cabeça enquanto erguia meus quadris em um desespero silencioso. Eu queria me libertar, queria provar a mim mesmo que eu era capaz de estar com outra mulher...

Repentinamente, senti um beliscão em minha barriga e soltei Verônica assim que notei que havia sido ela a me arranhar com suas unhas.

— Enlouqueceu? — gritou ela, afastando-se de mim tossindo. Os olhos arregalados, porém ferozes. — Quer me matar engasgada?

Se aquela situação não fosse tão crítica, eu teria dado risada de suas indagações.

— O quê? — zombei. — Não dá mais conta do meu pau?

— Não é isso seu idiota — apressou-se em dizer. — É só que... você agiu com uma estupidez descontrolada, parecia que estava fora de si.

— Fora de si... — desdenhei me levantando. — Eu queria gozar e você não estava conseguindo fazer o serviço direito, então tive que apelar.

Não olhei para ela, mas era certo que seu rosto estava vermelho de raiva, considerando que ela grunhiu audivelmente.

— Sempre dei prazer a você, Nathan – protestou com veemência. - E

não ouse me tratar como uma prostituta.

Vesti minha calça e lancei um último olhar a ela. A raiva que emanava de mim nada tinha a ver com ela, vinha de dentro e estava quase me sufocando.

— Uma prostituta saberia me fazer gozar — murmurei cruelmente. — Então de quem é a culpa?

Ela me olhou espantada enquanto eu me virava para sair daquele quarto.

— Certamente, não minha! — gritou atrás de mim. — Você é que não consegue aceitar que a preciosa Millie está preferindo dar para qualquer homem e menos para você.

Parei a mão na maçaneta da porta e voltei a encará—la com ar furioso.

— Talvez seja verdade — confessei. — Nunca encontrarei outra como a Millie, nem com o mesmo cheiro, ou com o mesmo sorriso... os gemidos delirantes e ao mesmo tempo contidos... — Inclinei-me sobre ela até que ela arqueou o pescoço para manter a distância, entre nós. Eu podia ver a frágil pulsação dela, as pupilas ainda dilatadas dos olhos estressados. Saber que a desconcertava deixou-me irracionalmente alegre.

— Você não sabe do que está falando — praticamente gemeu.

— Nunca estive tão certo — continuei. — Na realidade você convenientemente esqueceu-se da minha exigência sem compromisso, sem laços afetivos e sem perguntas. — Ela tentou esconder o leve tremor nos lábios. — Eu nunca quis nada além de sexo e de sua ajuda para roubar Joseph. — Meu tom de voz soava calmo, apesar da crueldade. – Que eu forneci. Sem queixas, diga-se de passagem.

— Você é um cretino, Nathan. E repito o que eu já falei em outra ocasião: Você consegue ser pior do que o Joseph.

A resposta dela me atingiu como um martelo.

— Você não quis dizer isso — falei finalmente.

— Quis.

Eu a olhei sem dizer nada.

— O que o Joseph fez contra sua família, Nathan? — indagou. — Você nunca me disse o motivo de sua vingança, mas obviamente que se trata de algo antigo e muito grave — continuou insistentemente. Fiquei tentado a mandá-la se foder, porém voltei a encará-la.

— Ele a destruiu.

Os olhos dela tornaram-se brilhantes de um modo diferente.

— Fico imaginando como você fez para conseguir se aproximar dele, Joseph sempre foi um homem precavido.

Deixei um sorriso escapar e enfim abri a porta do quarto.

— Continue sonhando com o dia em que me abrirei com você, Verônica.

A gargalhada dela tornou-se irritante aos meus ouvidos.

— Com seu jeito manipulador, não é difícil de imaginar os meios que você usou para chegar onde está hoje — provocou. — O que disse a ele? — continuou insistindo.

Devagar eu caminhei pelo corredor e então parei.

— Disse que ele tinha um filho.

— Um filho? — Sobressaltou-se. Sua voz espantada.

Lembrando-me da sensação de deleite que experimentei naquele dia eu me peguei sorrindo, quase gargalhando.

— Eu.

Olhei para ela e a encontrei com os olhos arregalados, uma expressão misturada a horror e perplexidade.

— Você é filho dele? — questionou em voz fraca, porém nada respondi. — Então quer dizer que, você e a Millie são...

— Irmãos? — cortei-a com diversão nos olhos. Minha voz era neutra e calma.

O silêncio prolongou-se ao nosso redor.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela, com os olhos perturbados. —

Você é doente...

Afastando-se de mim, tateou a parede para se equilibrar do choque.

— Você não é a única a me dizer isso — comentei, completamente divertido com a expressão espantada dela.

Virei-me e continuei seguindo pelo corredor.

— Faça um favor a nós dois e saia dessa casa — falei. — Meu motorista irá levá-la.

Não olhei para trás, no fundo estava aliviado em me abrir com ela. Havia ficado claro que nossa relação já não tinha mais futuro, nem mesmo na intimidade do prazer sexual.

Capítulo 23

Nathan Backer

Eu ainda estava na mesa do café da manhã quando na verdade, já deveria estar no escritório. Minha noite havia sido péssima considerando o fracasso dos meus planos. Já era tarde quando escutei Bruce retirar o carro da garagem para levar Verônica em casa. A vergonha tomara conta de mim na hora do embate, travei meu maxilar quando pensei em revidar em minha defesa. A verdade era que não deveria confiar nela. Como ela ousava me acusar de *manipulador?*

A governanta apareceu de repente, pegando-me de surpresa.

— O senhor quer mais café? — Quis saber, não demonstrando surpresa em ver a mesa vazia.

— Não! — gritei em resposta, reagindo sem pensar. Respirei fundo ao perceber que assustara a pobre mulher, que não tinha nada a ver com meus problemas. — Desculpe-me. Não, obrigado — falei, controlado, passando a mão pelo rosto e pelo cabelo desarrumando-o. — Por favor, leve-me as correspondências novas e antigas, estarei no escritório por mais alguns minutos antes de sair.

— Sim, senhor.

Na privacidade do cômodo, usei o silêncio para buscar o controle emocional pelo qual eu ansiava e estava longe de conseguir. Meu telefone tocou e apressadamente atendi, agradecendo por silenciar aqueles pensamentos com outros assuntos.

— *Fala Mark.*

— *Pretende aparecer na empresa hoje?* — questionou.

— *Daqui a pouco* — respondi, suspirando. — *Quero dar uma passada no hotel Be life, é uma rede imensa e muito promissora. O dono me enviou uma proposta de parceria por e-mail e hoje decidi dar uma analisada.*

— *Certo. Alguma coisa para falar a respeito da saída da Verônica?*

Franzi o cenho.

— *Como assim?*

— Ela pediu demissão do cargo logo cedo.

Levantei abruptamente da poltrona quase em choque.

— Tem certeza?

— Sim. Acabei de ser informado, mas ligue para Elsie e ela te informará mais detalhes enquanto você não chega na empresa.

— Ok. No mais, está tudo certo?

— Até o momento sim. Descobri o paradeiro do Joseph, mas ao que tudo indica, ele virá para Londres por esses dias.

— Ótimo.

Encerrei a ligação no momento em que ouvi algumas batidas na porta.

— Entre.

Pedindo licença, a governanta entrou e repousou diversas correspondências sobre a mesa, pedindo desculpas, pois tinha algumas bem antigas considerando o tempo que fiquei sem vir na mansão.

— Obrigado. Pode se retirar.

Com um aceno de cabeça, ela saiu sorrateiramente.

Sem dar muita importância, comecei a folhear aquelas correspondências, jogando fora as que não me interessava. Na verdade minha concentração havia se abalado muito mais com a notícia da demissão da Verônica. Alguma coisa ela estava tramando e eu temia que ela fizesse algum mal a Millie.

Interrompi meus pensamentos dispersos ao me deparar com uma correspondência no nome do Joseph, porém era algo extremamente suspeito.

— Mas, o que... — pausei e me atentei no que estava escrito. Tratava-se de uma fatura vencida e caríssima por sinal. O que mais me causou estranheza foi o nome do remetente e constatar que aquilo era uma espécie de mensalidade.

O que aquele velho estava aprontando? — questionei-me enquanto vasculhava na pilha de correspondências e mais faturas como aquela foram surgindo.

Desconfiado, abri meu laptop e digitei o nome daquele local no campo de pesquisa do navegador. Muitas imagens surgiram e consecutivamente seus endereços. Clicando no endereço correspondente ao nome no qual eu estava pesquisando, peguei o telefone.

— Vamos ver do que se trata — murmurei, discando o número no celular. Eu sentia que nada de bom descobriria dali.

Millie Evans

Acordei um pouco desorientada e lutei contra a vontade de esbarrar o despertador contra a parede. Espreguicei-me enquanto rolava na cama e logo me sentei, tomando coragem para iniciar um novo dia.

— Sexta-feira — pensei animada.

Com os ânimos renovados, fui direto ao banheiro e me preparei normalmente. Decidi por um vestido de tecido mole devido ao calor e uma maquiagem bem leve para não marcar muito o rosto.

Pronta, peguei minha bolsa e saí do quarto. Estava indecisa sobre tomar café em casa ou na rua quando travei no caminho e deixei escapar um grito de susto.

Com meu escândalo, Adam, saltou do sofá e desequilibrou-se caindo em seguida no chão. *Oh meu Deus!* Eu tinha me esquecido que ele havia pegado no sono e simplesmente não tive coragem de acordá-lo e mandá-lo embora.

— Desculpe-me — murmurei ao encarar seu rosto assustado. — Essa definitivamente não foi uma forma legal de ser acordado.

Piscando, ele esfregou o rosto e se levantou. Parecia um pouco pálido enquanto procurava por algo.

— Adam? — chamei, me aproximando cautelosa.

Vi quando ele avistou sua mochila e agitadamente vasculhou até encontrar sua bombinha de ar.

A asma — pensei, preocupada.

Sentou-se e instantes depois, sorriu para mim.

— Desculpa por isso. Fazia muito tempo que eu não precisava usá-la. — Referiu-se ao aparelho em sua mão.

— Foi o susto com meu grito?

— Provavelmente. — Fez uma careta. — Que horas são? Você não deveria ter permitido que eu dormisse aqui. – acrescentou.

— São quase oito horas.

Subitamente ele se levantou e começou a arrumar suas coisas.

— Estou atrasado para o trabalho.

— Me perdoe, Adam. Juro que não fiz por mal.

— Eu sei.

— Você praticamente capotou no sofá e eu ainda terminei de ver o filme sozinha — comentei entre risos, fazendo-o sorrir também.

— Da próxima vez prometo ficar acordado — falou me encarando. Completamente sem jeito, me afastei e desviei os olhos.

— Vamos? — perguntei, verificando o horário.

— Posso usar o seu banheiro rapidinho?

— Claro que sim. — Sorri fraco.

Decidi aguardá-lo no corredor, assim facilitaria nossa saída rápida. Aquilo já estava ficando meio estranho e constrangedor demais.

Meu telefone tocou e atendi assim que reconheci o número do Benson no visor.

— *Bom dia, pequena fênix* — falou antes que eu pudesse saldá-lo.

— *Sinto-me tão forte quando você me chama assim.* — Derreti-me com sinceridade.

— *Mas é essa a intenção.*

Sorri um pouco, porém logo o silêncio reinou. Olhei para trás para ter certeza de que Adam não estava por perto ainda.

— *Não está mais chateado comigo?*

— *Eu não estava chateado com você* — falou em tom brando. — *Apenas precisei de um tempinho para colocar as emoções no lugar, sinto muito por isso.*

— *Não se desculpe, Benson* — sussurrei. — *Eu compreendo você* — falei, tendo a certeza de que o fato de Nathan ter tocado no nome da vagabunda da Célia naquela noite, havia de alguma forma mexido consideravelmente com as emoções dele.

— *Vamos sair hoje à noite?* — Convidou de repente.

— *Aonde?*

— *Em uma boate de um amigo meu.*

Um sorriso travesso se instalou em meus lábios.

— *Espero você* — confirmei.

Despedimo-nos e em seguida disquei o número da Lauren. A porta do apartamento se abriu e rapidamente a chaveei. Indiquei o corredor ao Adam com a cabeça e caminhamos lado a lado enquanto eu aguardava Lauren atender.

— *Alô...* — Atendeu, com voz rouca.

— *Poxa vida, sinto muito ter te acordado de madrugada ainda* — provoquei, para irritá-la.

— *Argh, cala a boca, Millie* — revidou, bocejando. — *Paolo inventou de fazer maratona ontem, aí já viu, não é?* — Soltou uma risadinha.

— *Sei sim, sua safada* — falei entre risos. Adam e eu chegamos na recepção do prédio. — *Só um momentinho, Lauren* — pedi.

— *Tchau, Adam*. — Abracei-o, sentindo-o repousar um beijo longo em minha bochecha. — *Tenha um belo dia.*

Agradecendo ele me encarou com aquela intensidade rotineira antes de se virar nos calcanhares. Em contrapartida, eu segui na direção da garagem.

— *Lauren?*

— *Estou aqui* — falou. – *Você estava com Adam?*

— *Sim*. — Suspirei. – *Ele dormiu no apartamento.*

— *O que?* — gritou ela, obrigando-me a afastar o telefone do ouvido. — *Você deu para ele?*

— *Não!* — respondi mais do que de pressa. — *Adam não me atrai dessa maneira e mesmo que atraísse, estou em uma espécie de relação colorida com Benson, então...* — Decidi continuar omitindo o fato de ter transado novamente com Nathan.

— *Eu entendo* — resmungou, ainda sonolenta. — *Mas, então me explique o motivo de ele ter dormido com você.*

— *Estávamos assistindo a alguns filmes que ele havia trazido e nesse meio tempo ele pegou no sono* — comecei, entrando no meu carro e ajeitando-me no banco enquanto dava mais detalhes a ela. — *E que fique claro que ele dormiu no sofá e eu no meu quarto.* — Frisei.

— *Ok, Ok.* — Brincou.

— *Olha só...* — Novamente me atentei as horas. — *Está quase no meu horário de expediente, mas gostaria de te convidar para fazer uma coisa comigo amanhã.*

— *O que?*

— *Quero fazer uma tatuagem.* — Fui logo ao ponto.

O grito de espanto veio alto do outro lado da linha.

— *Você está me superando* — comentou provocativa.

— *Imagina, quem sabe você não faz uma também? Seria uma surpresa deliciosa para o Paolo.*

Ela sorriu.

— *Está bem. Amanhã combinamos melhor.*

— *Almoçamos no shopping?*

— *Combinado.*

Assim que encerrei a ligação, guardei o telefone na bolsa. Coloquei o cinto, verifiquei novamente os retrovisores e soltei uma longa respiração.

— Chega de chorar... Agora é minha vez de curtir e viver minha vida conforme *eu* julgar válido.

Capítulo 24

Millie Evans

A batida da música ecoava aos meus ouvidos gloriosamente. Eu sentia meus músculos vibrarem com as batidas do som. Desci meus olhos e avistei a enorme pista de dança, pessoas pulando, girando, se abraçando e beijando... Aquela liberdade parecia ser tão boa.

Fechei, brevemente, meus olhos e me deixei levar pelo ritmo eletrônico, meus pés e pernas agiam descontrolados. Eu conseguia esquecer e afogar minhas mágoas, a música e a bebida eram bons remédios para isso.

Levei a taça de bebida à boca e beberiquei o restante. O doce em contraste com aquela queimação em minha garganta me anestesiava.

— Está gostando? — Benson perguntou, aconchegando-se a mim por trás.

— Estou adorando — respondi e virei o rosto de lado. Nossos lábios se tocaram e senti o toque de sua língua sobre a minha. Meu corpo todo esquentou diante daquele gesto.

— Os minutos que fiquei longe de você já foram suficientes para que se embebedasse não é mesmo? — Brincou ele, soltando leves beijos em meu queixo e lábios.

Eu gargalhei.

— Não estou bêbada, apenas leve e solta. — Dei risada outra vez.

Virando-me de frente para ele, me prendeu contra a balaustrada da área *vip*. Benson estava com um visual despojado, o que era incomum se tratando dele. Peguei-me mordendo os lábios ao admirá-lo.

— Está excitada? — Quis saber, seus dedos tocando meus lábios e os lambendo sensualmente onde eu havia mordido. — Eu consigo enxergar em seus olhos, *pequena fênix*.

Novamente sorri.

— Confesso que quero fazer várias coisas nesse momento — murmurei. — Porém, somente em olhar para você, já sinto minha imaginação desesperada.

Com um brilho luxurioso nos olhos, Benson se aconchegou mais ao meu corpo e forçou fazendo-me sentir o tamanho de seu desejo por mim. Arquejei audivelmente.

Olhando-me, desceu sua boca na minha novamente, porém fomos interrompidos.

— Millie?

Benson se chegou um pouco para o lado, entretanto não me soltou. Arregalei os olhos ao me deparar com Amber, Nathan e Mellanie. O espanto pareceu espelhá-los.

Será que em todo o maldito lugar que eu pusesse meus pés, teria sempre Nathan como minha sombra? Como controlar meus sentimentos assim? Sendo que, enfrentá-lo e amá-lo estava sendo mais do que incontrolável para mim.

Cocei a garganta e afastei-me do Benson. O álcool em meu sangue estava me ajudando a ser um pouco mais tolerante e compreensiva.

— Que coincidência encontrá-la aqui — Amber continuou, enquanto nos aproximávamos. Notei que a mão dela estava entrelaçada na do Nathan. — Se tivéssemos marcado não teria dado tão certo — argumentou ela.

O mal-estar de saber que ela e Nathan possivelmente estavam juntos naquela noite, amenizou, assim que nos abraçamos e senti a alegria nos olhos dela.

— Está aqui faz muito tempo? — perguntou.

— Pouco mais de uma hora — respondi, ignorando seus acompanhantes. — Esse é Benson. — Apresentei-os. Benson parecia estar seguindo minha tática e mal olhava para os lados. Seu braço não desgrudava da minha cintura.

— A Mellanie você já conhece. — Apontou e, eu apenas forcei um sorriso. — E esse aqui, é o primo dela, Nathan.

Primo? — repeti mentalmente, um pouco confusa com aquela novidade. *Não eram amantes?*

— É um prazer conhecê-la — o descarado disse, esticando a mão para

que eu a tocasse. Olhei para Amber e ela exalava um olhar expectante e bobo. Engoli em seco e estendi minha mão, aceitando o cumprimento dele.

Segurei a respiração quando nossas peles se tocaram. Eu poderia ficar dias, meses ou anos sem vê-lo e aquela reação sempre aconteceria. Nathan sempre obteria aquele poder sobre meu corpo que nenhum outro tinha e jamais teria.

— Millie, gostaria de levar você para conhecer o outro lado da boate — Benson comentou, interrompendo aquela situação estranha. Uma tensão cortante, onde a Amber era a única que não estava sentindo.

— Vamos sim. — Sorri para ele. — Depois nos falamos, Amber — comentei me voltando para ela.

Rapidamente, ela se chegou perto do Nathan. Senti uma dor no peito e uma fúria me corroer conforme observava a proximidade dos dois. Apesar de Nathan parecer desconfortável, ele nada fazia para afastá-la. Disfarçando, desviei os olhos e encontrei com Mellanie me encarando com curiosidade. Um leve tremor percorreu meus membros e piorou quando a vi lamber suavemente os lábios. Que sensação estranha...

— Divirta-se, Millie. — Amber desejou.

Benson entrelaçou os dedos nos meus e apressadamente me afastou dali. Havia urgência em seus passos e teve um momento que quase tropecei em meus próprios pés.

— Devagar, Benson...

Parando em um dos corredores, ele me encarou. A pouca iluminação deixou seus olhos um tanto felinos causando-me um arrepio involuntário.

— Eu quero muito fode-la — murmurou, sem fôlego e visivelmente abalado. — E quero que seja em um lugar onde terá pessoas aleatórias.

Excitação misturada ao constrangimento, me abateram. Aquilo não seria novidade, não depois do que experimentei no *Veiled*.

— Tem certeza?

Ele sorriu e enlaçou-me pela cintura, avançando em meu pescoço e mordendo-o.

— Eu quem pergunto — soprou próximo ao lóbulo da minha orelha.

Sem dar tempo para eu me preparar ou raciocinar, ele voltou a me levar pelo corredor. Ao final encontramos uma porta pequena que dava acesso a uma escada.

Benson subiu na frente e eu fui logo atrás. Surpreendi-me com o ambiente que me deparei ali.

Era um amplo espaço, equipado com os mais modernos móveis e requintes. Havia uma mesa de sinuca em um canto, diversos sofás espalhados. Um pouco mais afastado, um trio de mulheres cantarolavam em um mini palco, deixando o clima mais brando, diferenciando com as batidas eletrônicas do andar de baixo.

— Gostou?

— É incrível — respondi ao Benson. — É quase um acústico.

Movida pelos acordes da bela música, me aconcheguei a ele e comecei a balançar meu corpo, esfregando-o no dele.

— Millie... isso não vai dar certo — murmurou, seus braços firmando minha cintura enquanto esforçava-se para seguir meu ritmo.

— Você está se saindo bem, oras. — Observei.

— Mas não é sobre isso... — sussurrou e então pude sentir a dureza de sua ereção em minha barriga, cutucando-me. — Está piorando a cada toque seu — queixou-se.

Mordi os lábios e desviei o olhar para a mesa de sinuca. Um pouco mais adiante me deparei com um par de olhos verdejantes me encarando com fervor.

Mellanie!

Algo dentro de mim estalou e me peguei levando Benson até a mesa de sinuca. Meu coração pulsava de maneira insana e minhas mãos tremiam desesperadamente. Deixei Benson recostado sobre a mesa e me inclinei sobre ele. Eu conseguia sentir a velocidade de seus batimentos cardíacos, pois meus dedos vibravam sobre seu peito.

— O que pretende fazer? — ele perguntou, sua voz pesada. A luxúria

exalava entre nós.

Com o canto dos olhos, pude perceber que Mellanie ainda estava lá, apesar de ter encontrado um ponto mais estratégico para olhar.

Voltei a erguer os olhos para Benson e sem mais esperar, o beijei. Minha adrenalina fervilhava em minhas veias e fazia com que eu tivesse a sensação de poder fazer qualquer coisa.

As mãos de Benson espalmaram-se em meu bumbum e o senti puxar-me ainda mais de encontro a si, ansiando por um contato ainda maior. Seus beijos desceram por meu pescoço e logo depois em meus seios, por sobre a roupa. Ousadamente, levei a mão em sua ereção e a apertei com força suficiente para que ele gemesse ruidosamente.

Simplesmente eu estava sendo movida por meus instintos mais profundos e insanos naquele momento. Estava quente como o inferno, porém louca para me queimar.

Empurrando-me para trás, onde estava com pouca claridade, Benson se jogou aos meus pés. Agilmente ele ergueu meu vestido e baixou minha calcinha, ajudei-o erguendo meus pés para facilitar. A expectativa crescendo.

Arquejei quando ele abocanhou-me como um banquete, aqueles lábios fazendo malabares em meu clitóris.

Abri os olhos e por um momento, fixei-os um pouco adiante, para onde estava Mellanie. Havia algo entre nós naquela noite, uma conexão inexplicável. Mordi os lábios com força para evitar gemer alto, não queria chamar ainda mais a atenção.

Olhei para baixo e quase desfaleci com a visão que tive. Benson era lindo e aquele contraste de nossa pele sempre me deixava extasiada. Voltei a fechar os olhos, preparando-me para chegar ao êxtase, porém as cenas que se seguiram foram assustadoras.

Nathan surgiu do nada e empurrou Benson com agressividade, golpeando-o logo após. Benson, por sua vez, rapidamente se equilibrou e partiu para o ataque também, não se dando por vencido. Levei as mãos à boca, completamente atônita com tudo aquilo. Aos poucos o álcool ia se dissipando e meu pânico crescendo dentro de mim. Aquilo nunca teria um

fim?

O tumulto estava feito e, de repente, me vi sendo resgatada daquele meio. Desorientada, tentei piscar e ver por quem eu estava sendo guiada, quando enxerguei Mellanie.

— Não se preocupe, vou tirar você daqui — falou com um meio sorriso. O seu tom de voz me acalmou um pouco.

Capítulo 25 (Penúltimo)

Millie Evans

Delicadamente, Mellanie me aconchegou no banco do passageiro, e logo em seguida deu a volta, entrando no carro também. Seu perfume emanou como um aroma suave em minhas narinas.

— Você está bem? — Quis saber, sua expressão era preocupada.

Apenas meneei a cabeça confirmando. Sequer tinha forças para falar ou raciocinar sobre tudo aquilo. Era demais para meu estado de espírito e embriaguez.

Soltando um suspiro um pouco frustrado ela ligou o carro, partindo logo em seguida.

Deixei minha cabeça tombar para o lado da janela e não controlei minhas recordações. Ao mesmo tempo em que estava certa do que eu queria, a bagunça já se fazia presente para me perturbar ainda mais.

— Nathan é meu primo e não meu amante. — A voz dela quebrou o silêncio e minhas contradições. — Gostaria de deixar isso claro — acrescentou.

Voltei os olhos para seu perfil.

— Nathan nunca me contou nada sobre ele além de detalhes superficiais — murmurei em tom de desculpas, apesar de não me sentir confortável com aquilo.

Deixei a cabeça cair sentindo-a pesada demais para poder sustentá-la.

— Está sentindo alguma coisa?

— Dor de cabeça, raiva, tristeza, rancor... — pausei e soltei uma risada irônica. — Precisa de mais?

Percebi que ela me encarou de soslaio e suspirou exaustivamente.

— Eu sinto muito — disse, finalmente. Revirei os olhos e me aquietei. As náuseas deixando-me fraca ao ponto de querer vomitar. — Já estamos quase chegando. — Sua voz ressoou ao meu lado.

Instantes depois, entramos na garagem de um prédio luxuoso e que

automaticamente trouxe-me recordações.

— Eu não quero ficar aqui — gemi, minha boca se enchendo de saliva conforme a náusea no estômago se intensificava. — O Nathan... ele...

— Vamos para o meu apartamento — interrompeu-me, abrindo a porta do carro.

Levei a mão na maçaneta no mesmo momento em que Mellanie abriu a porta para mim. O cheiro do ambiente, misturado aos diversos aromas foi o estopim para que eu me inclinasse e sentisse o vômito arranhando minha garganta. Mellanie correu até mim e segurou-me de modo a deixar minha cabeça livre, enquanto segurava meus cabelos.

As palavras de consolo que ela sussurrava em meu ouvido, ao mesmo tempo em que me irritava, me acalmava. Eu odiava aquela sensação, odiava sentir-me fraca e vulnerável.

Com a ajuda dela, consegui ficar de pé. Minha visão turvou, porém me mantive firme.

— Consegue caminhar?

— Sim — sussurrei, entretanto um dos meus pés torceu por conta do salto alto.

Um grito de dor escapou de meus lábios e me apoiei nos ombros de Mellanie, quase derrubando a nós duas. As lágrimas brotaram de meus olhos.

— Droga, Millie!

Delicadamente ela se ajoelhou diante de mim e retirou meus sapatos, tomando o cuidado para tocar o mínimo possível no meu pé ferido.

— Que-quebrou? — perguntei gaguejando.

— Foi uma torção — respondeu, séria. — Provavelmente você não é acostumada a beber e seu corpo não está sabendo lidar com a quantidade de álcool no seu sangue.

Engasguei com uma enxurrada de palavrões, porém minha fraqueza não me permitiu despejá-los. Quem ela pensava que era para me dar lição de moral? Droga! Não negava o sangue...

Com extrema dificuldade, conseguimos chegar no apartamento. Mellanie passou seu braço em volta do meu corpo e quase me carregou no colo.

Eu quis protestar, mas não deixei de me recostar no braço dela, sentindo—me fortalecida. Por um breve momento, cedi a tentação e deitei a cabeça em seu ombro, antes que seu tom direto de voz me trouxesse de volta a realidade.

— Você não deveria ter bebido tanto.

— Não estou tão fraca assim — resmunguei, afastando-me quando cruzamos a porta que dava acesso a uma sala ampla. — Já enfrentei coisas piores, acredite!

Afundei no sofá aveludado e segurei a cabeça entre as mãos.

— Millie, não estou falando para seu mal — murmurou cautelosamente. — E eu sinto muito vê-la sofrendo.

Ergui meus olhos vermelhos e a encarei com uma expressão sarcástica.

— Eu sei muito bem que você sente — murmurei, apontando ao redor. — Presente do priminho, não? Com o dinheiro do meu pai, porra!

Os olhos dela se arregalaram e a vi se encolher imperceptivelmente.

— Esse apartamento foi um presente do meu pai — falou, na defensiva. — Não me acuse por algo que não sabe.

Eu não podia acreditar no que ouvia, aquilo parecia ser um pesadelo sem fim.

— Deveriam ter me contado. Naquela época e agora.

— Eu quis, mas Nathan me proibiu de me intrometer nos negócios dele.

Olhei-a com perplexidade.

— Negócios dele? — indaguei completamente enojada.

— Eu não fiz parte disso, Millie. Acredite em mim.

Com a cabeça latejando, me levantei do sofá um pouco cambaleante.

— Sei que você não irá me levar para casa, então me mostre um quarto para que eu possa descansar.

Ela suspirou audivelmente. Sua expressão sofrida.

— Fica no andar de cima. — Apontou para as escadas. — Consegue subir sozinha ou vai precisar da minha ajuda?

— Quero a sua ajuda.

Um sorriso contido pairou em seus lábios e ela se aproximou novamente de mim. Seu braço em minha cintura, virei a cabeça para o lado e nossos rostos ficaram próximos.

— Vocês cresceram juntos? — perguntei.

Ela baixou os olhos.

— Desde quando ele tinha dez anos.

— Quantos anos ele tem agora?

— Trinta e um.

— Nem mesmo esse detalhe ele me contou, fui uma completa idiota nas mãos dele.

Esperei que ela fizesse algum comentário, porém não o fez. Permaneceu em silencio conforme subíamos os degraus e nos preparávamos para seguir por um enorme corredor rodeado de portas.

— O que a fez surgir agora na vida dele? — indaguei.

— Briguei com meu pai — respondeu apenas.

Chegamos no quarto e gentilmente fui ajudada por ela a me deitar na cama. Eu estava em um estado deplorável.

— Olha, Millie. Compreendo sua raiva e você tem sim, vários motivos para se sentir usada e traída. Mas, saiba que para tudo na vida tem uma explicação, às vezes pode não parecer plausível, entretanto no fundo existe um porque para tal. Nathan errou, mas errou em nome de uma maldita vingança comprada por ele há anos atrás.

— E o que eu tenho a ver com isso, se ao menos nos conhecíamos?

— Infelizmente ele não soube dosar a raiva e com isso respingou em quem não deveria.

Ajeitei meu corpo e aninhei-me melhor nas cobertas macias. Deitei-me de lado de modo a encará-la. A expressão de culpa ainda emanava dos olhos dela e com isso a tristeza também se fazia presente.

— Ele nunca me prometeu amor Mellanie e, foi eu a insistir para que ficasse comigo. Infelizmente eu me apaixonei e fraquejei as minhas barreiras emocionais. Apesar de não ter me enganado a respeito de sentimentos, enganou em questão de fidelidade de caráter. Usou-me de várias formas possíveis, traiu-me com aquela vagabunda da Verônica e me humilhou de uma maneira inimaginável.

— Eu sei.

— Não consigo encontrar motivos plausíveis para explicar essas atrocidades.

Ela respirou profundamente e me olhou entristecida.

— Eu quis surrá-lo, acredite!

Fechei os olhos cansados e sorri fraco.

— Eu também... — soprei em um murmúrio. — O odeio...

Presa entre a realidade e, o sono profundo, acreditei ter escutado suas palavras:

— *E você não faz ideia do quanto ele a ama...*

Eu sequer tinha noção do que estava acontecendo ao meu redor, somente que alguém me carregava no colo. Vozes alteradas e uma sensação de tensão no ar. Meu corpo estava dolorido e meu pé parecia ter piorado considerando a dor intensa.

Sentindo a necessidade de me aconchegar melhor naquele calor que me abraçava como se eu fosse um tesouro precioso, comecei a ouvir o som dos seus batimentos cardíacos equiparando aos meus que também estavam agitados.

— Nathan, deixe-a aqui!

Reconheci a voz da Mellanie, porém não tive forças para reagir. Meus olhos pareciam grudados em minhas pálpebras.

— Vou cuidar dela, Mellanie. — Estremeci com a vibração da voz dele em minha pele. — Não farei mal a ela, pelo amor de Deus. — Irritou-se.

— O mal já está feito — gritou ela, exasperada. — Deixe-a em paz, por favor.

— Não se intrometa! — ele decretou.

Remexi-me em seu colo, mas não fui incapaz de impedi-lo. Minhas forças estavam dissipadas e sentia—me nauseada.

Não sei quanto tempo levou até o momento em que senti novamente o macio de lençóis sob minhas costas. Gemi quando tentei puxar meus pés e senti uma enorme fisgada.

— Millie? — Sua voz próxima soou preocupada. Relutantemente, abri meus olhos e me deparei com os seus. Ele estava ajoelhado, a luz do quarto estava apagada, porém era possível enxergá-lo nitidamente através da luz do luar que refletia da janela entreaberta. — Está sentindo dor?

Incapaz de desviar de seu rosto, apenas meneei com a cabeça em confirmação.

— Aonde?

O rosto dele estava com alguns hematomas, provavelmente consequência da briga com Benson que nessas alturas eu não fazia ideia de como ele estava ou aonde.

— No meu pé direito — sussurrei. — E aqui... — Toquei meu coração angustiado.

Os olhos verdes desceram e repousaram no local onde minha mão estava. Suavemente ele tocou sua mão na minha. Havia tanto peso em seu olhar, tanto conflito em seus olhos que tive vontade de abraçá-lo.

— Eu a machuquei tanto, não foi? — falou, para si mesmo. — Faço e fiz burradas pensando que estou agindo certo e na minha razão, entretanto estou começando a perceber que minhas ações têm consequências horríveis.

— Por que você me feriu daquela forma, Nathan?

— Eu estava com raiva.

— De mim?

— Do Joseph, pelo o que ele fez.

— E o que ele fez, afinal? — indaguei, exausta até para brigar.

— Acabou com a minha infância.

— Eu não entendo... — Encolhi-me, completamente perdida. — Como sempre você fala, fala, mas ao mesmo tempo me deixa no escuro. Cansei disso, estou exausta desses segredos, da sua perseguição, das suas loucuras. Céus! Você não me deixa viver. — Exasperei. — Eu estou me reerguendo com Benson e...

— Ele não é o homem certo para você — cortou-me com ira.

Levantou-se ficando de costas.

— Ah, e esse homem é você por acaso?

— Eu nunca a enganei em relação a sentimentos. — Frisou, voltando a me encarar. — Sempre deixei claro minhas reais intenções.

— Em que momento você me disse que roubaria meu pai e que manteria uma relação com aquela vagabunda da Verônica enquanto estávamos juntos? — indaguei extremamente irritada. Sentei, sentindo-me agitada demais para continuar deitada. — No nosso retorno em *Long Island* em que você se afastou de mim sem mais e nem menos, foi com ela que você ficou não foi? Enquanto eu me debulhava em lágrimas, me remoendo em compreendê-lo, era com ela que você se satisfazia — gritei, acusatória.

— Eu apenas quis me afastar para evitar fazê-la sofrer mais na frente, considerando que eu não voltaria atrás com meus planos.

— Planos de roubar um homem que somente te ajudou! — berrei, indignada. — Você não tem escrúpulos.

— Você não me conhece.

— Lembro de ter deixado claro o meu interesse — revidei.

— Nossa relação se tornou algo fora do meu controle e eu não suporto perder o equilíbrio de minhas emoções. Sou o culpado, pois desde o início em

que me rendi aos seus encantos, eu tinha na consciência que você sofreria no final, mas deixei meu egoísmo berrar mais alto e não me afastei.

— Então faça isso agora — supliquei. — Vamos esquecer que um dia nos conhecemos, não faço mais questão de me envolver com essa sua briga com meu pai e tão pouco quero saber das suas reais razões, só... me deixe em paz!

Ele se virou para mim e aqueles olhos outrora tão fervorosos, naquele momento encontravam-se atormentados.

— Eu não posso fazer isso, Millie...

Lagrimas que tanto segurei, caíram abundantes por meu rosto.

— Que inferno, Nathan! — exclamei entre lágrimas. — Qual o seu problema comigo, droga? Sente prazer em me fazer sofrer, é isso?

A expressão dele tornou-se ofendida.

— Não! — respondeu, voltando a se ajoelhar diante de mim, porém sem me tocar. — Eu quero vê-la feliz, mas...

— Mas o quê?

Vi quando ele engoliu em seco.

— Mas eu quero que seja comigo, ao meu lado. — Fiquei o encarando em completo choque. — Eu a amo, Millie.

Arquejei e me vi aérea por alguns instantes. As mãos dele tentaram me tocar, porém me esquivei completamente arisca. Eu sentia que meu mundo estava desabando outra vez sobre meus pés. Tentei me levantar, porém não conseguia firmar o pé que estava ferido.

— Não me toque! — gritei, descontrolada. — Saia de perto de mim.

Minha respiração tornou-se dificultosa e eu temi passar mal na frente dele. O rosto dele estava inteiramente assustado.

— Você ouviu o que eu acabei de dizer?

— Nunca mais repita aquilo! — gritei, enquanto apontava o indicador para ele. — Você não tem o direito de me falar de amor, não depois de tudo o que me fez. Acha isso justo? Logo agora? Eu esperava isso antes. Hoje é

tarde, isso não muda nada! — Imperceptivelmente, ele se afastou e baixou os olhos. — Se você não sair desse quarto agora, juro que vou fazer um escândalo.

Em silêncio, observei ele seguir na direção da porta. Pausou a mão na maçaneta e ainda de costas, murmurou:

— Eu gostaria de ser capaz de apagar da sua memória todo o mal que eu causei, mas infelizmente isso não é possível. Mas fique ciente de que, não há um dia sequer que eu não me arrependa do que fiz a você e condeno-me dolorosamente.

Assim que ele saiu do quarto, lentamente eu fui até a cama e deixei meu corpo fraco cair. Exausta psicologicamente e fisicamente, apenas recostei a cabeça no travesseiro e me recusei a dar crédito a cada palavra mentirosa que ele pronunciou. A confiança foi quebrada em meses atrás...

Capítulo 26 (Último)

Nathan Backer

Sair daquele quarto foi uma das atitudes mais difíceis que tive que tomar. Enxergar vulnerabilidade, mágoa, ressentimentos e tantas outras emoções nos olhos dela me deixaram desolado. Minha vontade era de me jogar em seus pés e implorar por seu perdão, implorar que me castigasse, mas que no final me permitisse permanecer ao seu lado.

Odiava-me por ter a culpa por convicção. Odiava—me por saber que fiz por merecer aquele olhar de desprezo, eu que aniquilei o sentimento puro de amor que ela devotava a mim.

Entrei no escritório e bati a porta com força, cheio de fúria por finalmente me deparar com minha real situação. Eu tinha conseguido me vingar como havia prometido a minha falecida mãe em seu leito de morte, mas a que preço?

Demorei tanto para perceber o quanto eu estava errado e agora me arrependia amargamente.

Minha briga com Benson horas antes me fez ver o quanto eu estava perdendo, ou melhor, o tesouro que eu havia deixado para trás e bem mais valioso do que a fortuna do Joseph.

— *Quantas vezes você a fez sorrir?* — Ele havia indagado na ocasião.

— Desgraçado! — Escondi a cabeça entre as mãos. Eu não queria, mas tinha que confessar que ele conseguia fazê-la feliz ou pelo menos a fazia esquecer-se... *de mim*. Do monstro que eu fui.

— Onde ela está?

Tirei as mãos dos olhos e olhei na direção da porta deparando-me com Mellanie.

— Está em um dos quartos.

Não consegui enfrentar aquele olhar de acusação que ela fazia questão de fixar em mim.

— O que pretende com toda essa palhaçada, hein? Não percebe que já fez estrago suficiente?

— Não se mete.

— Como assim não se mete? Meu erro foi exatamente esse, droga! E olha a merda que você fez? Acha mesmo que a tia se orgulharia do que você fez e ainda faz?

Meu coração acelerou-se imediatamente e a encarei.

— Não ouse colocar minha mãe no meio — avisei, meu tom de voz perigosamente baixo. — E eu não estou fazendo mais nada de errado com Millie.

— Ah, não? E o fato de você se intrometer na vida e privacidade dela? Isso não conta como ponto negativo?

— Eu faço para protegê-la caralho! —berrei.

— E de você? Quem irá protegê-la? — gritou, de volta.

Pisquei algumas vezes tentando me recuperar do choque. Repousei minhas costas na poltrona e permaneci em silêncio, perdido em minhas lamentações.

Mellanie caminhou sorrateiramente até mim e se inclinou sobre a mesa, segurando minhas mãos nas suas e as apertando.

— Olhe para mim — pediu e eu obedeci. — Eu o conheço tão bem como a mim mesmo e sei que você é um bom homem. Acredito que se arrependeu do que fez, pelo menos a parte em que a magoou desnecessariamente. — Deixou um suspiro escapar dos lábios.

— Hoje eu finalmente percebi que a amo, Mellanie — confessei desesperadamente. — Enxerguei o que há tempos estava diante do meu nariz e eu lutava para não ver.

— Magoando-a ainda mais ao se encontrar com outras mulheres. – acusou.

— Mas ela está com Benson! – exclamei raivoso.

— Com todo o direito, pois antes estava com você, até você traí-la horrivelmente — revidou irritada. — Não tente retirar dos ombros o peso que é inteiramente seu.

Frustrado eu quis gritar, socar qualquer coisa para tentar aliviar aquela carga imensa de tensão e culpa que repousaram sobre mim.

— Eu a quero.

— Nem tudo você pode ter Nathan — falou, taxativa. — Não é certo obrigar uma pessoa a ficar com você, simplesmente porque é esse o seu desejo. Existem sentimentos, barreiras que os separam. Millie ainda precisa saber o verdadeiro motivo pelo qual você cometeu esse ato. Você precisa contar a ela e torcer para que ela consiga arrancar algo bom no meio de tudo.

— Ela irá sofrer.

— Eu sei, mas é direito dela de saber.

Millie Evans

Mal abri os olhos e já senti minha cabeça latejar. A luz do sol havia invadido o recinto e me encolhi escondendo meu rosto da claridade torturante.

Imagens desfocadas invadiram minha mente, o momento na boate, logo após, a briga de Benson com Nathan... Céus! Novamente eu estou no apartamento dele.

Eu a amo, *Millie!*

As palavras de Nathan abateram-me como um sopro brando, mas com um peso sobrenatural. Eu quis tanto ouvir aquelas palavras, porém agora pareciam tão... vazias.

Respirando fundo, decidi me levantar e enfrentar minha realidade. Avistei meu telefone e rapidamente mandei uma mensagem a Lauren desmarcando nosso compromisso. Eu mal estava em condições de caminhar com o pé inchado daquele jeito. Fiz uma careta ao olhá-lo. Havia uma bolsa de gelo no chão. Imaginei que Nathan havia colocado sobre o meu pé enquanto eu dormia e que eu provavelmente derrubei sem querer.

Ignorei o sentimento de gratidão que quis invadir meu peito e me levantei devagar. Sentia-me um pouco tonta, mas consegui chegar até o banheiro da suíte e com dificuldade consegui dar um jeito em meu visual.

De volta ao quarto procurei meus sapatos, porém não os encontrei. Forçando na memória, lembrei-me de que era provável que tenha ficado no apartamento da Mellanie.

Assim que abri a porta do quarto, comecei a ouvir o som da voz do Nathan e percebi que a mesma estava alterada. Recostei-me na parede do corredor e me concentrei em ouvir:

— *Não me interessa o que você pensa de mim, Verônica* — ele dizia. — *Mas não vou admitir que você se intrometa em algo que não tem o direito.* — A voz dele soava cavernosa. — *Se você fizer isso, é melhor sumir do mapa ou eu acabo com você com minhas próprias mãos.*

Gelei na mesa hora. Eu já tinha presenciado sua fúria, mas jamais dessa magnitude.

Percebi que houve um silêncio e logo depois sua voz voltou a ressoar, porém falava com outra pessoa agora.

— *Mark? Onde o Joseph está*? — arquejei ao ouvir o nome do meu pai. — *Certo, preciso do endereço urgente...* — Ficou mudo por uns instantes. — *Se eu não chegar até ele antes da Verônica, algo ruim vai acontecer... Aquela mulher é traiçoeira e está com raiva de mim. Eu não tenho culpa de não querer ficar com ela, Mark!* — Elevou o tom exasperado. — *Sim... Agora ela está louca para soltar o veneno no ouvido do velho... Uhum... Aquilo que eu confessei a você por esses dias, ela vai dizer a ele que Millie e eu somos irmãos e deixará claro nossa relação incestuosa.*

Senti-me sendo tragada por um buraco negro sem fim. Meu coração e meu corpo gelaram e temi desfalecer ali mesmo, no corredor.

Não seria possível!

O restante que havia de meu coração desintegrou-se completamente. Senti a bile subir em minha garganta. A palavra remoendo-se em meu consciente... *Irmãos... Irmãos... Irmãos...*

Rastejando-me enquanto me apoiava na parede, consegui voltar ao quarto e então o chaveei. Minha mente estava difusa e um enorme vazio se instalou no lugar do meu coração.

Bum! Ali estava. A parede que eu sempre relutei em erguer entre nós, mas que naquele momento não fazia mais sentido lutar contra. Tinha mesmo acreditado que Nathan seria razoável? O homem era um canalha, era cada vez mais evidente. E aquilo doía! Nathan me magoou tratando-me daquela forma e me machucava por não ser o homem que eu queria que fosse.

— Oh, meu Deus! Somos irmãos! — repetia aquilo freneticamente.

Não consegui correr até o banheiro por consequência do meu pé machucado, então me inclinei onde eu estava e vomitei. A náusea de saber do que fomos capazes de fazer, lembrar da intimidade que compartilhamos me causava ainda mais enjôos.

Como ele pôde? Como foi capaz de cometer esse pecado?

Pulei de susto quando a maçaneta da porta do quarto foi forçada. Cobri a boca com as mãos evitando fazer qualquer barulho. Eu não queria vê-lo,

não tinha estabilidade para enfrentar aquilo naquele momento.

— Millie? — Permaneci em silencio. — Millie? — A ânsia ameaçando invadir minha garganta outra vez. — Vou dar uma saída agora, mas logo volto para levá-la ao médico, ok? Aposto que seu pé ainda dói e está inchado...

Muda, segurei a respiração. Instantes depois ele pareceu desistir e foi embora.

Agindo no impulso, abri a porta do quarto e consegui ouvir quando ele saiu do apartamento. Ele vai encontrar com o meu pai — pensei.

Peguei minha bolsa e fui atrás dele.

Evitando forçar ainda mais o pé torcido, praticamente pulei em um pé só, ignorando também o fato de estar descalça. Que se dane!

Assim que cheguei na recepção do prédio avistei Nathan seguindo para a garagem e nesse momento fui na direção da rua e logo chamei um taxi.

Completamente exausta da mini maratona, ajeitei-me no banco do passageiro.

— Eu quero que você siga uma pessoa que vai sair daqui a instantes, desse prédio. — Apontei. — É muito urgente — acrescentei.

Concordando com a cabeça, o taxista aguardou e não demorou muito para o carro do Nathan sair da garagem. Logo depois estávamos o seguindo no transito caótico de Londres.

Meu nervosismo estava em nível máster e não tinha certeza de como ainda conseguia estar firme depois daquela bomba.

Longos minutos depois, vi que Nathan estacionou em frente a uma casa simples. O taxista parou um pouco mais afastado e perguntou:

— Quer que eu espere?

— Não há necessidade — falei e paguei a corrida rapidamente.

Desci do carro com dificuldade e sem muita firmeza comecei a caminhar na direção daquele local.

O lugar deveria ter sido uma habitação luxuosa, porém estava com uma

aparência deplorável. Os jardins estavam desleixados, havia lascas de tinta espalhadas ao redor das paredes. Algumas janelas estavam com falta de venezianas, deixando em um aspecto muito ruim.

Respirei fundo quando abri a porta. Cobri o rosto com a mão para abafar o aroma de mofo que subiu em minhas narinas. Alguns homens me olharam, mas a curiosidade logo passou e voltaram a se entreter no jogo. Uma mulher veio me receber.

— Posso ajudá-la?

Pisquei freneticamente e busquei me acalmar.

— Eu procuro dois homens, um é meu pai e o outro acabou de entrar aqui. — Ela me analisou com desconfiança. — Por favor, é muito importante.

Compadecendo-se, ela apontou para uma porta nos fundos.

Sem perder tempo, fui até lá mancando. As vozes estavam mais do que alteradas assim que eu abri a porta. A primeira pessoa que eu avistei foi Nathan, logo após Verônica e por último o meu pai.

— Olha só quem acabou de chegar. — A voz venenosa daquela mulher se fez presente. — A estrela que faltava para finalizar o espetáculo.

Travei a respiração e me aproximei deles. Meus olhos lacrimejaram quando analisei a aparência desleixada do meu pai. Sempre foi um homem tão vaidoso e requintado.

— Pai — gemi.

Na mesma hora ele veio até mim e me abraçou apertado.

— Filha... — Seu tom de voz fraco. — O que faz aqui? Esse lugar não é para você — repreendeu-me.

— Preocupado com a princesa, Joseph? Um tanto cômico, não? Olhe ao redor e veja aonde você veio parar, perdido em uma casa de jogos. Gastando as últimas misérias que tem.

Meu pai estremeceu de leve.

A gargalhada da Verônica ecoou escandalosamente. Percebi que Nathan a interceptou no caminho, mandando-a ficar quieta.

— Por que guardar para mim, algo que eu posso compartilhar? — indagou ela, com ar sarcástico.

Meu pai afastou-se de mim e os encarou.

— Sobre o que essa vagabunda está falando? — questionou ao Nathan.

— Nada — disse e a pegou pelo braço. — Vamos sair daqui — resmungou entre dentes.

— Eu não terminei contigo ainda seu moleque. — Meu pai esbravejou, estremecendo-me. — Faço questão de resolver nossas questões, inclusive com essa vagabunda.

— A única vagabunda que eu vejo aqui, é a sua filha querido — Verônica murmurou desvencilhando-se do Nathan.

— Não ouse depreciar a minha filha, você jamais chegará aos pés dela — defendeu-me ele. — Maldita hora em que eu enxerguei você. — Cuspiu enojado.

Os olhos dela faiscaram em nossa direção.

— Pergunta para sua filha quem foi que a desvirginou e se aproveitou bastante de seu corpinho doce. — Sorriu diabolicamente. — Você tem raiva de mim Joseph, porém eu agi somente movida pela raiva de ter sido descartada por você. — Apontou o indicador para ele. — Eu nunca o amei, mas o respeitava e era extremamente fiel. E para que?

— Eu nunca prometi nada — disse meu pai, friamente.

A risada sarcástica estava lá novamente.

— Belas palavras — murmurou ela. — Tal pai e tal filho? — Virou-se na direção do Nathan.

Inclinei o corpo para o lado e voltei a vomitar, porém saia apenas água. Minha mente sendo invadida por todos os nossos momentos de intimidade, o pecado que ele me fez cometer.

— Cala a boca, Verônica — Nathan, interviu.

— Por que? Agora que está ficando bom. — Sorriu divertida. Olhou para mim. — Provavelmente você já percebeu não é mesmo querida?

Percebeu que o homem para o qual você se entregou, além de ter te traído de diversas formas, ainda é seu irmão? Hã?

Meu pai virou-se para mim completamente pálido. Meus lábios tremendo e minha garganta fechada.

— Do-do que ela está falando? — questionou, porém fui incapaz de responder. Virando-se para o Nathan ele questionou: — O que você fez com ela seu desgraçado?

Nathan fuzilou-o com os olhos, parecia estar se deleitando com o sofrimento do meu pai. Verônica apenas sorria.

— Ele usou sua *princesinha* da maneira que quis e a putinha topava tudo. Não é mesmo querida? — Encarou-me com olhos divertidos.

Tomada por um surto de fúria, esqueci que meu pé estava ferido e praticamente voei para cima dela. Ambas caímos no chão e de forma ágil consegui ficar por cima de seu corpo. Com as mãos fechadas em punho, avancei contra seu belo rosto, aproveitando para arranhá-la no processo. Eu estava fora de mim e tudo o que almejava era em arrancar aquele sorriso de escárnio dos lábios dela.

— Millie!

Gritei enraivecida quando fui puxada para longe. Meu peito subia e descia com a respiração ofegante.

— Não me toque! — exclamei encarando Nathan. Estapeei-o freneticamente. —Seu porco, nojento! Como pôde?

As lágrimas avançavam abundantemente. Um gemido desesperado chamou nossa atenção e ao virar o rosto, vi meu pai caindo com a mão na cabeça.

— Pai! — gritei com pavor. Ignorando a dor no pé, corri até ele. — Papai...

Os olhos dele estavam arregalados enquanto tentava focalizar.

— Vocês dois... vocês... — gemeu. Eu sabia o que ele estava tentando dizer e me envergonhava tremendamente.

— Me perdoe, pai... — chorei ainda mais. — Eu não tive culpa, o

culpado foi ele.

— Millie...

— Cala a boca! — gritei interrompendo-o. Meu pai continuava gemendo de dor e tentando pronunciar, porém só saíam palavras desconexas.

— Temos que levá-lo ao hospital — ele disse.

Olhei para trás e notei que Verônica não estava mais ali. Na certa havia fugido.

— Pai? — chamei. — Pai?

Nathan aproximou-se e se ajoelhou ao meu lado. Tocando no pescoço do meu pai ele tentou sentir a veia da jugular.

— Ainda está respirando. — Observou, friamente.

Enxuguei o rosto com as mãos e o encarei com fogo nos olhos.

— Se acontecer alguma coisa com nosso pai, eu nunca vou te perdoar.

— Ele...

— Já chega! — cortei-o. — Vá chamar uma ambulância.

Duas semanas depois.

Millie Evans

— Você tem certeza de que é isso o que realmente quer, Millie?

— Tenho, Lauren.

— Mas, Millie, isso é loucura. Aqui você tem a mim. Como pretende se virar sozinha em Nova York?

— Eu não sou nenhuma criança — resmunguei, um pouco zangada. Com o canto dos olhos, observei sua expressão entristecida e suspirei. — Me desculpe, ultimamente ando muito estressada.

— Está tudo bem.

— Não, não está — falei de modo firme indo até ela. — Você foi uma das melhores pessoas que apareceram na minha vida, Lauren e nunca vou esquecê-la. — Abracei-a apertado. — Manteremos contato, obviamente, porém eu preciso desse espaço para minha mente.

Permanecemos abraçadas por longos minutos.

— Você já conversou com ele? — Referiu-se ao Nathan.

— Não. Eu nunca mais espero colocar os olhos naquele cretino.

— Mas, Millie, ele quer explicar as coisas a você.

— Explicar o que, Lauren? Que sentiu tesão pela irmãzinha e que não resistiu à tentação? — Novamente senti as ondas de náuseas. — Nada explica a sacanagem que ele fez comigo e com nosso pai.

— E se ele por acaso não for seu irmão? E se tudo não passou de um mal entendido e de uma forma de ele se aproximar de seu pai?

Olhei para ela e por um instante analisei suas palavras.

— Agora é tarde para suposições.

Com as malas prontas, pedi para que o porteiro subisse e me ajudasse a levá-las até o carro.

— Millie? — Lauren tocou minha mão e mais uma vez me abraçou. — Se cuida minha amiga e não deixe de me ligar, por favor.

— Farei isso. — Sorri fraco. — Assim que eu me instalar.

— Nada disso, ligue hoje mesmo. — Sorri ainda mais. — Tem certeza de que não precisa de dinheiro?

— Eu não mandei toda a minha reserva para meu pai aquela vez, e com mais o salário que o senhor Rowland me pagou, vou conseguir me virar...

— O que ele falou?

Peguei minha bolsa e a última mala enquanto caminhávamos na direção da porta.

— Ficou triste, mas respeitou minha decisão.

Instantes depois, nós pegamos o elevador e logo em seguida, estávamos na recepção. Lauren o tempo todo ao meu lado, murmurando palavras hora de conforto, hora de lamentação pela minha partida.

— E o seu pai?

— Irei transferi-lo para lá — respondi. — Apenas preciso me ajeitar na cidade primeiro.

— Certo. Vai com Deus. — Desejou com lágrimas nos olhos. — Saiba que irei ajudá-la em que precisar.

— Eu sei — sussurrei segurando-me para não chorar. — Por favor, não conte sobre o meu paradeiro para ninguém.

— Não contarei.

Sorrimos cúmplices uma para outra e logo entrei no carro. Com uma respiração profunda, acelerei para longe e assim iniciei minha mais nova aventura.

As últimas semanas haviam sido as piores da minha vida, considerando todas as descobertas que tinham sido despejadas sobre mim, contrastando com a saúde frágil do meu pai.

O derrame o havia deixado em coma profundo e cada vez que eu o visitava, tinha na consciência que indiretamente a culpa por ele estar ali era minha, meu coração se quebrava um pouco mais por isso.

Aquilo não era justo.

Benson havia me procurado, entretanto eu não tive condições de encará-lo e o dispensei. Minha vida necessitava de uma reviravolta e ela teria!

Parei em um sinal vermelho e virei o rosto para o lado por um momento. Franzi a testa e rapidamente abri o vidro.

— Ei! — gritei, para chamar a atenção. — Ei!

Obtendo a atenção que eu queria, logo abri a porta. Um sorriso abrilhantou meus lábios e instantes depois coloquei o carro em movimento.

Levei a mão no ombro da doce senhora ao meu lado.

— É uma surpresa boa voltar a revê-la — falei amavelmente. Ela parecia estar morando na rua, percebi por seu visual maltrapilho.

— Eu sinto o mesmo, moça bonita — respondeu repousando sua mão em cima da minha. — Você não me parece muito bem. — Observou.

— E não estou — confirmei fazendo uma careta. — Mas, estou indo em busca de uma vida nova.

— Isso é muito bom.

Desviei brevemente os olhos da estrada e a olhei.

— E a senhora? Está em busca de algo?

Ela me olhou, seus belos olhos me analisaram com intensidade. Depois se desviaram e se fixaram para fora da janela.

— Eu busco por minha filha.

— A senhora tem uma filha? — indaguei surpresa.

— Sim. Ela é linda.

Eu me peguei sorrindo pela forma amorosa com que ela se expressava.

— E onde essa filha linda mora?

Ela pareceu pensar um pouco, como se estivesse se lembrando.

— Ela mora em Nova York, querida. É... eu acho que ela mora lá.

— A senhora não tem certeza?

Ela baixou os olhos e olhou para suas mãos. Soltou um longo suspiro.

— Estou tão velha e caduca — queixou-se.

Voltei a pegar sua mão.

Meu coração aqueceu-se, bombeando fortemente. A empatia de ajudá-la estabeleceu-se em meu interior. Pobre senhora... Talvez meu cerne fosse esse.

— Não se preocupe, vou ajudá-la a encontrar sua filha. Que tal? — Ela sorriu e levou minha mão aos seus lábios beijando-a. — Tenha certeza de que vai dar tudo certo.

— Tenho certeza que sim.

Sorrimos uma para outra.

E ali, com um novo propósito em mãos, passei a planejar o meu futuro dali em diante. Aonde nem o medo, nem a vergonha iriam me assombrar. Deixaria todos os meus fantasmas para trás e partiria para um novo recomeço, longe do Nathan e de tudo o que ele representa e, ou já representou em minha vida.

Epílogo

Millie Evans

Uma hora acabou sendo quase insuficiente para eu me preparar para ver Paolo. Passei muito tempo no chuveiro, investindo em minha higiene e no meu visual. Em seguida fiquei na frente do armário pelo que pareceram horas. Eu precisava da combinação de roupa perfeita de uma mulher inteligente e sexy para o trabalho, é claro.

Eu ia direto do escritório do Paolo para a casa noturna na qual trabalhava e, encararia um turno completo como *barwoman*.

Finalmente escolhi um vestido verde com cinto. Era mais curto do que eu gostaria, mas ainda assim mais longo do que a maioria dos vestidos que eu vinha usando ultimamente na boate. Optei por deixar meus cabelos presos em uma trança lateral e mantive minha maquiagem leve, apenas com um gloss labial. Eu parecia bem, admirei-me. Na verdade, eu não almejava vender uma imagem ilusória de mim mesmo.

Como tinha ficado distraída demais e muito eufórica quando Lauren me falou sobre a proposta de Paolo, esqueci-me de perguntar onde as Industrias ACCO se localizavam. Rapidamente fiz uma pesquisa no *Google*. Acabou que os escritórios eram perto do *Worldwide Plaza* Analisei por alto, as opções que teria para voltar e ir direto para a boate.

Poderia pegar o metrô, concordei.

Enquanto o táxi seguia para meu destino, deixei minha mente vagar livremente. Fazia alguns meses que eu estava morando em Nova York e já tinha passado perto da bela construção de tijolos e granito cor de cobre por diversas vezes, porém nunca tinha entrado. As indústrias ACCO ocupava vários dos andares mais altos, e algumas subsidiárias logo abaixo. Recebi orientações do segurança e peguei o elevador ao último andar.

A longa viagem me deu mais uma oportunidade para uma silenciosa divagação. Minha vida tinha dado uma reviravolta tão intensa que ainda me via respirando fundo às vezes. Definitivamente, minha atual situação não era o que eu havia esperado.

Mas, enquanto eu me apresentava à recepcionista morena, senti uma

dolorida ansiedade. Paolo poderia ser a salvação dos meus problemas financeiros e consecutivamente, realizar meus planos de me tornar dona do meu próprio negócio.

— Senhorita Evans — disse, a morena após notificar o chefe dela de que eu havia chegado. — Ele irá recebê-la agora.

Olhei para meu relógio, marcava 16:12.

As espessas portas atrás da mesa da secretaria se abriram, aparentemente sozinhas. Provavelmente algum botão havia sido apertado em algum lugar.

— Direto por ali. — A morena instrui-me.

Caminhei até o escritório e hesitante, entrei. Quando tive uma visão completa do homem elegantemente sentado atrás de uma mesa moderna e cara. Congelei. Eu o estava vendo pela primeira vez em meses, depois do que havia acontecido em Londres. Mas o que ele estava fazendo ali, ao invés do Paolo?

Ele estava deslumbrante dentro de um belíssimo terno risca de giz com uma camisa branca e uma gravata listrada.

Engoli em seco. Duas vezes.

— Na-Nathan. — Embora seu olhar não fosse tão intenso como tinha sido quando o conheci, a atração continuava forte entre nós e eu sabia, absoluta e inequivocamente eu sabia, que ele me desejava tanto quanto eu a ele.

Ele se recostou na cadeira, colocando os braços sobre os apoios.

— É um enorme prazer em revê-la, Millie. — Sua voz sexy fez meus joelhos vacilarem e, de repente, me arrependi da escolha dos saltos. — Feche a boca, *minha criança*. Embora seja bastante adorável vê-la boquiaberta, também é muito perturbador.

Eu fechei a boca, um milhão de perguntas circulavam em minha mente, e foi tudo rápido demais para que qualquer uma delas pudesse tomar forma. E, em algum lugar por trás de tudo, registrei que ele ainda me afetava.

Determinada a manter o equilíbrio, endireitei o corpo e virei em meus

calcanhares, porém a porta estava trancada e não havia maçanetas.

— Que coisa feia, Millie! Querendo fugir. — Seu sarcasmo era nítido. — Eu pensei que você seria mais profissional. Como disse mais cedo, estou muito contente que você tenha aceitado minha oferta.

— Jamais me uniria a você, seu cretino. — Virei apontando o indicador para ele. — Estou aqui a pedido do Paolo, era para ele estar aqui e não você. – falei entre dentes.

Ele se levantou, ficando em pé de frente a sua cadeira, e se inclinou sobre a mesa apoiando-se sobre as palmas das mãos abertas. Olhou-me por alguns segundos antes de falar.

— Somos sócios. Mas, primeiro, deixe-me esclarecer uma coisa que suspeito que possa ser uma dúvida. Eu tramei tudo isso, digo... essa situação. — Girou a mão no ar. — Em todos esses meses eu procurei algo para que pudesse me unir a você novamente e quando descobri seu talento para os negócios, encontrei minha oportunidade.

— Eu saí da sua vida, Nathan. — Minha voz soou fraca.

— Você fugiu, é diferente. — Ele caminhou lentamente ao redor da sua mesa em minha direção. — Eu a procurei igual um lunático.

— Mas, é exatamente isso o que você é — falei com rancor. — Você é incapaz de amar, Nathan.

— Eu não mantenho relacionamentos românticos. Nunca menti sobre isso.

— Seja qual for sua intenção, a reunião está encerrada. Agora, abra essa maldita porta.

Ele levantou uma sobrancelha e pude ver diversão em seus olhos.

— Ainda nem comecei. — Ele deu um passo à frente, seu corpo perto o suficiente para ser tocado sem muito esforço da minha parte. — Eu quero ajudá-la — sussurrou.

Olhei-o perplexa.

— Nossa! Além do prêmio de melhor cretino, você deveria se candidatar ao de melhor comediante — ironizei e me afastei. — Abra essa

porta, Nathan!

Seus braços me cercaram prendendo-me entre ele e a parede. Então, desceu a cabeça até minha orelha.

— Acredito que nessas alturas, você já ficou sabendo que não somos irmãos. — O brilho dos seus olhos me atingiu em cheio. — Você está absolutamente linda e sexy — sussurrou. — Não consigo tirar os olhos de você. E quando você está furiosa então... sinto-me fodidamente excitado. — Ele apertou-se contra mim e pude sentir sua ereção dura contra minhas costas. — Eu a quero de volta.

Excitada, nem começava a descrever como sua declaração me deixou.

— Eu sei de todas as suas dívidas, Millie — continuou. — Sei onde está morando e a assisto todas as noites enquanto está trabalhando naquela casa noturna.

Naquele momento, meu coração já estava galopando no peito. Não era possível que aquele pesadelo iria retornar em minha vida. Ele não tinha aquele direito.

— Isso é tudo? — Forcei minha voz a sair.

Ele me virou para ele e engasguei com o contato dos nossos corpos.

— Você ainda não ouviu minha proposta. — Inclinou a cabeça deslizando os olhos ao meu decote. — Eu pretendo investir no seu negócio empresarial. — Fiquei o encarando tentando enxergar algum traço do homem na qual eu me apaixonei. Era impossível que eu nunca tenha visto o quanto ele era dissimulado e calculista. — Suas dívidas serão pagas e, me comprometo a cuidar do canalha do seu pai, inclusive pagar os melhores tratamentos.

— O único canalha que estou vendo, é você — rosnei tentando empurrá-lo. — Eu quero ir embora, prefiro passar fome a deixá-lo se aproximar de mim.

Seu rosto se escureceu em fúria.

— Que pena. — Sua respiração fez cócegas e queimou ao mesmo tempo. Eu fechei os olhos, absorvendo, suportando. — Mas eu quero que

saiba que agora que a encontrei, mesmo que se negue a aceitar minha ajuda, continuarei a seduzi-la. Eu sou um homem que consegue o que quer. E eu quero você, Millie. Eu a amo.

Ele amassou o meu seio enquanto esfregava o rosto em meu cabelo. Era tão absurdamente sexy como ele usava meu nome. Como se fosse dele, para uso dele. E, em aspectos, era mesmo. Ele reivindicou meu nome quando me reivindicou.

E tudo o que restava era eu aceitar...

Sua boca estava esperando a minha quando virei o rosto. Instantaneamente, gemi quando senti sua língua possessivamente e habilmente, provocando a minha para sair e brincar. Seu beijo era tão exigente e confiante como ele próprio, seus lábios firmes controlando o ritmo, roubando minha respiração e enviando um alvoroço às minhas partes intimas. *O que eu estava fazendo?* Céus! Até ontem eu pensava que éramos irmãos...

Reunindo todas as minhas forças o empurrei e me afastei completamente em choque. Sentia-me envergonhada por minha incapacidade em resistir à desesperada fome que ele me despertava.

— Não me toque! Você não tem o direito — murmurei sem fôlego.

— Você quer ir embora porque está desconfortável com o fato de ainda me desejar. Sua linguagem corporal expressa isso muito bem. Aposto que já está toda molhadinha.

Minhas bochechas coraram e o sorriso malicioso que ele esboçou me enfureceu. E isso foi como jogar um fósforo aceso em um monte de feno. Ergui a mão para esbofeteá-lo, porém ele segurou meu pulso no ar. Com os dentes cerrados grudei em seu cabelo e facilmente sua outra mão segurou-a também. Meu descontrole estendeu-se ao escritório, ergui meu joelho e o acertei no meio das pernas fazendo-o me soltar na mesma hora. Afastei-me dele e comecei a quebrar tudo pela frente e quando peguei um objeto pesado de vidro o ameacei.

Seus olhos estavam arregalados, porém o divertimento exalava entre eles, mesmo massageando suas partes intimas.

— Abra aquela maldita porta, Nathan! — Minhas mãos estavam trêmulas, a adrenalina corria por meu sangue a toda velocidade. — Ou eu não respondo por mim.

Aproximando-se da mesa, ele apertou um botão e as portas se abriram imediatamente. Soltei o objeto no chão, o que somou ao estrago que eu já tinha feito anteriormente.

Respirei fundo e me virei em direção à porta, minha ansiedade em me ver livre daquele homem se igualava a vontade que eu tinha de me jogar em seus braços e aquilo não era bom. Ele estava me enlouquecendo.

— Millie?

— O quê? — retruquei com grosseria, mas sem olhá-lo.

— Você é minha!

Arrepios percorreram minha pele quando ele enfatizou a palavra "minha".

— Guarde suas obsessões para suas vagabundas. — Virei o rosto para ele. — Além do mais, estou muito bem servida. — Dei um sorriso malicioso.

Uma carranca substituiu seu olhar de satisfação. Sem coragem para prosseguir com aquilo, apressei os passos e segui pelo mesmo caminho. A secretária me encarou com curiosidade, mas esbocei o meu melhor sorriso e agi como se nada tivesse acontecido.

Nathan me deu um último vislumbre quando entrei no elevador e antes que as portas se fechassem, ele lambeu os lábios, mordendo-os logo em seguida.

Recostei-me na parede do elevador e me senti exausta, era como se eu tivesse corrido uma maratona. Ainda no saguão busquei meu celular pensando em ligar para a Lauren, mas incrivelmente ela me ligou no mesmo momento.

— *Que porra foi essa, Lauren?* — Ela suspirou. — *Diga-me que você não sabia que estaria me mandando para a toca do lobo?*

— *Eu não sabia* — respondeu e pude sentir sinceridade. — *Paolo fez uma espécie de negócio com Nathan nessa manhã e ele não havia me*

contado sobre os detalhes.

— Que detalhes?

— Eu sinto em te dizer, Millie, mas... Paolo tem uma gratidão por Nathan e pelo que ele falou, não vai se meter nos planos do amigo.

Meus olhos já estavam marejados e quando senti o ar frio do fim de tarde, busquei uma respiração profunda.

— Quais planos, Lauren?

— Nathan a quer de volta, e ele pretende jogar as cartas de forma suja se for preciso. — Senti um arrepio na espinha e não aguentei o soluço que escapou da minha garganta. *— Oh, minha amiga, eu sinto tanto pela sua situação.* — Ela suspirou. *— Eu até briguei com Paolo, mandei ele passar uns dias no hotel.* — Mesmo com toda a angustia, eu ri de suas últimas palavras.

— Não se preocupe comigo, Lauren. Eu ficarei bem.

— Tem certeza?

Engoli em seco.

— Sim — respondi incerta. *— E não estou sozinha, tenho a Elisabeth comigo.*

Instantes depois de finalizar a ligação, eu me permiti chorar livremente. A agitação da rua me fortaleceu. Eu ficaria bem. Seria capaz de me virar como estava conseguindo até ali. Não deixaria que o retorno daquele homem na minha vida me afetasse ao ponto de me preocupar com seus passos.

— Eu estou bem! Vou continuar bem! — exclamei em tom baixo, lutando com toda força de vontade para acreditar naquilo.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Copyright © 2017 Sara Ester

Capa: Barbara Dameto — *ArtLivre Designer*

Revisão: Sara Ester

Diagramação Digital: Sara Ester

*****

Esta é uma obra ficcional.

Qualquer semelhança entre nomes, locais ou fatos da vida real é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Prólogo

Nathan Backer

Naquela bela manhã de primavera, o céu azul e sem nuvens, proporcionava uma visão gloriosa de Nova York para além do horizonte.

Eu tinha finalmente conquistado o que tanto almejei, mas a tristeza marcava o meu rosto desde o abandono de Millie, longos meses atrás.

Apesar de todas as merdas que fiz, eu possuía uma característica no qual eu me orgulhava: os meus vinham em primeiro lugar. E aqueles sentimentos haviam rasgado o meu coração por causa de atitudes impensadas. Eu me considerava um homem forte, orgulhoso e bem sucedido, aquela era uma verdade amarga que abalava as minhas estruturas.

Eu havia seguido o desejo da vingança ao invés do coração, quando desprezei ao doce amor de Millie. Um erro caro e pelo qual eu ainda estava pagando.

Paolo tinha conseguido o paradeiro dela em Nova York. Alívio tomou o meu peito no momento em que eu a vi pela primeira vez em longos dias. Aquela situação não era a que eu almejava para ela, aliás, nunca quis feri-la. Ou quis?

Por um tempo apenas a observei de longe, temendo assustá-la e com isso afastá-la ainda mais de mim. Era óbvio que ela não me perdoaria tão cedo e me ver diante dela naquele momento onde as coisas ainda estavam recentes, apenas pioraria a minha situação.

Deixei Mark supervisionando os negócios em Londres e me dediquei a observar os passos de Millie através das sombras. Aquilo era patético até para mim. Mas o amor possui esse poder sobre as pessoas, não? Ele praticamente nos desarma, derruba todas as barreiras construídas ao redor do coração e toma conta de tudo. Preenchendo. Absorvendo.

Desde o momento em que Millie abandonou Londres eu sabia que não haveria mais espaço em seu coração para o perdão. Apenas o desejo de se ver livre de mim, do homem que a traiu, desprezou, sua confiança e amor. Mas eu não conseguia aceitar aquele fim. Eu não poderia aceitar.

Em meu coração fervilhava a vontade de reconquistá-la. O desejo persistia, mesmo com os avisos do meu brilhante intelecto, que sabia ser

praticamente inútil aquela insistência quando Millie havia sido enfática ao me dizer que jamais me perdoaria.

Meu celular tocou naquele instante e interrompeu um dos raros momentos em que eu conseguia me isolar do mundo para ter um pouco de paz.

Minhas sobrancelhas espessas e escuras se ergueram ao ouvir de Mark que eu deveria retornar imediatamente à Londres para resolver alguns problemas urgentes na empresa.

— *Estarei aí na primeira hora de amanhã* — murmurei enquanto caminhava lentamente pelo recinto no qual eu tanto observava minutos atrás. — *Mas estou com o celular para qualquer urgência de maior importância, Mark. Até.*

Encerrei a ligação sem me dar ao trabalho de escutar seus argumentos. O homem de negócios em mim havia sido recluso do meu interior e naquele momento existia apenas o homem apaixonado e obstinado.

— Senhor Nathan. — Uma voz masculina se fez presente. — Eu quase não acreditei quando você me convocou para uma pequena reunião nesta manhã. — disse, oferecendo a sua mão em cumprimento. — Espero que não seja algo relacionado à qualidade do atendimento — acrescentou de forma nervosa. — Clientes assíduos como você em minha boate são como tesouros que gosto de preservar.

— Tenho certeza que sim — eu disse, trincando um pouco a mandíbula.

— Sente-se, por favor — pediu ele.

— Você possui um excelente empreendimento aqui, Simon. — Minha voz soou interessada. — Eu gosto disso. — Apontei ao redor. — Mas penso que poderia estar muito melhor.

— Como? — questionou com um sorriso que não cabia no rosto.

Recostei—me na poltrona e o encarei com arrogância.

— Se estiver sob minha supervisão e administração.

A porta foi aberta abruptamente. Era uma funcionária, na qual eu via quase todas as noites. Ela se desculpou pela intromissão e posicionou-se ao

lado da Millie, justamente no momento em que ela me lançava um comentário cruel:

— Não ouse me perseguir no meu trabalho seu bastardo! Você não tem o direito de se intrometer na minha vida dessa maneira. Não mais.

Horrorizado com tamanha afronta, Simon se levantou e me olhou penalizado, e apressou-se em oferecer uma bebida, esforçando-se para desviar a atenção do assunto.

Eu sabia da fama do homem diante de mim, calmo e ponderado. Seria capaz de sentar no sofá e falar sobre o tempo, enquanto eu, mais explosivo, estava ao ponto de agarrar Millie e arrastá-la para um canto isolado e fazê-la finalmente enxergar que sua teimosia de nada adiantaria comigo. Eu a queria para mim e pronto!

— Eu poderia conversar alguns minutos com a senhorita a sós? — Eu pedi, olhando diretamente nos olhos encantadores. — Podem nos dar licença, por favor? — Voltei à atenção para Simon e a garota assustada ao lado de Millie.

— É-e... — Simon coçou a garganta.

— Peço para que prepare os documentos com as finanças da casa noturna, Simon. Pretendo dar uma analisada e garanto que lhe farei uma proposta tentadora — garanti, ignorando as reações negativas de Millie.

Instantes depois, nos vi sozinhos naquela sala. Levantei e lentamente comecei a me aproximar dela que continuava parada na porta, arredia. Arisca.

— Millie...

Ela fechou os olhos brevemente e quando os abriu eles estavam avassaladores. O cabelo escuro evidenciava o nariz retilíneo e as linhas suaves do seu rosto. Arrogante e vingativa, ela parecia transpirar sensualidade por cada poro. O vestido justo e de cor escura combinava com seus olhos incrivelmente azuis. Millie sempre se apresentava de maneira impecável, e na cama era ainda melhor, recordei nostálgico. Ela costumava desarrumar meus cabelos e depois correr as unhas pela extensão das minhas costas.

— Acredito que já deixei mais do que claro que não o quero mais — decretou ela de forma dura. — Assim como recusei a sua oferta naquela

maldita reunião no qual você me enganou se fazendo passar por Paolo. Eu não faço questão alguma de estar com você. Estar perto de você.

Enquanto eu me aproximava notei que ela se recostou no batente da porta, esperando. Observei quando um gemido quase inaudível escapou por seus lábios ao mesmo tempo em que seus mamilos se enrijeceram por sob o tecido fino do vestido. Ela endireitou o corpo, entretanto já não era possível esconder de mim o efeito que eu causava sobre ela. Sorri arrogante.

— Está nervosa?

— É o que pareço? — revidou ela, querendo soar sarcástica. E para desviar a atenção dos meus olhos, ela baixou o olhar e notou o volume extra nas linhas perfeitas da calça que eu vestia. Vi que suas bochechas ruborizaram-se. Eu havia reagido da mesma maneira ao nosso encontro.

— O que você pretende estando aqui? — ela insistiu.

— Eu pretendo fazer negócios com Simon e esse foi o melhor horário que consegui para falar com ele. — Baixando o tom de voz, eu questionei. — A maneira como você está agindo configura uma atitude egoísta e imatura. Confesso que ver você é um colírio para os meus olhos *minha criança*, porém possuo outras prioridades...

Ela soltou uma risada debochada, porém com um resquício de nervosismo.

— Então quer dizer que essa palhaçada nada tem a ver com a sua pequena perseguição a mim em todos esses meses? — perguntou ela frustrada. — Eu trabalho aqui, Nathan. Estou bem com a vida que estou construindo em Nova York.

— Não minta! — falei de maneira seca. — Ontem mesmo eu vi você sendo assediada por um bêbado enquanto servia bebidas para ele — rosnei indignado com a lembrança odiosa. — Isso faz parte do seu cotidiano, mas se você me disser que gosta desse tipo de assédio, eu a deixarei em paz.

— Você precisa se tratar Nathan — disse ela, sem fôlego. — Estou vivendo com você como minha sombra agora? O que houve com o seu discurso de: *Eu posso ter todas as bocetas que eu quiser?* — Ela fez uma imitação barata da minha voz que em outras circunstâncias, eu até acharia graça.

Travei o maxilar, engolindo em seco. Endireitei os ombros, ergui os olhos e finalmente declarei:

— Eu detesto ter que repetir tudo outra vez, mas a verdade é que eu me arrependi de tê-la ferido da maneira que fiz. Não medi esforços e sequer pensei nas conseqüências dos meus atos diante da vingança que planejei por tantos anos contra o seu pai.

Millie me fuzilou com o olhar e atestou:

— Pelo menos, você tem coragem de não negar sua canalhice.

— Ah... certo. Mas eu não me lembro de ter mentido para você.

— Ocultar informações é uma maneira eficaz de ferir, Nathan. Usar e brincar com os sentimentos das pessoas é uma forma cruel de agir. Em que momento de seus grandiosos planos você descobriu que me ama? Enquanto estava retirando o dinheiro do meu pai? Ou enquanto estava fodendo aquela vagabunda da Verônica?

— Millie...

Ela riu.

— Sabe de uma coisa, Nathan? Você sabe muito pouco a respeito das mulheres. Eu antes estava mais interessada em saber o motivo de você ter ido para a cama com a Verônica, a razão de ter sentido essa necessidade.

Em poucas palavras, ela me confrontou com a realidade de suas convicções e foi direto ao ponto que a incomodava.

— Esqueça o que eu fiz, Millie. Eu...

— Esquecer? Meu pai está em uma cama de hospital por conseqüência de suas atitudes para com ele. Eu me obriguei a praticamente sair fugida de Londres, e você quer que eu esqueça?

Intimidado pela reação agressiva, eu quis recuar alguns passos. Ultimamente Millie estava demonstrando uma força feroz em sua aura.

Notando a fúria estampada no rosto dela, eu temia provocá-la ainda mais se afirmasse o fato com veemência. Era o que eu já havia feito, porém a machuquei ainda mais com todo aquele sarcasmo pós vitória.

— Quero apenas me redimir com você. — Espalmei as mãos ao seu redor na porta, deixando-a presa. — Estar ao seu lado todos os dias, sentir o

perfume dos seus cabelos ao acordar com seu corpo colado ao meu... enterrar-me selvagemente em você, ou com delicadeza... — Ela arquejou fracamente. — Eu só quero você, Millie.

— Não — admitiu ela com sinceridade. — Por que eu permitiria isso? Eu signifiquei apenas um capricho para a sua vaidade e uma arma letal para destruir ao meu pai.

— Você está delirando — eu devolvi cheio de fadiga. — Eu sempre fui sincero com você à respeito das minhas convicções de relacionamentos, Millie. Sequer me lembro de ter prometido amor...

— Então por que permitiu que Verônica o tocasse? Não pensou no quanto me magoaria quando eu soubesse que vocês transavam às escondidas? Ela o satisfazia mais do que eu?

— Pare com isso!

— Por quê? Não quer aceitar a verdade de que te abandonei por eu ter descoberto que você era infiel e mentiroso? Por ter tido a crueldade de me fazer acreditar que éramos irmãos? Você é que precisa parar de fazer essa cara de espanto. Eu não vou cair outra vez nessa história do charmoso galanteador. Eu sei muito bem do que você é capaz!

Chocado demais diante daquelas palavras, eu me afastei. Assisti quando ela abriu a porta.

— Eu nunca pensei que chegaríamos a esse ponto, Millie. Não foi o que planejei durante esses anos todos. O seu pai... ele...

— Não ouse falar dele! — cortou-me com ainda mais fúria na voz. — Se afaste de mim e dos que me rodeiam. Deixe-me em paz — frisou com veemência.

Mordi os lábios.

— Eu não posso fazer isso — afirmei colocando as mãos nos bolsos. A vontade de tocá-la estava insuportável. — E não farei isso.

— O que espera com essa perseguição toda? Ter-me em sua cama novamente? — Ela estava de costas para mim quando perguntou.

— Não — eu disse com força na voz, fazendo-a voltar os olhos novamente para mim. — Eu quero fazê-la me conhecer verdadeiramente.

— E quem é você?

— Sou aquele que destruiu o seu coração, mas que pretende reunir cada pedaço e uni-los novamente. Sou quem pisou no seu amor, porém agora me vejo completamente apaixonado por você. Não sou mais aquele cara seguro de si diante de você, sinto-me vulnerável e enfraquecido emocionalmente. Fiz muitas burradas e confesso que posso cometer outras... mas, porque eu te amo.

Millie me olhou com total desprezo, mas não disse nada.

— Sinto em te dizer, porém eu pretendo negociar com Simon. Nas próximas semanas eu serei um dos seus chefes. — Ela parou e me encarou.

— Saiba que o odeio ainda mais por isso.

Capítulo 1

Millie Evans

- Você tem certeza de que ele está negociando com o seu chefe? — Lauren quis saber enquanto bebericava o seu café. — Seria muita audácia da parte dele. — Espantou-se.

Estalei os lábios.

- Lembre-se de que estamos falando do rei da audácia Lauren. Nathan não possui limites para obter aquilo o que quer. — Revirei os olhos, enojada. — E ele deixou mais do que claro os seus planos na manhã de ontem em nosso pequeno diálogo. Ele pretende me infernizar Lauren — acrescentei nervosa. — Ele me obrigará a conviver com a presença dele, porque sabe que eu não mudarei de emprego, aliás, eu não posso me dar ao luxo de mudar.

Alcancei o maço de cigarros em minha bolsa e com mãos trêmulas retirei um.

- Eu não acredito que você está fumando Millie — comentou completamente em choque. Encarei-a. — Enlouqueceu? Está regredindo ao invés de amadurecer?

Engoli em seco sentindo minhas bochechas esquentarem.

— Isso não tem nada a ver com amadurecimento Lauren — resmunguei com irritação contida. — E não fumo com freqüência. — Prendi o cigarro entre os lábios e ameacei acendê-lo.

— Nem ouse fumar na minha frente. — Lauren esticou-se sobre a mesa e arrancou o cigarro da minha boca despedaçando-o em seguida.

— Lauren!

— Você está sendo ridícula! — repreendeu-me de maneira dura.

Bufei irritada. Apesar da frustração, decidi não contestá-la.

Passei as mãos no rosto e baguncei meus cabelos entre os dedos. Eu estava exausta da noite intensa de trabalho e piorava quando eu me recordava da presença constante do Nathan em minha vida.

— Você já sabe quando retornará a Londres?

— Por quê? Estou atrapalhando a sua rotina? — revidou e encarei-a

assustada.

— Céus, Lauren! Que horror! Por que está dizendo isso? Eu adoro você, sabe disso.

Ela soltou um longo suspiro antes de começar a chorar.

Rapidamente busquei suas mãos. Aquela cena era tão estranha aos meus olhos, pois nunca sequer havia presenciado tamanha fraqueza emocional dela. Lauren parecia devastada.

— Desculpe-me. — Choramingou. — Estou nervosa demais. — Ela vasculhou nervosamente em sua bolsa e retirou uma folha de jornal um pouco amassada de dentro. — Olha aqui... — Virou o mesmo em minha direção mostrando-me uma imagem. Paolo aparecia sorridente ao lado de uma bela mulher.

Arqueei as sobrancelhas.

— Quem é essa? — questionei em confusão.

— Eu não sei — sussurrou. — Ontem eu decidi atender a uma das milhares de ligações dele e durante a nossa conversa, ele chorou e implorou para que eu retornasse para Londres. Para a nossa casa. Garantiu que me amava, contudo agora eu vejo isso... — Deixou com que as palavras morressem em seus lábios.

Apertei suas mãos com força.

— O que ele disse sobre a mulher?

— Eu não tinha visto a reportagem quando conversamos.

Assenti em compreensão.

— Ele sabe onde estou — afirmou angustiada.

Decidida, me levantei e ao pegar minha bolsa, retirei uma nota de vinte dólares deixando-a sobre a mesa.

— Vamos ao seu quarto de hotel buscar suas coisas — alertei. — Você ficará em meu apartamento — avisei.

— Será que eu tenho o direito de escolha aqui? — brincou se colocando ao meu lado enquanto saíamos da confeitaria.

— Pode escolher ficar comigo, ou, aguardar o Paolo chegar e

confrontá-lo.

— Isso não — disse mais do que depressa. — Pelo menos não agora.

Fitei-a com pesar.

Aquela sensação eu já senti e ainda sentia. O desejo de fugir e ao mesmo tempo de querer estar perto.

— Estamos no mesmo barco amiga.

Estávamos a caminho do hotel em que ela estava hospedada quando notei que meu carro estava sendo seguido. Fechei os olhos brevemente e bufei enraivecida.

— O que foi? — Lauren perguntou.

— Alguém está nos seguindo — respondi e ela me encarou preocupada.

Olhou para trás e disse:

— Será que aquele italiano safado me encontrou? — perguntou mordendo os lábios.

Eu sorri e joguei o carro no acostamento.

— Não é o Paolo — afirmei com veemência. — Isso é coisa do Nathan.

Desci do carro sem dar tempo de ela responder.

Semicerrei os olhos ao observar o carro estacionado um pouco atrás do meu. Caminhei a passos duros até ele e bati no vidro do motorista. Eu me lembrava dele daquele homem. Nathan havia o usado para me seguir em Londres.

— Faça a ligação — ordenei assim que ele abriu o vidro. Nem ao menos se dignou a descer. — Ligue para o seu patrão — insisti.

A contra gosto ele fez o que mandei. Lauren não estava entendendo nada, mas parecia assustada.

— Millie...

Cortei-a.

— Você já vai entender — falei.

Meu corpo inteiro tremia e eu sentia o meu coração batendo com força. Peguei o aparelho da mão dele com impaciência assim que ele o ofereceu a mim.

— *Com que direito você decidiu que poderia colocar alguém para me seguir Nathan?* — intimei com voz alterada. — *Eu saí de Londres para me afastar de você* — lembrei-o. — *Esqueça o que houve entre nós. Esqueça que um dia eu te amei. Esqueça essa obsessão doentia por mim. É ridículo até para você.*

Lauren me encarava com os olhos arregalados.

— *Eu avisei a você que cometeria burradas...* — A voz dele soou baixa do outro lado da linha. Um arrepio agudo trespassou por minha espinha. — *Não posso esquecê-la. E se você acha que minhas atitudes são ridículas, desculpe-me, mas continuarei a tomá-las.*

— *Por quê?* — intimei nervosa demais para raciocinar.

— *Porque eu te amo* — respondeu sem pestanejar. — *Preocupo-me com você ao ponto de colocar alguém para segui-la, uma vez que não estou por perto no momento.*

— *Eu não acredito no seu amor.* — Minha voz saiu em um sopro. — *Você é um mentiroso Nathan. Um homem sem escrúpulos.*

— *Eu sinto muito se minhas antigas atitudes demonstraram essa imagem horrível de mim. Lutarei para mudar esse fato* — garantiu.

— *Fique longe de mim, ou, eu acionarei a polícia.* — Ele soltou uma risada alta. — *Estou falando sério Nathan. Não me obrigue a agir de maneira extrema com você. Eu não sou mais aquela Millie ingênua.*

— *Mal posso esperar para admirar o seu amadurecimento...* — A conotação sexual implícita em suas palavras fez-me respirar com dificuldade e notei que meu rosto esquentou. Droga! — *Até mais minha criança... Minha...*

Meus batimentos cardíacos estavam acelerados e quase derrubei o aparelho de celular no chão. Nervosa, entreguei-o ao segurança contratado pelo Nathan e virei-lhe as costas. Lauren seguiu-me ainda mais nervosa do que eu diante da cena.

— O que foi isso? — perguntou com espanto no olhar.

— Isso foi o Nathan sendo Nathan — respondi sarcástica. — Usando de sua arrogância para conquistar àquilo que pensa ser seu, no caso, eu! — Revirei os olhos.

— Não sei quem está mais encrencada com esses homens possessivos, se eu, ou, você — comentou Lauren no momento em que entramos no carro.

Não consegui resistir em dar uma risada.

— É uma boa observação.

Capítulo 2

Millie Evans

— Estranho — comentei de repente. — Tenho duas chamadas perdidas, mas não conheço o número.

Abri a porta do apartamento e dei espaço para que Lauren pudesse passar.

— Pode ser do Nathan — disse ela e balancei a cabeça pensativa. — Ou do Benson. Afinal de contas, ele disse que estava em Nova York, não?

Mordi os lábios e ponderei. Realmente o Benson havia me ligado alguns dias atrás para se encontrar comigo, entretanto não apareceu e até o momento não havia entrado em contato comigo.

— Ele disse sim — falei enquanto fechava a porta atrás de nós. — Ficou de se encontrar comigo na boate, mas como você sabe da história, quem apareceu lá foi o Nathan. — Revirei os olhos, mas um arrepio excitante insistiu em tomar-me por completo assim que me recordei da noite quente que Simon organizou semana passada na boate para o *Valentine's Day*. Eu não queria admitir, mas o meu corpo era um traidor e persistia em atrair-se por ele.

"— Ainda não percebeu o quanto a amo? — Sua mão enrolou-se no meu pescoço e ele apertou a testa contra a minha. — Sinto sua falta. Quero devorar você quando estiver debaixo de mim. Em uma cama. Onde eu possa adorar você como você merece."

Droga!

— Millie?

Balancei a cabeça dispersando meus pensamentos assim que escutei a voz da Elisabeth.

— Sou eu Elisabeth — respondi enquanto retirava meu casaco e o dispensava sobre o aparador.

Ela surgiu em meu campo de visão e sorriu ao me ver.

— Aposto que estava preocupada — comentei indo até ela abraçando-a.

— Eu sempre fico menina — respondeu apertando-me em seus braços. Depois afastou o rosto para poder me olhar e certificar-se de que eu realmente estava bem. Ela nem ao menos tinha notado a presença da Lauren e quando enfim avistou-a atrás de nós tornou-se surpresa.

— Essa é Lauren. — Apresentei. — Aquela minha amiga de Londres que veio me visitar, lembra? — Ela assentiu e em seguida Lauren cumprimentou-a com um beijo singelo no rosto. — Então, como ela vai ficar mais uns dias aqui em Nova York, achei desnecessário que permanecesse hospedada em um hotel — expliquei sem dar muitos detalhes.

— Você é muito linda — disse para a Lauren enquanto segurava suas mãos carinhosamente. — E o namorado não ficou enciumado pela sua ausência? — quis saber e Lauren me encarou.

— Ela é casada Elisabeth, mas eles estão passando por uma turbulência no momento.

Com um olhar compreensivo ela tocou no rosto de Lauren e acariciou-o.

— Um casamento exige muito de nós querida — falou e enxugou uma lágrima solitária do rosto de Lauren. — Cabe a você deixar-se ser tratada com carinho e amor, ou com desrespeito.

Lauren assentiu agradecendo pelas palavras.

— Vou levá-la ao quarto de hóspedes Beth. Ela precisa descansar um pouco — falei encaminhando-me para o corredor. — Alguém ligou?

— Teve uma ligação do hospital. — Parei na mesma hora com uma sensação gelada no peito. — O seu pai está bem. — Ela se apressou em explicar. — Mas a administração quer conversar com você.

Respirei um pouco mais aliviada.

— Entendi. — Suspirei virando as costas. — Por um momento pensei que... — calei-me, incapaz de terminar de formular aquele pensamento doloroso.

— Estão com fome? — perguntou com voz alta. Lauren negou com a cabeça.

— No momento estamos bem Beth. — Mandei um beijo para ela antes

de fechar a porta do quarto.

— Ela é um amor Millie. — Lauren comentou quando ficamos sozinhas no cômodo. — Onde você a encontrou mesmo?

Joguei-me sobre a cama e me aninhei entre as almofadas.

— Eu a encontrei em Londres duas vezes. Eu estava em uma praça perdida em pensamentos quando a encontrei na primeira vez, Nathan havia acabado de dar o golpe no meu pai e eu estava arrasada. Ela me aconselhou bastante naquele dia. — Sorri com a lembrança. — A segunda vez foi quando eu estava vindo para Nova York — expliquei. — Eu estava parada no sinal e avistei-a caminhando no acostamento com uma pequena mala nos braços. Lembro-me que buzinei algumas vezes e ela rapidamente me olhou vindo até o meu carro.

— Nossa! Que coincidência.

— Eu acredito que ela estava morando na rua aquele tempo todo Lauren — comentei com pesar. — Porque nas duas ocasiões em que a encontrei, ela carregava aquela pequena mala. As suas roupas pareciam sujas e surradas. Lembro de ter notado que provavelmente ela não tomava banho há dias também. — Lauren franziu a testa fazendo uma expressão de tristeza. — Estamos tentando encontrar algum parente dela com a ajuda de um grupo de apoio. Elisabeth tem certeza de que possui uma filha aqui.

— Uma filha?

— Sim — confirmei. — Mas ainda não obtemos resultado algum, pois ela não consegue se lembrar do seu passado sabe? Elisabeth é uma pessoa linda e amável, mas na maioria das vezes volta a ser criança e não consegue ao menos formular frases coerentes.

— Meu Deus! — exclamou atônita. — Coitadinha.

— Me dói imaginar que ela tenha sido expulsa da própria casa — falei ressentida. — Apesar de ela não se lembrar de como foi parar nas ruas, tenho certeza de que foi isso o que aconteceu com ela.

Ajeitando-se ao meu lado, Lauren deitou a cabeça no meu ombro.

— Então ela tem sorte de ter você agora. — Acariciei seu rosto e beijei seus cabelos.

— Eu é que tenho sorte de tê-la.

♥

A noite chegou e Lauren dormia tranquilamente enquanto eu me preparava para ir à boate.

— Qualquer coisa me liga — alertei a Elisabeth. — Amanhã estarei de folga e pretendo passear com você. Que tal?

Ela sorriu abertamente.

— Perfeito.

Abracei-a.

— Assim que Lauren acordar converse com ela — pedi. — Ela não está muito bem psicologicamente.

— Fica tranqüila menina. — Sorri agraciada com sua forma de se referir a mim. — Bom trabalho. Cuide-se.

Saí de lá com o coração preenchido de amor.

Trinta e cinco minutos e duas transferências de metrô depois, eu atravessava a porta do *Night Star*. Simon havia me comunicado sobre uma pequena reunião que teria conosco ainda naquela noite antes de abrir as portas ao público e eu detestava chegar atrasada em meus compromissos e grunhi frustrada ao constatar que estava em cima da hora assim que entrei na sala dos funcionários.

— O que fará amanhã na sua folga? — questionou-me Leslie enquanto eu terminava de finalizar minha maquiagem minutos depois.

Leslie trabalhava comigo na boate.

— Pretendo dar uma passeada com a Beth, mas precisarei ir ao hospital primeiro — respondi. — Ligaram hoje da administração, estou até com medo.

— Por quê?

Suspirei e me levantei.

— Porque tenho certeza de que eles vão me cobrar Leslie — respondi nervosa e angustiada ao mesmo tempo. — Eu não consegui colocar em dia o

que estou devendo e, ainda confirmei o investimento em novos tratamentos para meu pai — expliquei. — Estou perdida.

Leslie abriu a boca para falar, mas foi interrompida pela aparição abrupta de Dominique:

— A reunião começou — avisou. — Apesar de não ser obrigação minha, avisá-las.

Passou por nós com aquele constante ar de superioridade no olhar.

Dominique era a funcionária mais antiga da Casa Noturna, porém desde o início implicava comigo sem motivo aparente. Ela sempre deixou claro o seu desagrado por Simon me contratar sem eu ao menos saber fazer um drink. Aquela tensão entre nós duas me desgastava tremendamente.

— *Argh!* Garota arrogante. — Resmunguei impaciente. — Você sabe do que se trata essa reunião? — questionei a Leslie conforme nos encaminhávamos para fora da sala.

— Algo com a administração da boate eu acho — respondeu meio incerta e eu assenti.

Assim que nos aproximamos do salão principal da casa, pude ouvir uma voz sonora enchendo a sala com entusiasmo caloroso. Localizando dois assentos vagos dentre as mesas, Leslie e eu nos acomodamos. Peter que estava logo atrás de nós, sorriu.

— Perderam grandes novidades.

Senti um frio na espinha.

— Que tipo de novidade? Conte-me!

Peter inclinou a cabeça em minha direção e murmurou:

— Simon vendeu a boate.

Empalideci e senti um frio na barriga. Aquilo não podia estar acontecendo. — O quê? Por quê?!

Peter apertou os lábios, confuso e preocupado.

— O novo chefe já comprou a boate. Toma posse amanhã.

Olhei para o palco, onde Simon terminava a sua introdução.

— Mas por que Simon não disse nada? — sussurrou Leslie enquanto os demais empregados começavam a fazer perguntas. — Por que manter segredo?

— Fiquem tranqüilos, todos vocês — disse Simon ao microfone. — Tudo ficará bem, prometo. — Voltou sua atenção para trás de si, especificamente para o fundo do salão. Não consegui enxergar direito. — Por que você não vem aqui para se apresentar? — perguntou ele.

Os murmúrios cresceram, e eu me levantei também. Os empregados em minha frente impediam a minha visão. Por entre as cabeças, eu consegui dar uma rápida olhada no novo chefe quando ele se dirigiu até Simon: Cabelos dourados e compridos, ombros largos, barba despontando ao longo da face, feições bem delineadas e...

Senti meu estômago contrair-se. Como pude esquecer?

Fiquei gelada. Oh, meu Deus. Eu conhecia aquele perfil. Oh, Deus, e como conhecia. Meu coração apertou-se quando Nathan Backer, o único homem que amei e o agora milionário que tirara minha virgindade, pegou o microfone e dirigiu-se aturdido ao local outrora ocupado por Simon.

— Obrigado, Simon, e obrigado a vocês, funcionários do *Night Star*, por virem me conhecer hoje. — Ele sorriu, enquanto seus mais novos empregados silenciaram.

Alto e vestido com um terno de seda azul-marinho imaculado, Nathan exalava autoridade e sensualidade por seus poros.

— Por favor — disse com a confiança de sempre diante de uma multidão —, Sentem-se.

Eu deveria estar tendo um pesadelo. Ele não podia estar ali. Deveria estar em Londres.

Londres.

Nathan vasculhou o local com um sorriso encorajador, enquanto eu permanecia imóvel e gelada até que o olhar dele me encontrou. Por um momento o mundo parou em seu eixo, e eu fui levada ao passado imediatamente.

— Compreendo que estão chocados — ele falou encarando-me. — Mas quero lhes assegurar que por enquanto suas posições serão mantidas.

Aquela mesma voz profunda que havia assombrado os meus sonhos desde que fugira de Londres não dava lugar a dúvidas. *Era real*. Muito real.

— Suas funções podem mudar um pouco — continuou ele —, mas Simon assegurou-me que cada um de vocês é muito valioso. A menos que provem ao contrário, permanecerão na folha de pagamento indefinidamente.

Nathan Backer estava em Nova York. Estava na boate no qual eu trabalhava como o novo dono. O mundo girava loucamente.

— Porém, em troca, espero flexibilidade e a lealdade de cada um.

Autoritário e feroz, ele exigia respeito e obediência as suas regras. Grossos cabelos dourados e queixo angular intensificavam a sua aura de poder. Somente os cílios curvos e longos emprestavam uma ponta de suavidade à expressão dominadora.

— Vocês devem saber que não tolerarei discórdia dentro do grupo. Levarei suas opiniões em consideração, mas aviso-lhes que se preparem para as mudanças.

Leslie tocou o meu braço para chamar minha atenção. Mas eu permaneci presa na teia do olhar de Nathan, imóvel.

Eu precisava fugir. Agora. Mas com Elisabeth a tiracolo, para onde eu iria? E como ficaria o papai? Meu estômago contorcia-se, e as mãos tremiam. Os olhos dele tornaram-se fendas verdes.

— Você tem uma pergunta? — perguntou ele, uma ponta de ironia sublinhando a suavidade aveludada da voz.

Um murmúrio de curiosidade tomou conta do pessoal, e todos me olharam. De repente cônscia, de que eu ainda estava de pé, caí como uma guilhotina na cadeira.

— Millie? — sussurrou Leslie, agarrando o meu braço. Os olhos castanhos escurecendo de preocupação. — Você está pálida como um fantasma.

— Estou bem — consegui dizer.

Aquilo que estava acontecendo já não era uma novidade, eu tinha consciência, porém, restava-me um resquício de esperança de que ele tivesse mudado de idéia. Eu havia deixado claro que não o queria perto de mim.

Afinal de contas, aquele fora o motivo pelo qual havia partido de Londres.

O resto do discurso de Nathan, a respeito de sua visão sobre o futuro da casa noturna, não penetrou o turbilhão dos meus pensamentos. Mas, quando ele anunciou o horário das reuniões com supervisores no dia seguinte, entrei em pânico. Fechou a pasta instantes depois, examinou os empregados uma ultima vez antes de agradecer ao Simon e encerrar a reunião.

Todos se levantaram para partir, murmurando como um enxame de abelhas. Juntei-me a eles, lutando contra a idéia da reunião. Misturada com os funcionários que desconheciam o nosso passado fora fácil. Mas manter o equilíbrio em uma reunião cara a cara seria muito mais complicado, ainda mais quando havia ficado claro o quanto ele ainda mexia comigo e ele sabia disso.

— Você acha que ele vai querer renovar-me? — sussurrou uma das recepcionistas que se agrupavam no corredor

— Se você tiver sorte — disse sua amiga soltando um risinho, abanando o rosto. — Você por acaso viu os olhos dele?

— Olhos? Estava muito ocupada em fantasiar aqueles ombros largos, aqueles cabelos e aquelas mãos grandes e fortes.

Outras duas suspiraram concordando enquanto Dominique continuou se metendo no diálogo:

— Podem imaginar um tipo desses na cama?

— Dominique! — Elas repreenderam, excitadas.

— E se ele ouvir?! Não se esqueça de que se trata do nosso novo chefe!

A vaca da Dominique nem mesmo corou.

— E daí? Ficaria muito feliz em negociar minha posição por um pouco menos... Profissional com um homem como aquele.

Senti meu rosto corar de raiva. Ciúme borbulhava em meu sangue quente diante de tudo o que vinha acontecendo. Certamente que Dominique não sossegaria até estar sendo fodida por Nathan. Aquela constatação enervava-me por demais.

Eu quase alcançava a sala dos funcionários quando ouvi:

— Srta. Millie — a mesma voz de comando de sempre. — Espere um

minuto, por favor.

Tropeçando e seguindo em frente como se não o tivesse escutado, continuei em direção à porta sem olhar para trás.

O choque dos dedos quentes dele em meu cotovelo fez-me tremer.

— Srta. Millie — repetiu ele, mais agudamente desta vez. Lutando contra a onda de sensações que me desestabilizavam, me voltei para encará-lo como se o seu toque não me impactasse em absoluto.

— Perdão?

Os olhos dele se estreitaram; se em divertimento ou raiva eu não soube dizer.

— Desejo falar com você.

Simulando surpresa, respondi:

— Agora?

— Sim.

Senti o peso da preocupação de meus colegas e o murmúrio da fofoca no ar.

— Por quê?

Eu estava a um passo do desespero, mas forcei o tom de uma cortesia educada para não me expor aos demais:

— Ficaria imensamente feliz em atendê-lo em qualquer outro momento, contudo, tenho que organizar o estoque de bebidas agora antes de a boate abrir suas portas.

Os colegas curiosos interromperam o meu êxodo, ouvidos e olhos atentos à possibilidade de um escândalo envolvendo o novo chefe. Nathan levantou o olhar para eles com autoridade.

— Há algum problema? — perguntou, e a entonação de sua voz não poderia ter sido mais clara.

Dispensados com nada mais do que uma pergunta educada, meus colegas pularam como se tivessem sido atingidos por um coice de mula.

Dentro de poucos segundos o corredor esvaziou-se, e nós dois nos

vimos imersos em um silêncio abafado. A pulsação latejando em minhas orelhas era o único som, minha respiração opressa, meu único contraponto.

Capítulo 3

Millie Evans

As narinas de Nathan dilataram-se, embora ele ainda sorrisse.

— Agora, o que disse sobre o seu compromisso?

Engoli em seco e evitei os olhos dele.

— Eu disse que não podia conversar com você. Tenho serviço pendente.

Alto e largo como sempre, ele usava seu poder de atração tão facilmente quanto seu terno bem confeccionado. Sua expressão mostrava a mesma persuasão sedutora de sempre.

— O serviço pode esperar — disse. — Desconfio que seu novo chefe não faça objeção alguma quanto a isso. — Havia sarcasmo nítido em suas palavras.

— Eu necessito de tempo para encontrar e organizar as bebidas mais pedidas da noite, sendo assim, preferia não perder tempo.

Quando ele não respondeu, ergui os olhos, notando o desafio.

— Então é assim que pretende agir, Nathan?

— Millie... — repreendeu ele com um sorriso protetor.

— Você consegue ser pior do que eu imaginava — sussurrei, evitando alterar a voz. — Eu virei algum tipo de jogo para você? É excitante quando a mulher não colabora na conquista? É isso?

— Não fale besteiras. — Rosnou com seu semblante sério demais para que eu pudesse retrucar. — Não estou jogando, apenas estou em busca do que é meu.

Sua declaração enfraqueceu meus joelhos. Seu olhar caiu sobre minha boca, garganta, o decote do meu vestido.

— Eu não sou sua.

— Levei tempo para escavar uma fina lasca dessa sua concha. — Senti meu peito arder e engoli em seco numa tentativa de recuperar minha compostura diante da proximidade dele. — E levei mais longos meses para encontrá-la aqui em Nova York. Eu nunca vou desistir de reconquistá-la. Eu

jamais desisto daquilo que quero.

Os olhos dele procuraram os meus.

— Felizmente eu passei os últimos meses lutando para me desprender de qualquer lembrança desagradável do meu passado em Londres.

— A sua dificuldade em mentir continua acentuada para mim, *minha criança*...

— Não ouse se aproximar de mim — falei tentando soar firme, odiando a forma como ele ainda me tinha sob sua pele.

Ele sorriu triunfante.

— Eu não farei nada que você não queira — ele disse com aquele mesmo tom caloroso que costumava me enlouquecer.

— Preciso adiantar o meu trabalho agora, por favor, me dê licença.

— O que disse ao Simon sobre o seu tempo em Londres?

Tentei ignorar o nó que aquela pergunta provocou em meu estômago.

— O meu passado não é digno de orgulho para mim — falei entre dentes. — Ou acha que eu contaria a ele ou há qualquer um aqui, o quanto eu fui idiota ao me apaixonar por um canalha feito você?

Vi quando trincou o maxilar.

— Ele me deu a clara impressão de que você foi *ferida* em Londres. Insinuou que você era assustada, solteira e ainda recuperando-se de um golpe emocional que sofreu.

Eu iria estrangular Simon na próxima vez que o visse.

— Ele tentou envolver-me com seu neto algumas vezes — disse com peculiar calma. — Quando eu recusei, Simon deve ter assumido o pior.

— Conjecturas são terríveis, não são?

Eu não ousei catalogar a intensidade da pergunta dele, não ousava reconhecer o ardor de minhas veias.

— Tem algo a dizer?

Um sorriso sádico surgiu no canto dos lábios dele.

— Sempre tenho.

— Então, por favor, para que eu possa...

— Certo. Esqueci. — Ele dirigiu-me um olhar enigmático. — As coisas tornaram-se desconfortáveis e você preferiu fugir ao invés de enfrentar os problemas que surgiram entre nós.

— Não ouse se vitimizar Nathan.

— Lembro-me de você me dizendo o quanto me amava, mas sequer deu-me a chance de explicar as minhas razões.

Olhei para ele em total desespero.

— Simplesmente por que não há explicações plausíveis para o que você me fez. Você me enganou. Usou-me e me ridicularizou.

— Você fugiu de nós. Do que sentia por mim e ainda continua fugindo — ele disse, ignorando minhas palavras anteriores.

— Não parti sem uma palavra. Eu deixei claro que não o queria mais no momento em que levamos o meu pai ao hospital. Eu matei todo o amor que sentia por você assim que eu soube que meu pai havia entrado em coma por conseqüência dos teus atos malévolos. Você o fez pensar que éramos irmãos — lembrei-o.

— Eu nunca a seduziria se você fosse minha irmã — retrucou.

— Mas não foi isso o que ele pensou Nathan! — explodi indignada. — Alias, não foi isso o que *eu* pensei na época.

— Você por acaso me deu tempo para explicar?

— Talvez eu tenha decidido que havia coisas mais importantes para fazer do que passar horas na cama com um homem.

— Você não costumava passar muito tempo em minha cama.

— Sim, bem, eu era tola. Cresci desde então.

— Percebe que as lembranças da nossa paixão aparecerão entre nós querendo ou não, não é? Todas aquelas noites, aqueles dias, àquelas horas adorando o corpo um do outro não desaparecerão porque você quer.

Umedeci os lábios enquanto meu coração acelerava.

O olhar verde desafiou-me a lembrar dos momentos que compartilhamos enquanto eu o desejava, todas as vezes que desfrutamos do

corpo um do outro com selvagem e apaixonado abandono.

— Você acha? — retruquei com sarcasmo, tentando soar irônica e mascarar minhas verdadeiras emoções.

O polegar dele ousadamente roçou delicadamente minha bochecha.

— Suponho que pretende deixar as coisas no modo impessoal.

— Definitivamente — afirmei, odiando o modo como o meu corpo o desejava.

Eu queria manter distância, para manter o meu coração a salvo. Então por que aquele anseio inconveniente para me juntar a ele, como já acontecera antes? Para dissecar todos os minutos dos meses anteriores que passamos separados? Para aprender todos os segredos do passado dele que eu não tive coragem de descobrir?

— Saiba que não concordo com isso — a voz dele, suave como seda, era dissonante.

Embora ele parecesse estar relaxado, eu podia sentir algo zunindo perigoso no ar. Algo que me fazia ficar em alerta.

Engoli em seco, fazendo barulho, e forcei um sorriso debochado.

— Felizmente isso não é problema meu, pois já deixei minha opinião mais do que clara — minha voz soou exausta. — Ao menos aqui na boate, gostaria de manter as coisas no nível profissional.

— Você está certa — disse ele com um sorriso sarcástico. — Mas nossos corpos parecem não estar ouvindo, parecem?

— O meu está — menti, enquanto o calor sedutor da mão dele mandava uma corrente elétrica ao meu corpo. Queria me afastar, mas meus músculos pareciam não me obedecer.

— Mentirosa.

Tremi com sua negação.

— Não estou mentindo.

— Eu não acredito em você.

Incapaz de falar, eu ofeguei forte enquanto o polegar dele deslizava ao longo do meu lábio inferior.

— Talvez o destino nos queira juntos *minha criança*...

— Já disse a você que não acredito em destino. — Uma onda aguda de desejo tomou conta do meu ventre enquanto Nathan abandonava minha boca para segurar meu rosto com ambas às mãos.

Imóvel, com o coração batendo forte contra as costelas, permaneci gelada enquanto sentia a pressão de seus dedos ao longo da carne.

— Estou sentindo falta de seus cabelos soltos — disse ele. — Você se recorda de como costumava usá-los caídos em volta dos ombros?

Sim, eu me lembrava do jeito como ele enterrava as mãos ao longo do comprimento deles, puxando minha cabeça para trás para expor garganta, pescoço e beijar-me para sentir meu perfume.

Antes que eu pudesse perceber a intenção dele, suas mãos moveram-se, as palmas largas acariciando minha orelha e nuca enquanto ele liberava a fivela gigante dos meus cabelos num eficiente movimento.

Meus cabelos tombaram costas abaixo num único rolo, e eu imediatamente levantei a mão para reparar o estrago. Mas, antes que eu pudesse levantar a pesada massa de cabelos de minha nuca, as mãos dele impediram-me.

— Não faça isso — murmurou ele. — Sabia que eu ainda sonho com seus cabelos?

A voz dele, suave como veludo, me fez tremer.

Ele devia ter detectado o sutil tremor ao longo da minha carne porque agarrou fortemente meus ombros e puxou-me para mais perto. Por mais que eu quisesse ficar livre, outra parte minha respondia à força exigente do toque dele.

Erguendo as mãos para empurrá-lo, eu gelei quando as pontas de meus dedos tocaram a grossura quente dos pulsos dele. Meus polegares pressionaram-se contra os tendões na base das palmas de Nathan enquanto minhas próprias pontas dos dedos involuntariamente recordavam a paisagem que eram os ossos e carne do braço dele. Eu ouvi a forte respiração dele, observei o peito masculino expandir-se e levantar, e minhas mãos recusaram-se a abandonar a pele lisa e macia dele.

O tempo alongava-se, crescia tenso, enquanto o silêncio batia entre nós.

A cabeça dele se inclinou para baixo, até que eu senti o calor da respiração dele contra meu pescoço.

— Millie...

Aborrecida por minha resposta irracional à proximidade dele, eu o empurrei para trás, libertando meus pulsos e quebrando o tênue contato.

— Não — eu disse, recuando alguns passos para os lados. — Não podemos fazer isso. Eu. Não. Quero. Isso — sibilei entre dentes.

— Por que não? Diga-me que sente isso também. — Ele seguiu-me, seu tom de voz baixo querendo que eu reconsiderasse e cedesse. — Diga que se lembra do quanto era bom.

Hipnotizada pela intensidade feroz dos olhos verdes, eu apertei os punhos e engoli em seco. Ele não se moveu novamente, simplesmente esperando em silêncio enquanto eu lutava contra meu desejo de tocá-lo outra vez.

— Isso não importa. Nossa relação terminou.

— Acha mesmo? — perguntou ele.

Antes que eu tivesse chance de me preparar, as palmas quentes dele acariciaram meu rosto e inclinou a boca em minha direção. Meu ar atônito não o deteve, e sua cabeça curvou-se em direção à minha com imperturbável precisão. Segurei seus braços mesmo quando o peito sólido colidiu contra meus seios, pressionando-me de encontro à parede mais próxima enquanto ele cobria a boca com a minha. O assalto feroz, voraz, delicioso dos lábios sensuais espantou-me e me consumiu.

Uma sensação incendiaria me dominou, e minhas mãos apertaram os pulsos dele. Debatia-me entre a vontade de afastá-lo e puxá-lo para mais perto. Decidi puxá-lo, liberando a cabeça e inclinando-me contra o corpo poderoso.

Curvando-se sobre mim, ele envolveu-me com os braços, o largo arco de seus ombros e seu peito. Senti-me segura... Desejada... Querida. Todas as coisas que sempre sentia com ele. Todas as coisas nas quais nunca pude

confiar. Tudo estava acontecendo rápido demais.

Ele me beijou forte e repetidamente, o nariz tocando o meu enquanto uma onda com cheiro de menta esquentava-me os lábios. A boca de Nathan roçou minha têmpora enquanto ele espalmava os dedos da mão contra minhas costas e meus ombros, evitando que eu afundasse no chão.

Nathan sempre me beijava daquele modo, puxando-me para perto o suficiente para experimentar minha carne com seus próprios lábios e a sua língua, saboreando-me como se eu fosse um banquete, e ele, um homem faminto, o que tornava difícil para eu me lembrar que estar com ele era um risco que não tinha condições de correr.

— Acho que você deveria ir agora — sussurrou ele, junto ao meu ouvido. — Você não quer se atrasar.

Capítulo 4

Nathan Backer

Esperei por longos e torturantes segundos para entrar em minha sala depois que ela deixou o corredor, lutando para controlar a respiração e a excitação que me pegou tão de surpresa.

Exatamente como na primeira vez em que a vira, reagi sem pensar nas conseqüências, atirando-me ao furacão que ela era sem me importar com o fato de que a machucaria. Agora ela estava completamente arisca.

Que diabos de mulher teimosa! Millie se portava feito uma leoa, provocava-me ainda mais daquela forma.

Peguei-me surpreso ao constatar que um sorriso pairava em meus lábios. Todo aquele acesso de raiva dela deixava-me excitado, inebriado, na verdade. Millie estava em minha pele e nada me faria desistir de tê-la outra vez em meus braços.

Se a atração por ela era racional ou não, não me importava. Millie havia me tomado por completo e tinha-me em suas mãos.

Levei longos meses para encontrá-la depois que simplesmente desapareceu de Londres com o canalha do Joseph. Lembro-me da imensa dor da perda em meu coração. Ainda era capaz de sentir o desespero em meu ser por imaginar-me sem ela ao meu lado, diante dos meus olhos. Deixá-la pensar que éramos irmãos não foi algo planejado, jamais premeditei aquilo. A vagabunda da Verônica não deveria ter aparecido para estragar tudo. Eu me vi atônito e preso entre o doce sabor da vingança ao notar a agonia e o horror no olhar do Joseph. Fiquei cego pelo ódio que sentia por ele que na hora esqueci-me da Millie e da dor que sentiria. Eu jamais seria sórdido ao ponto de me relacionar com ela se fôssemos irmãos, apenas plantei aquela semente no cérebro do Joseph como pretexto para me aproximar dele na época em que o procurei.

Sentei-me na poltrona atrás da pequena mesa e fechei meus olhos enquanto soltava um murmúrio. Imaginar aquele corpo macio entrelaçado ao meu aumentava minha paciência. E quando ela, por fim, cedesse, faria com que todas as minhas fantasias mais selvagens se realizassem. E a amaria com

todas as forças do meu coração.

Eu nunca havia sido rejeitado antes, e a inesperada partida dela deixou-me estupefato. Obviamente que eu não seria hipócrita em isentar-me da minha enorme culpa, contudo eu confessei a ela o meu amor. Havia pedido perdão.

Sequer estava preparado para a dor da rejeição. De algum modo, cheguei a depender da forma como Millie me fazia sentir e foi o que me deixou confuso e agindo sem pensar.

Sofri imensamente ao perceber que não era bom o suficiente para ela. Mas alguns dias depois minha dor transformou-se em raiva. Quem ela pensava que era?!

Foi *ela* que cometeu o erro de rejeitar-me.

Eu não precisava dela, Estive apenas temporariamente cego. Não precisava de *sentimentos* que me fizessem perder o foco. Então me atirei de volta ao trabalho sem olhar para trás.

Com uma mulher diferente nos braços todos os fins de semana, eu não tive tempo sequer para pensar nela. Mas, ultimamente, agarrar qualquer mulher que eu quisesse tornou-se muito previsível e aborrecia-me. Mesmo tendo a excitação da caça perdia a graça.

Praguejei baixinho enquanto me remexia na poltrona. Estava ao ponto de perfurar o tecido da calça diante da minha ereção.

Foi quando a porta se abriu, chamando minha atenção para a entrada da sala. Levantei-me de imediato.

Millie entrou numa erupção de raiva, sua pele clara ruborizada e seus olhos de cor azul crepitando como fogo. Arremessou-se furiosa contra mim, que instintivamente retesei-me em defesa.

Ela quase me esbofeteou, embora seus punhos estivessem cerrados junto às coxas.

— Jamais me beije daquela maneira novamente — gritou ela, flamejando de raiva. — Terminei com você. Está acabado. Você não possui mais esse direito sobre mim.

Teria ela esquecido que eu sempre vencia? Que *ambos* sempre vencíamos? Meu corpo se contorceu com a vontade de apaziguar a sua raiva com beijos e carícias.

Mas escondi minha reação com um dar de ombros.

— Não vou pedir desculpas por algo que ambos quisemos.

— Não queria que você me beijasse — disse ela numa voz afiada. — Não quero nada de você além de distância. Pensei que tivesse deixado isso bem claro.

— Então por que você correspondeu ao beijo? — indaguei, lutando contra o desejo de agarrá-la de novo.

— Você me pegou de surpresa — ela afirmou, por fim. Talvez fossem os olhos azuis, feridos e vulneráveis apesar da raiva, ou talvez fosse à visão de sua boca luxuriante, uma boca que devia ter sido tomada com prazer sensual. O que quer que fosse causava-me uma feroz compulsão de levá-la para a cama e ser malvado com ela.

— Talvez eu também tenha sido pego de surpresa. — Notei que ela ficou sem palavras. Fiquei satisfeito com sua reação. — Você tem de admitir que estava tão curiosa quanto eu — argumentei, cruzando os braços contra o peito. — Do jeito que deixamos as coisas, é natural imaginar.

— Eu não estava imaginando. — Ela desviou o olhar.

— Você sempre foi uma terrível mentirosa — repeti.

— Ótimo — admitiu ela, irritada. — Nós estávamos curiosos e agora sabemos. Mas isso jamais poderá acontecer de novo. Entende?

— Perfeitamente — concordei.

— Não quero falar com você sobre nosso passado, não quero beijar você, e sem dúvida alguma não quero dormir com você outra vez; Fui clara?

— Absolutamente.

— Concorda em minimizar o tempo que passaremos juntos? Concorda em me deixar em paz?

Baixei o olhar para a boca e os seios dela por um átimo de segundo antes

de responder:

— Não se preocupe querida. Não tenho planos de ir para sua cama.

Ela corou.

— Bom.

Ao menos, é claro, que você implore para vir para a minha.

♥

Três dias mais tarde, depois de muitas reuniões e discussões sobre as novas diretrizes, Millie chegou ao *Night Star* e encontrou-me sozinho, esperando por ela. De terno claro como meus cabelos e gravata solta, eu exalava um ar sexy e muito másculo diante da delicada, porém tinhosa Millie Evans.

Ela diminuiu o passo, mas decidiu seguir em frente.

— Pensei que iria encontrar o fornecedor hoje — disse ela, soando mais nervosa do que desejava - supus.

— Foi o que eu quis que pensasse — informei enquanto me aproximava dela com cautela. — Mas tenho uma pessoa que gostaria que você conhecesse.

Desconfiada, ela examinou cuidadosamente ao nosso redor. Eu havia tomado o cuidado de estarmos somente eu e ela ali. Era importante que estivéssemos a sós para aquele diálogo.

— Onde?

Dei-lhe um olhar carnal que fez a pele dela ruborizar.

— Aqui, no escritório.

— E quanto ao Peter? Ele como o gerente da Casa não deveria participar?

— Mandei-o encontrar-se com novos fornecedores de mercadorias secas para ver se podia negociar melhores preços.

Na verdade eu não estava satisfeito com o olhar recheado de desejo que ele disparava para ela cada vez que a via. Aquilo despertava meus piores instintos.

— Ele não gostará de ser deixado de fora — ela frisou.

— Sei disso. Simon me contou, mas não se esqueça de que aqui quem toma as decisões sou eu. — Os olhos dela chisparam em minha direção.

— Não me sinto confortável em ficar sozinha com você. — Ela meneou a cabeça. — Você me cansa Nathan.

Eu a desafiei:

— Gosto de como isso soa. — Sorri de modo devasso. — Eu costumava deixá-la exausta na cama.

— Isso foi antes — disse com a voz engasgada.

— Compreendo — falei com a voz sedosa, pressionando-lhe as costas gentilmente para frente. — Venha. Serei breve e você estará livre pelo resto do dia.

Ela seguiu em frente no corredor, livrando-se do meu toque.

— Pode suportar um encontro em meu escritório, não pode?

— É claro — disse ela mais do que depressa. — Sou perfeitamente capaz de conversar de negócios com você.

Olhei-a calorosamente.

— Não é com a conversa que estou preocupado. É com o local — falei com um sorriso conhecido. — Você se recorda, não recorda, de como costumávamos transar enlouquecidamente em meu apartamento quase todos os dias?

— Não, não me recordo.

Mesmo que ela fingisse indiferença, seu corpo a traía. Sua pele ainda sentia meu toque sobre suas costas, e sua respiração era ofegante. Nós continuamos, em silêncio.

Usei minha chave, e a porta da sala se abriu.

— Primeiro você. — Eu estendi o braço.

Tendo o cuidado de não tocar-me, ela entrou e imediatamente virou o rosto para o lado contrário ao meu.

Quantas vezes eu a tinha chamado a um local só nosso sob qualquer pretexto, somente para devorar-lhe a boca e o corpo no momento em que as portas se fechassem? E quantas vezes ela fora receptiva, caindo nos meus braços, transpassando as pernas em minha cintura, enquanto eu a satisfazia contra a parede?

Eu senti calor só de pensar e esforcei-me para permanecer sob controle enquanto o olhar dela fazia meu sangue pulsar forte nas veias.

Antes que eu pudesse dizer uma palavra, ou tocá-la, ela apressou-se em se afastar. Sorri antes de parar à mesa da pequena sala.

Peguei o telefone e disquei o número do meu advogado.

— *Já está a caminho?* — perguntei.

— *Sim. Atrasarei-me alguns minutos. Ela já está aí? Prefere ir adiantando o assunto?*

— *Não. Não há pressa* — falei enquanto caminhava no espaçoso escritório com vista para o Central Park.

— Parece que temos alguns minutos antes que nosso acompanhante chegue. Quer beber algo enquanto esperamos?

Notei quando ela engoliu em seco. A sala ficou quente, apesar do ar-condicionado.

— Não, obrigada. Estou bem.

— Você parece um pouco tensa — observei.

— Não estou. — Eu podia sentir o cheiro dele, e lutei contra a vontade de fechar os olhos e aspirar forte.

O perfume dele era inebriante. Aquilo me fez querer lambê-lo, para sentir todos os sabores daquela pele. E, mesmo tentando não olhar, eu tinha consciência daquela pele bronzeada ali ao lado.

— Você tem certeza? — perguntou ele com o olhar divertido. — Porque seu rosto está um pouco corado.

— Estou bem — deixei escapar, tentando parecer indiferente. — Apenas odeio perder tempo.

— Tem tantas outras coisas para fazer agora que a Casa noturna está temporariamente fechada?

Eu permaneci silenciosa diante da pergunta. Na verdade eu estava odiando o fato de ele estar reformando a boate e como resultado eu tendo que ficar em casa. O que uma mente desocupada era capaz de fazer?

— Depois que terminarmos a reunião gostaria que você jantasse comigo hoje.

— O quê? Por quê?

O sorriso dele parecia estranhamente doce!

— Preciso saber o que funciona e o que não funciona aqui em Nova York. Já que minha referência é européia, a opinião de uma pessoa daqui seria inestimável. — Ele apontou para um prédio vizinho e olhou para mim. — Ouvi dizer que o *Antoine's* é particularmente bom, e pensei em começar por lá primeiro.

Mordi os lábios.

— Não acho que seja uma boa idéia.

— É uma excelente idéia — insistiu ele. — Conhecer as forças e fraquezas de nossos concorrentes é o melhor modo de construir a estratégia para o sucesso.

— Sim, mas...

— Mas?

Vi que ele se divertia, e senti minhas bochechas corarem novamente.

— Combinamos de minimizar o tempo que passaríamos juntos, recorda-se disso? E também, o que um jantar em um restaurante tem a ver com a *Night Star* que é uma Casa Noturna?

O sorriso dele era um misto de repreensão e provocação.

— Você está me dizendo que não pode separar seu papel de minha *subgerente* de seu papel anterior em minha cama enquanto tratamos de negócios?

Senti meu rosto corar mais ainda.

— Não.

— Então está fechado. Começaremos com o *Antoine's*. Quero transformar o *Night Star* em um ambiente mais despojado. Acredito que seria bem interessante aliar prazer culinário ao prazer corporal, o que acha? Um restaurante anexado à *Night Star*.

Uma batida na porta impediu-me de protestar. Viramos para ver um rapaz extremamente elegante num traje marrom entrando na sala.

— Desculpe o atraso — disse olhando Nathan de modo culpado. Com passos precisos ele aproximou-se da mesa, porém não fez menção de se sentar. — Sabem como é o trânsito.

— É claro — Nathan comentou enquanto apontava uma das cadeiras para que eu pudesse sentar.

— Obrigada — agradeci quando gentilmente o rapaz puxou a poltrona para mim. — Você é um cavalheiro.

— Millie, eu gostaria de apresentar-lhe Mark Smith, meu advogado jurídico e pessoal.

Apesar da indesejável confusão, eu o saldei com um sorriso e ofereci a mão.

— Prazer em conhecê-lo.

— O prazer é todo meu, senhorita Millie. Eu cheguei a trabalhar com o

seu pai, mas não havia tido a honra de conhecê-la na época.

Nathan pigarreou, chamando a atenção para si.

— Vamos deixar os assuntos desnecessários de lado, por favor. — E lá estava aquele ar arrogante. — Você trouxe a papelada que eu pedi a você, Mark?

— Aqui está — disse ele enquanto deixava uma pasta de papel pardo sobre a mesa.

Eu não estava entendendo nada. No dia anterior ele havia me ligado avisando sobre aquela reunião, porém em nenhum momento disse que seria entre nós e seu advogado. Os últimos dias estavam sendo intensos e eu me sentia como em uma corda bamba.

Antes bastava um sutil olhar de Nathan para que eu cancelasse qualquer compromisso para estar com ele. Nada importara mais do que nosso tempo juntos.

Mas não agora. Não mais. Agora eu só concordava em estar com ele sob coerção.

Eu trabalharia com ele e para ele apenas por meu pai que precisava de mim, e dos tratamentos caríssimos que em outro emprego eu não teria condições de arcar.

— Millie? — Pisquei freneticamente de modo a clarear meus pensamentos e focar minha devida atenção ao par de olhos verdes que me encaravam intensamente. — Mark trouxe algo importante e quero compartilhar com você, pois você é a peça primordial aqui.

Desconfiada, aceitei pegar os papéis de suas mãos. Ergui o olhar para seu advogado e o mesmo encorajou-me a ler o que estava escrito ali.

A princípio pensei estar lendo algum tipo de piada, algo que não poderia ser verdade. Contudo, fui me dando conta de que sim, aquilo estava realmente acontecendo e me vi atônita demais para raciocinar.

- Isso é...

- Legal. — Mark interrompeu-me e me voltei para ele. — Tudo está devidamente dentro da lei — reafirmou ele. — Você é a nova dona da Casa

Noturna *Night Star*.

As batidas velozes do meu coração deixaram-me desnorteada e disparei silenciosamente um olhar questionador ao Nathan, afinal, o que ele estava pretendendo? Diferente da confusão de emoções que eu sentia e que estava nítida em meu rosto, Nathan sorria sutilmente para mim. Ele era uma incógnita. Era um lobo vestido de ovelha, ou seria uma ovelha desgarrada?

Capítulo 5

Millie Evans

Eu ainda estava sentada quando o advogado do Nathan deixou a sala. Meus pensamentos voavam para vários lugares, mas eu não era capaz de raciocinar sobre nada. Eu estava confusa demais. Atordoada demais.

- Você está bem? — Nathan perguntou no momento em que parou ao meu lado. Ergui meus olhos e fixei-os em seu rosto. — Eu não estou planejando nada Millie, acredite em mim.

— Por que fez isso? — minha voz saiu em um murmúrio. — O que isso significa, afinal?

Ele se abaixou diante de mim, pendendo o peso do corpo sob suas pernas. Arquejei quando o seu perfume pungente penetrou em minhas narinas.

— Significa que eu quero você, Millie. Não percebeu isso ainda? Eu quero me redimir de qualquer maneira, quero voltar a ser merecedor do seu amor. — Sua mão repousou ousadamente em meu joelho. — Merecedor do seu corpo.

Seus olhos não deixaram os meus em nenhum momento e eu não pensei sequer em desviar o rosto. Estava hipnotizada. Estava confusa. Estava assustada com tanta coisa acontecendo em um intervalo tão curto de tempo.

— Me comprando? — acusei em voz baixa. — Acha que me dando a *Night Star* eu me renderei a você?

— Não. Mas ao menos você poderia me ouvir? Aceite jantar comigo, por favor, deixe-me contar sobre minhas reais razões.

Irritada e nervosa, eu o empurrei levantando-me subitamente.

— Nada do que você me diga amenizará a dor que me corrói por dentro Nathan — falei alterando o tom. Virei para ele com o indicador apontado. — Eu não tenho a minha mãe, minha única família de sangue é o meu pai e você o arrancou de mim — a ira escorria por minhas palavras. — Ele não fala mais, não anda, sequer tem emoções. — Meus olhos inundaram com lágrimas doloridas. — E a culpa é inteiramente sua. — Cerrei as mãos em punho ao

lado do corpo. — E nunca vou perdoá-lo por isso.

Virei-lhe as costas e mirei a porta, mas não fui rápida o suficiente, pois Nathan a bloqueou. Seus olhos me perfuravam com uma fúria avassaladora.

— Pare de apontar o dedo para meus erros! Pare de enxergar apenas o que lhe convém! Chega de esfregar suas feridas quando as minhas estão latejando durante anos, porra! — explodiu assustando-me. Dei alguns passos para trás. — Está lamentando pelo seu pai quando o meu foi arrancado de mim antes que eu nascesse! — gritou. — Eu fui criado por meu tio desde os meus dez anos de idade, sabe por quê? — Neguei com a cabeça, nervosa demais para falar qualquer coisa que fosse. — Por culpa do seu pai — acusou e franzi o cenho. — Cresci sem meus pais por conseqüência da arrogância e ganância do desgraçado do Joseph. Seu precioso pai é um monstro, Millie. Aceite você ou não!

Meu peito subia e descia freneticamente, eu estava entre o choque e o pânico.

— O-o que vo-você está dizendo? — Um soluço escapou por minha garganta, seguido de outro e outro e mais outro.

Ele veio até mim e segurou-me pelos braços, sua expressão tão perturbada quanto a minha.

— O que eu fiz foi para me vingar das atitudes dele contra a minha família quando eu nem mesmo era nascido. Eu não me arrependo do que eu fiz a ele, mas do que eu fiz a você. Estava tão cego pelo ódio e rancor, que não fui capaz de enxergar a beleza do seu amor por mim.

Novamente o empurrei, afastando-o de perto de mim. Minha cabeça latejava e pensamentos desconexos ameaçavam me enlouquecer. Nada daquilo fazia sentido.

— Isso é uma mentira deslavada — falei entre lágrimas enquanto passava as mãos em meu rosto. — O meu pai não seria capaz de fazer mal a sua família. Aliás, o que ele fez afinal? O que de tão sério ele fez?

Meu tom não deixou dúvidas de que eu não estava cem por cento de acordo com o que ele estava me dizendo. Aquilo não entrava na minha cabeça.

Ele riu de modo amargo.

— Ele assassinou o meu pai. — Senti que minhas pernas amoleceram e tive que buscar apoio na parede mais próxima. Abri a boca para falar, mas minha voz havia sumido. Eu estava vivendo em um pesadelo — pensei. — Eles eram sócios nos negócios quando meu pai descobriu que Joseph havia violentado a minha mãe em um dos jantares patrocinados pela empresa deles.

— Para de falar — sussurrei. — Isso é mentira... Só pode ser uma enorme mentira... — As lágrimas nublaram minha visão.

— Ela recém havia descoberto que estava grávida de mim — ele continuou a me torturar com aquela história de horror. — Depois do ocorrido, quase sofreu um aborto espontâneo em decorrência do ato agressivo, mas eu fui forte e resisti.

— Já chega! — Alcancei a porta com mãos trêmulas, mas novamente ele me impediu prensando-me sobre ela com seu enorme corpo. Colou seu rosto irado no meu. Seus olhos lacrimosos machucando-me com a intensidade deles.

— Seu pai já estava esperando o meu em uma emboscada — falou entre dentes. — Ele o assassinou e logo em seguida a minha mãe fugiu por medo de possíveis represálias. Ela passou dificuldades por um tempo, pois a nossa parte da sociedade ficou para trás, assim como os sonhos e planos que meus pais tinham — Minhas lágrimas eram abundantes e eu pressionava as mãos em seu peito para empurrá-lo, mas ele sequer se movia.

— Para Nathan... — implorei soluçando.

Ele ergueu o meu queixo e forçou nossos olhares.

— O. Seu. Pai. É. Um. Assassino! — sibilou pausadamente.

Mordi os lábios tentando evitar que os soluços escapassem da minha garganta, mas falhei na missão. Eu estava devastada diante de tudo o que tinha acabado de ouvir.

— Solte-me — pedi em um fiapo de voz. — Eu quero ir embora.

A contra gosto ele deixou-me livre de seu cerco e senti meu coração doer quando o encarei e enxerguei mágoa. Ele parecia tão ou mais perdido do

que eu.

— Não importa o que eu diga, não é? A sua opinião ao meu respeito sempre será a mesma — argumentou.

Eu estava de costas quando ele pronunciou tais palavras. Ainda podia ouvir as batidas frenéticas do meu coração.

— Não é justo pagar pelos erros de outra pessoa. — Abri a porta e virei o rosto na direção dele. — E você me fez sentir isso na pele quando na verdade apenas lhe ofereci o meu amor.

Saí de lá com a imagem do semblante abatido dele enquanto eu estava em pedaços.

Capítulo 6

Nathan Backer

A dor presente em minhas lembranças era quase insuportável e, todavia ameaçava transbordar do meu coração. Eu estava dilacerado por ter aberto a caixa do passado tão bem escondida dentro de mim.

"— Aquele homem destruiu as nossas vidas meu filho — disse minha mãe em um de seus diálogos repetitivos. Em meus primeiros anos de vida aquilo se tornou freqüente, uma vez que ela passou a sofrer de depressão depois da morte do meu pai. — Joseph Evans me assassinou junto com o seu pai..."

Fechei os olhos na esperança de espantar aquela imagem da minha mente, exonerar a visão dos olhos fundos e do corpo magro de minha mãe sobre a cama. Fraca demais para lutar pela vida. Covarde demais para ter lutado por mim. Na verdade eu não a julgo, pois a vida foi extremamente cruel com ela.

Balancei a cabeça em puro desânimo e logo avistei minhas chaves sobre a mesa. Eu não tinha mais nada o que fazer ali.

A dor em meu peito só não era maior do que a decepção em saber que não adiantava lutar pelo amor da Millie, aliás, será que ela ainda era capaz de me amar?

Em todos aqueles anos onde cresci com a semente da vingança cravada em meu peito, jamais permiti que qualquer sentimento bom alcançasse o meu coração. Nunca permiti que distrações me tirassem do foco principal e ao final foi justamente o que acabou comigo.

Millie havia se tornado a minha distração, porém acabou se tornando muito mais do que isso. E eu não sabia como fazê-la enxergar.

Meu telefone vibrou no bolso do paletó.

— *Fala Jared* — falei ao atender.

— *Você deu uma olhada no mercado das ações?*

Estalei os lábios enquanto caminhava para fora da Casa Noturna.

— *Não tive tempo hoje.*

— *Teve uma queda significativa. Você voltará ainda hoje para Londres?*

Cheguei até o carro e me ajeitei no banco do motorista. Meus olhos ainda ardiam devido às lágrimas.

— *Tentarei embarcar hoje mesmo* — respondi com firmeza, mas meu coração doía.

Millie não me queria mais em sua vida e eu respeitaria aquele fato, mesmo que aquilo me moesse em pedacinhos.

Millie Evans

Eu não sei como consegui dirigir até meu apartamento depois que saí da *Night Star*. Meu corpo todo tremia e eu mal me mantinha de pé.

As palavras do Nathan martelavam em minha mente e nada do que eu fizesse parava aquela tortura, era algo intenso e extremamente doloroso.

— Querida? — Elisabeth me interceptou assim que eu passei pela porta de entrada do apartamento. Sua expressão de alegria logo se transformou em preocupação ao analisar o meu estado. — O que aconteceu? O que fizeram com você?

Joguei-me em seus braços e me permiti ser confortada por ela naquele momento de desespero e dor. Eu não conseguia falar nada, apenas chorava.

— Menina? — insistiu segurando-me pelo rosto.

— Lauren está no quarto? — perguntei com voz embargada.

— Ela recebeu uma ligação e saiu logo em seguida — respondeu. — O que está acontecendo?

Segurei suas mãos e as beijei delicadamente.

— Eu vou ficar bem — falei com voz fraca encaminhando-me para meu quarto.

Eu sabia que Elisabeth estava falando comigo, mas sua voz estava longe demais. A minha mente havia se transformado em um casulo e nada era capaz de entrar ou sair. As palavras de Nathan pairavam como um mantra misturando-se com o nosso passado e com minha infância. Quem era o meu pai? Quem era Joseph Evans?

Entrei no meu quarto e fechei a porta atrás de mim. Joguei a bolsa sobre a cama e com agilidade arranquei minhas roupas e me arrastei até o banheiro.

Com o chuveiro ligado na ducha máxima deixei com que a força da água massageasse meus músculos tensos e doloridos. Minhas lágrimas deslizavam freneticamente e a dor em meu coração esmagava-me com intensidade.

"— O. Seu. Pai. É. Um. Assassino!"

Levei as mãos no rosto e em seguida enfiei a cabeça na água, desesperada em conseguir me livrar daquela voz que ecoava em minha mente deixando claro aquela história de horror. Eu queria me esconder, queria não ter escutado tudo aquilo. Tantas vezes pedi a ele que me explicasse os motivos que o levaram a fazer o que fez, mas no fim, preferia não ter descoberto. Poupar-me-ia aquela enorme decepção.

Longos minutos depois eu saí do banheiro com a toalha enrolada nos cabelos e o corpo envolvido em um roupão felpudo. Eu estava um pouco mais calma anestesiada do banho quente. Meus olhos estavam inchados e minha cabeça dolorida. Em todos aqueles meses em que Nathan e eu estivemos separados, nunca havia sentido tamanha dor. Doía-me por ele, por mim, por seus pais.

Eu estava revoltada com meu pai, comigo mesma por ter sido burra ao ponto de sempre deixá-lo me ludibriar. Irritada com Nathan por de alguma forma ter me usado como degrau para a sua escada de vingança. Afinal, como poderia saber se ele estava me falando a verdade? Quem me garante que aquela história era verídica realmente? Droga! Eu estava com muita dor e raiva acumulada dentro de mim. Precisava extravasar minhas emoções ou entraria em colapso. Ansiava por respostas, precisava saber.

Fui em direção ao meu roupeiro e decidi pôr um vestido leve. Sem peças íntimas.

Eu não precisaria tirá-las e aquilo me pouparia tempo quando estivesse diante dele...

Nathan Backer

Estava bebendo uma dose de uísque diante da sacada do quarto de hotel. Eu tinha confirmado junto à agência de viagem, o próximo vôo para Londres dentro de pouco menos de uma hora.

Guardei uma das mãos no bolso da calça e soltei um suspiro frustrado antes de esvaziar a taça de bebida. Eu estava cansado psicologicamente e sem forças para continuar tentando algo que infelizmente estava fora do meu alcance. Millie jamais me perdoaria e eu não tinha forças para continuar ao lado dela e não poder tocá-la.

Uma batida na porta me despertou das divagações e dispensei a taça sobre o aparador. Peguei minha mala e levei comigo, pois provavelmente era o *Bellboy*, responsável por carregar as bagagens dos hóspedes do hotel. Eu havia ligado mais cedo para a recepção informando-os.

Ao abrir a porta, meus olhos não acreditaram no que estavam vendo. Larguei a mala no chão e encarei Millie atônito. Ela estava com os cabelos úmidos e parecia tão ou mais destruída do que eu.

— Eu preciso saber de tudo! Prove-me que é verdade, pois isso não faz sentido algum.

Soltei um sorriso triste e abri um pouco mais a porta.

— O que eu disser a fará voltar para mim? Perdoar-me? Por que é disso o que eu preciso para poder viver Millie.

Em um impulso fui surpreendido pelos lábios famintos dela. Ela me empurrou e fechou a porta com o pé sem desgrudar nossos lábios. Eu podia sentir a sua excitação, mas havia algo errado nela também. Ela parecia fora de controle, como se estivesse agindo movida por uma forte emoção.

Em um pulo ágil, ela rodeou minha cintura com suas pernas e apoiei seu bumbum com uma das mãos e com a outra espalmei suas costas para mantê-la firme em meus braços.

Millie estava desesperada e mal me dava fôlego.

— Millie... — soprei contra seus lábios. — Millie...

— Cala a boca! — exclamou irritada. — Eu quero que você me foda... — Ela levou a boca ao meu pescoço e deslizou sua língua quente ali, sob minha pele.

Senti minha própria excitação perfurando-me através da cueca e por puro instinto esfreguei-me nela com força. Soltando o ar aos poucos voltei a colocá-la no chão e segurei seu rosto de modo a olhá-la nos olhos. Eu precisava entender o que significava todo aquele assalto.

— Por que está aqui? — perguntei e ela retirou minhas mãos do seu rosto. Em seguida arrancou o vestido ficando inteiramente nua diante de mim. Seus cabelos úmidos caíram pesados sobre os ombros — Millie... — O ar escapou dos meus pulmões e minha ereção latejou com força entre minhas pernas, reclamando por uma libertação. — O que está acontecendo com você? — insisti e ela se aproximou de mim, seus olhos quentes e luxuriantes. A pele do seu rosto estava extremamente avermelhada devido ao choro intenso das últimas horas. — Precisamos conversar! — lembrei-a.

Pegando-me desprevenido, não fui rápido o suficiente para me proteger de seu tapa de mão cheia em meu rosto. Voltei meus olhos para ela completamente assustado.

— Enlouqueceu? — intimei aturdido.

Em seguida fui atingido novamente, do outro lado do rosto. Irritado fui até ela e segurei suas mãos levando-as para trás de seu corpo. Ficamos grudados, seus seios sendo amassados por meu peitoral. Seu rosto corado sobre o meu. Havia ira. Havia agressividade. Havia luxúria.

— Eu quero que você me faça gozar.

Sequer conseguia explicar o quanto aquela declaração dela me surpreendeu. De todas as atitudes que ela poderia ter tomado aquela jamais passaria pela minha cabeça.

Com a respiração entrecortada levei a mão livre para seus lábios e quase gozei quando ela ousadamente chupou meu dedo indicador. Não havia emoção alguma em seus olhos, apenas tesão carnal.

Caminhei com ela até chegar à cama e a joguei sobre o colchão antes de cobrir seu corpo com o meu.

— Eu a farei gozar se é o que quer — falei chupando seu queixo sensualmente. — Várias e várias vezes — prometi.

Capítulo 7

Nathan Backer

Beber um copo de água depois de um longo período de seca! Essa era a sensação que eu estava sentindo ao ter Millie em meus braços e a minha mercê. Será que ela tinha consciência da beleza de seu corpo nu?

— Eu mantenho o seu quadro em meu quarto, sabia? — Eu me afastei para retirar minha camisa. — Adoro dormir olhando para ele. — Mordi meus lábios e desci o olhar até o meio de suas pernas semi-abertas. — Recordo-me de seus gemidos e de sua inexperiência. Isso me excita. — Massageei-me por cima da calça e ela seguiu meus movimentos com os olhos gulosos.

— Você se masturba pensando em mim? — quis saber, seu tom divertido traindo o espanto visível.

Abri a braguilha e logo deixei minha calça cair sobre meus pés. Decidi permanecer de cueca boxer.

— Sim — respondi com sinceridade.

Engatinhei até ela e parei diante de seu corpo.

— Abra as pernas para mim — pedi com autoridade no tom de voz. — Mostre-me o quanto a sua doce bocetinha está piscando pelo meu pau.

Vi que ela resfolegou e suas bochechas ruborizaram, contudo fez exatamente como eu ordenei.

Meus olhos brilharam diante de sua abundante excitação. Eu conseguia ver a umidade deliciosa em seu sexo e aquilo me enlouqueceu ainda mais e não fui capaz de frear o meu instinto selvagem. Mergulhei o rosto no meio de suas pernas abertas e passei a lamber e chupar a pele interna de suas coxas, negligenciando de propósito o seu ponto bem mais necessitado.

Ergui meus olhos e me deparei com Millie segurando um dos seios apertando o mamilo com força e delicadeza ao mesmo tempo. Aquela visão deixou-me extasiado.

Sua outra mão avançou em meus cabelos, soltando-o do pequeno elástico que o prendia para poder deslizar os dedos entre os fios.

— Quer a minha boca em você? — perguntei tocando seu clitóris

superficialmente com meu polegar, apenas para torturá-la.

— Sim — gemeu lindamente, os olhos fechados.

— Então olhe nos meus olhos e me peça — ordenei erguendo-me e ficando sob os joelhos.

Olhá-la na posição em que estava me inebriava demais. Seus mamilos túrgidos apontados em minha direção. Sua bocetinha rosada deliciosamente reluzente devido à excitação. Lambi meus lábios em êxtase. Eu a queria. Ansiava devorá-la.

Ela ficou me olhando confusa. Equilibrou-se sobre os cotovelos e lambeu os lábios secos. Ela parecia estar em uma mistura de sensações e emoções.

— Eu quero que você me chupe — pediu timidamente com os olhos fixos nos meus. Abriu suas pernas ao máximo para mim. — Eu quero gozar em sua boca e com o seu pau entrando e saindo profundamente em mim. Quero ser fodida com força e intensidade, ao ponto de amolecer as minhas pernas.

Engoli em seco. Eu não estava preparado para aquela resposta e não me agüentei em beijá-la com desespero e sofreguidão. Ela me surpreendia ao nível de deixar-me sem ar.

Abandonei sua boca e deslizei a língua por seu queixo e pescoço, saboreando o sabor de sua pele e inspirando seu aroma misturado ao seu perfume.

— *Minha criança*... — soprei em seu ouvido, mordendo o lóbulo de sua orelha logo em seguida e ela estremeceu de leve. Sua pequena mão agarrou a minha, levando-a ao meio de suas pernas. Eu ri de sua pressa. — Você está tão desesperada — sussurrei contra seus lábios, mordendo-os logo em seguida.

Não me fiz de rogado e massageei sua bocetinha com calma enquanto observava ela se contorcer abaixo de mim. Ela estava tão linda de olhos fechados e em êxtase.

— Olhe para mim — ordenei com certa agonia. Franzi o cenho e acelerei os movimentos dos meus dedos, lambuzando-os e penetrando-a com

eles. — Quero que saiba que sou eu a te proporcionar isso. Quero que veja que somente eu, obtenho total domínio sobre o seu corpo e seu coração.

Seus olhos semicerraram em minha direção, mas nada disse. Observei seus lábios serem castigados por seus dentes, assim como meus cabelos por suas mãos. O grito de libertação que escapou de sua garganta foi lindo e sequer desviei o olhar daquele espetáculo que era ela gozando em minha mão.

— Nathan... Nathan...

— Eu estou aqui. — Abocanhei um de seus mamilos com desesperado desejo.

Desci um pouco mais e novamente me vi diante daquele feixe de nervos tentador. Seu orgasmo escorria lento de sua entrada quente e acolhedora, não consegui esperar mais e logo estava com meus lábios ali. Lambi tudo enquanto Millie ainda lutava para se recuperar dos espasmos.

Ela retesou o corpo, porém firmei seu quadril sob seus protestos. Ela ainda estava sensível.

Avancei a boca em sua boceta com minha língua faminta. Eu jamais teria dela o suficiente, era capaz de passar a noite toda fazendo aquilo com ela, proporcionando aquele prazer a ela. Ouvir seus gemidos deixava-me satisfeito comigo mesmo, pois ao menos no sexo, eu a agradava.

— Já chega Nathan — gemeu. — Estou muito sensível... Eu não agüento mais...

Eu estava com a boca cansada, meu pau latejava dolorosamente enquanto babava desesperado, mas eu não queria parar. Ela tinha que sentir o quanto eu a desejava. Sentir o quanto eu idolatrava o seu corpo. Eu a venerava demais.

Arrastei a boca na parte interna de sua coxa assim que tive a certeza do seu terceiro orgasmo seguido. Lentamente subi com beijos molhados até sua boca e depositei um beijo singelo em seus lábios. Ela parecia exausta e sonolenta.

— Está cansada meu amor? — sussurrei ajeitando-me entre suas pernas abertas.

Suas mãos desceram dos meus cabelos até o meu traseiro, abaixando minha cueca o suficiente para liberar o meu pau. Sequer pausei o movimento penetrando-a facilmente e de uma vez só.

No primeiro momento tive que me concentrar para não gozar feito um desesperado, tamanha era a minha excitação ao senti-la tão quente e molhada. Pele com pele.

Meus quadris foram abraçados com suas pernas e ela arquejou quando eu me afastei e logo voltei a penetrá-la com um pouco mais de pressão dessa vez. Repeti aquele movimento algumas vezes, alternando o ritmo.

Apoiei o peso em ambos os braços, pairando sobre seu corpo. Esforcei-me para observar suas reações enquanto eu a fodia de maneira incansável.

— Posso fazer isso a noite toda — sibilei com a respiração entrecortada. — Eu não me canso de você.

Vi quando ela arqueou o corpo e seus músculos pélvicos apertaram-me. Rosnei em delírio pelo prazer alcançado. O quarto orgasmo dela chegou acabando com o resquício de forças que ela ainda tinha. O suor pingava de sua testa e seus olhos estavam fixos nos meus.

— Tire fora. — Ela pediu em um murmúrio. — Eu não estou tomando nenhum método contraceptivo.

Fechei os olhos lutando contra a delícia que era sentir a sua boceta quente apertando o meu pau com força. Eu não queria sair. Depois de tanto tempo ansiava desfrutar daquele prazer outra vez.

Instantes depois me derramei em sua barriga lambuzando-a. Com a respiração entrecortada e o coração aos pulos, observei o quanto ela parecia exausta na minha cama. Um sorriso satisfeito e arrogante brotou em meus lábios.

Subi o olhar ao seu rosto e peguei-a me observando em silêncio. Travei diante de sua seriedade cortante. Será que estava arrependida?

Cauteloso, me aconcheguei ao seu lado na cama e automaticamente ela se virou de costas para mim em um convite silencioso para dormirmos de conchinha.

— Quer tomar um banho? — perguntei em um sussurro beijando sua nuca. Ela gemeu baixinho. Meu braço enrolou-se em sua cintura e não resisti à tentação em fechar a mão em seu seio.

Ela não respondeu e percebi que já havia dormido.

Apesar de toda a adrenalina do sexo e do intenso orgasmo, eu me encontrava tenso. Sabia que Millie não estava bem, eu sabia que assim que ela acordasse, todo o momento que desfrutamos estaria arruinado e esquecido.

Funguei o nariz em seus cabelos, inspirando o seu precioso cheiro, deleitando-me com o prazer de outra vez tê-la em meus braços daquela forma tão íntima.

Meus olhos estavam cansados e pesados, mas lutei até o último momento para não sucumbir ao sono, mas infelizmente fui vencido por ele. Eu só queria que assim que eu acordasse, ela ainda estivesse ali para mim.

Um barulho de água corrente me despertou e no susto me sentei na cama.

Automaticamente meus olhos buscaram Millie ao meu lado, porém não a encontrei entre as cobertas. Eu ainda estava nu e com a pele sensível.

Joguei os pés para fora da cama assim que tomei consciência de que ela estava tomando banho. Verifiquei o horário em meu relógio de pulso depositado no criado-mudo e constatei que ainda eram 3hs23min da madrugada.

Caminhei até o banheiro e lentamente abri a porta. O Box estava fechado e respirei fundo antes de abri-lo.

Millie estava com as mãos espalmadas no piso enquanto a água caía forte em suas costas. Sua pele estava avermelhada. Desde quando ela estava ali?

— Millie? — Ela se voltou para mim. Seus olhos estavam chorosos, partindo o meu coração.

Fui até ela e a puxei contra meu corpo, acalentando-a com meu amor enquanto a água chocava-se em nossos corpos.

— Eu não consigo me conformar com tudo o que você disse sobre meu pai — falou. — Estou em pedaços diante do horror de descobrir o quanto meu pai é desprezível.

Apertei-a um pouco mais e deslizei as mãos em suas costas.

— Eu sinto muito meu amor.

Afastando o rosto ela me encarou decepcionada, e de modo lento desenhou meus traços com seus dedos.

— Sonhei tanto com o dia em que me chamaria de amor, sabia? — Ela riu triste. — Sempre quis que isso acontecesse. Que você me amasse.

Segurei seu rosto com ambas às mãos, desesperado em fazê-la sentir o quanto o meu sentimento por ela era real e verdadeiro.

— Mas eu a amo agora, aliás, sempre amei. Eu só não via isso.

Uma lágrima deslizou de seus olhos e ela voltou a se afastar de mim, saindo do Box.

Rapidamente saí e segui seus passos até o quarto. Ela havia enrolado uma toalha nos cabelos e vestia o meu roupão. Aquele mero detalhe me fez querer gritar de satisfação.

— Onde está a sua mãe? O que aconteceu com ela? — questionou-me sentando na cama. As mãos no colo.

Trinquei o maxilar e desviei do seu olhar indo até a janela iluminada pela luz da lua.

— Ela faleceu de insuficiência respiratória, ocasionada por uma de suas infinitas crises nervosa — respondi com voz baixa, lutando para controlar a intensidade das emoções que aquelas lembranças me remetiam. — Eu tinha dez anos, mas sofri junto com ela desde quando o meu pai foi morto. Ela nunca se recuperou, a depressão tomou conta.

— E como você pode ter tanta certeza de tudo o que me falou? Como sabe se essa história é real? Como sabe se aconteceu da maneira como me descreveu? — Havia pânico em sua voz, um desespero em encontrar uma certeza de que nada daquilo fosse verdade.

— Eu tenho provas documentadas — falei firme. — Ligações gravadas

onde Joseph ameaçava a minha mãe, caso ela ousasse vir a publico. — Virei para ela e a encontrei com pânico estampado nos olhos. — E, além disso, existe o meu testemunho como prova. — Minha expressão tornou-se obscura. — Eu convivi com ela por torturantes dez anos, acompanhei de perto todo o seu sofrimento. — Balancei a cabeça resignado. — Joseph arrancou os meus pais de mim.

O rosto dela se contorceu com novas lágrimas e fui até ela. Ajoelhei-me diante dela e abracei sua cintura.

— Eu sinto muito mesmo — sussurrou em lágrimas.

— Agora você entende o quão amargurado eu cresci? Consegue compreender a minha ira diante daquele homem? — perguntei. — Nada me deu mais prazer em enganá-lo daquela forma. Foram longos anos arquitetando um jeito de fazê-lo pagar pelo mal que ocasionou a mim. — A emoção ameaçava tomar conta dos meus sentidos. — O fiz acreditar que éramos irmãos, eu e você, bem antes de ele sofrer o AVC. Essa foi a maneira que encontrei para me aproximar dele. O quase inacessível Joseph Evans. — Revirei os olhos, enojado. — Fizemos um exame de DNA e o resultado foi obviamente forjado por mim. Ele queria um filho homem e o queria com a minha mãe.

— Oh, meu Deus! — Ela cobriu o rosto com as mãos, completamente em prantos.

Passei as mãos em seus joelhos e esfreguei-os por cima do roupão.

— Quando Joseph a violentou, ninguém além do meu pai, sabia da gravidez dela. — expliquei. — Justamente por isso que pude usar dessa tática, uma vez que havia se passado muito tempo. E ele não pareceu se importar com o possível fato de eu ter sido fruto de um estupro. — Ergui meus olhos e vi dor estampada em seus belos olhos chorosos. — Eu juro que não sabia de você, Millie. Eu nunca soube de você.

— Você foi cruel comigo Nathan. — A dor em suas palavras perfurou o meu coração. Peguei suas mãos e comecei a beijá-las freneticamente. — Foi omisso e canalha.

— Omisso? Por que eu falaria uma coisa dessas para você? Por acaso você me apoiaria contra o seu pai?

Ela se levantou e me encarou com fúria.

— É claro que não! — Soltei uma risada amarga. — Mas o obrigaria a devolver a parte nos negócios que ele roubou do seu pai.

Esfreguei o rosto bagunçando os cabelos no processo. Eles estavam úmidos.

— Isso não me pararia Millie — eu disse olhando-a com firmeza. — O meu prazer não veio em roubá-lo, mas sim, da decepção que vi estampada nos olhos dele quando percebeu que o golpe havia sido meu.

— Céus! — exclamou horrorizada.

— Estou sendo o mais sincero possível, já que você sempre me exigiu isso.

Ela suspirou e passou as mãos nos braços. Parecia indefesa e desprotegida. Meu desejo em acalentá-la era insuportável.

— Estou cansada — soprou com a voz fraca e embargada. — Amanhã conversaremos melhor.

Assenti com a cabeça e observei quando ela se aninhou entre as cobertas. Acomodei-me em uma poltrona perto da cama e ali permaneci. Ansioso demais para pegar no sono.

Capítulo 8

Millie Evans

Abri os olhos e pisquei algumas vezes até me dar conta de onde eu estava. Em poucos segundos a imagem do Nathan se fez presente em meu campo de visão e segurei o ar diante da emoção em vê-lo. Ele estava sentado em uma poltrona. Suas pernas dobradas e a mão no queixo davam-no um aspecto extremamente sexy e tentador enquanto me analisava.

Flashes do nosso momento de paixão abrilhantaram minha mente e senti minha pele se aquecer. Eu havia agido por impulso ao ir vê-lo. Havia sido ridícula em ter dado a ele justamente o que ele queria.

Irritada comigo mesma, me sentei na cama. Os olhos dele voaram para meus seios desnudos, mas sequer pensei em cobri-los. Eu gostava do olhar dele em mim.

— Que horas são? — questionei, sem me dar ao trabalho de saldá-lo com um bom dia.

Com um leve franzir de testa, ele verificou o horário em seu relógio de pulso.

— Vai dar oito horas — respondeu com a voz suave.

Joguei os pés para fora da cama e me segurei para não inspirar o cheiro dele que estava impregnado em minha pele nua. Varri o quarto em busca do meu vestido.

— Ele está aqui — Sua voz chamou minha atenção para si. E como se tivesse lido meus pensamentos, ele apontou para o pequeno sofá ao seu lado, meu vestido estava dobrado sobre o encosto.

Decidida, me levantei e sequer me importei com minha nudez aos olhos dele. Minha cabeça estava uma bagunça, sim, mas havia uma certeza em mim: Eu ainda o amava e desejava-o ferozmente.

Parei ao lado dele ignorando-o, mas fui impedida quando estiquei a mão para pegar o vestido, pois ele me segurou e com agilidade me jogou em seus braços. Sua boca logo avançou em meu mamilo que já estava enrijecido e arquejei ao sentir seus dedos atrevidos seguindo o caminho entre minhas pernas. O parei na mesma hora.

— Não! — Ele não pareceu notar o meu desconforto, então repeti com mais intensidade no tom. — Eu não quero!

Suas mãos afrouxaram e enfim eu pude me ver livre de seu agarre. Rapidamente peguei o vestido e o coloquei facilmente por sobre a cabeça. Nossos olhos se encontraram e notei o seu semblante em uma mistura confusa de emoções.

— Ontem você estava bem interessada — acusou enquanto ainda sentado, se firmava sobre os joelhos. Os olhos perturbadores nos meus.

— Eu estava, mas isso não significa que você voltou a adquirir direitos sobre mim — falei firme até demais. — Nos desejamos e isso é um fato.

Em um rompante eu estava outra vez nos braços dele. Sua boca pairando na minha.

— Nos amamos isso é um fato! — exclamou sobre meus lábios. E eu ri.

Deixei-o pensar que me tinha e logo o empurrei assim que avistei minha bolsa.

— Aonde vai?

O desespero em sua voz me fez olhá-lo.

— Para casa — respondi com um sorriso. A confusão nos olhos dele me fez querer beijá-lo. Lamber a dobra levemente franzida de sua testa. — Encontre-me hoje a noite no *Antoine's*. Conversaremos sobre nós e sobre o que faremos sobre o que me contou.

Com o maxilar trincado ele se aproximou de mim.

— Ao menos me deixe levá-la. — Seu olhar desceu em meu corpo. — Você está nua dentro desse vestido — alertou, não se dando ao trabalho de esconder o ciúme.

— Até mais tarde.

Virei-lhe as costas e saí do quarto. Meu coração idiota aos pulos. Felizmente consegui simular indiferença diante dele. Ao menos eu tinha feito um ponto. Ele havia ficado atônito.

Apressei os passos quando eu desci do elevador no hall de entrada do Hotel luxuoso. Lembro-me de que não fazia idéia que Nathan estava

hospedado ali, foi necessário ligar para seu advogado cujo número de telefone estava na pasta dos novos documentos da *Night Star*. Céus! Eu havia me tornado a nova dona da Casa Noturna. Constatar aquilo me deixou sem ar.

Respirei profundamente assim que saí do enorme prédio. No impulso levei a mão na minha bolsa em busca do meu maço de cigarros enquanto caminhava em direção ao estacionamento onde havia deixado o meu carro. Eu não era uma viciada, apesar de me sentir calma cada vez que fumava. Era algo recente.

Droga! Resmunguei e joguei o cigarro na primeira lixeira que encontrei no caminho. Levei a mão aos lábios e suspirei em êxtase. Não queria perder o sabor do Nathan ainda presente em minha boca.

Nervosa, entrei no meu carro e fechei os olhos para tentar apaziguar as sensações intensas em meu corpo. Minha respiração entrecortada e o coração batendo em descompasso.

Peguei o celular e disquei para a Lauren, mas seu telefone estava desligado. Franzi o cenho diante daquilo. Na noite anterior nós não havíamos nos visto em decorrência de sua saída misteriosa. Será que Paolo estava em Nova York?

Fiz uma breve ligação para Elisabeth que estava desesperada pela minha demora, ainda mais depois do estado em que eu havia saído de casa na noite anterior.

— *Daqui a pouco estarei em casa Beth. Eu estou bem.*

Com a voz chorosa ela disse que estava me aguardando com um delicioso café.

Encerrei a ligação sorrindo, mas sentindo-me culpada ao extremo. Beth sofria com minha ausência e preocupava-se com meu bem estar.

Ainda com o telefone em mãos, liguei para Leslie. Eu precisava desabafar com alguém ou enlouqueceria.

A ligação caiu na caixa de mensagens.

— *Argh!* — exclamei com frustração. — Nem Lauren, nem Leslie. — Revirei os olhos bufando.

Liguei o carro na ignição e acelerei para a rodovia. Rapidamente

verifiquei o horário e decidi passar na casa da Leslie para contar-lhe as boas novas. Ela mais do que ninguém sabia o quanto eu me dedicava a *Night Star*.

Liguei o rádio e me concentrei na letra da música dispersando assim os meus pensamentos atribulados.

Longos minutos depois cheguei ao *distrito de Queens*. Leslie morava de aluguel, porém isso não a impedia de viver loucamente. Ela não fazia planos de crescer na vida. Queria apenas viver.

Estacionei o carro e logo desci. Ao atravessar a rua voltei a discar seu número.

— *Millie!* — a voz estridente ecoou do outro lado da linha. — *Você me ligou?*

— *Sim*, *eu liguei* — respondi com um sorriso aliviado. — *Estou na frente da sua...*

Calei-me no momento em que a porta de sua casa foi aberta e ela saiu praticamente enganchada em um cara. Meu rosto se tornou rubro e me obriguei a desviar o olhar. Surpresa e confusão estampavam o meu semblante diante daquela cena. Em pouco mais de seis meses de amizade, eu jamais tinha visto ela com alguém. Leslie era muito reservada e com um estilo meio diferenciado para relacionamento, justamente por isso havia sido expulsa de casa, seus pais descobriram que ela era bissexual.

— Millie?

Sem jeito e com um sorriso tímido me voltei para os dois quando Leslie notou que eu havia encerrado a ligação e que estava em sua frente. Porém, nada me preparou para o que eu veria diante de mim. Choque misturado à incredulidade me abateu com força naquele momento.

— Adam?

O sorriso de Leslie tornou- se tão surpreso quanto a minha reação.

— Vocês se conhecem? — ela quis saber com desconfiança.

Adam beijou as mãos dela e logo veio até mim com um enigmático sorriso.

— Eu não fazia idéia de que voltaríamos a nos encontrar Millie — sussurrou ele em meu ouvido quando me abraçou. Leslie nos encarava com a

testa franzida e eu me sentia extremamente desconfortável.

— Adam era funcionário do meu pai em Londres, Leslie — eu disse olhando-a de relance. — A última vez que o vi, ele ainda estava lá — argumentei encarando-o com suspeita. Ele estava me perseguindo? Quase ri daquele pensamento... Era ridículo!

— Eu havia falado a você que tinha conseguido uma boa oportunidade de emprego graças à indicação de um amigo — respondeu com a voz suave. Analisei-o cautelosamente, ele estava diferente. Malhando, talvez? Sim, pois seus braços estavam maiores. Seus cabelos cresceram consideravelmente, apesar de não chegar ao ponto de amarrar como os do Nathan. Ah, Nathan... Não consegui frear o calor que tomou a minha pele ao me recordar do nosso recente momento.

— Isso é muito bacana — falei abrindo um sorriso. Eu gostava dele, sempre havia sido um bom amigo. Aproximei-me da Leslie e a cumprimentei com um beijo no rosto, ansiosa demais para descobrir como e desde quando se conheciam. — Fico feliz que as coisas deram certo para você — desejei sincera.

Ele voltou a sorrir daquela maneira diferente que sempre me causava um desconforto.

— Estou alcançando os meus planos sim. — Sorriu ainda mais.

De soslaio vi o brilho nos olhos de Leslie. Céus! Ela estava finalmente apaixonada.

Capítulo 9

Nathan Backer

A minha cabeça estava fervilhando desde o momento em que Millie havia invadido o meu quarto de hotel. Eu estava confuso, sentindo-me vulnerável ao extremo.

Obviamente que eu não era ingênuo em pensar que ela simplesmente havia me perdoado, pois aquilo não seria alcançado com uma simples noite de sexo. Mordi os lábios e fechei os olhos diante do calor das lembranças do nosso momento. Mulher alguma foi capaz de me desestabilizar como ela. Nenhuma outra me fez e faz desejá-la com tamanha intensidade e força. Millie era única. E voltaria a ser completamente minha e de mais ninguém.

— *Era para você estar aqui Nathan* — a voz de Jared, meu assessor, soou irritada do outro lado da linha. —*Você tem compromissos a cumprir e investidores para orientar. Faz três dias desde que viajou para Nova York e mais de 10 reuniões foram remarcadas* — argumentou. —*Você sabe o quanto foi difícil conquistar a confiança daqueles espanhóis filhos da puta, e bem quando eles decidem se reunir conosco para escutar nossas propostas você some?* — A frustração dele era palpável. — *Seria a nossa melhor negociação do ano, você tem noção do que perdemos? Aliás, do quanto que nós perdemos?*

— *Eu não perdi nada* — falei enquanto avistava Millie acomodada sensualmente diante de uma mesa no restaurante em que havíamos marcado.

— *O que você...*

— *Vou desligar Jared, depois nos falamos.*

Encerrei a chamada ouvindo os resmungos dele, mas pouco estava me importando com a empresa e suas negociações. O meu foco era da Millie é nada e nem ninguém obtinha o poder sobre minha atenção como ela.

Agradeci ao *maître* e fui até a mesa reservada a passos lentos, porém firmes. Millie assim que me viu, passou a acompanhar meus movimentos com atenção redobrada. Ela estava com um vestido vermelho, seus cabelos soltos em uma cascata deslumbrante. Seus lábios rosados davam o destaque em sua maquiagem simples, porém delicada. Millie sabia ser discreta e elegante. Rapidamente analisei o ambiente e constatei com malícia que

estávamos em uma área fechada. Éramos somente nós dois ali. Lembrei-me dos pequenos espaços na casa noturna *Night Star*, quando armei para encontrá-la no evento do *Valentine's Day*. Um sorriso atrevido invadiu meus lábios sem que eu pudesse impedir.

— Qual o motivo do sorriso? — ela quis saber assim que parei diante da mesa e tomava meu assento.

— Apenas gostei da idéia — Apontei ao redor reforçando o que queria dizer. —A privacidade por vezes é muito bem vinda.

— Eu não me lembro de você apreciar a privacidade Nathan — Suas palavras escorriam sarcasmo. — E por vezes vinha acoplada a vulgaridade.

Recostei na cadeira e a encarei com cautela. A agressividade ainda estava ali — observei com desgosto. Mesmo após a minha confissão, mesmo eu tendo rasgado o meu coração ela parecia não querer me ouvir. Estava reclusa em amargura. Balancei a cabeça para aquele pensamento, pois outrora era eu a estar naquela situação.

— Você tem razão — falei abrindo a garrafa de vinho e servi uma taça apenas para mim, pois ela já estava bebericando algo. — Tudo vai do momento e da ocasião. — Sorri abertamente. — Agora, por exemplo, estou adorando o fato de que posso a qualquer momento deitá-la sobre essa mesa e fode-la como você gosta sem que ninguém nos interrompa. — levei a taça de vinho à boca e lambi a borda da mesma sem deixar de encará-la. —Você aprovou a idéia não é? Consigo perceber o quanto está se contorcendo sobre a cadeira. — Curvei- me e lambi os lábios ao analisar os dela entreabertos. Seu rosto corado me excitando tremendamente. — Aposto que sua calcinha está toda molhadinha — sussurrei.

— Não estou usando calcinha — ela revelou, em seguida riu do meu espanto. — Feche a boca querido, embora seja adorável vê-lo boquiaberto. — Eu sequer consegui formular qualquer frase que fosse diante daquilo. Ela havia me pegado de jeito.

Vi o momento em que ela fez sinal para alguém atrás de mim e logo vi o garçom retornando no caminho e fechando a porta atrás de mim.

— Parece que foi ontem não é mesmo? — Ela chamou minha atenção para si outra vez. — Pouco mais de um ano desde o dia em que você me levou para jantar e me propôs uma relação diferenciada. — Ela sorriu

amarga. — Eu era tão ingênua. Foi por isso que você me quis? Ou foi desejo de se envolver com uma virgem?

Engoli em seco. Ela estava completamente fechada em uma armadura impenetrável de autoproteção.

— Confesso que a sua ingenuidade me excitou — falei analisando sua reação. — Depois foi se tornando como em um jogo de videogame, na medida em que ia avançando, eu necessitava conseguir mais e mais de você...

— Até o ponto de eu me apaixonar — ela me interrompeu com fúria controlada.

— Eu também me apaixonei. — quis deixar claro.

Ela riu com sarcasmo puro.

— Eu consegui ver nitidamente o seu amor dentro da garganta da Verônica, Nathan.

Travei o maxilar e tomei o restante do meu vinho. Estava nervoso.

Ela se ajeitou na poltrona e me encarou com intensidade cortante.

— Eu queria ter o poder de odiá-lo por tudo o que me fez Nathan — confessou e eu quis contestá-la, mas ela ergueu a mão pedindo para eu continuar ouvindo. — Infelizmente eu não tenho esse poder e já não faz mais sentido esconder de mim e de você. Eu ainda o desejo e isso é um fato.

Um sorriso arrogante invadiu meus lábios.

— Não serei hipócrita em dizer que não me alegro em ouvir isso — falei divertido e ela sorriu.

— É claro que você se alegra, afinal de contas, sempre foi o que você queria não? Ter-me nas mãos?

— Não da maneira que você está julgando. — Franzi o cenho. — Bom, talvez no começo, mas...

— Mas depois você se apaixonou e blá blá blá.

Interrompeu- me e me senti ridículo diante de seu tom agressivo.

— Que porra você pretende com isso, Millie? — Gesticulei ao redor outra vez. — Me trouxe aqui para me ridicularizar? Eu já não deixei claro o que me levou a agir da maneira que agi?

— Eu não quero falar sobre seus motivos — disse séria. — Quero falar sobre nós — Cruzei os braços e aguardei. — Podemos voltar a nos relacionar se é isso o que quer. Você quer? — Os lábios dela remexiam sensualmente.

Engasguei com a própria saliva e me inclinei na mesa buscando suas belas mãos.

— Você vai voltar para mim? — Amor aquecia meu coração diante daquela possibilidade. Ela assentiu com a cabeça.

Ameacei levantar e dar a volta na mesa, mas sua voz de comando me fez frear meus instintos.

— Aceito com uma condição, por favor, sente-se. — Arqueando as sobrancelhas fiz como ela quis e aguardei que continuasse. — Não haverá sentimentos no meio, apenas sexo.

— O quê? — questionei atônito.

— Eu só quero o prazer que você é capaz de me proporcionar. — ela continuou com aquela loucura. — Nada de emoções afetivas, não precisaremos disso em nossas futuras loucuras.

— Futuras loucuras? — Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Eu quero que você me estimule como costumava fazer, quero retornar ao grupo *Veiled*... Experimentar sexo com outras pessoas e...

— Sexo com outras pessoas?

— Você está ouvindo o que estou falando? — irritou-se.

Levantei-me e espalmei as mãos na mesa.

— E você? Está se ouvindo?

— Eu não entendo o motivo de tamanha ofensa, uma vez que você já havia feito essa mesma proposta a mim antigamente.

— Foi diferente — contrapus.

Ela riu sem humor.

— Diferente porque era você quem obtinha o poder.

— Suponho que agora você o detém?

Ela riu maliciosa.

— Aposto que não está se agüentando com o desejo de me tocar — falou me desarmando. —Está ansiando sentir a abundância da minha excitação. — Mordeu os lábios. —Minha pele aqui em baixo está lisa e molhada. Você quer senti-la?

Meu pau latejou e nada foi capaz de me parar antes de dar a volta naquela mesa e me ajoelhar diante dela. Abri suas pernas com desespero e arquejei ao vê-la nua diante dos meus olhos.

— Oh, Nathan... — Gemeu quando mergulhei meus lábios lá. Sua excitação enlouqueceu-me. Ela sempre fora sensível.

— Deliciosa... — Abocanhei seu clitóris e ela deu um leve gritinho.

— Eu quero a minha parte nos negócios do meu pai — disse e ergui os olhos para ela. — Seremos sócios e amantes. — Meu coração batia descompassado é um sorriso ameaçou abrir em meus lábios, mas parou ao escutar suas palavras a seguir. —Você deverá ficar apenas comigo, contudo eu serei livre para ficar com quem quiser.

Levantei-me em choque.

— Está louca?

Desesperada ela se levantou e veio até mim. Sua mão deslizou ao meio de minhas pernas e sutilmente apertou minha ereção.

— Nada mais do que justo — disse com dissimulação. — Nosso envolvimento será algo superficial, mas para ter a mim você terá que seguir as regras.

Afastei- me de suas mãos gulosas e, atônito dei passos para trás.

— Sente-se, por favor. Jantaremos enquanto você pensa e absorve minha proposta — disse ela apontando para a mesa atrás de nós.

Eu estava furioso com ela. Furioso comigo por ainda continuar ali. Quem ela pensava que eu era?

Virei às costas e rumei em direção à porta, porém ela não me seguiu como pensei que faria. Assim que voltei a encará-la, ela continuava no mesmo lugar. Olhando-me como uma deusa e eu, um mero súdito.

Eu poderia fazer isso — pensei. Iria deixá-la dia e noite satisfeita ao

ponto de não procurar outro. E eu me tornaria o único na vida dela, como sempre deveria ter sido.

Respirando ofegante e contrariado, caminhei até ela e enganchei minha mão em seu pescoço, forçando sua cabeça para mim. Ela fechou os olhos brevemente.

— Mesmo que diga ao contrário, o meu pau será o único a fode-la — frisei com irritação controlada. — Está me ouvindo? — Ela abriu os olhos luxuriosos e me olhou com um sorriso enigmático. — Se for para dividi-la será com minha supervisão e inteiramente para o nosso prazer.

— Adoro vê-lo com ciúmes, sabia? — disse deslizando as mãos em meu peito e lambendo os meus lábios. Instantes depois ela apertou minha insistente ereção. — Já pensou se o garçom aparecesse aqui e me pegasse de joelhos diante de você com seu pau na minha boca? — Arregalei os olhos e enxerguei um brilho devasso no rosto dela. O que houve com a Millie recatada?

— É isso o que quer? — questionei abrindo a minha braguilha e ela seguiu meus movimentos. — Pegue-o, pois ele é seu por inteiro.

Ela arquejou e caiu sobre os meus pés. Amoleci as pernas com a visão que tive do alto. Os pequenos lábios cobrindo o meu pau com delicadeza e fome.

Céus! Ela me tinha em suas mãos.

Capítulo 10

Millie Evans

Duas semanas haviam se passado e minha vida estava uma loucura como há muito tempo não ficava. Meus dias tornaram-se tumultuados e o que estava mantendo-me relaxada era o meu tempo com Nathan.

Eu já não me sentia envergonhada diante daquele sentimento e nem dos meus desejos desenfreados por ele. Obviamente que as coisas mudaram dentro de mim depois que tivemos aquela conversa sobre o passado. Ouvir tudo aquilo me deixou desnorteada e no fundo eu ainda ficava magoada ao me recordar de tais atrocidades. Como aceitar aquilo?

— Você está com fome?

A voz do Nathan se fez presente e eu ergui a cabeça de seu peito para olhá-lo. Estávamos em um longo silêncio e exaustos do sexo selvagem que havíamos feito.

— Não — respondi em um murmúrio. Minha respiração ainda estava falhando. Ele resmungou qualquer coisa e voltou a massagear minha cabeça entrelaçando os dedos em meus cabelos. — Você sabe o que aconteceu com Lauren e Paolo? — perguntei.

Ele não respondeu de imediato.

— O que eu sei é que Lauren sumiu de Londres. Ela procurou você?

Revirei os olhos e logo rolei para o lado.

— Não subestime a minha inteligência, Nathan. É óbvio que você sabe de tudo. Duvido que não saiba que eu estava hospedando a Lauren em meu apartamento.

Ele riu e o encarei.

— Não cabe a eu julgar a relação deles, não quando ainda estou lutando pela nossa.

As batidas do meu coração deram uma acelerada abrupta. Eu lutava para acreditar quando ele se declarava, mas ainda era difícil.

— A nossa relação é diferente Nathan. Não tem nada a ver com a seriedade de Paolo e Lauren.

— Então a nossa relação não é séria para você? — questionou magoado.

Revirei os olhos e ameacei levantar da cama, mas sua mão se fechou em meu braço.

— Nós já havíamos conversado sobre nós — sibilei. — Nosso envolvimento é carnal, apenas sexo e fim. — Minha frieza sobressaia-se em minhas palavras.

O corpo dele juntou-se ao meu e, sua boca avançou em minha orelha. Arrepiei-me com o contato de sua barba em minha pele sensível.

— Isso é você se enganando. — Meus lábios se abriram em um sorriso.

Desvencilhei-me de suas mãos possessivas e me levantei.

— Vou tomar um banho antes de ir, está bem? — Os olhos dele outrora presos em meu corpo nu, subiram ao meu rosto, alarmados.

— Como assim? Você está indo embora? — Assenti enquanto procurava minhas roupas espalhadas pelo quarto do seu apartamento. Ele o havia adquirido recentemente.

— Amanhã é a inauguração da *Night Star* Nathan — expliquei. — Preciso acordar cedo para garantir que tudo saia como o planejado.

Segui para o banheiro com ele em meu encalço, resmungando.

— Mas eu acabei de chegar de viagem — queixou-se. — Foram longos dias sem vê-la. Você já se contentou com míseras horas?

Olhei divertida para ele.

— Eu estou com você desde as oito da manhã, Nathan. E ao que parece, o sol já se pôs há bastante tempo.

Ele me prensou contra o piso gelado do Box e ligou a ducha.

— Mas nós ainda não inauguramos cada canto desse apartamento — reclamou esfregando-se em mim, sua ereção sobre a minha barriga. — Não conversamos sobre nossos planos...

Arquejei diante das carícias que ele estava me proporcionando ao me ensaboar sensualmente.

— Não há pressa — sussurrei.

— Eu já perdi muito tempo, Millie — Seu olhar me queimou pela intensidade. —Quero tê-la a cada segundo dos meus dias — soprou contra meus lábios.

Engoli em seco.

— Você irá à Inauguração amanhã? — perguntei mudando de assunto propositalmente e ele suspirou frustrado, mas não retrucou.

— Estarei lá — respondeu. Sua mão desceu e estagnou entre minhas pernas. — Pretendo foder você naquele casulo. Sonho com isso desde o evento do *Valentine's Day*.

— Seu Cafajeste. —Fechei os olhos absorvendo as reações deliciosas que meu corpo estava sentindo.

Os lábios dele vieram ao meu ouvido:

— Pecaminoso é o meu sobrenome, *minha criança*...

Arrepios me deixaram amolecida ao ponto de ter que me firmar em seus ombros ou eu desfaleceria.

♥

— Deixe-me levá-la — Nathan pediu assim que me aproximei do táxi. Eu havia decidido não ir dirigindo quando ele me ligou mais cedo para encontrá-lo. — Quero ter certeza que você chegará bem e segura.

Revirei os olhos diante daquele exagero.

— O que aconteceu com o segurança que contratou? — indaguei sarcástica e abri a porta do carro. — Boa noite. — Beijei levemente seus lábios e não dei tempo para ele continuar aquela insistência.

Através do vidro da janela observei ele guardar as mãos nos bolsos. Seus cabelos soltos balançavam com a leve brisa noturna dando-o um ar ainda mais sexy. Nathan era magnífico. Um belo exemplar de homem.

Seu semblante estava contrariado. Sem dúvidas que ele não estava satisfeito com o estilo de relacionamento que eu propus a nós. Mas infelizmente aquele jeito foi o único que encontrei para tentar enxergar os verdadeiros sentimentos dele por mim.

Levei alguns minutos para chegar em casa. O relógio marcava

21hs24min quando entrei em meu apartamento. Estranhei o silêncio, pois Elisabeth não costumava ir dormir cedo.

Meu celular vibrou na bolsa e ao pegá-lo constatei que se tratava de uma *sms* da Lauren.

“Não se preocupa comigo, estou bem.”

Irritei-me ao extremo diante daquilo. Como ela poderia estar bem se estava agindo como uma fugitiva? Droga! Ela havia saído no mesmo dia em que Nathan e eu conversamos na casa noturna *Night Star* e depois não retornou ao meu apartamento. Eu estava preocupada com ela, pois não sabia o que havia acontecido.

— Beth? — chamei enquanto caminhava pelo apartamento. Estava exausta! Nathan conseguia acabar com minhas energias. — Beth? — Voltei a chamá-la, estranhando aquele silêncio.

Nervosa, segui para o seu quarto e abri a porta com suavidade. Ela estava aninhada entre as cobertas e notei de longe que estava soluçando.

— Beth? — Me aproximei da cama cautelosamente. Beth estava chorando.

— Eu estou com medo — choramingou. — Aquele homem quer me fazer mal...

Franzi o cenho e me aninhei junto a ela. Eu estava preocupada e assustada. Aquilo nunca havia acontecido, apesar de ela sempre demonstrar uma angústia a cada vez que eu demorava a chegar em casa. E foi justamente o que aconteceu — pensei culpada. — Eu havia passado o dia todo com o Nathan.

— Eu estou aqui Beth, não deixarei ninguém fazer mal a você — sussurrei acariciando os cabelos dela.

Ela estremeceu quando a toquei, mas logo se acalmou quando me viu.

— Você não o conhece menina — disse ela virando o corpo para mim. Bati em meu colo para que ela deitasse a cabeça em minhas pernas. — Ele é um homem ruim... Ele é ruim...

Senti-me muito angustiada com aquelas palavras e um tanto quanto confusa.

— E quem é esse homem, Beth? Ele foi o seu marido? Seu irmão, talvez?

Ela permaneceu em silêncio, o corpo tendo espasmos devido aos tremores do pânico.

— Você lembra-se do rosto dele? Sabe me dizer o que aconteceu com você no passado? — insisti.

— Eu ficava presa... Fui castigada por algo, mas eu não lembro, eu... — Ela cobriu a cabeça com as mãos e gemeu de dor.

— Calma. Não se preocupe! — Beijei-a com amor. — Eu estou com você, perdoe-me se demorei.

Ela me abraçou e carinhosamente passei as mãos em seu rosto e cabelos. Elisabeth havia ocupado um lugar importante na minha vida. Eu sabia que era egoísmo da minha parte, mas no fundo torcia para que nenhum parente seu a encontrasse, pois significaria a sua partida.

♥

O dia amanheceu e com ele o meu nervosismo e ansiedade. Todas as modificações na Casa Noturna haviam sido feitas com excelência e qualidade. Nathan era um maravilhoso administrador eu tinha que concordar, o cara tinha o tino para os negócios. Transformar o lugar em um espaço gastronômico aliado a uma boate havia sido uma jogada de mestre — pensei.

Na medida em que as horas avançavam, a correria aumentava. Todos os funcionários antigos continuariam até mesmo Dominique. Ela não reagiu muito bem quando soube que eu seria a chefe, mas foi obrigada a engolir em seco. Aquela época do ano não estava colaborando para os desempregados.

Dispersei meus pensamentos e outra vez suspirei frustrada por mais uma ligação para a Lauren ter caído na caixa postal. Ela não me retornava e eu já estava começando a me desesperar. Beth não sabia me dizer com quem ela havia conversado pelo telefone antes de sair do apartamento na última vez. Provavelmente ela saiu para se encontrar com alguém, e seja o que tenha sido discutido, esse encontro mexeu com a mente de Lauren.

Verifiquei o horário e resolvi me agilizar, precisava começar a me arrumar ou não chegaria a tempo. Olhei para a cama e sorri ao analisar o vestido que eu usaria na inauguração daquela noite. Era curto, mas elegante.

Nathan ficaria louco de tesão. Um formigamento atravessou minha pele e quase me contorci com a expectativa do olhar dele sobre mim. Aquele homem me tinha como nenhum outro.

Sorri abertamente quando o meu celular vibrou em minhas mãos com um *SMS* dele. Ele passou o dia me ligando, mas não o atendi nenhuma vez sequer.

"Porra! Por que não me atende? Que horas você vai? Posso passar aí para te pegar?" RESPONDE!

Revirei os olhos para as suas maiúsculas gritantes.

"Irei sozinha;)"

Soltei uma risadinha satisfeita e abandonei o celular na penteadeira e ameacei ir para o banheiro, mas o toque alto do aparelho de telefone me parou. Peguei o mesmo, pronta para esculachar o Nathan e sua insistência, mas travei ao ver que era uma ligação do Benson.

— *Alô* — atendi com as mãos tremulando.

— Olá, pequena fênix — a voz continuava suave e arrepiante. — *Então você é a mais nova empreendedora de Nova York?*

O tom divertido amenizou o meu desconforto.

— *Você sabe* — falei. — *Está por dentro de tudo.*

Ele soltou uma risada leve.

— *As notícias voam como bem sabe...* — Revirei os olhos. — *Me desculpe pelo furo em nosso encontro no Valentine's Day, mas fiquei preso em uma reunião extremamente chata.* — Sorri enquanto me recostava na penteadeira. — *Porém, adoraria acompanhá-la hoje à noite em sua estréia... Saiba que estou com vontade de vê-la.* — A rouquidão de sua voz nas últimas palavras me arrepiou.

Analisei o que ele havia acabado de dizer e mordi os lábios.

— *Vou mandar meu endereço para você* — falei de uma vez ou perderia a coragem. — *Estarei pronta às 19hs.*

— *Mal posso esperar para estar diante de você outra vez minha*

pequena fênix.

Encerrei a chamada com o coração aos pulos. No fundo eu sabia que estaria em apuros ao tomar aquela decisão. Certamente que Nathan não ficaria feliz em me ver chegando com Benson, mas a adrenalina corroía-me por dentro ao imaginar a reação dele.

Capítulo 11

Millie Evans

Ao sair pela porta do prédio em que eu morava, meus olhos varreram ao redor e se detiveram em um homem elegante um pouco mais adiante. Embasbacada com a visão, minha boca se abriu, e ficou aberta, enquanto eu via aquele homem lindo, vestindo um terno na cor branca. Benson estava recostado sobre seu carro enquanto permanecia de braços cruzados. Seu sorriso aberto se fez presente em seus lábios assim que me viu e ele lentamente atravessou a avenida para vir ao meu encontro.

Fiquei constrangida, lembranças de um passado não muito distante pipocando em meus pensamentos.

— Boa noite - saldou-me. — Você não mudou nada — observou. — Continua linda.

Seu tom rouco só não foi mais intenso do que o seu abraço, onde ousadamente deslizou as mãos em minhas costas, estagnando as mesmas acima do meu quadril.

— Obrigada. — Dei um sorriso trêmulo quando nossos olhares voltaram a se encontrar. — Você também não mudou nada.

Ele assentiu sutilmente e ofereceu o braço para que eu me juntasse a ele.

— Você está aqui a serviço ou a passeio? — questionei-o enquanto ele nos direcionava até o seu carro.

Abrindo a porta do carro para mim, ele respondeu:

— Vim pelo prazer. — Piscou sedutoramente e eu me arrepiei.

Enquanto aguardava ele dar a volta no carro, inspirei o seu perfume que pairava no interior do mesmo. Benson sempre me fascinou pela sua vaidade e elegância.

Instantes depois ele se acomodou no banco do motorista e me encarou:

— Tenho certeza de que hoje não conseguirei conversar tranquilamente com você, mas podemos nos encontrar amanhã? — perguntou. Os olhos intensos sobre os meus.

Nathan invadiu meus pensamentos e sentidos. Vi-me estalando os dedos em nervosismo e ele riu.

— Está tudo bem. — Sua mão apertou a minha com delicadeza. — Eu ficarei em Nova York por mais alguns dias. — Seu sorriso não me deixou dúvidas sobre suas intenções.

Arrepios invadiram meu corpo dos pés a cabeça.

♥

Minutos depois e de muitas risadas, Benson estacionou o carro em frente à Casa Noturna. Apesar da leveza da conversa com Benson, a tensão voltou a se instalar em meu corpo e piorou no momento em que Nathan desceu do carro ao lado. O corpo dele estava aparentemente tenso e seus olhos furiosos em nossa direção.

Benson se aconchegou ao meu lado assim que notou a presença do Nathan.

— O que você está fazendo com esse cara, Millie? Foi por isso que não quis vir comigo? Você preferiu a presença dele a minha?

O rancor ultrapassava a raiva. Senti-me ainda mais nervosa com aquela situação.

— Se você preferir eu irei embora, Millie — Benson comentou. E circulou minha cintura com a mão.

Nathan ameaçou se aproximar com suas mãos em punho.

— Tire suas mãos dela! — Rosnou.

— Fique onde está. — Apontei o indicador na direção dele. — Eu sou livre para estar com quem eu quiser — lembrei-o do ponto crucial do nosso relacionamento. — E hoje, estou com o Benson!

Os olhos dele soltavam faíscas sobre os meus. Suas mãos ainda estavam fechadas em punho e notei o quanto ele estava se controlando.

— Que sua noite seja maravilhosa. — Sorriu fraco.

Minha respiração tornou-se frenética quando ele se virou nos calcanhares e voltou a entrar no carro. Ele iria embora?

Senti-me estranha no momento em que observei o carro dele se afastar

da *Night Star*. Droga! Eu havia o magoado.

Benson prostrou-se diante de mim e estalou os dedos na frente dos meus olhos estáticos.

— Você está bem?

Fiquei encarando-o em silêncio por alguns segundos e logo respirei com frustração.

— Eu não sei — respondi sincera. No fundo eu não esperava que Nathan fosse embora.

— Você conseguiu deixá-lo furioso. — disse ele como se tivesse lendo meus pensamentos. — Aposto que ele mal conseguirá dormir a noite imaginando o que nós faremos ao sair daqui.

Sua mão levou a minha aos seus lábios onde a beijou delicadamente. Encarei seus olhos e desci aos seus lábios carnudos e sedutores. Eu poderia beijá-lo? Nathan fazia isso enquanto estava comigo, ele ficava com a Verônica e sequer tinha remorso.

— Podemos ir? — A voz de Benson me despertou. — Você tem uma noite mágica pela frente.

Assenti com um belo sorriso nos lábios. Nathan não estragaria meu momento.

♥

As horas avançaram noite adentro e a Casa noturna estava fervendo. Não houve complicações, tudo saiu como o planejado.

— Uau, Millie! Isso aqui está um arraso — Leslie exclamou com euforia.

Ela estava atendendo no bar da boate. Seu entusiasmo parecia maior devido ao seu recente envolvimento com Adam, que inclusive estava presente no evento de inauguração.

— Está não é?! — afirmei com um enorme sorriso. Entreguei uma bebida ao cliente e me voltei para Peter: — Está tudo certo no andar de cima?

— Tudo sob controle — respondeu. — Acabei de vir de lá e Dominique está conseguindo manter os clientes satisfeitos.

Suspirei em alívio.

— Vou dar uma rodada — avisei dando uma piscadinha marota e ele mandou-me um beijo.

Sob meus saltos caminhei com firmeza por entre as mesas. Mesmo antes de me tornar a dona de tudo aquilo, a *Night Star* já fazia parte do meu sangue. Eu amava estar ali, amava aquele ambiente. Aquela vibração movia-se em minha pele deliciosamente.

Caminhei para meu escritório a fim de ligar para a Elisabeth e deixá-la tranqüila quanto a minha segurança. Ela andava tão medrosa.

Instantes depois de já ter tranqüilizado a Beth, eu estava saindo da minha sala quando me assustei com a presença do Adam atrás de mim.

— Céus! Que susto Adam. — Coloquei a mão no peito na intenção de amenizar os batimentos acelerados. — Está procurando a Leslie? Ela está atendendo no bar.

Ele se desencostou da parede e com as mãos nos bolsos veio até mim. Seu olhar era altivo e intenso.

— Eu sei — falou sem deixar de me olhar. — Gostaria de ficar a sós com você. — Franzi o cenho. — Eu vi o Nathan quando cheguei. Você está com ele outra vez?

Nervosa, cruzei os braços e o encarei:

— Desculpe Adam, mas isso não diz respeito a você.

Ele sorriu, cercando-me como um animal predador. Adam estava muito estranho.

— Lembro que éramos amigos — comentou e espalmou a parede com suas mãos, prendendo-me entre seu enorme corpo. — Eu a ajudei Millie, você lembra? Fiquei ao seu lado quando você mais precisou...

— Por que esta falando isso? — questionei estranhando aquele tom.

— Porque me irrita o fato de você não confiar em mim, sabe? Eu retornei para a sua vida e pensei que você estaria mais madura.

Irritada, eu o empurrei.

— Não sou obrigada a me confidenciar com você — falei. —E, além

disso, você está com a Leslie.

— E se eu não tivesse? — questionou.

Balancei a cabeça incrédula.

— Não faria diferença alguma. — Os olhos dele escureceram tornando-se frios.

— Nathan tem sorte de ter você — falou voltando a se aproximar. Ergueu a mão e tocou meu rosto. — Ou não...

Um frio invadiu o meu estômago e um desconforto tomou conta do meu corpo. Observei ele caminhar tranquilamente pelo corredor. Adam estava muito estranho — observei desgostosa.

Respirando fundo decidi voltar para o tumulto. Deixaria para raciocinar sobre aquilo outra hora.

♥

Era 05hs46 min. quando Benson estacionou diante do meu prédio. Eu estava cansada.

Saí do carro e Benson me seguiu.

O sol estava quase nascendo e tudo o que eu queria e necessitava, era dormir.

— Você foi magnífica hoje. — disse. — Soube dosar com equilíbrio toda e qualquer questão que surgiu. Seu empreendimento será um sucesso, aliás, já é!

Sorri agradecida por suas palavras e vibrações.

— Obrigada por me acompanhar até aqui, você deve estar exausto.

Ele se aproximou de mim circulando minha cintura. Senti meu corpo enrijecer.

— Tudo por um beijo seu no fim da noite.

Não tive como impedir o ataque dos lábios dele aos meus. Sua língua logo invadiu minha boca e pude sentir sua maciez. Benson não me beijava, ele me saboreava. Sempre foi assim.

Seus lábios abandonaram os meus e eu abri os olhos. Estava

desnorteada ainda.

— Ficarei em Nova York por mais alguns dias. — Piscou e se virou deixando-me parada e sem reação.

Levei alguns instantes para conseguir sentir minhas pernas e logo me voltei para o prédio. Eu precisava de um longo banho.

Assim que atravessei o hall de entrada, segui até os elevadores e impaciente aguardei enquanto verificava o horário em meu celular. Constatei entristecida e frustrada que não havia nenhuma mensagem de texto ou ligação perdida do Nathan. Ele havia ficado muito chateado. Será que eu havia estragado tudo?

As portas se abriram e agradeci pelo elevador estar vazio quando eu entrei. Guardei o celular na bolsa e me assustei quando alguém entrou abruptamente no elevador atrás de mim quando as portas já estavam se fechando.

— Millie.

Nathan...

Meu nome em sua língua enviou arrepios à superfície da minha pele. Como ele ainda conseguia fazer isso? Deixar-me tão confusa e desestabilizada desse jeito?

Capítulo 12

Millie Evans

Permaneci estática e silenciosa enquanto Nathan me observava.

— Eu poderia dizer o quanto você está deliciosamente deslumbrante e fodidamente gostosa dentro desse vestido. — Ele disse erguendo a mão para embalar meu rosto, capturando meus olhos com os seus.

— O que está o impedindo? — questionei. E lá estava eu, já perdida naquele homem.

— A cena que eu acabei de ver no estacionamento — respondeu com um tom perigosamente baixo. — Preciso arrancar o sabor dele de seus lábios.

Sua boca se chocou contra a minha, me levando a alturas vertiginosas que sobrepujavam a vista atrás de mim.

Seus lábios chuparam os meus com deliciosos ataques que me puseram fora de equilíbrio, me obrigando a atirar meus braços em volta de seu pescoço e me agarrar com força, tudo um pouco antes de sua língua deslizar para dentro da minha boca.

Ele tirou a mão do meu rosto para envolvê-la ao redor da minha cintura e me puxou para ele, onde eu podia sentir sua ereção contra minha coxa. A outra mão veio atrás da minha cabeça, prendendo-se no meu cabelo. Pressionei meus seios contra seu peito, com a necessidade de senti-lo com todas as partes do meu corpo.

Um gemido surgiu vindo de trás da garganta de Nathan, vibrando por debaixo do nosso beijo e acendendo o desejo em meu ventre. Então, eu me mexi, tentando chegar mais perto, minha perna impaciente para enganchar ao redor.

Com os lábios ainda presos nos meus, ouvimos o elevador apitar e logo as portas se abriram.

Nathan me puxou para o corredor e logo me prensou na parede fria.

— Pronto — soprou contra minha boca. — Apenas o meu gosto em seus lábios. — E lambeu-os. — Apenas o meu cheiro em sua pele. — O rosto dele afundou-se em meu pescoço e me arrepiei quando ele fungou minha pele com força e intensidade.

— Você é louco, Nathan.

— Só se for por você.

Em um movimento confuso, ele me levantou nos braços e virou-se na direção do meu apartamento. E assim me carregou por todo o caminho, o movimento parecia o efeito que ele tinha sobre mim, normalmente... Com ele, eu era um galho seco em um rio violento, correndo em direção ao mar. E Nathan, ele era essa correnteza, puxando-me do jeito que quisesse, me carregando. Eu estava a sua mercê.

Ele levou-me até chegar à porta do meu apartamento e completamente desnorteada, o abri.

— Isso não está certo — eu disse, em um murmúrio. — Aqui é o meu espaço, Nathan. — reclamei, mas ele seguiu me beijando sem ao menos dar importância ao que eu dizia. — Céus! A Beth vai acordar.

— Beth? Quem é Beth? — questionou ele.

Desvencilhando-me de suas mãos, eu me afastei e busquei tomar distância. Eu precisava de ar.

— Shi... Fica quieto! — murmurei em tom baixo. Olhei ao redor e voltei o olhar para ele outra vez. Droga! Uma pontada de necessidade disparou no meu corpo que o desejava. Eu queria aquele homem em cima de mim e dentro de mim, não daquele jeito, em pé e olhando para mim, com os olhos semicerrados. — Siga-me lentamente até o meu quarto e, por favor, não faça barulho.

Dito isto, me virei nos calcanhares e instantes depois estávamos no quarto. Com minha atenção voltada inteiramente para ele, só registrei o momento quando Nathan me depositou na cama.

Sua mão deslizou ao longo do comprimento da minha perna, em direção ao meu tornozelo, para desatar a minha sandália de tiras com uma delicadeza que fez eu me contorcer no lugar. Ele repetiu esse movimento com o outro pé, e depois se ajoelhou em cima de mim para me dar um beijo rápido. Eu estendi a minha mão para puxá-lo para mais perto, mas ele resistiu.

— Eu quero saboreá-la. — Ele disse. — Quero mostrar que somente eu posso amá-la de todas as formas possíveis. Eu, somente eu — frisou

roucamente.

Embora fosse um amante do tipo dominador, Nathan sempre concentrava sua atenção nas minhas necessidades, sempre me atendia da melhor maneira que ele podia. E, Deus, ele me conhecia bem, sabia como excitar o meu corpo, como saciá-lo, sabia me despertar e me amar, mesmo quando eu mesma não sabia.

Com uma trilha de beijos molhados, ele abriu o seu caminho, descendo até a bainha do meu vestido. Com um brilho malicioso nos olhos, ele puxou o tecido para cima, em volta da minha cintura, dando um beijo entre minhas pernas.

Um gemido escapou dos meus lábios e ele riu baixinho.

— Onde mais ele tocou? — perguntou ele. — Onde mais você deu acesso a ele? — Seus dedos deslizaram sob a borda da minha calcinha, puxando-a para baixo com força e atirando-a para o lado.

— Não é da sua conta — respondi malcriada.

Ele enganchou a minha perna por cima do seu ombro e, em seguida, sua boca estava de novo em mim, lambendo e chupando avidamente o feixe de nervos no meio das minhas coxas.

Eu já estava delirando de prazer quando ele parou de repente.

— Você deu pra ele no *casulo* da boate? — Pisquei confusa, lutando para encontrar o raciocínio para respondê-lo. — Benson comeu você na Casa Noturna? — Os olhos dele estavam atormentados e em um verde intenso.

— Nathan... — Gemi arqueando o quadril de encontro ao rosto dele. Eu estava dolorosa.

— Diga. — Ele soprou de leve o meu clitóris causando-me arrepios pelo corpo todo. — Não minta para mim.

— Mas você sempre mentiu para mim... Desgraçado! — Levei uma das mãos ao seu cabelo e puxei sua cabeça em direção ao meu ponto necessitado, porém ele não aliviou a minha tensão. — Você aceitou se relacionar comigo assim, Nathan. Eu não seria somente sua.

— Você é somente minha — disse ele entre dentes. — Eu não aceito

dividi-la com mais ninguém.

Delirei de prazer quando ele deslizou dois dedos dentro de mim, sondando e torcendo até provocar o meu orgasmo com facilidade.

Estremeci e tremi, enquanto ele subia para reclamar a minha boca, que beijou com um desejo furioso.

Os sons suaves que ele deixava escapar enquanto me devorava, o meu sabor em sua língua, o golpe de seu pênis na minha coxa, tudo isso levou apenas meio minuto antes do aperto de tesão se formar novamente em meu ventre, pronta para mais uma viagem até a colina do êxtase. Louca para tocá-lo o instiguei a tirar as roupas e ele o fez rapidamente, ficando apenas com a cueca.

Voltando a se deitar sobre mim, minha mão encontrou seu pênis e esfreguei-o sobre a cueca. A boca dele se afastou com um gemido. Eu o cutuquei para que rolasse para o lado, enquanto eu continuava a acariciá-lo.

— Você realmente foi embora da boate?

— Não é da sua conta. — Ele me devolveu no mesmo tom malcriado que usei com ele minutos antes.

— Acho que isso é malcriação. Você está sendo um menino levado. — Minha mão escorregou para dentro de sua cueca, maravilhada como sempre com a suavidade de seu pênis grosso na minha mão, e o calor que vinha saindo de sua pele.

— É porque quando vou para a cama com você... — Sua voz tremeu enquanto eu corria minha mão pela coroa. —... Eu tenho vontade de ser malvado, muito malvado.

— Ah, sim. Eu acho que gosto disso. — Foi a minha vez de deslizar a mão para a borda da cueca e trazê-la para baixo de suas pernas fortes, com meus olhos presos na belíssima ereção.

Assim que a cueca caiu no chão, ele me puxou para perto novamente.

— Eu gosto quando você não está vestindo nada. — Seus dedos já estavam puxando meu vestido por cima da minha barriga. — E você precisa estar nua, agora.

— Tudo bem, não vou discutir...

Sentei-me para ajudar a puxar a roupa por cima da minha cabeça. Ele jogou o vestido de lado e as mãos deram a volta em torno de mim para soltar o meu sutiã, liberando os meus seios. Então, ele veio por cima, seu pênis quente na minha entrada por apenas um segundo, antes de mergulhar dentro de mim, me penetrando, me esticando, me preenchendo da maneira que só ele podia.

Nathan ficou de lado, levando-me junto, e eu passei a perna em torno dele, incitando-o a ir mais fundo. Ele queria me saborear, mas ou havia mudado de idéia ou não conseguira se conter, liberando sua paixão com golpes rápidos dentro de mim. Cada vez que ele mergulhava, atingia um ponto sensível que me deixava como louca, forçando outro clímax, o que apertava minhas coxas, e me levava a torcer os dedos enquanto gozava com todo o meu corpo.

Nathan continuou o seu ataque, aumentando a velocidade, até que ele gemeu durante sua própria libertação. Então desabou, ainda dentro de mim, e me reuniu em seus braços para espalhar beijos pelo meu rosto, um gesto extraordinariamente e incomum para o homem que eu tinha aprendido a amar e também odiar. Eu me encantei com a doçura dele.

— Já mencionei que estou feliz de estar aqui com você? — perguntou ele, interrompendo a frase para continuar sua trilha de beijos.

Passei a mão nos cabelos dele enquanto sua boca desceu para meu pescoço.

— Se você não tivesse dito, acho que eu perceberia. — Ele riu.

Mudando de posição em cima de mim, ele chupou o meu corpo mais para baixo, subindo depois em direção aos seios. Obviamente, nós já estávamos indo para a próxima rodada.

— Estou feliz de ser eu a estar aqui, *minha criança*. — Ele segurou meu mamilo entre os dentes, e depois suavizou a mordida com um rodar de sua língua.

Respirei fundo, deleitando-me na mistura de prazer e dor, enquanto ele dava ao meu outro seio a mesma atenção do anterior. Seu apelido para mim,

“minha criança”, flutuou pela minha mente enquanto sua boca lambia a minha pele. Ele tinha me chamado assim desde nosso primeiro encontro sexual, longos meses atrás.

A curiosidade tomou conta de mim, apesar de que meu corpo ainda estivesse vibrando sob seu ardor.

— Nathan... Por que você me chama desse jeito?

Ele respondeu sem tirar os olhos do meu seio:

— Porque você é assim.

— Não sou uma criança — retruquei com a testa franzida e ele riu.

Ele apoiou o cotovelo na cama e firmou a cabeça na mão.

— A inocência está nas crianças e eu sempre a vi assim, Millie: Doce e inocente! — Apoiei o tronco em meus cotovelos e fiquei ansiosamente esperando que ele continuasse a falar. — Você chegou à mansão do Joseph, brilhando em expectativas e sonhos — disse, com sua mão acariciando a curva de minha cintura para meu quadril. — Eu não fui capaz de fechar os olhos para o brilho que emanava de você, sabe? Você era diferente, sempre fora diferente para mim. Mesmo assim eu a usei sim, para o meu bel prazer. No entanto, você não tinha idéia de nada. Era completamente óbvio que isso nunca passara pela sua cabeça: que eu estivesse agindo pelas suas costas e as do seu pai. Por sorte, você é melhor que nós dois juntos. Jamais perdeu a sua essência, e a sua inocência continua reluzindo aos meus olhos. Isso é magnífico.

Lágrimas ardiam no canto dos meus olhos. Nunca ninguém tinha me visto daquele jeito, nem sequer olhado para mim. Nem o meu pai.

— Eu amo você, Millie.

Isso saiu livremente dos lábios dele, antes que eu pudesse raciocinar sobre as palavras recém ditas por ele.

Meus olhos não o deixaram enquanto eu processava sua declaração.

Então, rapidamente o puxei contra o meu corpo. Colocando uma das mãos sob o meu pescoço, ele circulou meu nariz com o dele.

— Você pode me dizer isso quantas vezes você quiser — falei com

sinceridade.

— Esse é o plano.

A frase dele saiu resmungada, perdida dentro da minha boca enquanto meus lábios cobriam os seus, e então passamos a expressar as nossas emoções com nossas línguas, mãos, corpos e uma série de outras maneiras que não precisam ser explicadas...

Capítulo 13

Millie Evans

A consciência do movimento no quarto me acordou na manhã seguinte. Abri os olhos e vi Nathan ajeitando a gravata na frente do espelho da penteadeira, de costas para mim. Ele ainda não tinha vestido o paletó, então eu tinha uma visão completa de seu traseiro apertado. Céus! Aquele homem sabia como usar um terno. E podia não usar nada tão bem quanto.

Ele encontrou meus olhos no espelho e um leve sorriso pairou em seus lábios.

— Bom dia.

— Bom dia. Estou apreciando a vista — brinquei.

— Eu também.

Corei e puxei o lençol sobre o meu corpo nu. O quarto parecia muito claro para àquela hora da manhã.

— Que horas são? — Olhei ao redor em busca do meu celular, e não achei.

— Quase 11 horas. — Ele terminou de ajeitar a sua gravata cinza, que contrastava bem com seus olhos.

— Por que você ainda está aqui? Droga! O que vou dizer para a Beth?

— Você pode, por favor, me dizer quem é Beth? — perguntou ele, enquanto sentava-se na cama, ao meu lado.

— Uma amiga que encontrei ao longo desses meses. Moramos juntas.

— Interessante — disse ele. Eu estava hipnotizada vendo-o vestir as meias. Não deveria ser tão sexy assim assistir a um homem se vestir, mas meu sexo se apertou e me ventre começou a cantarolar. — Penso que ela deve ser muito especial para você.

— Uhum... Pensou bem...

A presença dele em meu apartamento me remetia a emoções diversas e era tudo o que eu vinha evitando. Nathan era como um maremoto gigante, ele tinha o poder de me submergir deixando-me vulnerável e completamente sob

seu domínio. Longos meses que eu lutava para me estabilizar emocionalmente, longas semanas para conseguir reajustar meu interior bagunçado por ele e seus atos malvados. Eu continuava o amando dolorosamente e isso me deixava irritada comigo mesma. Como eu poderia ser tão burra? Como eu conseguia deixá-lo me levar tão facilmente?

Tê-lo ali significava que seu poder de sedução estava sobressaindo-se a minha força em deixá-lo de fora da minha vida. Uma vez que nós tínhamos transado em duas rodadas intensas, só fomos dormir às seis horas da manhã.

Bocejei e estiquei os braços sobre a cabeça, fazendo com que o lençol descesse um pouco abaixo dos meus seios.

De meias, Nathan se levantou e olhou para mim, os olhos meio que embaçando enquanto percorria o meu corpo nu.

— Porra, Millie, você está me desconcentrando. E eu necessito retornar a Londres ainda hoje.

Eu sorri.

— Eu sinto muito.

Mas não sentia, não. Era bom pensar que eu tinha um pouco desse mesmo poder sobre ele, uma vez que ele conseguia me fazer ficar molhada com um simples olhar.

— Você deveria ter visto o sucesso de ontem na *Night Star* — comentei com um sorriso orgulhoso.

— E eu vi — falou espelhando meu sorriso. — Você foi magnífica.

— Então a sua saída foi apenas uma maneira de dramatizar?

Ele deu risada.

— Não foi drama. Eu fiquei extremamente furioso com você. Benson? É sério isso?

Um sorriso travesso brincou em meus lábios.

— Eu gosto da companhia dele — falei em tom provocativo e o semblante dele escureceu. — E, além do mais, nós temos uma intimidade bacana.

— Aposto que ele não fode melhor do que eu — zombou com irritação controlada. — Millie, Millie... Não pense que conseguirá me afastar de você com esses joguinhos de palavras. — Sorriu abertamente. — Eu a conheço *minha criança*, consigo ler os seus sinais e sei quando está com medo.

— Medo?

Ele assentiu com a cabeça.

— Você tem medo de se entregar a mim e outra vez sair machucada. Teme que eu esteja planejando magoá-la e ridicularizá-la. É por isso que me propôs esse relacionamento, para provar a mim e a si mesma que está no controle de seus sentimentos, contudo não é capaz de evitar que seu corpo entregue as suas verdadeiras emoções.

Meu coração acelerou as batidas antes mesmo que eu pudesse me controlar.

— Pense como quiser — falei por fim.

Nervosa, arranquei o lençol e me sentei na cama. Ele estreitou os olhos e, em seguida, alcançou o meu robe.

— Vista isso.

Peguei o robe, sem me preocupar em vesti-lo até me colocar de pé.

— A minha nudez é uma distração para você?

— Você é uma garota muito malvada — disse ele, enquanto me observava vestir a roupa.

— E você ama o meu jeito.

Aproximei-me dele e beijei seu rosto, antes de seguir ao banheiro.

— Não saia do quarto sem mim — pedi. — Quero estar junto quando a Beth vê-lo.

Não tinha sido um despertar solitário, como aqueles que eu estava habituada. Ter a consciência da presença do Nathan em meu quarto deixava-me nervosa e desestabilizada ao mesmo tempo.

Peguei a escova de dentes e notei que ela já havia sido usada, sorri. Ele havia usado antes de mim. Enquanto eu escovava, eu me perguntava como

ele estava conseguindo administrar os negócios com tantas viagens à Nova York? Ele simplesmente vinha por mim? Talvez ele acreditasse que uma nova conquista devia se tornar o objetivo principal. Nathan certamente poderia bancar essa atitude.

Um arrepio percorreu minha espinha. Apertei o cinto em volta de mim e abri o pote de hidratante que estava sobre a pia. Eu queria acreditar que ele realmente me amava, mas quem me daria àquela garantia? E se ele tivesse outras mulheres em Londres ou aqui mesmo, em Nova York?

Essa percepção paranóica não iria alterar em nada a sensação furiosa e doentia que estava se retorcendo em meu estômago. Era um sentimento que uma vez havia sido muito íntimo.

Eu precisava me acalmar, tinha que lidar com a situação de forma construtiva. Obriguei-me a contar até dez. Entre cada número, repetia o mantra: “Você está no controle da relação. Um, o controle é seu. Dois, o controle é seu.”

No momento em que eu cheguei ao quarto, o mantra se transformou em “Você está no controle da porra da relação”, e eu nem ao menos conseguia controlar meus próprios instintos...

Passei o creme no rosto, na esperança de que, os minutos amenizassem a fúria crescente dentro de mim. Após retirar o excesso com uma toalha de mão, me convenci de que já estava mais calma e pronta para enfrentar os questionamentos de Beth. Em todo aquele tempo eu jamais havia levado homem algum para dormir comigo, mesmo porque, jamais teve outro.

Nathan não estava no quarto quando saí, então cruzei o apartamento, até que o encontrei na cozinha. Ele vestia o paletó agora, e estava junto da mesa da cozinha, teclando em seu aparelho de celular enquanto bebia de uma caneca.

Ele olhou para cima quando apareci.

— Você deveria ter me dito que sua amiga possuía certa idade — comentou ele. — Me pouparia fôlego em tentar seduzi-la quando cruzei o corredor. — Sorriu de modo divertido.

— Me Poupe você, de sua safadeza absurda. — E peguei uma caneca

depositando-a sobre a mesa, na frente dele. Tudo bem, talvez eu tenha batido um pouco forte demais, em vez de simplesmente colocar...

— Eu falei para você não sair do quarto. Provavelmente Beth se assustou ao vê-lo, aliás, onde ela está? — Olhei ao redor procurando-a.

Os olhos dele se estreitaram e ele tomou um gole de sua bebida.

— Ela quase desmaiou quando me viu. Precisei ampará-la em meus braços enquanto explicava que eu era o seu namorado.

— Isso não está ajudando. — O pânico que eu pensei que tinha sufocado bem lá no fundo começou a abrir caminho até a minha garganta, apertando a minha voz. — Ela não absorve muito bem as emoções fortes, Nathan.

— Hmm... Eu percebi isso.

A calma nos olhos dele diante de algo tão sério para mim me enfureceu ainda mais.

— Mas parece que não percebeu a porra da minha revolta diante dessa sua audácia! Tem também o fato de você ter praticamente me induzido a deixá-lo entrar em meu apartamento. Porra, Nathan, isso não fazia parte do relacionamento que havíamos combinado. — Meus olhos ardiam, mas consegui mantê-los presos nele.

— Eu não combinei nada.

Ele colocou sua caneca sobre a mesa e virou todo o seu corpo em minha direção.

Mantive a minha mão sobre a mesa, me preparando para respondê-lo.

— Lembre-se que suas atitudes podem tanto nos unir, quanto nos afastar. — Soltei o ar enquanto desviava meus olhos dele. — Onde está Elisabeth? O que aconteceu afinal?

— Depois que contei a ela o quanto eu e você estávamos apaixonados um pelo outro e que nossa relação já vinha desde Londres, ela decidiu que faria um delicioso almoço em comemoração ao nosso amor.

— O quê? — Céus! Isto eu não estava esperando.

— Ela pediu para avisá-la que precisaria sair para comprar alguns

ingredientes. — Ele verificou o horário. — Creio que levará algum tempo para ela voltar. Quer café? — Ofereceu.

Não, não era possível.

— Como você... Beth não costuma reagir tão bem às pessoas no primeiro contato...

— Eu sou bom em seduzir as pessoas.

Eu corri as mãos pelos meus cabelos. É claro que ele era, eu mesma sentia em minha pele.

— É, você é.

Baixei os olhos para as minhas mãos, que torciam o cinto do robe ansiosamente.

— Deve ser bom ter esse dom — murmurei. — Quero ter isso — eram palavras bobas, sem sentido, mas era a única coisa que eu tinha naquele momento.

Nathan levantou o meu queixo para que eu encontrasse o seu olhar.

— E eu quero você.

Ao olhar em seu rosto, vi que ele não ficava chateado com o meu modo ríspido. Outros homens se afugentariam com aquela situação. Mas Nathan, não; ele não apenas demonstrava na expressão do rosto uma ausência de medo, mas mostrava ainda fome, desejo. Quase como se minha atitude arisca e desapegada fossem um tesão para ele.

— Você me tem — sussurrei levada pela emoção do momento.

Ele pegou o cinto das minhas mãos e puxou o nó, soltando-o.

— Quero você agora.

Sua mão se fechou sobre o meu seio, apertando o polegar e brincando com o mamilo.

— Ah, você me quer...

— Uhum.

Ele girou meu corpo e meu bumbum ficou encostado contra a mesa. Achatando a palma da mão entre meus seios, ele me empurrou para baixo. A

superfície dura da mesa encontrou-se com minhas nádegas e um lampejo de preocupação passou por mim, com medo de sermos pegos pela Elisabeth.

— E eu quero você agora.

— Nathan... — Meu tom soou carregado de preocupação misturado a excitação evidente. — A Beth pode chegar a qualquer momento.

— Então teremos que ser rápidos, não é mesmo?

Foda-se!

Ele me empurrou de novo, para que a minha bunda se encontrasse com a borda da mesa. Eu estava agora deitada na frente dele, com o meu robe aberto expondo minhas partes íntimas a ele.

Seus olhos escureceram quando ele esfregou as mãos em movimentos demorados da minha barriga até os meus seios e para baixo. Em seguida, elas foram mais para baixo, para o meio das minhas pernas.

— Eu poderia ficar admirando a sua boceta o dia todo. — Seus dedos deslizaram pelas minhas dobras e circularam minha fenda.

— Você não concordou em sermos rápidos? — Minha voz não se parecia com a minha, estava ofegante, carente e desesperada.

— Sim. — Suas mãos se afastaram de mim para irem à abertura de sua calça. — Mas isso não me impede de te foder gostoso.

Talvez eu tenha suspirado alto, em antecipação.

Inclinando-se sobre os cotovelos, eu assisti quando ele ajustava sua calça e cueca o suficiente para liberar o seu pau duro. Uma visão que eu nunca me cansava. E ele era todo meu, só meu.

— Mas e se a Beth nos flagrar? — perguntei.

Ele pegou meus tornozelos e dobrou minhas pernas para cima.

— Você se importa?

Ele empurrou o pau para dentro de mim.

— Não — engasguei.

Naquele momento eu não me importava com nada além do homem a minha frente. O homem dentro de mim. O homem que me queria.

Nathan puxou para fora e enfiou de volta, uma e outra vez, a mesa resistente balançando com a força de seus golpes. Ele adotou um ritmo rápido, aparentemente levando a sério aquilo de ter que ser rápido. Naquele ritmo, ele gozaria breve.

Ele apertou ainda mais meus tornozelos e dobrou os meus joelhos até meu peito, a nova posição trazendo-o ainda mais profundamente para dentro de mim.

— Toque em você mesma, *minha criança*. — Sua voz estava apertada devido ao esforço em se segurar. — Vamos gozar juntos.

Sem hesitar, desci a mão para esfregar meu clitóris, esfregando-o em uma velocidade combinada com a dele. Eu já tinha feito isso antes, tocar a mim mesma para me dar prazer, aliás, era o que eu vinha fazendo nos últimos meses para me aliviar.

Notei que aquele ato deixou-o ainda mais excitado, ele sentia tesão em me ver tocar o próprio corpo. E dava tesão em mim também. Ver o prazer em seu rosto, sentir a rigidez do pau aumentar, enquanto eu me contorcia e gemia no meu próprio toque — não havia nada mais delicioso. E eu já estava me apertando, me apertando em volta dele.

— É isso aí, Millie. — Seu rosto se contorceu. — Porra, isso é... é... — E a voz ficou trêmula quando ele gozou, estocando dentro de mim mais profundamente quando o clímax irrompeu.

Minha mão caiu para a mesa, meu corpo entorpeceu.

Nathan sorriu quando puxou para fora.

— Como foi? Gostou?

Ele conhecia a resposta. O pervertido queria me ouvir dizendo...

Eu sorri.

— Você sempre me come gostoso.

— Eu não me importaria de comer você todos os dias de manhã.

Ele dobrou-se para trás para pegar uma toalha de papel no balcão da cozinha, enquanto eu fingia não ler um milhão de coisas em sua declaração. E continuei a fingir, enquanto ele se limpava e subia sua calça.

Nathan ergueu as sobrancelhas e fez um gesto em direção a mim. Por

um momento, pensei que ele pudesse saber o que eu estava pensando. Coisas como estar com ele todas as manhãs implicava viver com ele...

Então, percebi que ele estava simplesmente perguntando se eu precisava de papel toalha também.

— Vou tomar uma ducha.

Ele estendeu a mão para me ajudar a descer da mesa. Passando os braços ao meu redor, ele agarrou as pontas do meu cinto e amarrou-o na cintura.

— Aguardarei.

— Você não deveria estar ganhando alguns milhões de dólares agora?

— Alguns bilhões — disse ele impassível. O celular dele tocou e ele o puxou do bolso do paletó, começando a ler a mensagem de texto.

Dei de ombros.

— Voltarei a Londres com você dessa vez — falei. — Quero me inteirar dos negócios e para isso preciso estar lá. — Ele ficou me encarando. — Você irá me apresentar como sócia aos demais?

Ele caminhou até a pia da cozinha e lavou as mãos.

— Sim.

Assenti, e tudo dentro de mim se enrolou em nós pela facilidade com que Nathan vinha tratando o nosso relacionamento.

— Não pense em brincar comigo — avisei.

Nathan segurou meu rosto com ambas as mãos e perfurou com seus olhos verdes e intensos.

— Não faça isso. Eu preciso saber...

Ele arregalou os olhos, certificando-se de que eu estava com ele.

Eu estava.

— Eu me permiti outro plano, Millie. E eu vou me comprometer com esse novo plano tão ferozmente como no anterior. Ainda mais ferozmente. Porque esse plano é um compromisso. — Ele apertou a testa contra a minha. — Este plano é o que eu deveria ter seguido desde o inicio. O plano de ter

você ao meu lado e em minha vida. É o melhor plano.

Minha garganta apertou.

— O plano com maior potencial de lucro.

— Extremamente. — Ele entreabriu os lábios e inclinou-se para me dar um beijo, sugando suavemente quando moveu sua boca sobre a minha. Foi um beijo doce e terno e terminou rapidamente. — Agora vai, pois Elisabeth chegará a qualquer momento. Partiremos para Londres ainda hoje.

Capítulo 14

Nathan Backer

Administrar um império de negócios era fácil se comparado ao meu relacionamento com a Millie. As nuances em seu comportamento indicavam-me o quanto ela parecia sobrecarregada e confusa em relação aos próprios sentimentos, mas eu não estava com intenção de abrir mão do nosso amor. Ela ainda me amava e eu podia sentir.

A noite anterior foi movida por uma série de sensações conflitantes dentro de mim. Passar o dia sendo ignorado só não foi mais doloroso do que vê-la chegando em companhia de Benson. Ela sabia que me machucaria e conseguiu. Eu a odiei furiosamente, mas logo a raiva abrandou assim que notei o enorme choque nos olhos dela quando ameacei ir embora. Millie ainda conseguia transparecer suas emoções para mim e ali ficou claro a sua tentativa de chamar a minha atenção, ferir-me como eu a feri com a Verônica. Ela me desejava sim, mas ainda se culpava por isso.

Não fui capaz de ir embora, observei-a de longe e assim como a todos, admirei seu sucesso com extremo orgulho. Ela era linda e elegante. Uma excelente administradora e anfitriã. Minha, inteiramente minha.

Meu telefone voltou a avisar-me de novas mensagens. Jared, meu assessor estava revoltado com minha falta de compromisso com os negócios.

— *Estou retornando ainda hoje, Jared* — falei assim que liguei para ele. — *Não reclame, pois na negociação de hoje a minha presença nem era necessária*. — Ele riu. — *Olha só, estarei levando a filha do Joseph comigo.*

— *O quê?* — alterou o tom em surpresa. — *Ela está reivindicando o dinheiro do pai? Por que você não me disse isso antes, porra? O Mark já está sabendo?*

— *Cala a boca, Jared! Porra, não para mais de falar.* — impedi que continuasse sua tagarelice. — *Mark já está ciente de tudo e dei ordens para que ele tomasse as devidas providências para que Millie tenha acesso à parte do Joseph na empresa e em tudo o que sua fortuna abrange, uma vez que ele não está em condições para tal. Tanto eu quanto ela, temos direitos sobre esse império e você sabe.*

Ele ficou em silêncio por alguns instantes.

— *Fico contente que as coisas estão se ajeitando* — disse por fim. — *Aguardo por vocês. Boa viagem.*

Agradeci e encerrei a ligação. Estava tão distraído que não notei a presença da tal Elisabeth na sala. Ela me encarava com uma emoção contida, apesar de tentar mascarar certo receio. Estava nítido o quanto ela havia se apegado a Millie e a tinha como uma filha.

— Eu a amo — disse ela em um sussurro. Em suas mãos havia sacolas com mercadorias.

Levantei-me do sofá e fui até ela. Gentilmente peguei as sacolas de suas mãos e sorri, tentando passar-lhe confiança.

— E eu também — falei com força e intensidade. Ela permaneceu me encarando, mas depois sorriu satisfeita.

— Eu acredito em você. — Apontou para a cozinha e eu segui em sua frente com ela em meu encalço. — Ela já acordou? — quis saber.

— Está no banho.

— Deve estar cansada do evento de ontem — comentou enquanto verificava os produtos nas sacolas e os depositava sobre a mesa um a um. — Eu quase não consigo dormir quando ela sai para o trabalho.

Eu fiquei admirando-a com brilho nos olhos. Aquela mulher verdadeiramente havia adotado a Millie como sua. De certa forma, fiquei contente em saber que *minha criança* não passou todos aqueles meses na solidão. Havia alguém cuidando dela.

— Como vocês se conheceram, afinal? — perguntei curioso.

Ela parou o que estava fazendo e me encarou, mas logo fixou o olhar na parede ao meu lado, como se estivesse forçando a memória.

— Fazia poucos dias que eu havia sido despejada do lugar onde eu morava em Londres. Estava sem rumo, cansada de tanto caminhar, então me sentei em um banco de praça. De repente ela sentou-se ao meu lado, estava chorando muito. Eu vi nos olhos dela o quanto ela estava machucada. — Engoli em seco. — Meu coração se apertou ao ver uma moça tão bonita sofrendo daquele jeito por amor.

— Ela estava sofrendo por amor? — questionei já sabendo o óbvio.

Provavelmente havia sido na época em que eu tinha dado o golpe nela e em Joseph.

— Ela...

— Beth? — A voz de Millie ecoou no ambiente interrompendo a frase. — Demorou a chegar? — quis saber indo até ela e depositando um singelo beijo em sua testa. — Encontrou tudo o que precisava? — Os olhos dela não deixavam os meus. Parecia me confrontar silenciosamente.

— Encontrei sim, menina. — Sorriu feliz. — Irei preparar um delicioso almoço para nós em comemoração ao seu namoro. Você poderia ter me contado sobre isso. Eu ficaria muito feliz.

Millie me encarou com fúria e extremamente constrangida começou a balbuciar qualquer desculpa.

— Eu não fiz por mal, na verdade... — Ela coçou a garganta. —... Nathan e eu... bom...

Apesar de estar apreciando a forma adorável como ela tentava explicar o nosso envolvimento, mas sem muitos detalhes, eu fui ao seu socorro. Aproximei-me pelas costas e a puxei de encontro ao meu peito. Minhas mãos circularam sua cintura e senti ela enrijecer e suas bochechas ruborizarem.

— Eu não me orgulho de minhas atitudes no passado, pois Millie saiu muito machucada. — Levei os lábios aos seus cabelos e beijei. — Mas estou buscando me redimir, porque a amo demais. Nunca é tarde para se arrepender.

Millie enrijeceu o corpo e tentou me afastar, mas a segurei forte. Elisabeth nos olhava com alegria.

— Se o arrependimento vier do coração, uma nova chance será sempre válida — disse ela. Acariciou o rosto da Millie. — Fico feliz que você preferiu o amor ao ressentimento, menina.

Não consegui esconder meu sorriso de satisfação enquanto Millie engolia em seco. Obviamente que foi golpe baixo colocá-la naquela posição, mas eu estava lutando com as armas que me eram dadas.

Logo depois Elisabeth pediu licença para começar a preparar o nosso almoço e Millie me arrastou para fora da cozinha. Seus olhos estavam furiosos quando miraram os meus.

— Você me coagiu, Nathan — acusou apontando o indicador para mim. — O nosso relacionamento não é como você descreveu para ela. — Ela diminuiu o tom temendo que Elisabeth escutasse. — Nós não estamos juntos.

Levei a mão para sua nuca e enrolei os dedos em seus cabelos de modo a puxar sua cabeça para trás. Encarei seus olhos intensamente enquanto colava nossos corpos amparando-a com minha outra mão em sua cintura.

— Se você preferir, eu posso dizer a *sua* verdade a ela — comentei com um sorriso atrevido. — Posso contar que você quer fazer de mim apenas mais um em sua cama. É isso o que quer? — Os olhos dela se arregalaram e suas bochechas ruborizaram.

— Você está me ofendendo — sibilou entre dentes.

— Engraçado. — Soltei uma risada. — Você mesma se ofendeu ao me fazer aquela proposta absurda.

— Me solta — pediu ofegante.

— Saiba que pretendo avisá-la da nossa lua-de-mel que iniciará hoje a tarde com nossa viagem a Londres. — Colei nossos lábios, mas ela os mordeu excitando-me ainda mais. — Logo mais irei amansá-la do jeitinho que você adora.

Pisquei e me afastei, vendo-a me encarar com fúria.

— Cafajeste!

Neguei com a cabeça.

— Sou pecaminoso, é diferente.

♥

— Elisabeth comentou comigo que havia sido despejada de onde morava ainda em Londres — falei assim que saí da garagem do seu prédio com o carro. Apesar da tensão entre nós, o almoço tinha sido tranqüilo e nos preparávamos para viajar a Londres.

Millie que estava silenciosa me olhou com a testa franzida. Parecia surpresa com a minha pergunta.

— Ela falou isso?

— Sim — respondi prestando atenção no trânsito. — E disse que

depois disso, encontrou você naquela praça.

— Eu não sabia disso — falou. — Elisabeth tem problema com as lembranças do passado. Ela sofre com os lapsos que vêm e vão.

— Ela deve sentir um enorme vazio — comentei com pesar. — Mas as vezes é mais válido ter um branco do passado, do que se lembrar de tudo e as lembranças serem dolorosas.

A amargura ultrapassou minhas palavras.

— Minhas lembranças são escassas — ela disse. — Fui mandada muito cedo ao *Le Rosey*, logo após a morte da minha mãe.

Estalei os lábios em indignação.

— Você ainda era uma criança — falei. — Eu sinto muito por você, pela enorme perda em sua vida.

De soslaio notei que ela deu de ombros.

— No fundo eu sempre me perguntava o motivo de meu pai ter me mandado para aquele internato, sabe? Por que ele não me quis por perto quando ficou viúvo? Eu havia me tornado um estorvo para ele?

— Joseph sempre priorizou o dinheiro e poder.

— Ele amava a minha mãe — afirmou e eu ri.

— Ao ponto de violentar a minha mãe na própria casa de vocês. — Não consegui frear minha língua.

Vi quando ela estremeceu e passou a mão nos braços.

— Não quero mais falar sobre isso, por favor — pediu com a voz fraca. Ela olhava para fora da janela.

Observei com o canto dos olhos o quanto suas mãos estavam trêmulas e ela estalava os dedos nervosamente.

O telefone dela tocou e rapidamente ela atendeu, como se estivesse ansiosa para conversar com outra pessoa e ignorar a minha presença.

— *Oi Leslie... Sim, liguei para você mais cedo...*

Fiquei escutando enquanto ela avisava a amiga sobre sua breve viagem a Londres.

— *Eu sei que você não está mais sozinha agora.* — Ela sorriu divertida. — *Tenho certeza disso*. — Riu ainda mais. — *Adam parece ser insaciável.*

Franzi o cenho e a encarei na mesma hora. Que Adam? Será aquele de Londres?

— *Então é isso, Leslie. Ficarei fora por no máximo dois ou três dias. Como você é minha subgerente agora, a maior parte da responsabilidade é sua. Eu já avisei o Peter.*

Meus pensamentos ficaram vagando freneticamente com a menção daquele nome. Não poderia ser o mesmo Adam.

— Quem é esse tal Adam? — perguntei instantes após ela ter encerrado a ligação.

Ela me encarou, mas logo desviou os olhos.

— É o mesmo Adam de Londres — respondeu. — Coincidentemente ele está no meu circulo social. No momento está namorando a Leslie.

— Muita coincidência você não acha? — O sarcasmo enrolava-se na minha língua.

— Não começa — advertiu.

— Desde quando ele está perto de você? Falou com ele?

Ela suspirou tediosa.

— Adam é um cara bacana. Veio para Nova York atrás de uma oportunidade boa de emprego depois que você o despediu da galeria. Aqui ele conheceu a Leslie. É fácil de entender, Nathan.

Apertei o volante com força.

— Não gosto dele. Nunca gostei.

Ela riu.

— É recíproco.

O silêncio nos abateu por alguns instantes.

— Vamos dar uma passada rápida no hotel em que eu me hospedei. Preciso fechar a conta e pegar meus pertences.

— Antes disso, preciso passar no hospital — falou e eu me calei. — Faz alguns dias que não apareço e necessito acertar as contas do tratamento do meu pai.

— Eu já quitei a dívida — falei com o maxilar trincado.

— O quê?

— Você sabe que me informei sobre você e toda a sua rotina assim que a encontrei — lembrei-a.

— Não foi o que me surpreendeu agora — ela comentou. — Mas a atitude com meu pai. Por que pagou?

Olhei-a de soslaio.

— Por sua causa — respondi sincero. — Por que você o ama, apesar de tudo. Eu prometi a você que não permitiria que nada e nem ninguém a fizesse sofrer de novo.

Ela não disse nada.

Calei-me e continuei a dirigir em silêncio concentrado no trânsito.

— Obrigada — murmurou de repente.

Apenas sorri, consciente de que seu agradecimento se estendia para além do pagamento da dívida do hospital.

Capítulo 15

Millie Evans

Quando chegamos a Londres, já era noite. Nathan me levou direto para o seu apartamento.

— O que você fez com a mansão? — perguntei assim que ele abriu a porta do apartamento. Eu estava nervosa, pois aquele ambiente me remetia a lembranças desagradáveis.

— Ela é sua — respondeu simplesmente e o encarei sem entender. — Sempre esteve no seu nome.

Fiquei momentaneamente em choque, tentando assimilar aquela revelação.

— Por que não me disse antes? Você teve coragem de levar aquela vagabunda da Verônica para lá.

— Eu levei.

Observei enquanto ele calmamente retirava o paletó e o depositava sobre o aparador, juntamente com suas chaves e carteira. Caminhou tranqüilo até o mini bar.

— E você fala assim, nessa calmaria? Como se não fosse nada demais?

— E o que você quer que eu fale? Prefere que eu minta? — retrucou com irritação. — Estou cansado das suas acusações!

Apertei as mãos ao ponto de minhas unhas machucarem minhas palmas. Eu estava irritada.

— Eu preferia não ter que confrontá-lo sobre atos grotescos. Preferia estar com você e não ter desconfiança ao seu respeito. Preferia olhá-lo e não me lembrar do prazer que vi em seus olhos quando o peguei com a verônica. Preferia não ter fugido de Londres por sua causa. Prefe...

— Já chega! — ele me cortou enquanto batia a taça de bebida com força no balcão. Os olhos dele miraram os meus extremamente frustrados.

Joguei minha bolsa no chão e fui até ele.

— Eu preferia não ter confessado o meu amor naquela tarde há longos meses atrás — continuei sem deixar de encará-lo. — Preferia ter ficado com

o Adam naquela boate e não ter ido embora com você. Isso... — Apontei para nós dois. — Nunca teria acontecido, aliás, nunca deveria ter acontecido.

Parei diante dele, ambos com as respirações ofegas. A tensão ultrapassava os nossos corpos.

— Eu amo você e preferia ter descoberto isso antes — ele disse em um sussurro.

Ficamos nos encarando e no momento em que abri a boca para falar, a campainha tocou.

— Está esperando alguém? — questionei-o.

Ele balançou a cabeça.

— Não que eu me lembre — respondeu enquanto se encaminhava até a porta de entrada.

Pensei em ficar ali e ver quem entraria por aquela porta. Alguma mulher, talvez? Droga!

Prestes a me virar e ir sorrateiramente até o quarto, a voz de Paolo se fez presente, o que freou o meu ato.

Virei na direção deles e observei a enorme silhueta dele entre a porta e o Nathan. Eles trocaram alguns comentários e quando eu me preparei para me aproximar já que ele ainda não tinha notado a minha presença, uma bela mulher surgiu ao lado dele. Meus olhos arregalaram-se e o choque abateu meu rosto diante daquela cena. Nathan cumprimentou-a normalmente e aquilo me cegou de imediato.

— O que está acontecendo aqui? — perguntei com a voz alterada. Caminhei até ficar diante deles e apontei na direção da mulher. — O que significa isso, Paolo? Você sabia dela Nathan?

Minha raiva ultrapassava meus poros e eu tremia da cabeça aos pés. Aquilo não estava certo. Não era justo com Lauren.

Paolo estava assustado ao me ver e Nathan engoliu em seco.

— Millie...

Apontei na direção dele.

— Estarei indo tomar um banho, pois estou cansada da viagem, mas

quando eu sair do banheiro, não quero vê-los aqui — falei encarando o Nathan com firmeza. — Você conheceu a Lauren antes desse canalha. Jamais deveria apoiar esse disparate — referi-me ao fato de Paolo estar levando tranqüilamente aquela mulher aos lugares no qual freqüentava com Lauren.

Irritada saí da sala pisando duro. Não dei tempo para que nenhum dos dois falasse qualquer coisa que fosse. Meu coração batia com força e dor por minha amiga. Eu precisava falar com ela. Precisava entender o que realmente estava acontecendo. Porém, depois da cena que havia acabado de me deparar, não me surpreendia que ela simplesmente houvesse abandonado tudo e todos. Paolo era um traidor.

Nathan Backer

Eu não acreditei no que tinha acabado de acontecer ali. Minha visão havia nublado com enorme frustração. Millie me tratou como um mero subordinado e eu simplesmente não soube como reagir a tempo diante disso.

Completamente constrangido, olhei para o Paolo com um pedido silencioso para que ele se retirasse juntamente com a sua acompanhante. Eu não fazia idéia de quem era ela ou muito menos o que estava fazendo na companhia dele. Os recentes acontecimentos não estavam permitindo que eu me atentasse ao que acontecia ao meu redor. O meu foco era somente a Millie.

Soltei um longo suspiro assim que fechei a porta atrás de mim. Aquilo não estava certo. Millie não poderia continuar agindo feito uma cadela vingativa o tempo todo. Não poderia continuar me ridicularizando na frente dos outros. Eu a amava, mas também priorizava o meu ego masculino.

Antes de ir atrás dela no quarto, servi-me com uma pequena dose de bebida e rapidamente finalizei-a em um só gole. Minhas mãos tremiam em compasso com meu coração acelerado.

O apartamento era praticamente de solteiro, sendo assim havia apenas um quarto.

Abri a porta do mesmo e deslizei os olhos pelo cômodo. Quase engasguei com a visão que tive. Millie estava completamente nua sobre a cama, tocando-se entre as pernas.

— Mas... — calei-me e fechei a porta do quarto. Ameacei me aproximar, mas sua voz me parou:

— Não se aproxime — falou. — Eu não quero que me toque. Você não está merecendo isso. — Encarei-a com estranheza e insatisfação. Aquela mulher era frustrante demais.

— O que pensa que está fazendo, Millie? — perguntei entre dentes. Juntei as mãos no corpo e lutei contra o doloroso desejo de avançar sobre ela.

— Eu? — retrucou com sarcasmo. Abriu suas pernas e se mostrou para mim. Sua excitação brilhando aos meus olhos. — Estou me dando prazer...

Novamente ameacei ir até ela, mas sua voz voltou a frear meus

instintos.

— Eu posso fazer isso por você — falei com minha voz estrangulada. Esfreguei as mãos na calça, pois as senti suadas.

Os lábios dela desenharam um sorriso malicioso.

— Eu sei que você pode — concordou e captei o momento em que seus dedos começaram a massagear o seu ponto sensível. Meu pau latejou imediatamente. — Mas eu não quero você. Como disse antes: Você não está merecendo.

Meu semblante tornou-se carrancudo e minha mente clareou para o real motivo daquela atitude dela.

— Eu não sabia que Paolo estava com outra, Millie. Aliás, nem sei se ele está com essa garota ou com Lauren. Porra! Meus dias estão sendo preenchidos apenas por você e nós dois. — Os olhos dela brilharam. — Pouco me interessa a vida dos outros. Eu só me importo com você.

— Então não se importa com o fato de ele ter traído a Lauren? Não o incomoda saber que ele mal deixou o lado da cama esfriar e já o preencheu com aquela vagabunda?

Droga! Aquilo não estava funcionando — pensei.

Respirei fundo, tentando me controlar. O fato de ela continuar se masturbando não colaborava com o meu raciocínio.

— Não sei quem ela é, Millie. Eu... — Arquejei quando ela enfiou um dedo dentro dela e depois o outro. — Deixe-me tocá-la? Estou louco para tê-la sobre meus lábios antes de fazê-la cavalgar sobre meu pau. — Massageei-me por cima da calça, deixando claro o quanto estava pronto para ela.

Ela gemeu, mas não deixou de me encarar.

— Tire as roupas! — seu tom de ordem me excitou tremendamente. Aquele seu lado agressivo ora me irritava, ora me enlouquecia de tesão.

Lentamente comecei a me despir, sem deixar que minha ansiedade em estar dentro dela me desestabilizasse ao ponto de não conseguir concluir aquela simples tarefa. Os gemidos dela foram se intensificando na medida em que seus movimentos aumentavam.

Assim que fiquei completamente nu, dei alguns passos à frente na

intenção de subir sobre a cama e finalmente poder atacá-la da forma como somente eu podia fazer, mas outra vez sua voz me fez refém:

— Eu não disse que poderia me tocar. — Meu coração galopava e em meu rosto estava claro a minha total confusão e frustração. — Masturbe-se para mim e se contente com a minha visão enquanto eu me desmancho sobre meus próprios dedos. — Ela sorria satisfeita e pelo rubor de sua face ela logo gozaria. — É um castigo.

— Castigo? — sibilei, levando a mão até minha ereção inconscientemente. Vê-la daquela maneira era tentador demais. Meu corpo doía com a necessidade de tocá-la.

— Por preferir escolher o lado do cafajeste do Paolo. Por aceitar tranquilamente o que ele fez contra a Lauren, *nossa* amiga. Por ter me coagido diante da Beth... Ah, são tantas as queixas contra você... Ficaria a noite toda as listando...

Estalei os lábios e sacudi a cabeça com os olhos fechados. Os movimentos de vai e vem da minha mão se tornaram frenéticos diante da crescente onda de eletricidade que ameaçava me tomar por inteiro.

— Eu... não sei mais o que fazer para que... acredite em mim — falei com dificuldade. Minha respiração estava falhando, assim como minha visão.

— De momento apenas se masturbe e olhe para mim quando gozar. — Sua voz serviu como um comando.

Apoiei uma perna sobre a cama e coloquei meu corpo de frente para ela sem parar de me tocar. Fixei os olhos no movimento dos seus dedos entre suas pernas e lambi os lábios com o desejo de devorá-la com minha boca. Um gemido agudo vindo de sua garganta chamou a atenção dos meus olhos para seu rosto e vi o momento em que ela gozou contorcendo-se. Observei fascinado enquanto o seu pequeno e frágil corpo chacoalhava-se em decorrência dos violentos espasmos. Eu não fui capaz de deixar de olhá-la. Minha mão se fechou com ainda mais força sobre meu pau e acelerei o ritmo soltando um palavrão quando a sensação do glorioso orgasmo ameaçou me sufocar. O gozo se derramou em minha mão lambuzando-a.

Eu estava com o coração aos pulos e o corpo trêmulo, mas meus olhos estavam nela e em sua plena satisfação.

— Gostou? — perguntei com a voz falha.

— Sim.

— Está satisfeita?

Ela negou com a cabeça. Sentou-se com os pés para fora da cama.

Fiquei exatamente onde estava e esperei que ela viesse até mim exibindo sua nudez. Ela era tão linda. Tão gostosa.

Enlacei sua cintura com meu braço e deslizei a mão do seu traseiro a sua nuca. A mão dela desceu do meu peito e estagnou-se em minha ereção que já estava voltando a se animar. Na verdade eu só ficaria satisfeito quando me enfiasse dentro dela de modo profundo.

Fechei os olhos no momento em que ela passou a me masturbar com delicadeza e sensualidade.

— Onde está o quadro com a minha pintura? — perguntou enquanto minha língua castigava a pele de seu pescoço seguida por meus dentes.

— Eu guardei no closet — respondi. — Sempre guardo lá quando viajo — expliquei sem dar muita importância ao assunto.

— Você ainda continua fazendo as pinturas? Continua recebendo as mulheres no ateliê? — Ela continuava falando e falando, mas eu não queria conversar. Eu queria jogá-la na cama ou esbarrar seu corpo contra a parede e meter com força naquela sua boceta apertadinha — Você transava com suas clientes depois? — Neguei com a cabeça. — Não acredito em você.

Irritado, me afastei dela.

— Mas que porra, Millie! — gritei de saco cheio. — Cansei desse joguinho.

Peguei minhas roupas do chão e rumei à direção da porta do quarto.

— Nathan?

Parei com a mão na maçaneta e voltei a encará-la. Ela estava em uma mistura de emoções.

— Eu a amo, mas não me tornarei um capacho em suas mãos. Isso nunca.

Saí do quarto depois de ter visto os olhos chorosos dela. Millie estava confusa. Magoada... Contudo, eu também tinha os meus fantasmas para

enfrentar. Ela precisava entender e tentar afastar aquilo de nós ou nossa relação não daria em nada.

Capítulo 16

Millie Evans

Passou aproximadamente umas duas horas desde que Nathan saiu do quarto. Eu não fui atrás dele, muito menos pensei em me desculpar. Nada daquilo era para estar acontecendo se ele não tivesse agido erroneamente comigo no passado. Droga! Eu estava uma bagunça de contradições.

Levantei da cama e caminhei pelo quarto de modo nervoso. Eu estava insatisfeita com minhas emoções e com meus pensamentos. Nathan me confundia constantemente. Havia momentos em que eu me perdia nos braços dele, mas em outros eu simplesmente queria esganá-lo, pisoteá-lo com meu salto agulha.

— *Argh!* — Esfreguei meus cabelos e os soltei da fivela que o prendia no alto da minha cabeça. Estava me sentindo como uma prisioneira naquele quarto.

De repente alguns acordes de violino começaram a ecoar aos meus ouvidos e um arrepio invadiu a minha pele desnuda. Eu havia colocado a minha lingerie e cobri-me somente com o robe. Ainda sentia a ânsia do orgasmo reverberar em meu corpo, mas não daria o braço a torcer. Nathan não deveria apoiar o Paolo naquela safadeza com a Lauren, eu não aceitaria aquilo.

Cansada de ficar enclausurada naquele quarto e movida pela sensação eletrizante daquele som, abri a porta e caminhei suavemente até a sala. O relógio marcava quase 01hs37min quando o avistei sobre a lareira.

Nathan segurava o violino na dobra do braço enquanto tocava, com a parte de trás descansando contra o ombro. Tinha plena certeza de que ele havia notado a minha presença, porém optou por não interromper a música.

Ajeitei-me no sofá com as pernas encolhidas e ali permaneci observando-o. Eu sempre achei fascinante aquela peculiaridade dele. Notei como seus cabelos dourados caíam sobre o rosto e seu maxilar parecia endurecido devido a concentração diante das notas musicais. Céus! Ele era lindo demais e eu o amava com uma intensidade sufocante. Mas infelizmente não conseguia deixar esse amor fluir entre nós dois, não era capaz de libertá-lo da jaula em que o depositei.

Fechei os olhos e joguei a cabeça contra o encosto do sofá. Meu corpo parecia anestesiado com a presença dele, assim como meu coração. Nathan me tinha em sua pele e ele sabia disso.

Os acordes cessaram, mas não tive tempo para reclamar, pois uma nova onda de notas musicais começou a ecoar no silencioso ambiente avisando sobre a nova música. Continuei de olhos fechados, apenas desfrutando daquele momento mágico.

Uma pontada em meu peito se fez presente no momento em que o choque me abateu quando a voz do Nathan preencheu o cômodo. Abri os olhos e o encarei, mas ele não estava falando comigo. Continuava no mesmo lugar com o seu violino, contudo estava cantando. Fiquei ainda mais admirada, pois não era comum um violinista tocar e cantar ao mesmo tempo.

Meus olhos brilharam e meu coração se aqueceu. Sua voz não se parecia com a de nenhum cantor que eu já tivesse escutado. Era rouca e grave na medida certa, apesar de ele não estar cantando alto.

Levei as mãos ao meu colo e tentei bloquear o meu nervosismo e tremor. Lutei para não me deixar levar pelo sensualismo escondido atrás de toda aquela cena. Eu poderia confiar nele outra vez? Era verdade que ele me amava?

Deixei meus questionamentos de lado e passei a escutar a letra da música, que por sinal era linda.

“Estava tão escuro, mas eu me via confortável...

Nada me derrubava, pois eu era invencível!

Minha mente era impenetrável e meu coração também...

Até você chegar e mostrar que tudo podia ser diferente.

Você me amou com tudo de si, entregou-me o seu melhor... O que faço para devolver o agrado, baby? Deixe-me devolver o agrado...

A luz surgiu, mas eu me vi perdido...

Eu já não estava mais seguro, pois eu havia sido derrubado!

Minha mente e meu coração foram invadidos pelo amor...

Você mudou tudo e fez com que as coisas fossem diferentes dentro de

mim.

Você me amou com tudo de si, entregou-me o seu melhor... O que faço para devolver o agrado, baby? Deixe-me devolver o agrado...

Por que eu tinha que estragar tudo? Eu realmente estraguei tudo? Será que você ainda consegue me amar minha criança?"

As lágrimas deslizavam em abundancia dos meus olhos quando ele terminou de cantar. Ainda tremia quando ele se aconchegou ao meu lado instantes depois.

— Eu escrevi essa música no dia em que fiquei sabendo que você tinha ido embora de Londres — disse ele. Seu corpo estava longe do meu e ele não parecia fazer menção em se aproximar mais. — Naquele dia eu olhei ao meu redor, enxerguei todo aquele luxo, tantos funcionários e mulheres sob meu comando, mas eu me vi extremamente só, sabe? Como se nada do que eu tinha feito tivesse valido a pena. A minha recompensa chegou, pois obtive o meu propósito, mas eu não me satisfiz com ela. Eu queria mais. — Ele me olhou. — Eu queria você comigo. Queria o seu amor.

— A vingança tem dois lados — falei num sussurro enquanto enxugava as lágrimas. — O lado ruim é que ela nos cega ao ponto de não enxergarmos o momento de parar. — Levantei-me e me aconcheguei em seu colo, o que o deixou surpreendido. Escondi o rosto em seu pescoço e inspirei seu perfume misturado ao seu cheiro natural. — Estou presa neste estágio agora — confessei e ele me apertou em seus braços fortes.

— Eu sei, mas sou paciente — disse baixinho passeando as mãos por minhas costas. — Esperei por longos anos para me vingar do Joseph. Sou capaz de esperar por você. — Seu rosto se afastou ao ponto de forçar-me a encará-lo. — Eu não quero apenas o seu corpo, Millie. Quero você por inteira: Corpo, alma e coração.

Não consegui raciocinar nenhuma resposta, apenas voltei a abraçá-lo.

♥

— Eu disse para que você não se preocupasse — disse Nathan assim que os acionistas deixaram a sala de reuniões. — Você é a herdeira legitima do Joseph.

— E você, herdeiro legitimo do falecido John Backer — disse o

assessor dele enquanto terminava de guardar a papelada.

Nathan assentiu com a cabeça e me encarou sorrindo. Estávamos em uma sintonia agradável, apesar da noite tensa que tivemos.

Tínhamos tido um café-da-manhã tranqüilo, sem muito diálogo. Mesmo com todo o pequeno distanciamento, eu sentia a nossa conexão.

— E então? — questionou-me.

Fui interrompida por seu assessor que pediu licença antes de sair da sala e nos deixar sozinhos.

Nathan voltou a me encarar.

— Você sabe que eu não entendo nada desses negócios milionários — respondi sua pergunta.

— Bilionários — ele corrigiu e eu ri, reafirmando o que tinha acabado de dizer.

Levantei e caminhei pela sala, parando em frente a janela.

— O que houve com a Verônica? — perguntei de repente.

Ele me abraçou por trás soltando um suspiro baixo.

— Depois de ter presenciado o derrame do Joseph, ela simplesmente desapareceu. Nunca mais soube dela.

— Você chegou a procurá-la? — Olhei-o por sobre o ombro.

— Torci para não encontrá-la — respondeu. — Ou seria capaz de matá-la pelo o que fez.

Virei para ele e levei a mão até seu rosto, observando a forma como ele inclinava a cabeça para receber minha carícia.

— Ela parecia amá-lo — falei.

Ele riu do meu comentário.

— Verônica amou apenas o seu pai, mas se revoltou quando ele a descartou depois de anos de dedicação da parte dela. Então, ela viu em minha proposta a oportunidade de se vingar dele e com isso, ainda lucrar uma boa grana.

— Ela foi amante do meu pai?

— Por muitos anos — disse ele. — Seu pai colecionava amantes na verdade. — Ele juntou nossos lábios de leve e então se afastou analisando o relógio. — Tenho uma teleconferência agora. Quer participar?

Eu ainda estava tentando assimilar aquelas novas descobertas. Não que eu estivesse escandalizada ao saber sobre Verônica e meu pai, mas eu ainda me sentia enojada e zonza diante de tudo aquilo.

— Vou fazer um tour pela empresa — respondi fazendo-o sorrir. — Depois nos encontramos na sua sala, pode ser?

Pegando-me de surpresa, ele me abraçou e colou nossas bocas de maneira urgente.

— Combinado.

Instantes depois saímos da sala de reuniões e cada um seguiu um caminho diferente.

A empresa era enorme, possuía diversos setores e fiz questão de visitar cada um. Eu achava importante obter aquele contato mais pessoal com os funcionários.

Os olhares direcionados a mim eram respeitosos e um tanto quanto surpresos. Eu não soube dizer se tinha a ver com meu pai ou com Nathan.

Fui despertada dos meus pensamentos aleatórios pelo toque do meu celular. O número era desconhecido para mim, mas a curiosidade falou mais alto e resolvi atender. Entretanto, a ligação caiu.

Arqueei as sobrancelhas diante daquilo, mas decidi retornar a ligação para ver do que e de quem se tratava.

Fiquei nervosa quando a chamada tocou, tocou, até cair na caixa postal.

— Que droga! — resmunguei frustrada.

Guardei o celular na minha bolsa e decidi não dar importância enquanto me preparava para visitar mais um dos setores daquele corredor, mas outra vez o meu celular me freou. Era uma ligação do mesmo número.

— *Alô?* — Atendi, esperando que dessa vez, a pessoa se identificasse.

— *Quem é você?* — perguntou a voz feminina. — *Por que o seu número está nas chamadas perdidas do celular do meu namorado?*

Franzi a testa reconhecendo-a.

— *Leslie?*

Ela ficou em silêncio por alguns instantes.

— *Millie?* — Seu tom era tão ou mais surpreso que o meu.

— *Sim, sou eu* — respondi.

Ela voltou a ficar muda do outro lado da linha.

— *Por que estava ligando para o Adam?*

Droga!

Capitulo 17

Nathan Backer

Tinha acabado de encerrar a teleconferência com os chineses quando minha secretária anunciou a entrada da Millie em minha sala.

— Não gostei dela — disse Millie assim que ficamos sozinhos no escritório. — Por que eu preciso ser anunciada?

Deslizei para fora da minha poltrona e caminhei até ela.

— Vou conversar com ela sobre isso. Prometo — falei com um sorriso divertido. — Você fica ainda mais linda quando está irritada, sabia?

Enlacei sua cintura e a puxei contra meu corpo. Levei os lábios em direção a sua boca, mas ela desviou e me abraçou.

— O que aconteceu? Não quer me beijar?

Seus braços apertaram-me e escutei o seu suspiro frustrado.

— Tive um pequeno desentendimento com minha amiga agora — ela respondeu. — Estou muito sobrecarregada, Nathan.

Segurei seu rosto com ambas às mãos e analisei seus olhos.

— Quer conversar sobre isso? — Ela negou com a cabeça. — Prefere sair? Quer visitar a galeria?

Os olhos dela brilharam.

— Tenho uma idéia melhor — falou, pegando-me pela mão. — Vamos ao meu antigo emprego. Quero rever um amigo.

Millie Evans

O estabelecimento que entramos era pequeno, porém extremamente original. O sorriso que havia se alojado em meus lábios foi crescendo gradativamente na medida em que íamos avançando no local.

Nathan estava ao meu lado, contudo não fazia perguntas. Eu estava nervosa com o fato de ter quase discutido com Leslie por causa do Adam. Ela ousou me perguntar se eu estava interessada nele. Aquilo me cegou, deixou-me furiosa. O que ela diria se soubesse que era Adam quem me procurava?

Droga! Nathan também não poderia saber sobre aquilo.

— Pequena sedutora?

Olhei para o lado e me deparei com um Franklin mais do que surpreso em meu ver. Ele não havia mudado em nada o seu visual. Meu coração se aqueceu de saudade e corri para abraçá-lo.

— Que alegria ver você — falei contendo a emoção. Afastei-me e direcionei-me para o Nathan que apenas nos observava. — Este é Nathan — apresentei. — Um... amigo — falei por fim e notei que as sobrancelhas dele se arquearam em desgosto. Dane-se!

Ele e Franklin apertaram as mãos em uma saudação típica masculina.

— Então esse é o seu novo empreendimento? — perguntei instantes depois. — Dei uma passada na loja do senhor Rowland e ele me contou sobre as boas novas.

— Estou apenas me divertindo aqui — ele disse sorrindo. Seu rosto adornado de pircings iluminado pelo sorriso. — Gosto de viver de acordo com meu estilo e minhas vontades. No momento dar aulas de boxe é o que está me fazendo feliz — concluiu. — Mas e você? Voltou para Londres?

Nathan circulou minha cintura possessivamente e beijou minha cabeça.

— Estamos com negócios em comum, eu e ela — falou ele, sem me deixar responder. — Millie ainda mora em Nova York.

Franklin franziu a testa levemente e me encarou.

— Isso é muito bacana. — Analisou o horário no enorme relógio pendurado na parede. — Ainda tenho meia hora antes de fechar para o

almoço. Você quer ter aquela aula que estou te devendo?

Meus olhos brilharam e encarei Nathan.

— Eu quero! — exclamei.

Franklin olhou para o Nathan.

— Quer também?

Exalando um ar de tédio, ele concordou.

Em seguida fomos orientados a seguir ele até a área de treino do estabelecimento.

Nathan retirou a camisa e eu lutei para não ficar olhando para ele, pois me distrairia.

Franklin calmamente começou a nos explicar um pouco da teoria e de soslaio observei os braços fortes do Nathan. Ele parecia estar relaxado, apesar de no começo ter demonstrado tédio com a idéia.

— Certo — disse Franklin. — Agora eu quero que vocês duelem entre si para demonstrar o que aprenderam.

Olhei para ele divertida.

— O que aprendemos em quê? Vinte minutos?

Ele riu, seguido por Nathan.

Ficamos de frente um para o outro e notei um brilho diferente nos olhos dele. Ambos estávamos com as luvas, mas obviamente que Nathan não me golpearia.

Pegando-o desprevenido, o golpeei no braço, porém Franklin não se agradou.

— Use mais força no punho, Millie — exigiu ele.

Continuei encarando Nathan enquanto ele deixava a sua guarda aberta, quase como se quisesse que eu o atacasse.

Novamente o ataquei, impondo mais força dessa vez. Ele não reagiu, sequer saiu do lugar. Ao fundo eu conseguia ouvir as dicas do Franklin, mas minha atenção estava totalmente comprometida. Nathan estava na minha frente, mas eu o via com a Verônica... Ela estava o beijando, estava

chupando-o...

Um golpe...

Dois golpes...

Três, quatro, cinco, seis...

Meu corpo chocou-se com o dele no chão. Suor pingava da minha testa indo em direção ao seu rosto. A diversão havia se dissipado dos meus poros e só restava mágoa e revolta. Revolta pelo nosso passado ter se desenrolado da maneira que se desenrolou.

— Está mais calma agora? — ele sussurrou contra meus lábios. A pele do seu peito estava bastante avermelhada em decorrência dos meus socos.

Nervosa, sentei no tatame lutando para controlar a respiração. Eu estava trêmula quando arranquei as luvas. Observei com desgosto que havia quebrado duas unhas e uma estava sangrando.

— Você se feriu? — ele quis saber.

Ergui os olhos e não encontrei o Franklin. Voltei à atenção para o Nathan que se aconchegou ao meu lado e me encarava com preocupação.

— Isso aqui. — Apontei para minha mão machucada. — Não é nada, perto da dor em meu coração. — Meus olhos nublaram com lágrimas não derramadas. — Céus! Eu estou uma bagunça sabia? Estou te olhando, mas só enxergo o que você fez contra mim. Suas traições, sua insensibilidade...

— *Oh, minha criança...*

Comecei a soluçar e me deixei ser embalada por seus braços fortes e acolhedores. O mais irônico é que, eu estava tentando perdoá-lo. Eu queria ser capaz de perdoá-lo.

♥

Depois daquele pequeno incidente na loja do Franklin, Nathan e eu nos despedimos dele e eu repeti diversas vezes o quanto eu estava me sentindo ridícula diante do meu descontrole. Franklin apenas sorriu e piscou para mim, como se soubesse o que eu estava fazendo, ou melhor, o que eu precisava fazer naquele momento.

O restante do dia havia sido menos tenso e as horas fluíram tranquilamente.

— Amanhã eu voltarei à Nova York — falei para quebrar o silêncio.

Estávamos na sala enquanto Nathan preparava o aparelho de vídeo para assistirmos a um filme. Ele havia ficado mais retraído perto de mim depois que o ataquei na loja do Franklin.

Ele demorou a responder.

— Eu sei — disse por fim.

Mordi os lábios nervosamente. Arrastei-me para o canto do sofá, de modo a abrir um espaço ao meu lado para ele. Minha roupa era leve, apenas uma camiseta larga e um short curto.

— Eu pensei que ficaria triste — comentei sem olhar para ele. Tentei me concentrar na abertura do filme que ele havia escolhido para assistirmos.

— E eu estou, mas não posso obrigá-la a ficar comigo se não quiser — respondeu e me obriguei a olhá-lo.

— Você é um homem frustrante, sabia? — falei fazendo-o sorrir e eu também.

— Eu digo o mesmo de você.

Ficamos olhando um para o outro com um leve sorriso nos lábios. Acordar ao lado dele estava sendo algo tão gostoso, apesar de eu lutar para demonstrar o contrário.

Abri a boca para falar, mas fui interrompida pela campainha da porta. Franzi o cenho e aguardei expectante ele ir verificar quem seria.

— Mellanie?

Virei o pescoço rapidamente quando escutei a menção daquele nome. Levantei na mesma hora do sofá e fui até eles. Estavam se abraçando quando me aproximei e meu olhar encontrou com o dela.

— Oi — falei em tom baixo.

Ela abriu um sorriso caloroso enquanto se afastava do Nathan. Delicadamente deixou um beijo em cada uma das minhas bochechas e inalei o seu perfume adocicado.

— Eu não sabia que você estava aqui — comentou constrangida. — Cheguei de viagem ontem e resolvi dar uma passada aqui para ver como ele

estava. — Voltou o olhar para o Nathan e novamente para mim. — Vocês voltaram? — O sorriso continuava lá.

Eu sorri também, contagiada por ela.

— Estou tentando amansar a fera — Nathan disse e eu gargalhei.

— Não faz drama. — Bati contra seu braço.

No mesmo instante, o celular do Nathan começou a tocar e ele pediu licença para atender. Preferiu ir até o quarto para ter mais privacidade, pois era algo relacionado às ações de uma das nossas empresas. Nossas empresas? — repeti mentalmente. Eu tinha que me acostumar com isso — pensei.

Abrindo espaço, apontei a direção da sala para Mellanie e logo fechei a porta.

Deslizei o olhar pelo corpo dela e senti um calor subir ao meu próprio. Lembrei-me das estranhas sensações que ela sempre me fazia sentir no passado a cada esbarrão.

— Estava viajando a trabalho? — perguntei para apaziguar o silêncio.

Ela se sentou em um dos sofás e eu decidi ficar no outro, de frente para ela. Meus olhos foram parar em suas pernas, um pedaço de pele estava visível para mim por fora do curto vestido.

— Sim — respondeu. — Eu tenho um site de moda e entretenimento e estou sempre em busca de novos investidores e tendências.

— Nossa! Que bacana.

Um silêncio constrangedor nos abateu e só se ouvia a voz do Nathan conversando ao telefone.

Meu olhar se intensificou em Mellanie por alguma razão que eu até então não conseguia explicar. Aconteceu a mesma coisa quando eu estava com Benson naquela boate e ela ficou assistindo enquanto ele me chupava. Eu gostei do olhar dela. Gostei porque eu a desejei e ainda a desejava.

— Você já transou com alguma mulher, Mellanie?

Ela engasgou com a própria saliva e notei seu rosto ruborizar.

— Co-Como? — gaguejou.

— Perguntei se você já transou com alguma mulher — repeti sem

diminuir a intensidade.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Eu entendi a pergunta. Só não entendi o motivo da dela — argumentou completamente encabulada. Seu riso era de puro nervosismo. Observei enquanto ela se ajeitava no sofá.

— Apenas quero saber se terei problema quando convidá-la para transar comigo — respondi com uma firmeza que me espantou. Mellanie arregalou os olhos diante das minhas palavras e começou a gaguejar. Levantei de onde eu estava e me aproximei dela de forma ousada. — Não diga que não está sentindo essas faíscas entre nós... — Meus dedos tocaram seu braço e vi sua pele arrepiar-se.

— Millie... o que pensa que está fazendo? — perguntou olhando para o corredor nervosamente. — Nathan está no outro cômodo.

Eu sorri, deliciada com o brilho dos olhos dela, apesar de ela tentar mascarar o desejo cru que estava sentindo.

— Eu sei — sussurrei. — Mas não estou interessada nele no momento, apenas em você. — Inclinei-me sobre ela e me ajeitei em seu colo com as pernas abertas. Ela tentou se desvencilhar de mim, mas segurei seu rosto com minhas mãos. Ela era tão linda. — Eu desejo você, apesar de amar loucamente o seu primo.

A respiração dela estava ruidosa e baixei o olhar para seu singelo decote. Levei as mãos aos seus seios e apertei com firmeza cada um deles. O peito dela subia e descia conforme minhas caricias se tornavam mais ousadas.

— Isso não está certo — ela sibilou e jogou a cabeça para trás quando levei meus lábios ao seu pescoço, descendo até o vale entre seus seios. — Você é dele... do Nathan...

Chupei com vontade a sua pele até chegar aos seus lábios carnudos. Aqueles olhos verdes me excitaram ainda mais.

— Ele me ensinou a conhecer o meu corpo — sussurrei. — Ensinou-me a intensidade do prazer que eu posso sentir... Deu-me a liberdade de estar com ele, mas com outras pessoas também. Você acha isso errado?

Ela estava ofegante, suas mãos fechadas em punho sobre o sofá. Seus lábios entreabertos e os olhos fixos nos meus.

— Acho estranho.

Um sorriso se abriu em meus lábios.

— Eu também achava.

Arranquei minha camiseta e fiquei com meus seios expostos aos olhos dela. Vi o momento em que ela lambeu os lábios. Peguei suas mãos e a instiguei a tocá-los. De olhos fechados, desfrutei do seu toque delicado e sensual. Mellanie tocava-me como se estivesse descobrindo algo muito belo e precioso. A princípio ela ainda estava retraída, mas minha insistência foi deixando-a mais relaxada e quando me dei conta, ela havia me derrubado contra o sofá e estava sobre meu corpo com seus lábios e nariz em minha pele.

— Você é linda demais, sabia? Nathan tem muita sorte de voltar a desfrutar do seu corpo, tem sorte de você ainda amá-lo — ela disse contra minha boca. — Desejei você desde a primeira vez que a vi... Eu quis estar com a boca em você naquela boate quando você estava com aquele cara.

Contorci-me debaixo dela e gemi no momento em que sua mão me tocou por cima do short. Eu já havia abandonado o meu autocontrole. Nada me importava mais do que me esbanjar naquele prazer que Mellanie estava me proporcionando.

Capítulo 18

Nathan Backer

Mark ficou de me alertar a respeito de algo que o pedi há meses atrás. Uma descoberta que poderia mudar tudo, mas eu tinha que parar e refletir sobre as coisas que ele havia acabado de me dizer.

Fiquei momentaneamente atônito depois que encerrei a ligação. Combinei de me encontrar com ele na manhã seguinte para conversarmos melhor, mas o pouco que ele havia me dito já deixava claro que minhas desconfianças estavam certas. Joseph era ainda pior do que eu pensava!

Precisei de alguns minutos para me recuperar e assim que caminhei pelo corredor em direção a sala, comecei a ouvir gemidos baixos e alguns sussurros incompreensíveis. Minha pele se arrepiou e fiquei gelado perante a cena que se desenrolava em minha frente.

Millie estava seminua sendo acariciada por Mellanie. Pisquei algumas vezes para ter certeza de que não estava tendo alucinações. Observei quase que fascinado o momento em que Millie deslizou as mãos pelo corpo da minha prima e arrancou o curto vestido por cima da cabeça dela. Mellanie ficou apenas com a calcinha minúscula.

As duas pareciam conectadas de uma maneira intensa e invejável. Nervoso, atravessei a sala e fui até o mini bar para me servir com alguma bebida forte. Eu ainda estava sentindo o efeito do impacto da descoberta que Mark fez, então, fui totalmente surpreendido com aquela cena diante dos meus olhos.

Quando Millie transou com Lauren, minha excitação elevou-se a um nível inimaginável. Eu sabia que era eu quem estava fazendo aquilo com ela. Era eu quem fazia com que ela se libertasse para novas sensações. Eu a tinha nas mãos.

Mas e agora?

Olhar ela sendo acariciada por minha prima me excitou, sim. Mas quem estava seduzindo quem ali? Millie já não possuía mais aquela aura inocente. Ela havia crescido muito internamente nos últimos meses e tinha vezes que sua ousadia me deixava atônito. Ela seria capaz de me deixar controlá-la outra vez?

Depositei o copo no balcão e calmamente me aproximei das duas. Millie estava de olhos fechados enquanto se contorcia com as carícias de Mellanie entre suas pernas. Olhar minha prima saboreando-a de maneira tão intima me excitou e notei a protuberância do meu desejo se fazer presente contra meu pijama.

- Nathan... — Millie gemeu e foquei em seus olhos semicerrados. Ela segurava a cabeça da Mellanie contra seu sexo encharcado.

Mellanie ergueu a cabeça e me encarou preocupada e constrangida. Ameaçou se levantar e quis esconder sua nudez de mim.

— Céus! O que eu estou fazendo — resmungou tentando se afastar. Millie se sentou e segurou a mão dela. — Para com isso, não piore as coisas para mim.

Ela ainda não havia tirado a calcinha, apenas Millie estava completamente nua. Como que sentindo o meu olhar quente sobre seu corpo, ela me encarou e sorriu maliciosa. Ela sabia que eu gostava daquilo. Sabia que o prazer dela, significa o meu próprio.

Como um esfomeado, puxei-a contra meu corpo o que a fez circular as pernas em minha cintura enquanto nos devorávamos com os lábios. Minhas mãos desceram por suas costas e não resisti em deslizar os dedos entre suas nádegas e pude sentir a abundante umidade em seu sexo que latejou em minha mão.

— Gostosa... — sussurrei enquanto avançava em seu pescoço. Deitei com ela no sofá e me afastei o suficiente para retirar a camiseta e logo baixei a calça junto com a cueca apenas até metade da perna. Penetrei nela feito um desesperado e me deslumbrei com os seus gemidos. Ergui-me sobre meus braços e fiquei admirando a linda visão que era vê-la de olhos fechados e com os lábios entre os próprios dentes enquanto eu a fodia incansavelmente.

De repente ela abriu os olhos e olhou por sobre meus ombros. Segui seu olhar e encontrei com Mellanie parada no meio da sala. Surpreendi-me por ela ainda estar ali.

Ela continuava seminua e nos observava com intensidade. Millie tocou o meu rosto e forçou-o para ela.

— Eu quero chupá-la enquanto você me come por trás.

Porra! Aquele pedido quase me fez gozar instantaneamente. Levei minha boca na sua e acelerei um pouco mais os movimentos. Desejei ter o poder de me fundir a ela naquele momento, tamanho foi a minha excitação.

Desconectei-nos e saí do sofá deixando-a livre. Os olhos dela percorreram o corpo trêmulo da Mellanie. Eu sempre desconfiei que minha prima fosse homossexual, mas nunca tive certeza.

Levei a mão ao meu pau e comecei a me acariciar enquanto assistia as duas se beijarem. Millie levou os lábios ao pescoço dela e pouco a pouco foi reclamando cada pedaço de pele exposta. Soltei um gemido rouco quando a vi abocanhar um mamilo da Mellanie, depois o outro. Sua mão estava massageando-a por cima do tecido da calcinha. Instantes depois, ela desceu aquele empecilho e logo deixou Mellanie inteiramente nua diante de nós.

Em nada me excitou o corpo da minha prima, sequer olhava para ela. Meus olhos estavam na Millie e em sua ousadia.

Observei o momento em que ela pediu para que Mellanie se deitasse no tapete e delirei de prazer quando ela levou a boca entre as pernas da minha prima. Meu instinto selvagem não me deixou raciocinar e quando percebi, já estava ajoelhado por trás dela com as mãos em seu quadril. Não demorou para que eu me encaixasse e logo a penetrasse outra vez. Ela gemeu alto, assim como Mellanie diante do prazer que estava tendo.

Os sons que saíam de sua boca me enlouqueciam de maneira insana e quanto mais ela chupava Mellanie, mais eu a fodia com força. Marcando sua pele com meus dedos.

— Está gostando? — perguntei entre uma respiração e outra. — Gosta de ser uma putinha safada?

Ela apenas ronronava e empinava o traseiro ainda mais contra meu quadril, vindo de encontro às minhas estocadas ferozes.

Mellanie enrolava os dedos em seus mamilos e mordia os lábios conforme Millie penetrava os dedos dentro dela. Ela estava na borda. Eu podia sentir.

Inclinei meu corpo um pouco mais sobre a Millie e peguei seus seios com ambas as mãos apertando-os. Minha boca foi parar em seu ouvido e sussurrei:

— Goze no *meu* pau — frisei a palavra meu.

Intensifiquei os movimentos e acelerei o ritmo. A libertação dela chegou com um grito avassalador arrepiando-me por inteiro.

Com mais algumas estocadas, me derramei dentro dela gemendo sofregamente. Mellanie arqueou as costas enquanto apertava os dedos no pêlo do tapete, gozando sobre os dedos incansáveis da Millie.

Joguei-me contra o sofá e levei a Millie comigo, aconchegando-a em meu colo com as costas contra o meu peito.

Mellanie se virou de lado e permaneceu nos olhando com expressão leve e serena.

Nenhum de nós disse uma palavra, pois não era preciso. Havíamos compartilhado um momento de puro prazer carnal e fim.

♥

O dia amanheceu, mas eu já estava de pé há bastante tempo. Praticamente vi o sol nascer enquanto admirava e velava o sono dela... *minha criança*.

— Alguns hábitos nunca morrem — ela disse de repente. Abriu os olhos e se remexeu na cama de modo a ficar com o corpo virado em minha direção. — O que faz acordado tão cedo?

Eu sorri.

— Perdi a vontade de dormir desde o dia em que acordei e vi a minha mãe desfalecida em sua cama. Hoje durmo somente o necessário.

Eu não tive a intenção de trazer aquele assunto na conversa, mas foi algo inevitável.

— Eu sinto muito — disse. Levantou o corpo de modo a ficar sentada entre os lençóis. Ela ainda estava nua e sem evitar, meus olhos detiveram-se em seus seios durinhos. A imagem da nossa transa na noite anterior se fez presente em minha mente.

— Eu também sinto — falei no mesmo tom.

Levantei da poltrona e caminhei pelo quarto. Fui ao closet e voltei com meu paletó e um par de meias nas mãos.

— Você tem uma hora antes do seu vôo à Nova York — eu informei. Estava ansioso para a conversa que teria com meu advogado Mark dentro de poucos minutos.

— Você irá me levar ao aeroporto? — ela quis saber jogando as pernas para fora da cama.

Fui até ela depois que calcei os sapatos. Seu corpo reagiu instantaneamente ao meu quando a abracei. Eu vestido e ela nua. Seus cabelos emaranhando-se entre meus dedos.

— Por mim você nem sairia desse quarto e nem do meu apartamento — falei colando nossos lábios com delicadeza e sensualidade.

Ela sorriu.

— Você e esse desejo de me manter cativa — brincou e eu ri com ela.

Nossas bocas voltaram a se tocar, mas dessa vez o calor nos aqueceu ao ponto de ficarmos sem fôlego.

— Eu fiquei surpreendido ontem, mas o prazer em seus olhos foi o meu maior troféu — confessei vendo seus olhos brilharem. — Aquele momento não foi meu e nem da Mellanie. Foi seu. Você se descobriu e se libertou das amarras do medo e da timidez. Você hoje idealiza o prazer e o pega com as próprias mãos, sem ao menos se preocupar no que os outros vão pensar ou dizer. Excitado foi pouco para expressar como eu me senti vendo sua boca na Mellanie.

Ela sorriu e mordeu os lábios. Suas bochechas ruborizando de leve.

— Você está me transformando numa pecaminosa, Nathan.

Joguei a cabeça para trás em uma gargalhada.

Empurrei seu corpo novamente contra a cama e ergui suas mãos acima da cabeça. Seu peito subia e descia de acordo com a sua respiração acelerada.

Ambos chegaríamos atrasados em nossos destinos, pois eu me recusava a sair de cima de seu corpo nu naquele momento.

— Somos dois pecaminosos então — soprei antes de avançar com a língua dentro da sua boca.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 19

Millie Evans

Chegar em casa sempre era uma sensação plena, contudo agora, sentia como se me faltasse um pedaço. Desconfiava que Nathan fosse o motivo para aquele sentimento de ausência.

— Como você passou esses dois dias que estive fora? — questionei Elisabeth enquanto tomávamos chá na cozinha. Fazia pouco mais de uma hora que eu havia chegado de viagem. Foi um vôo tranqüilo e sem grandes turbulências. Em aproximadamente sete horas eu já estava desembarcando em Nova York.

— Faxinei o apartamento — ela respondeu fazendo-me sorrir.

— Beth! Você não pode ficar enclausurada aqui. Precisa sair e respirar um pouco de ar puro. Por que não dá um pulo no grupo da Mary? De repente ela descobriu alguma coisa sobre sua filha ou outra pessoa da sua família.

— Eu estive lá ontem — falou. — Comecei um curso de pintura de tela. — Meu espanto só não foi maior do que meu acesso de risos diante daquela coincidência. — Por que a graça? — Beth arqueou as sobrancelhas, confusa.

Levantei e fui até ela, beijando sua testa com carinho.

— É que você me fez lembrar alguém, e esse alguém faz umas pinturas de tela de um jeito maravilhosamente peculiar.

Ela assentiu de leve.

— Já está indo trabalhar? — perguntou levantando e levando nossas xícaras para a pia.

— Sim. — Olhei o horário. — Tentarei chegar mais cedo hoje, está bem? — Ela sorriu.

Prestes a deixar a cozinha, meus olhos se detiveram em um ramo de flores sobre um vaso. Elisabeth logo notou a minha curiosidade e falou:

— Chegou hoje pela manhã. — Olhei para ela. — São para você.

Um sorriso bobo pairou em meus lábios, imaginando o cuidado do Nathan em me preparar aquele agrado. Ele estava se superando.

— Veio algum cartão? — perguntei enquanto tocava as pétalas vermelhas com meus dedos.

— Não — respondeu. — Mas certamente que foi o seu namorado.

Voltei a olhar para ela e enxerguei seu enorme sorriso. Nathan havia a conquistado. Elisabeth estava encantada por ele.

— Estou indo agora — falei e depositei os lábios em sua testa. — Qualquer coisa é só me ligar.

Assim que cheguei à *Night Star* fui direto para a minha sala com a Leslie. Apesar de o clima entre nós duas não estar dos melhores, eu precisava saber do relatório dos dois dias em que fiquei fora e Peter estava muito ocupado no bar.

Enquanto eu analisava as anotações, tentava a todo o custo ignorar o movimento frenético do pé dela no chão. Leslie parecia impaciente. Eu não tinha comentado nada com ela, senão sobre a boate.

— Teve algum contratempo no restaurante ou na casa? — perguntei sem tirar os olhos dos papéis. O som da batida eletrônica reverberava entre as paredes.

— Eu designei o Bob para fazer a segurança na porta — ela disse. — Dominique ficou na recepção.

Soltei uma risadinha.

— Aposto que ela reclamou da ordem — comentei.

— Você a conhece bem. — Olhei para ela e a vi revirando os olhos. — Mas fiz questão de lembrá-la da dificuldade em conseguir outro emprego. — Seu olhar deixou claro sobre a forma malvada com que tinha falado aquilo para a garota.

Meu sorriso se intensificou.

— Fez bem — falei apenas.

O silêncio voltou a reinar entre nós.

— Como está o seu pai?

Estremeci imperceptivelmente diante da pergunta. A verdade é que eu

não fui mais visitá-lo desde a história que Nathan me confidenciou. Eu tinha medo da minha reação. Temia vê-lo e decidir abandoná-lo naquele leito do hospital.

— Está como sempre esteve — respondi de forma seca.

— Millie...

Interrompi:

— Nós já terminamos aqui, Leslie. Você pode voltar para o serviço.

Ela engoliu em seco e se levantou.

— Eu sinto muito pelo que eu falei a você pelo telefone — ela disse assim que chegou a porta. Ergui os olhos e encontrei com seu olhar culpado. — Fui uma estúpida. Espero que possa me perdoar.

Lembrar que ela havia me acusado de estar interessada no Adam tanto me enervava quanto me magoava. Eu jamais ficaria com o homem dela ou de qualquer outra mulher. O meu caráter e minha índole eram algo que eu priorizava tremendamente.

— Vou pensar no teu caso — murmurei sorrindo fraco.

Ela devolveu o sorriso e piscou o olho antes de abrir a porta e sair da sala.

Soltei um longo suspiro e levei as mãos na cabeça. Meus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo frouxo e minha maquiagem era simples.

O toque do meu celular despertou a minha atenção para ele. Era um *sms* do Nathan.

"Já estou morrendo de saudades de você minha criança..."

Meu coração se aqueceu e me peguei sorrindo feito boba. O que se tornou uma tormenta, agora era um pedaço de mim. Nathan preenchia meus dias.

Ameacei enviar uma resposta, mas alguém bateu na porta me interrompendo. Decidi guardar o celular no bolso e me levantei pronta para atender quem quer que fosse no corredor enquanto íamos para o salão.

Assim que abri a porta meu semblante tornou-se carrancudo e suspirei

alto.

— Agora estou ocupada, por favor, dê-me licença — pedi e tentei passar por ele, mas Adam segurou meu braço e forçou o meu corpo para dentro da sala fechando a porta atrás de si. — O que pensa que está fazendo? — Meu coração tornou-se agitado e nesse momento senti meu celular vibrar no bolso traseiro da minha calça jeans.

— Estou querendo conversar com você — respondeu simplesmente enquanto barrava a porta com seu enorme corpo. — Você gostou das flores que enviei a você?

Arquejei diante de suas palavras.

— Foi você quem enviou?

Ele soltou um sorriso quase frio.

— Pensou que tivesse sido aquele otário? — Ele deu alguns passos em minha direção e eu recuei, pois estava realmente assustada. Adam parecia outra pessoa ultimamente. — Ele não a ama de verdade, Millie, mas eu sim. — Seus braços se fecharam ao redor da mesa, de modo a me cercar contra seu corpo.

— Adam... — Engasguei. — Pare com isso, por favor — pedi. — Nós somos amigos e além do mais, você está com a Leslie agora.

— Eu nunca quis a sua amizade — ele disse e seu olhar desceu ao meu decote. Senti um arrepio sinistro me percorrer inteira. — Sempre quis mais... mais... mais... mais...

Minhas mãos passaram a tremer com força e meu coração galopava no peito. Respirei profundamente para controlar o medo que ameaçou me assolar. Adam estava me encarando com um olhar diferente, mas não um diferente bom.

— Você está me assustando, Adam — sussurrei levando a mão por trás das minhas costas em cima do cinzeiro de gesso que tinha ali. Se ele ameaçasse fazer qualquer coisa comigo eu o atacaria para me defender.

Ele continuou me encarando por mais alguns instantes até se afastar de mim.

— Desculpe-me, não tenho a intenção de fazer mal a você, Millie —

disse e fez menção de pegar minha mão, mas cruzei os braços. — Tudo bem. Espero que você não se decepcione com o Nathan outra vez.

— Quem é você para falar dele? — indaguei controlando a irritação. — Sumiu da minha vida e quando retorna, fica agindo pelas sombras como um lunático. O que foi aquele joguinho com a Leslie hein? Está querendo colocar ela contra mim? Entenda de uma vez, porra! Eu. Não. Quero. Você!

A risada dele só serviu para me assombrar ainda mais.

— Você não o conhece como eu.

Não tive tempo para retrucar, pois no instante seguinte ele deixou a sala.

Sentindo-me incapaz de continuar em pé, recuei até a cadeira e me deixei cair sobre ela. Minhas mãos estavam trêmulas quando retirei o celular do bolso de trás da calça e depositei-o sobre a mesa. Liberei a senha do display e um novo *sms* do Nathan iluminou no visor.

"Ligue para mim se tiver qualquer problema. Te amo!"

Lágrimas deslizaram por meu rosto e não consegui frear os soluços que estavam presos em minha garganta. Será que eu nunca teria um pouco de sossego na vida?

Droga!

Deslizei o polegar na tela do celular sobre a mensagem de texto e chorei ainda mais.

Capítulo 20

Millie Evans

Uma semana se passou e a saudade que eu tinha do Nathan doía demais em meu coração.

Obviamente que o intuito da minha relação com ele não era o envolvimento de sentimentos, eu queria apenas feri-lo e usá-lo quando propus algo entre nós. Mas como conseguir afastar o coração da frieza?

Antigamente Nathan sequer demonstrava carinho por mim, apenas o tesão em fazer sexo comigo. Ele apenas me via como um projeto, algo que ele via crescer sobre seus próprios ensinamentos e eu? Eu estava me apaixonando sob seu manuseio.

Contudo, o seu retorno em minha vida serviu para me mostrar que o amor não se perdia com o tempo, pelo contrário, aumentava a intensidade dolorosamente. Mas eu estava com medo de voltar a me doar para ele e outra vez ser traída, por isso eu estava reticente. Tratava-o agressivamente ou com indiferença. Eu precisava me defender de alguma forma.

— Você está bem? — a voz de Elisabeth chamou-me para fora dos meus pensamentos. Ela estava ao meu lado no carro, no banco do passageiro. — Parece distante e tensa.

Joguei-me contra o encosto do carro e soltei o volante no qual apertava com força ao ponto de deixar meus dedos rígidos. Na verdade lembrar do Nathan, fazia com que eu recordasse das acusações horrendas contra meu pai e isso me freava. Eu havia convidado a Beth para visitá-lo comigo, mas agora que estávamos no estacionamento do hospital, eu simplesmente não tinha forças para sair do carro.

— Você não conhece o meu pai, Beth, mas eu descobri que ele fez coisas horríveis no passado, sabe? Atitudes que mudaram não só a minha vida, mas a de pessoas ao nosso redor.

— Quer compartilhar comigo?

Voltei o olhar para ela e me deparei com seu olhar carinhoso. Beth era a melhor pessoa que poderia ter surgido em minha vida e o mais incrível é que foi ao acaso. Seus olhos azuis exalavam amor e carinho.

— Você não precisa dessa carga, Beth — falei soltando um suspiro.

Peguei a sua mão e beijei. — Meu pai foi um homem cruel quando jovem, mas ainda assim continua sendo o meu pai.

— Eu compreendo — disse ela. — Vai querer entrar para vê-lo?

Ergui o olhar para a fachada do hospital e fiquei pensativa. No fundo ainda não estava preparada para ficar diante dele.

— Não.

Voltei a ligar o carro e lentamente saí do estacionamento indo para a rodovia. Elisabeth permaneceu em silêncio, o que eu agradeci. Minha mente estava muito confusa e eu me via extremamente sobrecarregada com tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo e tão rápido. Na Casa Noturna estava tendo problemas com a perseguição do Adam e em contrapartida, Leslie vivia tendo crises de ciúmes. Nathan me ligava todos os dias e perguntava se eu estava bem, mas eu não tinha a intenção de contar a ele sobre o Adam, pois o conhecia bem. Nathan não deixaria barato e tudo o que eu não queria, eram mais problemas para acarretar aos que eu já tinha.

— Quer dar uma passada no grupo? Você tem aula do curso de pintura hoje? — perguntei para quebrar o silêncio.

— São três vezes na semana apenas — ela respondeu. — E na verdade, eu prefiro ir para casa.

Seu tom de voz triste me fez olhá-la rapidamente.

— Ficou triste de repente — comentei.

— Vê-la dessa maneira com seu pai, me fez lembrar da minha amada filha — respondeu ela com a voz distante, mas carregada de tristeza. — Ela foi tirada muito cedo de mim e dói-me não ter a mínima idéia de onde e como ela está. Provavelmente ela deve pensar que eu a abandonei.

Momentaneamente fiquei em silêncio, apenas absorvendo suas palavras. Eram raras às vezes em que Beth colocava os seus receios e dores de maneira tão limpa e coerente como agora. Na maioria das vezes ela parecia muito confusa e repetia as palavras deixando o entendimento impossível.

— Eu nunca perguntei o nome dela. Você se lembra? — perguntei.

Ela não respondeu imediatamente.

— Eles roubaram a minha memória... Roubaram a minha vida...

Nervosa, joguei o carro no acostamento quando notei o quanto ela estava agitada.

Segurei suas mãos quando as mesmas estavam agredindo sua cabeça.

— Quem Beth? O que fizeram com você? — Minha angústia não tinha fim. — Dói ver o seu sofrimento.

Puxei seu corpo contra mim e a abracei forte.

— Roubaram a minha filha... Roubaram a minha vida...

Acariciei suas costas com carinho e ali permaneci com ela até ficar mais calma.

Assim que estacionei em frente ao prédio em que morávamos, meu telefone tocou e um sorriso pairou em meus lábios.

— *Oi* — atendi. — *Não era para você estar em alguma reunião fechando mais contratos milionários para aumentar o nosso patrimônio?*

Ele sorriu de modo divertido.

— *Bilionários* — lembrou-me e foi a minha vez de sorrir. — *Nosso patrimônio está seguro eu garanto* — fez-se um silêncio. — *Onde você está?*

Beth e eu seguimos até um dos elevadores vazios.

— *Estou subindo ao meu apartamento* — falei. — *Fui ao hospital com a Beth para visitar o meu pai.*

Ele ficou em silêncio por alguns instantes.

— *Como ele está?* — perguntou e eu quis beijá-lo, pois apesar de toda a raiva pelo meu pai ele tentava passar por cima para ficar bem comigo.

— *Não consegui entrar* — respondi. — *Tive dificuldades em separar as mágoas da saudade, entende?*

As portas do elevador se abriram e assim que coloquei o pé no corredor meus olhos o avistaram na frente da porta do meu apartamento.

— Eu entendo — ele disse guardando o telefone no bolso do paletó. Sua mão circulou a minha cintura e sua boca colou na minha antes mesmo que eu pudesse respirar. — Senti saudades — soprou contra meus lábios.

Ele estava com resquícios de barba no rosto e seus cabelos amarrados de modo frouxo no alto da cabeça deixavam-no charmoso. Beth passou por nós com um sorriso bobo, cumprimentou Nathan e logo entrou no apartamento.

— Por que não me avisou que viria? — perguntei descansando meus braços em seus ombros.

— A surpresa é bem mais divertida — disse e voltou a me beijar.

— Vamos entrar — falei puxando-o pela mão.

Ao entrarmos, Nathan começou a narrar superficialmente a rotina dos últimos dias. Apesar de eu não ter a mínima noção de gerir negócios tão abrangentes, ele fazia questão de me deixar a par de tudo o que estava sendo feito com o nosso patrimônio. Eu gostava desse cuidado. Mostrava-me que ele não queria mais mentiras ou omissões entre nós.

— Onde está a sua mala? — perguntei ao notar a ausência daquele detalhe.

Levei-o para o quarto.

— Fui direto para aquele hotel, Millie — respondeu. — Eu não quis impor a minha presença aqui.

Eu quase ri.

— Tarde demais para isso, não acha?

Ele gargalhou e eu não consegui parar de admirá-lo. O brilho dos olhos dele me manteve refém enquanto lentamente ele retirava os sapatos e desabotoava a camisa depois de ter retirado o paletó, jogando-o em qualquer canto.

Mordi os lábios ao analisar os músculos definidos de seu peitoral. Nathan era magnífico e eu não me cansava de admirá-lo. Prestes a atacá-lo com minhas mãos possessivas, o grito da Beth deixou-me em pânico.

Nathan foi o primeiro a sair do quarto e quando chegamos à sala, ela estava em cima do sofá com uma expressão de pavor no rosto enquanto apontava para uma fotografia do meu pai no chão. Franzi o cenho e me aproximei.

— Beth?

Ela tremia da cabeça aos pés e eu temia que ela caísse do sofá e se machucasse.

- Foi ele! Foi ele! Foi ele!

Suas palavras me deixaram ainda mais confusa e desesperada. Olhei assustada para o Nathan, mas ele também parecia confuso.

— Beth, desce daí e nos conte o que aconteceu — pedi com a voz mais calma que consegui.

Peguei o autoretrato do chão no mesmo momento em que ela sentava no sofá. Seu rosto estava banhado de lágrimas e em seus olhos havia um horror inenarrável.

— Esse homem arrancou a minha filha de mim — ela disse e meu coração acelerou na mesma hora.

— O quê? — questionei em choque.

Nathan arregalou os olhos e tornou-se pálido.

— Como assim? — ele quis saber.

Ela chorava copiosamente e dizia coisas ora confusas e ora coerentes. Voltei os olhos para a foto do meu pai em minhas mãos e tive vontade de chorar também. Eu havia colocado há poucas horas aquela foto ali na sala. Beth não o conhecia, nunca havia visto ele.

— Ele é cruel! Esse homem é cruel!

Repousei o retrato na mesinha de centro e me aproximei dela no sofá. Minha mão segurou a dela.

— Esse homem é o meu pai, Beth. Você o conheceu? Tem certeza do que está falando?

Ela se voltou para mim e soluçou com força.

— Nunca esqueceria o rosto do meu *algoz*.

Um arrepio deslizou pelo meu corpo e ergui os olhos para o Nathan. Ele estava tão ou mais espantado do que eu.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 21

Millie Evans

Mais tarde naquele dia, Nathan me levou para jantar em um restaurante antes de eu ir para a *Night Star*. Depois do episódio estranho com a Beth eu fiquei muito impressionada. Seria mais um surto dela? Ou realmente era algo a se investigar?

— Você não deve ficar assim — disse ele em determinado momento do nosso jantar. — Não se preocupe com nada.

— Como não vou me preocupar, Nathan? — indaguei nervosa. — Primeiro você vem e descarrega em mim toda aquela história sobre sua família envolvendo o meu pai, agora isso. Beth não pode estar inventando.

— E eu não disse que estava — falou. — Só estou pedindo para você não se preocupar.

Olhei para ele e encontrei um olhar tão carinhoso que me senti acolhida.

— Você vai ficar aqui por quantos dias? — perguntei enquanto levava um pedaço de carne à boca. Ansiava mudar o foco dos meus pensamentos com outros assuntos.

— Dois ou três — ele respondeu. — E como está a administração da Casa noturna?

Franzi a testa de leve e baixei os olhos. A verdade era que eu não estava mais agüentando todo aquele clima tenso entre Adam, Leslie e eu. Até pensei em proibir a entrada dele, porém não queria piorar ainda mais a minha relação com ela.

— Logo obteremos o valor investido nas novas instalações. O movimento cresceu consideravelmente.

Ele sorriu com orgulho. De repente recostou-se melhor na cadeira e me olhou de modo intenso que não fui capaz de recuar. Senti-me quente.

— Você precisa comparecer hoje?

Estranhei a pergunta.

— A minha presença é importante, não acha? Afinal, sou a dona do

estabelecimento.

Ele assentiu.

— Haverá uma reunião da *Veiled* nessa noite.

Meu coração bombeou o sangue rapidamente e minha pele se arrepiou inteira.

— Aqui em Nova York? — perguntei debilmente e ele voltou a assentir. — Você irá comparecer?

Lentamente ele levou a taça de vinho aos lábios e permaneceu me olhando.

— Pretendo comparecer com você — respondeu por fim.

Uma eletricidade se apoderou do meu corpo e tive que me segurar para não me contorcer sobre a cadeira. Imagens da primeira vez em que fomos a uma reunião do grupo invadiram os meus pensamentos e não resisti em morder os lábios.

— Você tem certeza?

Minha voz estava instável.

— Tudo pelo teu prazer *minha criança*.

A rouquidão de sua voz me fez querer delirar e tive vontade de pular sobre o colo dele.

— Eu quero ir — sussurrei incapaz de raciocinar direito devido à excitação que me corroia internamente.

Terminando de tomar o vinho de sua taça, ele fez sinal para o garçom vir até nossa mesa.

Nathan continuou me encarando com aqueles olhos intensos e perturbadores. A adrenalina do que estava para acontecer me deixou sem ar e em uma mistura de emoções.

♥

O relógio marcava 23hs32min no momento em que Nathan estacionou o carro em um jardim esplendoroso. Observei um amontoado de carros luxuosos ao nosso redor e não me vi surpresa com aquele mero detalhe. Para se ter acesso ao grupo *Veiled*, era preciso possuir boas finanças.

A mansão estava localizada em Manhattan no *East Side*, um dos bairros mais desejáveis.

Nathan saiu do carro e eu o segui. Meus olhos brilharam ao analisar a beleza daquela casa. Parecia uma construção antiga e foi isso que me deixou extasiada. Eu amava antiguidades.

Seguimos até a entrada da casa e logo tivemos acesso ao interior da mesma. Rapidamente passeei os olhos pelas pessoas que circulavam por ali e senti um frio no estômago. Cada uma delas estava à procura de prazer, independente de com quem seria ou como seria. Era uma troca.

— Quer beber alguma coisa? — Nathan perguntou enquanto se inclinava para sussurrar em meu ouvido. Meu pescoço estava totalmente exposto já que eu havia optado por erguer meus cabelos em um coque frouxo.

— Quero, por favor.

Com a mão apoiada em minhas costas, Nathan me guiou pela enorme casa. Enquanto caminhávamos por entre as pessoas, observei o belo design elegante dos cômodos no piso térreo. No centro da sala onde estávamos, havia uma lareira brilhante bem no centro.

— Aqui. — Nathan pegou duas taças em uma bandeja de uma dos garçons. — Martini duplo — concluiu quando bebericou.

Eu estava em expectativa desde o momento em que saímos do restaurante. Minha pele tornou-se quente e desejosa com todo o tipo de promessa carregada de malícia que enxerguei nos olhos dele.

— Relaxa — ele disse e estremeci com o tom perigoso de sua voz. — Daqui a pouco levarei você para explorar a casa comigo.

Abri a boca para falar, mas meus olhos captaram algo que me deixou sem voz automaticamente. Nathan notou o meu desconcerto e olhou na mesma direção em que eu estava olhando.

Benson conversava animadamente com uma mulher, mas de repente seus olhos se encontraram com os meus passando de mim para o Nathan. Não enxerguei surpresa em seu olhar, apenas curiosidade.

Levei a taça de bebida à boca quando notei que ele sutilmente descartou sua acompanhante e caminhou em nossa direção. Nathan circulou minha cintura de modo possessivo e estremeci.

— Olá *pequena fênix* — cumprimentou-me e senti o Nathan apertar os dedos em minha pele. — É um enorme prazer reencontrá-la.

Nervosa, senti-me estranha entre aquela tensão que se abateu em nosso meio.

— Oi, Benson — saldei-o. — Estou surpresa em vê-lo aqui, uma vez que pensei que já havia retornado à Londres.

Ele sorriu.

— Faz uma semana que adquiri este imóvel. — Apontou ao nosso redor, referindo-se ao móvel no qual estávamos. — Em comemoração, decidi realizar a reunião do mês aqui. — Sorriu com malícia e desceu o olhar ao meu corpo.

Engoli em seco.

— Você sabia que a casa era dele? — perguntei ao Nathan e notei que ele estava tranqüilo quanto àquele detalhe.

— Sim — respondeu e retirou a taça da minha mão, depositando-a sobre um aparador. Ele deslizou as mãos dos meus ombros ao meu rosto, fechei os olhos diante do calor da sua pele.

— Nathan...

Ele me interrompeu:

— Eu sei o que você quer, Millie. Conheço os teus desejos *minha criança*.

Meu coração batia com força e o ruído da minha respiração se fez presente aos meus ouvidos.

— Do que você está falando? — perguntei em um murmúrio. Benson se colocou ao lado dele.

— Você quer transar com Benson outra vez — respondeu sem desviar o olhar do meu. — Eu sei que quer sentir as mãos dele em você, entretanto eu quero que compartilhe comigo esse momento.

Arregalei os olhos e lutei para controlar as reações que ameaçaram tomar conta do meu corpo. Minhas pernas já estavam amolecidas.

— Por quê? — foi tudo o que consegui dizer.

Ele colou o meu corpo no seu e deslizou a mão em meus cabelos por trás da nuca. Seus intensos olhos verdes me devorando.

— Por que eu a amo — ele disse. — E, além disso, sou o *pecado* em pessoa. — Os lábios dele deslizaram na pele do meu rosto sensualmente. — Fico enlouquecido ao vê-la sendo o banquete dos outros, contudo tendo restrições.

— Restrições? — indaguei sentindo-me umedecer entre as pernas.

— A sua boceta é só minha — falou com possessividade. — Somente eu poderei penetrá-la, caso contrário eu viro as costas e vou embora agora mesmo. — Ele afastou-se minimamente, apenas para olhar em meus olhos. — Não quero controlar o seu prazer, mas quero fazer parte dele. — As mãos dele amoldaram meu rosto. — Você quer estar comigo ou prefere a sua liberdade, Millie?

Capítulo 22

Millie Evans

Expectativa brilhava em meus olhos enquanto Nathan me levava juntamente com Benson para um dos quartos no segundo piso da mansão. Eu sequer parei para pensar em uma resposta sobre aquela proposta. Eu queria estar com Nathan e queria me aventurar junto com ele em suas loucuras. Benson abriu a porta e entrou na frente.

— Esse é o melhor quarto da mansão — comentou Benson. — A suíte máster. — Um enorme sorriso pairava em seus lábios.

Caminhei lentamente pelo cômodo e analisei os detalhes. A lareira antiga oferecia uma luz maravilhosa ao ambiente.

— É lindo — sussurrei com voz trêmula. Eu estava nervosa e não conseguia evitar. Estava prestes a transar com dois homens e um deles era o amor da minha vida.

Mãos suaves deslizaram em meus ombros por trás do meu corpo. Virei o rosto e encontrei com Nathan acariciando-me.

— Relaxa... — sussurrou mordendo o lóbulo da minha orelha. — Você será devorada por nós dois. Você quer isso?

Sentindo-me incapaz de raciocinar, lambi os lábios que estavam secos e virei o corpo para ele. E lá estavam aqueles verdes intensos e perturbadores. Nathan exalava malícia por seus poros.

Antes que eu pudesse piscar, tive meus lábios esmagados por sua boca faminta e deliciosa. Agradeci quando suas mãos enrolaram-se em minha cintura e ele firmou meu corpo no lugar.

De olhos fechados explorei cada canto de sua boca com minha língua sedenta. Eu estava excitada demais para pensar sobre o que estávamos fazendo ou íamos fazer. Éramos livres para explorar cada forma de prazer. Por que seria errado, quando ambos estávamos de acordo?

Sutilmente Benson se aconchegou contra minhas costas e arquejei quando a ereção dele pressionou-se em meu bumbum.

Nathan tornou nosso beijo mais urgente enquanto Benson me acariciava suavemente nos ombros com beijos leves. Em determinado

momento senti suas mãos se fecharem em meus seios e beliscarem os mamilos sobre o tecido do vestido.

Nathan se afastou de modo abrupto e fui virada para o Benson que arrancou meu vestido sobre minha cabeça. Ergui as mãos no processo tornando o ato fácil e rápido. Fiquei seminua na frente deles. Meu rosto ruborizou, porém não desviei o olhar e não me escondi. Eu gostava daquilo. Gostava de me sentir desejada.

— Você é tão linda — Benson sussurrou encarando-me com olhos luxuriantes. — Adoro a textura da sua pele e o contraste dela com a minha.

Arquejei quando ele beliscou um mamilo e depois o outro. Seus lábios carnudos logo se fecharam em meus seios, abocanhando-os com precisão e volúpia. Beijos delicados passaram a ser trilhados em meu pescoço pelo Nathan enquanto sua mão deslizava por entre as minhas nádegas.

Tomando consciência do que estava acontecendo, eu me afastei dos dois lutando para conseguir caminhar até a enorme cama no centro da suíte. Eles permaneceram no mesmo lugar, aguardando o meu próximo passo.

Fiquei deslumbrada diante da posição em que eu estava, obtendo poder de sedução sob dois exemplares de homens magníficos. Um negro de lábios carnudos e o outro... Ah, Nathan era simplesmente avassalador com aqueles cabelos dourados caídos nos ombros largos.

— Tirem a roupa para mim — ordenei sentindo-me poderosa.

Joguei as mãos para trás no centro da cama e fiquei praticamente esparramada enquanto aguardava. Meus mamilos túrgidos e minha pele fervendo.

Os dois se entreolharam antes de lento e sensualmente começarem a tirar as peças de roupas. Nathan retirou a camisa primeiro, deslizando a mão em seu peito logo depois, me fazendo rir com sua gracinha. Em seguida foi a vez de Benson. Torturantemente ele desabotoou os botões e assim que abriu a camisa ele veio até mim, exigindo que eu mesma arrancasse de seu corpo. Mordi os lábios quando passeei meus dedos em sua pele negra e macia.

Arrastei o corpo para cima da cama e aguardei expectante enquanto eles terminavam de se despir. Sorri maliciosa no momento em que Nathan engatinhou até mim e veio me beijando dos pés até minhas coxas, onde lambeu e chupou a minha pele sensível. Arqueei as costas quando ele mordeu

por cima do tecido da calcinha.

— Nathan... — gritei assim que ele enfiou o nariz e cheirou-me com força e insanamente.

— Adoro o seu cheiro — soprou. — O cheiro do seu prazer.

Trêmula, observei ele abrir espaço para o Benson se aproximar também e enquanto ele subia com beijos até chegar a meus seios, Benson continuou entre minhas pernas acariciando-me.

Num primeiro momento, Benson tocou-me por cima da calcinha, mas logo aquele pedaço de pano foi rasgado do meu corpo e sem que eu tivesse tempo para me preparar para o que viria, tive meu sexo atacado por uma boca habilidosa e faminta. A língua de Benson era grande e macia, abrangendo toda a área dos meus lábios vaginais em um vai e vem delicioso.

Em contrapartida, Nathan se preocupou em castigar os meus mamilos enrijecidos. Ele abocanhou um e passou a manusear o outro com o indicador e o polegar.

Minha mente virou um borrão e tudo o que eu conseguia pensar era em alcançar o meu clímax. Todos os problemas externos deixaram de existir e somente aquele prazer tornou-se real. Estar com Nathan, compartilhar daquela loucura com ele era algo que importava apenas a nós dois e mais ninguém.

Nossos olhos estavam conectados quando o primeiro orgasmo me atingiu em uma onda que me deixou sem ar. Benson segurou meus quadris e forçou minhas pernas a não se fecharem quando os espasmos invadiram meu corpo.

— Tão linda... —, Nathan me beijou. — Tão gostosa... —, Mais um beijo. Ele afastou o rosto. — E só minha!

Arrepios intensos atravessaram minha pele diante do tom de sua voz. Desde a primeira vez em que o vi, eu sabia que ele me teria sob sua pele.

Pisquei algumas vezes quando Nathan se ajeitou entre minhas pernas. Benson se colocou ao meu lado e ao olhar nos olhos do Nathan eu soube o que ele queria que eu fizesse. Uma eletricidade atravessou-me por inteira e reverberou em meu ventre. Joguei a cabeça para trás no momento em que fui penetrada facilmente por ele. Ainda não estava recuperada do orgasmo

recente, mas logo uma nova onda começou a se formar em meu interior.

Benson estava se masturbando ao meu lado e antes que eu pudesse agarrá-lo com a boca, Nathan saiu de mim abruptamente. Senti-me vazia na mesma hora, mas não tive tempo de reclamar, pois ele se deitou ao meu lado e instruiu-me a deitar sobre ele de modo a ficar de costas contra a sua barriga.

Suas mãos seguraram-me pelo quadril e retornou os movimentos frenéticos e deliciosos de vai e vem.

Deitei completamente sobre o Nathan e assisti Benson se colocar entre nós com as pernas abertas diante de mim. Os olhos dele estavam tão selvagens quanto os de Nathan quando ele segurou meus seios entre sua ereção e não resisti ao desejo de abrir a boca para recebê-lo. Tão grosso...

Os minutos foram passando e meus gemidos foram aumentando. Nathan investia ferozmente dentro de mim. Nossos corpos se chocavam de maneira violenta um no outro. Suas mãos forçaram minhas pernas a se abrirem ainda mais e me vi completamente arreganhada para ele.

Benson intensificou os movimentos do seu pau entre meus seios e quase engasguei com o seu tamanho dentro da minha boca, mas respirei fundo e agüentei firme.

— Eu vou gozar... — gemeu Nathan. — Vem comigo...

A voz dele estava estrangulada e aquilo foi o ápice para o meu orgasmo arrebatador. Benson se derramou em meu pescoço e seios, lambuzando-me com o seu prazer.

Meu coração galopava no peito e fiquei sem forças para expressar todas as emoções que eu estava sentindo.

Senti-me sendo puxada pelo Nathan e seus lábios tocaram os meus com carinho e uma delicadeza cortante.

Eu estava aérea ainda, lutando para estabilizar as batidas agitadas do meu coração, assim como a freqüência da minha respiração.

Benson tocou minha mão e a beijou com carinho.

— Deliciosa como sempre — disse.

Apenas sorri e o vi deixar o quarto instantes depois.

Nathan me cobriu com seu corpo e me encarou.

— Está satisfeita?

Assenti e ele sorriu.

— Você é uma caixinha de surpresas *minha criança*... Tão corajosa, tão deliciosamente ousada.

— A culpa é sua — soprei e ele riu, mas franziu a testa quando desceu os olhos ao meu pescoço.

— Você precisa de um banho — disse carrancudo. — Necessito lavar essa... coisa de você — referiu-se ao gozo do Benson.

Gargalhei alto.

— Sou toda sua.

Minha declaração iluminou o rosto dele. Naquele momento tive certeza de que nada mais seria capaz de nos separar. Nathan apesar de toda a perversão em relação ao sexo provou ser um homem apaixonado. E a quem eu queria enganar? Eu o amava enlouquecidamente e amava ainda mais, todas aquelas experiências que ele me induzia a ter. Fomos feitos um para o outro.

Capítulo 23

Millie Evans

O dia amanheceu e fui acordada por beijos suaves em meu rosto. Meu sorriso não cabia em meus lábios quando abri os olhos e me deparei com aquele par de olhos verdes. Os cabelos dele estavam uma bagunça, mas ainda sim ele estava adorável.

Assim que decidimos sair da mansão do Benson, fomos direto para o meu apartamento. Não fazia sentido o Nathan ir para um quarto de hotel

— Bom dia — soprou com seu hálito fresco.

— Bom dia.

Ele estava sentado ao meu lado na cama ainda com a cueca boxer. Depois de me espreguiçar um pouco, eu me sentei e fui puxada junto ao seu corpo relaxado.

— Não me lembro da última vez que dormi até mais tarde — comentou ele. — Acredito que isso seja conseqüência da tua presença ao meu lado na cama. — O nariz dele fungou em meu pescoço. — E desse teu cheiro delicioso também.

Eu sorri agraciada.

— Que horas são?

— Quase oito.

— E você acha isso tarde? — indaguei divertida. — Para mim ainda é madrugada se comparado ao horário que estou habituada a levantar.

— Elisabeth já está preparando o café — ele disse.

A menção do nome dela me fez tremer com a lembrança da acusação.

Saí do colo dele e alcancei meu robe sobre a poltrona ao lado. Nathan notou o meu incômodo e veio até mim.

— Não fique assim — falou tocando meu rosto. — Vou resolver esse assunto.

— Como?

— Só confia em mim.

Fiquei o encarando com angústia, mas no fim, decidi relaxar e deixar as coisas rolarem.

— Quer tomar um banho comigo? — convidei e vi sua boca formar um sorriso recheado de malícia. Eu não precisei de uma resposta falada, pois fui levada ao banheiro em seus braços.

As horas passaram rapidamente, mas eu ainda podia sentir a sensibilidade do que aconteceu na noite anterior com Nathan e Benson. Foi uma decisão tão pesada, mas ao mesmo tempo tão leve e simples. Fez-nos bem. Estávamos bem.

— Eu vou ao hotel pegar minha mala — Nathan comentou enquanto eu estava me arrumando para ir à *Night Star*. — De lá, eu me arrumo e vou direto à Casa Noturna.

Sorri para ele através do reflexo do espelho.

— Perfeito.

Ele se aproximou de mim e me virou para ele.

— Você está linda — disse acariciando meu rosto. — E eu estou orgulhoso da grande mulher que você se tornou.

Descansei os braços em seus ombros largos e toquei nossos lábios com carinho.

— Obrigada — analisei seus olhos e o desejo de declarar o meu amor ardeu forte em meu coração, mas preferi não falar nada. O medo ainda insistia em pairar sobre mim. — Podemos ir, então?

♥

Eu não sabia o grau da agressividade do meu ciúme até observar de longe o entrosamento entre Nathan e Dominique. Ele estava sentado em um banquinho bebendo tranquilamente enquanto ria de alguma coisa engraçada que ela dizia.

— Millie?

Assustei-me com a voz da Leslie. Ela havia me procurado assim que eu cheguei à boate, entretanto não quis conversa.

— Agora não, Leslie — falei e deixei-a quando comecei a caminhar

em direção ao meu foco.

— Espera, Millie. — Ela segurou o meu braço. — Eu só queria pedir desculpas, poxa...

Respirei profundamente.

— Desculpa, Leslie — falei tentando soar calma. — Mas, você está vendo aquela cena se desenrolando ali na frente? — Ela seguiu o meu olhar e fez uma careta. Por mais que não estivéssemos trocando intimidades de amigas, ela sabia que eu e Nathan estávamos juntos. — Eu preciso ir lá e colocar aquela vagabunda no lugar dela.

Dito isto, virei em meus calcanhares e segui em frente com os olhos faiscantes.

— Eu sou fascinada por homens de cabelos compridos — ela dizia quando me aproximei deles.

De braços cruzados esquadrinhei o corpo dela. Nathan encarou-me divertido.

— Engraçado isso — falei entre dentes, olhando para ela. — Eu também gosto sabe? Ainda mais quando ele está me fodendo gostoso, aí eu aproveito para puxar os fios em meio aos delírios.

Nathan cobriu os lábios e notei que sorria.

— Olha aqui...

— Olha aqui você! — cortei-a com raiva. — Desde o meu primeiro dia aqui na *Night Star,* você me trata mal sem motivo aparente. Lutei todos os dias para me manter calma e continuar ignorando os seus destratos tudo para priorizar o meu emprego. — Aproximei-me dela e vi ela se encolher um pouco. Eu estava possessa de raiva. As batidas da música eletrônica reverberavam ao nosso redor. Apontei o indicador para ela. — Eu tive misericórdia de você e não a demiti — lembrei-a. — Mas ouse se aproximar outra vez do *meu* homem que você conhecerá a verdadeira Millie Evans.

Ela engoliu em seco, mas não deu o braço a torcer. Continuou me encarando com soberba, entretanto assentiu de leve com a cabeça.

Fiquei encarando ela se afastar com a bandeja na mão.

Ainda de costas para o Nathan, ameacei sair dali sem falar com ele,

mas sua mão segurou meu braço.

— Ei, ei... — Sua mão possessiva veio em minha cintura, mas eu me desvencilhei.

— Nós tínhamos um acordo. — Apontei o dedo. — Você não mudou nada, continua o mesmo cafajeste de antes. — Meus olhos umedeceram, porém a raiva não permitiu que as lágrimas deslizassem pelo meu rosto.

Ele ficou estático no lugar quando o empurrei e saí de perto dele.

Consegui controlar as lágrimas diante dele, mas não fui capaz de continuar vencendo a luta quando me afastei. Sem condições de atender as pessoas, decidi ir para a saída dos fundos da boate. No caminho, encontrei um cliente fumante e pedi um cigarro para ele. Minhas mãos trêmulas me diziam o quanto eu estava desestabilizada. Droga! Eu realmente pensei que Nathan e eu poderíamos dar certo?

Acendi o cigarro quando saí para a noite estrelada e refrescante. Na primeira tragada eu já pude sentir a sensação de entorpecimento e era daquilo que eu precisava. Fazia dias que eu não fumava, mas sequer tive remorsos no momento.

Enquanto eu fumava e tentava acalmar os meus pensamentos doentios, não percebi a aproximação de alguém.

— Ele voltou a partir o seu coração?

Virei abruptamente dando de cara com Adam. Joguei o cigarro no chão e apaguei com meu sapato de salto.

— Minha vida não te diz respeito — sibilei e tentei passar por ele a passos duros, mas sua mão se fechou em meu braço.

— O meu carro está do outro lado da rua — disse ele em tom baixo. — É melhor ser uma menina boazinha e colaborar comigo. — Algo tocou em meu abdômen e arquejei de pavor quando percebei que era uma pistola. As lágrimas voltaram com força e tentei encontrar alguém que pudesse me ajudar. — Ande tranquilamente até o meu carro, estarei logo atrás de você.

— Por que isso, Adam? — Minha voz soou embargada e tentei apelar para a consciência dele. — Você era uma pessoa boa, éramos amigos...

Com a pistola na mão, ele apontou para frente. Com o rosto contorcido

de lágrimas, fiz o que ele ordenou.

Nathan... Foi a única pessoa que veio em minha mente naquele momento.

Nathan Backer

Fiquei sem palavras diante da reação dela mediante ao meu pequeno diálogo com a sua funcionária. Eu não estava fazendo nada de mais ali... Ah, tudo bem, eu queria provocar-lhe ciúmes. Droga! Acabei estragando tudo.

Incapaz de continuar parado, segui o caminho que ela havia seguido antes e depois de perguntar para um e outro, descobri que ela tinha ido para fora da boate, mas usou a saída dos fundos.

Com passos apressados, cheguei até lá, mas não vi ninguém. O ar úmido da noite deslizou em meu rosto com força. Prestes a virar as costas e entrar na boate novamente, um grito chamou a minha atenção e me desesperei.

Millie estava dentro de um carro em movimento totalmente desesperada. O pânico ameaçou me frear no lugar, mas a força do meu amor penetrou em minhas veias e quando vi, minhas pernas agiram por vontade própria e dei a volta no estabelecimento chegando até meu carro em tempo recorde.

Minhas mãos tremiam e meu coração batia velozmente em meu peito. Nada de bom passava em minha mente, porém nada fazia sentido também. Quem a levaria sem seu consentimento?

Porra!

Tive dificuldades, mas consegui avistar o carro em que ela foi supostamente raptada. Minhas mãos apertavam o volante com força. Imaginar ela sofrendo doía-me imensamente.

Longos minutos de extrema agonia se passaram quando vi que o carro saiu da rodovia e entrou em uma estrada de chão. O lugar não parecia ser bem movimentado, pois tinha mato para tudo quanto era lado. Procurei deixar o carro afastado para não servir de ameaça para quem quer que a tenha levado.

Estacionei e desci assim que vi o carro frear um pouco mais adiante. Esgueirando-me por entre o mato, rapidamente consegui me aproximar e surpresa tomou meu rosto quando avistei o Adam empunhando uma arma contra a Millie.

— Adam... não faça isso comigo — ela choramingava e seu medo

partiu o meu coração.

— Por que você não me deu uma chance, hein? Teria facilitado tudo para você.

Ela se encolheu contra a porta do carro quando ele se aproximou dela e tocou em seus braços desnudos. Em um acesso de raiva, ele rasgou a blusa que ela usava deixando-a somente de sutiã.

Pronto para intervir me levantei, mas as palavras do Adam me pararam.

— Eu me apaixonei por você, Millie, mas como sempre aquele desgraçado do Nathan tinha que chegar e estragar tudo. Ele sempre fez isso, sempre tirou de mim o que eu amava.

— Do que você está falando seu louco? — Millie perguntou entre lágrimas, tão confusa quanto eu.

Ele riu diabolicamente.

— Nunca ninguém percebeu, mas eu e ele somos irmãos. Embora, eu tenha herdado as características da minha mãe.

Levei a mão aos lábios e busquei com grande esforço controlar as reações do meu corpo. Meu irmão?

— Você está mentindo — disse Millie. — Está tão alucinado que está inventando coisas sem sentido.

— Sabe o que é irônico? Aquele idiota passou a vida buscando vingar a honra de um homem que era mais sórdido do que ele foi com você — disse divertido. — John Backer teve um caso com minha mãe, empregada da casa deles. Minha mãe engravidou de mim, mas o desgraçado não quis assumir e, além disso, a demitiu sem um pingo de remorso. Cresci na pobreza e sem um pai para me guiar e me amar — ele pausou. — Passamos alguns anos fora de Londres, mas retornei ainda adolescente. Com muito esforço consegui estudar e me formei em análise de obras de artes, o que ocasionou na coincidência de trabalhar para o seu pai.

— Nathan também não conviveu com o pai.

— Quem disse? Intimou ele. — Ele falou isso para você? — gargalhou com sarcasmo. — Quem me garante isso? Como posso saber se eu fui rejeitado antes mesmo de nascer?

Levei as mãos na cabeça e não resisti em chorar um choro amargo. Toda a minha vida tinha sido uma farsa.

— Ele também não era nascido seu idiota! — esbravejou ela. — Pelo amor de Deus, solte-me...

— Não! Eu quero tirar você dele — disse com um tom carregado de ódio. — Desde sempre busquei notícias do meu irmão, busquei me aproximar... e o que ganhei? Desprezo. Ele ao lado do seu pai, vivendo no luxo e desfrutando da mulher no qual eu desejava, enquanto eu...

Cansado de continuar observando o sofrimento da Millie, me aproximei por trás e pulei em cima dele desequilibrando-o. A pistola caiu de sua mão e logo passamos a disputar uma luta no braço. Millie gritava ao nosso redor, mas eu estava concentrado em acabar com a raça daquele infeliz.

Consegui deixá-lo desacordado e respirei ofegante quando procurei a Millie com os olhos.

— Nathan... — Ela estava encolhida no chão, seu estado despedaçou o meu coração.

— Vamos sair daqui. — Estiquei minha mão e a peguei contra mim.

Segurando em sua mão, logo corri com ela em direção ao carro.

— Eu vou te matar, Nathan!

A voz do Adam se fez presente quando estávamos perto do carro e um disparo foi ouvido. Millie gritou, porém empurrei seu corpo.

Meu braço foi atingido e Millie se desesperou quando viu.

— Entre no carro — ordenei empurrando-a para a porta do motorista. — Você terá que dirigir.

Chorando ela entrou e gritou para que eu entrasse rapidamente também. Os disparos continuaram.

— Tire-nos daqui.

— Você está sangrando, Nathan... — Ela soluçava e tremia da cabeça aos pés. — Foi atingido... e se você morrer? Eu não quero que você morra...

Puxei seu rosto para mim e a beijei com força.

— Você não vai me perder — garanti. — Mas preciso que você seja

forte e nos tire daqui ou nós dois iremos morrer.

Engolindo com dificuldade ela assentiu e em seguida ligou o carro na ignição e arrancou para longe dali.

— Para onde vamos? — perguntou.

— Apenas siga.

Capítulo 24 (Final)

Nathan Backer

Longos minutos se passaram até que estacionamos em frente a uma casa alardeada por um muro alto.

Rapidamente o portão foi aberto e Millie continuou a levar o carro pelo caminho que nos levaria ao jardim florido.

Ela ainda chorava e estava muito nervosa.

Paramos o carro e alguém veio nos receber.

— Onde está o meu tio? — perguntei caminhando em direção a entrada enquanto segurava a mão da Millie. Ninguém a tiraria de perto de mim.

— Está aguardando juntamente com o médico senhor — respondeu o mordomo.

A mão da Millie estava gelada demais, apertei de modo a fazê—la me olhar.

— Vai ficar tudo bem — garanti.

Assim que entramos na casa, Mellanie veio até nós e desesperada me abraçou e eu reclamei de dor.

— Oh, desculpe-me primo... — Chorou. — Você... Você...

Millie chorou ainda mais ao meu lado e fiquei nervoso diante da histeria feminina.

Meu tio se aproximou e com sua invejável calma estabilizou a situação. Orientou Mellanie a levar Millie a um dos quartos, enquanto me levava para a sala.

Ele não fez perguntas, mas eu sabia que elas viriam depois.

O médico que ele conseguiu era um bom amigo, bem discreto. Alívio preencheu o meu peito ao descobrir que a bala havia pegado de raspão no meu ombro. Estava totalmente fora de perigo.

Sendo assim, o médico apenas limpou o ferimento e fez um curativo para evitar infecções. Meu tio agradeceu e o acompanhou até a porta logo depois.

Eu ainda estava sobre o efeito da adrenalina, mesmo já tendo passado algum tempo.

— É bom revê-lo meu sobrinho, apesar das circunstâncias — disse meu tio ao seu aproximar de mim. Eu estava sentado em um dos sofás.

— É bom vê-lo outra vez — falei com voz fraca.

Meus olhos varreram ao nosso redor e um filme de lembranças invadiu meus pensamentos e ao erguer os olhos para o homem diante de mim, toda a minha frustração se fez presente. Ele era tão parecido com o meu pai.

— Você sabia que meu pai teve um filho fora do casamento? — indaguei a ele. — E que quando ele soube, abandonou os dois a própria sorte?

— Quem te disse isso?

— Meu próprio irmão bastardo, e como você mesmo pode ver. — Apontei para o meu ferimento. — Não foi de uma maneira amigável.

Completamente atônito, ele se deixou cair sobre o sofá atrás de si.

— Eu não entendo. John sempre demonstrou amar grandemente a sua mãe.

Balancei a cabeça enquanto lágrimas deslizavam livremente de meus olhos.

— Perdi anos da minha vida atrás de uma vingança e para quê? Eu idolatrei um homem pior do que o Joseph, tio.

— Nathan, o seu pai...

Interrompi-o.

— O seu irmão era um crápula. E por causa dele, eu fui capaz de coisas sórdidas para vingá-lo e de nada valeu a pena para mim. Tenho vergonha do que fiz e está doendo demais ter magoado a única pessoa que me amou de verdade — lembrei da Millie.

Levantei e ameacei passar por ele.

— Eu o amo como um filho — falou e senti-me culpado pela péssima colocação de palavras. — Você veio pra cá ainda menino e não tratei você com diferença. Você e Mellanie possuem o mesmo amor e a mesma criação.

Toquei em seu ombro e suspirei baixinho.

— Eu sei tio. Eu também o amo. — O abracei de lado. — Perdoe-me pela confusão nas palavras, eu estou nervoso demais.

— Tudo bem. Descanse agora — disse sorrindo fraco. — Amanhã conversaremos melhor sobre isso. Esse rapaz não pode ficar impune.

Assenti e fui em direção às escadas.

No caminho fui orientado pelo mordomo sobre o quarto em que Mellanie havia levado a Millie. Lentamente abri a porta e encontrei Millie deitada com a cabeça no colo da Mellanie. Ambas me olharam quando eu entrei.

— Eu tentei fazê-la tomar um banho refrescante, falei que seria bom para acalmá-la, mas ela não quis — disse Mellanie com um ar culpado.

Fixei os olhos na Millie e enxerguei todo o tipo de emoção em seus olhos, mas o medo predominava.

— Deixe-nos, Mellanie, por favor — pedi sem tirar os olhos da Millie. — Eu cuido dela agora.

Beijando o alto da cabeça da Millie, Mellanie caminhou até a porta. Abraçou-me carinhosamente quando se aproximou de mim. Suas palavras sussurradas foram de puro amor antes de sair do quarto.

Fechei a porta atrás de mim e estiquei as mãos. Em um rompante ela já estava em meus braços com extremo desespero. Abraçando-me apertado.

— Eu fiquei com tanto medo... — Choramingou enquanto me apertava com ainda mais força.

Caminhei com ele agarrada a mim até estarmos na cama.

— Você foi incrível em todo o tempo — falei segurando o rosto dela. — Foi forte por nós dois.

— Eu não sou forte, Nathan...

— Hoje eu descobri o quão fraco eu fui a minha vida toda — falei com a voz estrangulada. — Eu fiz dessa maldita vingança a minha meta de vida, Millie. Tinha meu pai como um herói injustiçado e vejo o quanto a minha pobre mãe foi uma coitada. — Meus olhos pinicaram com algumas lágrimas, mas tentei evitá-las.

Millie segurou minha mão quando tentei controlá-las.

— Não tenha vergonha de chorar, meu amor...

— Nós dois fomos enganados pelos nossos pais. Acreditamos em uma imagem de mentira. Eram dois lobos em peles de ovelhas — falei em prantos e ela me abraçou.

— Eu sinto tanto — gemeu.

— Eu que sinto — falei. — Sinto por tê-la magoado tanto, Millie... Eu deveria ter sido capaz de parar quando tive chance, deveria ter seguido a minha vida, ter trilhado o meu caminho e não ter tentado desvendar o do meu pai.

— Existem coisas que precisam acontecer — ela disse segurando o meu rosto. — No final valeu à pena, pois estamos juntos agora.

Ela colou nossos lábios com carinho.

— Eu a amo tanto, sabia?

O sorriso dela tocou o meu coração.

— Eu o amo mais.

Fechei os olhos absorvendo aquelas doces palavras.

— Repete.

— Eu amo você, Nathan Backer.

Sensação de paz e plenitude. Meu coração se aqueceu e tudo dentro de mim tornou-se pleno. Valeu à pena, pois ela ainda me amava.

♥

Millie Evans

Uma semana havia se passado desde o acontecido e aos poucos eu estava tentando esquecer a loucura que havia sido tudo aquilo.

Meu relacionamento com o Nathan estava de vento em poupa e nada me fazia mais feliz do que estar com quem eu amava e o melhor, sendo amada de volta. Elisabeth ainda se sentia aflita sobre o que havia me contado sobre o meu pai, mas eu nunca tinha palavras suficientes para tranqüilizá-la, aliás, eu sequer tinha como fazer isso.

Meu pai nunca mais recebeu uma visita minha, porém, não deixei de pagar o seu tratamento. Não tinha a intenção de carregar o peso da possível morte dele.

— Millie? — Olhei para a porta da minha sala e encontrei com Leslie. — Nathan acabou de chegar.

Sorri para ela sendo retribuída com o mesmo sorriso. Depois do episódio com o Adam, ambas sentamos uma de frente para a outra e colocamos tudo em pratos limpos. Ela me garantiu que jamais se deixaria enganar por homem algum e muito menos, brigar com amigas por causa de relacionamento. Fiquei aliviada de verdade, pois havia aprendido a amá-la como uma irmã.

Entusiasmada e morrendo de saudades do Nathan, me levantei e corri para fora da sala. Ele havia me ligado avisando que viria a Nova York ainda naquele dia, porém chegaria tarde por conta do horário do vôo.

Meu telefone vibrou na minha bolsa e o peguei com expectativa, pois pensei que seria o Nathan me ligando.

Um número desconhecido...

— *Alô* — atendi.

— *Eu poderia permanecer com isso apenas para mim, mas sou incapaz de me controlar...*

— *Adam?* — Parei no corredor, meu coração acelerando. Eu vivia constantemente amedrontada, pois ele ainda continuava solto. Nathan havia contratado vários seguranças para reforçar a *Night Star* e contratou dois especialmente para mim.

— *Eu mesmo, seu amigo...* — disse sorrindo. — *Tão amigo que preciso revelar algo que poderá mudar a sua vida. Quer saber?*

Olhei para o final do corredor e encontrei com Nathan vindo até mim sorridente, mas parou de sorrir na mesma hora quando viu a minha tensão.

— *Eu não quero saber de nada seu doente. Esquece-me!*

Ameacei desligar, mas suas próximas palavras me pararam e tive que me apoiar na parede para não cair:

— *A sua mãe está viva!*

— *O-o que disse?* — Nathan tentou tirar o telefone das minhas mãos, mas eu o impedi. — *Que coisa sem pé e nem cabeça é essa que você está dizendo?*

Ele gargalhou do outro lado da linha. Divertia-se com o meu desespero.

— *Eu descobri há pouco tempo na verdade* — disse ele. — *Estava rondando o prédio em que você mora, quando avistei o teu namorado conversando com alguém ao telefone. Ele dizia algo sobre sua mãe estar viva...* — Meu coração apertou-se e encarei Nathan com os olhos cheios d'água. — *Ao que parece, seu papaizinho fez alguma sacanagem com a pobre mulher e Nathan sempre soube disso, mas preferiu ocultar de você. Que amor é esse que ele diz sentir, hein Millie?*

— *Cala a boca seu desgraçado!*

Ele gargalhou e encerrei a ligação derrubando o aparelho no chão devido a estar com as mãos trêmulas.

— Millie? — Nathan me tocou segurando-me pela cintura de modo a evitar minha queda ao chão.

Eu estava em estado de choque, fiquei apenas o encarando enquanto as lágrimas deslizavam pelo meu rosto.

Pegando-me no colo, Nathan me carregou até minha sala. Deixou-me sobre a mesa e logo voltou para trancar a porta. Discou rapidamente para alguém de sua confiança e avisou sobre a ligação do Adam. Eles estavam rastreando o meu telefone.

Assim que terminou a ligação, ele veio até mim.

— O que aquele canalha falou? — Ele estava desesperado. Parecia

exausto da viagem também. — Millie? Conversa comigo meu amor...

— Ele disse que minha mãe está viva e que... você já sabia disso. — Soltei uma risada nervosa. — Obviamente que isso é uma loucura, pois já ficou provado que o Adam enlouqueceu e...

— É verdade. — Nathan me cortou e senti o ar abandonar os meus pulmões.

— O quê? — Meu tom saiu esganiçado.

Ele suspirou e apoiou as mãos na cintura baixando os olhos.

— Logo após eu ter dado o golpe no Joseph, começaram a surgir correspondências estranhas na mansão. Até então eu não sabia, pois preferi não morar lá, eu gostava do meu antigo apartamento. — Ele me olhou, como se para ter certeza que eu ainda estava prestando atenção. — Quando eu fui informado sobre as tais correspondências, elas já estavam acumuladas e ao analisá-las, fiquei curioso quando encontrei diversas faturas de uma espécie de clínica psiquiátrica. — Cobri a boca com a mão para evitar o grito de horror. — No mesmo momento, eu joguei o nome da tal clinica na caixa de pesquisa na internet e rapidamente encontrei o número de telefone. Quando liguei, fui informado muito vagamente sobre os procedimentos. Lembro que não fiquei satisfeito e resolvi ir até lá pessoalmente, mas nada foi dito. Conversei com o Mark e pedi para que ele entrasse com uma ação judicial, pois ao que tudo indicava, sua mãe havia sido internada totalmente saudável e contra a própria vontade.

Não consegui evitar o grito de dor. O horror dentro de mim me fez perder o ar. Aquilo não poderia ser verdade.

— O-o que a-aconteceu com e-ela?

— Como o seu pai perdeu a fortuna para mim, as mensalidades para que ela continuasse internada não foram mais pagas e a clinica simplesmente decidiu soltá-la.

— S-Soltá-la? Você diz abandoná-la na rua? — Ele assentiu com dor no olhar.

Desci da mesa no qual estava sentada e fui em direção a porta, mas Nathan me segurou:

— Aonde vai?

— Vou procurá-la.

— Millie...

— Por que não me disse antes? — gritei, acusando-o. — Como teve coragem de esconder isso de mim? Que droga de amor é esse que você diz sentir por mim que...

— Um amor que mede com cuidado os prós e contras antes de voltar a magoá-la. Um amor que jamais pensa em vê-la sofrendo outra vez. — Comecei a chorar copiosamente. — Eu ainda estava investigando, Millie. Queria ter certeza antes de conversar com você. Você precisa concordar que isso parece surreal — argumentou e por fim, cedi ao seu abraço acolhedor.

— O meu pai é um monstro, Nathan... Como perdoá-lo depois disso? Oh, meu Deus! Minha mãe está vagando pelas ruas de Londres... Por que ela não foi até a mansão?

— De acordo com as informações que Mark descobriu Joseph a internou alegando que ela sabia demais e precisava priorizar o seu patrimônio, pois um escândalo era tudo o que ele menos almejava.

Lágrimas de dor não paravam de descer dos meus olhos.

— Eu acredito que ela descobriu algo sobre o que ele fez com minha mãe ou sobre o assassinato do meu pai. — Fechei os olhos com força lutando para acalmar os tremores do meu corpo. — Anos sendo dopada com remédios fortíssimos, Millie. É possível imaginar o quanto sua saúde ficou corrompida.

Afastei-me dele e o encarei.

— É por isso mesmo que eu preciso encontrá-la.

O sorriso que se abriu nos lábios dele me deixou confusa.

— Eu já encontrei.

♥

Estava quase amanhecendo quando entrei em meu apartamento a passos incertos, entretanto a presença do Nathan me mostrava que ele estava comigo para o que for.

Ele havia revelado que após o episódio com a Beth, resolveu investigar e eis a enorme surpresa: Eu sou a filha que ela perdeu.

Eu mal estava conseguindo caminhar e sequer controlava os tremores do meu corpo. Meu coração parecia pequeno diante de tanta felicidade.

De modo lento, abri a porta de seu quarto e a encontrei acordada, apesar de ainda estar aninhada nas cobertas. Eu sabia que ela acordava cedo.

— Chegou mais cedo menina — comentou ela ameaçando se levantar, mas fui mais rápida e corri até ela.

Meu abraço foi um misto de alegria, de amor, de saudade. Foram tantos anos roubados, tantos sorrisos, tantas descobertas.

— O que foi? — ela questionou, passeando as mãos em minhas costas.

Eu ainda soluçava quando me afastei um pouco, me recusava a deixá-la. Toquei seu rosto com carinho e beijei freneticamente o seu rosto. Como não consegui enxergar os nossos traços tão parecidos?

— Millie? — Nathan me chamou. — Beth está assustada — alertou.

Ajeitei-me um pouco melhor e segurei nas mãos dela. Baixei os olhos por um momento e quando ergui para olhar seu rosto, eu sorri.

— Encontrei a sua filha.

O espanto no rosto dela logo foi coberto pela emoção.

— Onde ela está? — perguntou expectante, olhando para além do Nathan atrás de mim.

Toquei seu rosto novamente e voltei a falar:

— Os homens que a feriram foram a mando do meu pai. — Torci a boca quando o mencionei. — Provavelmente você não se lembra, mas ele a castigou dessa forma por conta de um segredo dele que você descobriu.

— Segredo? — ela questionou confusa.

— Você era esposa dele na época — expliquei vendo-a arregalar os olhos. — Ele a trancou em uma clinica psiquiátrica e em seguida me mandou para um internato na Suíça dizendo a mim que você estava morta.

Deslizei a corrente que eu estava usando e abri o pequeno pingente de coração onde estava uma foto de nós duas. Quando voltei a olhar para ela, seu olhar estava emocionado.

— Meu bebê... — Seus soluços partiram o meu coração. — Minha

pequenina...

— Eu estou aqui, mamãe... — Ela me puxou para ela e ambas nos apertamos com a força da nossa saudade. — Estamos juntas agora. Eu e você.

Enquanto trocávamos palavras de carinho, Nathan fez menção de sair do quarto, mas o chamei para sentar ao nosso lado. Eu o queria ao meu lado para sempre e em todos os momentos da minha vida. Bons ou ruins.

— Não existem palavras suficientes para expressar o tamanho da minha felicidade — falei entre lágrimas. — Fui agraciada com os dois amores da minha vida, então tudo o que eu quero já está aqui.

Os dois sorriram e me puxaram para um abraço compartilhado.

Aquele não seria o fim. Era apenas o começo...

Epílogo

Millie Evans

Três semanas depois

O amanhecer de cada dia estava sendo carregado de novas emoções e descobertas. Eu não sabia que poderia ser preenchida com tanto amor e alegria.

Nathan havia decidido mudar-se definitivamente para Nova York, pois eu não tinha coragem de abrir mão da *Night Star* e, além do mais, tínhamos o meu pai para cuidar. Não que ele merecesse, mas eu não era uma pessoa ruim. Cuidaria dele até o seu último suspiro.

Beth e eu decidimos nos mudar para uma casa mais espaçosa, em contrapartida Nathan e eu, também adquirimos um apartamento só para nós dois e nossas loucuras. Uma cobertura luxuosa.

Há pouco mais de uma semana, a descoberta da condenação do Adam me deixou muito mal. Ainda era muito surreal em minha mente tudo o que aconteceu. Como imaginar que uma pessoa tão bacana se transformaria em alguém cruel?

Adam havia crescido imaginando que havia sido abandonado pelo pai por culpa do Nathan. Na mente dele, Nathan tinha tido tudo o que ele não teve: Amor, apoio e dinheiro. O quão irônico era aquilo? Ambos haviam passado praticamente pela mesma ausência paternal e dificuldades financeiras.

Soltei um suspiro e espantei aquelas lembranças indesejáveis dos meus pensamentos. Voltei a me concentrar em minha maquiagem. Meus cabelos estavam em uma trança lateral deslizando em meus seios expostos em um decote sensual.

— O que estava incomodando seus pensamentos *minha criança?*

Olhei para a porta e encontrei com o Nathan recostado no batente da porta do nosso quarto. Veio até mim e me abraçou apertado, beijando meu pescoço.

— Ainda não acredito no que aconteceu com o Adam — falei sincera. — É difícil depois de tantos momentos que vivi com ele...

— Que tipo de momento você viveu com ele? — ele me interrompeu e eu ri.

— De amizade, Nathan. — Revirei os olhos, apesar de apreciar o seu ciúme. — Poxa! Ele está em um manicômio depois de ter sido diagnosticado com problemas psiquiátricos. Você não sente piedade? Ele é seu irmão!

Ele parou para pensar por alguns instantes e depois voltou a beijar a pele do meu pescoço.

— Eu só tenho uma irmã — falou sardônico. — E ela se chama Mellanie.

— Hmm — resmunguei de olhos fechados. — E muito gostosa por sinal...

A gargalhada dele reverberou diretamente em meu ventre. Amava ouvi-lo rir de forma relaxada. Tive meu corpo erguido abruptamente por ele. Ele ainda sorria quando me prendeu entre seus braços.

— Você anda muito pecaminosa, sabia? — Um sorriso pairava em meus lábios. — Acho que está merecendo umas boas palmadas...

Estremeci em expectativa. Compartilhar das suas perversões era insano. Delicioso. Quente...

— Como está a mamãe? — mudei de assunto.

Ele sorriu.

— Estava entretida em um filme quando eu saí de lá. — Sorri junto com ele. — Garanti que não demoraríamos muito, mas que de repente dormiríamos na nossa cobertura particular.

Respirei aliviada.

Minha relação com ela estava a cada dia mais maravilhosa. Era como se nunca tivéssemos sido separadas. Tínhamos tanto em comum e aos poucos íamos descobrindo.

Afastei-me do Nathan e alisei meu vestido levemente. Notei o olhar quente sobre mim.

— Eu já mencionei o quanto você está deslumbrante? — perguntou enquanto lambia os lábios sedutoramente. Neguei com a cabeça. — E o quanto está gostosa?

Soltei uma risada divertida.

— Preciso estar maravilhosa na nossa primeira recepção do *Veiled*. — Os olhos dele brilharam.

— Terei problemas para controlar os predadores.

Voltei a sorrir.

— Não fale como se não gostasse.

Sua mão circulou a minha cintura, voltando a colar nossos corpos.

— Somente quando estou por perto — soprou em meus lábios. — Pois assim, eu posso controlar.

Beijei-o com amor.

— Conseguiu falar com a Lauren? — ele quis saber.

— Não — minhas esperanças de um dia voltar a vê-la estava se desvanecendo. — Desconfio que ela trocou o número de telefone.

— Droga! — resmungou ele. — Daremos tempo ao tempo, pois somente assim saberemos o que realmente aconteceu no relacionamento dos nossos amigos.

A campainha soou e meu coração alterou as batidas.

— Pronta para receber nossos convidados?

Assenti com a cabeça.

Ele seguiu para a porta, porém algo me bloqueou:

— O que foi? — ele perguntou com a testa franzida.

Mordi os lábios e esfreguei as mãos em nervosismo. Avistei a cama e sentei. Preocupado, Nathan veio até mim.

— Está nervosa? — questionou ajoelhando-se aos meus pés. Suas mãos em minhas pernas. — Se não estiver pronta, podemos remarcar para o próximo mês.

Neguei com a cabeça e busquei suas mãos.

— Não é nada disso. É só que...

— O que aconteceu? Pelo amor de Deus, Millie, conversa comigo —

desesperou-se quando eu fiquei em silêncio.

— Desconfio que estou grávida — falei de uma vez.

O silêncio dele me deixou ainda mais agoniada. Eu deveria ter escolhido um momento melhor para expor o assunto, mas já fazia dias que a semente da desconfiança estava brotada em minha mente. Precisava falar independente da ocasião.

— Olha, eu sei que agora que estamos tendo um relacionamento de verdade — comecei a falar, nervosa com o silêncio dele. Ele parecia estar em estado de choque. — Sequer tivemos tempo para curtir a tranqüilidade da nossa relação, mas aconteceu Nathan. Antes que me acuse de não estar me cuidando, eu estava sim, porém perdi a cartela do meu anticoncepcional e...

— Eu que roubei a cartela — cortou-me ele e o encarei assustada. — Estava louco para engravidá-la.

— O quê? Por quê?

Minha voz estava engasgada.

— Se por acaso você não me aceitasse outra vez, poderíamos ter um vínculo eterno — respondeu ele com emoção na voz e eu chorei. — Eu poderia estar na sua vida de uma forma ou de outra.

— Oh, meu amor... — Inclinei-me sobre ele e segurei seu rosto, beijando seus lábios. — Eu amo tanto você.

Ele levantou comigo e me ergueu do chão.

— Vamos nos casar do jeito certo agora — sussurrou ele com a voz chorosa. — Quero vê-la entrando na igreja toda de branco e com as pernas de fora.

Joguei a cabeça para trás em uma risada alegre.

— Ok. Pensaremos sobre seus fetiches em outro momento. Agora temos que descer e recepcionar nossos convidados, o mordomo já deve estar nervoso lá embaixo.

A mão dele deslizou até o meu traseiro onde apertou com força calculada.

— Agora estou com a sua imagem de noiva em minha mente — sussurrou e eu me arrepiei. — Você cavalgando em meu pau enquanto recita

os seus votos.

Gargalhei ainda mais e bati em seu braço.

— Tão cafajeste e pervertido!

Desvencilhei-me de seu agarre e fui até a porta onde abri. Ele veio até mim com um sorriso gracioso.

— Agora está pronta, futura senhora backer e mãe do nosso bebê?

Amor transbordava do meu peito e engoli novas lágrimas.

— Estou mais do que pronta, futuro marido e pai do nosso bebê.

PERIGOSAS

Fim

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Esclarecimentos e Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer à você leitor que me acompanhou até aqui, embarcando de cabeça na história pecaminosa de Nathan e Millie. Espero de coração que você tenha se envolvido, assim como eu a cada página escrita.

Acredite tudo que eu faço, é com amor e carinho para chegar até você ♥

Obrigada mais uma vez e um mega beijo!

Mas autora, e o que aconteceu com Lauren e Paolo?

A história deles será esclarecida em um spin off em breve ♥

Milhões de beijos na pontinha do nariz!!